



MISSIONÁRIOS DO CORPO E DA ALMA

Assistência, saberes e práticas de cura nas missões, colégios e hospitais da Companhia de Jesus (Goa e Bahia, 1542-1622)

Lais Viena de Souza

Tese apresentada à Universidade de Évora
para obtenção do Grau de Doutor em História

ORIENTADORAS: *Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso*
Profa. Dra. Lígia Bellini

ÉVORA, OUTUBRO DE 2018





MISSIONÁRIOS DO CORPO E DA ALMA

Assistência, saberes e práticas de cura nas missões, colégios e hospitais da Companhia de Jesus (Goa e Bahia, 1542-1622)

Lais Viena de Souza

Tese apresentada à Universidade de Évora
para obtenção do Grau de Doutor em História

ORIENTADORAS: *Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso*
Profa. Dra. Lígia Bellini

ÉVORA, OUTUBRO DE 2018



Orientadoras

Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso

Instituição: Universidade de Évora - Departamento de História

Categoria profissional: Prof. Auxiliar c/ agregação

Profa. Dra. Lígia Bellini

Instituição: Universidade Federal da Bahia - Programa de Pós-graduação em História

Categoria profissional: Professora Titular

Banca do Júri

Presidente do júri:

Prof. Dra. Maria de Fátima Nunes

Instituição: Universidade de Évora - Departamento de História

Categoria profissional: Professora Catedrática

Vogais:

Profa. Dra. Laurinda Faria Santos Abreu

Instituição: Universidade de Évora - Departamento de História

Categoria profissional: Prof. Auxiliar c/ agregação

Profa. Dra. Lisbeth de Oliveira Rodrigues

Instituição: Universidade de Lisboa - Instituto Superior de Economia e Gestão

Categoria profissional: Bolseira pós-doutoramento

Prof. Dr. Manuel Leão Marques Lobato

Instituição: Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras

Categoria profissional: Investigador Auxiliar

Profa. Dra. Maria do Rosário Pericão da Costa Pimentel

Instituição: Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Categoria profissional: Professora Associada (aposentada)

“Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam”

José Saramago

Agradecimentos

A epígrafe do grande literato português José Saramago serviu, muitas vezes, como alento e inspiração durante a trajetória de composição desta tese. Um *maktub* feito em sentença, prosa e esperança. Os caminhos árduos deste doutoramento só foram possíveis com o apoio e o incentivo de muitas pessoas. Agradeço:

Aos meus pais, Fátima e Egidio, por tudo. A Aline, Ana Cecília e Luan, por tanto. De forma saudosa, a minhas avós Laurita (*in memoriam*) e Dora (*in memoriam*). A Pedro, pelo amor de sempre e mais uma vez. A João Pedro, pela alegria e carinho. Aos Freitas, que me acolheram como família.

Aos poucos e bons desde 2001, Grazyelle, Hans, Jacqueline, Rodrigo e Tatiane. A Rebeca, minha amora. A Camila e Miguel, que mereciam um parágrafo inteiro com corações. A Ana Carolina, Érica, Gustavo, Coutinho, Lise e Marie, pelo companheirismo. A Lis pela generosidade acadêmica.

A Maria de Deus e toda a sua família, não somente pela orientação acadêmica, mas pelo afeto com que me acolheram. Aos colegas e professores do Doutorado em História (UÉvora), do Núcleo de Relações Internacionais (UÉvora) e do Centro de História (ULisboa). Em especial, a Alexandre Bittencourt, pelo auxílio com as burocracias, e ao Prof. Manuel Lobato, pelo incentivo e indicações de leitura.

A Lígia, pela amizade, delicadeza e atenção nesses anos de orientação. A todo o grupo de História Moderna da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pelos debates e sugestões.

Ao Instituto Federal da Bahia, pela liberação para afastamento para dois produtivos anos. Aos amigos de trabalho do *campus* Salvador, em especial aos leitores e apoiadores desta tese, Erivaldo, Ivan, Jorge, e Virlene. Aos estudantes, pela constante motivação e inquietação pelo aprendizado.

Aos funcionários das instituições visitadas durante a investigação. Pela gentileza e presteza, agradeço, em especial, aos responsáveis pela Academia de Ciências de Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino e Biblioteca Nacional de Portugal. A Casa de Velázquez, pela bolsa concedida em 2016 e pela oportunidade de pesquisa na Espanha.

Obrigada.

Resumo

Missionários do corpo e da alma: Assistência, saberes e práticas de cura nas missões, colégios e hospitais da Companhia de Jesus (Goa e Bahia, 1542-1622)

Esta tese de doutoramento visa analisar a assistência, os saberes e práticas de cura a partir das narrativas inicianas, em Goa e na Bahia, entre os séculos XVI e XVII. Para tal, serão analisados seus relatos sobre caridade, assistência aos enfermos e concepções de cura em diferentes espaços. As correspondências e relatos de viagens e naufrágios na Carreira da Índia revelaram a atuação dos missionários no cuidado dos enfermos, destacadamente como enfermeiros, nas naus entre o Atlântico e o Índico. A Medicina do período moderno estava interligada aos diversos campos de saber, como a História Natural e a Cosmologia, e preme de valores e concepções da Antiguidade Clássica sobre a denominada Zona Tórrida. Os colégios da Companhia eram produtores e difusores de saberes sobre as terras de missão e importantes centros de cura para os religiosos e estudantes, em trânsito e residentes. Por fim, importa analisar os cuidados com os enfermos como parte estratégica da ação missionária em Goa e na Bahia. O Hospital dos Pobres Nativos, o Hospital Real e a assistência aos indígenas nas aldeias revelam que, para além da comum obra de misericórdia, as missões com os corpos constituiu parte significativa do propósito da conversão dos povos e de conservação da cristandade. Observa-se que as concepções e práticas da medicina hipocrático-galênica apontadas pelos jesuítas eram, por vezes, confrontadas e hibridizadas com a medicina ayurvédica e os saberes e ritos de cura tupinambás. Esta tese busca, assim, evidenciar os saberes médicos, as práticas de cura e a circulação da cultura material (alimentícia e medicinal) entre o Atlântico e o Índico através das redes do Império Português.

Palavras-chave: Companhia de Jesus; Assistência; Império Português; Séculos XVI-XVII;

The Society of Jesus and Healing the Body (and Soul): Assistance, knowledge and health care in missions, colleges and hospitals. Goa and Bahia (1542-1622)

Abstract

Based on the accounts of the members of the Society of Jesus, this doctoral thesis aims to analyze the knowledge and the medical practices in Goa and Bahia during the sixteenth and seventeenth centuries. For this purpose, not only the reports on charity and the support to the sick shall be examined, but also the ideas of healing in different spaces. Letters and descriptions of voyages in the “Carreira da Índia” revealed the missionaries' work towards the sick, mainly as caretakers on the ships between the Atlantic and the Indian Oceans. As the literature has been emphasizing, early modern medicine was interwoven not only with diverse areas of knowledge - such as the Natural History and the Cosmology - but also with values and conceptions from the Classical Antiquity about the so-called Torrid Zone. Furthermore, the Jesuits colleges were great generators and disseminators of ideas about the lands and the local contexts and constituted critical medicinal centers for religious and students, who were either residents or on the move. Finally, it shall be fundamental to recognize the care rendered to the sick as a strategic part of the Jesuit missionary movement in Goa and Bahia. In this respect, the Hospital of the Poor People, the Royal Hospital and the medical assistance given to the natives in “aldeias” reveal that, besides the fourteen works of mercy, these missions formed a vital element of the conversion of the people and the maintenance of Christianity. As it shall be demonstrated, the Hippocratic-Galenic healing practices mentioned by the Jesuits were often confronted to and hybridized with the Ayurvedic medicine and the Tupinamba knowledge and rites. In sum, this thesis shall highlight the medical knowledge, the healing practices and the circulation of the material culture through the networks of the Portuguese Empire.

Key words: Society of Jesus; Assistance; Portuguese Empire; 16th and 17th centuries;

Sumário

| | |
|--|-----|
| Índice de Tabelas | 10 |
| Índice de Quadros | 10 |
| Índice de Imagens | 11 |
| Índice de Abreviaturas | 14 |
| Medidas de Capacidade, Peso e Distância | 15 |
| Introdução | 16 |
| I – Pela Vastidão do Mar Oceano | 35 |
| Capítulo 1 As narrativas inicianas entre enfermidades e carestias na Carreira da Índia (séculos XVI e XVII) | 37 |
| 1.1 Descrições das enfermidades..... | 50 |
| 1.2 A assistência nas naus: físicos, cirurgiões, boticários e barbeiros | 73 |
| Capítulo 2 As naus como “Casa de Provação”: assistência e práticas de cura pelos jesuítas na Carreira da Índia | 82 |
| 2. 1 Como enfermeiros e “cristaleiros” | 88 |
| 2.1. 1 Enfermeiros..... | 90 |
| 2.1. 2 As seringas e os padres e irmãos “cristaleiros” | 99 |
| 2.2 Circulação de saberes, práticas de cura e medicinas na Carreira da Índia. O caso das febres do Pe. Jerônimo Lobo | 106 |
| II – Por Terras de Missão | 121 |
| Capítulo 3 A Zona Tórrida nos escritos inicianos: Cosmografia, História Natural e Medicina (séculos XVI-XVII) | 123 |
| 3.1 Os astros | 137 |
| 3.2 Os ares | 142 |
| 3.3 As terras | 146 |
| 3.3.1 Ervas e plantas..... | 146 |
| 3.3.2 Aves, insetos, animais terrestres e aquáticos | 165 |
| 3.3 As gentes da terra | 173 |
| Capítulo 4 Regimen de Saúde para os “soldados de Cristo”. Saberes e práticas de cura nos Colégios de Goa e da Bahia | 182 |
| 4.1 Os colégios e a sanidade | 183 |
| 4.2 Enfermeiros e Médicos nas enfermarias dos colégios | 200 |

| | |
|---|------------|
| 4.3 Entre Lavatórios, Sangrias, Mezinhas e a Dieta | 214 |
| Capítulo 5 <i>Curavimus Babiloniam</i>. Assistência e práticas de cura nas missões e hospitais em Goa e na Bahia | 229 |
| 5.1 Breves notas sobre a rede de assistência e hospitais no Império Português | 231 |
| 5.2 Hospital dos Pobres Nativos | 246 |
| 5.3 Hospital Real | 255 |
| 5.4 Aldeias da Bahia | 276 |
| Considerações Finais | 293 |
| Fontes e Referências | 298 |

Índice de tabelas

Capítulo 1

| | | |
|----------|--|----|
| Tabela 1 | – Naufrágios de naus da Armada da Carreira da Índia | 42 |
| Tabela 2 | – Causas dos naufrágios de naus da Armada da Carreira da Índia por período | 43 |

Índice de Quadros

Capítulo 1

| | | |
|----------|--|----|
| Quadro 1 | – Relatos de jesuítas em naufrágios de naus da Armada da Carreira das Índias | 42 |
| Quadro 2 | – Rol dos mantimentos que os contratadores hão de embarcar este ano de 1603 na nau Salvador para as 220 pessoas das armas e 110 de navegação.. | 61 |
| Quadro 3 | – Lista de Mantimentos na Armada de 1605 | 62 |
| Quadro 4 | – Mantimentos para Soldados e Homens de mar na Carreira da Índia | 63 |
| Quadro 5 | – Rol da Botica para os cem homens da navegação de uma nau para Índia de 550 até 600 toneladas (século XVI) | 78 |

Capítulo 2

| | | |
|----------|---|-----|
| Quadro 1 | - Enfermeiros, Cristaleiros, ou Despenseiros na Carreira da Índia (1541-1588) | 89 |
| Quadro 2 | – Rol da matolagem que se dá a cada um dos padres que vão pera o Reino por ordem do Pe. Visitador | 103 |
| Quadro 3 | – Memorial da caixa para o Padre Antonio Cordeses, Provincial da Província de Toledo..... | 114 |

Capítulo 3

| | | |
|----------|--------------------------------|-----|
| Quadro 1 | – Frutos e suas virtudes | 160 |
|----------|--------------------------------|-----|

Capítulo 4

| | | |
|----------|--|-----|
| Quadro 1 | – Registro de Padres e Irmãos com funções de Boticário, Cirurgião, Enfermeiro e Médico em Goa e na Bahia (1542-1622) | 205 |
|----------|--|-----|

Índice de Imagens

Cap. 1

| | | |
|----------|---|----|
| Imagem 1 | – Mapa com os principais sítios indicados na Carreira da Índia | 39 |
| Imagem 2 | – Rotas do Atlântico Sul | 40 |
| Imagem 3 | – <i>Mapa mundi</i> por Sebastian Münster (1488-1552), incluindo o “Novo mundo”, 1553 | 44 |
| Imagem 4 | – Detalhes da representação sobre monstros marinhos, por Sebastian Münster, 1600 | 44 |
| Imagem 5 | – Naufrágio da nau São Paulo no <i>Livro de Lisuarte de Abreu</i> , 1561 | 46 |
| Imagem 6 | – Folha de rosto da <i>Relação da viagem e naufrágio da Nao S. Paulo</i> por Henrique Dias | 47 |
| Imagem 7 | – Debuxo na carta do Pe. Manoel Alvares (1562) relatando o naufrágio sofrido à bordo da Nau São Paulo | 47 |
| Imagem 8 | – Recipientes de boticas (séculos XVI- XVII) | 80 |

Cap. 2

| | | |
|----------|---|-----|
| Imagem 1 | – Representação do milagre da transformação de água do mar em água doce atribuído a São Francisco Xavier | 84 |
| Imagem 2 | – Seringas de clister. Marfim e madeira (Século XVIII) | 101 |
| Imagem 3 | – Ventosa com calor | 108 |
| Imagem 4 | – “Homem ventosa” de André de Li (1552) | 108 |
| Imagem 5 | – Cirurgião negro aplicando ventosas. Jean Debret, Século XIX | 109 |
| Imagem 6 | – Tipos de veia para Flebotomia | 110 |
| Imagem 7 | – Pedra de Bezoar. Alemanha (?) Século XVIII | 111 |
| Imagem 8 | – Taça com a Pedra de Goa. Índia, século XVII | 116 |
| Imagem 9 | – Folheto <i>Virtudes y efectos maravillosos de la piedra cordeal y composición, que invento el Hermano Gaspar Antonio</i> ” (1655) | 118 |

Cap. 3

| | | |
|----------|--|-----|
| Imagem 1 | – Frontispício da obra do Pe. Simão de Vasconcelos (Edição de 1663) | 125 |
| Imagem 2 | – Animais de origem africana e asiática, incluindo um unicórnio | 127 |
| Imagem 3 | – A besta chamada Su na obra de Juan Eusebio Nieremberg | 128 |
| Imagem 4 | – Detalhe do mapa da obra de Alonso Ovale sobre a história do Reino do Chile | 129 |
| Imagem 5 | – O “erro dos antigos” sobre as três partes da <i>orbis terrestre</i> | 130 |

| | | |
|---------------|--|-----|
| Imagem 6 | – <i>Typus Orbis Terrarum</i> por Abraham Ortelius (1528-1598)..... | 130 |
| Imagem 7 | – <i>Grande mapa geográfico universal</i> (1584) por Matteo Ricci | 131 |
| Imagem 8 | – <i>Mapa mundi o descripcion del globo terrestre</i> (16??) por Pedro Gendron | 131 |
| Imagem 9 | – Zonas da <i>orbis</i> terrestre por Pedro Apiano | 134 |
| Imagem 10 | – Representação das hipóteses astronômicas por Ortelius com destaque para o mundo no centro e as cinco zonas | 134 |
| Imagem 11 | – Microcosmo e Macrocosmo por Athanasius Kircher (1602-1680) | 140 |
| Imagem 12 | – “ <i>De los vientos</i> ” | 145 |
| Imagem 13 | – Estampa do Pau-da-China | 150 |
| Imagem 14 | – Figueira do inferno | 151 |
| Imagem 15 | – Planta do Tabaco na obra de Nicolás Monardes (1580) | 154 |
| Imagem 16 | – Representação do caju por Manuel Godinho de Erédia | 162 |
| Imagem 17 | – Representação de árvores frutíferas e frutos por Jan Huygen van Linschoten (1563-1611)..... | 163 |
| Imagem 18 | – Representação do ananás (1) | 165 |
| Imagem 19 | – Representação do ananás (2) | 165 |
| Imagem 20 | – Ilustração sobre o Pe. José de Anchieta em obra sobre sua vida de autoria do Pe. Simão de Vasconcelos (1672) | 171 |
| Imagem 21 | – Representações de um pagode com cerimônias consideradas gentílicas. Destaque para a vaca representada no ritual | 172 |
| Imagem 22 | – Criaturas monstruosas na Índia segundo Sebastian Münster (1489-1552) | 174 |
| Imagem 23 | – “O leilão de Goa” em gravura de Linschoten (1599), representando a variedade de povos e grupos sociais na cidade | 177 |
| Imagem 24 | – Brasília (1628), por Sebastian Münster (1) | 179 |
| Imagem 25 | – Brasília (1628) por Sebastian Münster (2) | 179 |
| Cap. 4 | | |
| Imagem 1 | – O Colégio de São Paulo e seu entorno | 185 |
| Imagem 2 | – Cidade de Salvador (?1627) com destaque para a localização do Colégio da Bahia | 186 |
| Imagem 3 | – Localização espacial do Colégio da Bahia (século XVI – XVII) feita a partir do desenho de Benedictus Mealius (1625) | 187 |
| Imagem 4 | – “Malha urbana” da cidade de Salvador em fins do século XVI | 187 |
| Imagem 5 | – Brâmane representado por Linschoten | 209 |

| | | |
|---------------|--|-----|
| Imagem 6 | – Casas de indianos próximas a Goa, com destaque para as representações de banho | 217 |
| Cap. 5 | | |
| Imagem 1 | – Hospitais reais e as cidades portuárias (1507-1565) | 235 |
| Imagem 2 | – Hospital Real e a proximidade com o Cais de Santa Catarina | 237 |
| Imagem 3 | – Hospital dos Pobres, administrado pela Misericórdia, localizado próximo ao Colégio de São Paulo | 237 |
| Imagem 4 | – Hospitais administrados pela Companhia de Jesus (século XVI) e Detalhe dos hospitais na Costa da Pescaria | 243 |
| Imagem 5 | – Representações de mutilações, cortes e feridas e os procedimentos cirúrgicos | 251 |
| Imagem 6 | – Instrumentos e modo de fazer cauterizações. Cura de ferida de flecha | 251 |
| Imagem 7 | – Instrumentos utilizados para práticas cirúrgicas entre os séculos XVI – XVII segundo António da Cruz (15?? – 16??), cirurgião do Rei e do Hospital Real de Todos os Santos | 252 |
| Imagem 8 | – Instrumentos cirúrgicos representados em <i>Uma matéria médica ilustrada em tibetano-mongol do sistema ayurveda por 'Jam-dpal-rdo-rje da Mongólia</i> (século XVI) | 254 |
| Imagem 9 | – Inscrição lapidar que encimava o portão principal do Hospital Real de Velha Goa, 1930 | 256 |
| Imagem 10 | – Físicos observando a urina de um paciente. O diagnóstico era feito com base na cor, na substância e conteúdo | 271 |
| Imagem 11 | – Povos indígenas e a presença jesuítica em fins do século XVI | 282 |
| Imagem 12 | – Aldeias do Colégio da Bahia em fins do século XVI | 283 |

Índice de Abreviaturas

| | | |
|--------|---|---|
| ACL | – | Academia das Ciências de Lisboa |
| AHN | – | Archivo Histórico Nacional – Madrid |
| AHU | – | Arquivo Histórico Ultramarino |
| ANPUH | – | Associação Nacional de História |
| ANTT | – | Arquivo Nacional da Torre do Tombo |
| APEB | – | Arquivo Público do Estado da Bahia |
| ATC | – | Arquivo do Tribunal de Contas |
| AUC | – | Arquivo da Universidade de Coimbra |
| BA | – | Biblioteca da Ajuda |
| BNP | – | Biblioteca Nacional de Portugal |
| BPE | – | Biblioteca Pública de Évora |
| BPMP | – | Biblioteca Pública Municipal do Porto |
| CCCM | – | Centro Científico e Cultural de Macau |
| CEHU | – | Centro de Estudos Históricos Ultramarinos |
| CHAM | – | Centro de História d’Aquém e d’Além-mar |
| CNCDP | – | Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses |
| DI | – | Documenta Indica |
| IICT | – | Instituto de Investigação Científica Tropical |
| MF | – | Museu da Farmácia |
| SBHC | – | Sociedade Brasileira de História da Ciência |
| UÉvora | – | Universidade de Évora |
| UMP | – | União das Misericórdias Portuguesas |
| UNEB | – | Universidade do Estado da Bahia |
| UFBA | – | Universidade Federal da Bahia |

Medidas de Capacidade, Peso e Distância

| | |
|----------|--------------------------|
| Almude | 16,95 l |
| Canada | 1,4 l |
| Pipa | 355,95 l |
| Quarta | 1,5 canada |
| Cântaro | ½ almude |
| Arroba | 14,688 kg |
| Arrátel | 0,459 kg |
| Quintal | 58,752 kg |
| Moio | 60 alqueires |
| Marco | 0,2295 kg |
| Onça | 0,028688 kg |
| Alqueire | 13,1 l |
| Vara | 1,10 m |
| Palmo | 22 cm |
| Côvado | 66 cm |
| Légua | entre 5555 e 6000 metros |

Introdução

“A mundialização ibérica afeta tanto os corpos quanto as coisas e as almas”, afirmou Serge Gruzinski¹. Esta máxima sobre as redes e a circulação de produtos e saberes no período moderno a partir do processo de conquista e expansão ibéricas faz refletir sobre algumas das inquietações que motivaram a pesquisa de doutoramento que ora se apresenta. Os temas e questões abordados são frutos da labuta e diálogo na prática de ensino e aprendizado em História. Das aulas emergem questões fulcrais sobre a interpretação da formação do Brasil, o eurocentrismo nos currículos e livros didáticos e a análise sobre a violência e a questão das terras indígenas nos dias atuais. É destes lugares – entre a curiosidade despreziosa e a necessária reflexão crítica sobre a História – que se abre esta tese.

Os caminhos desta investigação foram iniciados no Mestrado, que versou sobre as ideias educativas do Pe. Alexandre de Gusmão (1629-1724) e o Seminário de Belém (Belém da Cachoeira, Bahia) entre os séculos XVII e XVIII². Contudo, os interesses de pesquisa foram direcionados para outros âmbitos da missão além da educação e catequese. O ponto de partida foi a identificação de elementos que evidenciavam o trânsito de missionários inacianos entre as mais diversas partes do Império Português, como presentificado no teto da sacristia da Igreja de Nossa Senhora de Belém em estilo oriental, atribuído ao francês Charles Bellevile (1657-1730) e no caju, fruto americano, representado na obra de Manuel Godinho de Erédia (1558?-1623) em meio às descrições de plantas asiáticas³. A partir desta despreocupada curiosidade, foram surgindo interesses mais alargados sobre o porto de Salvador (Bahia) no âmbito da Carreira da Índia, a circulação de produtos e, de modo mais amplo, os saberes e práticas médicas nas redes de comunicação inacianas no período moderno.

Esta tese que ora se apresenta versa sobre a ação de missionários da Companhia de Jesus no âmbito da assistência aos enfermos, em Goa (ilha e sua hinterlândia) e Bahia (cidade de Salvador e Recôncavo da Baía de Todos os Santos), entre 1542 e 1622. Para além da ordinária caridade aos pobres e doentes, esta investigação buscou debater os saberes e as práticas de cura revelados nas narrativas dos jesuítas coadunados aos saberes médicos do período moderno entre Europa, Ásia e América. O projeto missionário foi perspassado pela preocupação com a saúde

¹ Serge Gruzinski, *As quatro partes do mundo: História de uma mundialização*, trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago (São Paulo: EDUSP; EUFMG, 2014), 217.

² Lais Viena de Souza, *Educados nas letras e guardados nos bons costumes: Padre Alexandre de Gusmão S.J.: infância e educação na Bahia Colonial (séculos XVII e XVIII)* (Salvador: Edufba, 2015).

³ Manuel Godinho de Erédia, *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges*, org. John Everaert, J. Eduardo Mendes Ferrão e Maria Cândida Liberato (Lisboa: CNCDP, 2001), 5.

e a sanidade dos religiosos e também dos povos que se pretendia catequisar. A esse respeito, cabem algumas indagações: de quais formas esteve a missão com as almas atrelada à missão com os corpos? Como isso contribuiu para a compreensão da relação entre medicina e processo de conquista e conversão dos povos? Quais os significados do contato e conflito das concepções de cura/doença dos missionários e dos sistemas culturais hindu e tupinambá, em Goa e na Bahia?

Esta tese se inscreve no campo da História da Assistência no período moderno. No dicionário de Raphael Bluteau, assistência foi definida tanto pela acepção comum de “ajuda que se oferece a outrem” quanto pelo “serviço prestado por um médico ao doente”⁴. No período moderno ocidental, este “auxílio” foi estendido como política de Estado interligada às concepções caritativas com os pobres, desvalidos e doentes. Em Portugal, os hospitais constituíram a prática assistencial mais evidente, com estreita ligação com a Igreja de Roma e a confraria da Misericórdia⁵. A este estudo, porém, interessa analisar a assistência como um conjunto de práticas caritativas em sua nuance de cuidado com os enfermos, acolhimento, preocupação em fornecer o necessário para alimentação e cura, amparo aos moribundos e zelo cristão pelos mortos.

A assistência engloba aspectos das práticas e dos saberes terapêuticos, dialogando com a História da Medicina e o seu conjunto de produções e percepções definido como “cultura médica”. Observa-se que, nesse campo, há um repertório vasto de questões, temáticas e objetos para investigação: compreende desde o estudo biográfico sobre personagens destacados até as relações pacientes e agentes de cura e que perscruta invenções/experimentos e práticas terapêuticas; investiga instituições; lança seu olhar às doenças e epidemias e aos desdobramentos nas sociedades ao longo do tempo; analisa as modificações nas compreensões sobre o corpo, a sexualidade e a loucura, e um sem fim de sujeitos e matérias. Enquanto ações

⁴ Raphael Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* vol. 1, (Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712), 610.

⁵ Laurinda Abreu, “Misericórdias, Estado Moderno e Império”, em *Portugalia Monumenta Misericordiarum 10: Novos Estudos*, coordenação científica, José Pedro Paiva (Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2002); Laurinda Abreu, *O poder e os pobres: As dinâmicas políticas e sociais da pobreza e da assistência em Portugal (Séculos XVI-XVIII)* (Lisboa: Gradiva, 2014); Isabel dos Guimarães Sá, *Quando o rico se faz pobre: Misericórdias, caridade e poder no império português, 1500-1800* (Lisboa: CNCDP, 1997), 25; Lisbeth de Oliveira Rodrigues, *Os hospitais portugueses no Renascimento 1480-1580: O caso de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha* (Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, 2013), 13.

humanas e com consequências sobre elas importa destacar que tudo isto pode ser inscrito na grande seara da História das sociedades e das culturas⁶.

A esta investigação de doutoramento, interessam, sobretudo, as lições dos etnólogos para os historiadores na busca pelo “funcionamento social” dos saberes e práticas médicas referidas por Michel Foucault. “Saber” que, conforme apontou o filósofo, deve ser “entendido como o espaço das coisas a conhecer, a soma dos conhecimentos efetivos, os instrumentos materiais ou teóricos que o garantem”⁷. Faz-se imperioso, também, ultrapassar dicotomias⁸. A medicina, no período moderno, foi perspassada pela complexidade das relações entre medicina acadêmica/erudita e a chamada “medicina popular”, assim como por elementos da religiosidade e pelo contato com as diversas compreensões do divino, do mágico e do sobrenatural⁹.

Sabidamente, as concepções sobre o corpo humano e seu funcionamento, o aparecimento das doenças e as práticas para a conservação da saúde, gestadas na Antiguidade Clássica, foram vigentes no Ocidente até, pelo menos, o século XVIII¹⁰. Essas ideias, que foram organizadas no *Corpus* Hipocrático e nos escritos atribuídos a Galeno (130-210), se centravam na teoria humoral segundo a qual, em linhas gerais, os quatro humores correspondentes aos quatro elementos da natureza se conjugavam nos corpos: bílis amarela (fogo), sangue (ar), bílis negra (terra) e fleuma (água)¹¹. A saúde consistia no equilíbrio natural desses humores e sua desproporção incorria em enfermidades. O desequilíbrio poderia ser causado pelas *sex res non naturales* (ar, alimentação/bebidas, esforço/descanso, sono, retenções/evacuações e as paixões

⁶ Jacques Le Goff, org., *As doenças têm história*, trad. Laurinda Bom (Lisboa: Terramar, 1997); Lawrence I. Conrad, ed., *The Western Medical Tradition: 800 BC to AD 1800...* (Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1998), vol. 1; Mary Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna: Novas abordagens da história europeia*, trad. Carlos Vieira Reis (Lisboa: Repliação, 2002); Nikelen Acosta Witter, “Curar como arte e ofício: Contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura”, *São Paulo em Perspectiva* 10, 19 (dez. 2005); Lígia Bellini, *Grande fulcro: Representação do corpo e cultura médica no Portugal Renascentista* (São Paulo: UNIFESP, 2016).

⁷ Michel Foucault, “Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina”, trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro, em *Ditos e Escritos* 7, org. Manoel Barros da Motta (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011), 284-5.

⁸ Roger Chartier, *À beira da falésia: A história entre certezas e inquietude*, trad. Patrícia Chittoni Ramos (Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002), 48-51.

⁹ Keith Thomas, *Religião e o declínio da magia: Crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*, trad. Denise Bottman e Tomas Rosa Bueno (São Paulo: Companhia das Letras, 1991), 155-236; Timothy Dale Walker, *Médicos, medicina popular e Inquisição: A repressão das curas mágicas em Portugal durante o Iluminismo*, trad. Mariana Parda Monteiro (Rio de Janeiro: Lisboa: Fiocruz; Imprensa de Ciências Sociais, 2013), 15-9; Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna...*, 2002, 1-4.

¹⁰ Conrad, *The Western Medical Tradition: 800 BC to AD 1800...*, 1998, vol. 1, 11; Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna...*, 2002, 9.

¹¹ Conrad, *The Western Medical Tradition: 800 BC to AD 1800...*, 1998, vol. 1, 11-70; Regina Andrés Rebollo, “O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: De Cós a Galeno”, *Scientiae Studia* 4, 1 (2006): 45-81; Owen Powell, *Galen: on the properties of foodstuffs De alimentorum facultatibus* (Cambridge, UK: New York: Cambridge University Press, 2003), 66-9.

da mente)¹². As concepções de conservação da saúde foram reproduzidas em uma variada gama de obras médicas, das quais destaca-se os *Regimina Sanitatis* (prescrições/ recomendações para a sanidade dos corpos)¹³.

Partindo do princípio de que as práticas e saberes médicos são próprios de seu tempo, vale apontar que estão também imbricados aos sistemas culturais que os produzem/ reproduzem, aceitam/ combatem. Desse modo, cortejando os estudos culturais e antropológicos, vale indicar que os espaços apontados para estudo dessa tese levam ao entedimento de compreensões e representações da doença, da cura, e dos agentes envolvidos para além da cultura médica ocidental no período moderno. Destacadamente na Península Ibérica, não se pode esquecer o papel da medicina árabe e sua influência na difusão da medicina grega antiga no Ocidente¹⁴.

A compreensão holística do corpo humano, presente na teoria galênica, pode ser encontrada ainda mais remotamente na história da humanidade. Surgida na Índia e herdeira de tradições orais ancestrais, a medicina ayurvédica, na sua forma escrita, antecedeu os escritos galênicos¹⁵. Baseada na teoria dos humores, este sistema de cura estava centrado nos ideais para a conservação da saúde e o equilíbrio dos três humores através de práticas corporais, do uso de ervas e de uma alimentação adequada ao temperamento e necessidade¹⁶. Destaca-se a figura dos panditos ou *vaidyas*, estudiosos e detentores dos saberes e prescrições de cura¹⁷.

No outro extremo, os povos da América também possuíam, obviamente, a sua própria compreensão sobre o corpo, a saúde e a doença. Ao tratar, detidamente, dos tupinambás, povo dominante quando da chegada dos europeus no atual território da cidade de Salvador e litoral

¹² Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna...*, 2002, 9; Harold J. Cook, “Medicine”, em *The Cambridge history of Science, vol. 3: Early Modern Science*, ed. Katharine Park and Lorraine Daston (Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2003), 410.

¹³ Cook, “Medicine”..., 2003, 409; Rodrigues, “Os hospitais portugueses no Renascimento 1480-1580...”, 2013, 63.

¹⁴ María de la Concepción Vázquez de Benito, “Influencia de la medicina árabe en la medieval castellana”, *Azafea: revista de filosofía*, 1 (2010): 59-64; Danielle Jacquart e Françoise Micheau, *La médecine arabe et l'occident médiéval* (Paris: Maisonneuve et Larose, 1990).

¹⁵ Antonio Cesar Ribeiro Silva Deveza, “Ayurveda: A medicina clássica indiana”, *Revista de Medicina* 92, 3 (2013): 156-65; Unnikrishnan Payyappallimana, “Challenges in developing medicinal plant databases on Ayurveda”, em *Ayurveda at the crossroads of care and cure: Proceedings of the Indo-European Seminar on Ayurveda Held at Arrábida, Portugal, in November 2001*, org. A. Salema (Lisbon: Centro de História de Além-Mar Universidade Nova de Lisboa, 2002), 155-66; K. Raghunathan, “Garcia da Orta and his work in the field of drugs and medicinal plants”, em *Ayurveda at the Crossroads of Care and Cure: Proceedings of the Indo-European Seminar on Ayurveda Held at Arrábida, Portugal, in November 2001*, org. A. Salema (Lisboa: Centro de História de Além-Mar Universidade Nova de Lisboa, 2002), 31-44.

¹⁶ Fatima da Silva Gracias, *Health and Hygiene in Colonial Goa, 1510-1961* (Nova Delhi: Concept Publishing Company, 1994), 152-4; Dominik Wujastyk, *The roots of Ayurveda: Selections from Sanskrit medical writings* (New Delhi: New York: Penguin Books, 1998).

¹⁷ Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário luso-asiático* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919), v. 1, II, 155-6: 67; Gracias, *Health and Hygiene in Colonial Goa, 1510-1961...*, 1994, 153.

baiano, esta tarefa se fez, muitas vezes, através da intermediação dos relatos dos missionários inacianos¹⁸. Destaca-se a figura dos pajés, detentores do contato com o sobrenatural e dedicados aos rituais de cura na cosmogonia tupinambá¹⁹. Não foi encontrado um documento escrito produzido diretamente pelos tupinambás, no período que compreende esta tese, tal qual o herbário/receituário do asteca Martín de la Cruz datado de 1552²⁰.

Observa-se que os cuidados cotidianos com os enfermos (alimentação e terapias empregadas), os elementos da cultura material, como utensílios terapêuticos, e produtos, como os remédios (chamados no período de mezinhas ou medicinas) constituem elementos evidentes da Medicina como prática cultural. Nesta compreensão, a investigação desta tese se lançou à tarefa de mapear indícios sobre práticas terapêuticas e concepções de cura, aspectos menos evidentes no campo do estudo da História da Medicina²¹. O vasto *corpus* documental produzido pelos religiosos da Companhia de Jesus demonstrou ser interessante lavra apontando, em suas narrativas sobre a “missão das almas”, os indícios sobre a “missão dos corpos”.

Fundada no século XVI, a Companhia de Jesus foi fruto e promotora da Reforma Católica. Imbuída de uma base humanista, com raiz na *devotio* moderna, propôs-se a conter o avanço do Protestantismo e a cristianizar as terras “descobertas” pelas coroas ibéricas *ad majorem Dei*. Há avultada produção historiográfica sobre suas ações missionárias, dentre as quais se destacam as atividades educativas e a catequese dos povos nativos²². Em meio a estes

¹⁸ André Soares Anzolin, “Entre mortes e lembranças: notas sobre as reações dos Tupi à pandemia de varíola de 1562-64”, *Revista Latino-Americana de História* 3, nº 12 (2015): 21-36; Ana Paula da Silva, e José Ribamar Bessa Freire, “As palavras e a letra: Etnosaberes Tupinambá nas fontes coloniais”, em *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH* (São Paulo, jul. 2011); Cristina Pompa, *Religião como tradução: Missionários, Tupi, e Tapuia no Brasil colonial* (Bauru, SP: EDUSC/ANPOCS, 2003); Juciene Ricarte Apolinário, “Plantas nativas, indígenas coloniais: Usos e apropriações da flora da América Portuguesa”, em *Usos e circulação de plantas no Brasil: Séculos XVI a XIX*, org. Lorelai Brilhante Kury (Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2013), 180-227; Flávio Coelho Edler, “Plantas nativas do Brasil nas farmacopeias portuguesas e europeias séculos XVII-XVIII”, em *Usos e circulação de plantas no Brasil: Séculos XVI a XIX*, org. Lorelai Brilhante Kury (Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2013), 94-137.

¹⁹ Maria Leônia Chaves de Resende, “Entre a cura e a cruz: Jesuítas e pajés nas missões do Novo Mundo”, em *Artes e ofícios de curar no Brasil: Capítulos de História Social*, org. Sidney Chalhoub (Campinas: Ed. UNICAMP, 2003), 231-72.

²⁰ Martín de la Cruz, *Libellus de Medicinalibus indorum herbis: Manuscrito azteca de 1552* (México: Instituto Mexicano del Seguro Social, 1964); A. M. Garibay K, “Introducción”, em *Libellus de Medicinalibus indorum herbis: Manuscrito azteca de 1552*, org. Martín de la Cruz (México: Instituto Mexicano del Seguro Social, 1964), 3-8.

²¹ Bellini, *Grande fulcro...*, 2016, 84.

²² Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil* (São Paulo: Loyola, 2005); Charles R. Boxer, *A igreja militante e a expansão ibérica 1440-1770* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007); Dauril Alden, *The Making of an Enterprise: The Society of Jesus in Portugal, its Empire, and Beyond, 1540-1750* (Stanford, CA: Stanford Univ. Press, 1996); Ines G. Županov, *Missionary tropics: The Catholic frontier in India, 16th-17th centuries; history, languages, and cultures of the Spanish and Portuguese worlds* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 2005); John W. O'Malley, *Os primeiros Jesuítas* (São Leopoldo: Unisinos; Bauru: EDUSC, 2004); Maria de Deus Beites Manso, *A Companhia de Jesus na Índia 1542-1622: Atividades religiosas, poderes e contactos culturais* (Macau; Editora da Universidade de Macau; Évora: Editora da Universidade de Évora, 2009); Maria de Deus Beites Manso, *História da Companhia de Jesus em Portugal* (Lisboa: Parsifal, 2016).

dois grandes campos de atuação, os inacianos empreenderam outras obras pias, práticas que abrangiam as obras de misericórdia, como a visita aos presos, a ajuda às prostitutas, a conciliação de inimigos, o auxílio aos pobres e, também, o cuidado aos doentes e desvalidos nos hospitais e enfermarias²³.

Em que pese, desde, ao menos, o Concílio de Latrão (1215), haver o impedimento aos clérigos do exercício de atividades que pudessem matar ou lesionar (cortar ou queimar) o fiel, observa-se a atuação de religiosos na assistência aos enfermos²⁴. A hagiografia e os relatos missionários apresentam diversos exemplos edificantes sobre a missão nos hospitais e no cuidado com os doentes na travessia para a Índia²⁵. Apesar da restrição, nas Constituições da Companhia, do exercício da medicina e da cirurgia assim como do comércio das boticas, os inacianos desenvolveram diversas atividades no âmbito da assistência e das práticas médicas desde o século XVI²⁶.

Os jesuítas legaram um grande repertório de documentos sobre suas ações nas correspondências e cartas ânuas, nas suas crônicas e em tratados e relações sobre diferentes terras, gentes e costumes nas missões²⁷. O recurso a estas fontes documentais e a sua análise

²³ O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 259-301; José María Marín Sevilla, *Ignacio de Loyola y los enfermos* (Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia, 2007), 104-16.

²⁴ Marín Sevilla, *Ignacio de Loyola y los enfermos...*, 2007, 119-22; Bernardus Papiensis, "Decretos do IV Concílio de Latrão", 12.

²⁵ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, t. II (Porto: Liv. Apostolado da Imprensa, 1938), liv. 1, v. 1, 677-707.

²⁶ Paulo José Carvalho da Silva, "Medicina do corpo e da alma: Os males corporais e o exercício da palavra em escritos da antiga Companhia de Jesus", *Memorandum* 5 (out. 2003): 55-68; Eliane Cristina Deckmann Fleck, "Sobre feitiços e ritos: Enfermidade e cura nas reduções jesuítico-guaranis, século XVII", *Topoi* 6, 10 (2005): 72-3.

²⁷ João Pedro Ferro, "A epistolografia no quotidiano dos missionários jesuítas nos séculos XVI e XVII", *Lusitania Sacra*, 2. série, 5 (1993): 137-58; Fernando Torres Londoño, "Escrevendo cartas: Jesuítas, escrita e missão no século XVI", *Revista Brasileira de História* 22, 43 (2002): 11-32; Pierre-Antoine Fabre, "Pour une histoire spirituelle des savoirs dans l'Espace du monde moderne: Esquisse d'un point de vue", in *Missions d'évangélisation et circulation des savoirs: XVI-XVIIIe siècle*, org. Charlotte de Castelneau-L'Estoile (Madrid: Casa de Velázquez, 2011), 445-58; Federico Palomo, "Misioneros, libros y cultura escrita: En Portugal y España durante el siglo XVII.", em *Missions d'évangélisation et circulation des savoirs: XVIe-XVIIIe siècle*, org. Charlotte de Castelneau-L'Estoile, Collection de la Casa de Velázquez 120 (Madrid: Casa de Velázquez, 2011), 131-50; Aliocha Maldavsky, "Entre mito, equívoco y saber: Los jesuítas italianos y las misiones extraeuropeas en el siglo XVII", em *Missions d'évangélisation et circulation des savoirs: XVIe-XVIIIe siècle*, org. Charlotte de Castelneau-L'Estoile [et al.] (Madrid: Casa de Velázquez, 2011), 41-57; Hervé Pennec, "Savoirs missionnaires en contextes savoirs en dialogue (Ethiopie, XVIIe siècle)", in *Missions d'évangélisation et circulation des savoirs: XVIe-XVIIIe siècle*, org. Charlotte de Castelneau-L'Estoile, Collection de la Casa de Velázquez 120 (Madrid: Casa de Velázquez, 2011), 191-207; Ines G. Županov, "La science et la démonologie: Les missions des jésuites français en Inde (XVIIIe siècle)", em *Missions d'évangélisation et circulation des savoirs: XVIe-XVIIIe siècle*, org. Charlotte de Castelneau-L'Estoile, Collection de la Casa de Velázquez 120 (Madrid: Casa de Velázquez, 2011), 401-21; Martín Morales, "La Respiración de ausentes: Itinerario por la escritura jesuítica", em *Saberes de la conversión: Jesuítas, indígenas e imperios coloniales en las fronteras de la cristiandad; [una parte de los trabajos incluidos en este libro fueron conferencias leídas en las XII Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas: "Interacciones y Sentidos de la Conversión", celebradas en Buenos Aires, entre el 24 y el 26 de septiembre de 2008]*, org. Guillermo Wilde e Bartomeu Melià (Buenos Aires: Ed. SB, 2011), 31-59; Antonella Romano, "La experiencia de la misión y el mapa europeo de los saberes sobre el mundo en el Renacimiento: Antonio Possevino y José de Acosta", em

detalhada constitui solo profícuo para a investigação sobre a assistência aos enfermos e os saberes e práticas médicas.

No levantamento do estado da arte sobre a Ordem no período moderno, destacou-se que, na primeira metade do século XX, foram publicadas duas coleções importantíssimas para a historiografia da Companhia de Jesus: *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal* (1ª edição: 1931), do padre Francisco Rodrigues S.J., e *História da Companhia de Jesus no Brasil* (1ª edição: 1938) do padre Serafim Leite S.J. (1890-1969). Os volumosos e ricos compêndios constituem ponto de partida fundamental para qualquer estudo sobre a Ordem. Ambas as obras são extensas e temporalmente abrangentes tendo como grande mérito comum a compilação de documentos dos mais diversos arquivos.

Pe. Francisco Rodrigues não se escusou de enaltecer a Companhia e sua imbricada relação com o Império Português através do padroado e da conquista. Enfatizando a atividade catequética e educativa, narrou a fundação da Província em Portugal e o estabelecimento dos colégios e universidades. Elogiou, ainda, a expansão da ordem para o ultramar e os grandes feitos na conversão dos “gentios”. Em suas palavras:

[...] este santo entusiasmo e sobrenatural dedicação, com que esses homens sacrificavam o descanso e delicias da pátria ao bem e felicidade de seus irmãos de terras longínquas, é que nos explicam a grandeza da obra civilizadora que no dobar dos anos eles realizaram. Podemos dizer com verdade que estenderam a força eficaz de seu zelo admirável a todas as partes do mundo com paciência de heróis e perseverança que assombrou até seus adversários mais inconciliáveis²⁸.

Sobre a assistência, Pe. Francisco Rodrigues tratou da matéria, em um capítulo em especial, sobre os atos caritativos prescritos nas Constituições da Ordem, como a ajuda aos enfermos, a visita aos hospitais, a concórdia dos inimigos, socorrendo os pobres e presos nas cadeias, embora a Ordem tivesse se dedicado com preferência e “com maior intensidade” aos ministérios espirituais “que por sua natureza encaminham os homens à perfeição moral e os dispõem diretamente à consecução da felicidade eterna”²⁹. Embora tenha mencionado a assistência a doentes nos hospitais (usando como fontes as cartas quadrimestrais), o padre historiador não detalhou as obras nos hospitais e boticas³⁰. Como prática científica, analisou mais detidamente o ensino da matemática nas escolas e universidades e outras “ciências”, como Teologia, Moral e Ética³¹.

Saberes de la conversión: Jesuitas, indígenas e imperios coloniales en las fronteras de la cristiandad, org. Guillermo Wilde (Buenos Aires: Ed. SB, 2011), 133-54.

²⁸ Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, t. II, 1938, vol. 2, 522.

²⁹ Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, t. II, 1938, vol. 2, 677.

³⁰ Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, t. II, 1938, vol. 1: 680.

³¹ Fernão Guerreiro, *Relaçam annal [sic] das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guine, nos annos de seiscentos & dous & seiscentos & tres, & do processo da conversam, & christandade daquellas partes, tirada das cartas dos mesmos padres que de lá*

Neste âmbito, a obra do Pe. Serafim Leite foi mais abrangente em suas publicações. Em *História da Companhia de Jesus*, particularmente no capítulo “Contribuição para as ciências médicas e naturais”, foram apontados aspectos da assistência no Estado do Brasil. Tratando dos primeiros tempos da chegada da Ordem, o padre historiador destacou o papel dos inacianos como “médicos” não somente das almas, mas também dos corpos. Mencionando os relatos do Pe. Manuel da Nóbrega (1517–1570), Pe. José de Anchieta (1534–1597) e Pe. Fernão Cardim (?1548–1625), ressaltou os cuidados dos inacianos na prática da cirurgia, na flebotomia e durante as epidemias, destacadamente, a de varíola, na capitania da Bahia, entre os anos de 1563 e 1564³².

Pe. Serafim Leite destacou a prática da sangria que, embora vedada pelos preceitos canônicos, foi, muitas vezes, apontada pelos missionários como parte dos cuidados aos enfermos. A restrição – comum a toda ação que pudesse oferecer risco de morte a outrem, como a medicina e a cirurgia – recebeu especial liberação de Roma. A justificativa foi, além da sua necessidade como uma das terapias mais amplamente utilizadas na medicina moderna, a ausência e raridade de barbeiros nas partes mais remotas das missões³³.

Em sua breve análise sobre as “ciências médicas”, Pe. Serafim Leite elencou os grandes ramos da assistência empreendida pelos missionários, não somente no Brasil como em outras partes do Império Português: os hospitais, boticas e enfermarias e, para tal, apontou algumas das empresas dos padres e irmãos. O jesuíta aventou a possibilidade de terem sido os missionários do Rio de Janeiro que fundaram o Hospital da Misericórdia. Destacou, ainda, as descrições das plantas nativas e as propriedades medicinais atribuídas, como as feitas pelo Pe. Fernão Cardim, assim como destacou a fama das boticas em seu tempo. Por fim, no que interessa particularmente a esta tese, apontou a existência das enfermarias nos principais colégios e residências para o cuidado de padres e irmãos³⁴.

Em estudos publicados posteriormente, Pe. Serafim Leite detalhou a assistência e as práticas de cura pelos missionários no Brasil. Em *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil* (1ª edição: 1953), dedicou um capítulo aos *Serviços de Saúde*³⁵. Apontou a presença de enfermarias nos aldeamentos, colégios, engenhos e fazendas, no Estado do Brasil, e das Boticas,

vieram. Pelo Padre Fernam Guerreiro... Vay dividido em quatro livros. O primeiro de Japã. O II. da China & Maluco. O III. da India. O IIII. do Brasil, Angola, & Guiné, Colofão: Impresso em Lisboa cõ licença do santo Officio per Jorge Rodriguez (Em Lisboa: per Jorge Rodrigues impressor de livros, 1605), 96-7; Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, t. III, 1944, vol. 1: 185-209.

³² Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, 2005, 397.

³³ Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, 2005, 398.

³⁴ Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, 2005, 399-401.

³⁵ Serafim Leite, *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)* (Lisboa; Rio de Janeiro: Brotéria; Livros de Portugal, 1953).

principalmente a da Bahia e do Maranhão. Destacou, ainda, a *Collecção de varias receitas* (1766) e elementos da farmacopeia brasílica³⁶. De grande interesse e préstimo para esta pesquisa, dispôs a lista de nomes de enfermeiros e cirurgiões e boticários (*pharmacopolae*), com as datas de nascimento, entrada na ordem e origem, desde a chegada dos jesuítas até a sua expulsão³⁷.

As análises do Pe. Serafim Leite introduzem a necessária reflexão sobre a ação assistencial dos inacianos como atividade que extrapolou o âmbito meramente caritativo³⁸. Nota-se que as obras caritativas (em forma de dádivas ou esmolas) fazem parte de sociedades diversas e estão enraizadas, desde os primeiros tempos, na tradição cristã³⁹. No período moderno, por exemplo, foram fundadas, através do Império Português, confrarias, corporações e Hospitais de Misericórdia, implementadas nas principais cidades sob seu domínio⁴⁰.

Outro ponto que se depreende dos estudos do Pe. Serafim Leite, diz respeito à produção de conhecimentos e saberes que constituiu um importante ramo da ação missionária. Na introdução da coletânea sobre as missões e a circulação de saberes, Castelnau-L'Estoile et al. analisaram a epistemologia dos “saberes das missões”. As autoras destacaram que as missões (nas Américas, na África e no Oriente) foram campo de produção de saberes pelos missionários coadunados aos saberes do período moderno. Seu repertório abrangia teologia, direito, história, cosmologia, retórica, matemática, astronomia, medicina, demonologia, quiromancia, astrologia e alquimia⁴¹.

Sobre os “saberes das missões”, vale destacar o artigo de Heloisa Meireles Gesteira, intitulado *A cura do corpo e a conversão da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII* que, partindo da compreensão de ciência em Portugal, no período do século XVI, e sua imbricação ao sistema religioso, destacou a atuação dos inacianos em sua missão e na construção de saberes sobre a natureza. Para esta tese, importa sublinhar a correlação traçada pela historiadora entre a busca destes saberes e o processo de conquista. Este viés interpretativo com cariz político possibilita dimensionar os feitos dos “soldados de Cristo” e a expansão do império. Utilizando correspondências e obras inacianas sobre a missão no Brasil, a autora

³⁶ Leite, *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)*..., 1953: 84-96.

³⁷ Leite, *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)*..., 1953, 96-100.

³⁸ Leite, *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)*..., 1953, 83; Serafim Leite, *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil de 1549-1760* (Porto: Tip. Porto Médico, 1952), 5.

³⁹ Marcel Mauss, *Sociologia e antropologia*, introd. Claude Lévi-Strauss, trad. Paulo Neves (São Paulo: Cosac & Naify, 2003).

⁴⁰ Sá, *Quando o rico se faz pobre*..., 1997.

⁴¹ Charlotte Castelnau-L'Estoile [et al.], “Introduction” em *Missions d'évangélisation et circulation des savoirs: XVIe-XVIIIe siècle* (Madrid: Casa de Velázquez, 2011b), 5-6.

analisou o papel dos inacianos como pastores, no plano espiritual, e como médicos e enfermeiros, no plano temporal⁴².

Essas atividades terreas receberam especial relevo no artigo de Maria Leônia Chaves de Resende sobre a missionação e as práticas de cura dos inacianos nos aldeamentos guaranis nos Seiscentos. A autora apontou como as missões jesuítas foram alterando suas estratégias no contexto de epidemias, desagregação dos vínculos sociais, hostilidade e pilhagem dos conquistadores portugueses e espanhóis e desorganização do sistema produtivo dos indígenas. Um dos pontos chave das análises da historiadora é o debate em relação às disputas entre os pajés e os missionários. Interessante notar que o combate aos ritos e tradições indígenas, personificados nos “feiticeiros”, foi permeado pelo embate em relação ao “sagrado”. Por fim, concluiu que o espaço ocupado pelos padres e irmãos no sistema de crenças e de cura pode ser identificado em distintas acepções do missionário enquanto médico e detentor de saberes mágicos⁴³.

A imbricada relação entre as práticas de cura e a missionação inaciana, no Estado do Brasil, entre os séculos XVI e XVIII foi tema do artigo de Daniela Calainho. Identificando as práticas de assistência como parte da tarefa missionária e educacional, a autora apontou a atuação nas epidemias, a fundação de hospitais e estudos da flora para fins medicinais nos colégios da Ordem entre Europa, África, Ásia e América. Analisando as ações inacianas, destacou que “além de trabalharem incansavelmente na difusão da fé cristã, os jesuítas também foram uma grande âncora da saúde na colônia, atestada pela vastíssima documentação das correspondências que mantiveram com seus irmãos em Portugal e no Brasil”. Há que se considerar com parcimônia sua afirmação de que “a escassez de médicos leigos, formado por escolas de medicina na Europa, pelo menos até o século XVIII, fez dos jesuítas os responsáveis quase exclusivos pela assistência médica no primeiro século da colonização do Brasil”⁴⁴.

Calainho descreveu as boticas jesuíticas como inigualáveis em relação a todas as outras do Reino, Oriente e América⁴⁵. A este respeito, vale mencionar que, ao tratar dos inventários de plantas e da difusão das mesmas pelos inacianos, a autora tratou da quina (levada pelos inacianos para Roma, em 1649), que ficou conhecida como “mezinha dos padres”, mas que, sabidamente, já era de amplo uso indígena na América Espanhola. A autora problematizou a questão dos saberes indígenas apenas ao tratar da relação com os pajés, demonizados nas cartas

⁴² Heloisa Meireles Gesteira, “A cura do corpo e a conversão da alma: Conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII”, *Topoi* 5, 8 (jun. 2004): 71-95.

⁴³ Resende, “Entre a cura e a cruz...”, 2003, 231-72.

⁴⁴ Daniela Buono Calainho, “Jesuítas e medicina no Brasil colonial”. *Tempo* 10, 19 (2005): 64.

⁴⁵ Calainho, “Jesuítas e medicina no Brasil colonial”..., 2005: 65.

missionárias, e do uso de símbolos religiosos como o batismo como meio redentor e de cura. Como conclusão do artigo, afirmou que “a natureza brutalizada e violenta do mundo colonial ofereceu aos inacianos ervas, raízes, enfim os remédios para as curas, auxiliados pelos conhecimentos dos nativos, graças a quem os jesuítas adensaram suas fórmulas e práticas curativas”⁴⁶.

Sobre as práticas e ideias de cura e a relação com os povos nativos, vale destacar o artigo *Sobre feitiços e ritos*, de Eliane Fleck que apontou um interessante caminho metodológico ao analisar a assistência no âmbito das práticas médicas, ultrapassando a noção destas práticas de cura como apenas caridade, buscando entendê-la (assim como Gesteira o fez) como prática missionária interligada aos conhecimentos médicos do período moderno. Analisando as doenças, identificou-as como grave entrave ao processo de missionação, pois desorganizava a estrutura de produção, debilitando o sistema de abastecimento, causando fome e mais mortes. Utilizando carta do missionário Pe. Romero (1634), buscou apontar o entendimento da época sobre as enfermidades, onde se entrevê concepções galênicas de doença com base na teoria dos humores⁴⁷.

Analisando as concepções de doença e magia entre os guaranis, observou que as práticas de cura dos jesuítas estavam imbuídas de sentidos mágicos. Vale destacar, também, a recusa dos missionários sobre as práticas de cura indígenas classificadas como superstição e feitiçaria. Contudo, Fleck observou, a partir das cartas ânuas da Província do Paraguai entre os anos de 1610 e 1643, o uso do que denominou “terapêutica mágica”: relíquias, batismo, extrama-unção, imagens de santos, água benta, entre outros. A cura estava ligada, assim, a intercessão divina, milagre e salvação. A autora observou, a partir das cartas ânuas, uma modificação na relação entre missionários e saberes indígenas⁴⁸.

Cabe observar que não se pode escrever a história da Companhia de Jesus sem notar, na própria documentação, as dinâmicas. Deste modo, a autora apontou que, ao longo do século XVII, a farmacopeia indígena foi paulatinamente assimilada assim como a terapêutica e, no século XVIII, estas farmacopeia e terapêutica estavam resumidas nas obras dos padres Pedro de Montenegro e Segismundo Asperger enquanto catálogos de plantas medicinais e seus usos (fontes que ela analisou em outros trabalhos)⁴⁹.

⁴⁶ Calainho, “Jesuítas e medicina no Brasil colonial”..., 2005: 75.

⁴⁷ Fleck, “Sobre feitiços e ritos...”, 2005: 71-98.

⁴⁸ Fleck, “Sobre feitiços e ritos...”, 2005: 71-98.

⁴⁹ Fleck, “Sobre feitiços e ritos...”, 2005: 71-98.

Neste caminho metodológico, vale o destaque a *Missionary tropics*, de autoria de Inês Županov. Ainda na introdução da obra, Županov definiu importantes parâmetros metodológicos para quem se aventura pelo Império Português e o Oriente. Buscando analisar o mundo do século XVI, de circulação de pessoas, ideias e mercadorias, escolheu a Companhia de Jesus para estudo por considerar a ordem religiosa mais circulante e literária (daí ela ter destacado, a riqueza de fontes preservadas). Interessante observar que a autora identificou que a produção de conhecimentos pelos inacianos, nos mais diversos ramos – da matemática e psicologia, da construção naval e finanças, da manipulação e farmacologia –, apresentavam propósitos missionários e “para a glória de Deus”⁵⁰.

No capítulo “*Medical mission in Goa: Pedro Afonso and Giovanni Battista de Loffreda*”, Županov analisou a missão médica jesuítica no Estado da Índia, no século XVI, buscando observar as dinâmicas e conflitos nesta assistência. Tratou dos conflitos, muitas vezes esquecidos na historiografia tradicional da Ordem, em razão da administração e missão no hospital e dos cuidados médicos. Vale salientar que, segundo a lei canônica, estavam desautorizados e somente seria o cuidado com os enfermos com a dispensa papal. A autora afirmou ainda que a influência dos jesuítas em todas as facetas da comunidade católica se deu também no âmbito da assistência, combinando a propagação do Evangelho e da ação caritativa⁵¹.

Palavra e ação estão expressas na obrigação de visita aos hospitais, prescrita nas Constituições, e na fundação de diversas instituições no Estado da Índia, como hospitais ao longo da Costa da Pescaria, de Goa, Japão, entre outros, como no exemplo da fundação do Hospital dos Pobres Nativos. É bastante sintomática a declaração destacada pela autora de Nicolò Lanciolotto, que afirmou que o hospital havia sido fundado para atender aos convertidos, para que depois não acusassem a Companhia de não dar assistência. Comparando com os outros hospitais em Goa (Hospital de Todos os Santos, São Lázaro etc.), a autora afirmou que o Hospital dos Pobres Nativos foi construído para ser um exemplo edificante de combinação entre caridade e o ministério da Palavra⁵².

Há que se destacar, ainda, que, embora não abordem de modo mais amplo a assistência aos enfermos, as boticas dos colégios inacianos foram objeto de importantes estudos que integram as referências desta tese⁵³. Destaca-se, assim, a tese de Patrícia Albano Maia e suas

⁵⁰ Županov, *Missionary tropics...*, 2005, 7.

⁵¹ Županov, *Missionary tropics...*, 2005, 195-231.

⁵² Županov, *Missionary tropics...*, 2005, 195-231.

⁵³ Ines G. Županov, “Drugs, health, bodies and souls in the tropics: Medical experiments in sixteenth-century Portuguese India”, *The Indian Economic & Social History Review* 39, 1 (2002): 1-43; Sabine Anagnostou,

análises sobre a composição das mezinhas e a origem das substâncias das boticas jesuíticas no Império Português, revelando a grande circulação de drogas⁵⁴. Vale mencionar ainda a este respeito os estudos de Viviane M. Caminha São Bento e Bruno Martins Boto Leite⁵⁵.

Por questões metodológicas e exequidade da tese, optou-se por analisar mais detalhadamente a atuação dos missionários como enfermeiros e nas enfermarias entre as cidades de Goa e Salvador, sublinhando a circulação de saberes e práticas médicas através do Império Português. Inicialmente, a ideia sobre a investigação era mais extensa (abrangendo também Angola e Moçambique), mais vasta (propondo, também, pesquisar sobre os hospitais e as boticas), e com uma baliza temporal muito mais alargada, compreendendo o período da fundação (1540) e a expulsão da Ordem no Império Português (1760). Contudo, os caminhos entre o planejado e o possível trouxeram uma melhor delimitação para a investigação.

Alguns conceitos subjazem ao objeto e temáticas apresentadas e são essenciais para a constituição desta tese. A ideia de rede é fundamental para as análises a serem empreendidas nesta pesquisa e possibilita compreender as configurações do Império Português. Luiz Filipe Thomaz utilizou esta perspectiva, criticando abordagens historiográficas que tendem a analisar a expansão portuguesa no Oriente como algo linear e gradual. Segundo o autor, o Estado da Índia se caracterizava como rede, compreendida como um “sistema de relações entre as suas partes que assegura a unidade do conjunto”⁵⁶.

Maria de Fátima Gouveia e João Fragoso definiram o conceito de rede em relação à noção de império como “constituído por homens e mulheres que se movimentavam pelos diversos espaços, dando forma e sentido ao mundo português na época moderna”. Partindo do individual, as análises compreenderiam os grupos e sociedades “de modo dialético e dinâmico,

“Mission, pharmacy and international drug transfer in colonial times”, em *38th International Congress for the History of Pharmacy*, (Sevilla: 2007); Harold J. Cook, e Timothy Dale Walker, “Circulation of Medicine in the Early Modern Atlantic World”, *Social History of Medicine*, 26, 3 (1 ago. 2013); Timothy Dale Walker, “Acquisition and circulation of medical knowledge within the Early Modern Portuguese Colonial Empire”, em *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, org. Daniela Bleichmar, Paula de Vos e Kristin Huffine (Stanford, Cf: Stanford Univ Press, 2009), 247-70.

⁵⁴ Patrícia Albano Maia, “Práticas terapêuticas jesuíticas no Império Colonial Português: Medicamentos e boticas no século XVIII” (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2012).

⁵⁵ Viviane M. Caminha São Bento, “Entre triagas e emplastos: Os medicamentos das boticas jesuítas na América Portuguesa” em *Anais do Encontro Regional de História da ANPUH-Rio, XVI: Saberes e Práticas Científicas*, 2014; Viviane M. Caminha São Bento e Nadja Paraense dos Santos, *Boticas jesuítas e redes de poder: Uma análise sobre a exploração do mundo natural e a produção de medicamentos na época moderna...*; Bruno Martins Boto Leite. “Mezinhas antigas e modernas: A invenção da Triaga Brasileira pelos jesuítas do Colégio da Bahia no período colonial”, em *Anais da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, 2014; Bruno Martins Boto Leite, *Medicina de Padre: Estudos sobre os fundamentos culturais da medicina jesuítica no Brasil Colonial*, Relatório final de pesquisa (Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2011); Bruno Martins Boto Leite, “Verdes que em vosso tempo se mostrou: Das boticas jesuíticas da Província do Brasil séculos XVII-XVIII”, em *Usos e circulação de plantas no Brasil: Séculos XVI a XIX*, org. Lorelai Brilhante Kury (Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2013), 52-93.

⁵⁶ Luís Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor: Memória e sociedade* (Lisboa: Difel, 1994), 208.

concentrando as partes que formavam esse conjunto imperial”⁵⁷. Este conceito de rede se aproxima da ideia de circularidade e de dinâmicas no espaço imperial. Russell-Wood, em sua obra *Um mundo em movimento*, analisou a interligação entre África, Ásia e América em suas facetas jurídicas, administrativas, comerciais e culturais. Através desta noção de movimento, utilizou o exemplo da circulação de ervas e plantas nos continentes, por meio dos missionários inicianos, através das redes comerciais do Império Português⁵⁸.

Um dos principais estudiosos do Estado da Índia, Sanjay Subrahmanyan propôs um conceito próximo a esta categoria de redes: as histórias conectadas. Em artigo intitulado *Connected Histories* criticou as análises históricas feitas sobre o período moderno a partir de distintas áreas (focos locais) de estudos com extrema fragmentação. Segundo o autor, boa parte da dinâmica da História Moderna foi constituída pela interface entre o local, o regional e o supra-regional e, muitas vezes, no nível global. Como proposta metodológica, apresentou o conceito de *connected histories* em oposição à chamada História comparada⁵⁹.

Partindo desta perspectiva, a história do período moderno seria enriquecida com pesquisas em que as histórias são multifacetadas, conectadas e interligadas entre si. A pesquisa do historiador, como comparou o historiador Serge Gruzinski, seria como a de um electricista⁶⁰, em suas palavras, “encarregado de restabelecer as conexões internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais desligaram ou esconderam, bloqueando as suas respectivas fronteiras”⁶¹. Tomando lições de Gruzinski, faz-se necessário abandonar de vez a abordagem do eurocentrismo, passando a considerar as muitas formas de mestiçagens e de circularidade de saberes, produzidos e interpretados pelos povos locais e europeus, assim como a multiplicidade de centralidades entre Europa, Ásia, América e África⁶².

Para a composição deste estudo, mostra-se importante compreender o Império Português a partir da perspectiva de rede e circularidade (cultural, comercial, de indivíduos, produtos), de modo que o estudo das relações entre Goa e Bahia pode lançar novas perspectivas⁶³. Observa-se que a historiografia brasileira tende, muitas vezes, a analisar a experiência da América Portuguesa, individualmente, como episódio atrelado apenas à

⁵⁷ João Luís Ribeiro Fragoso e Maria de Fátima Gouvêa, *Na trama das redes: Política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010), 23.

⁵⁸ Anthony John Russell-Wood, *Um mundo em movimento: Os portugueses na África, Ásia e América 1415-1808*, trad. Vanda Anastácio (Lisboa: DIFEL, 1998), 229-32.

⁵⁹ Sanjay Subrahmanyan, “Connected histories: Notes towards a reconfiguration of early modern Eurasia”, *Modern Asian Studies* 31, 3 (1997): 744-8.

⁶⁰ Serge Gruzinski, “Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories”, *Topoi (Rio de Janeiro)* 2, 2 (2001): 176.

⁶¹ Gruzinski, “Os mundos misturados da monarquia católica...”, 2001: 176.

⁶² Gruzinski, *As quatro partes do mundo...*, 2014.

⁶³ Philomena Sequeira Antony, *Relações intracoloniais: Goa-Bahia 1675-1825* (Brasília: FUNAG, 2013).

experiência da Expansão portuguesa. Compreende-se que o estudo sobre o Oriente tende a enriquecer a composição da história do Brasil em tempos coloniais.

Na “cabeça” do Estado da Índia estava a cidade de Goa⁶⁴. Conquistada pelos portugueses, em 1510, e transformada em capital do Estado da Índia, em 1530, foi a primeira cidade da Ásia sob soberania lusitana⁶⁵. Com uma localização bastante estratégica, seu porto se constituiu como principal na navegação para a Europa e entre os centros de abastecimento e fortalezas no Oriente⁶⁶. A capitalidade de Goa ficou assentada, ainda, na instalação de instituições administrativas, governativas e religiosas que abrangiam o Estado da Índia⁶⁷. Por este papel, tornou-se um dos principais centros irradiadores do Cristianismo e da missão da Companhia de Jesus no Oriente⁶⁸.

Papel de capital do Estado do Brasil coube, também, à cidade de Salvador na Baía de Todos os Santos. Em 1549, foi erigida como sede do Governo-geral, abrigando as instituições administrativas e governativas do Estado do Brasil⁶⁹. Em princípios do século XVII, já estava consolidada a importância econômica do seu porto: de uma parte, escoava a produção do açúcar produzido no Recôncavo para a Europa, de outra parte, era ponto estratégico para as aguadas e reparos necessários das naus, nas viagens entre Lisboa e a Índia Portuguesa, assim como para a costa leste africana, o tráfico escravista e o comércio do tabaco⁷⁰. Nesta cidade, as principais

⁶⁴ Fernão Guerreiro, *Relaçam annual das cousas que fizeram os padres da Companhia de Iesus na India, & Iapão nos annos de 600. & 601. & do processo da conversão, & christandade daquellas partes: tirada das cartas gêraes que de lâ vierão pello Padre Fernão Guerreiro da Companhia de Iesus. Vai diuidida em dous liuros, hum das cousas da India & outro do Iapam* (Évora: por Manoel de Lyra, 1603), 2.

⁶⁵ Francisco Bethencourt, “O Estado da Índia”, em *História da expansão portuguesa*, dir. Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, vol. 2: Do Índico ao Atlântico: 1570-1697, 284-314 (Lisboa: Círculo de Leitores, 1998), 284; Charles R. Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825* (São Paulo: Companhia das Letras, 2002), 61; K. N. Chaudhuri, “O estabelecimento no Oriente”, em *História da expansão portuguesa*, org. Maria Alegria [et al.], vol. 1, 163-191 (Lisboa: Círculo de Leitores, I, 1998), 171-9.

⁶⁶ Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825...*, 2002, 61-79; Anthony R. Disney, *A decadência do Império da Pimenta: Comércio português na Índia no início do século XVII* (Lisboa: 70, 1981), 37-43.

⁶⁷ Catarina Madeira Santos, *Goa é a chave de toda a Índia: Perfil político da capital do Estado da Índia, 1505-1570* (Lisboa: CNCDP, 1999); Francisco Bethencourt, “Configurações políticas e poderes locais”, em *A expansão marítima portuguesa, 1400-1800*, org. Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto (Lisboa: 70, 2010), 214; Ângela Barreto Xavier, *A invenção de Goa: Poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII* (Lisboa: Impr. de Ciências Sociais, 2008), 39; Patricia Souza de Faria, *A conquista das almas do Oriente: Franciscanos, catolicismo e poder colonial português em Goa 1540-1740* (Rio de Janeiro: Faperj; 7Letras, 2013), 34-5.

⁶⁸ Célia Cristina da Silva Tavares, “A cristandade insular: Jesuítas e inquisidores em Goa 1540-1682” (Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2002).

⁶⁹ Stuart B. Schwartz, *Burocracia e sociedade no Brasil Colonial: A Suprema Corte da Bahia e seus juizes: 1609-1751*, trad. Berilo Vargas (São Paulo: Perspectiva, 1979), 3-11; Guida Marques, “‘Por ser cabeça do Estado do Brasil’: As representações da cidade da Bahia no século XVII”, em *Salvador da Bahia: Retratos de uma cidade atlântica*, org. Evergton Sales Souza (Salvador: EDUFBA; Lisboa: CHAM, 2016).

⁷⁰ José Roberto Amaral Lapa, *A Bahia e a Carreira da Índia* (São Paulo: Hucitec, 2000), 1-23; Pierre Verger, *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de todos os Santos: Dos séculos XVII ao XIX* (São Paulo: Corrupio, 1987), 21-2; Stuart B. Schwartz, *Segredos internos: Engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*, trad. Laura Teixeira Motta (São Paulo: Companhia das Letras, 1995), 68-73.

ordens religiosas construíram conventos e mosteiros, dentre estas, a Companhia de Jesus, que chegou a estas terras juntamente com Tomé de Sousa⁷¹.

Sem perder de vista as especificidades na constituição do Estado da Índia e do Brasil, na análise da capitalidade de Goa e de Salvador no Império Português podem ser construídos alguns paralelos: (1) a comunicação e circulação de bens, mercadorias e pessoas através de seus portos; (2) a centralidade nas atividades missionárias da Companhia, seja através da formação e irradiação de missionários, seja na educação da cristandade⁷². Essas confluências são delineadas na perspectiva de que não se pode esquadrihar quaisquer aspectos do Império Português, entre os séculos XV e XIX, sem ter em conta as relações geopolíticas que interligavam as suas partes.

Coadunando a consolidação e expansão da Companhia de Jesus no Império Português, esta pesquisa toma como balizas temporais os anos de 1542 e 1622. Buscando não dissociar o processo histórico tampouco torná-lo unívoco ou linear, procurar-se-á analisar a chegada e expansão da ordem em Portugal e nas terras da conquista, a institucionalização através das missões e colégios concomitantemente à sua ação no campo da assistência à saúde, na Província jesuítica de Goa e na capitania da Bahia (pertencente à Província do Brasil). Assim, torna-se necessário compreender a imbricação histórica no plano religioso da Igreja, em Roma e em Portugal, através das bulas papais sobre os domínios portugueses, da fundação da Ordem e implantação em Portugal (1540) e da chegada à Índia (1542) e à América Portuguesa (1549), do Concílio de Trento (1545-1565), do estabelecimento do Tribunal do Santo Ofício, em Goa (1560) e das visitas à Bahia (1591-1592; 1618). A chegada da Propaganda Fide (1622) marca o enquadramento temporal final da tese em razão das modificações do Padroado Régio no Oriente⁷³.

Mostra-se importante contextualizar o processo e as dinâmicas da conquista no Índico e no Atlântico, no século XVI, e no período da união ibérica (1580-1640), e as consequentes modificações nestes territórios. Designadamente, as modificações no processo de conquista e domínio português na Ásia no século XVI, a chamada “viragem atlântica” (meados do século

⁷¹ Evergton Sales Souza, e Bruno Feitler. “Uma metrópole no ultramar português: A Igreja de São Salvador da Bahia de Todos os Santos”, em *Salvador da Bahia: Retratos de uma cidade atlântica*, org. Evergton Sales Souza, Guida Marques e Hugo R. Silva (Salvador: EDUFBA; Lisboa: CHAM, 2016), 129-62; Marques, ““Por ser cabeça do Estado do Brasil...””, 2016; Fabrício Lyrio Santos, “Te Deum Laudamus: A expulsão dos jesuítas da Bahia 1758-1763” (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2002); Manso, *História da Companhia de Jesus em Portugal...*, 2016, 152-3.

⁷² Leite, *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil 1549-1760...*, 1953), 34-5; Maria de Deus Beites Manso, “Convergências e divergências: O ensino nos colégios jesuítas em Goa e Cochim durante os séculos XVII-XVIII”, em *Jesuítas, ensino e ciência*, org. Luís Miguel Carolino, 163-180 (Lisboa: Caleidoscópio, 2003), 163-80.

⁷³ Manso, *A Companhia de Jesus na Índia 1542-1622...*, 2009.

XVI), o estabelecimento do Governo Geral no Estado do Brasil (1548), a reorientação estrutural no controle do comércio marítimo e territorial (1570-1610), a expansão comercial e militar neerlandesa, a partir de princípios do século XVII, e a tomada de territórios de conquista e domínio português (especificamente, as invasões e guerras na Bahia em 1624-1625 e em 1638)⁷⁴.

Sobre o Império Português, vale destacar que não se pode perder de vista as dinâmicas e relações estabelecidas com os poderes locais. Ao se tratar do Estado da Índia, deve-se compreender a influência da derrota do reino de Vijayanagar (1565), no sul da Índia, as relações comerciais e políticas com o Império Otomano, a diplomacia com o Império Mongol estabelecido ao norte a partir da década de 1570 e as disputas comerciais com a dinastia safávida do Irão, a partir da última década do século XVI. Não menos importante, no Estado do Brasil, deve ser considerado processo de conquista, guerra e missão contra os tupinambás e tapuias no território da cidade de Salvador, região do Recôncavo, e capitânicas de Ilhéus e Porto Seguro⁷⁵.

Em que pese o levantamento bibliográfico revelar avultada produção sobre a Companhia de Jesus, essa tese busca contribuir para os debates sobre assistência, saberes e práticas de cura no Império Português. Contraditoriamente, o lastro documental é amplamente conhecido. A investigação contou com documentação impressa e digitalizada, como os volumes de *Documenta Indica* e *Monumenta Brasiliae*⁷⁶ assim como com os relatos de naufrágios, os tratados descritivos sobre a Índia e o Brasil e, ainda, obras enaltecidas dos feitos dos missionários nesses espaços.

Aliados às fontes jesuíticas, foram elencados tratados de medicina do período moderno, regimentos hospitalares do Reino assim como documentos administrativos versando sobre a organização da Armada. Espera-se que isto não represente demérito no esforço de pesquisa. Nas páginas que se seguem, há variada e esparsa documentação manuscrita e impressa pertencente aos arquivos e bibliotecas consultados, cujos critérios investigativos se pautaram na busca por indícios sobre as compreensões e práticas de cura no período moderno e, detidamente, no Estado da Índia e do Brasil.

⁷⁴ Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825...*, 2002; Schwartz, *Burocracia e sociedade no Brasil Colonial...*, 1979; Sanjay Subrahmanyam, *O império asiático português 1500-1700: Uma história política e econômica* (Linda-a-Velha, Pt: DIFEL, 1995); Thomaz, *De Ceuta a Timor...*, 1994.

⁷⁵ Subrahmanyam, *O império asiático português 1500-1700...*, 1995; Pompa, *Religião como tradução...*, 2003.

⁷⁶ Joseph Wicki, ed., *Documenta Indica* (Roma: Tipografia Pio X, 1948-1988), 18 vols; Serafim Leite, *Monumenta Brasiliae*, vol. 1 *Documenta Indica*, vol. 1-18, 18 vols., Monumenta Historica Soc. IESU (Roma: Tipografia Pio X, 1948); (Roma, Monumenta Historica Societatis Iesu, 1956), vol. 1-5.

A perspectiva de circulação possibilita os entrecruzamentos de concepções e ideias que, de modo geral, se mostram restringidas nas histórias nacionais do período moderno. Embora haja marcada ênfase nas narrativas inacianas, propõe-se que estes não sejam protagonistas e sim narradores e confrontadores dos sistemas culturais dos povos missionados e suas compreensões de cura e doença. Desse modo, esta tese foi dividida em duas partes: “Pela vastidão do mar oceano” e “Por terras de missão”.

A primeira seção aborda o contexto das navegações na Carreira da Índia entre o século XVI e as primeiras décadas do século XVII, destacadamente, o cenário da assolação de enfermidades e as causas e explicações apontadas para elas. Para além do castigo divino e da resignação, observou-se, na documentação consultada – principalmente correspondências, e também relatos de viagem –, interpretações racionalizadas sobre a pestilência. No segundo capítulo, debruçou-se sobre a experiência dos inacianos como enfermeiros, como noviços no exercício e aperfeiçoamento da caridade. Destacadamente, buscou-se percorrer os caminhos das práticas e saberes de cura, assim como os instrumentos e mezinhas. Deste modo busca-se fazer dialogar as narrativas inacianas com o quadro da assistência no Império Português entre os séculos XVI e XVII.

A segunda seção aporta nas terras de missão entre o Estado da Índia e do Brasil. O terceiro capítulo busca abordar as descrições sobre a chamada Zona Tórrida e as ideias médicas que permearam os relatos inacianos, tais como sanidade e pestilência. Deste modo, foram destacados tratados e crônicas inacianas produzidos sobre as Índias e a América Portuguesa, destacadamente Goa e a capitania da Bahia. As concepções da História Natural, da Cosmografia e da Medicina se mostraram nesta encruzilhada de saberes no período moderno. Humanismo e concepções médicas hipocrático-galênicas sobre os territórios coloniais do Império Português manifestos nas compreensões sobre a influência dos astros, do clima e na preocupação dos missionários em informar sobre plantas e animais e seus usos alimentares e medicinais. Debatendo as abordagens inacianas sobre as gentes, depreende-se o discurso ibérico (colonizador/cristianizador) sobre hindus e tupinambás, buscando destacar elementos do sistema de crenças e concepções sobre cura destas sociedades amalgamadas nas missões.

No quarto capítulo, pretende-se compreender as práticas de cura no âmbito institucional da Ordem no prescrito e vivido nos Colégios de São Paulo (Goa) e da Bahia (Salvador). Nestas cidades, a Companhia de Jesus erigiu grandes centros de convergência da ação missionária e da produção de saberes em tempos coloniais. Neste âmbito, pode-se perceber a importância das enfermarias e boticas coadunadas à missão nessas partes do Império Português. Destacam-se, como fontes, os regulamentos das instituições e a descrição dos colégios e dos espaços para

o cuidado com os enfermos, convalescência e recreação, imbricadas às recomendações hipocrático-galênicas de conservação da saúde. Por fim, importa, ainda, destacar o prescrito e o vivido nas funções dentro dos quadros da Companhia de Jesus, no cuidado com os enfermos, assim como a relação com a medicina, na Índia, através dos médicos hindus/ ayurvédicos.

No quinto e último capítulo, busca-se discutir a missão médica inaciana em três distintos espaços na cidade de Goa e na capitania da Bahia. Destacadamente, busca-se questionar a ação dos missionários além do empenho e das vontades individuais de religiosos e a ordinária caridade nos hospitais. Cabe fazer o levantamento sobre a assistência no Império Português, destacando as instituições que estiveram sob os cuidados dos jesuítas. Interessante notar que, para além dos relatos inacianos a esse respeito, há documentação produzida pela Coroa, como alvarás, cartas de privilégio e ordenações, que possibilitam entender alguns pontos da relação entre a Companhia de Jesus e as coroas portuguesas.

De Goa, foram enleçados o Hospital dos Pobres Nativos e o Hospital Real para que se pudesse discutir o viés da assistência no tocante à caridade, cuidados espirituais/corporais e administração das instituições. Além disto, cumpre investigar as enfermarias das aldeias e as narrativas sobre enfermidades e cura pelos missionários na capitania da Bahia e, mais alargadamente, no Estado do Brasil. As descrições desses espaços de cura dialogando com os textos médicos do período possibilitam construir um panorama sobre a assistência para as populações nativas no Estado da Índia e do Brasil. Há que se destacar, ainda, os contatos, entrecruzamentos, confrontos e conflitos entre os missionários e os detentores de saberes e práticas de cura, como os panditos e os pajés.

Esta tese segue muitos caminhos. Percorre a vastidão dos oceanos, das narrativas sobre a chamada Zona Tórrida e alcança as terras de Goa e Salvador. Adentrando as enfermarias e boticas dos colégios, assim como hospitais e espaços de cura nas cidades e sertões, observa achacados, moribundos e pestilentos, descreve terapias pouco usuais para a compreensão atual e remonta elementos das redes de circulação no Império Português. Caminhos dos missionários dos corpos e das almas a serem seguidos nas próximas páginas.

I Pela Vastidão do Mar Oceano

Não há nenhuma dúvida que uma coisa é meditar na morte e outra é ver-se na mesma morte. Pe. Jácome de Braga, 1563¹.

Uma coisa é meditar sobre a morte, outra é ver-se diante da mesma, lamentou o Pe. Jácome de Braga, a bordo da nau S. Felipe, no ano de 1562². Muitas vezes, as doenças, pestilências e a morte alcançaram quem partia nas embarcações para a África, Ásia e América. O Império Português foi constituído com o estabelecimento de rotas comerciais através do Atlântico, Índico e Pacífico, no processo denominado de “Expansão marítima portuguesa”³. A Carreira da Índia e sua longa travessia desde Belém (Portugal) a Goa (Índia) foi um dos capítulos mais densos da história e inaugura o período moderno no Ocidente⁴. Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto indicaram a “necessidade de reescrever a história da expansão portuguesa”, recusando “perspectivas ideológicas ou nacionalistas específicas”⁵. Dentre os caminhos metodológicos apontados pelos autores, destaca-se a necessidade de crítica à utilização da história deste período para enaltecer o “passado colonial e imperial”⁶.

As análises desta primeira parte se lançam ao “mar oceano” – expressão tomada de empréstimo ao Pe. Sebastião Gonçalves⁷ (1557-1619) em sua narrativa sobre a viagem para a

¹ Joseph Wicki, ed., *Documenta Indica* (Roma: Tipografia Pio X, 1960), vol. 6, 57.

² Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 57.

³ Charles R. Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825*, trad. Anna Olga de Barros Barreto (São Paulo: Companhia das Letras, 2002), 31-79; Luís Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor: Memória e sociedade* (Lisboa: Difel, 1994), 1-41; Sanjay Subrahmanyam, *O império asiático português 1500-1700: Uma história política e económica*, trad. Paulo Jorge Sousa Pinto (Linda-a-Velha, Pt: Difel, 1995), 79-113; Luiz Felipe de Alencastro, *O trato dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000), 11-42; Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto, orgs., “Introdução”, em *A expansão marítima portuguesa, 1400-1800* (Lisboa: 70, 2010), 1-18; Anthony R. Disney, “A expansão portuguesa, 1400-1800: Contactos, negociações, interacções”, em *A expansão marítima portuguesa, 1400-1800*, org. Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto (Lisboa: 70, 2010), 295-326; Felipe Fernández-Armesto, “A expansão portuguesa num Contexto Global”, em *A expansão marítima portuguesa, 1400-1800*, org. Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto, (Lisboa: 70, 2010), 491-524.

⁴ Francisco Bethencourt, “O Estado da Índia”, em *História da expansão portuguesa*, dir. Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (Lisboa: Círculo de Leitores, 1998), vol. 2, 284-314; M. N. Pearson, “Mercados e continuidades mercantis no Oceano Índico: Situar os portugueses”, em *A expansão marítima portuguesa, 1400-1800*, org. Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto (Lisboa: 70, 2010), 93-114; Vitorino Magalhães Godinho, *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar: Séculos XIII-XVIII* (Lisboa: Difusão Editorial, 1990); José Roberto Amaral Lapa, *A Bahia e a Carreira da Índia* (São Paulo: Hucitec, 2000); Kioko Koiso, e Francisco Contento Domingues, “História trágica do mar: Navegações portuguesas nos séculos XVI, XVII e XVIII” (s.n., 2009); Sanjay Subrahmanyam, *Impérios em concorrência: Histórias conectadas nos séculos XVI e XVII*, trad. Marta Amaral (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012); 15-33.

⁵ Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto, orgs., “Introdução”, em *A expansão marítima portuguesa, 1400-1800* (Lisboa: 70, 2010), 9.

⁶ Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto, orgs., “Introdução”, em *A expansão marítima portuguesa, 1400-1800* (Lisboa: 70, 2010), 11.

⁷ Sebastião Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça*, trad. Joseph Wicki (Coimbra: Atlântida, 1957), 44.

Índia. As numerosas correspondências dos missionários da Companhia de Jesus, enviadas desde o ano de 1542, apresentam ricos relatos das navegações nas redes marítimas do Império Português. As narrativas sobre a viagem descreviam os perigos, a graça e a intervenção divina e o sucesso ou malogro nas provações das longas travessias. Encontram-se, ainda, páginas mais pesadas carregadas de tristeza e de relatos sobre o pior mal que poderia acontecer a quem se lançava pelos mares: os naufrágios. As narrativas edificantes e oficiais da Ordem enalteceram o que poderia ser caracterizado como “missão naval” e período de provação, tal como o Noviciado, na qual os religiosos atuaram como curas (padres) das almas, e também dos corpos.

Compreende-se que os missionários, “soldados de Cristo” e do Padroado, foram agentes, produtores e difusores do que foi denominado de “cultura dos descobrimentos”⁸. Para além da distopia que compreende o termo “descobrimientos” e pelo necessário rigor histórico-metodológico, ao longo desta tese, o conjunto de saberes imbricados e próprios da Expansão Marítima Portuguesa será analisado como parte da produção científica portuguesa/ibérica/Ocidental no período moderno⁹. A cultura médica foi um dos campos evidenciados e modificados nesse cenário¹⁰. O objetivo deste estudo é compreender a missão inaciana através da assistência nas embarcações da Carreira da Índia. Destacadamente, busca-se observar e descrever as principais enfermidades e analisar saberes e práticas de cura pelos missionários, discutir elementos da cultura médica europeia no período moderno e as redes e dinâmicas de circulação entre meados do século XVI e as primeiras décadas do século XVII.

⁸ Luís Filipe Barreto, *Descobrimientos e Renascimento: Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI* (Lisboa: Impr. Nac. Casa da Moeda, 1983), 19; Jaime Cortesão, “Os descobrimientos portugueses”, em *Obras completas de Jaime Cortesão*, 4. ed. (Lisboa: Livros Horizonte, 1984), 21, 22, 23, 24, 25, 14, 15, 16, 17; Maria de Deus Manso, “Os descobrimientos portugueses: história e historiografia, lecture, 2012, <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/7227>.

⁹ Jorge Cañizares-Esguerra, “Introducción”, em *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, org. Daniela Bleichmar, Paula de Vos, e Kristin Huffine (Stanford, Calif: Stanford Univ Press, 2009), 1-5; Antonio Barrera-Osorio, *Experiencing nature: The Spanish American empire and the early scientific revolution* (Austin, TX: University of Texas Press, 2006); Palmira Fontes da Costa e Henrique Leitão, “Portuguese Imperial Science, 1450-1800: A historiographical review”, em *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, org. Daniela Bleichmar, Paula de Vos, e Kristin Huffine (Stanford, Calif: Stanford Univ Press, 2009), 35-53; Barrera-Osorio, Antonio, “Knowledge and Empiricism in the Sixteenth-Century Spanish Atlantic World”, in *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, org. Daniela Bleichmar, Paula de Vos, e Kristin Huffine (Stanford, Calif: Stanford Univ Press, 2009), 219-32.

¹⁰ Luís Filipe Barreto, *Caminhos do saber no Renascimento Português: Temas portuguesas* (Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1986), 109-202; Timothy Dale Walker, “Acquisition and circulation of medical knowledge within the Early Modern Portuguese Colonial Empire”, em *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, org. Daniela Bleichmar, Paula de Vos e Kristin Huffine (Stanford, Calif: Stanford Univ Press, 2009); Cristiana Bastos, “Corpos, climas, ares e lugares: Autores e anónimos nas ciências da colonização”, in *A circulação do conhecimento: Medicina, redes e impérios*, org. Renilda Barreto e Cristiana Bastos (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2013), 25-58; Timothy Dale Walker, “The Medicines Trade in the Portuguese Atlantic World: Acquisition and dissemination of healing knowledge from Brazil C. 1580-1800”, *Social History of Medicine* 26, 3 (1 ago. 2013), 403-31; Palmira Fontes da Costa e Henrique Leitão, “Portuguese Imperial Science, 1450-1800: A historiographical review”, em *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, org. Daniela Bleichmar, Paula de Vos, e Kristin Huffine (Stanford, Calif: Stanford Univ Press, 2009), 45-53.

1 As narrativas inicianas entre enfermidades e carestias na Carreira da Índia (Séculos XVI e XVII)

Coisa era para não poder conter as lágrimas de lástima, quem visse como estavam e as queixas e lástimas que diziam, todos desfigurados, que pareciam a mesma morte. Pe. Fernando de Alcaraz, 1566¹.

Pe. Alessandro Valignano (1539-1606) partiu de Lisboa para a Índia, em março de 1574, com mais 40 padres e irmãos repartidos em cinco embarcações. Em sua carta, declarou uma única queixa da viagem, como era comum, que, nos primeiros dias, todos marearam bastante e evacuaram a cólera e o humor supéfluo. Nos quatro meses em que esteve no mar, não soube o que era tempestade ou doença e que todos que já haviam feito a viagem se admiraram de tão próspera jornada². Tamanha bonança não era a regra das viagens na Carreira da Índia e tampouco certeza nas embarcações das rotas pelo Atlântico Sul.

Apesar da sua própria vivência, não escaparam ao padre os perigos da navegação. Em sua obra intitulada *Historia del principio y progreso de la Compania de Jesús en las Indias Orientales: 1542-64*, retratou com minúcias os temores e trabalhos dos portugueses nas viagens para o Oriente. Caracterizou a epopeia portuguesa como “sem nenhuma contradição a maior e mais árdua de quantas há no descobrimento”. E, de modo comum a outros autores, enumerou os diferentes temores da viagem: as tempestades; os bancos de areia e arrecifes; os incêndios; os corsários, especificamente, os franceses, naqueles tempos chamados de “ladrones e hereges”³.

Pe. Sebastião Gonçalves pintou com tenebrosas tintas o quadro sobre os perigos das navegações através do Atlântico e do Índico. Além do mencionado pelo Pe. Alessandro Valignano, elencou os problemas com os mastros quebrados, as rupturas nas estruturas da nave e a sede nas calmarias na costa da Guiné⁴. Narrou, quase poeticamente, a passagem pelo Cabo “Tormentoso” e pela terra de Natal, com suas “furiosas ondas”, que “mostram as quilhas, e quando tornam do alto, ficam sepultadas no abismo, que parece nunca mais haverem de tornar”

¹ Tradução livre. Joseph Wicki, ed., *Documenta Indica* (Roma: Tipografia Pio X, 1960), vol. 6, 777.

² Wicki, *Documenta Indica*, 1966, vol. 9, 395-6.

³ Alessandro Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compania de Jesús en las Indias Orientales: 1542-64*, ed. Joseph Wicki (Roma: Institutum Historicum; Bibliotheca Instituti Historici, 1944), 9; 15-6.

⁴ Descrevendo as calmarias da costa da Guiné, Ir. Jácome de Braga afirmou que havia uma monção, passados 1 ou 2 graus da Linha, em suas palavras, “em altura de vinte e e tres ou vinte e quatro graus da Linha para o Cabo; porque dahi por diante até o Cabo, lhe servem outros ventos”. As calmarias também podiam trazer grandes enfermidades, como a citada pelo padre Diogo do Soveral aos padres e Irmãos de Portugal (Goa, 05 nov. 1554), que relatou que, depois de passado o Cabo da Boa Esperança: “fazia[m] grandes calmas na linha que tornamos a passar, onde nos adoeceu muita gente, e [a] demais gente que trazíamos adoeceu”. Wicki, *Documenta Indica*, 1954, vol. 3, 112; 1960, vol. 6, 48.

e, deste modo, levavam a seu jazigo “caixões e muitas vezes homens que nunca mais aparecem sem lhe poderem valer”⁵.

As naus deveriam sair de Lisboa entre os meses de março ou, no mais tardar, em abril. Na rota para o Oriente, deveriam buscar conciliar as condições climáticas do Atlântico e as monções do Índico e alcançar Goa em setembro do mesmo ano. A viagem de ida seguia o curso pela Madeira, ilhas Canárias, Cabo Verde, costeando o continente africano até a altura de Serra Leoa, e alcançando a corrente marítima que os impulsionasse até o Cabo da Boa Esperança. Na altura de Moçambique, poderiam seguir por duas distintas rotas, chegando assim na Índia. O retorno era pretendido para fevereiro do ano seguinte, de modo que o trajeto completo da Carreira da Índia decorria em cerca de um ano e meio.⁶ Eram cerca de 4 mil léguas de viagem até a Índia⁷. (Imagem 1)

O curso para o Brasil era, por certo, menor e, de forma geral, contava com melhores probabilidades de sobrevivência e sucesso na viagem. A navegação de Portugal para o porto de Salvador, quando de modo favorável, era feita entre 60 e 70 dias⁸. (Imagem 2) Esperava-se que os pilotos fossem experientes e conhecedores das cartas náuticas, avaliando o trajeto correto e atentando para a época do ano, pois isto poderia significar sucesso ou tragédia⁹.

⁵ Sebastião Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça*, trad. Joseph Wicki (Coimbra: Atlântida, 1957), 66.

⁶ Anthony John Russell-Wood, *Um mundo em movimento: Os portugueses na África, Ásia e América 1415-1808*, trad. Vanda Anastácio (Lisboa: DIFEL, 1998), 45-54; Paulo Guinote, Eduardo Jorge Frutuoso e António Lopes, *As armadas da Índia: 1497-1835* (Lisboa: CNCDP, 2002); Luís de Albuquerque, *Memória das armadas que de Portugal passaram à Índia...* (Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1979).

⁷ Wicki, *Documenta Indica*, 1970, vol. 11, 353.

⁸ Russell-Wood, *Um mundo em movimento...*, 1998, 55-58; José Roberto Amaral Lapa, *A Bahia e a Carreira da Índia* (São Paulo: Hucitec, 2000), 140-1.

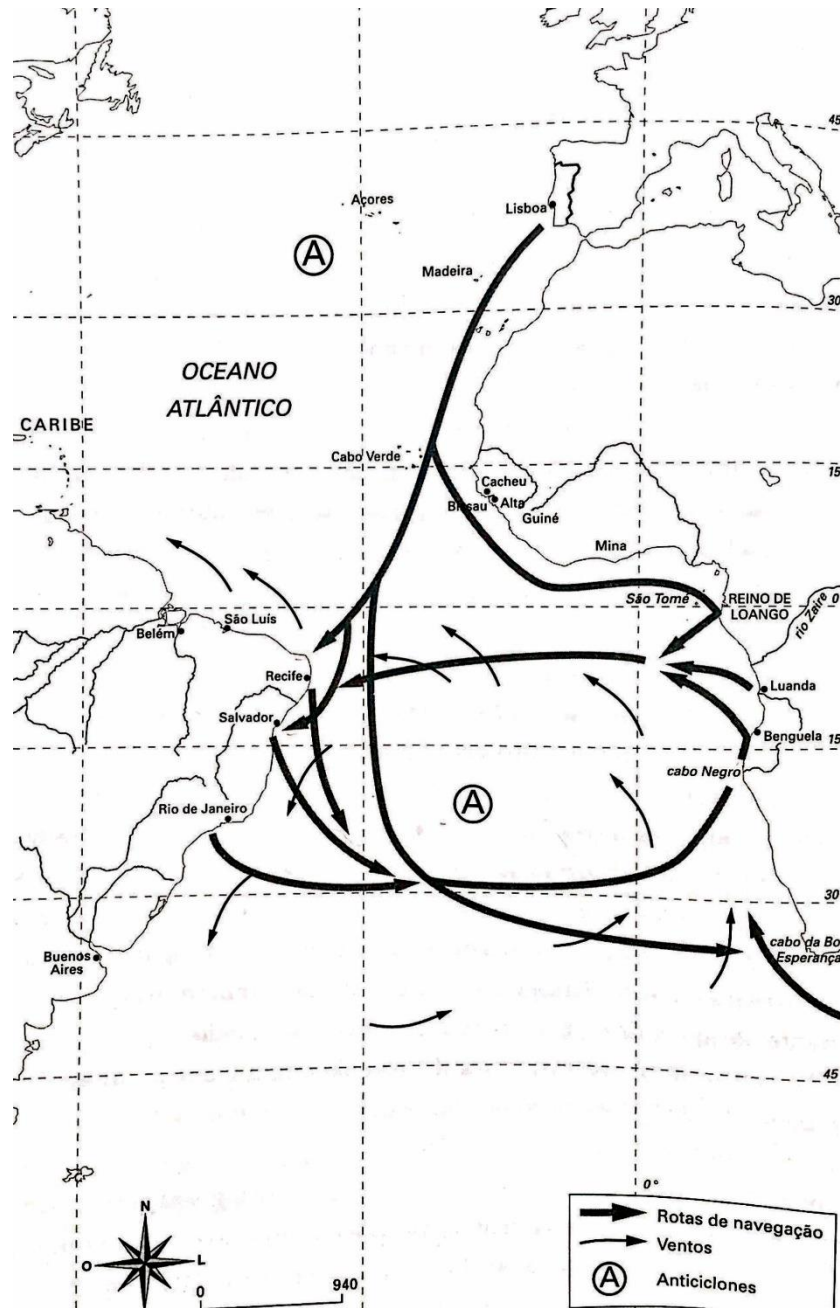
⁹ Charles R. Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825*, trad. Anna Olga de Barros Barreto (São Paulo: Companhia das Letras, 2002), 219-41; Lapa, *A Bahia e a Carreira da Índia...*, 2000, 140; Paulo Guinote, António Lopes, e Eduardo Jorge Frutuoso, *Naufrações e outras perdas da “Carreira da Índia”: Séculos XVI e XVII* (Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998), 37-43.

Imagem 1 – Mapa com os principais sítios indicados na Carreira da Índia



Fonte: Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825*, 2002, 71-72

agem 2 – Rotas do Atlântico Sul



Fonte: Alencastro, *O trato dos viventes...*, 2000, 62

Pe. Sebastião Gonçalves utilizou a comparação de que a nau da Armada das Índias era uma vila, em razão da quantidade de pessoas que transportava¹. Os relatos e os estudos historiográficos corroboram essa opinião. O navegador neerlandês Jan Huygen van Linschoten (1563-1611) estimou que as naus para as Índias Orientais levavam entre quatrocentos e quinhentos homens², já o aventureiro francês François Pyrard de Laval (1570-1621) calculou entre 800 e 900 a 1000 e 1200 indivíduos³. A quantidade de pessoas dependia da tonelagem máxima das embarcações. Entre naus e galeões, a capacidade de carga variava de 400 toneladas, na primeira metade do século XVI, a mais que o dobro, na segunda metade deste mesmo século⁴.

De modo geral, havia a tripulação, que deveria seguir rigorosa hierarquia encabeçada pelo capitão-mor da nau seguido do piloto e demais homens do mar. Viajavam nobres, fidalgos e famílias em passagem para as Índias Orientais, homens de armas (capitães e soldados para a garantia do Estado da Índia) e de negócios, mercadores e oficiais/artesãos de várias naturezas (barbeiros, cirurgiões, boticários, entre outros). Rumava para a Índia, também, a desvalida “arraia miúda”, recrutada forçosamente ou devido à sua pobreza, degredados, outros em busca de melhores condições de sobrevivência e, ainda, escravos⁵. Não podem ser esquecidos os homens da fé: o capelão da nau, membros do clero secular, padres a serviço do Santo Ofício e missionários das mais variadas Ordens Religiosas⁶.

A navegação pode ser configurada como uma trágica epopeia dos tempos modernos, em razão dos seus temíveis (e numerosos) naufrágios⁷. Na historiografia portuguesa, há avultada produção sobre a temática na Carreira da Índia⁸. Tais pesquisas facilitaram a identificação de naus que vieram a naufragar com a presença de inacianos entre os anos de 1550 e 1640⁹. Para

¹ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*, 1957, 66.

² Jan Huygen van Linschoten, *Navigatio ac Itinerarium Iohannis Hugonis Linscotani...* (Hagae-Comitis: Ex officinâ Alberti Henrici Impensis Authoris & Cornelii Nicolai prostanque apud Aegidium Elsevirum, 1599), 3.

³ François Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, org. A. de Magalhães Basto e Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Ed. rev. e actualizada (Porto: Livraria Civilização, 1944), vol. 2, 142.

⁴ Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825...*, 2002, 221-222.

⁵ Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825...*, 2002, 226-230; Vitorino Magalhães Godinho, *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar: Séculos XIII-XVIII* (Lisboa: Difusão Editorial, 1990), 365-9.

⁶ Godinho, *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar...*, 1990, 365-9.

⁷ Sabidamente, também ocorreram naufrágios das naus portuguesas pelo Atlântico Sul, entre os séculos XVI e XVII. Por opção metodológica e em razão do recorte desta pesquisa (assinaladamente os relatos que trouxessem informações sobre a assistência nas embarcações), este capítulo apresentará um maior peso em suas análises sobre a Carreira da Índia.

⁸ Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825...*, 2002; Godinho, *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar...*, 1990; Russell-Wood, *Um mundo em movimento...*, 1998; Lapa, *A Bahia e a Carreira da Índia...*, 2000; Guinote, Frutuoso e Lopes, *As armadas da Índia: 1497-1835...*, 2002; Koiso; Domingues, *História trágica do mar...*, 2009.

⁹ Guinote, Lopes, e Frutuoso, *Naufrágios e outras perdas da “Carreira da Índia”...*, 1998, 37-43; Koiso; Domingues, *História trágica do mar...*, 2009.

essa tese foram destacados os relatos produzidos por missionários sobreviventes, como os padres Manoel Alvares (1526-29?-1571)¹⁰, Pedro Martins (1541-1598)¹¹, Gaspar Affonso (1548-1618)¹² e Jerônimo Lobo (1596-1678)¹³ (Quadro 1).

Quadro 1 – Relatos de Jesuítas em naufrágios de naus da Armada da Carreira das Índias

| Ano do Naufrágio | Nau | Data da Partida | Capitão | Data do naufrágio | Curso | Local do naufrágio | Relatos de sobreviventes |
|------------------|------------------|-----------------|--------------------------|-------------------|--------------------------|--------------------|--------------------------|
| 1555 | Conceição | 04/01/1555 | Francisco Nobre | 08/1555 | Portugal-Índia | Ilha p. banhos | *sem sobreviventes |
| 1561 | S. Paulo | 20/04/1560 | Rui de Melo da Câmara | 22/01/1561 | Portugal-Índia | Samatra | Pe. Manoel Alvares |
| 1585 | Santiago | 13/04/1585 | Fernão de Mendonça | ?25/08/1585 | Portugal-Índia | Baixos da Judia | Pe. Pedro Martins |
| 1596 | São Francisco | 04/10/1596 | Vasco Borges F. Coutinho | 17/11/1597 | Portugal-Brasil-Portugal | Açores | Pe. Gaspar Afonso |
| 1635 | N. Sra. De Belém | 1635 | Joseph Cabreira | 16/?06/1635 | Índia-Portugal | Terra Natal | Pe. Jerônimo Lobo |

Fonte: Guinote, Lopes, e Frutuoso, *Naufrágios e outras perdas da “Carreira da Índia”...*, 1998

Entre os anos de 1551 e 1650, estima-se uma perda de naus da Armada das Índias em 25% (Tabela 1). O período de maiores perdas ocorreu entre 1576 e 1600, avaliadas em quase 30%. As causas apontadas pelos relatos do período são variadas (Tabela 2).

Tabela 1 – Naufrágios de naus da Armada da Carreira da Índia:

| Período | Partida de Lisboa | Perdas Totais | Perdas % |
|--------------|-------------------|---------------|-------------|
| 1551-1575 | 127 | 24 | 18,9 |
| 1576-1600 | 133 | 39 | 29,3 |
| 1601-1625 | 179 | 48 | 26,8 |
| 1626-1650 | 100 | 25 | 25 |
| Total | 539 | 136 | 25,2 |

Fonte: Koiso, “Mar, medo e morte...”, 2004, 241

¹⁰ Wicki, *Documenta Indica*, 1956, vol. 4, 605-631; 1958, vol. 5, 433-478.

¹¹ Wicki, *Documenta Indica*, 1979, vol. 14, 363-411; Martinez, Ragualglio d’um notabilissimo nafragio...”, 2009.

¹² BPE, Cod. CXVI/ 1-16: Gaspar Affonso, *Viagem da Nao S. Francisco, escrita pelo padre Gaspar Affonso, hum dos oito da Companhia, que nela hiamos* (Évora, 1599); Bernardo Gomes de Brito, *Historia Tragico-Maritima...* (Lisboa Occidental: na Officina da Congregação do Oratorio. Tomo primeiro [-segundo], 1735), vol. 1, 315-436.

¹³ Jerônimo Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos*, ed. crítica Manuel Gonçalves da Costa (Lisboa: Livraria Civilização, 1971).

Tabela 2 – Causas dos naufrágios de naus da Armada da Carreira da Índia por período

| Causa | 1551-1600 | | 1601-1650 | |
|-------------------|-----------|------------|-----------|------------|
| | Nº | % | Nº | % |
| Tempestade | 6,5 | 10 | 9,5 | 12,8 |
| Má navegação | 10 | 15,4 | 9 | 12,2 |
| Mau estado | 9,5 | 14,6 | 10 | 13,5 |
| Sobrecarga | 11,5 | 17,7 | – | – |
| Ataque de inimigo | 5,5 | 8,5 | 15,5 | 21 |
| Incêndio | 4 | 6,1 | 6 | 8,1 |
| Desconhecida | 18 | 27,7 | 24 | 38,4 |
| Total | 65 | 100 | 74 | 100 |

Fonte: Koiso, “Mar, medo e morte...”, 2004, 242

Foram indicados tempestades, incêndios, ataques de inimigos, destacando-se o mau estado da embarcação, a má navegação e a sobrecarga¹⁴. No plano das representações, observa-se a presença dos temíveis monstros marinhos, assinalados como grandes perigos para os navegantes. (Imagens 3 e 4)

Os inacianos e viajantes apontavam causas sobrenaturais e de mau agouro para a derrocada e a salvação das embarcações. Poderia, também, fazer parte dos desígnios divinos, como nas palavras do Pe. Pedro Martins sobre a nau Santiago, que, segundo ele, naufragou no ano de 1585 em razão dos muitos pecados dos homens¹⁵. A salvação também poderia ser atribuída à intercessão divina e das relíquias sagradas. Por exemplo, o Pe. Gaspar Affonso levava em viagem um relicário de Roma com “muitas relíquias e insignes, tendo ao meio três cruzes do santo lenho”, e confiava que não padeceria, pois Deus não iria querer perder nos mares coisa tão preciosa¹⁶. Perante o desespero dos homens, Deus poderia enviar “candeinhas” ou um Anjo para guiar a embarcação¹⁷.

¹⁴ Artur Teodoro de Matos, *Na rota da Índia: Estudos de história da expansão portuguesa* (Macau: Instituto Cultural, 1994); Paulo Guinote, António Lopes, e Eduardo Jorge Frutuoso, *Naufrágios e outras perdas da “Carreira da Índia”: Séculos XVI e XVII* (Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998); Koiso; Domingues, *História trágica do mar...*, 2009.

¹⁵ Martinez, *Ragualglio d’um notabilissimo nafragio...*, 2009, vol. 3, 12-13.

¹⁶ BPE, Cod. CXVI/, 1-16, 61: Affonso, *Viagem da Nao S. Francisco...*, 1599.

¹⁷ Esta curiosa passagem da narrativa de Henrique Dias sobre a nau S. Paulo parece aludir ao Corpo Santo ou Fogo-de-Santelmo, muitas vezes registrado nas crônicas de navegação. Estes relatos que, nos dias atuais figuram em textos ufológicos, foram explicados pela Física como fenômenos atmosféricos de descarga eletroluminescente. Ver: Nuno Crato, “Episódio 39: O Fogo-de-Santelmo na Literatura de Viagens”, em *Ciência em Portugal – Episódios* (Lisboa: Instituto Camões, 2003), <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e39.html>; e “Episódio 40: O Lume Vivo que a Marítima gente tem por Santo”, em *Ciência em Portugal – Episódios* (Lisboa: Instituto Camões, 2003), <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e40.html>.

Imagem 3 – *Mapa mundi* por Sebastian Münster (1488-1552), incluindo o “novo mundo”, 1553



Fonte: Münster, *Map of the world including the New World*, 1553,
<http://www.columbia.edu/itc/mealac/pritchett/00generallinks/munster/maps/ma-pworld1553new.jpg>.

Imagem 4 – Detalhes da representação sobre monstros marinhos, por Sebastian Münster, 1600



Fonte: Münster, *Münster's sights and views: some examples from different editions*, s/d,
http://www.columbia.edu/itc/mealac/pritchett/00generallinks/munster/views/aa_views.html.

Seguindo a lógica patriarcal e a moral católica, os desastres poderiam ser atribuídos, também, à presença feminina. Henrique Dias (15-?) narrou que, após o acidente na nau São Paulo, os marinheiros queriam matar todas as mulheres “com outras mil pragas, assim a elas, como aos que consentiam que se embarcasse alguma no Reino”¹⁸. Pe. Manoel Álvares, narrando este naufrágio, afirmou que acreditava estarem recebendo a paga justa pelos seus muitos pecados. Era “coisa de piedade” ver muitas mulheres mortas, afirmando, porém, que estas haviam sido “o maior estorvo que nesta viagem tivemos”. Também defendeu que não se deveria deixar embarcar mulheres para a Índia, “especialmente mulheres solteiras”¹⁹. (Sobre o naufrágio da Nau São Paulo, ver Imagens 5, 6, 7).

É interessante notar que os relatos sobre os naufrágios alcançaram grande popularidade como gênero literário²⁰. Tiveram, também, destacada produção e circulação pela Companhia de Jesus, o que pode ser identificado, por exemplo, na referência feita pelo Pe. Gaspar Afonso sobre a relação do naufrágio da nau Santiago (1585) escrita pelo Pe. Pedro Martins²¹. Havia, ainda, a preocupação de que estas narrativas não desencorajassem o desejo pela missão nas Índias Orientais tanto que, embora tenha descrito em pormenores a febre de frenesi (que será mais adiante descrita e analisada), o Pe. Jerônimo Lobo afirmou que não iria trazer mais casos semelhantes “por não espantar mais ao leitor por esta narração, se acaso tem propósitos de passar e ver estes sucessos da Índia”²².

Os relatos dos naufrágios, com claro tom apologético acerca da Companhia, enalteciram o papel dos missionários como curas da alma. Pe. Sebastião Gonçalves destacou a caridade e o “singular exemplo” dos inacianos náufragos da nau Conceição, em 1555²³. Passando Moçambique, a cerca de 500 léguas de Goa, a embarcação encalhou em uma coroa de areia denominada de “Bayxos de Pero dos Banhos”. Salvaram-se cerca de 300 homens em uma ilha deserta, dentre eles, os padres André Gonzales, Gonçalo Pascoal e o irmão Afonso Lopes. O relato apontou que o capitão Francisco Nobre e mais trinta homens foram em um batel buscar auxílio em Goa. Agravando-se a fome na pequena ilha, os náufragos improvisaram

¹⁸ Brito, *Historia tragico-maritima...*, 1735, vol. ?, 434.

¹⁹ Wicki, *Documenta Indica*, 1958, vol. 5, 441.

²⁰ Sobre os relatos de naufrágios na história, ver: Guinote, Lopes, e Frutuoso, *Naufrágios e outras perdas da “Carreira da Índia”...*, 1998, 18; Kioko Koiso, “Mar, medo e morte: Aspectos psicológicos dos náufragos na história trágico-marítima, nos testemunhos inéditos e noutras fontes” (Cascais: Patrimonia, 2004), vol. 1, 39-57.

²¹ BPE, Cod. CXVI, 1-16, 45: Afonso, *Viagem da Nao S. Francisco...*, 1599.

²² Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos...*, 1971, 149.

²³ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*, 1957, 146.

embarcações com pedaços de madeira e partiram. Ficaram para trás cerca de 200 pessoas dentre as quais os missionários inacianos que justificaram não querer desampará-las de confessores²⁴.

Imagem 5 – Naufrágio da nau São Paulo no “Livro de Lisuarte de Abreu”, 1561²⁵

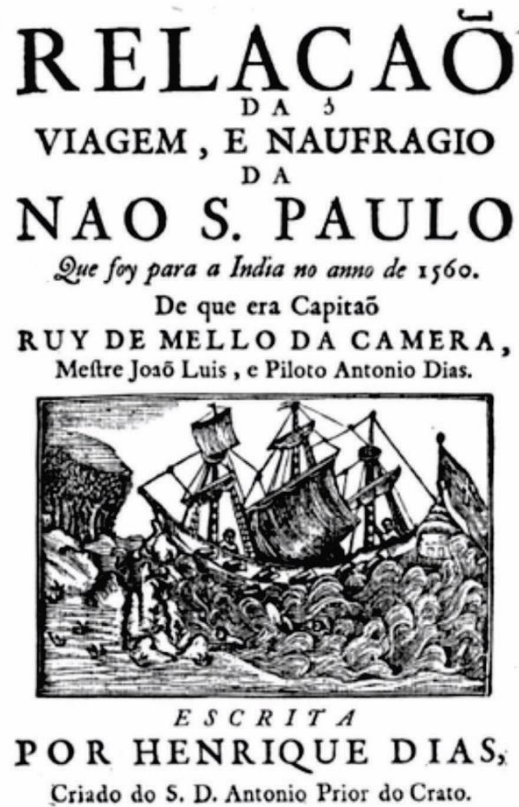


Fonte: Lisuarte de Abreu, *Livro de Lisuarte de Abreu*, coord. J. Soeiro de Brito (Lisboa: CNCDP, 1992)

²⁴ Brito, *Historia tragico-maritima...*, 1735, vol. 1, 169-217; Manuel Rangel, *Relaçam/ do lastimozo naufragio/ da nao Conceiçam/ chamada Algaravia a Nova/ de que era Capitaõ Francisco Nobre/ a qual se perdeo nos bayxos de/ Pero dos Banhos em 22 de Agosto de 1555* (Em Lisboa[?]: na officina de Antonio Alvares, [17-]), 17; Wicki, *Documenta Indica*, 1954, vol. 3, 375-6; 606.

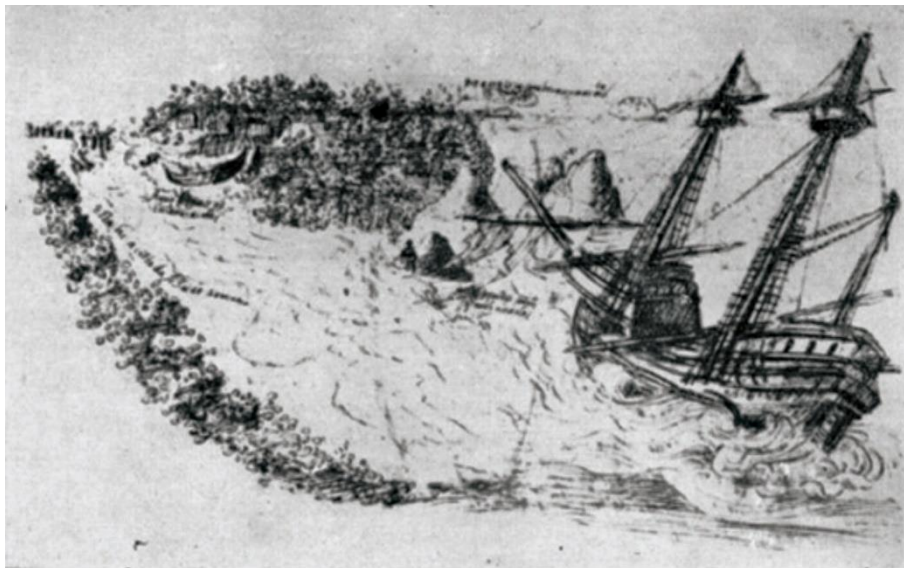
²⁵ O manuscrito, feito por ordem de Lisuarte de Abreu, fez representar as Armadas para as Índias de 1497 a 1567. Detalhe para a representação dos sobreviventes do naufrágio da Nau S. Paulo na Ilha de Samatra e as figuras femininas representadas em desespero (1561).

Imagem 6 – Folha de rosto da *Relação da viagem e naufrágio da Nao S. Paulo* por Henrique Dias



Fonte: Publicado na *História Trágico Marítima* de Bernardo de Brito (1688-1759)

Imagem 7 – Debuxo na carta do Pe. Manoel Alvares (1562) relatando o naufrágio sofrido a bordo da Nau São Paulo



NAVES PROPE SUMATRA (ad p. 441)

In parte superiore ad medium: Por aqui quebrava o mar muito
Ad latus sinistrum: Aqui fizemos as embarcações
Infra: Esta hé a costa da ilha de Samatra
In medio: A estes penedos sairão muitos homens a nado

Fonte: Wicki, *Documenta Indica...*, 1958, 448-9

Segundo o relato anônimo sobre esse naufrágio, quando o socorro chegou à pequena ilha foram encontrados apenas dois portugueses vivos. Os três missionários pereceram, “santamente”, de fome e “nos braços do desamparo”. Os dois sobreviventes narraram que os jesuítas serviram a toda a “pobre gente” no espiritual, “com que nunca lhes faltaram até expirar, & morrer com eles, com raros, & extraordinários exemplos de caridade”²⁶. Nas palavras do Pe. Sebastião Gonçalves:

Mas, como é de crer, daqui passarão ao céu servindo-lhes os trabalhos padecidos com paciência de purgatório, deixando os Padres da Companhia sempiterna memória da excelente caridade que tiveram com os próximos dando as vidas por eles, deixando-nos juntamente singular exemplo do que em semelhantes naufrágios havemos de fazer²⁷.

Uma narrativa, em especial, ganhou destaque nos diversos relatos sobre o naufrágio, a morte do Pe. André Gonçalves: correndo o missionário pela praia para alcançar um caranguejo, “de pura fraqueza caiu, sem mais se poder levantar”²⁸. Os sobreviventes relataram, segundo Pe. Sebastião Gonçalves, que o padre castelhano antes de cair morto disse “Valha-me o Senhor Deus e a Virgem Maria, que estou morrendo de fome”²⁹.

Nem todos os relatos são de tamanha edificação e exemplo. Algumas narrativas evocavam a imagem do Purgatório e as agruras das almas não salvas, conforme apontou Laura de Mello e Souza³⁰ no relato da nau Santiago realizado por Manoel Godinho Cardoso³¹. Na noite escura desse acidente em que a embarcação se lançou contra um baixio de corais próximo a Sofala, no ano de 1585, os religiosos cumpriram piamente o seu papel religioso. Estavam, a bordo, os padres Pero Martinz, Pedro Alvares, João Gonçalves e Vicente Çapata e os Irmãos Manoel Ferreira e Manoel Dias e, ainda, dois missionários da Ordem de S. Domingos, o Inquisidor Thomas Pinto e seu companheiro³².

Segundo a narrativa de Manoel Godinho Cardoso, este naufrágio foi o mais “triste” e de “horrenda figura”, pois os homens “se viam sem nenhuma esperança de remédio, no meio do mar que bramava, com a morte diante dos olhos”³³. Em meio à tragédia, os tripulantes cuidaram em se confessar, mesmo que aos berros, na ânsia de garantir uma boa morte³⁴. Todos estavam

²⁶ Rangel, *Relaçam/ do lastimozo naufragio/ da nao Conceiçam...*, [17-], 21.

²⁷ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*, 1957, 146.

²⁸ Rangel, *Relaçam/ do lastimozo naufragio/ da nao Conceiçam...*, [17-], 21.

²⁹ Tradução livre. Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*, 1957, 146.

³⁰ Laura de Mello e Souza, *O diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial* (São Paulo: Companhia das Letras, 1986), 75.

³¹ BPMP, Manuscrito n° 737: *Relação de vários náufragios* [s.d.], 30-32; Manuel Godinho Cardoso, *Relaçam/ do naufragio/ da nao Santiago,/ & itinerario da gente que/ delle se salvou./ Escrita/ por Manoel Godinho Cardozo* (Em Lisboa: impresso por Pedro Crasbeeck, 1602), 3-4.

³² Wicki, *Documenta Indica*, 1979, vol. 14, 374.

³³ Cardoso, *Relaçam/ do naufragio/ da nao Santiago...*, 1602, 4.

³⁴ Wicki, *Documenta Indica*, 1979, vol. 14, 374; Cardoso, *Relaçam/ do naufragio/ da nao Santiago...*, 1602, 14.

em grandes lágrimas e contrição, com exceção de João, cativo do passageiro Manoel Rodrigues, que fez festa e folgou por passar a ser forro, dizendo “que não devia nada a ninguém”, nadando despreocupadamente como se estivesse no “rio de Lisboa”³⁵.

O que se seguiu ilustra o desespero e o desamparo nos naufrágios. O capitão Fernão Mendonça e alguns tripulantes concordaram em não haver salvação para a embarcação, tampouco para os demais 450 viajantes. Partiram no batel, então, o capitão e mais 50 pessoas, dentre estas todos os religiosos, com promessa de ir buscar ajuda e retornar³⁶. Outros viajantes lograram improvisar jangadas. Segundo a *Relação de vários naufrágios*³⁷ foi um espetáculo dos mais tristes e lastimosos, pois, conforme a maré foi enchendo, os demais náufragos que permaneceram no arrecife foram tragados pelas águas e morreram.

No século XVIII, o relato sobre esse naufrágio e a justificativa para a partida dos missionários foram estampados nas narrativas “das virtudes” dos missionários da Companhia feitas pelo Pe. Antonio Franco (1662-1732). Nesta obra, o padre afirmou que os jesuítas estavam nos pedaços da nau no arrecife e que o piloto mandou chamá-los para partirem e se salvarem e, esses, vendo que as tábuas da embarcação não poderiam durar com a maré e que “tinhamos já a todos confessados, & havia pouca necessidade de nós” e, ainda, considerando que o Senhor poderia desejar “guardar alguns de n[ós] pera a gentilidade da Índia”, decidiram partir³⁸. Contudo, a tragédia humana deste episódio ainda não havia acabado. A pequena embarcação não comportava a todos e, então, concluiu-se que teriam que lançar ao mar, e para a morte certa, cerca de 17 sobreviventes, segundo Manoel Godinho Cardoso que informa que os religiosos não intercederam diante desta decisão dos tripulantes, “por ser negócio mui alheio de suas profissões: & deviam os do conselho entender bem isto[...] o que lhes conveio calarem-se”³⁹.

A morte alcançava a muitos, seja pela tragédia dos naufrágios seja pelas muitas enfermidades a bordo, de modo que, segundo relato do Ir. Gaspar de Castro, do ano de 1588,

³⁵ Interessante a análise feita por Cardoso, de que para tamanha falta de sentimento, o homem deveria ser ou filósofo ou bruto. Em suas palavras: “começou a fazer muita festa, alegrando-se, & comendo dos doces que não faltavam saltou com muito contentamento na água dentro do tanque, que a nau em si recolheu, onde nadando dava muitos mergulhos, zombando dos mais, & dizendo que já era forro, que não devia nada a ninguém, tão seguro & sem medo, como se nadara no rio de Lisboa: donde se vê que os mesmos efeitos obra às vezes nos bárbaros a bruteza, que nos bem instituídos a lição, & philosophia, porque naquele estado para se não mostrar muita tristeza, & sentimento, era necessário que fosse um homem, ou filósofo, ou bruto”. Cardoso, *Relaçam/ do naufragio/ da nao Santiago...*, 1602, 14.

³⁶ Wicki, *Documenta Indica*, 1979, vol. 14, 377; Cardoso, *Relaçam/ do naufragio/ da nao Santiago...*, 1602, 20.

³⁷ BPMP, Manuscrito n° 737: *Relação de vários náufragos* [s.d.].

³⁸ António Franco, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal...* (Evora: na Officina da Universidade, 1719), 288.

³⁹ Cardoso, *Relaçam/ do naufragio/ da nao Santiago...*, 1602, 23, 26-7.

poderia ser feito um memorial com “estações” dos padres e irmãos que pereceram na Carreira da Índia e Rotas Atlânticas, mortos por corsários, naufrágios e doenças, nas “sepulturas dos da Companhia que neste mar estão sepultados”⁴⁰. Naquilo que, notadamente, interessa a esta tese, não eram poucas as enfermidades, como será analisado a seguir.

1.1 Descrições das enfermidades

Pe. Alessandro Valignano afirmou que, nas embarcações, a morte era muito presente o que atribuiu às “graves enfermidades que correm” pelas quais acontecia de morrer a maior parte da gente. Enumerou que morriam, em uma só embarcação, entre 200 e 400 pessoas, ficando esta destroçada e abandonada, por vezes, sem ter quem a pudesse governar. Segundo o padre, era “coisa lastimosa” ver, a cada dia, serem lançados homens ao mar, especialmente estando todos fracos e doentes⁴¹. O Pe. Sebastião Gonçalves considerou que, nas embarcações, a saúde era “incerta”⁴² e afirmou que isto se devia a ser tanta a gente e as viagens tão “compridas” que não faltavam as muitas doenças⁴³.

As doenças foram destacadas na historiografia sobre a Carreira da Índia⁴⁴. Nos relatos dos jesuítas, a maior parte das menções a esse respeito apenas aponta que “adoeceu muita gente”, de “grandíssimas enfermidades” o que, por vezes, era tão grande e universal que não poupava nem grande nem pequeno⁴⁵. Através da pesquisa e da tabulação de dados encontrados, principalmente, nas correspondências dos inicianos, foi observada uma prevalência de males como “mal das gengivas”, febres, dor no estômago e “peste”.

A análise dos relatos inicianos e dos viajantes sobre as doenças e a identificação das enfermidades encontra alguns problemas metodológicos. Conforme apontou Lindemann, os historiadores correm grande risco na tentativa de “retrodiagnosticar”, uma vez que a busca pela

⁴⁰ Wicki, *Documenta Indica*, 1981, vol. 15, 131.

⁴¹ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 15-16. A respeito de lançarem os corpos ao mar, Pyrard de Laval relatou que os portugueses diziam que os corpos lançados ao mar na viagem para a Índia, todos boiavam, e ficavam com a cabeça para o ocidente e os pés para o oriente, e que mesmo que passasse onda, ainda assim tornariam. “Deixo a causa disto à investigação dos mais curiosos naturalistas”. Afirmou que entre os franceses isso não se observava, porque lançavam os corpos com um peso para fazer afundar. Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, vol. 2, 154.

⁴² Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos...*, 1971, 67.

⁴³ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*, 1957, 66.

⁴⁴ Francisco Contento Domingues, e Inácio Guerreiro, *A vida a bordo na carreira da Índia: Século XVI* (Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1988), 209; Russell-Wood, *Um mundo em movimento...*, 1998, 185-191; Guinote, Lopes, e Frutuoso, *Naufrágios e outras perdas da “Carreira da Índia”...*, 1998; João José Cúcio Frada, *A vida a bordo das naus na época moderna* (Lisboa: Edições Cosmos, 1997).

⁴⁵ Wicki, *Documenta Indica*, 1954, vol. 3, 112; 1956, vol. 4, 617; 1958, vol. 5, 41.

correspondência atual pode conduzir a interpretações errôneas⁴⁶. Além disto, há a dificuldade em distinguir as doenças (enquanto “entidade biológica”) e as enfermidades (“aquilo de que nos apercebemos, a sua definição”)⁴⁷. Deste modo, compreendendo não ser de competência desta tese criar diagnósticos, em todas as análises, as informações foram coligidas seguindo a designação na fonte.

Os relatos indicam que os flagelos nas naus se faziam sentir desde os primeiros dias da navegação. O enjôo era muito comum, conforme notado anteriormente na carta de Valignano⁴⁸. O Pe. Andrea Galdemas, em uma carta enviada de Goa, em 4 de novembro de 1556, afirmou que, logo no início, os corpos apresentavam “sinal de miséria, dor de cabeça, muito vômito, febres”, acometendo, com mais severidade, alguns. Para o padre, quanto mais fortes em espírito, mais fraqueza da carne, “como imitação do nosso General, Salvador e Deus, nosso Jesus Cristo”. Sob esta lógica, o Pe. Manoel Fernandes devia ser muito forte em espírito, pois relatou ter enjoado mais de dois meses na Armada de 1555⁴⁹. Muitos eram os que ficavam turbados, colocando “água do estômago”, segundo relatou o Pe. Manoel Alvares, da Bahia, em 1560⁵⁰.

Para o Pe. Jácome de Braga, que esteve a bordo da nau S. Felipe na armada de 1562, a explicação do “mareamento”, como também chamavam os enjoos, era uma lição divina moralizadora. Nas palavras do missionário, “este movimento que houve nos corpos, do enjoamento do mar” era o modo que Nosso Senhor havia feito para “mover as almas”. Deste modo, em meio à angústia interna, os indivíduos buscariam se confessar e conhecer “os enganos e vaidades da vida”, pois, muitos se confessavam e diziam em contrição que “se souberam que tal havia de passar, que nem pela riqueza de toda a Índia não se meterão em mar, e que por derredeiro não havia melhor coisa que servir a Deus”. O mareamento seria, assim, um artifício benevolente de Deus para resgatar ímpias almas⁵¹.

O mal acometia, também, os que seguiam para o Brasil, como relatou, por exemplo, o Ir. Sebastião de Pina, que viajou enjoado, sem nem mesmo aguentar-se de pé até, pelo menos, a altura das Canárias, cerca de duas semanas de viagem⁵². Vale notar que a proporção de relatos sobre enfermidades nas viagens do Reino para o Brasil se mostrou menor, embora não sejam ignoradas ou estejam ausentes nos relatos inicianos. Pe. Brás Lourenço, por exemplo, relatou

⁴⁶ Mary Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna: Novas abordagens da história europeia*, trad. Carlos Vieira Reis. (Lisboa: Repliação, 2002), 21-22.

⁴⁷ Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna...*, 2002, 8.

⁴⁸ Wicki, *Documenta Indica*, 1966, vol. 9, 395-6.

⁴⁹ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica*, 1954, vol. 3, 503; 274.

⁵⁰ Wicki, *Documenta Indica*, 1956, vol. 4, 613.

⁵¹ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 47.

⁵² Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1960, vol. 4, 24-25.

que, durante a viagem, apenas haviam padecido do mareamento e, no mais, apenas um tripulante havia adoecido⁵³. Em suas palavras: “Tivemos boa viagem, bendito Deus e em dois meses chegamos a esta terra” da Bahia⁵⁴. Por sua vez, para a Índia, foi indicada uma variedade de doenças, enfermidades e males.

Pe. Sebastião Gonçalves enumerou como constantes na Carreira da Índia as seguintes enfermidades: “apostemas, gengivas podres, pernas afistoladas e com humor peçonhento, tão inchadas que mais parecem de elefante que de homem”⁵⁵. Para que se possa compreender alguns dos males mencionados com maior frequência, foram coligidas as descrições, apontando os sintomas e as possíveis terapêuticas a bordo das naus.

(I) Apostemas

Nos herbários e tratados médicos analisados para este estudo, aparecem diferentes grafias e sintomas como: “apostemas frias”, “postemas nas solas dos pés”, “apostema nos olhos”, “apostema pestilencial”, “apostema na garganta”. A partir das descrições apresentadas, “postema” pode ser caracterizada como sintoma e sinal de pestilência ligada ainda a feridas e inchaços epidérmicos⁵⁶. As feridas na pele foram apontadas por Pyrard de Laval⁵⁷ em seus relatos sobre Goa nos quais narrou que, à chegada das naus, a maior parte dos enfermos estava acometida de “úlceras nos pés e nas pernas”.

No segundo livro da *Cirurgia Universal*, o Doutor Juan Fragoso (ca. 1530-1597) afirmou que Apostema era o nome vulgar para tumores e, com base em Avicena (ca. 980 – 1037), a definiu como “uma enfermidade composta de três generos de enfermidades juntas em uma grandeza”: “má compleição”; “má composição” e “solução de continuidade” e caracterizou os sinais para se conhecer um apostema como a “má figura e quantidade, ou grandeza” e, ainda, “dor, calor, dureza, negrura”. Mencionou diferentes gêneros: “Phlegmo, Erysipela, Edema, Scirro”, “carbunco, granos e abscessos”, “hernia ventosa, carnosa, e intestinal”, gangrena, aneurisma, herpes. Dentre as mezinhas medicinais específicas para cada tipo, destacou o uso da lanceta e da cauterização com fogo⁵⁸.

⁵³ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1956, vol. 1, 514-515.

⁵⁴ Tradução livre. Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1956, vol. 1, 515.

⁵⁵ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*, 1957, 66.

⁵⁶ Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, org. Ana Maria Azevedo (São Paulo: Hedra, 2009), 133; Manuel Godinho de Erédia, *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges*, org. John Everaert, J. Eduardo Mendes Ferrão e Maria Cândida Liberato (Lisboa: CNCDP, 2001) 15; 52.

⁵⁷ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, vol. 2, 18.

⁵⁸ Tradução livre. Fragoso definiu má compleição como “uma destemperança, que consiste em calor, ou frialdade, ou humidade ou secura”; má composição como “uma desproporção das partes que compõe um membro”; e, solução de continuidade como “um rompimento das partes que estão juntas e unidas entre si”. Juan Fragoso, *Cirurgia Universal... Y mas otros tres tratados... El primero es, Una suma de proposiciones contraciertos avisos*

O cirurgião Gonçalo Rodrigues de Cabreira em seu *Compendio de muitos e vários remédios de Cirurgia, & outras cousas curiosas*, citou Galeno para afirmar que a apostema da garganta era enfermidade muito aguda e costumava ser letal em apenas 24 horas. O autor aconselhava que se procurasse logo um bom médico e cirurgião para que, entre sangrias e purgas, se expelisse o mau humor que estava no corpo⁵⁹.

(II) Escorbuto

O mal das gengivas, uma das doenças mais presentes na Carreira da Índia, foi imortalizada por Luís de Camões que a descreveu como “doença crua e feia”, que a muitos desamparava a vida, acabando por padecer em “terra estranha”. Em seus versos:

Quem haverá que, sem o ver, o creia, Que tão disformemente ali lhe incharam As gengivas na boca, que crescia A carne e juntamente apodrecia? Apodrecia com fétido e bruto Cheiro, que o ar vizinho infeccionava. Não tínhamos ali médico astuto, Cirurgião sutil menos se achava; Mas qualquer, neste officio pouco instruto, Pela carne já podre assim cortava Como se fora morta, e bem convinha. Pois que morto ficava quem a tinha⁶⁰.

O mal das “gengivas podres”, conforme denominou o Pe. Sebastião Gonçalves⁶¹, parecia provocar um cenário de hecatombe nas embarcações. Os inacianos atribuíram o mal à má alimentação, pelo consumo excessivo de comidas salgadas, e à falta de água e não à avitaminose. Esta explicação pode ser encontrada em Valignano, que afirmou que o excesso de sal fazia inchar as gengivas de modo tal que causava muito tormento e dor, tanto que alguns não podiam comer e acabavam morrendo⁶².

Esta ideia da ligação da doença com o excesso de sal das carnes foi registrada em um documento datado do século XVII sobre algumas “advertências” para a preparação das naus da Carreira da Índia e o modo de se organizar em viagem. Sobre a alimentação, recomendou-se, expressamente, cuidado com a qualidade e quantidade dos mantimentos na viagem de retorno da Índia. Destacadamente, orientou-se que se colocasse “mais legumes e menos carne salgada”, pois o grande consumo desta última era causa de “muitas doenças e mal de Loanda”⁶³.

de cirugia. El segundo, de las declaraciones acerca de diversas heridas y muertos. El tercero, de los Aphorismos de Hyppocrates tocantes a cirugia. (En Alcalá: En casa de Iuan Gracian que sea en gloria, 1592), 34; 35; 46.

⁵⁹ Gonçalo Rodrigues de Cabreira, *Compendio/ de muitos,/ e varios remedios de/ Cirurgia, & outras cousas curiosas./ Recopiladas do Thesouro de/ Pobres, & outros authores...* (Em Lisboa: na officina de Francisco Villela, 1671), 32-3.

⁶⁰ Luís de Camões, *Os Lusíadas* (Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1972), 81-2.

⁶¹ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*, 1957, 66.

⁶² Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 15.

⁶³ BA, Ms. Av. 54-XIII-15, n° 120: *Advertências sobre o que se deve observar nas viagens das naus da Índia no tocante aos officiais e mais tripulações, soldados, camarotes, carga, mantimentos, assistência aos doentes e procedimento com os falecidos a bordo, barcos salva-vida* (Séc. XVII).

Para o Pe. Fernando de Alcaraz (1532-?), esse mal era a própria imagem da morte, tamanha a desfiguração causada. Putrefata a gengiva, eram estas retiradas com ferros, a pedaços, e a muitos moços caíam os dentes e lhes tiraram toda a queixada apodrecida. O próprio missionário padeceu com o mal e relatou que as suas gengivas tinham inchado tanto que “parecia ter três ordens de dentes na boca”. O tratamento oferecido ao padre foi o mesmo de cortar-se as carnes pútridas e ele temeu, com isto, ficar sem os dentes, “mas N. Senhor os livrou sem que nenhum faltasse”⁶⁴.

O Escorbuto era enfermidade que se levava do mar e das fadigas que lá se padecia, segundo Pyrdard de Laval⁶⁵, que observou que chegavam os navios com 1000 a 1200 homens e que destes não sobravam mais de 200 vivos e quase todos doentes deste mal. O aventureiro francês fez observação bastante detalhada da enfermidade, chegando até mesmo a apontar que participou de uma necropsia, descrevendo os possíveis efeitos no corpo humano e destacando o aspecto ulceroso, escurecido e volumoso das gengivas, os dentes pouco seguros e o “hálito tão fétido e infecto, que ninguém se pode aproximar do enfermo”, sendo possível sentir “o mau cheiro de um extremo do navio ao outro”⁶⁶.

Em princípios do século XVII, como permitem concluir as notas de Pyrdard de Laval⁶⁷ sobre a enfermidade, havia conhecimento empírico sobre o uso de citrinos em sua terapêutica, visto que o francês apontou que os enfermos de escorbuto saravam e tinham alívio com “bons ares”, “boa água” e “bons frutos” dizendo, ainda: “pois observei” que “nesta enfermidade do escorbuto, que é tão frequente no mar, não há mezinha, nem mais certa que os limões, e laranjas, e seu suco”, de modo que os embarcados se proveram de grande sorte destas frutas para “caso de necessidade”.

A respeito da ligação entre o Escorbuto e o consumo de citrinos, Dora de Lima⁶⁸ assinalou que esta compreensão apenas ficou alargada no século XVIII. Debatendo a denominação pela qual a enfermidade ficou conhecida – “mal de Luanda” – diz que tal ligação com a costa atlântica africana e com Angola pode estar associada à imagem de insanidade da terra e às doenças que grassavam nas embarcações do tráfico escravista, moléstias estas ligadas

⁶⁴ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 777; 778.

⁶⁵ Pyrdard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrdard de Laval...*, 1944, vol. 2, 18; 36-37; 151.

⁶⁶ “Quando estávamos na ilha de São Lourenço, morreram desta doença três ou quatro dos nosso, e abrindo-se-lhes a cabeça, achou-se lhes todo o cérebro negro, alterado e podre. Os pulmões ficam secos, e engelados como pergaminho que se chegou ao fogo. O fígado e baço engrossam desmesuradamente, e fazem-se negros, e ficam cobertos de apostemas cheias da matéria mais fétida do mundo”. Pyrdard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrdard de Laval...*, 1944, vol. 2, 325.

⁶⁷ Pyrdard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrdard de Laval...*, 1944, vol. 1, 47.

⁶⁸ Dora de Lima, “Saveurs et savoirs du monde: Circulations et appropriations de fruits tropicaux dans l’empire portugais atlantique v. 1550-v.1650” (Tese de Doutoramento, Université Paris 1/Universidade Nova de Lisboa, 2014), 170; 164-7.

às dinâmicas das redes escravistas, como a captura, as condições extremas no transporte dos cativos e o entendimento intrínseco à lógica escravagista de inferioridade da condição do africano.

(III) Inchaços

Ainda no quadro de composição de horrores a bordo, lugar entre o inferno, de Dante, e o juízo final, de Bosch, os inacianos relataram os inchaços nas pernas “como de elefantes”, nas palavras do Pe. Sebastião Gonçalves⁶⁹. Também o Pe. Fernando de Alcaraz descreveu este mal como inchando tanto as pernas que uma parecia ficar como duas ou três juntas e que estas se tornavam escuras devido à carne que parecia podre⁷⁰. Possivelmente, os inacianos estavam descrevendo a filariose, chamada de “elephancia” (ou elefantíase)⁷¹.

Pernas inchadas, escurecidas e com humores peçonhentos caracterizavam a “maldição de São Tomé” sobre a qual Linschoten⁷² afirmou haver conhecida história na Índia onde se contava que a ira divina havia recaído sobre os descendentes dos que haviam matado o apóstolo São Tomé, na costa do Coromandel (Estado da Índia), colocando em todos o sinal de maldição da perna inchada como a de um elefante. Esta mesma enfermidade já havia sido retratada por Tomé Pires⁷³ (1475-1540?) que afirmou que tanto naires como brâmanes, homens, mulheres e também a “gente baixa”, geralmente a “quarta ou quinta parte de todos”, tinham as pernas inchadas e muito grossas, e vinham a morrer disso “e é coisa feia de ver”, embora não sentissem dor pela enfermidade.

(IV) Febres

A febre foi sintoma e enfermidade considerada universal, sendo bastante frequente nos relatos inacianos. Segundo o médico Francisco Morato Roma⁷⁴ (1588-1668), em seu tratado

⁶⁹ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*, 1957, 66.

⁷⁰ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 777.

⁷¹ No dicionário de Bluteau, foi descrita uma enfermidade com características semelhantes às relatadas pelos inacianos por nome de “Elephancia”, em alusão ao elefante. Em suas palavras: “Assim como o elefante é grande de corpo, de aspecto terrível, de cor escura, de couro aspero, e sem cabelo, mas só com uma especie de lanugem cheio de cortaduras atravessadas, e profundas, com tumores crassos, e veas largas, e com todos estes desconcertos não deixa este animal de viver muito, assim os que padecem este morbo chamado elephancia, se fazem corpulentos, com os muitos inchaços, que lhe vem ficam feios e ediondos com a pele em muitas partes rasgadas, em todas as partes do corpo lhes cai o cabelo, e ainda que o mal os vá fazendo em pedaços, não os mata em breve tempo, mas para mais os atormentar, lhes dialata a vida”. *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 9, 363.

⁷² Linschoten, *Navigatio ac Itinerarium Iohannis Hugonis Linscotani...* 1599, 18.

⁷³ Tomé Pires, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, org. Armando Cortesão (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1978), 175.

⁷⁴ Francisco Morato Roma, *Luz da Medicina, pratica racional, e methodica, guia de infermeiros, directorio de principiantes* (Lisboa: officina de Henrique Valente de Oliveira Impressor del Rey Nosso Senhor, 1664), 377-412.

sobre as febres “simples, podres, pestilentas e malignas”, estas podiam ser identificadas com distintos sintomas e curadas com as terapias consideradas por ele apropriadas, afirmando, ainda, que havia as febres diárias, que eram “ordinariamente[...] de causas externas, como são grandes, & repetinos movimentos, assim corporais como do ânimo” e, ainda, a “Hectica”, que era a febre habitual, que acometia as partes sólidas do corpo, como nervos e carnes⁷⁵.

As febres poderiam também ser podres, quando os humores fétidos “cometem o coração por intervalos”. Eram estas: (1) terçãs, que eram provocadas pelo sangue colérico apodrecido nas veias e que se tornavam mais rigorosas no terceiro dia; (2) “cotidiana continua” que, “por causa o sangue fleimático que apodrece detrás nas veias, & tem todos os dias suas exarcebações”; (3) quartã, que “tem exarcebações quatro dias”, pelo sangue que “apodrece dentro nos ramos da veia cava, & as causas externas que geram humores melancólicos”⁷⁶. Havia, ainda, as febres pestilentas, cuja causa principal era,

[...] a corrupção do ar, por falta da ventilação, como diz Hipocrates, o qual muitas vezes se corrompe com as evaporações dos lugares imundos das lagoas águas podres & detidas cloacas, & outras imundicias; corpos mortos, & desenterrados. As mudanças repentinas do tempo, & as grandes intemperanças do ar, ou seja nas qualidades manifestas, como é no quente, & úmido, & todos mais excessos nas primeiras qualidades são inimigos da natureza, ao que ajudam muito os influxos das estrelas⁷⁷.

As descrições mais trágicas nas embarcações eram referentes às chamadas “febres de frenesi”, que deixavam os viajantes como se estivessem doidos. Na descrição do Doutor Francisco Morato Roma, era “uma inflamação das tunicas que vestem o cérebro, as quaes inflamadas fazem febre contínuas, co[m] continuo desvario”⁷⁸. O boticário Henrique Dias relatou que iam embarcados “duas duzias” de doentes de febres. E eram estas tão “rijas”, que:

[...] em dando à pessoa, a desatinava, de maneira que falava, e fazia mil doidices e desatinos, uns muito para rir, e outros de muita lástima, e para chorar; e assim houve muitos que com a frenesia se foram deitar no mar, se os não tiveram, e ataram uns com os outros⁷⁹.

Pe. Fernando de Alcaraz relatou que havia 146 doentes com as “febres com frenesis”, de maneira “que em este tempo nunca faltavam doidos na nau”. Descreveu que as febres tinham duração de cerca de oito dias e que, em geral, as pessoas recaíam mais de três vezes e afirmou que ele próprio recaiu duas vezes, o Pe. Dionisio apenas uma, e o Pe. Cabral passou o tempo todo com a febre. As febres foram apontadas como causadoras de grande mortandade⁸⁰. Segundo o Pe. Pedro Bonaventura⁸¹, das 600 pessoas na embarcação, não restaram mais de

⁷⁵ Morato Roma, *Luz da Medicina...*, 1664, 378, 383.

⁷⁶ Morato Roma, *Luz da Medicina...*, 1664, 387, 388-9.

⁷⁷ Morato Roma, *Luz da Medicina...*, 1664, 407.

⁷⁸ Morato Roma, *Luz da Medicina...*, 1664, 186.

⁷⁹ Brito, *Historia tragico-maritima...*, 1735, vol. 1, 360.

⁸⁰ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 39

⁸¹ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 455.

vinte sadias e, ainda segundo o padre, era tão grande a mortalidade que, por dia, era comum falecerem entre seis e nove viajantes.

Em meados do século XVI, Pe. Antonio Quadros relatou que, passado o Cabo da Boa Esperança, muitos começaram a adoecer e que um homem que veio a falecer, acometido pelos “frenesis”,

[...] quis-me levar consigo para o outro mundo, porque saltou aos coices comigo, dizendo: ‘ladrões, ladrões’. Deitou-me com os coices a porta da cama; quase que me houvera de acabar, se com a força dos coices que me deu não despregara as táboas donde se tinha a porta⁸².

Conforme apontado nos relatos, também os missionários eram acometidos pelas enfermidades já mencionadas. As febres, enjoos, o mal das gengivas e inchaços aparecem de modo recorrente nas correspondências. Vale observar que, de modo a enlevar os atos caritativos e os padecimentos sofridos como uma espécie de martírio, alguns relatos apontam que os inacianos haviam adoecido pelo excesso de trabalho. Como apareceu, por exemplo, na narrativa do Pe. Baltasar Teles (1596-1675)⁸³ sobre os missionários da armada de 1551 quando o Pe. Emanuel de Moraes, sendo enfermeiro na nau, adoeceu de “puro trabalho” assim como o Ir. Jorge Nunes, que estava na nau capitania, e, por este mesmo motivo, veio a falecer.

Francisco Rodrigues da Silveira⁸⁴ (1558-1634), soldado da milícia da Índia entre 1585 e 1598, mencionou, além da corrupção das gengivas, das febres pestilentas, “o fluxo do ventre”⁸⁵ e outra “grande copia de enfermidades que muitas vezes consomem na viagem a maior parte”. As causas, segundo suas palavras, eram:

[a] malicia da diversidade dos ares e climas por onde passam, como na pestífera corrupção que nos corpos se gera com água infeccionada, mantimentos podres e de péssima qualidade, que os infernais ministros do provimento em Lisboa metem nelas; e também da fome, que tendo por provimento d’el-rei prover-se cada nau por sete meses as não proveem senão por cinco, com que depois vêm a perecer os miseráveis, se na viagem põe mais tempo, como de ordinário acontece⁸⁶.

Em meio a tantas enfermidades e pestilências nas embarcações, cabe a indagação sobre as suas causas. Embora a sua etiologia escape ao propósito e área desta tese, muitos dos relatos, como o do soldado Francisco Rodrigues da Silveira, apontam as razões para as enfermidades e pestilências, possibilitando discutir elementos da Medicina Ocidental no período. As

⁸² Wicki, *Documenta Indica*, 1954, vol. 3, 398.

⁸³ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal; e do que fizeram, nas conquistas d’este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso Fundador* (Em Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1645), vol. I, 544; 546.

⁸⁴ Francisco Rodrigues da Silveira, *Memórias de um soldado da Índia* (Lisboa: Imp. Nac.; Casa da Moeda, 1987); Guinote, Lopes, e Frutuoso, *Naufrágios e outras perdas da “Carreira da Índia”...*, 1998, 403-404.

⁸⁵ O fluxo do ventre pode ser identificado como disenteria ou diarreia severa. No dicionário de Bluteau foi descrito como “fluxo de humores superfluos, que a natureza descarrega por camas, ou diarreia”. *Vocabulário portuguez e latino...*, 1712, vol. 4, 147.

⁸⁶ Silveira, *Memórias de um soldado da Índia...*, 1987; Guinote, Lopes, e Frutuoso, *Naufrágios e outras perdas da “Carreira da Índia”...*, 1998, 403-404.

explicações podem ser distribuídas em dois grupos: (1) a corrupção dos ares e climas; e (2) as condições de sobrevivência nas viagens (alimentação; água; cansaço).

Em sua primeira viagem para o Reino, em abril de 1621, Pe. Jerônimo Lobo relatou que, na altura da Costa da Guiné, começou a crescer o número de doentes de tal modo que, dos 900 que estavam embarcados, poucos foram os que “não experimentassem a for[ç]a do mal”. As febres eram tão malignas que, em quatro ou cinco dias, davam fim à vida dos viajantes. O autor enumerou as causas de tamanho padecimento: (1) a permanência longa na Guiné, que era “paragem e clima tão doentio”; (2) muita gente embarcada e a nau estar com ar corrupto devido às 300 pessoas que lá haviam morrido no ano anterior (o que piorou com o calor); e (3) “a mais urgente” foi a má qualidade dos mantimentos “ruins e corruptos”⁸⁷.

O primeiro elemento a ser destacado na narrativa do Pe. Jerônimo Lobo e que poderia escapar por uma aparente obviedade é o de que as enfermidades e pestilências tinham causas naturais. Mais que isto: os males que acometiam os corpos poderiam ser explicados por uma certa racionalidade. Este foi o cerne da formação da área da Medicina no Ocidente e sua pretensa e mais aparente distinção da Magia e da Religião⁸⁸. Contudo, não se pode desconsiderar a sobrevivência das explicações pelo sobrenatural e a crença nos desígnios divinos como responsáveis pelos males no período moderno e ainda hoje⁸⁹. Pe. Fernando de Alcaraz, por exemplo, creditou a pestilência que acometeu a nau das Chagas em que viajava para as Índias Orientais como castigo divino em razão dos pecados dos homens⁹⁰.

Nota-se, nas palavras do Pe. Jerônimo Lobo, alguma convergência com as teorias médicas hipocrático-galênicas. Isto se faz notar no trecho destacado do Pe. Jerônimo Lobo, se fazem notar não somente por este indicar uma causa racional para a malignidade da febre, mas pelos fatores que enumera: a terra; o clima; os ares; os alimentos. O inaciano apontava, assim, um axioma atribuído ao *corpus* hipocrático para a origem das doenças: os lugares, os ares, a água e os mantimentos causavam o desequilíbrio dos corpos⁹¹.

No Capítulo III, será mais detidamente analisada a importância do clima (e a ideia de Zona Tórrida) no tocante às enfermidades e pestilências nas terras de missão. Interessa, por ora, o conceito de “ares corruptos”. Esta ideia foi apontada pelo Doutor Francisco Franco (1515?-

⁸⁷ Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos...*, 1971, 144-145.

⁸⁸ Lawrence I. Conrad, ed, *The Western Medical Tradition: 800 BC to AD 1800* (Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1998), vol. 1, 23.

⁸⁹ Keith Thomas, *Religião e o declínio da magia: Crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*, trad. Denise Bottman e Tomas Rosa Bueno (São Paulo: Companhia das Letras, 1991), 155-234.

⁹⁰ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 777.

⁹¹ Regina Andrés Rebollo “O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: De Cós a Galeno”. *Scientiae Studia* 4, 1 (2006): 45-81.

?), médico do Sereníssimo Rei D. João III (1502-1557) e professor catedrático da Universidade de Sevilha, em sua obra sobre as “enfermedades contagiosas”. Mencionando os escritos do “Filósofo” Hipócrates (460 a.C. – 370 a.C.), o médico apontou, além de outras causas, que as doenças eram originadas do apodrecimento e do calor natural produzido pelo ar exterior nos corpos. Os ares corrompidos eram responsáveis por causar enfermidades “particulares” e, principalmente, as “universais” (ou pestilentas). A destemperança dos ares era considerada um prognóstico de pestilência, assim como a fome e os corpos mortos em batalhas⁹².

Estes princípios hipocráticos podem ser encontrados nos relatos do Pe. Juan Batista de Ribeira sobre as enfermidades na nau Esperança, na Armada de 1565. Passando próximo à Linha, os “continuos vapores e exalações que ali há, tanto da terra ainda que distante”. Como o ar, segundo o inaciano, era muito contagioso e doentio, “Deus Nosso Senhor” foi servido em visitar a gente com febres fortes e agudas. A doença começou a aumentar e “fazer raízes”, de modo que, em alguns dias, havia poucos que estavam sadios. Quando chegaram ao Cabo da Boa Esperança, já haviam lançado ao mar 80 pessoas e o mal avançava com o ar que “ia mui corrupto, a sujidade e o fedor da nau”⁹³.

A ideia da corrupção dos ares estava imbricada ao medo da pestilência e do contágio. Nas palavras do doutor Francisco Franco⁹⁴, o ar podre ia direto ao coração, como veneno. O contágio foi explicado pelo médico como um “vapor quente e úmido”, que, pouco a pouco, faz seu trabalho sem que seja sentido. Esta não era a única explicação sobre o contágio. O próprio catedrático mencionou a obra sobre doenças contagiosas de “Hieronymo Fracastorio”, melhor dizendo, o médico Girolamo Fracastoro (1478-1553)⁹⁵. Nos famosos poemas sobre o *Morbo Gallicus* (sífilis), o contágio foi traduzido como semente, ou germens, “pequenas coisas vivas e invísiveis”⁹⁶.

A Peste, no século XIV, e, posteriormente, a epidemia da Sífilis, entre fins do século XV e XVI, fizeram surgir, na Europa Ocidental, uma diferente sensibilidade sobre os corpos, a doença e a morte⁹⁷. A matéria putrefata, em decomposição e fétida estava associada aos “maus ares” ou “miasmas” causadores da peste, de modo que se acreditava que os excrementos e

⁹² Francisco Franco, *Libro de enfermedades contagiosas y de la preseruacion dellas* (Seuilla: por Alonso de la Barrera, 1569), f. IV-V; XV.

⁹³ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 533.

⁹⁴ Tradução livre. Franco, *Libro de enfermedades contagiosas...*, 1569, f. IVv; LXIV.

⁹⁵ Conrad, *The Western medical tradition...*, 1998, vol. 1, 263; Georges Vigarello, *História das práticas de saúde: A saúde e a doença desde a Idade Média* (Lisboa: Editorial Notícias, 2001), 51.

⁹⁶ Vigarello, *História das práticas de saúde...*, 2001, 51.

⁹⁷ Vigarello, *História das práticas de saúde...*, 2001, 44-47; Alfred W. Crosby, *El intercambio transoceánico: Consecuencias biológicas y culturales a partir de 1492*, prólogo Otto von Mehring, trad. Cristina Carbó (México: Univ. Nac. Autónoma de México, 1991), 129-64.

transpirações dos corpos doentes poderiam contaminar a atmosfera⁹⁸. Uma maçã ruim poderia apodrecer todo o cesto, segundo a alegoria do doutor Franco⁹⁹ ou, até mesmo, o “mal odor” do suor de corpos negros, segundo o médico, em uma apreciação de teor europeu senhorial.

A esse respeito, Ir. Gaspar de Castro descreveu uma enfermidade, nas proximidades do Cabo Verde, no ano de 1588, cujos sintomas eram “dor de olhos, febre grande, e tabardilho¹⁰⁰ com pintas tão pestilenciais que em poucos dias matava, e desta doença morreram alguns 25”¹⁰¹. A nau Nossa Senhora de Belém, segundo relato do Pe. Jerônimo Lobo, tinha os ares corrompidos pelos 300 mortos da viagem do ano anterior. As embarcações, com suas muitas doenças, por vezes lotadas de pessoas, à mercê dos calores e vapores, eram espaços bastante propícios ao surgimento de enfermidades contagiosas e pestilentas. Tornando às causas apontadas pelo padre, a mais “urgente” era a corrupção dos alimentos¹⁰².

Observa-se, nos relatos, que, nas viagens, a maior parte das queixas dizia respeito à carestia e à má qualidade dos alimentos ao longo do percurso. Por certo, este incômodo era agravado pela duração das viagens, pela quantidade de pessoas a bordo e pela pobreza dos viajantes. Pe. Valignano¹⁰³, por exemplo, narrou que, muitas vezes, os desvalidos sofriam ainda mais por causa da sede e afirmou que, por não terem levado suas jarras individuais para guardar a regra do dia, bebiam tudo a um só tempo.

As naus eram “liberalmente” providas por dotação régia, segundo a opinião do Pe. Valignano. Todos, ainda nas letras do inaciano, recebiam sua ração ou regra – biscoito, carne, pescado, água e vinho – artigos com os quais um homem poderia passar a vida¹⁰⁴. Pyrard de Laval descreveu que o rei ordenava o sustento de “toda a sorte de provimentos e refrescos” para consumo de “toda a gente em geral desde Portugal até Goa e não mais”¹⁰⁵. Manoel Godinho Cardoso afirmou que a nau Santiago, que partiu na Armada de 1585, era a “mais abastada que se sabe ter passado à Índia”, com itens como vinho, biscoito, queijo (flamengo), marmeladas e conservas¹⁰⁶.

⁹⁸ Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna...*, 2002, 179.

⁹⁹ Franco, *Libro de enfermedades contagiosas...*, 1569, f. I-II, LVIV.

¹⁰⁰ Segundo o Dicionário de Bluteau: “Tabardilho. Doença. vid. Pintas. Parece que se deriva do Latim Tabes, ou do Hebraico Tavah, que val o mesmo q[ue] assinalar ou, pintar com manchas, & nodoas”. Ainda segundo Bluteau, a doença foi inicialmente identificada na Ilha de Chipre em 1505, com episódios em 1508 e 1540, passando para Itália, França e Castella posteriormente. *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 8, 5.

¹⁰¹ Wicki, *Documenta Indica*, 1981, vol. 15, 133.

¹⁰² Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos...*, 1971, 144-145.

¹⁰³ Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 12-13.

¹⁰⁴ Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 12.

¹⁰⁵ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 147.

¹⁰⁶ Cardoso, *Relaçam/ do naufragio/ da nao Santiago...*, 1602, 5; 19.

Os estudos sobre as navegações e a vida a bordo trazem interessantes análises sobre a alimentação. A partir das investigações de Godinho, Matos e Guinote et al. foi possível aventar os itens, proporções e variáveis, nas rotas marítimas, da porção diária de soldados e homens de mar. Dentre os itens básicos, encontra-se biscoito, carne salgada, peixe (pescada), azeite, vinagre, vinho e água. Foram identificados, ainda, dentre os mantimentos embarcados: açúcar, alho, ameixas, amêndoas, cebola, farinha de trigo, lentilhas, mel e mostarda¹⁰⁷.

Estes itens foram listados em *Rol dos mantimentos que os contratadores hão de embarcar este anno de 1603 na nao Salvador para as 220 pessoas das armas e 110 de navegação*¹⁰⁸; *Folha de gente d'armas & navegação, Artilharia, Polvora, Moniçõis, e Mantimentos que vão embarcados nos tres galiões de Malaca & duas naos da India que partirão deste porto de Lisboa em 13 de Março de 1605*¹⁰⁹ e, também, no *Livro em que se contem toda a fazenda e real patrimonio dos reynos de Portugal, India, ilhas adjacentes de sua coroa e outras muitas particularidades* do secretário do Estado Luís de Figueiredo Falcão (1548?-1549?-1631)¹¹⁰.

Quadro 2 – Rol dos mantimentos que os contratadores hão de embarcar este ano de 1603 na nau Salvador para as 220 pessoas das armas e 110 de navegação

| Item – Para as 220 pessoas das armas | Quantidade | Unidade | Valor |
|--------------------------------------|------------|-----------|-------|
| Biscoito para seis meses | | | 550 |
| Carne de vaca ou de porco | 880 ou 440 | arrobas | 440 |
| Pescadas | 183 | dúzias | 183 |
| Azeite ordinario emcascado e ferrado | | | |
| Vinagre a metade ferrado | | | |
| Pipas de agua de sete meses | | | |
| Pipas dagua de 2 meses | | | |
| Farinha | 1 | moio | |
| Sal | 1 | moio | |
| Vimes | 10 | liazas | |
| Grãos | 8 | alqueires | |
| Lentilhas | 6 | alqueires | |
| Amendoas com casca | 6 | alqueires | |
| Ameixas passadas | 6 | alqueires | |
| Mostarda | 2 | alqueires | |
| Açucar | 4 | arrobas | |
| Mel | 4 | arrobas | |

¹⁰⁷ Godinho, *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar...*, 1990, 370; Matos, *Na rota da Índia...*, 1994, 145; Guinote, Lopes, e Frutuoso, *Naufregios e outras perdas da “Carreira da Índia”...*, 1998, 54.

¹⁰⁸ BA, 51-VI-54, fl. 13-14: *Custo de hua nao da India. Anno de 1606* [s.d.].

¹⁰⁹ BA, 51-VI-54, fl. 2: *Custo de hua nao da India. Anno de 1606* [s.d.]; Guinote, Lopes, e Frutuoso, *Naufregios e outras perdas da “Carreira da Índia”...*, 1998, 435.

¹¹⁰ BA, 51-VI-54, fl. 2: *Custo de hua nao da India. Anno de 1606* [s.d.].

| | | | |
|-----------------|-----|--|--|
| Cabos dalho | 440 | | |
| Cabos de cebola | 440 | | |

| Item – Para as 110 da navegação | Quantidade | Unidade | |
|---------------------------------|------------|---------------------|----------------------|
| Biscoito para 10 meses | 451 | | |
| Ovo para oito meses | 41 | | |
| Carne de vaca ou porco | 440 ou 220 | | |
| Pescados | 91 | dúzias e 8 pescados | ou dobro de bacalhau |
| Azeite ordinario | | | |
| Azeite para os lampioes | | | |
| Vinagre | 3 pipas | | |
| Pipas dagua de 7 meses | 74 | | |
| Pipas dagua de 2 meses | 20 | | |
| Farinha | 40 | alqueires | |
| Sal | 1 | moio | |
| Darcos de pipa | 4 | feixes | |
| Vimes | 10 | liazas | |
| Grãos | 6 | alqueires | |
| Lentilhas | 4 | alqueires | |
| Ameixas passadas | 4 | alqueires | |
| Amenodas com casca | 4 | alqueires | |
| Mostarda | 2 | alqueires | |
| Açucar | 4 | arrobas | |
| Mel | 4 | arrobas | |
| Cabos dalhos | 220 | | |
| Cabos de cebolas | 220 | | |

Fonte: *Custo de hua nao da India. Anno de 1606* [s.d.]. BA, 51-VI-54, fl. 13-14.

Quadro 3 – Lista de mantimentos na Armada de 1605

| Item (medida) | Galeão Nossa Senhora das Mercês | Galão São Nicolau | Galeão São Simão | Galeão São Salvador | Nau Nossa Senhora da Palma | TOTAL |
|--------------------------|---------------------------------|-------------------|------------------|---------------------|----------------------------|-------|
| Biscoito (quintais) | 985 | 894 | 960 | 1 036 | 1 387 | 5 262 |
| Vinho (pipas) | 104 | 94,5 | 101,5 | 110 | 147,5 | 557,5 |
| Azeite (quartos) | 18,5 | 16 | 18 | 19 | 25,5 | 97 |
| Vinagre (pipas) | 7 | 6,5 | 6,5 | 7 | 9,5 | 36,5 |
| Carne de porco (arrobas) | 660 | 592 | 640 | 700 | 950 | 3 542 |
| Água (pipas) | 284 | 252 | 276 | 301 | 409 | 1 522 |
| Farinha (moios) | 24 | 19 | 14 | 2 | 2 | 61 |
| Sal (moios) | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 10 |
| Grãos (alqueires) | 16 | 16 | 16 | 16 | 20 | 84 |
| Lentilhas (alqueires) | 12 | 12 | 12 | 12 | 16 | 64 |
| Ameixas (alqueires) | 12 | 12 | 12 | 12 | 16 | 64 |
| Amêndoas (alqueires) | 12 | 12 | 12 | 12 | 16 | 64 |
| Mostarda (alqueires) | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 20 |
| Mel (arrobas) | 8 | 8 | 8 | 8 | 8 | 40 |

| | | | | | | |
|------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-------|
| Açúcar (arrobas) | 8 | 8 | 8 | 8 | 8 | 40 |
| Cebolas (cabos) | 660 | 592 | 640 | 700 | 950 | 3 452 |

Fonte: *Custo de hua nao da India. Anno de 1606* [s.d.]. BA, 51-VI-54, fl. 13-14; Guinote, Lopes, e Frutuoso, *Naufrágios e outras perdas da “Carreira da Índia”...*, 1998

Quadro 4 – Mantimentos para Soldados e Homens de mar na Carreira da Índia

| Item | 250 soldados | 112 homens de mar | Total |
|-----------------|--------------|-------------------|-----------------|
| Biscoito | 615 | 459 | 1074 quintais |
| Vinho | 72 | 43 | 115 pipas |
| Carne | 750 | 336 | 1086 arrobas |
| Peixe (pescada) | 104 | 46 | 150 dúzias |
| Azeite | 19 ½ | 12 | 31 quartilhos ½ |
| Vinagre | 9 | 4 | 13 pipas |
| Água | 168 | 76 | 244 pipas |
| Água de recurso | 48 | 21 | 69 pipas |
| Sal | 1 ½ | 1 | 2 moios ½ |
| Sardinhas | 80 | 50 | 132 arrobas |
| Grãos | 8 | 6 | 14 alqueires |
| Amêndoas | 6 | 4 | 10 alqueires |
| Ameixas | 6 | 4 | 10 alqueires |
| Lentilhas | 6 | 4 | 10 alqueires |
| Mostarda | 1 | 1 | 2 alqueires |
| Alhos | 500 | 224 | 724 cabos |
| Cebolas | 500 | 224 | 724 cabos |
| Açúcar | 4 | 4 | 8 arrobas |
| Mel | 4 | 4 | 8 arrobas |

Fonte: Falcão, *Livro em que se contém toda a fazenda e real patrimonio...*, 1859, 17

Os inicianos, em suas viagens para as missões¹¹¹, contavam com a provisão real e eram comumente “agasalhados” nas embarcações também por provisão real. Na viagem do Pe. Francisco Xavier (1506-1552) e seus companheiros, na Armada de 1541, eles receberam provisões de D. João III:

[...] dois vestidos a cada um, a saber, um para o mar e outro pera a terra depois de serem na Índia; e dois livros que pedem, se lhes darem os que parecer que lhes podem ser necessários; e assim mais lhes mandarei dar de coisas de boticas, e das outras para seu mantimento as que não puderem escusar para a viagem¹¹².

¹¹¹ A Companhia de Jesus contava com o manto do Padroado Régio e foi muitas vezes dotada com uma série de provisões e esmolos régias que, ao longo da tese, serão, oportunamente, mencionadas e analisadas. Sobre o Padroado Régio e a Companhia de Jesus, cf. Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825...*, 2002, 242-261; Charles R. Boxer, *A igreja militante e a expansão ibérica 1440-1770*, trad. Vera Maria Pereira (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), 97-106; Maria de Deus Beites Manso, *A Companhia de Jesus na Índia 1542-1622: Actividades religiosas, poderes e contactos culturais* (Macau: Editora da Universidade de Macau; Évora: Editora da Universidade de Évora, 2009), 51-66; Célia Cristina da Silva Tavares, “A cristandade insular: Jesuítas e inquisidores em Goa 1540-1682” (Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2002), 99-101; Giuseppe Marcocci, *A consciência de um império: Portugal e o seu mundo, séc. XV-XVII- Investigação* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012).

¹¹² Wicki, *Documenta Indica*, 1948, vol. 1, 3-4.

Na Armada de 1602, a Coroa agasalhou, com “fato e mantimentos”, os 60 missionários que passaram para as Índias Orientais “como se fez aos anos passados tendo consideração a sua Religião há verem de administrar os Sacramentos da confissão aos que o pedirem nas ditas naus”. Ordenou-se que lhes dessem “regra para a viagem, de carne pescado água vinho azeite vinagre”, assim como o trigo necessário para prepararem os biscoitos¹¹³. Obtiveram, também, esmola real para a feitura dos seus próprios biscoitos, no ano de 1603. Em petição ao Conselho das Índias, o Procurador Geral das Províncias Orientais informou sobre a necessidade de mandar fazer o biscoito para os 16 religiosos que iriam nas Armadas, naquele ano de 1603¹¹⁴. Pedia o procurador que enviassem o trigo do Armazém de Lisboa ou o dinheiro, por esmola. Em 27 de janeiro de 1603, foi registrado que o provedor Miguel Godinho passou 320 alqueires de trigo aos religiosos, na razão de 20 alqueires para cada um para toda a viagem¹¹⁵.

A partir das listagens dos mantimentos apresentadas nos Quadros 3 e 4, observa-se que o biscoito era a principal fonte calórica nas viagens e foi apontado por Pyrard de Laval como o alimento base também nas navegações no Oriente, complementado por arroz com manteiga, açúcar, lentilhas e manga salgada¹¹⁶. Contudo, a depender da rota, o biscoito poderia ser substituído por outro alimento. Na rota do Brasil, por exemplo, muitas vezes, o alimento base era a farinha de mandioca e seus derivados¹¹⁷ que o viajante francês registrou como “mui sadia” e ingerida nas naus em migalhas com carne¹¹⁸. O boticário Henrique Dias relatou que, após o naufrágio da nau São Paulo, haviam conseguido salvar um pouco de mantimentos como vinho, azeite, azeitonas, queijos e um pouco de “farinha de pau do Brasil”¹¹⁹.

¹¹³ ANTT, Cartório dos Jesuítas, maço 86, nº 79: *Alvará para que os padres da Companhia de Jesus fossem agasalhados na viagem das naus para Índia* (16 nov. 1601).

¹¹⁴ AHU, Conselho Ultramarino, Índia, cx. 01, doc. 36: *Sobre biscoitos para os padres da Companhia de Jesus* (Lisboa, 24 de janeiro de 1603).

¹¹⁵ O alqueire, após o reinado de D. Manuel I (1469–1521), equivalia a 13,1 litros, totalizando 4 192 litros de trigo no total, 262 litros por religioso. Não obstante tratar-se de artigo sólido (trigo), apenas foram encontradas à época a conversão de alqueire para litro. Luís Seabra Lopes, “A cultura da medição em Portugal ao longo da história”, *Educação e Matemática*, 84 (2005), 42-8.

¹¹⁶ O francês elogiou o biscoito fabricado em Goa, afirmando que era “tão alvo como o nosso pão de cabido, e para o fazerem tomam o pão mais alvo, cortam-no em quatro fatias e o tomam a meter no forno por duas vezes. Este biscoito é muito gostoso”. Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 210.

¹¹⁷ Sobre o abastecimento de farinha na Carreira das Índias, ver: Lapa, *A Bahia e a Carreira da Índia...*, 2000, 170-9.

¹¹⁸ Sobre a farinha de mandioca: “Além disso os brasileiros e semelhantemente os portugueses que ali há, para se manterem (porque o pão é lá mui raro e mui caro e a farinha vai feita de Portugal) fazem certa farinha de uma raiz chamada mandioca, que comem e da qual se alimentam. É gostosa e come-se pisada em migalhas com carne; parece-se com castanhas piladas. Vivi dela por espaço de seis meses em lugar de pão, assim em terra como no navio no meu regresso, pois não havia a bordo outro biscoito. Esta raiz tem uma estranha propriedade e é que, comendo-a em pó depois de seca é mui sadia, mas, se pelo contrário a comerem verde, mata”. Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 231.

¹¹⁹ Brito et al., *Historia tragico-maritima...*, 1735, vol. 1, 447-8.

Sobre a quantidade que cada um recebia, Pyrard de Laval narrou que, diariamente, os oficiais e tripulantes eram providos de meia canada de vinho e mais meia de água e, quanto ao pão, o “quanto podem comem”. Recebiam, ainda, uma arroba de carne, todo mês, e, ainda, na “mesma proporção”, azeite, vinagre, sal, cebolas e peixe. O francês comparou esta distribuição feita pelos portugueses com os modos franceses e holandeses e a considerou prejudicial. Nas embarcações portuguesas todos recebiam os alimentos crus e cada um deveria cuidar de fazer seu próprio alimento, o que causava uma desordem no fogão, com 80 ou 100 panelas de uma vez. E, no caso dos enfermos, que não podiam cuidar de cozinhar, estes ficavam “mal tratados e alimentados, donde vem morrerem por esse respeito muitos”¹²⁰.

Henrique Dias, em seu relato sobre a febre na Costa da Guiné, criticou a qualidade das carnes salgadas e assadas “muito ruim que comiam”. Em sua opinião, esta era a razão pela qual muitos adoeciam, pois, estando já debilitados, consumiam novamente o “mau alimento, que era a própria morte, e fartavam-se de vinho da regra, que era o próprio veneno, com que recaiam três e quatro vezes” de febre. Passado o Cabo das Tormentas, a carestia foi tamanha que os soldados começaram a se recusar a trabalhar, pois somente recebiam cerca de 2/3 da regra. Em seu repulsivo relato, os embarcados estavam, forçosamente, comendo o biscoito “todo podre das baratas, e com bolor mui fedorento, sem haver outro, nem quem o tivesse para si, senão muito poucos”¹²¹, tampouco havia carne, vinho, pescado ou outro artigo com que pudessem “sustentar e alimentar corpos debilitados”¹²².

Pe. Manoel Alvares escreveu missiva da cidade de Salvador relatando os infortúnios na nau São Paulo e, sobre o padecimento sofrido na Costa da Guiné e o grande número de enfermos, atribuiu as causas aos péssimos alimentos. Em suas palavras:

[em] não ter para comer outra coisa senão biscoito preto duríssimo, com água mui ruim e fedorenta e desta mui pouca, que a sede queriam espirar, lançados por esse convés ao sol e à chuva e ao sereno de noite, passando por cima de vós os marinheiros e grumetes e pondo-vos os pés por cima da cabeça; e se de algum refúgio mais tem, é estarem debaixo da primeira coberta no andar do fogão, aonde se afogam com o fumo da quentura¹²³.

¹²⁰ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 147-8.

¹²¹ Brito et al., *Historia tragico-maritima...*, 1735, vol. 1, 392. Sobre as baratas, Pyrard de Laval descreveu o problema da conservação dos alimentos em razão dos insetos: “Havia ainda uma mortificação geral em toda nau e era uma espécie de animais semelhantes a besouros, que eles chamam baratas e que ali há em tal quantidade, que atormentam e molestem grandemente a todos que vem da Índia, mas não aos que vão; porque estes bichos vem das Índias e quando se matam entre as mãos, lançam o maior fedor do mundo. A nossa nau estava toda cheia deles e furam todos os cofres, pipas e outros vasos de pau; o que muitas vezes é causa de derramar o vinho e água. Este bicho come também o biscoito e faz nele grande estrago”. Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 209-210.

¹²² Brito, *Historia tragico-maritima...*, 1735, vol. 1, 367-368; 392.

¹²³ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1956, vol. 1, 618.

A bordo da nau Nossa Senhora de Belém, Pe. Jerônimo Lobo afirmou que a carne de porco estava tão “podre e ardida” que se atirava barris inteiros ao mar. A causa do apodrecimento foi apontada pelo inaciano por seu fabrico, ainda em Lisboa, responsabilizando os comerciantes que, afirmou, tinham por hábito salgar as carnes que ainda não estavam secas de modo a pesarem mais e que, por tal “esperteza”, perdia-se toda. O vinho estava, da mesma forma, “danado” e muitos barris também foram lançados fora. O arroz estava tão “podre e mudado” quando lançado no convés que lhe pareceu ser cal e não acreditaria nisso se não lhe tivessem certificado¹²⁴.

Pe. Sebastião Gonçalves observou que, sendo longa a viagem e, por vezes, precisarem invernar onde não havia fortaleza portuguesa, havia carestia de mantimentos e, muitas vezes, estes estragavam¹²⁵. Alimentos crus, salgados e a falta de água potável parecem ter sido ordinários nas embarcações portuguesas. Era prática comum não cozerem alimentos, caso a embarcação estivesse em mar revolto, e apenas deveriam fazê-lo sob supervisão por medo dos incêndios. O armazenamento dos líquidos era, sobretudo, difícil, pois, comumente, os muitos meses faziam a água apodrecer e o vinho estragar¹²⁶. Pe. Valignano, por exemplo, lamentou, ainda, a qualidade da água que, ao longo da viagem, ficava tão podre e terrível que colocavam lenços na boca para não sofrer com a corrupção do seu sabor¹²⁷.

A ideia da má alimentação como um fator deflagrador das doenças e pestilências era um dos pilares da medicina hipocrático-galênica¹²⁸. Segundo a teoria humoral, os corpos poderiam sofrer a influência benéfica ou maléfica da nutrição¹²⁹. Creditava-se aos alimentos as mesmas qualidades que compunham os humores do corpo – quente, frio, seco e úmido –, de modo que a sua ingestão poderia favorecer o equilíbrio ou, o inverso, originar desequilíbrio, doenças e, até a morte¹³⁰. Nos escritos de Galeno, a *diata* aparece como meio fundamental de conservação da saúde e parte da terapêutica nos cuidados com os enfermos¹³¹.

Sobre os alimentos provocarem o desequilíbrio dos humores e até a morte, é interessante a narrativa do Pe. Jerônimo Lobo sobre um incidente ocorrido na nau Nossa Senhora de Belém.

¹²⁴ Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos...*, 1971, 145.

¹²⁵ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*, 1957, 66.

¹²⁶ Guinote, Lopes, e Frutuoso, *Naufrágios e outras perdas da “Carreira da Índia”...*, 1998, 56-57.

¹²⁷ *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 12-13.

¹²⁸ Owen Powell, *Galen: On the properties of foodstuffs De alimentorum facultatibus* (Cambridge, UK: New York: Cambridge University Press, 2003), 2-3.

¹²⁹ Innocenzo Mazzini, “A alimentação e a medicina no mundo antigo”, em *História da alimentação*, org. Jean-Louis Flandrin, Massimo Montanari e Maria da Graça Lisboa Pinhão (Lisboa: Terramar, 1998), 223-33.

¹³⁰ Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna...*, 2002, 9-10.

¹³¹ Powell, *Galen on the properties of foodstuffs...*, 2003, 9; Jean-Louis Flandrin, “Condimentação, cozinha e dietética nos séculos XIV, XV, XVI”, em *História da alimentação*, org. Jean-Louis Flandrin, Massimo Montanari e Maria da Graça Pinhão (Lisboa: Terramar, 1998), vol. 2, 95-102.

Havendo a embarcação encalhado e as mercadorias orientais terem sido “entregue[s] a disposição de quem a queria”, dois grumetes acharam por bem comer um boião de conserva de gengibre¹³². O gengibre e suas propriedades medicinais eram conhecidos no Ocidente, desde a Antiguidade, como menciona Garcia de Orta (1499?–1568) em referência a Galeno e Dioscórides¹³³. Atribuía-se à especiaria a qualidade quente, como a pimenta, e esta era consumida com frequência verde e em conserva¹³⁴.

Apesar das muitas virtudes curativas a ela atribuídas, a ingestão da conserva foi danosa e letal para os pobres aprendizes. Após terem comido todo o boião, Pe. Jerônimo Lobo afirmou que os grumetes buscaram alguma bebida para “mitigar o calor que o gengibre” causava e acabaram por lançar mão de “um barril de agoa-ardente” e foi como “acrescentar fogo a fogo”. A consequência desta junção, segundo o inaciano, foi a morte de um dos moços ficando o outro “tão lazaro e inabil para toda a ação humana que causava lástima e era o mesmo que fosse morto”¹³⁵.

As descrições sobre a alimentação e a sanidade das embarcações da Carreira da Índia apontam para o inverso do esperado pelos preceitos galênicos de conservação da saúde. Como foi discutido anteriormente no caso do Escorbuto e outras enfermidades apontadas como ordinárias nas viagens. A esse respeito, Ir. Marco Nunes enviou notícias de Goa, no ano de 1556, em que afirmou que a péssima alimentação na navegação, muito salgada e, em parte, podre, com o vinho transformado em vinagre e a quase ausência de vinagre, fazia surgir “muitas enfermidades”¹³⁶.

Através da análise dos tratados médicos escritos ao longo do período moderno, identifica-se uma quase generalizada desconfiança em relação ao fétido e ao sórdido como elementos de humores malignos do corpo doente. O pus e a ferida interna seriam sinais de

¹³² Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos...*, 1971, 578.

¹³³ Garcia de Orta, *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India, e assi dalgu[m]as frutas achadas nella onde se tratam algu[m]as cousas tocantes amediçina, pratica e outras cousas boas, pera saber / cõpostos pello Doutor garçia dorta : fisico del Rey nosso senhor, vistos pello muyto Reuerendo senhor, ho liçenciado Alexos diaz : falcam desenbargador da casa da supricaçã inquisidor nestas partes* (Goa: Joannes de Endem, 1563), cap. Colóquio 26.

¹³⁴ Orta, *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India...*, 1563, cap. Colóquio 26; Nicolás Monardes, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia medicinal: de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que siruen en Medicina. Tratado de la Piedra Bezaar y de la yerua escuerçonera; Dialogo de las grandezas del hierro y de sus virtudes medicinales; Tratado de la nieue y del beuer frio / hechos por el doctor Monardes...*, org. Fernando Díaz (En Seuilla: en casa de Fernando Diaz, 1580), liv. 3º, 82; Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 231.

¹³⁵ Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos...*, 1971, 578-579. Escapa à compreensão o significado que pode ser atribuído a “lázaro”, não sendo certo que referia os doentes de lepra ou, apenas, que o rapaz ficara desatinado como indigente.

¹³⁶ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica*, 1954, vol. 3, 439.

pestilências e, portanto, o contato deveria ser evitado de toda maneira possível¹³⁷. O médico Francisco Franco considerou a fome como um dos prognósticos da peste¹³⁸. Luís de Pina, em artigo sobre a medicina nas naus do Império Português, afirmou que “a tragédia alimentar foi, por certo, a maior de todas as tragédias da navegação portuguesa”, o que fica evidenciado com a análise dos relatos e cartas em que a fome e a sede aparecem como sendo contumazes e impiedosas, causando enfermidades, desespero e mortes. Com a carestia ou o apodrecimento dos alimentos e líquidos a bordo, fazia-se mister buscar artigos estranhos ao cotidiano alimentar europeu. Por vezes, apelava-se a matérias que podem ser consideradas inconcebíveis para a nutrição humana. Os exemplos são abundantes, alguns até repugnantes¹³⁹.

Henrique Dias narrou que, nas calmarias da Guiné, parecia-lhe que “Nosso Senhor” queria “salvar alguns inocentes que nesta Nau vinham” da morte pela fome e mandou “aves do Céu, que à mão tomavam para sustentamento da gente”. Relatou, ainda, que estes albatrozes (que, pelo gosto, não se sabia definir se eram carne ou peixe) foram de “muito grande ajuda para remédio, e mantimento da gente, porque havia bem pouco, ou nenhum na Nau”. Ao longo da sua narrativa enumerou outros artigos que encontraram na Ilha de Sumatra como, por exemplo, ervas e palmitos “bravos”, cogumelos, mariscos, caranguejos, lagostas, primatas “Bogios” (“que depois se deram aos doentes; e é nojenta e ruim carne, e de muito má digestão, e pior sabor”) e um lagarto (que lhe pareceu ter sabor de carneiro)¹⁴⁰. Nem todos puderam contar com tamanho provimento de coisas “exóticas”. Os sobreviventes da nau Conceição apenas possuíam carne de tubarão curada e pouco mais de dois barris de água. Muitas vezes, a sede os forçou a beber a própria urina, o que, na narrativa do Ir. Gaspar Soeiro, “lhes causou muito mal porque lhes secava os bofes e cortava”¹⁴¹.

Mesmo quando os náufragos logravam chegar em terra, não era menor o padecimento para os costumes europeus. No naufrágio sofrido próximo a Abrolhos, na Bahia, Pe. Brás Lourenço relatou a fome extrema que havia padecido estando em uma aldeia, pois não tinha com o que comprar alimento e os “negros” da terra, como chamavam os índios, não faziam “nenhum bem aos que não lhes pagavam”. Assim, não tendo o que comer, “que era o mais do

¹³⁷ Vigarello, *História das práticas de saúde...*, 2001.

¹³⁸ Franco, *Libro de enfermedades contagiosas...*, 1569, f. XV.

¹³⁹ Luís de Pina, *Na rota do império: A medicina embarcada nos séculos XVI e XVII* ([S.l.: s.n.], 1940), 36; 39-40. Em sua análise sobre o que denominou de “tragédia alimentar”, enumerou exemplos de relatos de consumo da carta de mear, ratos, cachorro (muito estranho à sensibilidade Ocidental até os dias atuais), cabeça de tigre putrefata, e fezes, unha, miolos e couro de vaca.

¹⁴⁰ Brito, *Historia tragico-maritima...*, 1735, vol. 1, 409; 408; 441-65.

¹⁴¹ Havia na farmacologia do período moderno (tanto no Ocidente e no Oriente), o consumo da urina com fins terapêuticos. Vale destacar a diferença com o relato do seu consumo como meio de sobrevivência. Wicki, *Documenta Indica*, 1954, vol. 3, 604.

tempo”, comiam calabaças cozidas sem sal e sem azeite com farinha apodrecida. Na penúria, relatou que teve que deixar o “asco” de comer nos “alguidares” (pratos) e folhas nos quais os indígenas cozinhavam e comiam carne humana¹⁴².

O desespero da sede e da fome acometeu os 16 sobreviventes da nau Santiago. Segundo o relato de Manoel Godinho Cardoso, os mantimentos levados na jangada eram 1½ almude de vinho (cerca de 25 l), 1 almude de água (cerca de 17 l), 6 barris pequenos de conserva e 8 caixas de marmelada (das quais algumas foram perdidas). Coube, a cada um, a porção de “pera em conserva, ou uma talhada de marmelada, & uma pequena vez de vinho, como a quarta parte de quartilho”. Em uma semana, quatro dos sobreviventes “estavam de todo tresvalidados [delirantes] da muita fome, & sede, & não dormirem em todo aquele tempo”. Segundo o narrador, o que mais os molestava era a sede. Assim, tomados de alucinações e “gritando sempre por água”, um soldado e um “china” se lançaram à água, mas foram resgatados pelos demais. Na manhã seguinte, tornou o desesperado chinês a se jogar para o mar e afogou-se. No mesmo dia, o soldado tomou o mesmo destino trágico. E assim se seguiram mortes por sede do mulato Estevão, que também se jogou ao mar, e do trombeta da nau, que morreu “com os canos tapados”¹⁴³.

Pe. Valignano observou que eram muitos os incômodos da nau. O inaciano desaprovou a estreiteza dos lugares e câmaras destinados aos nobres “que apenas podem caber nelas”. Notou, ainda, que isto se fazia deveras pior com a “gente comum”. Compartilhando o espaço com as mercadorias, peças de artilharia, mantimentos, víveres e o mais necessário para a viagem, iam os embarcados desacomodados, “dormindo e estando todo o dia e toda a noite ao sol e frio no convés da nau”¹⁴⁴. Por vezes, também os missionários não tinham acomodações próprias, como relatou o Pe. Brás Lourenço sobre a viagem para o Brasil em que dormiam sobre tábuas, sendo constantemente molestados pelos marinheiros¹⁴⁵.

Vale notar que os preceitos da *diata* também davam grande relevância ao ambiente e sua sanidade. Além dos graves problemas com a alimentação, outros padecimentos eram o calor e o frio, ao longo das rotas de navegação. Passado o Cabo das Tormentas, Henrique Dias destacou a pobreza dos tripulantes “alguns [com] mui pouca roupa com que pudessem reparar e cobrir suas carnes, e defenderse dos frios, e grandes neves, que todos seus membros e ossos penetravam”¹⁴⁶. Pe. Jerônimo Lobo relatou que, na Costa da Guiné, os navegantes sentiram os

¹⁴² Tradução livre. Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1956, vol. 2, 43.

¹⁴³ Cardoso, *Relaçam/ do naufragio/ da nao Santiago...*, 1602, 48-49.

¹⁴⁴ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progresso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 12.

¹⁴⁵ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1956, vol. 1, 515.

¹⁴⁶ Brito, *Historia tragico-maritima...*, 1735, vol. 1, 392.

“efeitos do seu clima e dos ardores do sol, que tanto a abraza e a nós por extremo nos molestava”¹⁴⁷.

A respeito das doenças, vale, ainda, observar as considerações do Pe. Manoel Alvares que afirmou que muitos adoeciam por outras pestes e doenças que traziam de terra¹⁴⁸. Pe. Fernando de Alcaraz traçou interessante ligação entre as enfermidades trazidas da terra e a pobreza afirmando que muitos embarcavam enfermos “porque era a gente perdida, e estes eram muitos e com tanta pobreza e desamparo”¹⁴⁹. A associação entre pobreza e pestilência era bastante presente em princípios do período moderno. Vigarello, Conrad e Pullan, em suas análises sobre a Medicina Ocidental, observaram que, principalmente a partir do século XVI, os pobres passaram a ser considerados perigosos, portadores da peste e de doenças contagiosas¹⁵⁰.

Os relatos sobre as doenças que levavam de terra são numerosos. Um exemplo é a narrativa do Pe. Francisco Monclaro que informou que, na viagem até o Brasil, não padeceram muitos senão por “doenças contagiosas” que apareceram com “bostelas”¹⁵¹ pela testa na costa da Guiné¹⁵². Pe. Francesco Pasio, descrevendo a grande mortandade nas Armadas, no ano de 1576, em que cerca de 1/3 dos passageiros veio a falecer, afirmou que uma das causas eram as doenças contagiosas que grassavam em Lisboa¹⁵³.

Os tripulantes que rumavam para as Índias Orientais e para várias partes do continente americano não levavam apenas suas mercadorias e pertences. Agentes epidêmicos, virais e bacterianos circularam desde os primeiros anos no processo de comércio e conquista da África, Ásia e América. Os efeitos desta circulação se fizeram sentir, principalmente, na América onde grande parte dos nativos não possuía resistência a doenças existentes na Europa como varíola, sarampo, tuberculose e gripe. Outras, como a febre amarela e sífilis, também se tornaram “globais” a partir de fins do século XV¹⁵⁴.

¹⁴⁷ Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos...*, 1971, 145.

¹⁴⁸ Wicki, *Documenta Indica*, 1956, vol. 4, 617.

¹⁴⁹ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 772.

¹⁵⁰ Conrad, *The Western medical tradition...*, 1998, vol. 1, 244-250; Vigarello, *História das práticas de saúde...*, 2001, 66; Brian Pullan, “Plague and perceptions of the poor in early modern Italy”, em *Epidemics and ideas: Essays on the historical perception of pestilence*, org. T. O. Ranger, Paul Slack (Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1992), 101-23.

¹⁵¹ No Dicionário de Bluteau, Bostela foi descrita como “tumorzinho na pele, causado de humor acre, & quente”. *Vocabulário portuguez e latino...*, 1712, vol. 2, 167.

¹⁵² Wicki, *Documenta Indica*, 1964, vol. 8, 284.

¹⁵³ Wicki, *Documenta Indica*, 1970, vol. 11, 353.

¹⁵⁴ Crosby, *El intercambio transoceánico...*, 1991, 39-68; Russell-Wood, *Um mundo em movimento...*, 1998, 191; Luiz Felipe de Alencastro, *O trato dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000), 128.

Nesse quadro de enfermidades, privações e tragédias, a Carreira da Índia apresentava elevado índice de mortalidade. De acordo com Charles Boxer, no período entre 1629 e 1634, dos 5.228 soldados que embarcaram no Reino, apenas 2.495 chegaram vivos¹⁵⁵. Em outro estudo, apontou que, entre os anos de 1581 e 1712, dos 376 jesuítas que embarcaram para a China, 127 morreram durante a viagem, uma taxa de mortalidade de cerca de 1/3 dos missionários¹⁵⁶. Godinho afirmou haver dificuldade em constituir estatísticas sobre o número de mortos nas viagens, pois, em grande parte, os registros são isolados e não seriados¹⁵⁷. Como nos relatos de Henrique Dias, segundo o qual, das mais de 500 pessoas embarcadas, não ficaram 15 sem adoecer e, em alguns dias, foram contabilizados cerca de 350 enfermos¹⁵⁸.

Não foram poupados “os homens do mar, cursados e antiquíssimos nesta Carreira”, tampouco “os mais fidalgos, soldados, mulheres e meninos”. Os relatos a esse respeito são abundantes. Pe. Fernão de Monclaro escreveu de Moçambique que não havia mais de 15 sãos a bordo da nau Santa Catarina¹⁵⁹. Pe. Gomes Vaz narrou o grande infortúnio da armada do ano de 1576 que qualificou como uma das “mais trabalhosas e doentias”, com quase 1500 mortos, calculados em quase metade passageiros.¹⁶⁰ Pe. Francesco Pasio reportou, também, sobre esta armada que, “em uma nau embarcaram mil cento e quarenta pessoas, das quais morreram algumas 500; numa outra se embarcaram oitocentas e tantas, nela quase morreram algumas 300”¹⁶¹. Pe. Gaspar Afonso relatou que, de 470 pessoas, não ficaram mais de cinco sem adoecer¹⁶².

Vale destacar a relevância das doenças e mortes na história da Carreira da Índia. As enfermidades e pestilências tornavam necessárias mudanças nas rotas. Amaral Lapa¹⁶³ analisou a regularidade com que naus aportavam em Salvador impedidas de seguirem seu curso para o Oriente em razão do número de doentes e mortos entre a tripulação e, também, a necessidade de reparo das avarias nas embarcações e de abastecimento de mantimentos. Apesar das proibições da Coroa de paragem para a aguada, desde meados do século XVI, o porto teve capital importância para o Império Português.

Nos vários relatos, destacam-se os elogios à recepção dos jesuítas do Colégio da Bahia aos missionários viajantes. Pe. Francisco Monclaro, em sua narrativa sobre a paragem no Brasil,

¹⁵⁵ Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825...*, 2002, 233.

¹⁵⁶ Boxer, *A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770)...*, 2007, 103.

¹⁵⁷ Godinho, *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar...*, 1990, 369.

¹⁵⁸ Brito, *Historia tragico-marítima...*, 1735, vol. 1, 364.

¹⁵⁹ Wicki, *Documenta Indica*, 1964, vol. 8, 278.

¹⁶⁰ Wicki, *Documenta Indica*, 1968, vol. 10, 713.

¹⁶¹ Wicki, *Documenta Indica*, 1970, vol. 11, 353-354.

¹⁶² BPE, Cod. CXVI, 1-16, 15-16: Afonso, *Viagem da Nao S. Francisco...*, 1599.

¹⁶³ Lapa, *A Bahia e a Carreira da Índia...*, 2000, 166; 207; 6-23.

em 1570, afirmou que seis padres da Companhia foram buscá-los no convés da nau “e logo nos leveram para terra, onde nos agasalharam com a caridade que podem imaginar”¹⁶⁴. Pe. Gaspar Dias destacou os cuidados recebidos na Bahia durante os pouco mais de cinco meses que passaram “agasalhados, curados e regalados per todo o tempo que ali estivemos”¹⁶⁵.

Além de servir para abastecimento e convalescença dos viajantes da Carreira da Índia, o porto de Salvador era estratégico, também, para a rota do Atlântico e o tráfico negreiro¹⁶⁶. Sabidamente, foi um dos principais entrepostos para o comércio escravista nas Américas e para a produção açucareira¹⁶⁷. As “peças”, como foram denominados os africanos escravizados, muitas vezes, adoeciam, diante das cruéis condições do cativo, como apontou o registro nas Atas da Câmara da Cidade do Salvador da Bahia, em 6 de julho de 1626, em que consta que, por decisão dos oficiais, foi ordenada a inspeção de Diogo Pereira, médico desta cidade a uma nau vinda de Angola¹⁶⁸. O navio, que estava “impedido de bexigas”¹⁶⁹, carregava 150 cativos que foram encaminhados para a Ilha dos Frades, com expressa ordem de lá permanecerem até que estivessem todos sãos¹⁷⁰. A Câmara temia que, sendo as bexigas “doença contagiosa”, “apessonha[ss]em a terra” da Bahia¹⁷¹.

Nos relatos analisados sobre os naufrágios, vale destacar as narrativas das naus São Paulo e São Francisco que arribaram na Bahia. A primeira embarcação, segundo Henrique Dias, fez a paragem por danos do mastro, pela necessidade de guarnecer a embarcação e cuidar em terra dos muitos enfermos¹⁷². Antes de arribarem, já haviam falecido cinco portugueses e quatro escravizados, segundo o boticário¹⁷³. Sobre a arribada da segunda embarcação, Pe. Gaspar

¹⁶⁴ Wicki, *Documenta Indica*, 1964, vol. 8, 283.

¹⁶⁵ BPE, Cod. CXVI/ 1-16, 16: Affonso, *Viagem da Nao S. Francisco...*, 1599.

¹⁶⁶ Pierre Verger, *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de todos os Santos: Dos séculos XVII ao XIX* (São Paulo: Corrupio, 1987); Luiz Felipe de Alencastro, “A rede económica do Mundo Atlântico Português”, em *A expansão marítima portuguesa, 1400-1800*, org. Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto (Lisboa: Edições 70, 2010), 125; Manolo Florentino, “Aspectos do tráfico negreiro na África Ocidental (c 1500-c 1800)”, em *O Brasil colonial*, org. João Luís Ribeiro Fragoso e Maria de Fátima Gouvêa (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014), 229-70.

¹⁶⁷ Lapa, *A Bahia e a Carreira da Índia...*, 2000, 1-23; Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825...*, 2002, 98-119; Stuart B. Schwartz, *Segredos internos: Engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*, trad. Laura Teixeira Motta (São Paulo: Companhia das Letras, 1995).

¹⁶⁸ Salvador, *Atas da Câmara 1625-1641* (Salvador: Prefeitura de Salvador/ Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1944), 39-40.

¹⁶⁹ Segundo Bluteau, bexigas era “doença conhecida que cobre o couro de bostelas”. Era causado por “um sangue viciado”, que geravam “pequenos abscessos, com impressões corrosivas na pele”. Afirmou ainda que era “mal contagioso, & tão perigosamente simpatico, que muitas vezes a irmãos, & irmãs, ainda que distantes uns dos outros, no mesmo tempo se comunica”. *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 2, 115.

¹⁷⁰ Conforme Alencastro, com a denominação de “bexigas” eram apontadas doenças como a varicela, rubéola, varíola. *O trato dos viventes...*, 2000, 129.

¹⁷¹ Salvador, *Atas da Câmara (1625-1641)...*, 1944, vol. 1, 39-40.

¹⁷² Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944.

¹⁷³ Brito, *Historia tragico-maritima...*, 1735, vol. 2, 428.

Afonso foi bastante categórico acerca da proibição da paragem no porto de Salvador: “a necessidade não tem Lei”. O leme da nau se partira antes de alcançarem o Cabo da Boa Esperança e, tornando atrás para a Guiné, foram depois acometidos por muitas enfermidades. Segundo o padre, a causa foi andarem por dois climas tão ruins: “saindo de um em que estávamos, que começava já naquele tempo a ser tão frio. E tornando atrás a outro que é sempre tão quente”. Segundo sua narrativa, adoeceram todos, sem escapar mais de cinco de 470 pessoas que, na Bahia, puderam convalescer¹⁷⁴.

1.2 A assistência nas naus: físicos, cirurgiões, boticários e barbeiros

A assolação de doenças e a mortandade nas longas viagens não eram ignoradas pela Coroa. Os estudos historiográficos sobre medicina nas embarcações portuguesas do período moderno destacam que, desde finais do século XV, era manifesta a preocupação em assistir os enfermos a bordo. O Regimento de 1507, atribuído a Fernão Soares, instruiu que tivessem cuidado e que se fizesse o melhor na cura dos doentes¹⁷⁵. A preocupação na assistência pode ser percebida, também, pela presença de boticas nas embarcações desde meados do século XV¹⁷⁶.

Em finais do século XVI, o Regimento da Nau S. Pantalião (lavrado em Lisboa em 25 de março de 1592) recomendava que se tivesse “especial cuidado” com os enfermos. Diante do quadro de doenças, parece que escapar com vida não era certo, assim, o primeiro item a ser observado era que os fizessem confessar e ditar seus testamentos. Depois, que proovessem aos “ditos doentes”, advertindo que se tinha “informação que por falta de serem providos pelos capitães falece muita gente”. Por fim, recomendava que alguma pessoa “caridosa e de boa consciência que os cure e lhes acuda com o necessário”. Orientava, ainda, que guardassem com chaves o caixão da botica sob a tolda¹⁷⁷.

Na documentação consultada e na historiografia sobre a Carreira da Índia, observou-se a carência ou a completa ausência de oficiais para a assistência. Com a expansão da conquista e o comércio marítimo português e ibérico, a presença dos oficiais não se fez mais constante,

¹⁷⁴ BPE, Cod. CXVI/, 12; 15; 1-16: Affonso, *Viagem da Nao S. Francisco...*, 1599. No Capítulo IV, esta narrativa será retomada ao tratar do “agasalhado” dado pela Companhia de Jesus nas Enfermarias dos Colégios aos missionários viajantes.

¹⁷⁵ Pina, por exemplo, destacou o Regimento de 1507 de Fernão Soares “Item. A cura dos doentes em vosa nao e de todas as outras vos encomendamos muyto, que se tenha dele bom cuidado, e se faça o melhor, que ser poder, e que asy o encarregues de nossa parte a todos os capitaes das ditas naaos”. *Na rota do império...*, 1940, 19.

¹⁷⁶ AHU, Conselho Ultramarino, Índia, cx. 01, doc. 82: *Petição sobre médicos na Armada*, Manuscrito (Lisboa, 2 ago. 1610). Sobre as boticas nas embarcações da Carreira das Índias, ver: José de Vasconcelos e Meneses, *Boticas e boticários de além mar: Armadas portuguesas de meados do século XV ao 3º quartel do século XVI* (Lisboa: Resistência, 1981).

¹⁷⁷ Matos, *Na rota da Índia...*, 1994, 167.

tampouco suficiente¹⁷⁸. Isto pode ser analisado a partir da consulta ao Conselho das Índias feita pelo capitão Luís Mendes de Vasconcelos e votada em 10 de fevereiro de 1610. Na petição aos conselheiros, argumentou o capitão que “sempre na dita Armada há muitas doenças de que morre muita gente”, e que isto causava dano à Fazenda e Serviço da Coroa, pois o custo que se tinha em enviar os soldados e o prejuízo causado pela falta de defesa na Índia, poderia ser “remediado” com o envio de físicos (médicos) que pudessem, a cada tempo, visitar a uma das naus. Destacou, ainda, que as boticas ficavam sem utilidade por não terem quem as pudesse bem “aproveitar”. A assistência, em suas palavras, parece ter sido o objetivo dos “Senhores Reis antecessores de Vossa Ma[j]estade” em mandarem as “botica[s] das mezinhas de que usa a medicina”¹⁷⁹.

O contexto desta Petição se mostra indiciário para o campo da discussão da cultura política de Portugal durante a União Ibérica. A menção aos “antecessores”, atribuída ao capitão da Armada, pode ser compreendida no quadro dos conflitos de precedência nos Conselhos em Portugal nos “tempos dos Felipes”¹⁸⁰. Segundo Frada¹⁸¹, a União Ibérica fez agravar as condições sanitárias. Contudo, as análises sobre a historiografia acerca da Carreira da Índia apontam serem irregulares e variáveis, conforme a organização da armada para cada ano¹⁸².

O Conselho da Índia se mostrou favorável à petição do capitão. Por quatro votos, contra apenas um, recomendou-se ao rei que enviasse físicos a bordo. Os conselheiros afirmaram que se sabia das muitas mortes dos que iam para a Índia causadas pela falta de assistência. Os argumentos favoráveis se amparavam na “Cristandade” e, também, no cálculo dos custos, para a Fazenda Real, de cada soldado enviado para a Índia que, muitas vezes, não chegava a servir por vir a falecer na viagem¹⁸³.

Observou-se que os físicos eram escassamente encontrados nas naus assim como no próprio Reino. A sua presença se fazia mais constante como médico pessoal dos vice-reis em viagem para a Índia¹⁸⁴. Vale observar que, até mesmo em Portugal, os médicos não eram

¹⁷⁸ Frada, *A vida a bordo das naus na época moderna...*, 1997, 31.

¹⁷⁹ AHU, Conselho Ultramarino, Índia, cx. 01, doc. 82: *Petição sobre médicos na Armada*, Manuscrito. Lisboa, 2 ago. 1610. Sobre as boticas nas embarcações da Carreira das Índias, ver: Meneses, *Boticas e boticários de além mar...*, 1981.

¹⁸⁰ Curto, em sua análise sobre a “Cultura Política nos tempos dos Felipes” (2011, 309-346), apontou que a disputa pela “precedência” fazia parte das relações de conflito e do jogo político no Conselho de Portugal. Esta menção do capitão, em recordar os “antecessores” parece remontar a estas disputas políticas no contexto da União Ibérica.

¹⁸¹ *A vida a bordo das naus na época moderna...*, 1997, 31.

¹⁸² Pina, *Na rota do império...*, 1940, 12; Guinote, Lopes, e Frutuoso, *Naufrações e outras perdas da “Carreira da Índia”...*, 1998, 58. Pina apontou que em muitas armadas não havia nem mesmo um barbeiro a bordo. Guinote destacou que normalmente o médico apenas fazia parte da tripulação quando viajavam pessoas de elevado estatuto social. Não foram encontrados estudos que apontem regularidade e frequência desta presença nas embarcações.

¹⁸³ AHU, Conselho Ultramarino, Índia, cx. 01, doc. 82: *Petição sobre médicos na Armada*, Lisboa, 2 ago. 1610.

¹⁸⁴ Domingues e Guerreiro, *A vida a bordo na carreira da Índia...*, 1988, 210.

abundantes. Cristovão Rodrigues de Oliveira, guardaroupa¹⁸⁵ do Arcebispo, afirmou que, por volta de meados do século XVI, havia, em Lisboa, apenas 57 físicos. Outros oficiais da área médica também foram relacionados, a saber: 70 cirurgiões, 46 boticários, 127 barbeiros, 25 parteiras, 20 cristaleiras (aplicadoras de clister)¹⁸⁶, 10 enfermeiras e 20 mullheres que estilavam água¹⁸⁷.

Conclui-se que, na proporção de uma população estimada em 100 mil habitantes, havia um físico para cada 1.754 habitantes. Observa-se que foram listadas apenas pouquíssimas enfermeiras (nenhum enfermeiro) e aplicadoras de clister. Também não foram arrolados “cristaleiros”, relacionando essas atividades e práticas de cura a papéis femininos, como aparece nos regimentos do Hospital de Todos os Santos (1504) e do Hospital Nossa Senhora do Pópulo (1512). A estimativa apresentada sobre a quantidade muito superior de barbeiros em relação aos demais oficiais em Lisboa parece ter se repetido a bordo.

O parecer negativo do Conselho das Índias à petição do capitão Luís Mendes de Vasconcelos, datado de 18 de fevereiro de 1610, corroborou a afirmação de que a presença de físicos e cirurgiões não era regular e era preterida em relação à necessidade e à aceitação das práticas dos barbeiros sangradores. Segundo os conselheiros, não havia antes “semelhantes exemplos” de irem médicos nas embarcações, tampouco a Fazenda Real estava em “estado” de conceder “novas pensões” para que tivessem oficiais destes suficientes para atender a todos. Conclui, então, ser contrário “a dita novidade”, recomendando ao rei que advertisse ao Provedor da Casa da Índia para escolher e enviar barbeiros dos mais “experimentados oficiais que houver deste ofício” e que tivessem “alguma prática de cirurgia para poderem acudir as necessidades dos doentes que houver”¹⁸⁸.

Não obstante este Parecer do Conselho das Índias recomendasse que o barbeiro tivesse “alguma prática” em cirurgia, havia, em Portugal, uma clara distinção sobre os papéis e estatutos do corpo médico nos Hospitais e praticantes das artes médicas. Desde o século XV, podem ser encontrados alvarás e ofícios regulamentando as funções dos físicos, cirurgiões,

¹⁸⁵ Segundo Bluteau, guardaroupa designava “aquele, que guarda os vestidos de um Rei, de um Principe, etc.” *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 4, 149.

¹⁸⁶ Clister ou Cristel ou Clyster foi definido por Bluteau como instrumento que ajuda. No verbete “Ajuda”, foi melhor explicada a terapia: “Remédio fluido, para ajudar a natureza a desobstruir a região inferior do ventre. É uma lavagem do ventre com seringa. Serve para limpar, provocar, & facilitar a saída, & amolentar a dureza dos excrementos, para corrigir destemperanças, abrandar dores, matar bichas nos intestinos”. Mais adiante no capítulo essa terapia será mais detalhadamente analisada. *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 1, 197; vol. 2, 615.

¹⁸⁷ Cristovão Rodrigues de Oliveira, *Sumario e[m] que breuemente se contem algumas cousas assi ecclesiasticas como seculares que ha na cidade de Lisboa* / [por Cristouão Rodriguez Doliueira]... (Em Lixboa: em casa de Germão Galharde, 1554), 42-6.

¹⁸⁸ AHU, Conselho Ultramarino, Índia, cx. 01, doc. 82: *Petição sobre médicos na Armada*, Lisboa, 2 ago. 1610.

boticários e barbeiros sangradores¹⁸⁹ e, para o seu desempenho, em território português, fazia-se necessário o exame pelo físico-mor para que lhes fossem concedidas cartas de habilitação¹⁹⁰. Caso incorressem em falsidade ou não possuíssem as cartas de habilitação, eram passíveis de severas punições, como a coima e o degredo¹⁹¹. Contudo, como se verá adiante, a carência de corpo médico nas embarcações incorria na atividade de leigos e religiosos sem as licenças e, por vezes, com o desvio de funções.

Nos livros do Conselho Ultramarino, foram registradas algumas petições para serviço nas embarcações para as Índias Orientais e o rol sobre o pagamento dos mesmos¹⁹². Segundo o *Rol da ordinaria do V. Rey e seus servidores e do que pode fazer de mercê da Fazenda Real*, datado de 1617, um barbeiro da nau recebia em torno de 45% do correspondente ao físico-mor, 65% do reservado ao cirurgião-mor e cerca de 20% a menos que o boticário¹⁹³. O menor custo com os barbeiros parecia, de uma parte, caber melhor nas rendas da Fazenda e também atender aos enfermos das naus com as sangrias.

A sangria ou flebotomia foi uma das terapias mais populares e abrangentes da medicina ocidental no período moderno¹⁹⁴. Baseava-se nos princípios da teoria humoral pela qual a conservação ou o restabelecimento da saúde dependia do reequilíbrio entre os quatro humores¹⁹⁵. A sangria era apontada como benéfica para uma variedade de males, sendo empregada pelo cirurgião barbeiro através de pequenos cortes feitos em locais específicos, segundo o diagnóstico, para deitar fora o sangue considerado fétido¹⁹⁶.

Dentre os outros oficiais que poderiam integrar o corpo médico das naus, por certo, o cirurgião deveria ser bastante necessário. Não faltavam acidentes, chagas e feridas que requeressem sua presença. Relacionando os pagamentos, observa-se que pareciam ter um papel relevante na hierarquia dos tripulados. Na lista de pagamentos do Galeão Santo André (datada

¹⁸⁹ Cronologicamente, foram identificados os seguintes alvarás e regimentos: (1392) Necessidade de exame pelo físico-mor para exercer práticas de medicina; (1448) regulamentou o exame para a arte da cirurgia; (1461) distinguiu as profissões de médico, cirurgião e boticário; (1559) determinou ser necessário ter dois anos de prática em cirurgia no Hospital de Todos os Santos para o exercício desta arte. Germano de Sousa, *História da medicina portuguesa durante a expansão* (Lisboa: Temas e Debates, 2013), 15-8.

¹⁹⁰ BPE, século XVI, 3752: *Ley sobre os fisicos* (Lisboa, 7 dez. 1561).

¹⁹¹ BA, 51-VIII-7, n° 447: *Sobre o regimento que há-de usar o cirurgião mor* (25 outubro 1601); ANTT, Armário Jesuítico, liv. 14, f. 333: *Parecer 'sobre usar com brandura o Físico mor, Baltasar de Azeredo, contra os boticários culpados'* (15 out. 1628).

¹⁹² AHU, Conselho Ultramarino, Índia, cx. 10, doc. 76: *Alvarás para barbeiros nas naus*, Manuscrito (16 mar. 1619); AHU, Conselho Ultramarino, Índia, cx. 10, doc. 81: *Barbeiros nas naus das Índias* (21 mar. 1619); AHU, Conselho Ultramarino, Índia, cx. 11, doc. 52: *Provisão para um barbeiro na nau*, 1622.

¹⁹³ AHU, Conselho Ultramarino, Índia, cx. 7, doc. 140: *Rol da ordinaria do V. Rey e seus servidores e do que pode fazer de mercê da Fazenda Real*, Manuscrito 1617, [s.d].

¹⁹⁴ Vigarello, *História das práticas de saúde...*, 2001, 9-11; Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna...*, 2002, 10.

¹⁹⁵ Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna...*, 2002, 88.

¹⁹⁶ Georgina Silva dos Santos, "A arte de sangrar na Lisboa do Antigo Regime", *Tempo* 10, 19 (dez. 2005): 43-60.

de 1626), os dois cirurgiões receberam cerca de 60 xerafins, pouco menos que o indicado para pagamento do piloto e do mestre (conjuntamente 67 xerafins, 2 tangas e vinte réis)¹⁹⁷. Contudo, não foram encontrados muitos relatos sobre a frequência da presença de cirurgiões.

Nos relatos sobre o naufrágio da nau Santiago (1585), Pe. Pedro Martins conta que, chegando à costa de Sofala, foram tomados por prisioneiros dos cafres¹⁹⁸. Dentre os sobreviventes, foi apontado “um homem cirurgião, bom sangrador, que servia de físico na nau”¹⁹⁹. Segundo o padre, os cafres haviam ficado com um estojo com umas lancetas e uma pedra d’agusar e vendo que muitos caíam enfermos, lamentava não os poder sangrar. Contudo, quando conseguiram fugir dos cafres, um “cafrinho pequeno” lhes devolveu o estojo. Deste modo, nas palavras do inaciano:

[...] dando-nos Nosso Senhor com isto muita confiança; quem tinha mui particular providência de nossas vidas, como depois o vimos por experiência porque, adoecendo quantos eramos, se estas lancetas não foram, sem falta todos ficamos enterrados em Loramga, pois não tínhamos outra mezinha senão a sangria²⁰⁰.

Sobre as boticas e os boticários embarcados, há notícias, desde as primeiras expedições portuguesas pela costa africana²⁰¹. A presença dos boticários não aparece, de maneira regular, nos relatos e na documentação consultada. Notadamente, dentre os narradores de naufrágios, o relato do boticário Henrique Dias trouxe interessantes elementos sobre as práticas de cura a bordo. Por exemplo, afirmou que havia servido a Deus e a El-Rey todo o tempo da viagem curando “toda esta gente, e usei de Médico, sem nessa ciência ter profissão nenhuma”²⁰². Fez-se de médico, pois, segundo os regulamentos da época, todas as terapias e medicinas deveriam ser ministradas sob indicação e supervisão do físico.

Henrique Dias narrou que havia aplicado muitas terapêuticas com suas próprias mãos, dentre “sangrias, clistereis comuns e de meijoadas, com muitos lenimentos e esfregações, gargarejos, e pitiniar, e defensivos, xaropados e purgados”. Algumas terapêuticas, como a

¹⁹⁷ AHU, Conselho Ultramarino, Índia, cx. 14, doc. 29: *Lista da paga e despesa que se fez com os soldados e mais gente que vai no galeão S. André...*, 1626.

¹⁹⁸ Por cafre, compreende-se os povos “sem lei” e “gente bárbara”, notadamente os povos africanos. *Vocabulário português e latino...*, 1712, vol. 2, 36; Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário luso-asiático* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919), v. 1, 170; Manuel Lobato, “Entre cafres e muzungos: Missionação, islamização e mudança de paradigma religioso no norte de Moçambique nos séculos XV a XIX” em *Atas do Congresso Internacional Saber Tropical em Moçambique: História, Memória e Ciência* (Lisboa: IICT, 2013).

¹⁹⁹ Wicki, *Documenta Indica*, 1979, vol. 14, 402.

²⁰⁰ Wicki, *Documenta Indica*, 1979, vol. 14, 402-3.

²⁰¹ Meneses, *Boticas e boticários de além mar...*, 1981, 11-12.

²⁰² Brito et al., *Historia Tragico-Maritima...*, 1735, vol. 1, 365. Segundo Pina: “Em relação ao boticário Henrique Dias, na sua forma tão interessadamente descritiva e sugestiva, pode ser considerada um dos melhores e mais notáveis romances de aventuras vividas no século XVI em paragens ultramarinas, escritas por um português”. Luís de Pina, *O boticário quinhentista Henrique Dias na “História Trágico-Marítima”* (Porto: Tip. Sequeira, 1952), 14.

sangria, eram ministradas, sob sua supervisão, por outros tripulantes, como o Barbeiro da nau, o Piloto, o Sota-Piloto e um Grumete. Esta iniciativa parecia ser justificada pela necessidade devido à grande enfermidade que acometeu a embarcação e à ausência de um físico. O boticário criticou a escassez da botica provida em Lisboa e afirmou que assistiu aos doentes com as mezinhas que havia levado para seu próprio uso. Relatou que a botica da nau S. Paulo, fornecida pelo Armazém de Lisboa, era formada por “quatro unguentos, e esses muito pouco necessários”. Chamou a atenção, ainda, que outras coisas seriam mais úteis para a conservação da saúde dos homens do mar “sem as quais, sendo tão pouca coisa, e de tão pouco custo, não podem ser bem curados”²⁰³. Vale notar que, além desta indicação genérica, há registros de que as naus eram fornidas por outras mezinhas.

Pode-se observar, por exemplo, o *Rol da Botica pera os cem homens da navegação de hua nao pera Índia de 550 até 600 toneladas*, listagem, presumivelmente, datada de fins do século XVI (Quadro 5), que apresenta uma variedade de substâncias e compostos dos quais Meneses²⁰⁴, em seu estudo sobre as boticas das naus, apontou a composição e indicação. Destaca-se a presença de compostos laxativos, purgantes e adstringentes de uso comum na medicina galênica para o reequilíbrio dos humores peçonhentos. Além destes, a presença de unguentos aponta para a importância de mezinhas para cura de problemas na pele, como queimaduras e feridas, possivelmente comuns nas longas viagens.

Quadro 5 – Rol da Botica para os cem homens da navegação de uma nau para Índia de 550 até 600 toneladas (século XVI)²⁰⁵

| Item | Descrição | Quantidade | Indicação de uso |
|------------------------|---|------------|------------------------------------|
| Mel rosado coado | | 4 arratéis | adstringente, gasgarismos, colírio |
| Água de almeirões | chicória | 6 canadas | laxativo, tonico, aperitivo |
| Água de língua de vaca | Buglossa | 6 canadas | anti-peçonha |
| Água de boca danada | | 2 canadas | |
| Água de lião franco | ouro-pimento, verdete, vinho branco, água rosada e água de tanchagem | 2 canadas | |
| Unguento amarelo | resina de pinho amarela, azeite e cera | 4 arratéis | |
| Unguento basilicão | pez negro, resina, cera amarela, sebo de vaca e azeite | 4 arratéis | furunculo |
| Unguento encarnativo | | 4 arratéis | |
| Unguento branco | óleo rosado, alvaiade, cera branca | 3 arratéis | queimaduras e pruridos |
| Unguento apostolorum | cera amarela, resina, terebentina, goma amoníaco, fezes de ouro, incenso, bodélio, aristoláquia redonda, mirra, gálbano, opopónaco, verdete, azeite | 4 arratéis | cicatrizante de chagas e úlceras |

²⁰³ Brito, *Historia tragico-maritima...*, 1735, vol. 1, 364-6.

²⁰⁴ Meneses, *Boticas e boticários de além mar...*, 1981.

²⁰⁵ Para melhor compreensão desta listagem, foi utilizada a transcrição de Meneses com a indicação do significado das mezinhas apontadas. Este documento se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal (Manuscrito Res. BN FG 637).

| | | | |
|------------------------|--|--------------|--|
| Unguento totia | óxido de zinco impuro, óleo rosado, sumo recente de bagos de uva moura, cera branca, alvaiade, chumbo queimado e incenso | 4 arratéis | |
| Unguento dialter | raiz de alteia, semente de linhaça, cila, terebentina, cera, goma de hera, azeite | 2 arratéis | |
| Pós restativos | raiz de bistorta, pedra hematiste, bolo arménio, rosas vermelhas, cascas de romãs, murtinhos, balaústrias, maçãs de cipestre, almécega, mirra, sangue de drago | 2 arratéis | epistáxis, hemorragias |
| Termentina | terebentina | 4 arratéis | anticatarral, antinevralgico, rubefaciente |
| Unguento rosado | manteiga de porco, rosas vermelhas, sumo de rosas, e óleo de amêndoas doces | 4 arratéis | resolutivo, hemorroidas, dores articulares |
| Pós de Joannes de Vigo | óxido vermelho de mercúrio | meio arrátel | para tratamento de sífilis |
| Óleo rosado | rosas vermelhas e azeite | 3 canadas | |
| Óleo de murtinhos | murtinhos – myrtus communis – e azeite | 2 canadas | |
| Diapalma | cozimento de ramos tenros de palma, fezes de ouro, azeite, enxúndia de porco, e caparrosa vermelha | 2 arratéis | |
| Diaquilão | fezes de ouro, azeite, mucilagem de sementes de zaragatoa, de meimendro, de linho e de raiz de malvaísco | 2 arratéis | purgante |
| Pedra hume | | meio arrátel | stíptico |
| Ervas comuns | | 200 molhos | |

Fonte: Meneses, *Boticas e boticários de além mar...*, 1981, 65-6

É interessante notar que, pela necessidade de transporte das boticas nas naus, estas poderiam ser organizadas em pequenos frascos e/ou caixões. A este respeito, Meneses observou que o boticário da nau do Vice-Rei D. Antonio de Noronha (1510-1574) havia retirado a botica que estava a bordo para uso no hospital, em Moçambique, possivelmente, em caixas²⁰⁶. Nos museus visitados para esta investigação, apenas foram observados recipientes de porcelana com indicação para armazenamento de remédios nas peças resgatadas do naufrágio da nau San Diego, próximo às Filipinas, em 1601 (Imagem 9). Não se pode afirmar, contudo, se eram para uso a bordo ou se apenas estavam sendo transportadas.

As reclamações sobre a carestia das boticas aparecem de forma recorrente nos relatos de viagem²⁰⁷. Pe. Manoel Alvares comentou, a esse respeito, que, além da escassez dos mantimentos e água, já destacada anteriormente, havia “mui poucas coisas para doentes, e mui poucas mezinhas, sem boticários nem médico, nem pessoa que vos saiba dizer que fareis na enfermidade”. Além disto, apontou a falta de “um capelão para tanta gente junta em uma nau que os possa confessar”. O padre destacou que tudo isto fazia “muito mais ocasião para aproveitar em grande maneira”, fazendo a Deus grande serviço e caridade²⁰⁸.

²⁰⁶ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 300.

²⁰⁷ Domingues; Guerreiro, *A vida a bordo na carreira da Índia...*, 1988, 210; Meneses, *Boticas e boticários de além mar...*, 1981.

²⁰⁸ Wicki, *Documenta Indica*, 1956, vol. 4, 618; 619.

Imagem 8– Recipientes de boticas (séculos XVI- XVII)



Fonte: Peças em exposição no Museo Naval, Madrid, Espanha. Acervo pessoal.

Em um panorama geral, compreende-se que a assistência aos enfermos não era suficiente ou satisfatória na Carreira da Índia. Reclames e solicitações demonstram esta carência e a isto se atribuiu, muitas vezes, a mortandade e o padecimento de muitos viajantes. Esta compreensão foi expressa em duras críticas em *A arte de furta*²⁰⁹ que, além da sua polêmica atribuição de autoria – creditada, por alguns estudiosos, ao Pe. Antonio Vieira e, por outros, ao Pe. Manoel da Costa –, criticou a organização das armadas e a avareza e cobiça dos que a preparavam. Particularmente sobre o cuidado aos enfermos, indagou se haveria alguma razão para que as embarcações não estivessem fornidas com boticas e “medicamentos comuns, para as febres da Linha, nem para as feridas de uma batalha, nem para o mal de Loanda, nem para nada?”. E o próprio autor respondeu: “ou é ignorância, ou escasseza”. A primeira possibilidade descartou com o argumento de que “não há quem não saiba, que se adoce no mar e mais gravemente que em terra”, concluindo, então, que isto só poderia ser explicado pela avareza. Evitava-se gastar “dois ou três mil cruzados nos aprestos para a saúde e vida dos passageiros, e soldados”, sofrendo, por isto, severas perdas. Em suas palavras:

Perde-se a gente, que é o mais precioso, morrendo como mosquitos, e alojando-os ao mar aos feixes; e perde-se tudo, porque tudo fica sem quem o defenda das inundações do mar, e violências dos inimigos. Muita vantagem nos fazem nesta parte os estrangeiros, em cujos navios vemos boticas, e aprestos muitas

²⁰⁹ Manuel da Costa, Martinho Schagen e António Vieira. *Arte de furta, espelho de enganos, teatro de verdades, mostrador de horas minguadas, gazua geral dos Reynos de Portugal. Offerecida a elRey Nosso Senhor D. Joaõ IV para que a emende, Correcta e emendada de muitos erros; e assim tambem a verà o curioso leyor com as palavras, e regras, que por inadvertencia faltaraõ na passada impressaõ.* (Amsterdam[?]: na officina de Martinho Schagen[?], 1744). 1ª. edição de 1652.

vezes para curar doentes e feridos que valem muitos mil cruzados: e nós escassamente levamos um barbeiro, nem um ovo para uma estopada²¹⁰.

As naus, como um microcosmo da sociedade portuguesa no período moderno, levavam embarcados elementos da medicina Ocidental. Conforme será analisado a seguir, observa-se que se assemelhavam, em muitos aspectos, ao modo de organização, práticas e saberes existentes em Portugal. Notadamente, a assistência se fazia com o corpo médico comum aos Hospitais do Reino quando, idealmente deveriam levar físico, cirurgião, barbeiro, boticário e uma botica bem sortida para a assistência nas enfermidades. Contudo, observa-se que, comparativamente aos hospitais do Reino, havia outros responsáveis pela assistência, funções muitas vezes ocupadas pelos missionários.

Não eram poucos ou pequenos os trabalhos nas embarcações que singravam o Atlântico e Índico. Neste capítulo, foram depreendidos elementos para a compreensão de um panorama geral das condições de salubridade e dos perigos das viagens. A partir das narrativas inicianas, foram analisadas as descrições sobre as acomodações, alimentação, doenças e pestilências que acometiam os viajantes. Os relatos registravam, além deste quadro de horrores, as ocasiões para práticas religiosas e ofícios divinos assim como o exercício da caridade e assistência aos doentes, conforme será analisado no capítulo seguinte.

²¹⁰ Costa, Schagen e Vieira. *Arte de furtar, espelho de enganos, teatro de verdades...*, 1744, 263-4.

2 As Naus como “Casa de Provação”: Assistência e Práticas de Cura pelos Jesuítas na Carreira da Índia

Ó Meu Pai! Que casa de provação é uma nau destas, para se provar os verdadeiros filhos da Companhia, e aperfeiçoar a caridade e conhecer cada um quem é!. Pe. Andrea de Cabrera, 1564¹.

A correspondência com os relatos de viagem foi, muitas vezes, endereçada, com clara tônica de edificação, para os jovens estudantes dos colégios da Companhia, em Portugal. No ano de 1555, Pe. Antonio Quadros relatou que, entre os padres e irmãos de Coimbra que embarcaram em Belém, não havia a certeza da chegada à Índia, com a “contínua resignação da vida na vontade de Nosso Senhor”. Exortou que os que tomavam “este caminho por amor de Deus e salvação das almas” não se fartavam das consolações pelos muitos trabalhos que padeciam². Este capítulo busca coligir os relatos sobre a caridade e a assistência dos jesuítas nas embarcações, sendo explorados os relatos dos missionários como enfermeiros, aplicadores de clisteres, dispenseiros, debatendo, assim, saberes e práticas de cura entre o Atlântico e o Índico.

Não eram poucas as aflições e serviços nas embarcações. Conforme a epígrafe do Pe. Andrea de Cabrera, que inicia este capítulo, a nau era uma “casa de provação”³. Cumpre notar que este termo apresenta interessante metonímia. Para além do claro sentido dos padecimentos e sofrimentos a bordo, vistos no capítulo anterior, esse termo remonta aos Noviciados. Instituídos na Companhia de Jesus desde a sua primeira década e regimentado nas Constituições (1559) que serviam como período inicial para o aperfeiçoamento dos ingressantes na Ordem. Seguindo modelos das ordens religiosas no medievo, os jovens que desejassem se tornar “soldados de Cristo” deveriam ser treinados e testados em sua perseverança pelos seus superiores, por cerca de dois anos⁴. Dentre as atividades prescritas ao noviço, estava a realização dos Exercícios Espirituais, a peregrinação, a catequese e o serviço em hospitais⁵.

Essas obrigações, indicadas como próprias para provar a perseverança dos noviços, parecem coincidir com a viagem dos missionários na Carreira da Índia. Em condições

¹ Tradução livre. Joseph Wicki, ed., *Documenta Indica* (Roma: Tipografia Pio X, 1960), vol. 6, 381.

² Wicki, *Documenta Indica*, 1954, vol. 3, 397.

³ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 381.

⁴ John W. O'Malley, *Os primeiros Jesuítas*, trad. Domingos Armando Donida (São Leopoldo: Unisinos; Bauru: EDUSC, 2004), 551-4.

⁵ Dauril Alden, *The Making of an Enterprise: The Society of Jesus in Portugal, its Empire, and Beyond, 1540-1750* (Stanford, CA: Stanford Univ. Press, 1996), 12; O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 554; José María Marín Sevilla, *Ignacio de Loyola y los enfermos* (Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia, 2007), 82-93.

favoráveis de navegação, levariam cerca de metade do ano embarcados. A insalubridade e, muitas vezes, a carestia, além dos muitos enfermos e da precariedade na assistência, conforme analisado, ofereciam tempo e ocasião para o Noviciado não somente para exame e teste dos jovens ingressados como, também, para que pudessem alcançar a perfeição. Modelo este, como é bem sabido, do Santo Apóstolo do Oriente, Pe. Francisco Xavier cuja hagiografia foi marcada pelos milagres feitos no mar, como a transformação de água salgada em água doce e o caso do caranguejo que devolveu seu crucifixo⁶ (Imagem 1). Entre as muitas virtudes destacadas para o “Príncipe do Mar”, interessa analisar o exemplo de caridade, ainda na viagem para a Índia. Pe. Sebastião Gonçalves destacou, em sua narrativa, a alegria e esperança no martírio pelo beato padre. Em suas palavras, a missão era:

[...] não menos trabalhosa que perigosa, pois havia de navegar por espaço de muitos meses pela imensa vastidão do mar oceano, por mares empolados e ondas encapeladas, batalhando de contínuo com as tempestades, e sobretudo tão incerto de chegar a porto seguro; e quando o tomasse se havia de ver entre gente tão bárbara e desumana, entre os quais os estranhos se dão por mal seguros e os naturais muitas vezes são dos mais poderosos oprimidos⁷.

Estimulados pela “filosofia de Cristo”, Pe. Francisco Xavier e seus companheiros exercitaram a caridade com os doentes, pobres e “mesquinhos”, segundo o padre historiador. Em seu relato, havendo uma epidemia antes de Moçambique, cuidou pessoalmente dos necessitados e ordenou que os demais missionários se ocupassem deste serviço. Em suas palavras, “curava com diligência os corpos, fa[z]endo muitas ve[z]es o comer e metendo-o com sua mão na boca aos mais fracos”. Amanhecia e anoitecia à cabeceira dos enfermos e não temia que a “doença contagiosa se lhe pegasse”, pois “cuidava ser um gênero de martírio dar a vida por seus irmãos que via padecer extrema necessidade”⁸.

Pe. Alessandro Valignano também destacou os feitos do “Santo Apóstolo” e seus companheiros que encontraram na navegação “mui boa ocasião” para demonstrar “paciência e caridade”. Os missionários, segundo o visitador, socorriam “o melhor que podiam” as necessidades corporais e espirituais dos doentes: “consolando-os e lavando-os e limpando-os com suas próprias mãos de todas aquelas imundícias e maus odores, que passam pelos enfermos”. Ainda segundo o inaciano, a mortificação com a assistência nas naus era ainda maior do que aquela feita nos hospitais, pelas incomodidades, aperto, grande número de doentes e a

⁶ Maria Cristina Osswald, “S. Francisco Xavier no Oriente: Aspectos de devoção e iconografia”, em AA. VV., *São Francisco Xavier. Nos 500 anos do nascimento de São Francisco Xavier: da Europa para o mundo 1506-2006* (Porto: Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 2007), 137.

⁷ Sebastião Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça*, trad. Joseph Wicki (Coimbra: Atlântida, 1957), 4.

⁸ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*, 1957, 68.

falta de todo o necessário, destacando, ainda, os cuidados do padre, em Moçambique, por ser aquela ilha muito enferma e lá adoecerem e morrerem mais portugueses do que na viagem⁹.

Imagem 1 – Representação do milagre da transformação de água do mar em água doce atribuído a São Francisco Xavier. Autor indiano, óleo sobre tela, séc. XVII; Capela Mortuária de S. Francisco Xavier



Fonte: Osswald, *S. Francisco Xavier no Oriente...*, 2007, 133, <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4322.pdf>.

Nota-se, nos relatos sobre os cuidados do Pe. Francisco Xavier, que este tomara para si e para os demais missionários o encargo da cura dos corpos, além dos cuidados espirituais. Nos

⁹ Alessandro Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales: 1542-64*, ed. Joseph Wicki (Roma: Institutum Historicum; Bibliotheca Institutum Historici, 1944), 17, 20.

dois relatos, não há menção à presença de físicos na assistência aos enfermos e a ação do padre aparece como a de um enfermeiro: alimentando, lavando e limpando com as suas próprias mãos. Com base na análise do *Regimento do Hospital de Todos os Santos* (Lisboa, 1504), observa-se que as tarefas desempenhadas pelo inaciano confluíam para os atributos recomendados aos Enfermeiros¹⁰. O modelo de perfeição e virtudes cristãs aparecem em muitas páginas de enaltecimento e edificação da Ordem¹¹.

Havia um modelo de formação do missionário percebido na história da Companhia de Jesus desde os padres fundadores. Partindo das conclusões de O'Malley¹² sobre os “primeiros jesuítas”. Observa-se que muitas das atividades desempenhadas por Ignácio de Loyola e seus companheiros serviram como “presságios dos elementos essenciais” que caracterizaram a ação missionária da Ordem. É nesse sentido que se pode perceber, por exemplo, as narrativas sobre São Francisco Xavier e o exemplo deixado na prática missionária de caridade aos enfermos nos hospitais e, também, nas naus, como será analisado ao longo deste capítulo.

A ajuda divina, o “exemplo” e a edificação que as naus davam aos da Companhia, foram indicados pelo Pe. Pedro de Arboleda como motivadores na assistência¹³. Segundo o inaciano, os missionários se dispuseram a “imitar aos Padres de quem nos contavam muitas coisas de imitação”. Além disso, afirmou que acreditava que este exercício era muito aceito e agradável a Deus e que por tal se ganhavam muitas almas¹⁴.

A caridade foi exercitada e estimulada nos principais centros europeus e nos territórios de missão. De modo comum às obras de misericórdia, os inacianos afirmavam dedicar-se a visitas a presídios, a “resgatar” prostitutas e promover a concórdia, dentre outras atividades¹⁵, como se pode observar, por exemplo, nas recomendações do Pe. Provincial Dr. Miguel de

¹⁰ José Pedro Paiva, e Isabel dos Guimarães Sá, coord., *Portugaliae Monumenta Misericordiarum, 3: A fundação das Misericórdias: O Reinado de D. Manuel I* (Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2004), 97.

¹¹ Vale observar que as narrativas sobre São Francisco Xavier enaltecem seu papel nas embarcações, não somente na viagem para as Índias, mas nos vários cursos que fez no Oriente. Isto se faz perceber em epítetos, como “Peregrino Atlante”, Príncipe del Mar”. Sobre sua hagiografia, ver: Baltasar Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal; e do que fizeram, nas conquistas d'este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso Fundador* (Em Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1645), 61-75; João de Lucena e Álvaro J. da Costa Pimpão. *História da vida do Padre Francisco de Xavier* (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952); Francisco de la Torre y Sevil, *El peregrino Atlante S. Francisco Xavier, apostol del Oriente [Texto impreso]: epítome historico y panegyrico de su vida y prodigios* (En Madrid: por la Viuda de Blàs de Villa-nueva..., 1728); Lorenzo Ortiz, *El príncipe del mar San Francisco Xavier, de la Compañía de Jesús, apóstol del Oriente, y patrón de sus navegaciones...* (Sevilla: D. Joseph Marquez, 1712).

¹² O'Malley, *Os primeiros jesuítas...*, 2004, 554.

¹³ Wicki, *Documenta Indica*, 1958, vol. 5, 40; Maria de Deus Manso, “‘Pedro de Arboleda’, Christian-Muslim relations: A bibliographical history”, *Central and Eastern Europe, Asia, Africa and South America 7* (2015), 293. “Muslim Relations. A Bibliographical History”. *Central and Eastern Europe, Asia, Africa and South America 7* (2015), 866-9.

¹⁴ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica...*, 1958, vol. 5, 40.

¹⁵ Isabel dos Guimarães Sá, *Quando o rico se faz pobre: Misericórdias, caridade e poder no império português, 1500-1800* (Lisboa: CNCDP, 1997), 105; O'Malley, *Os primeiros jesuítas...*, 2004, 259-90.

Torres ao Pe. Manoel Alvares e seu companheiro, antes da viagem para as Índias Orientais, no ano de 1560¹⁶.

Em suas instruções direcionadas ao padre e ao Ir. Francisco Vieira, que acabou sendo substituído pelo Ir. João Rojo, o provincial escreveu alguns apontamentos à luz das regras e Constituição da Ordem. Entre outros elementos, como a atenção e cuidado com o companheiro e a procura pela benevolência do Capitão, orientou que exercitassem as obras de caridade. Por serem de grande fruto e edificação, admoestou que fizessem a missa todos os dias e, aos Sábados, especialmente, também atentassem em rezar o Salve Rainha, fazer práticas, ensinar a doutrina e cuidassem, ainda, de estimular a leitura de “livros bons” para os viajantes¹⁷.

Destacou, também, a importância de confessarem a todos e, ao chegarem em um porto ou em terra firme, logo irem a uma igreja receber o Santíssimo Sacramento. Dentre as obras de misericórdia (segundo o “exemplo de Christo N. Senhor”), recomendou que promovessem a concórdia, socorressem os necessitados, oferecendo-se para distribuir esmolas, que orassem, zelassem pelos moribundos e tratassem dos testamentos. Para este estudo, vale o destaque de sua expressa orientação sobre a assistência. Em suas palavras, os jesuítas deveriam ter “mui especial cuidado de visitar, acompanhar e consolar os enfermos e curar-los quanto for possível”¹⁸. Indo além, e de modo comum aos religiosos embarcados, serviram como curas das almas. Realizavam missas, procissões, celebrações pelos dias dos santos, confissões e extrema-unção. Assim, os atos caritativos a bordo se configuravam entre ser cura das almas e a cura dos corpos.

Henrique Dias elogiou os inacianos que “fizeram muitas obras de misericórdia e piedade, ofício tão natural neles”¹⁹. Pe. Manoel Alvares aparenta ter seguido essas orientações, pois, segundo os elogios do boticário, era um “homem de mui santos e honestos costumes” que, com “grande exemplo de vida, e doutrina” e suas muitas “pregações, devoções, admoestações, confissões”, havia sido “grande alívio e refrigério, assim aos enfermos, como aos sãos”²⁰.

Pe. Gomes Vaz – relatando sobre a pestilenta Armada que chegou, em Goa, em 1576 – afirmou que “bem tiveram os Padres” oportunidade de “exercitar a caridade e paciência nas naus”, particularmente, “ao que toca aos mortos e saúde corporal”²¹. Anos antes, em 1565, Pe.

¹⁶ Wicki, *Documenta Indica*, 1956, vol. 4, 547-51.

¹⁷ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica*, 1956, vol. 4, 548-50.

¹⁸ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica*, 1956, vol. 4, 550-1.

¹⁹ Brito, *Historia Tragico-maritima...*, 1735, vol. 1, 366.

²⁰ Bernardo Gomes de Brito, *Historia Tragico-Maritima: Em que se escrevem chronologicamente os Naufragios que tiverão as Naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a Navegação da India* (Lisboa Occidental: na Officina da Congregação do Oratorio. Tomo primeiro [-segundo], 1735), vol. 1, 366.

²¹ Wicki, *Documenta Indica*, 1968, vol. 10, 713.

Pedro Bonaventura narrou o cuidado com os “enfermos segundo o costume da Compahia nesta carreira e procuramos que lhes faltasse o menos que era possível quanto a saúde das almas e corpos”²².

A assistência, até mesmo nos hospitais do Reino, tinha um marcado cariz caritativo. No *Regimento do Hospital de Todos os Santos* (1504), sobre as funções e obrigações dos enfermeiros, concluiu-se que os mesmos fizessem tudo com “boa vontade mansidão e sem escandalo dos doentes e com toda caridade”. O regimento advertiu, ainda, que se encomendassem a “Nosso Senhor e a Nossa Senhora” e, por fim, que tivessem cuidado em “todas as coisas que por bem de seus ofícios hão de cumprir e são obrigados fazer”²³.

Foram muitos os relatos de edificação sobre o cuidado com os enfermos na Carreira da Índia. Segundo o Pe. Melchior Gonçalves, os missionários deram grande exemplo de edificação na nau São Pedro (integrante da Armada de 1548). Havendo muitos enfermos a bordo, Pe. Mestre Gaspar Barzeo (?-1553) cuidou de pregar e prover os enfermos enquanto o Ir. Juan Hernández serviu como enfermeiro e ele próprio cuidou de alimentar e fazer as práticas. Em carta endereçada aos padres e irmãos de Coimbra, afirmou que o fruto foi tamanho que era coisa de “espanto”. Mesmo depois de chegados a Moçambique, zelavam pelos doentes das muitas e grandes enfermidades que tinham cargo de curar e, também, administravam os sacramentos como a Extrema Unção²⁴.

Isso indica que alguns destes irmãos e padres possuíam conhecimentos prévios em práticas de cura, um fato que não é de se estranhar pelo costume da Companhia de os jovens ingressados servirem nos hospitais do Reino no período do Noviciado²⁵. Além disso, a extrema necessidade parecia permitir que certas práticas terapêuticas, muitas vezes mais afeitas à caridade que aos cuidados médicos acadêmicos, pudessem ser aplicadas. As narrativas dos inicianos sobre as viagens para as Índias Orientais estão repletas de informações sobre atividades caritativas, saberes médicos e práticas de cura, como será analisado a seguir.

²² Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 456.

²³ Paiva e Sá, *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, 3: *A fundação das Misericórdias...*, 2004, 101.

²⁴ Wicki, *Documenta Indica*, 1948, vol. 1, 310.

²⁵ Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal...*, 1938, vol. 1, vol. Tomo II, 677-683.

2.1 Como Enfermeiros e “Cristaleiros”

Pe. Francisco Pina, na armada de 1561, relatou que ele e os irmãos se distribuíram em funções auxiliares no cuidado dos enfermos. O Ir. João Batista serviu como enfermeiro, tendo o “cuidado de saber quem adoecia e da necessidade que tinha”; o Ir. Juan Modonés deitava clister e o padre “tinha cargo de ir ao fogão fazer a comida e dar-lhe o necessário”. Para tal, o Vice-rei havia designado uma escrava sua, para cozinhar, e um criado, para repartir o alimento, nas palavras do inaciano, “pelo rol que fazíamos o físico e eu, do que havíamos de dar a cada um”. Ao padre, pareceu que a abundância de alimentos (pela caridade dos fidalgos e do feito do vice-rei assim como dos próprios padres que mandavam cozer do seu próprio arroz e carne) resultou em que não morreram mais de sete homens “de enfermidades ruins, que não tinham cura nem remédio”²⁶.

Este relato revela interessantes aspectos sobre a missionação na Carreira da Índia. Inicialmente, vale ressaltar a menção da presença do físico, e o papel do padre e dos irmãos ao se distribuírem em encargos na cura dos enfermos: enfermeiro, aplicador de clister e uma espécie de provedor/hospitaleiro. Observa-se, ainda, algumas nuances, como a declaração de que seguiam estritamente o que era prescrito em uma listagem dos doentes dada pelo médico e, também, que creditava a pequena mortalidade – morrendo poucos e de doença sem “cura nem remédio” – à alimentação adequada.

Além dos físicos, cirurgiões, barbeiros e boticários, havia, nos hospitais do Reino e nas embarcações da Carreira da Índia, outros encargos, como de enfermeiros e cristaleiras para a assistência aos enfermos. Estas funções não eram ocupadas por oficiais, tampouco necessitavam de carta de habilitação ou licença do físico-mor para o seu exercício²⁷. Eram remuneradas nos hospitais, mas, nas embarcações, não houve qualquer menção de pagamento, indicando tratar-se de obra caritativa. Na documentação consultada, notadamente nas correspondências coligidas, observou-se a recorrência de relatos sobre a assistência enquanto enfermeiros, dispenseiros/prefeitos dos doentes e aplicadores de clister. (Quadro 1)

²⁶ Wicki, *Documenta Indica*, 1958, vol. 5, 219-20.

²⁷ Lisbeth de Oliveira Rodrigues, “Os hospitais portugueses no Renascimento 1480-1580: O caso de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha” (Tese de Doutorado, Universidade do Minho, 2013), 321-6.

Quadro 1 – Enfermeiros, Cristaleiros ou Despenseiros na Carreira da Índia (1541-1588)²⁸

| Nome | Padre/ Irmão | Ano da Armada | Enfermeiro | Cristaleiro | Despenseiro | Referências |
|------------------------------------|-----------------|------------------|------------|-------------|-------------|------------------------|
| Francisco Xavier e companheiros | Padre | 1541 | x | | | Gonçalves, 1957, p. 68 |
| Juan Hernández | Irmão | 1548 | x | | | DI, I, p. 310 |
| Gaspar Barzeo | Padre | 1548 | | | x | DI, I, p. 310 |
| Adão Francisco | Irmão | 1548 | | x | | DI, I, p. 361 |
| Melchior Dias | Irmão | 1551 | x | | | DI, II, p. 200 |
| Antonio de Heredia | Padre | 1551 | x | x | x | DI, II, p. 409 |
| Emanuel Teixeira | Irmão | 1551 | x | | | DI, II, 202 |
| Manoel de Moraes | Padre | 1551 | | | x | DI, II, 198-199-225 |
| Michael Barul | Padre | 1555 | x | x | | DI, III, p. 397 |
| Joseph Ribeiro | Irmão | 1555 | x | | | DI, III, p. 397 |
| Antonio Quadros | Padre | 1555 | x | x | | DI, III, p. 398 |
| Manoel Alvares | Padre | 1560 | | | | DI, IV, p. 615 |
| João Rojo | Irmão | 1560 | | x | | DI, IV, p. 615 |
| Pedro Arboleda | Padre | 1560 | | | x | DI, V, p. 40 |
| Francisco Vieira | Irmão | 1560 | | | x | DI, V, p. 41 |
| Juan Modonés | Irmão | 1561 | | x | | DI, V, p. 219 |
| Francisco de Pina | Padre | 1561 | | | x | DI, V, p. 220 |
| João Batista do Monte | Irmão | 1561 | x | | | DI, V, p. 219 |
| Vicente Tonda | Padre | 1562 | | x | | DI, V, p. 540 |
| Gonçalo Vaz | Irmão | 1562 | | x | | DI, V, p. 540 |
| Jácome Braga | Irmão | 1563 | | x | | DI, VI, p. 53 |
| Marcos Macht | Padre | 1563 | x | | | DI, VI, p. 53 |
| Pedro Parra e companheiros | Padre | 1564 | x | | | DI, VI, 304 |
| Pedro Ramírez | Padre | 1564 | x | | | DI, VI, p. 294 |
| Fernão Alcaraz | Padre | 1565 | | | x | DI, VI, p. 773 |
| Gaspar Dias | Padre | 1567 | x | | | DI, VII, p. 280 |
| Jeronimo Coelho | Irmão | 1571 | | x | | DI, VIII, p. 435 |
| Damião Marin | Irmão | 1574 | x | | | DI, IX, p. 547 |
| Antonio Nigri | Padre | 1576 | x | x | | DI, X, p. 711 |
| Rodolfo Acquaviva | Padre | 1578 | x | | | DI, XI, p. 377 |
| Vicenzo Sapata (ou Vicente Zapata) | Padre | 1585 | | | x | DI, XIV, 369 |
| Gaspar de Castro | Irmão | 1588 | x | | | DI, XIV, p. 824 |

Padres e irmãos desempenharam essas funções em diversas Armadas, desde a primeira, como no exemplo do Pe. Francisco Xavier. Os relatos apontam que os missionários

²⁸ No dicionário de Bluteau, despenseiro foi definido como: (1) “aquele, por cuja conta corre a despesa, & gastos dos mantimentos da casa”; e, o que parece melhor definir a função nas embarcações, “o que guarda os bens para os administrar, & distribuir, aos outros” *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 3, 165.

dispensavam assistência aos enfermos e pobres das naus assim como aos seus companheiros²⁹. Por certo que não se poderia abarcar a totalidade dos missionários nesses encargos, sendo, portanto, infrutífera a tentativa de estabelecer qualquer análise quantitativa. A seguir, serão exploradas as narrativas com descrições sobre as práticas, buscando, comparativamente, compreender estas funções nas embarcações e os elementos que revelam sobre a medicina Ocidental (destacadamente a portuguesa) no período moderno.

2.1.1 Enfermeiros

A primeira condição para um enfermeiro era a sua caridade e “boa condição”. Estas premissas foram expostas no *Regimento do Hospital de Todos os Santos* (1504). Rodrigues, em suas análises sobre a enfermagem do Hospital de Santa Maria de Pópulo, afirmou que os enfermeiros não cumpriam contratos ou cartas de ofícios tampouco foi encontrada indicação de que recebiam treinamento para a realização do serviço, sendo apontadas como requisitos “robustez física, boa conduta e honestidade”³⁰.

A análise sobre as narrativas dos inicianos revelou que estas características de caridade e boa conduta foram determinantes para a eleição do enfermeiro, sem que, necessariamente, o indivíduo tivesse experiência e/ou saberes reconhecidos. Pe. Gaspar Dias, por exemplo, destacou os serviços feitos e a boa opinião alcançada como “bom enfermeiro e prático na medicina”. Não havendo mais que um barbeiro (“que servia de cirurgião”), o missionário indicou que o capitão, Antonio de Teves e Dom Duarte de Eça lhe designaram o trabalho de cuidado dos enfermos. No entanto, em suas palavras: “trabalhávamos de saberem a verdade e que, se aos sacerdotes doctos em medicina estava proibido usar de tal ofício, quanto mais o seria a sacerdotes na tal ciência idiotas, e assim com todo o recato nos escapulimos”³¹.

Além desta recusa, apenas foi encontrada outra, que revelou interessantes elementos para a compreensão do papel atribuído aos enfermeiros no século XVI. Pe. Fernão Alcaraz narrou que, logo no início da viagem, em 1565, diante do grande número de enfermos, trataram com o capitão de escolher uma pessoa que tivesse conta como “enfermeiro maior”. Este deveria cuidar de tudo o que fosse necessário para a cura e mantimento dentre as coisas enviadas pela

²⁹ Francisco Contente Domingues e Inácio Guerreiro, *A vida a bordo na carreira da Índia: Século XVI* (Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1988), 209, <http://www.iict.pt/imagens/198.pdf>; Paulo Guinote, António Lopes e Eduardo Jorge Miranda Frutuoso, *Naufrações e outras perdas da “Carreira da Índia”: Séculos XVI e XVII* (Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998), 58-60; Koiso; Domingues, *História trágica do mar...*, 2009, vol. I, 269-333.

³⁰ Rodrigues, “Os hospitais portugueses no Renascimento 1480-1580...”, 2013, 323.

³¹ Wicki, *Documenta Indica*, 1962, vol. 7, 280.

Coroa para este efeito. Achou-se por bem eleger os missionários que, contudo, recusaram o serviço. O argumento para não aceitar o encargo foi a humildade dos missionários e, mais ainda, a afirmação do padre de que era necessário se resguardar com o devido “decoro” do que, por vezes, incorria na assistência. Por maior bem que fizessem, destacava o inaciano, os enfermos não se contentavam e murmuravam contra os que dos seus cuidados tivessem mando. Desse modo, os missionários serviram apenas como auxiliares. Na condição de enfermeiros menores, os missionários cuidavam em prover a cada um “conforme a su[a] necessidade”³².

Para que se possa melhor compreender as práticas de cura dos missionários, faz-se necessário observar as funções prescritas para os enfermeiros nos regimentos dos hospitais no Reino. Segundo o regimento do Hospital de Todos os Santos, a primeira tarefa era visitar os doentes, juntamente com o físico, o boticário e o cirurgião, escrevendo o que era prescrito por cada um³³. Esta atividade foi observada em todas as embarcações que possuíssem corpo médico a bordo (notadamente naquelas em que viajavam os vice-reis).

Por exemplo, na armada de 1564, na qual partiu o Vice-Rei D. Antonio de Noronha (1510-1574), havia físico, cirurgião, boticário e barbeiro “todos bem peritos em seus ofícios”, nas palavras do Pe. Pedro [Mercato] Fernandes (1530-1582) que afirmou que todas as manhãs visitavam os enfermos, juntamente “com um ou dois de nós”. Em outro caso, Pe. Fernão Alcaraz descreveu que os missionários andavam pela nau com o corpo médico e um deles levava um “adereço” onde era escrito e assentado o nome do enfermo e o que era prescrito³⁴.

Vale destacar a importância do ato de escrever. Um dos requisitos para um bom enfermeiro, conforme apontou o Compromisso do Hospital de Nossa Senhora de Pópulo, era saber ler e escrever para proceder aos registros necessários³⁵ e, conforme já apontado no *Regimento do Hospital de Todos os Santos*, acompanhar o corpo médico na visita e zelar para que fosse cumprido o ordenado na dietética e terapêutica dos doentes.

Nos regimentos dos hospitais, assim como nos relatos das naus, foi explicitada a preocupação com a alimentação dos enfermos. O enfermeiro deveria levar à Cozinha do Hospital o que fora recomendado pelo Físico e assim mandar fazer frangões, galinhas, ovos e carneiros suficientes³⁶. Para além da preocupação com os famélicos (abundantes nas

³² Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 773.

³³ Paiva e Sá, *Portugaliae Monumenta Misericordiarum, 3: A fundação das Misericórdias...*, 2004, 98.

³⁴ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 293-294, 773.

³⁵ Rodrigues, em suas análises sobre o Hospital de Todos os Santos e Hospital de Nossa Senhora de Pópulo, apontou esta atribuição e requisito para enfermeiro nas duas instituições. Segundo o Compromisso deste último, o enfermeiro deveria saber ler e escrever, e deveria “ir à botica com as receitas para trazer as mezinhas porque avisadamente e sem eleio saiba dar a cada um enfermo o que lhes pelo físico for mandado”. “Os hospitais portugueses no Renascimento...”, 2013, 321.

³⁶ Paiva e Sá, *Portugaliae Monumenta Misericordiarum, 3: A fundação das Misericórdias...*, 98.

embarcações, como já visto no capítulo anterior), observa-se que isto se relacionava à compreensão da teoria humoral e à concepção da importância da nutrição.

Vale lembrar aqui que, conforme apontado anteriormente, as ideias galênicas sobre corpo, saúde e alimentação tiveram grande aceitação e influência no Ocidente até, pelo menos, o século XVIII. Herdeiras dos preceitos hipocráticos, baseavam-se na teoria filosófica e médica de que a saúde dos corpos era mantida/estabelecida pelo equilíbrio dos humores: sangue, muco, bile amarela e bile preta. O alimento e a farmacopeia estavam assim conectados, sendo necessário compreender os princípios dinâmicos destes humores e agir conforme a *Diaita*. O alimento tinha dupla função: na nutrição primordial para a sobrevivência e como agente com efeitos bons ou ruins sobre o processo fisiológico do corpo. A dietética seria a escolha de alimentos que, seguindo variáveis de calor-frio e umidade-secura, podiam controlar o desajuste destas qualidades no corpo (a doença)³⁷.

O médico valenciano Geronimo de Virues, na introdução da obra do renomado médico Amato Lusitano (1511-1568), afirmou que, segundo Hipócrates, Galeno e Celso Cornelio, a medicina era formada por três partes. A primeira apontada foi o cuidado na alimentação dos enfermos, seguida da administração de medicamentos e, por fim, da cirurgia³⁸. Observa-se, deste modo, que a preocupação com a alimentação dos enfermos era parte fundamental da assistência. Os exemplos a este respeito são numerosos.

Na armada de 1551, Pe. Manuel de Moraes e os irmãos Pedro de Almeida, Aleixo Madeira e Antonio Dias “ajudaram por sua parte a levar a cruz do Senhor” com o cuidado com os enfermos³⁹. Os missionários também cuidavam de prover de alimentos de mais “sustancia”, como a galinha, embora esta fosse escassa e bastante valorizada. Ainda segundo o padre, apesar de todos os inicianos terem também caído das doenças, “pela misericórdia de Deus”, não perdiam “o fervor de servirem os outros doentes”. Apenas deixavam o serviço por algum dia, quando eram os mesmos sangrados, mas não tardavam muitos dias em se levantar e “servir aos doentes”⁴⁰.

Por vezes, os inicianos se dedicavam a pedir esmolas para que os pobres e enfermos não pudessem, como, por exemplo, o Ir. Melchior Diaz (1534-?), que foi “enfermeiro dos doentes da nau todos” até a chegada em Moçambique. Nas palavras do Ir. Emanuel Teixeira (1536-1590), o irmão enfermeiro “tinha muita caridade” e pedia esmola por eles, pois “os

³⁷ Innocenzo Mazzini, “A alimentação e a medicina no mundo antigo”, em *História da alimentação*, org. Jean-Louis Flandrin, Massimo Montanari e Maria da Graça Lisboa Pinhão (Lisboa: Terramar, 1998), 223-33.

³⁸ Amato Lusitano, *Dialogo en el qual se trata de las heridas de cabeza...*, 1588, 3.

³⁹ Wicki, *Documenta Indica*, 1950, vol. 2, 198-9; 225.

⁴⁰ Wicki, *Documenta Indica*, 1950, vol. 2, 225.

doentes tinham muito pouco que comer”. Assim, recebia e repartia caixas de marmelada e galinhas “e todas as outras coisas que lhe eram necessárias”, de modo que foram sustentados “com a graça do Senhor”⁴¹.

Pe. Pedro [Mercato] Fernandes narrou que, juntamente com o vedor e despenseiros da nau, zelava por dar o que fosse necessário para os doentes: “como galinhas, carneiros, passas, amêndoas, confeitos, biscoito dos bem alvos, e finalmente cada dia tínhamos na nau pão fresco”. Com um “rol” e um “aparelho para escrever”, os inacianos acompanhavam o físico, o boticário, “para que quando o licenciado ordenasse alguma coisa, logo fizesse memória dela e aplicasse a seu tempo”. Faziam o mesmo com o cirurgião e o barbeiro, levando os convalescentes das cirurgias para as portas do seu camarote, conforme a necessidade⁴².

Nos relatos de naufrágios, destacou-se o caso de edificação do Pe. Vicente Zapata (1540-1585?). Segundo a narrativa de Manuel Godinho Cardoso, logo no início da viagem, foi decidido “que se elegesse um enfermeiro cada semana para os pobres que adoecessem”. O capitão-mor desempenhou o encargo durante a primeira semana, seguiram-se outros dois voluntários, contudo, deixando tão “grandes obrigações de caridade e liberalidade aos sucessos [...] pareceu melhor que houvesse um enfermeiro certo para toda a viagem, fazendo ao Padre Zapata prefeito dos doentes, com encargo de lhes buscar de esmolas todo o necessário”⁴³.

Não foi encontrado este termo “prefeito de doentes” no *Regimento do Hospital de Todos os Santos*. Contudo, a partir das atribuições postas para o Pe. Zapata – a coleta e repartição das esmolas, o cuidado no vestir e em bem acomodar e, também, em administrar os artigos dispensados para os enfermos –, nota-se que se aproxima do encargo do Hospitaleiro que, no *Dicionário* de Bluteau, foi brevemente definido como “aquele que tem cuidado do hospital dos doentes”⁴⁴.

Como “prefeito de doentes”, Pe. Zapata tinha outros cuidados além das esmolas. O seu exemplo de muita piedade, mansidão, caridade e prudência foi apontado pelo Pe. Pedro Martins em seus relatos⁴⁵. Narrou o padre que, todas as manhãs, o físico, o Pe. Zapata e um enfermeiro

⁴¹ Wicki, *Documenta Indica*, 1950, vol. 2, 200.

⁴² Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 294.

⁴³ Cardoso et al., *Relaçam/ do naufragio/ da nao Santiago...*, 1602, 5.

⁴⁴ Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 4, 85.

⁴⁵ Pe. Pedro Martinz assim relatou no mortuário do Pe. Vicente Zapata: “O 2º. que adoeceu foi o Pe. Vicente Çapata, homem por certo *vere religious in quo dolus non erat, dilectus Deo et hominibus*, porque assim na nau, onde tinha cuidado de prover os pobres e superintendência nos doentes, como aqui em cativoiro era tão bem quisto de todos, que foi sua morte muito sentida deles. Este bom Padre, como era já de idade e gastado algum tanto com os trabalhos, também, acabou em breve, mas não acabará o bom exemplo que deu na nau e em toda esta viagem, nem a virtude com que sempre procedeu na Companhia, como sabem todos os que o conheceram em Espanha, especialmente os Padres e Irmãos de Madri onde foi ministro e mostrou rara virtude e santidade”. Wicki, *Documenta Indica*, 1979, vol. 14, 404.

visitavam os enfermos e, com diligência, cuidavam que tivessem todo o necessário, assim como os pobres, que receberam do padre roupas e biscoitos como esmola⁴⁶.

Na carta enviada de Goa, em 9 de dezembro de 1586, ao Padre Geral Claudio Acquaviva (1543-1615), Pe. Pedro Martins acrescentou mais informações sobre as práticas do Pe. Zapata. Narrou que o capitão mor Fernam de Mendoza havia colocado o missionário como “superintendente” da fazenda e “matolagem” necessária para a cura, “assim de dietas, como de galinhas, conservas, mezinhas e todo o mais necessário”. O inaciano cuidava, juntamente com o enfermeiro, de fazer o que “comer e mais mezinhas se lhe fizessem a seu tempo”⁴⁷.

Por vezes, os inacianos atuaram como despenseiros das provisões. A este respeito, Pe. Pedro de Arboleda narrou que o capitão D. Jorge de Sousa lhes havia entregado as “coisas que do Reino vinham na nau para os doentes”. E não sendo estas coisas “do Rei” suficientes, mandou, por sua própria conta, que os inacianos repartissem barris de conservas. Deste modo, os doentes podiam contar com galinhas, açúcar rosado e comum assim como marmeladas e outras coisas compradas e obtidas através das esmolas recolhidas pelos jesuítas na nau⁴⁸.

O padre descreveu a ordem da distribuição dos mantimentos para os enfermos. Afirmou que, a princípio, preparavam panelas com lentilhas e outras de ameixas e que os enfermos iam à porta da câmara dos inacianos para buscar a refeição. Aumentando o número dos acometidos pela moléstia, iam os irmãos, pelo convés, levar, a cada um, um bocado de papa de farinha e galinha no almoço (o caldo ou a perna para quem gostava). Grassando a carestia e não restando mais nada, recebiam apenas uma colher de açúcar rosado, um pedaço pequeno de marmelada e um pouco de biscoito branco⁴⁹.

Pe. Emanuel de Moraes recebeu, então, também do capitão Diogo de Almeida, a incumbência de administrar a despensa del’Rei. Queixou-se o padre de que não havia as coisas necessárias, tampouco botica, como costumava haver nas naus, de modo que o capitão ordenou que pegassem das suas provisões, assim como os próprios missionários davam da sua matolagem. Contudo, não sendo suficientes, foi necessário tomar das coisas que iam do Rei, como “lentilhas, grãos, ameixas, mel de açúcar”, o que não era suficiente para os cerca de 80 doentes. Em suas palavras, por esta razão,

[...] foi necessário dar-lhe um dia lentilhas, e o outro dia papas de farinha d’El-Rey, com mel; e assim sustentamos os doentes que não percessem de todo, porque alguns deles não eram doentes, senão de pura fome, e outros das gengivas e das pernas, que quase a todos incham no Cabo de Boa Esperança⁵⁰.

⁴⁶ Martinez, *Ragualglio d’um notabilissimo nafragio...*, 2009, vol. ?, 8.

⁴⁷ Wicki, *Documenta Indica*, 1979, vol. 14, 369.

⁴⁸ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica*, 1958, vol. 5, 40.

⁴⁹ Wicki, *Documenta Indica*, 1958, vol. 5, 40-41.

⁵⁰ Wicki, *Documenta Indica*, 1950, vol. 2, 224-5.

Ainda segundo este relato do padre, a única coisa que tinha “sustancia” para os enfermos eram galinhas. Contudo, escasseando os víveres, ninguém as dava a ninguém, de modo que:

[...] das outras coisas de comer, tudo vale a peso de dinheiro, e os pobres padecem muito; e nenhum, por rico que seja, se a viagem é comprida como a nossa, há que não padeça trabalho, ou por doença ou por fome⁵¹.

Pe. Antonio Quadros descreveu a carestia de alimentos, a pobreza dos viajantes e a caridade do capitão e da tripulação. Enquanto os missionários buscavam, por esmola, “galinhas e todas as mais coisas de doentes”, o capitão mandou prover os enfermos e, segundo o padre, “nos mandava muitos quartos de carneiro e galinhas, conservas, ameixas, passas, porque, o que dá El-Rei não vale nada”. Relatou que os marinheiros mandaram caixas de marmelada para repartir. Esgotadas as provisões, o capitão (“que era muito bom homem”) mandou dar do seu vinho para a gente, fazendo uma mesa para os pobres⁵².

Nos relatos analisados, observou-se a recorrência na indicação de certos alimentos como salutareos e necessários para os enfermos. Alguns faziam parte, ordinariamente, das provisões dadas pela Coroa⁵³. Pe. Parra, por exemplo, descreveu o jantar dos enfermos como composto de duas panelas, uma de lentilha e outra de galinhas. Com base na lista de doentes, distribuía os alimentos, de modo que todos os enfermos “comiam muito bem”. Por vezes, sobrava e dava-se, então, para os pobres sãos. O padre afirmou, ainda, que, acabando o pão, dava do próprio da matolagem para os doentes e sãos e que, alguns dias, chegava a dois, três sacos, sobrando pipa e meia de biscoito. Também à manhã e à noite davam pão com marmelada ou passas⁵⁴.

Os alimentos apontados pelos inicianos para a dieta dos enfermos faziam parte dos conselhos médicos para a conservação da saúde e da dietética nos hospitais em Portugal. O alimento base das embarcações era o biscoito, parte das provisões reais para os viajantes e das dotações para os missionários (conforme visto no capítulo anterior). Nas referências aos enfermos, observou-se que eram indicados os pães brancos, de farinha mais pura. Como destacou o doutor Francisco Nuñez de Oria (15--15--), o pão era o “fundamento de todos os outros manjares”⁵⁵. Mencionando Galeno e Avicena, o humanista afirmou a importância da qualidade do pão e do trigo, pois caso estivesse estragado, não somente não trazia o benefício da temperança como era considerado muito danoso. Suas virtudes, para os enfermos, podem

⁵¹ Wicki, *Documenta Indica*, 1950, vol. 2, 224-5.

⁵² Wicki, *Documenta Indica*, 1954, vol. 3, 398; 399; 400.

⁵³ BA, 51-VI-54, fl. 1: *Folha da gente do mar e de navegação...*, 1605; Falcão, *Livro em que se contem toda a fazenda e real patrimonio...*, 1859.

⁵⁴ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 307.

⁵⁵ Tradução livre. Nuñez de Oria, Francisco. *Aviso de sanidad: que trata de todos los generos de alimentos y del regimiento de la sanidad: co[m]prouado por los mas insignes y graues doctores. Hecho por... Francisco Nuñez de Oria...* En Madrid: por Pierres Cusin, 1572, 61-62.

ser consideradas tanto pela indicação nos textos de regimentos da época quanto por figurar, com grande peso, nas receitas e despesas dos hospitais de Portugal desde o século XVI⁵⁶.

A galinha e os frangões também tinham grande reputação no restabelecimento dos enfermos, sendo comumente utilizados na sua dieta em Portugal⁵⁷. Segundo o humanista Francisco Nuñez de Oria, “todos os autores antigos” concordavam em serem estas as “mais louváveis e saudáveis das carnes”. Dentre as propriedades atribuídas, afirmou que Avicena considerava aumentar o entendimento e Averrois dizia que tinha a propriedade de temperar o calor⁵⁸. Vale ressaltar que, além da compreensão de sanidade, deve ser considerada, ainda, a sua utilidade, nas náus, pela possibilidade de transporte nas embarcações enquanto parte dos víveres a bordo.

Alimentos frescos, como as laranjas distribuídas pelo Pe. Alcarraz, não eram abundantes nas viagens⁵⁹. Observa-se que os frutos secos (como passas e ameixas) e em conservas (como as marmeladas) eram considerados bastante úteis, devido à sua conservação e às propriedades medicinais que lhes eram atribuídas. O processo de produção de conserva é bastante antigo e conhecido na história da humanidade. Os gregos produziam marmeladas (cozinhando marmelos com mel) e guardavam para tempos de carestia. Desde a Antiguidade, também se escrevia sobre os seus fins terapêuticos, pois, seguindo a tradição médico-alimentar galênica, as frutas não eram salutares e precisavam ser equilibradas em suas virtudes⁶⁰.

Segundo os preceitos galênicos, os frutos não tinham uso medicinal em si mesmos, quando *in natura*, podendo até mesmo serem danosos para a saúde. O médico Francisco Nuñez de Oria dedicou o seu terceiro livro à pouca sanidade e aos males decorrentes do consumo das frutas. Mencionando “doutos varões” como Galeno, Rasis (865-925) e Avicena argumentou que todas as frutas eram consideradas úmidas, de mau nutrimento e que engendravam, no corpo, maus humores⁶¹. O doutor defendia que as frutas não fossem usadas como mantimentos pelas seguintes razões: (1) por serem tenras e brandas, elas se dissolviam nos membros; e (2) por serem más (uma vez que são fáceis de corromper e apodrecer). Ainda que algumas fossem consideradas nutritivas, deveriam ser evitadas pela sua malícia em trazer aos homens febres e outras doenças e enfermidades e, mencionando Rasis, afirmou que a “maior parte das frutas é

⁵⁶ Rodrigues, *Os hospitais portugueses no Renascimento...*, 2013, 869-873.

⁵⁷ Rodrigues, *Os hospitais portugueses no Renascimento...*, 2013, 331.

⁵⁸ Nuñez de Oria, *Aviso de sanidad...*, 1572, 114.

⁵⁹ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 773-4.

⁶⁰ Powell, *Galen on the properties of foodstuffs*, 2003; Mazzini, *A alimentação e a medicina no mundo Antigo...*, 1998.

⁶¹ Nuñez de Oria, *Aviso de sanidad...*, 1572, 229-286.

para uso de medicinas”⁶². O uso medicinal era obtido através do equilíbrio das virtudes dos frutos pelo cozimento, acrescentando-se açúcar ou mel ou através do processo de secagem⁶³.

A bordo da nau São Felipe, Ir. Jácome de Braga descreveu “as grandes necessidades que havia na gente” e relatou que, ao se aproximarem do Cabo da Boa Esperança, foram surpreendidos por grandes frios que, segundo o missionário, fizeram cair mais de 200 enfermos. Quanto aos que foram acometidos de febres, registrou os cuidados de lhes refrescar os pulsos com vinagre e água rosada. Sobre a dieta, descreveu o uso de alimentos condizentes com os preceitos galênicos de equilíbrio dos humores e, assim, sendo a febre quente, era indicado que se desse aos enfermos alimentos frios, como ameixas cozidas em açúcar, passas e marmeladas. Além disto, afirmou que distribuíam água aos doentes “com o qual ficavam muito esforçados dando disso muitos louvores a Deus”⁶⁴.

Pe. Marcos Macht narrou que havia recebido do capitão a tarefa de distribuir água e alimentos aos enfermos e, além dos gêneros mencionados, destacou a distribuição de uma medicina usual: o açúcar rosado. Afirmou que, além de ser usado o da botica e despensa do rei, também era comprado com as esmolas recolhidas para os pobres⁶⁵. Com benefícios atribuídos para o coração, estômago e vísceras, o açúcar rosado, preparado com pétalas de rosa⁶⁶, era também amplamente utilizado no Hospital de Todos os Santos, sendo recomendado que os enfermeiros-mores guardassem-no, juntamente com as águas de cheiro, para repartir aos enfermos⁶⁷.

Além da repartição dos alimentos, foram encontradas descrições sobre o papel dos inicianos na distribuição das mezinhas. Por exemplo, na armada de 1564, Pe. Pedro Parra narrou que, a bordo da nau S. Vicente, o camarote dos jesuítas foi chamado de “caxa ou casa da Misericórdia”. Depois de partirem de Moçambique rumo a Goa, sabendo que, por aquele caminho, “adoece e morre muita gente”, o padre afirmou que havia solicitado certa esmola, pois, na embarcação, parecia que seguia “toda a pobreza de Portugal”. Relatou que os missionários fizeram o rol de todos os cerca de 60 enfermos e que, todas as manhãs, juntamente com o médico e barbeiro, os visitavam⁶⁸ e levava todo o necessário “para que se vissem as águas dos doentes”, prática usual de diagnóstico na medicina Ocidental moderna. Acreditava-

⁶² Tradução livre. Núñez de Oria, *Aviso de sanidad...*, 1572, 231.

⁶³ Mazzini, *A alimentação e a medicina no mundo Antigo...*, 1998, 229.

⁶⁴ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 54.

⁶⁵ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 53.

⁶⁶ Meneses, *Boticas e boticários de além mar...*, 1981, 49.

⁶⁷ Paiva e Sá, *Portugaliae Monumenta Misericordiarum, 3: A fundação das Misericórdias...*, 2004, 101.

⁶⁸ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 307.

se que, através da observação da urina, se poderia conhecer a doença⁶⁹. No *Compromisso do Hospital das Caldas da Rainha* (1512), foi apontado que, no momento da visitação dos enfermos, o físico e os enfermeiros coligiam informações sobre as enfermidades, “pulsos, águas e sinais”, para, deste modo, acertar a terapêutica e as mezinhas. Cabia aos enfermeiros mostrar as “urinas e bacios e lhe deram certa informação de como passaram de noite”⁷⁰.

Segundo o Pe. Pedro Parra, os missionários providenciavam “mais ataduras para sangrar ou curar chagas” e, mais que isto: “fazia-se com os doentes tudo o que boamente se podia fazer do que o físico mandava”. Nesse sentido, relatou que o camarote dos inacianos havia se tornado uma espécie de botica, além de enfermaria. Fazia-se o clister, e também “enxaropes, tisanas e amendoadas; e para as purgas davam-nos um pequeno de Alexandrino (espécie de erva lombrigueira), o qual ajudou muito para sustentar a gente que não morressem”⁷¹.

Os cuidados com os doentes eram praticados também, pela providência de melhor acomodá-los na embarcação. Por vezes, as câmaras destinadas aos missionários eram transformadas em Enfermarias, como relatou, por exemplo, o Pe. Fernão de Alcaraz sobre a assistência na Armada de 1565⁷². Segundo o inaciano, quando os missionários observavam que algum doente não tinha onde se deitar ou estava em lugar ruim e perigoso, levavam-nos para a própria câmara, de modo que:

[...] quase todo o tempo que houve enfermos, colocamos os que podíamos em um catre ou cama, e em umas arcas que ali tínhamos, e creio que por ali melhor regalados e alvergados, e por assim o querer nosso Senhor, escaparam todos os que ali levávamos; aos quais, estando bons ou fora de perigo, retirávamos, para trazer a outros mais necessitados⁷³.

Nos regimentos dos hospitais, determinava-se que o Enfermeiro-mor e os enfermeiros menores deveriam cuidar do asseio da enfermaria, ordenando as camas e fazendo com os que os escravos deixassem tudo sempre bem limpo. Foi recomendado, ainda, que não descuidassem dos lavatórios e banhos que o físico mandasse “de maneira que estejam nos leitos em toda limpeza porque esta é uma das principais coisas que aproveita aos doentes e de que os enfermeiros devem ter maior cuidado”⁷⁴. Os inacianos relataram exemplos neste sentido e, apesar da repugnância, por vezes, os missionários se ocupavam de tarefas consideradas mais servis. Um exemplo é o relato do Pe. Arboleda sobre suas atividades com o Ir. Francisco Vieira

⁶⁹ Rebollo, *O legado hipocrático...*, 2006, 8.

⁷⁰ Paiva e Sá, *Portugaliae Monumenta Misericordiarum, 3: A fundação das Misericórdias...*, 2004, 149.

⁷¹ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 307.

⁷² Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 773.

⁷³ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 773.

⁷⁴ Paiva e Sá, *Portugaliae Monumenta Misericordiarum, 3: A fundação das Misericórdias...*, 2004, 100.

limpando os “servidores” (recipiente para se lançarem as necessidades do corpo), o que causava edificação e espanto aos da nau⁷⁵.

Os inacianos pareciam gozar de boa reputação em função desses feitos. Pe. Antonio Quadros relatou que a caridade com os enfermos havia causado grande edificação. Em sua narrativa, alguns embarcados lhes foram pedir perdão do “escândalo que tiveram” por lhes parecer que os missionários levavam muita matolagem, mas que então viram que quase toda fora dada aos enfermos⁷⁶. Feitos os paralelos com as atividades desempenhadas nos hospitais do Reino, observou-se a similitude: os religiosos consolavam os enfermos com refrescos, auxiliavam oficiais do corpo médico (quando havia), repartiam alimentos e mezinhas e, por vezes, cuidavam do asseio e das acomodações. Interessa assinalar que, além de servir como enfermeiros, alguns jesuítas tomaram para si o cuidado direto dos enfermos administrando e auxiliando nas terapias.

2.1.2 As seringas e os padres e irmãos “cristaleiros”

Pe. Antonio Quadros descreveu os exercícios que, juntamente com o Pe. Michel Barul e o Ir. Joseph Ribeiro, praticou na viagem para a Índia, em 1555. Logo depois da partida de Lisboa, o Pe. Michel (que “vinha melhor disposto”) começou a ter cuidado dos doentes. “Curava-os com caridade” e com o que possuíam ao alcance, segundo o padre. Deitavam clisteres, que com o “sangrar é a mezinha mais comum da nau”. Os missionários cederam sua câmara e leitos para os enfermos e sempre tinham dois ou três sob seus cuidados assim como deram das suas provisões e repartiram a do capitão (que “nos mandava muitos quartos de carneiro e galinhas, conservas, ameixas, passas, porque o que dá El-Rei não val[e] nada”) e pediram esmolas a gente honrada (“que tinha galinhas e todas as mais coisas de doentes”). Por fim, descreveu que contaram com a ajuda de um “bombardeiro⁷⁷, muito nosso amigo”, e “que sabia alguma coisa e os curava”. Além das “mezinhas”, o inaciano afirmou que “fazíamos sangrar, e lhe deitavamos os clisteres, e lhe lavavamos os vasos, e lhe fazíamos de comer e lho dávamos”⁷⁸. Não foram encontradas outras indicações de que os missionários administrassem sangrias.

⁷⁵ Wicki, *Documenta Indica*, 1962, vol. 7, 41.

⁷⁶ Wicki, *Documenta Indica*, 1954, vol. 3, 400.

⁷⁷ “Oficial que faz pontaria com a artilheria, & a dispara”. Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 2, 151.

⁷⁸ Wicki, *Documenta Indica*, 1954, vol. 3, 397; 398.

Pe. Antonio de Heredia descreveu o ofício de enfermeiro e suas práticas no cuidado com os enfermos, na embarcação da Armada de 1552. Afirmou que, desde a partida, cuidaram em fazer as orações e ladainhas para que o “Senhor nos desse prospera viagem”, de modo que todos pudessem se “exercitar naquela nau” para “serviço e proveito daquelas almas” e cada um se aperfeiçoar “em seu ofício”⁷⁹. Descreveu que, para si, coube o “ofício” de enfermeiro ao qual, nas suas palavras:

[...] é anexo lançar clisteres, ir debaixo da coberta, primeira e segunda; na primeira, onde estavam os doentes, donde se sofria tão grande fedor, que transpassava as entranhas, por estar ali com ele ò fazer suas necessidades, e os que podiam faziam-nas com ¼ de pipa, e os outros onde estavam por ser necessário assim, à uma por carecerem de vasos e à outra por não poderem subir acima e serem muitos. A 2ª. donde se lhes ia a buscar agua, onde havia tão grande quentura, que parecia estar homem em um forno de vidro, porque todo se tornava e convertia em agua⁸⁰.

Além da assistência destacada, apesar dos incômodos de “transpassar as entranhas”, vale destacar, neste relato, a ênfase dada pelo padre à prática de “lançar cristéis” [sic]. Nos relatos inicianos, aparece, com certa recorrência, o emprego dos clisteres – injeção com água para lavagem intestinal feita por via retal (Imagem 2) –, amplamente utilizado no Reino, regulamentada no Hospital de Todos os Santos sendo sua administração atribuída às mulheres chamadas cristaleiras. No Compromisso do Hospital de Caldas da Rainha (Lisboa, 1512), afirmava-se que a cristaleira apenas poderia realizar seu ofício por ordenança do físico, “com muita diligência” nos pobres enfermos, homens ou mulheres⁸¹. Conforme indicado por Rodrigues⁸², as cristaleiras eram também responsáveis por destilar água e aquecer os xaropes, além de aplicar os clisteres.

No ano de 1560, Henrique Dias e Pe. Manoel Alvares concordaram, em suas narrativas, nos elogios ao Ir. João Rojo. No quadro de febres pestilenciais que acometeu os viajantes antes do naufrágio, o irmão esteve, nas palavras do boticário, “muito virtuoso, e zelador do bem comum” e “grande adjutorio para a saúde de todos”⁸³. Segundo o padre, dos 487 embarcados, não ficaram mais de 14 sem caírem enfermos e, dentre estes, o Ir. Rojo, que gozou de boa saúde, o que lhe permitiu fazer muitas vezes a aplicação de clister. Em suas palavras, “com que a gente muito se edificava e com que muito proveito recebiam para suas enfermidades, ainda que, todavia, tinha muito trabalho com o avivamento pera eles”⁸⁴.

⁷⁹ Wicki, *Documenta Indica*, 1950, vol. 2, 409.

⁸⁰ Wicki, *Documenta Indica*, 1950, vol. 2, 409

⁸¹ Paiva e Sá, *Portugaliae Monumenta Misericordiarum, 3: A fundação das Misericórdias...*, 2004, 147.

⁸² Rodrigues, “Os hospitais portugueses no Renascimento...”, 2013, 326.

⁸³ Brito et al., *Historia Tragico-Maritima...*, 1735, vol. 1, 366.

⁸⁴ Wicki, *Documenta Indica*, 1956, vol. 4, 622.

Imagem 2 – Seringas de clister. Marfim e madeira (Século XVIII)



Fonte: Museu de Farmácia, Lisboa. Acervo Pessoal.

Nesta mesma armada, Pe. Pedro Arboleda relatou que, durante a viagem, morreram mais de 69 pessoas, três vezes mais do que nas outras naus. A enfermidade, grande e universal, não havia poupado ninguém⁸⁵. Não havia médico a bordo, tampouco mezinhas e coube ao Ir. Francisco Vieyra a assistência⁸⁶. Segundo o padre, o irmão aplicava clisteres para aliviar o padecimento dos enfermos e foram tantas vezes que, sendo a seringa que os jesuítas levaram a única na embarcação, no fim da viagem esta não servia para mais nada. Em suas palavras:

Era nisto tão ocupado o irmão que não se podia com todos comprir. Limpávamos os servidores, do que eles, além de se edificar e espantar, se corriam assim os enfermos como os sãos, e alguns (*licet* poucos) nos vinham a tirar das mãos, dizendo que era pecado estando eles ali deixarnos fazer isto⁸⁷.

⁸⁵ Wicki, *Documenta Indica*, 1958, vol. 5, 41.

⁸⁶ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 42.

⁸⁷ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica*, 1958, vol. 5, 41.

Apenas dois anos depois, em 1562, Pe. Vicente Tonda e Irmão Gonçalo Vaz, a bordo da nau capitania São Martinho, tiveram “muita conta” com os enfermos. Segundo o Ir. Antonio Fernandes, cuidaram em provê-los “assim de coisas doces como de galinhas quando era necessário” e também deitavam injeções de clister⁸⁸. Em 1563, o Ir. Jácome de Braga relatou com muitos detalhes os cuidados com os enfermos ainda antes de a nau dobrar o Cabo da Boa Esperança. Afirmou que, após algumas tempestades, começaram a “cair os enfermos”, por volta de 25 ou 30. Narrou que o Pe. Marcos Macht serviu como enfermeiro, visitando os doentes com o barbeiro e que ele próprio ficou com o encargo de aplicar os clisteres. O irmão observou que estes serviam como “toda a medicina” e que, por dia, se deitava de oito a doze e que algumas pessoas tomavam de duas a três injeções por dia. Dentre as terapias, afirmou que a uns se sangrava, a outros se aplicava os clisteres, e a outros, ainda, se cuidava de “alevantar-lhes as espinhelas”⁸⁹.

Pe. Ramírez foi especialmente dedicado nos cuidados àqueles que haviam sofrido cirurgia a bordo da nau S. Antonio, no ano de 1564. Segundo o Pe. Pedro Fernandes, o padre “cristaleiro” dividia seus afazeres entre fazer sermões e “dar cristéis [sic] aos que o físico havia ordenado”. Deste modo, pela “graça do Senhor se cumpriu com um e outro com satisfação e alegria de todos, e disto sejam dadas graças ao Nosso Senhor”. Na mesma armada de 1564, Pe. Pedro Parra narrou que, a bordo da nau S. Vicente, “[f]azia-se com os doentes tudo o que boamente se podia fazer do que o físico mandava”, como a aplicação dos clisteres⁹⁰.

Em 1565, Pe. Fernão Alcaraz, em sua descrição sobre a enfermidade das gengivas e pernas inchadas, cuja cura principal era a sangria, devido aos poucos refrescos e remédios oferecidos, relatou que morreram mais de 90 pessoas e, após desembarcarem, mais 20 ou 30⁹¹. Nos elogios fúnebres ao Ir. Jeronimo Coelho, falecido em 1571, Pe. Balthasar Lopes destacou a caridade do irmão com os enfermos na nau, “deitando muitos clisteres e outras muitas coisas que nas muitas necessidades e doenças se oferecia fazer”⁹².

Na armada que chegou a Goa, em 1576, Pe. Antonio Nigri esteve envolvido na “cura dos enfermos e noutros mais ministerios que fazia com tanta edificação, caridade e paciencia por todo o caminho de Portugal”. Pe. Gomes Vaz relatou que todos haviam se admirado com tamanha virtude do padre italiano que confessava e curava, com muito “cuidado e diligencia”, de modo que, não havendo outros que o fizessem,

⁸⁸ Wicki, *Documenta Indica*, 1958, vol. 5, 539-540.

⁸⁹ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 53.

⁹⁰ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 294, 307.

⁹¹ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 772.

⁹² Wicki, *Documenta Indica*, 1964, vol. 8, 435.

[...] deitava clisteres ainda aos escravos e aos mouros que vinham na nau, não fazendo com sua muita caridade e humildade nenhuma diferença quanto ao servi-los e ajudá-los entre os grandes e pequenos, nem entre os escravos e os senhores⁹³.

A partir destes relatos, vale traçar algumas considerações. Alguns deles correlacionam a administração da terapia ao consolo e refresco dado aos enfermos. Por vezes, a confissão dos enfermos vinha atrelada à aplicação de clisteres, como na narrativa do Pe. Fernando Perez que afirmou que o Ir. Adão Francisco visitava os enfermos e os consolava exortando-os à confissão, deitando-lhes clisteres⁹⁴. Além disto, vale notar que a seringa aparece dentre os pertences de uso dos inacianos, embora não tenha sido descrito que os próprios padres e irmãos tenham recebido a terapia não somente na viagem de ida e em seu retorno, apontando, também, a permanência de práticas da medicina europeia em Goa. Um dos indícios da circulação das ideias e práticas de cura pode ser observado no que diz respeito ao transporte de instrumentos.

No ano de 1576, Pe. Alessandro Valignano, então Visitador na Índia, ordenou que o Pe. Martim da Silva partisse para a Europa levando notícias e solicitações sobre as missões na Índia, especialmente para Roma. Desse modo, foi ordenado que fossem feitas as provisões para a viagem, listadas no *Rol da matolotagem que se dá a cada um dos padres que vão para o Reino por ordem do Pe. Visitador*⁹⁵ (Quadro 2). Não foram encontradas informações de quantos mais padres ou irmãos o acompanharam na viagem. A menção a apenas duas roupetas e dois pares de sapato leva a supor que esta era para, somente, um ou dois viajantes.

Observa-se, na listagem, a presença de artigos para alimentação ordinária assim como para refresco de enfermos, conforme apontado anteriormente. Destacam-se os 30 arratéis de conserva (pouco mais de 13 kgs), e os seis arratéis (cerca de 3 kgs) de açúcar rosado, quantidade avultada para apenas um ou dois missionários. Este “excedente” poderia ser usado, caritativamente, com os enfermos das naus ou, ainda, direcionado para Portugal ou Roma. Particularmente, o que chama atenção é a presença de uma seringa dentre os itens arrolados.

Quadro 2 – Rol da matolagem que se dá a cada um dos padres que vão para o Reino por ordem do Pe. Visitador

| Quantidade | Medida | Item |
|------------|---------------------|--------------------|
| 3 | barris de 6 almudes | biscoito |
| 1 | barril de 6 almudes | roscas biscoitadas |
| 1 | barril de 2 almudes | aletria |
| 4 | pipas | água |
| 10 | fardos | arroz |
| 100 | | galinhas |

⁹³ Wicki, *Documenta Indica*, 1968, vol. 10, 711.

⁹⁴ Wicki, *Documenta Indica*, 1948, vol. 1-18, 362.

⁹⁵ Wicki, *Documenta Indica*, 1968, vol. 10, 412; 429-31.

| | | |
|----|----------------------------|---|
| 3 | caixas | marmelada |
| 1 | jarra | manteiga de 1 mão |
| 1 | jarra | duas mãos de açúcar |
| 6 | arratéis | açucar rosa |
| 1 | frasco que leva 5 arratéis | confeitos |
| 1 | | porco de fumo |
| 60 | | linguiças |
| 50 | | entrecostos |
| 1 | candil | bate para as galinhas ⁹⁶ |
| 6 | | cadeados |
| 2 | onças | Açafrão |
| 1 | dúzia | gorgoleta ⁹⁷ |
| 1 | arratel | de cada especiaria |
| ½ | mão | passas |
| ½ | mão | ameixas |
| 6 | medidas | coentro seco |
| 2 | | barças |
| 2 | | tiadas para forrar as pipas de biscoito |
| 2 | | esteiras |
| 6 | | sacos |
| 4 | | facas |
| ½ | mão | grãos |
| 1 | | caixão |
| 1 | | capoeira para galinhas |
| 1 | mão | amendoas |
| 1 | jarrinha | tamaras |
| 2 | | gamelas |
| 1 | boião | achar |
| | | mostarda e alhos |
| 2 | duzias | candeias de sera |
| 3 | | bartangil para forrar o camarote |
| 8 | | frascos |
| 4 | | cordas |
| 6 | | sestos |
| 15 | | abóboras de Guiné |
| 20 | | pescadas |
| 20 | | panelas |
| 1 | | machadinha |
| 1 | | tacho |
| 1 | | calderão para tirar água |
| 1 | | calderão para fazer de comer |
| 2 | | funis |
| 2 | | verumas |
| 1 | | martelo |
| 30 | arratéis | conserva |
| 1 | jarra martabana | água |
| 6 | almudes | vinho |
| 2 | almudes | vinagre |
| 1 | almude | azeite de Portugal |

⁹⁶ Bate: “arroz em casca ou em erva”. *Documenta Indica*, 1968, vol. 10, 429.

⁹⁷ Gorgoleta: “Quartinha de barro com um ralo na boca do baixo, donde começa o colo, que é causa do rumor que faz a água, quando sai”. Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 4, 95.

| | | |
|-----|--------------------|-------------------------|
| ½ | mão | feijões |
| ½ | mão | lentilhas |
| 100 | | litoes |
| 1 | jarra de 2 almudes | peixe salgado |
| 3 | cestos | cebolas |
| 1 | | espeto |
| 1 | | rapadura de capoeira |
| 1 | | coutelo |
| 1 | corja | bacios |
| 1 | corja | porcelana |
| 3 | | bacios de estanho |
| 2 | | saleiros |
| 4 | | galhetas |
| 1 | | vaso de cobre |
| 1 | | almofariz |
| 1 | | bacia de latão |
| 1 | | bacia para água às mãos |
| 1 | | trepem |
| 1 | | alenterna |
| 1 | | seringa |
| 2 | arrobas | vaca salgada |
| 6 | | lençóis |
| 10 | | fronhas grandes |
| 10 | | fronhas pequenas |
| 24 | | camisas |
| 24 | | calções |
| 24 | | lenços |
| 24 | | carapuças |
| 24 | | guardanapos |
| 6 | | toalhas de mesa |
| 6 | | toalhas de mãos |
| 1 | | roupão |
| 1 | | colcha |
| 2 | | barretes |
| 3 | | fitas |
| 2 | | loubas |
| 2 | | pares de sapato |
| 1 | | chinelas |

Fonte: *Documenta Indica*, 1968, vol. 10, 429-31

As seringas circulavam através das rotas atlânticas e asiáticas, foram levadas pelos missionários para as Índias Orientais e outras em retorno para a Europa. Aparecem dentre os itens levados pelo Pe. Melchior Nunes Barreto, de Goa para o Japão, em 1554⁹⁸ e, ainda, no rol do Visitador do Cabo Verde, Pe. Sebastião Araujo, no ano de 1629⁹⁹. Estes são indícios da

⁹⁸ Wicki, *Documenta Indica*, 1954, vol. 3, 196.

⁹⁹ ANTT, Cartório dos Jesuítas, maço 70, n° 477: *Rol do que importa o gasto da malotagem...*, 1629.

circulação de objetos através das redes ibéricas, no processo de mundialização e conexões do período moderno. Para este estudo, vale destacar o papel dos inicianos na produção de medicinas e saberes sobre cura através da rota da Carreira da Índia e Rotas Atlânticas.

2.2 Circulação de saberes, práticas de cura e medicinas na Carreira da Índia. O caso das febres do Pe. Jerônimo Lobo

Pe. Jerônimo Lobo caiu em febres, na costa da Guiné, assim como muitos dos cerca de 900 viajantes a bordo da nau Nossa Senhora de Belém, mas relatou que, apesar do grande número de enfermos, não foi tanta a mortandade. Apontou como razões de tal livramento haver, a bordo, dois médicos, um cirurgião e um barbeiro e, ainda, a liberalidade do Vice-Rei para a doação de alimentos aos pobres, de modo que não morreram mais de 20 indivíduos¹⁰⁰.

Narrou que Deus havia sido servido, que a doença “obedeceu aos remédios” e ele se curou. Segundo o padre, foi especialmente eficaz a aplicação de umas ventosas sarjadas que serviram para aliviar o sangue da cabeça “que a ela sobe com a força da febre”. Este tratamento foi combinado, ainda, com sangrias e pedra de bezoar que o fizeram suar. Se, ainda assim, o mal não abrandasse, segundo o missionário, convinha “uma sangria na testa pera evitar os frenesis por razão do sangue que vai à cabeça” e “quando por desgraça nem isto basta[va]”, em suas palavras: “em breves horas acaba o pobre enfermo a vida”. “As mezinhas”, afirmou o padre, eram “poucas, tais e quais, quando as há, tudo facilmente se põem por parte da doença favorecendo poucos ou nenhuns [sic] refrigerios à saúde”¹⁰¹.

Refletindo conhecimentos hipocrático-galênicos de conservação da saúde, afirmou que as condições insalubres da nau não favoreciam a cura. O calor interno das febres era agravado pelos alimentos, que não ajudavam a temperar os humores tampouco eram de boa qualidade, de modo que não havia “um que vos refresque e cause apetite”. Além disto, conforme discutido no capítulo anterior, os aposentos eram “apertados para maior moléstia”, abafados e de mau cheiro. Por certo que “a confusão e matizada de gente” não facilitava o repouso necessário e indicado aos enfermos¹⁰².

Contou com a caridade de outro padre, relatando que “[e]nquanto a força do mal durou”, esteve aos pés da sua cama “de dia e de noite dando-[lh]e água quantas vezes a pedia, e era

¹⁰⁰ Francisco Rodrigues da Silveira, *Memórias de um soldado da Índia* (Lisboa: Imp. Nac.; Casa da Moeda, 1987), 149.

¹⁰¹ Jerônimo Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos*, ed. crítica Manuel Gonçalves da Costa (Lisboa: Livraria Civilização, 1971), 146, 147.

¹⁰² Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos...*, 1971, 147.

frequentemente, mostrando a experiência não ser este mau remédio contra a força da desuzada e nociva queentura”. Debateu, brevemente, o uso de água com os doentes que tinham febre, afirmando que os dois médicos consentiram “ainda que tão pouco usado em nossas terras em que proibem tanto apertada e exatamente a água aos que estão no ardor da febre”¹⁰³. A narrativa do Pe. Jerônimo Lobo possibilita analisar alguns aspectos da medicina Ocidental e da circulação de saberes, práticas e produtos com a mundialização ibérica.

As ventosas foram instrumentos cirúrgicos usuais na medicina ocidental. No Dicionário de Bluteau, foi descrita como “um vaso, que tem o fundo largo, & a boca estreita; as mais usadas são de vidro”, servindo para “atrair com força o humor interno para fora”, sendo de dois tipos: (1) seca (“deitam-se com uma pequena de estopa no fundo do vaso, acendendo com uma candeia a estopa, & aplicando a boca do vaso sobre a parte na qual para a natureza encher o lugar vazio, que o ar desamparou”); (2) sarjadas (“por meio dos vasos ou veias capilares, suprem a evacuação universal do sangue, & se usa delas, quando é perigoso o remédio da sangria”)¹⁰⁴.

A prática de lançar ventosas era atribuição do barbeiro e sangrador, segundo o regimento do Hospital das Caldas da Rainha¹⁰⁵. Herdada das tradições da medicina árabe, a ventosa foi registrada na tradução da obra de cirurgia do médico Albucasis (936-1013) – Abu al-Qasim Khalaf ibn al-Abbas al-Zahrawi –, editada em Estrasburgo, sendo descrito e representado o objeto utilizado¹⁰⁶ (Imagem 3). Foi usual na medicina Ocidental por alguns séculos (Imagem 4). No século XVII, foi indicada para uma variedade de enfermidades, desde dores nas costas e do mensturo até mau hálito, chagas, sendo também apontada como útil contra peçonha¹⁰⁷. Jean Debret (1768-1848) registrou em aquarela a prática de cirurgões negros aplicando ventosas nas ruas do Rio de Janeiro em princípios do século XIX (Imagem 5).

¹⁰³ Segundo o padre, os médicos de “melhor discurso filosofam em favor de se dar água desta maneira que como além do calor natural sobrevenha outro peregrino tão excessivo e um e outro se armavam contra o úmido radical em que se sevam, era necessário dar a estes dois inimigos alguma matéria em que se sustentassem e que juntamente ajudasse e fomentasse o úmido radical. Esta materia diziam fosse cópia de água, da qual só um mal podia nascer, e era ficar o enfermo com mais ou menos opilação acabada a doença, o que sem dúvida era menor mal que acabarse-lhe a vida como sucedia, consumindo o fogo o úmido radical”. Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos...*, 1971, 147-148.

¹⁰⁴ *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 8, 408.

¹⁰⁵ Paiva e Sá, *Portugaliae Monumenta Misericordiarum, 3: A fundação das Misericórdias...*, 2004, 146.

¹⁰⁶ *Os quatro livros sobre a medicina de Octavius Horatianus e os três livros de Abū Al-Qāsim, distinto entre todos os cirurgiões* (Estrasburgo: Argentorati, 1532), 270-5, <https://www.wdl.org/pt/item/10682/>.

¹⁰⁷ Georgina Silva dos Santos, “A arte de sangrar na Lisboa do Antigo Regime”, *Tempo* 10, 19 (dez. 2005): 56.

Imagem 5 –Cirurgião negro aplicando ventosas. Jean Debret, século XIX



Fonte: <https://doi.org/10.1590/S1676-24442005000100001>

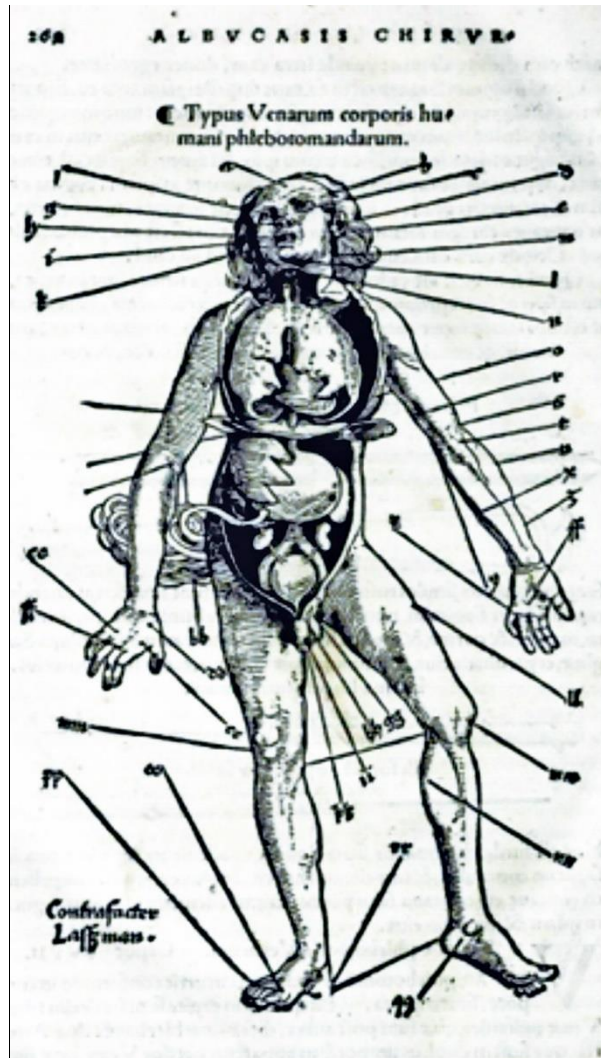
A descrição da terapia feita pelo Pe. Jerônimo Lobo parece atender aos preceitos da medicina portuguesa deste período. O Doutor Francisco Morato Roma alertou sobre os cuidados com as febres pestilenciais como a que acometeu Nossa Senhora de Belém, afirmando que a primeira precaução deveria ser afastar-se das “coisas que dispõem os humores para receber a infecção venenosa” dos “vapores malignos”. Indicou, como tratamento, as pílulas de Rasis (compostas de azeite, mirra e açafão, em partes iguais) e as de Galeno, que serviam para purgar “com suavidade os humores viciosos”. Para a cura, indicou sangria (no braço), a purga com o clister e, também, a aplicação de ventosas¹⁰⁸. Vale notar que o Pe. Jerônimo Lobo não mencionou lhe terem sido deitado injeções de clister.

A sangria, analisada anteriormente, era a terapia mais indicada para as febres assim como para uma variedade de enfermidades. Sua aplicação deveria ser feita relacionando a parte do corpo e a moléstia que se buscava expulsar (Imagem 6), conforme apontou o Pe. Jerônimo Lobo, ao relatar que lhe haviam feito sangrias na testa para evitar os frenesis. O médico Francisco Morato Roma indicou que, se os humores estivessem concentrados em alguma parte do corpo, se fizesse a evacuação no “lugar mais conveniente, & vizinho”. Considerou como

¹⁰⁸ Francisco Morato Roma, *Luz da Medicina, pratica racional, e methodica, guia de enfermeiros, directorio de principiantes* (Lisboa: officina de Henrique Valente de Oliveira Impressor del Rey Nosso Senhor, 1664), 409, 410-2.

“remédio eficaz, & mui usado na prática racional” aplicar as “sarjaduras, & botões de fogo” (cautérios) e “outros remédios locais que se devem fazer depois das evacuações universais”¹⁰⁹.

Imagem 6– Tipos de veia para Flebotomia



Fonte: *Os quatro livros sobre a medicina de Octavius Horatianus e os três livros de Abū Al-Qāsim...*, 1532, 260

Tornando à descrição do Pe. Jerônimo Lobo, há a interessante menção a uma renomada medicina: a pedra de bezoar. Esta mezinha foi bastante reputada dentre os principais estudiosos das práticas médicas e herbários do período moderno (Imagem 7)¹¹⁰. Garcia de Orta (1563) coligiu conhecimentos médicos da antiguidade clássica, do mundo islâmico, hindu, do Extremo

¹⁰⁹ Morato Roma, *Luz da Medicina...*, 1664, 39; Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 2, 168.

¹¹⁰ Jorge Manuel dos Santos Alves, “A pedra-bezoar: Realidade e mito em torno de um antídoto (séculos XVI e XVII)”, em Jorge Manuel dos Santos Alves, Claude Guillot e Roderich Ptak, org., *Mirabilia Asiatica: Produtos raros no comércio marítimo* (Wiesbaden, Harrassowitz Verlag & Fundação Oriente, 2003), 121-34; Rui Loureiro, “Drogas asiáticas e práticas médicas nas relaciones de Pedro Teixeira” (Antuérpia, 1610), em *Workshop Plantas Medicinais e Fitoterapêuticas nos Trópicos* (Lisboa: IICT/CCCM, 2008).

Oriente e das Índias Ocidentais em *Colóquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da Índia, e asi algumas frutas achadas nella onde se tratam algumas cousas tocantes a medicina, pratica e outras cousas boas*¹¹¹. Nas palavras de Gruzinski, nessa obra, a mundialização representou “descentramento dos saberes, a inversão dos pontos de vista, o questionamento da tradição europeia”¹¹².

Imagem 7 – Pedra de Bezoar



Alemanha (?) Século XVIII. Pedra calcária que se forma no estômago e nas vias urinárias dos animais ruminantes, tal com antílopes, camelos, veados e bodes. Compr. 8.3 cm; Peso 10 gr.
Fonte: Museu da Farmácia, <http://www.museudafarmacia.pt/tesouros.aspx?bid=75>.

Orta dedicou seu 45º *Coloquio* à pedra de bezoar, mezinha “tão louvada de todos os Arabios”. Debateu, a princípio, como identificar a pedra verdadeira e indicou seu uso pela “gente da terra”. Segundo o médico, esta era usada contra peçonha, todas as “enfermidades melancólicas”, para “conserva[r] a mocidade”, “fortificar os membros principais” e em doenças “velhas” como sarna, lepra, impinges. Afirmou, ainda, que a usou para a cura de outras enfermidades, parecendo-lhe “que seria boa para as quartãs”¹¹³.

Os colóquios de Garcia de Orta influenciaram diretamente os estudos sobre a flora para fins terapêuticos em outras partes do mundo e entre os europeus como, por exemplo, a obra do médico e naturalista espanhol Nicolás Monardes (1493-1588), intitulada *Primera y segunda y tercera partes de la Historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que siervem en Medicina*¹¹⁴ assim como do médico português Cristovão da Costa

¹¹¹ Garcia de Orta, *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India, e assi dalgu[m]as frutas achadas nella onde se tratam algu[m]as cousas tocantes a mediçina, pratica e outras cousas boas, pera saber...* (Goa: Joannes de Endem, 1563).

¹¹² Gruzinski, *As quatro partes do mundo...*, 2014, 214.

¹¹³ Orta, *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India...*, 1563, f. 170-1.

¹¹⁴ Nicolás Monardes, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia medicinal: de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que siruen en Medicina. Tratado de la Piedra Bezaar y de la yerua escuerçonera; Dialogo de las grandezas del hierro y de sus virtudes medicinales; Tratado de la nieue y del beuer frio / hechos por el doctor Monardes...*, org. Fernando Díaz (En Seuilla: en casa de Fernando Diaz, 1580).

(1515-1594), que conheceu as plantas em viagem pela Pérsia, Malásia e, provavelmente, China, e que pode ter se informado diretamente com Garcia de Orta, em Goa¹¹⁵.

Nicolás Monardes¹¹⁶ comparou as virtudes da pedra de bezoar das Índias Orientais com as informações que recebeu sobre as provindas do Peru e lhe pareceu que tinha a “nossa pedra de Bazar Ocidental grandes virtudes”. Enumerou as suas muitas indicações: para enfermidade do coração; todo gênero de veneno; febres pestilenciais; desmaios, com mais efeito em mulheres que em homens; em humor melancólico; lepra; quartãs; enfermidades largas; para purgar; expulsão de lombrigas (especialmente em jovens e crianças que são atormentados deste mal); para crianças e gota coral¹¹⁷; sendo bastante aproveitada na medicina ordinária. Além das indicações dos doutores Garcia de Orta e Nicolás Monardes, Cristovão da Costa (1515-1594) destacou a eficácia da mezinha para “as febres de difícil erradicação”¹¹⁸.

Há uma vasta e consolidada historiografia sobre a circulação de saberes e produtos medicinais no período moderno¹¹⁹. Walker destacou a importância da dimensão científica do Império Português, com contribuições não somente para o conhecimento da humanidade acerca da navegação e da cartografia, mas, também, da farmacologia, botânica e medicina¹²⁰. No âmbito do “inventário médico do mundo”, expressão tomada de empréstimo de Gruzinski, os inicianos legaram um vasto corpus documental¹²¹. Zupanov e Xavier destacaram o papel dos missionários na circulação de saberes e produtos através das correspondências, obras impressas e redes de envio de medicinas¹²².

¹¹⁵ Cristovão da Costa, *Tractado de las drogas, y medicinas de las Indias Orientales con sus Plantas debuxadas al biuo por Christoual Acosta medico y cirujano que las vio ocularmente: En el qual se verifica mucho de lo que escriuio el Doctor Garcia de Orta...* (En Burgos: por Martin de Victoria impressor de su Magestad, 1578).

¹¹⁶ Tradução livre. Monardes, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia Medicinal...*, 1580, f. 90-92v.

¹¹⁷ No Dicionário de Bluteau, gota coral foi definida como “o que os Medicos chamam epilepsia”. Explicou que o termo fazia alusão ao conhecimento do “vulgo”, de que era uma enfermidade originada por “uma gota que cai sobre o coração”. Afirmou ainda que este “acidente” de convulsão procedia “da abundância dos humores fleumáticos corruptos, que enchendo subitamente os vetrílocos anteriores do cérebro, & recolhendo o cérebro para expulsa-los, atra[indo] para si os nervos, & os musculos, & ficando o doente sem movimento, parece[ndo] morto”. *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 4, 101.

¹¹⁸ Costa, *Tractado de las drogas, y medicinas de las Indias Orientales...*, 1578, 157.

¹¹⁹ Anthony John Russell-Wood, *Um mundo em movimento: Os portugueses na África, Ásia e América 1415-1808*, trad. Vanda Anastácio (Lisboa: DIFEL, 1998), 193-226; Serge Gruzinski, *As quatro partes do mundo: História de uma mundialização*, trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago (São Paulo: EDUSP/EUFMG, 2014), 213-9; 440; José María López Piñero, *Medicina e historia natural en la sociedad española de los siglos XVI y XVII* (Valencia: Universitat de València, 2007); Ines G. Županov, “Drugs, health, bodies and souls in the tropics: Medical experiments in sixteenth-century Portuguese India”, *The Indian Economic & Social History Review* 39, 1 (2002), 1-43.

¹²⁰ Timothy Dale Walker, “Acquisition and circulation of medical knowledge within the Early Modern Portuguese Colonial Empire”, em *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, org. Daniela Bleichmar, Paula de Vos e Kristin Huffine (Stanford, Cf: Stanford Univ Press, 2009), 247.

¹²¹ Gruzinski, *As quatro partes do mundo...*, 2014, 219.

¹²² Ines G. Županov e Ângela Barreto Xavier, “Quest for permanence in the Tropics: Portuguese bioprospecting in Asia 16th-18th Centuries”, *Journal of the Economic and Social History of the Orient* 57, 4 (2014): 528.

Pe. José de Acosta S. J. (1539-1600) dissertou sobre os mais variados temas, na sua obra *História Natural e Moral das Índias*. Sobre a pedra de bezoar, refutou a teoria de que as vicunhas seriam as cabras retratadas por Aristóteles (384 a.C. – 322 a. C.) e Plínio (23-79) ou as cabras do Oriente de onde se extraía o elemento medicinal. No cap. 42, indicou sua origem nos guanacos, pacos, vicunas. Descreveu as pedras de diversas formas: redondas, ovadas, lenticulares, de diversas cores, negras, pardas, brancas, beregenadas e douradas. Sobre as indicações, elogiou ser medicina “que sempre cura”, citando como exemplos os efeitos contra o tabardilho (tifo), na Espanha e Itália, porém não tão potente no Peru, assim como não apresentou tanta eficácia nas terras andinas para melancolia e mal do coração¹²³.

Pe. André Fernandes escreveu uma missiva, no ano de 1563, endereçada ao Pe. Pedro Fonseca, em Portugal, na qual narrou que havia recebido a tarefa de remeter informações sobre o Oriente, utilizando para tal suas experiências, e que estando já “velho” e tendo “andado alguma parte da terra e mar”, havia “visto e experimentado algumas coisas”. Não se sabe, exatamente, quais foram as notícias solicitadas, uma vez que não foi encontrada cópia da carta recebida do Reino, mas o inaciano cuidou de enviar uma variada gama de informações sobre plantas e animais desde o Cabo da Boa Esperança, Índia, China, Japão e Maluco¹²⁴.

No que, especificamente, interessa a este estudo, Pe. André Fernandes registrou as atribuídas propriedades medicinais de árvores e ervas, assinalando os usos das gentes da terra e dos portugueses. Afirmou não ter ouvido falar das virtudes medicinais de pedras, apenas da “que chamam do bezoar, que assim se chamam os animais em cujos buchos dizem que se acham”. Relatou, com suspeitas, que havia visto um destes “carneiros bravos” oriundos da Pérsia – “se não mentiram os que me disseram que eram eles” – e acrescentou que andavam os bichos como os mansos, sendo, todavia, “mais aptos para correr” andando sempre nas ribanceiras¹²⁵. A carta incompleta deste padre indica elementos para a compreensão das redes de comunicação e circulação de produtos da Companhia de Jesus.

Desde a Nova Espanha até Cochim, foram escritas notícias sobre a pedra de bezoar, no século XVI. A partir desses registros, observa-se a circulação da mezinha entre Ásia, Europa e América. As pedras vindas do Oriente seguiam as rotas da Carreira da Índia¹²⁶. Assim se faz notar na carta do Pe. Gonçalo Alvares que, por exemplo, escreveu, de Goa, a Francisco Borgia,

¹²³ José de Acosta, *Historia natural y moral de las Indias, en que se tratan las cosas notables del cielo, y elementos metales, plantas, y animales dellas y los ritos y cerimonias, leyes y gouierno, y guerras de los Indios* (Impresso en Seuilla: en casa de Iuan de Leon, 1590), 290-1; 298.

¹²⁴ Wicki, *Documenta Indica*, 1958, vol. 5, 725-36.

¹²⁵ Wicki, *Documenta Indica*, 1958, vol. 5, 733-4.

¹²⁶ AHU, Conselho Ultramarino, Índia, cx. 5, doc. 169: *Rol de coisas enviadas da Casa da Índia*, Manuscrito, 1615.

no ano de 1568, informando sobre a esmola de um defunto ao colégio. Listou que havia recebido uma “capa de coco de Maldiva”, que segundo lhe disseram, “além de ser bom para peçonha, é proveitoso e conforta o estômago” e advertiu, ainda, sobre a importância desta peça, uma vez que acreditava que se deveria ter mais cuidado do estômago do que de qualquer outro órgão. Além disto, recebeu duas pedras de bezoar e afirmou que enviaria ao Reverendo Padre Geral da Ordem, Francisco Borgia, em Roma¹²⁷.

As redes de comunicação e comércio da Companhia de Jesus faziam circular a renomada mezinha¹²⁸. Foram encontrados registros dos pedidos aos missionários nas Índias Orientais e o seu envio através das naus, chegando aos padres e irmãos nos grandes colégios e casas em Portugal, Espanha e, também, em Roma. Exemplo disto foi a caixinha “com coisas da terra” remetida pelo Pe. Pedro Parra, no ano de 1578, juntamente com a carta endereçada ao Pe. Antonio Cordeses, provincial de Toledo (Quadro 3).

Quadro 3 – Memorial da caixa para o Padre Antonio Cordeses, Provincial da Provincia de Toledo.

| Qtde | Itens |
|------|---|
| 3 | dentes de rinoceronte |
| 1 | unha de rinoceronte |
| 1 | corno de rinoceronte |
| 2 | pedras de bazar pequenas |
| | sangue de rinoceronte |
| 3 | pedaços de coco das Ilhas [das Maldivas?] (um grande e dois pequenos) |
| 1 | pedaço grande de couro de rinoceronte |
| 12 | coroas de dente de cavalo marinho |
| 1 | pedra de bazar grande (no canudo de bambu) |
| 1 | pedra de porco espinho (no canudo de bambu) |
| 1 | unha de tigre marinho (?) |
| 4 | pedaços de pau-de-cobra |
| 2 | anéis de unha de rinoceronte (“postos no dedo do coração aproveitam para a melancolia”) |

Fonte: *Documenta Indica*, 1970, vol. 11, 330

Observa-se que, entre os itens e as diversas partes dos rinocerontes destinadas ao uso medicinal, foram apontadas as pedras de bezoar. Na nota que acompanhava a encomenda, o padre afirmou que folgaria em saber que a haviam recebido assim como as enviadas nas monções nos anos anteriores. Pediu “pelo amor de Nosso Senhor” que lhe enviasse um breviário

¹²⁷ Wicki, *Documenta Indica*, 1962, vol. 7, 588.

¹²⁸ Charles R. Boxer, *A Índia Portuguesa em meados do século XVII*, trad. Luís Manuel Nunes Barão (Lisboa: 70, 1980), 71-4; Maria de Deus Beites Manso, *História da Companhia de Jesus em Portugal* (Lisboa: Parsifal, 2016), 148-50.

dos que eram impressos em Salamanca, Antuérpia e Veneza, preferencialmente com calendário¹²⁹.

Por vezes, os muitos perigos de extravio das mercadorias incorriam em desconfiança de que chegassem ao destino. Em 1582, Pe. Alonso de Pacheco informou ao Secretário, em Roma, Pe. Didaco Ximénez, que tinha em sua posse uma pedra de bezoar para enviar-lhe, “mas porque seu que se há de perder, a deixo para enviar-la no ano que vem com as coisas do procurador”. Contudo, conforme acréscimo do padre na mesma carta, Pe. Antonio Monsarrate a levaria pessoalmente¹³⁰.

Pe. Pedro da Fonseca (o mesmo que havia recebido as informações do Pe. André Fernandes) escreveu, de Lisboa, em 1587, em resposta ao pedido de pedra de bezoar para o Geral da Ordem Claudio Acquaviva. Relatou que lhe haviam solicitado de Roma alguma pedra “porque havia lá falta delas e necessidade” e que, deste modo, enviaria três pedras, por intermédio do Pe. Miguel Garcés, procurador da Assistência da Espanha. “Se quer Deus Nosso Senhor”, dizia o padre, chegariam outras naus este ano, além da São Felipe, que havia sido tomada pelos ingleses comandados pelo famoso corsário Francis Drake (1540?-1596), nas Ilhas Terceiras, provendo-os, assim, “deste tão bom antídoto”¹³¹.

Além do uso enquanto mezinha simples, a pedra de bezoar poderia ser utilizada fazendo parte de um composto. No manuscrito *Regimento e virtudes da pedra bezoar simples ou natural*, do século XVIII, foi destacado o seu uso e a forma de melhor aproveitar suas virtudes¹³². Ela compôs uma variedade de medicinas, como a pedra cordeal do médico florentino Ir. Gaspar Antonio (?-1684), da botica do Colégio de São Paulo, em Goa (Imagem 8)¹³³.

No manuscrito intitulado *Virtudes das raízes, pedras e óleos da Índia* (de autoria desconhecida e datação atribuída aos Seiscentos) às pedras cordeaes do “Pe. Gaspar Antonio” [sic] foi relacionada uma variedade de qualidades e efeitos sobre as febres ardentes malignas, males do coração, melancolia, peçonhas de toda sorte e mordidas de animais. Foi, ainda, apontada a sua utilidade no uso diário, com água ou vinho, pela manhã, protegendo, assim, de venenos, preservando do “ar corrupto” e da lepra, evitando as quartãs, curando terçãs, melhorando a memória e livrando da gota coral (epilepsia). Era, ainda, proveitosa, nas bexigas

¹²⁹ Wicki, *Documenta Indica*, 1970, vol. 11, 329-32.

¹³⁰ Wicki, *Documenta Indica*, 1972, vol. 12, 636.

¹³¹ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica*, 1979, vol. 14, 618-9.

¹³² BN, Reservados, COD 1527//159: *Regimento, e Vertudes de pedra basar simples ou natural*, 17..

¹³³ Russell-Wood, *Um mundo em movimento...*, 1998, 271.

e sarampos, matando lombrigas e sarando qualquer ferida de flecha ou outra arma envenenada¹³⁴.

Imagem 8 – Taça com a Pedra de Goa



Índia, século XVII. Prata em filigrana indo-portuguesa. Alt. 19 cm; Diâm. 10,5 cm (taça); 8 cm (pedra); Peso: 472 gr. N° Inv. 12222.

Fonte: <http://www.museudafarmacia.pt>

Em outro manuscrito, intitulado *Medicina Oriental: Socorro Indico dos Pobres Enfermos do Oriente*, foi detalhada a sua composição e embora este esteja sem assinatura e seja atribuído a fins do século XVIII, tinha o intuito de listar a “Pharmacopea dos mais Seletos, e experimentados deste Oriente”. A fórmula atribuída ao irmão boticário era composta por coral vermelho, pedra de bezoar, aljófar, topázio, safira, pedra de Cananor, esmeraldas, jacintos,

¹³⁴ ACL, Ms. Vermelha, 586: *Virtudes de raízes, pedras e óleos da Índia*, séc. XVII, 19-20.

rubis, ponta de veado queimada, terra de São Paulo, âmbar, almíscar, folhas de ouro e coral branco, tudo isto amassado, com acréscimo de água de mogarim¹³⁵ ou água rosa¹³⁶.

Na documentação consultada, o registro mais antigo sobre essa mezinha é um folheto datado de 1655 no qual foram enumeradas as virtudes da pedra cordeal do Ir. Gaspar Antonio¹³⁷. (Imagem 9). Anunciada como “precioso antídoto”, era indicada para combater febres malignas, terçãs e quartãs, males no coração, contra peçonha, como defensivo de ares corruptos, entre outros “efeitos prodigiosos”. Por fim, afirmava o anúncio que “a mesma experiência de muitos, depois de tantos anos, as tem feito, mais estimadas, e como pedra tão preciosa, se solicitam os países e nações mais remotas”¹³⁸.

Também apontada como pedra de Goa, ou pedra de São Paulo, a pedra cordeal foi registrada em um manuscrito sem autoria, atribuído aos inacianos, no Rio de Janeiro, em princípios do século XVIII. Neste *Formulário médico* (1703) foram destacadas as propriedades da mezinha para as febres¹³⁹. De Goa, esta mezinha parece ter circulado através das redes inacianas. Da botica do Colégio de São Paulo ficaram famosas, além das pedras cordiais, a mirigãnga atribuída ao Pe. Antonio Azevedo.

De Macau a Coimbra, os principais colégios da Companhia de Jesus possuíam boticas com a produção de uma grande sorte de mezinhas, com compostos e simples, muitas vezes, utilizando elementos da farmacopeia local¹⁴⁰. Algumas destas medicinas viriam a ser registradas na *Collecção de varias receitas*¹⁴¹. A pedra cordeal do Ir. Gaspar Antonio foi

¹³⁵ Mogarim: “É uma flor a modo de cravo branco, que exala suavísimas fragancias, cria-se nos jardins da India. Dizem que também se dá no Brasil”. Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 5, 537.

¹³⁶ ACL, Ms. Azul, 21: *Medicina Oriental. Socorro Indico dos Pobres Enfermos do Oriente...*, 2, p. 148-149..

¹³⁷ Aranguren, Manuel Bernardino de; Maximiliano José. *Ensayo analítico de las aguas termales de Cestona Brisseau, e Ignacio Antonio de Ixta: disertación de las aguas termales de Cestona, usadas en baño, riego ó estufa y efectos que produce en las enfermedades, por Manuel Bernardino de Aranguren e Ignacio Antonio de Ixta*. Tolosa, 27 de abril de 1789 (h. 1-16r). *Ensayo analítico de las aguas termales de Cestona*, por Maximiliano Joseph Brisseau (h. 17r-20v). Carta de Maximiliano Joseph Brisseau al comisario Don Juan Antonio Henriques (h. 21). *Receta de las virtudes de la habilla que llaman de Guatemala, Provincia del Reyno de Nueva-España [Impreso]* (h. 24r). *Virtudes y efectos maravillosos de la piedra cordial y composición que inventó el hermano Gaspar Antón, insigne boticario... de la Compañía de Jesús de Goa, aprobada... en el año de 1655. [s.d.]. [Impreso]* (h. 25r). *Notas* (h. 26r y 27r) [Manuscrito]. S. XVIII.

¹³⁸ Tradução livre. Manuel Bernardino de Aranguren e Maximiliano José. *Ensayo analítico de las aguas termales de Cestona Brisseau, e Ignacio Antonio de Ixta*: [Manuscrito]. S. XVIII.

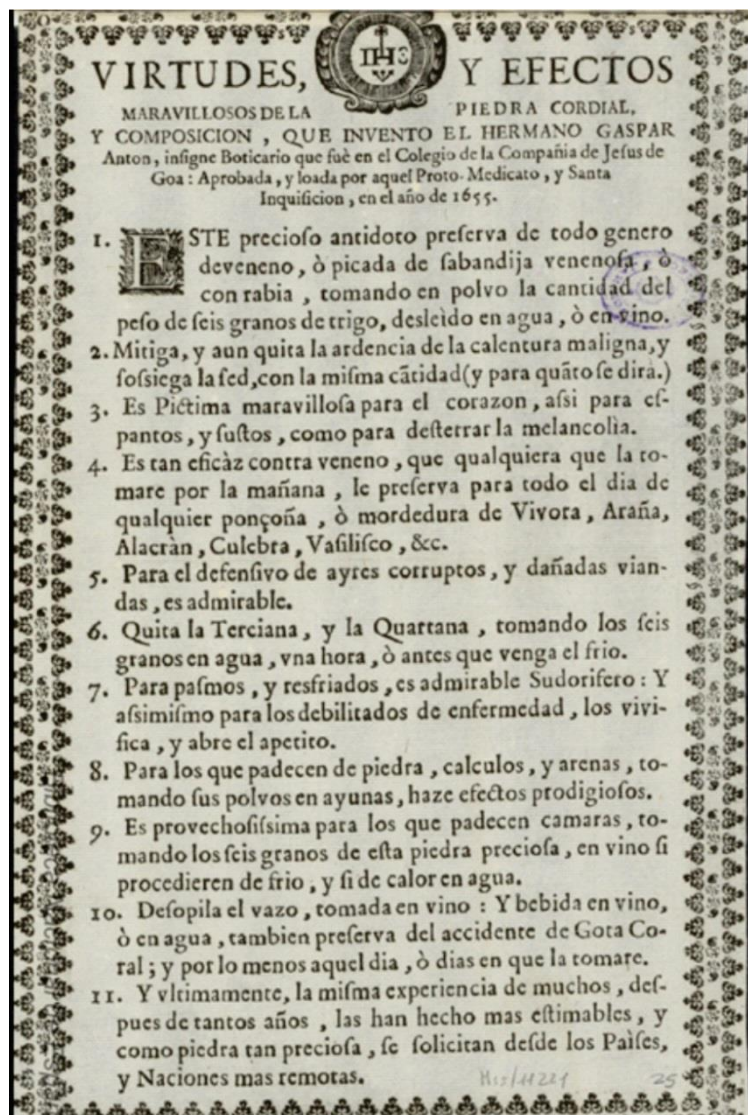
¹³⁹ . Fiocruz Fundação Oswaldo Cruz. *Formulário médico: Manuscrito atribuído aos jesuítas e encontrado em uma arca da Igreja de São Francisco de Curitiba*, 1703, [s.d.], f. 29.

¹⁴⁰ Alden, *The making of an enterprise...*, 1996, 337-338; Županov, *Drugs, health, bodies and souls in the tropics...*, 2002.

¹⁴¹ Maria Cristina Cortez Wissenbach, “Ares e azares da aventura ultramarina: Matéria médica, saberes endógenos e transmissão nos circuitos do Atlântico luso-afro-americano”, in *O Império por escrito: Formas de transmissão da cultura letrada no mundo Ibérico (séc. XVI-XIX)*, org. Leila Mezan Algranti et al (São Paulo: Alameda, 2009), 393; Bruno Martins Boto Leite, *Medicina de Padre: Estudo sobre os fundamentos culturais da medicina jesuítica no Brasil Colonial*. Relatório final de pesquisa (Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2011); Patrícia Albano Maia, “Práticas terapêuticas jesuíticas no Império Colonial Português: Medicamentos e boticas no século XVIII” (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2012).

descrita nesta compilação com a seguinte composição: aljôfar, almíscar, ambar gris, coral branco, coral vermelho, esmeraldas, línguas de São Paulo, topázios, terra branca de São Paulo, rubis, pedra de cananor, jacintos, ponta de veado queimada, safiras e pedra bezoar oriental. Sua forma foi apontada como sendo de pedras ovaladas, envoltas em massa e secas. A renomada mezinha foi apontada como parte de outros compostos, como o bezoartico do Cuervo, produzido na botica do Colégio de Recife – que tinha, entre outros itens, em sua composição, unicórnio e quina e, também, em pó, contra febres malignas (sem a especificação da botica produtora)¹⁴².

Imagem 9 – Folheto *Virtudes y efectos maravillosos de la piedra cordeal y composición, que invento el Hermano Gaspar Antonio*” (1655)



Fonte: Aranguren, Brisseau, e Ixta. *Ensayo analítico de las aguas termales de Cestona Brisseau, e Ignacio Antonio de Ixta...* Tolosa, 27 de abril de 1789 [Manuscrito]. S. XVIII

¹⁴² Maia, “Práticas terapêuticas Jesuíticas...”, 2012, 185; 157; 200.

A mirigãnga, segundo o doutor Joseph Rodrigues de Abreu (1682-1747), havia sido ensinada ao jesuíta em suas “dilatadas missões com industria a receita deste célebre medicamento dos gentios, donde florescia em grande estimação pelos seus prodigiosos efeitos, e a que chamam os naturais Jatuapadramadu, que vale o mesmo que Pedra de Mirigãnga”¹⁴³. Em *Virtudes de raízes, óleos e pedras da Índia*, esta mezinha foi descrita como “pedra artificiosa”, ensinada por um gentio a um jesuíta em Goa, cuja receita lá se conservava. Ainda segundo o manuscrito, servia para confortar o estômago, ciática, tendo “tantas virtudes para outras enfermidades que se fazem incríveis”¹⁴⁴. Ambas as mezinhas, pedra de Bezoar e Mirigãnga, ainda segundo o doutor, eram distribuídas “por negocio” para “todo o mundo”¹⁴⁵.

No curso desta investigação, foram localizados e analisados os inventários de boticas de Portugal e Espanha¹⁴⁶ que, embora datados de um período posterior à baliza temporal desta tese, têm uma grande relevância para este estudo. Em um armário na botica de Braga, em meio a louças da Índia, vidros da Alemanha e substâncias como enxofre, tinturas, unguentos e resinas, foi mencionada uma “pedra cordeal”¹⁴⁷. Não se pode afirmar que tenha sido a pedra de Goa, como também se denominava a mezinha do Ir. Gaspar António, mas indica a permanência do seu uso até meados do século XVIII, assim como é apontada a durabilidade do bezoar no rol de medicinas dos inicianos, arrolado na botica de Alcalá de Henares¹⁴⁸.

A reputação sobre as virtudes da pedra cordeal do Ir. Gaspar Antonio fez com que esta obtivesse carta de privilégio da Coroa e monopólio em seu comércio. El-Rei Pedro II fez lavrar uma provisão (Lisboa, 21/03/1691) através da qual reforçava a proibição de que qualquer outro boticário pudesse fazer as chamadas “pedras cordeaes de Gaspar Antonio”. O Padre Procurador

¹⁴³ Segundo, Joseph Rodrigues de Abreu: “A Mirigãnga é uma Pedra composta de vários metais, como são aço, calaim, chumbo, cobre, estanho, ouro, prata, e talco, leva também Ambar, Almiscar, pedra bazar e outros muitos mais ingredientes; é medicamento da Ásia, fabrica-se em Goa nossa Capital do Estado da Índia na Botica do Colégio de S. Paulo da mesma cidade de Goa, donde se conserva em segredo a sua composição, e destruí por negócio todo o Mundo, como as pedras cordeais de Gaspar Antonio. Deve-se este remédio a boa inteligência do Padre Antonio de Azevedo da Companhia de JESUS, que levado do seu espírito no século passado aquela conquista da Igreja, e seara evangélica nella ocupou os mayores empregos da sua Religião. Adquiriu este Taumaturgo Luzitano no curso das suas dilatadas Missões com indústria a receita deste célebre medicamento dos gentios, donde florescia em grande estimação pelos seus prodigiosos efeitos, e a que chamam os Naturais Jatuapadramadu, que vale o mesmo, que Pedra de Mirigãnga”. José Rodrigues de Abreu, *Historiologia medica, fundada e estabelecida nos principios de George Ernesto Stahl...: tomo segundo dividido em duas partes...: parte primeira...* (Lisboa Ocidental: Na Officina de Antonio de Sousa da Sylva, 1739), 155-6.

¹⁴⁴ ACL, Ms. Vermelha, 586: *Virtudes de raízes, pedras e óleos da Índia*, séc. XVII, 64..

¹⁴⁵ Abreu, *Historiologia medica, fundada e estabelecida nos principios de George Ernesto Stahl...*, 1739, 156.

¹⁴⁶ AHN, Lib. 128: *Libro de Botica del que fue Noviciado de la Compañia de Jesús de Madrid*, 1768 de 1701; AUC, Dep. IV. Seção 1º. E, Est. 22, Tb. 4, cx. 5: *Autos de sequestros de bens do Colégio de Jesus de Bragança*, 1759; AHN, Legajo 214, nº 11-23: *Certificaciones (1767-1830) sobre la botica del colégio de Alcalá en la depositaria general*, 1767.

¹⁴⁷ AUC, Dep. IV. Seção 1º. E, Est. 22, Tb. 4, cx. 5: *Autos de sequestros de bens do Colégio de Jesus de Bragança*, 1759.

¹⁴⁸ AHN Legajo 214, nº 11-23: *Certificaciones (1767-1830) sobre la botica del colégio de Alcalá...*, 1767.

Geral da Companhia de Jesus da Província da Índia fez saber, à Coroa, que muitos a faziam sem “ciência dos materiais e sem os ingredientes necessários de que se compõe”, causando não somente o descrédito sobre a eficácia das pedras como, também, “dano gravíssimo[...] aos doentes”. Apesar da proibição anterior, continuavam as falsificações do remédio, havendo, no Reino, “pedras em grandes partidas”. Para resolver tal situação, ordenou que a Casa da Índia não consentisse mais em enviar de Goa pedras que não tivessem uma “certidão” atestando terem sido produzidas na botica do Colégio de São Paulo¹⁴⁹.

Tornando ao relato do Pe. Jerônimo Lobo, por fim, a nau Nossa Senhora de Belém alcançou a graça da chegada à Índia. Como ele, muitos missionários partiram da Europa rumo às terras das missões, desde 1542 até 1760. Buscavam levar o Evangelho, a colonização e a ocidentalização às mais diversas partes do globo. Por vezes, coligiram práticas e saberes, experimentaram produtos (ervas, mezinhas simples e compostas) e fizeram circular tudo isto através das suas obras, que são fruto do entrecruzamento, confronto e hibridismo de mundos, saberes e práticas médicas entre o século XVI e XVIII.

¹⁴⁹ ANTT, Cartório dos Jesuítas, maço 86, n° 157: *Privilégios concedidos a Botica do Collegio de São Paulo de Goa* (21 mar. 1691).

PARTE II – Por Terras de Missão

[...] Deus nosso Senhor enriqueceu este Colégio, filho primogênito da Companhia, continuando sempre nele, o vivo desejo, & ardente zelo, de se acharem presentes aos ardores da Zona Tórrida, à fúria dos ventos, à bravosidade dos mares, as setas dos Brasis, às lanças dos Mouros, às catanas dos Japoneses, & e aos perigos do mundo todo, pelo amor do bom JESU [...]. Pe. Baltasar Teles¹.

Assim mais me entrego nas mãos de vossa Reverência em nome de JESU Cristo, para servir em quaisquer ofícios baixos, em casa ou fora, & assim a quaisquer próximos, por serviço do Cristo, sem nenhuma exceção, a leprosos, a doentes de peste, & quaisquer outras enfermidades, por mais contagiosas que sejam; a servir sempre em hospitais, & andar peregrinando por terras estranhas, na Índia, no Preste, em Guiné, em vestidos pobres, & rotos, por fome & sede, por frios, & calmas, por chuvas & neves, por quaisquer penúrias temporais, segundo a forma que por vossa Reverência, ou de sua parte me for mandada. Pe. Gaspar Barzeo².

Pe. Baltasar Teles narrou que, no tempo da escolha e partida dos missionários para as Índias Orientais, o Real Colégio de Jesus de Coimbra havia sido inspirado por “divino fogo”. Os estudantes ficaram ansiosamente desejosos por serem eleitos “para tão gloriosa empresa”³. Conforme expresso na epígrafe acima, os religiosos, com o contínuo e “vivo desejo, & ardente zelo” de partirem para as missões, almejavam a Zona Tórrida, as intempéries dos climas e mares, as armas dos infiéis e gentios. O anseio pelo martírio e a salvação eterna impulsionavam os jovens inacianos a enfrentarem “os perigos do mundo todo”⁴.

Do Cartório do Colégio de Coimbra, Pe. Baltasar Teles destacou um “escritinho” atribuído ao Pe. Gaspar Barzeo (?-1553) em que, seguindo a retórica das *Indipetae*⁵, o missionário natural da Zelândia, que viria a ser “Apóstolo de Ormuz” e com cargos de destaque em Goa, declarou seu anseio pelo “serviço do Cristo” e ter buscado a Religião para servir e seguir em “perpeúea pobreza, castidade & obediência”. Como “coadjutor perpétuo”, ofereceu-se para servir nos ofícios de “cozinheiro, varredor, corpador [sic], moço de esporas, para levar os recados por mar, & por terra, a qualquer parte que, por serviço de Deus, me mandarem”.

¹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal; e do que fizeram, nas conquistas d’este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso Fundador* (Em Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1645),

² Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal...*, 1645, 292-293.

³ Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal...*, 1645, 540.

⁴ Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal...*, 1645, 540; Manso, *História da Companhia de Jesus em Portugal*, 2016, 34-38.

⁵ Segundo Massimi, *Indipetae* constitui um *corpus* documental em que era explicitado o desejo pelas missões nas Índias pelos missionários em solicitação à alta hierarquia da Companhia de Jesus. Manso destacou a importância destes pedidos, por possibilitarem “o acesso ao mundo pessoal que definia a interiorização da espiritualidade inaciana, assim como o conhecimento das realidades dos colégios ultramarinos e o valor emblemático de certos destinos”. Massimi; Prudente, *Um incendiado desejo das Índias*, 2002, 36; Manso, *História da Companhia de Jesus em Portugal*, 2016, 36.

Pelas terras dos Mouros, Turcos, Gentios ou hereges, Pe. Barzeo buscava servir “sem nenhuma exceção” a “leprosos, doentes de peste, & quaisquer outras enfermidades”⁶.

O desejo pelas missões no ultramar pode ser encontrado em correspondências e, mais especificamente, nas cartas denominadas *Indipetae*. O *ethos* de peregrinos, pelo mundo, desejosos do serviço evangélico – compartilhando os sofrimentos do Cristo, alcançando a perfeição, honrando a Deus, como operários, para levar a salvação aos diversos povos, recebendo a palma do martírio e a salvação eterna – foram tópicos comuns em muitas das narrativas⁷. Interessante notar que, através da declaração dos seus anseios, os jovens missionários retratavam imagens sobre os sítios e as gentes além Europa embebidas nas diversas notícias que lhes chegavam através de saberes eruditos e circulantes.

Os inacianos estabeleceram suas missões em muitas destas terras “estranhas” ao olhar europeu. Inicialmente, importa analisar as ideias sobre a chamada Zona Tórrida, entre climas doentios e/ou paraísos terrestres. Inseridas no campo da História Social da Medicina, as análises se debruçam sobre a formação das missões e aldeamentos e suas consequências demográficas e históricas para as populações autóctones. Entre “gentios” e “infieis”, os missionários narraram sua atuação como enfermeiros. Serviram, deste modo, como agentes da circulação e mundialização de saberes e produtos, no mundo moderno, ao passo que possibilitavam o processo de conquista de territórios entre o Atlântico e o Índico.

Os inacianos, frutos da Reforma Católica moderna, cuidaram, em suas narrativas, de descrever as práticas consideradas gentílicas. Páginas de correspondências e tratados buscaram revelar a cosmogonia hindu, sua estreita ligação com o sistema de castas e, o que muito interessa a esta tese, o sistema de crenças, saberes e práticas de cura, assim como os tupinambás na Bahia, repudiando os rituais dos pajés. Nesta segunda parte, serão apontadas as ideias sobre as terras de missão assim como a produção de saberes, a circulação de produtos e práticas de cura nos colégios inacianos, e em suas missões em aldeamentos e hospitais através das redes do Império Português.

⁶ Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal...*, 1645.

⁷ Massimi; Prudente, *Um incendiado desejo das Índias*, 2002, 67-76.

3 A Zona Tórrida nos Escritos Inacianos: Cosmografia, História Natural e Medicina (Séculos XVI-XVII)

[...] para desta maneira ficarmos melhor entendendo qual foi o teatro aonde os religiosos da Companhia deram ao céu tantos aplausos de infinitas almas, que lhe ofereceram quanto mais que com esta variedade na história, aliciaremos aos leitores, aos quais ofereço este pequeno trabalho [...]¹.

Unus non sufficit orbis. Pe. Simão de Vasconcelos².

Em 5 de julho de 1553, por comissão do padre fundador Ignácio de Loyola, Pe. João de Polanco (1517-1576) escreveu ao provincial Pe. Francisco Xavier, instruindo-o diretamente sobre o envio de notícias acerca da Índia para Roma. Justificou esta orientação com a afirmação de que muitos “desejam nas letras que de lá vem alguma declaração do sítio que se falam”. E enumerou: as pessoas queriam saber a respeito do céu, do clima e seus graus. Afirmou, ainda, saber que nem todos eram “cosmógrafos”, mas que se alguém que lá servisse soubesse de algo sobre estas matérias, que escrevesse na carta ou fizesse outra em separado para, assim, “contentar” a estes senhores da Igreja que eram muito interessados na Companhia e nas coisas “das Índias”³.

Esta recomendação foi reiterada pelo Pe. João de Polanco, em missiva de 24 de fevereiro de 1554 endereçada ao Pe. Gaspar Barzeo, em Goa, com orientação para que “finalmente, se outras coisas há que pareçam extraordinárias, se avise, como de animais e plantas ao gosto de alguma curiosidade que geralmente têm os homens”⁴. Muitas letras foram dedicadas a atender ao pedido do padre fundador sobre estas notícias, ao longo dos séculos de atuação da Companhia de Jesus.

Neste capítulo, serão apresentadas e debatidas ideias de Cosmografia, História Natural e Medicina sobre a chamada “Zona Tórrida”, a partir dos escritos inacianos. Estes saberes, imbricados no período moderno, possibilitam adentrar algumas concepções sobre as missões

¹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal; e do que fizeram, nas conquistas d’este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso Fundador* (Em Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1645), 439.

² Simão de Vasconcelos, *Chronica da Companhia de Jesu do estado do Brasil: e do que obrarão seus filhos nesta parte do Nouo Mundo: Tomo primeiro da entrada da Companhia de Jesu nas partes do Brasil. E dos fundamentos que nellas lançarão, & continuarão seus religiosos em quanto alli trabalhou o padre Manoel da Nobrega... e algas noticias antecedentes curiosas, & necessarias das cousas daquelle estado* (Lisboa: Na officina de Henrique Valente de Oliueira impressor del rey N.S., 1663).

³ Tradução livre. ANTT, Cartório dos Jesuítas, Maço 88, n° 138: *Carta por comissão de Ignacio de Loyola por João de Polanco para Francisco Xavier, 1553.*

⁴ Tradução livre. Joseph Wicki, ed., *Documenta Indica* (Roma: Tipografia Pio X, 1954), vol. 3, 61.

entre o Oriente e o Ocidente. Os bons ares e astros e a sanidade das águas e da terra compunham o quadro das descrições entre a Índia e o Brasil.

Sob a égide e proteção da Igreja de Roma e do Império Português e Ibérico, circularam correspondências, cartas ânuas, crônicas, relações das províncias e tratados de cunho científico⁵. Esta extensa documentação, manuscrita e/ou impressa, cuidou de descrever os climas e as gentes, a fauna e a flora, o andamento das missões e as políticas que envolviam a conquista e a catequese, nas mais variadas partes da *orbis* terrestre. Por certo que o objetivo desta produção não era apenas sanar a curiosidade, em Roma. Em um claro tom apologético, buscava, também, narrar as vitórias da missão além da Europa e, não menos importante, fornecer informações para a empresa colonial e a missionação.

Era preciso narrar o “Mundo Novo”, conforme expressão usada pelo padre Simão de Vasconcelos (1597-1671) que, em sua crônica sobre o Estado do Brasil, afirmou que pretendia relatar a “heroica missão, que empreenderam os Filhos da Companhia, a fim de conquistar o poder do inferno” e, para tanto, cabia descrever o “lugar das grandes vitórias” conforme “o estilo comum”. Ressaltou que sendo este “campo” novo, ainda em o tempo presente mal conhecido”, fazia-se necessário descrever “primeiro este lugar”. A justificativa desta narrativa, ainda segundo o inaciano, era para que quem passasse às missões tivesse notícias sobre a região e “suas qualidades, seus climas, suas gentes, seus costumes”⁶.

A edição publicada em 1663 da obra do Pe. Simão de Vasconcelos foi aberta com interessante alegoria sobre a ação dos inacianos através dos mares bravios e das terras exóticas. “Um só mundo não é suficiente”⁷, conforme mencionado na epígrafe deste capítulo e apontado na inscrição latina na vela da embarcação (Imagem 1). Segundo Ledezma e Figueroa, este emblema era mais do que uma “ambição de política imperial”. Fazia referência à “vontade dos jesuítas como soldados de Cristo de expandir sua obra missionária e de investigar o que

⁵ Há uma abundante produção historiográfica sobre a produção literária inaciana. Sobre a epistolografia e as obras inacianas em seu primeiro século, ver: Fernando Torres Londoño, “Escrevendo cartas: Jesuítas, escrita e missão no século XVI”, *Revista Brasileira de História* 22, 43 (2002): 11-32; Aliocha Maldavsky, “Entre mito, equívoco y saber: los jesuítas italianos y las misiones extraeuropeas en el siglo XVII”, em *Missions d’évangélisation et circulation des savoirs: XVI^e-XVIII^e siècle*, org. Charlotte de Castelnau-L’Estoile (Madrid: Casa de Velázquez, 2011), 44; Domingo Ledezma, e Luis Millones Figueroa, org., “Introducción: Los jesuítas y el conocimiento de la naturaleza americana”, em *El saber de los jesuítas, historias naturales y el Nuevo Mundo* (Frankfurt am Main: Vervuert, 2005), 9.

⁶ Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus...*, 1977, vol. 1, 49.

⁷ Tradução livre. Segundo Ledezma e Figueiroa, esta frase é um verso da Sátira X do poeta latino Juvenal, no original: “Unus Pellaeco juveni non sufficit Orbis/ Aestuat infelix angusto limite mundi” (“Ao jovem Peleo um só Orbe não é suficiente/ por ele se agita infeliz no estreito limite do mundo”). “Introducción: Los jesuítas y el conocimiento de la naturaleza americana...”, 2005, 12.

guardava esse ‘outro novo mundo’ que havia permanecido estranho ao mundo europeu”⁸. Chamam a atenção, os elementos representativos de saberes destes tempos: a cosmografia e a história natural.

Imagem 1 – Frontispício da obra do Pe. Simão de Vasconcelos (Edição de 1663)



Fonte: Vasconcellos, *Chronica da Companhia de Jesu do estado do Brasil...: Tomo primeiro...*, 1663.

⁸ Tradução livre. Ledezma, Figueiroa, “Introducción: los jesuítas y el conocimiento de la naturaleza americana...”, 2005, 12.

O célebre cosmógrafo Pedro de Apiano (1495-1551) definiu cosmografia como “descrição, contorno e pintura do mundo” que era composto, segundo sua explicação, de quatro Elementos (e ainda de corpos celestes): Terra, Água, Ar, Fogo, Sol, Lua e as estrelas. O objeto da “ciência” da cosmografia era distinto da Geografia, uma vez que a primeira não atentava para as particularidades da Terra⁹. A cosmografia buscava descrever as coisas da terra “pelos Círculos do céu, de baixo dos quais está”: os círculos da Esfera celeste, e o sítio das terras e proporção entre si, os climas e a diferença entre a noite e o dia, os quatro pontos principais do mundo (Nascente, Poente, Norte, Sul ou meio dia) e o movimento das estrelas fixas e das “erráticas”. Tratava, também, a partir da Matemática, das coisas que ao “céu pertecem”, como as alturas do polo, Paralelos e Meridianos¹⁰.

A História Natural, por sua vez, tinha matéria distinta, embora com estreita ligação com a Cosmografia¹¹. Conforme as descrições dos inicianos, este ramo do conhecimento buscava apresentar as obras divinas neste mundo, destacadamente as notáveis e raras ideia que se fez presente, por exemplo, na dedicatória da obra do Pe. José de Acosta cujas matérias tocavam a Filosofia e a especulação sobre a natureza. Oferecida à infanta Dona Isabel Clara Eugenia de Áustria (1566-1633), filha dileta de Felipe II (1527-1598), intentava o autor que propiciasse “um honesto e útil entretenimento” e “dar ocasião de considerar em obras [o] que o Altíssimo há fabricado na obra deste Mundo”. Declarou, ainda, que seguia a obra em vulgar (castelhano) e que esperava que, gostando da obra a infanta, a mostrasse também ao Rei, para que tivessem notícias das terras e gentes daqueles Reinos e que, assim, pudessem ter consideração por aquela gente bárbara e tão necessitada do favor real¹².

A ideia da curiosidade sobre a raridade da natureza, assinaladamente a partir do século XVII, a busca pelos seus mistérios e segredos ocultos aparecem na definição da obra do Pe. Juan Eusebio de Nieremberg (1595-1658). Intelectual e professor de História Natural do

⁹ Traçando as distinções entre a Cosmografia e a Geografia, Pedro Apiano define esta última da seguinte maneira: “Geografia (segundo diz Venero em sua sentença, ou declarativo Sobre Ptolomeo) é uma forma ou figura e imitação de pintura da terra, e suas principais partes conhecidas: das quais a redondeza da terra conhecida é composta: e das coisas mais assinaladas q[ue] nas ditas partes se trata.[...] Esta ciência convem muito aos que averiguadamente desejam alcançar conhecimento inteiro das histórias e fábulas. A pintura ou debuxo das terras ajudam muito para conservar na memoria a ordem e localização dos lugares”. Petrus Apianus, *Libro dela [sic] Cosmographia* [Texto impreso]. Vendese en Enveres [sic]: en casa de Gregorio Bontio..., 1548, f. 1v.

¹⁰ Tradução livre. Apianus, *Libro dela [sic] Cosmographia [Texto impreso]*..., 1548, f. 1.

¹¹ José María López Piñero, *Medicina e historia natural en la sociedad española de los siglos XVI y XVII* (Valencia: Universitat de València, 2007), 47.

¹² Tradução livre. José de Acosta, *Historia natural y moral de las Indias, en que se tratan las cosas notables del cielo, y elementos metales, plantas, y animales dellas y los ritos y cerimonias, leyes y gouierno, y guerras de los Indios* (Impresso en Seuilla: en casa de Iuan de Leon, 1590), cap. Dedicatória.

Colégio Imperial de Madrid, o renomado inaciano traçou sua obra, intitulada *Historia Naturae, Maxime Peregrinae* (1635). Com preciosismo e erudição, afirmou o inaciano o interesse da obra na qual podiam ser compreendidos os interesses da própria história natural em desbravar temas como astronomia, animais, aves, peixes e répteis e insetos exóticos, assim como “as plantas e suas propriedades medicinais, os metais, as pedras e outras minerais”¹³. (Imagem 2). O estudo da História Natural compreendia diferentes saberes que, contemporaneamente, corresponderiam a Botânica, Zoologia, Medicina, Farmácia, Geografia, Etnologia, Antropologia, entre outras. Pertencia, assim, à história natural o extraordinário, como, por exemplo, o monstro ilustrado na obra de Nieremberg (Imagem 3).

Imagem 2 – Animais de origem africana e asiática, incluindo um unicórnio



Fonte: Sebastian Münster (1540)

¹³ Sobre a obra de Juan Eusebio de Nieremberg, e do também célebre intelectual jesuíta Athanasius Kircher, cf. Luis Millones Figueroa, “La intelligentsia jesuíta y la naturaleza del Nuevo Mundo en el siglo XVII”, em *El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo*, org. Luis Millones Figueroa e Domingo Ledezma (Frankfurt am Main: Vervuert, 2005), 27-51.

Imagem 3 – A besta chamada Su na obra de Juan Eusebio Nieremberg



Fonte: Nieremberg, *Historia naturae, maxime peregrinae...*, 1635, 189, http://archive.org/details/bub_gb_KAomlnjnVTwC

A compreensão das encruzilhadas culturais do início do período moderno na Europa e a permanência de algumas figuras do imaginário do medievo tornam inteligíveis as representações míticas e lendárias nos escritos inacianos, como no precioso relato sobre sereias e monstros marinhos de Fernão Cardim, em seu tratado sobre história natural (escrito, provavelmente, nas últimas décadas do século XVI), no Estado do Brasil¹⁴. Outros relatos datados deste período podem ser encontrados, como o remetido pelo físico-mor Dimas Bosque e, supostamente, testemunhado pelo Pe. Henrique Henriques sobre seres híbridos entre humanos e peixes pescados no Cabo de Comorim – Índia¹⁵. O extraordinário está presente também nos encantos mitológicos que adornam os mapas de Alonso d’o Vale (Imagem 4).

¹⁴ Charlotte de Castelnau-L’Estoile, *Operários de uma vinha estéril: Os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil, 1580-1620* (Bauru, SP: Edusc, 2006), 39-45; 379-414.

¹⁵ Wicki, *Documenta Indica*, 1960, vol. 6, 547-54.

Imagem 4 – Detalhes do mapa da obra de Alonso Ovale sobre a história do Reino do Chile¹⁶



Fonte: Archivo General de Indias, 1646

Destacadamente, a renovação intelectual, com o Renascimento, a expansão marítima e as conquistas europeias tornaram necessária nova descrição, traçado e pintura do mundo, tomando, com licença poética, as palavras de Pedro de Apiano¹⁷. Afinal, era a *orbis* terrestre muito maior do que as três partes – Europa, África e Ásia – dos pressupostos aristotélico e ptolomaico¹⁸. Desde o século XVI, houve intensa produção de narrativas e imagens por viajantes, cronistas e missionários. Há uma imensidão de registros – narrativas entre o exótico, a maravilha e as terras de corrupção – em fontes publicadas, manuscritos, figuras e ilustrações. A confluência destes antigos e novos saberes foi representada na Cartografia¹⁹ (Imagens 5, 6, 7, 8). A análise mais pormenorizada sobre este corpus documental ultrapassa o escopo desta tese²⁰.

¹⁶ Fernão Cardim relatou vividamente sobre monstros e homens marinhos, elementos da cultura tupinambá e da mitologia medieval sobre as sereias, respaldado em testemunho pessoal. Destaque para as “fêmeas” destes monstros marinhos, com descrição muito semelhante às conhecidas sereias (“*As Fêmeas parecem mulheres, têm os cabelos compridos, e são formosas*”), relatando ter notícias de sua existência e de seus maléficos feitos em Jagoaripe e Porto Seguro na Bahia. “O modo que têm em matar é: abraçam-se com a pessoa tão fortemente beijando-a, e apertando-a consigo que a deixam feita toda em pedaços, ficando inteira, e como a sentem morta dão alguns gemidos como de sentimento, e largando-a fogem; e se levam alguns comem-lhes somente os olhos, narizes e pontos dos dedos dos pés e mão, e as gentiálias, e assim os acham de ordinário pelas praias com estas causas de menos”. Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, org. Ana Maria Azevedo (São Paulo: Hedra, 2009), 151 E-152.

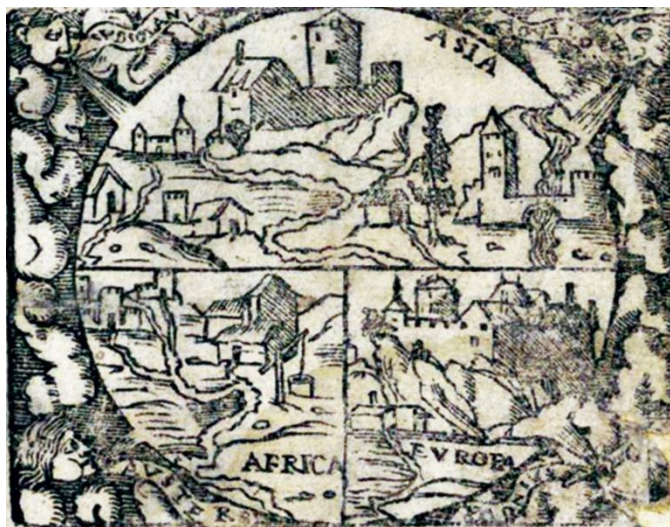
¹⁷ Sobre esta obra, foram consultados os seus manuscritos que constam no Fundo Jesuítas da Real Academia de História de Madrid.

¹⁸ Alfred W. Crosby, *El intercambio transoceánico: Consecuencias biológicas y culturales a partir de 1492*, prólogo Otto von Mehring, trad. Cristina Carbó (México: Univ. Nac. Autónoma de México, 1991), 21-2.

¹⁹ Sobre Cartografia no período moderno, destacadamente no Império Português, ver: Luís Filipe Barreto, *Caminhos do saber no Renascimento Português: Temas portugueses* (Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1986), 18-20; María M. Portuondo, “Cosmography at the casa, consejo, and corte during the century of Discovery”, em *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, org. Daniela Bleichmar et al., (Stanford, CA: Stanford Univ. Press, 2009), 59.

²⁰ Vale apenas a breve menção de estudos que utilizaram estas fontes como objeto para reflexões historiográficas, e que apontam interessantes caminhos metodológicos a serem retomados ao longo da tese. Nos estudos sobre o Brasil, o grande clássico *Visões do Paraíso* (1ª. edição 1958) de Sérgio Buarque de Holanda foi precursor na investigação do “imaginário” dos colonizadores sobre o caráter edênico deste “Novo Mundo”. Ainda dentre as obras de referência, vale citar Michel de Certeau em *A escrita da História* (2002), analisando a etnologia no

Imagem 5 – O “erro dos antigos” sobre as três partes da *orbis* terrestre.



Fonte: Giovanni Botero [et al.]. *Descripcion de todas las provincias y reynos del Mundo...*, 1603

Imagem 6 – *Typus Orbis Terrarum* por Abraham Ortelius (1528-1598).



Fonte: Ortelius, *Theatrum orbis terrarum*, 1570, 1

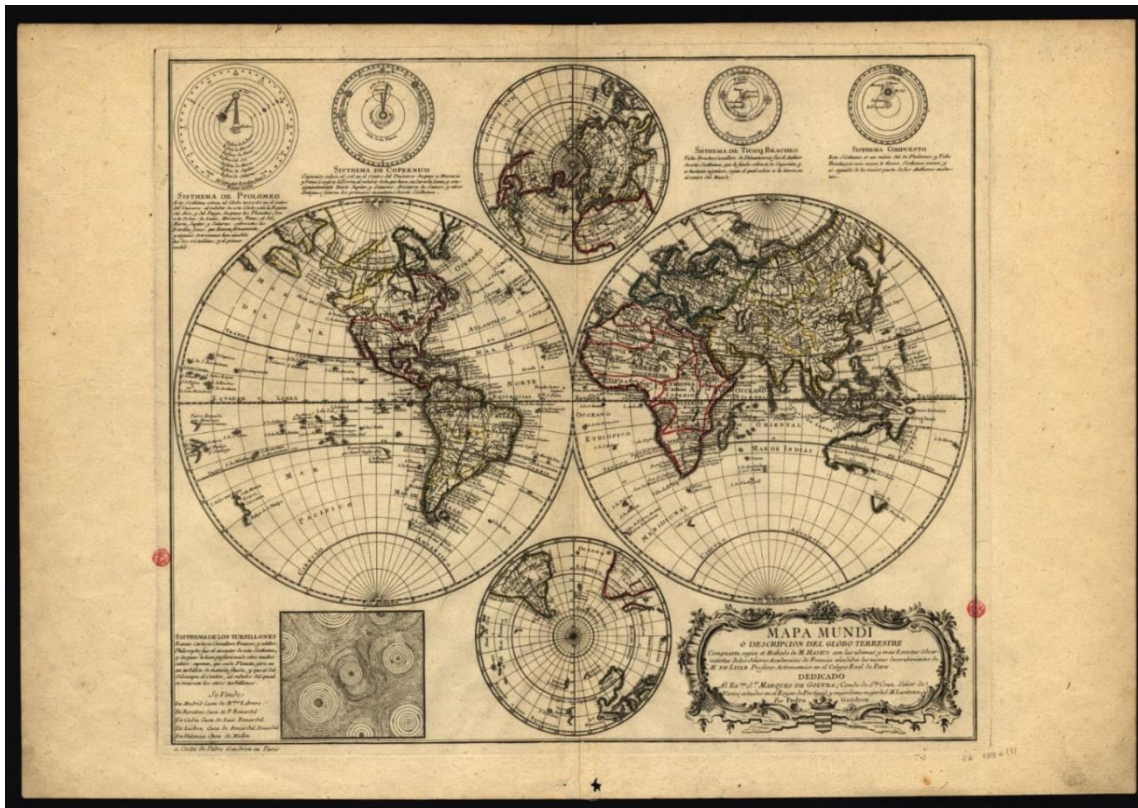
discurso de Jean de Léry (1578). Em estudos mais recentes, vale citar Gruzinski, em seu estudo sobre a mundialização ibérica; Barreto, em artigo acerca das visões sobre a Ásia pelos agentes da Igreja e da Coroa; e Marcocci, na construção da “consciência” do Império Português e a relação com as populações da Etiópia, Índia e Brasil. Cf: Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil* (São Paulo: Brasiliense, 1992); Serge Gruzinski, *As quatro partes do mundo: História de uma mundialização*, trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago (São Paulo: EDUSP/EUFMG, 2014); Barreto, *Caminhos do saber no Renascimento Português...*, 1986; Giuseppe Marcocci, *A consciência de um império: Portugal e o seu mundo, séc. XV-XVII- Investigação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

Imagem 7 – Grande mapa geográfico universal (1584). Matteo Ricci (1552-1610)²¹



Fonte: Ricci, *Grande mapa geográfico universal*, 1602. Biblioteca James Ford Bell, Universidade de Minnesota, <https://www.wdl.org/pt/item/4136/>.

Imagem 8 – *Mapa mundi o description del globo terrestre* (16??) por Pedro Gendron. Destaque para a representação dos sistemas de Ptolomeu, Copérnico, Ticho Bracheo e Sistema Composto



Fonte: BN PT: <http://purl.pt/3677>

²¹ Com formação em Teologia, Filosofia, Matemática, Cosmologia e Cartografia, o missionário italiano produziu este *mapa mundi* com informações geográficas, astronômicas e algumas curiosidades em chinês.

Desde as primeiras décadas da fundação da Companhia de Jesus, foram produzidos e publicados tratados sobre as partes do Oriente e das Américas. Para fins metodológicos, foram selecionados autores que escreveram sobre o Estado da Índia e a porção meridional do continente americano, detidamente, a capitania da Bahia. Deste modo, esquadrinhou-se, ao longo deste capítulo, as obras dos padres Giovanni Pietro Maffei (1536?-1603); José de Acosta; Fernão Cardim; Juan Eusébio de Nieremberg; Simão de Vasconcelos e, também, de padres cronistas e compiladores como Sebastião Gonçalves, Fernão Guerreiro (1550-1617) e Baltasar Teles.

Com temas variados, as obras acima referidas trazem em comum elementos como a apresentação dos territórios incógnitos aos europeus e a refutação de parte dos conhecimentos ocidentais sobre as outras partes da Terra, assinaladamente, a América²². Conforme definiram Ledezma e Figueiroa²³, o “saber jesuítico” era uma “combinação da herança aritostotélica e da hermenêutica cristã, da orientação humanística do *Ratio Studiorum* e de suas práticas institucionais”. Vale destacar que, entre os autores e as obras, há clara diferenciação de intencionalidade narrativa.

Ledezma explorou a distinta racionalidade das obras sobre história natural no século XVI e XVII. Em seu artigo, comparou as obras de Acosta (e também de Fernández de Oviedo, Francisco Hernández e Nicolás Monardes) com o tratado de Nieremberg. Afirmou que a primeira metade do XVI tinha uma clara preocupação com a divulgação das novas espécies botânicas e zoológicas e seus valores comerciais e utilitários, enquanto que “as do século XVII se interessavam em encontrar, na natureza, valores espirituais que se supunham cifrados com seus segredos e mistérios, ao invés de informação imediata para utilização na medicina ou de intercâmbio comercial”²⁴.

Esta breve digressão inicial é justificada pela necessidade de compreender em que âmbito foram produzidos os tratados e descrições inicianas. Delimitando para o foco desta tese, é interessante observar que as narrativas sobre as terras de missão estavam imbuídas de ideias médicas que apresentavam tênue ligação com noções cosmográficas e de História Natural. Dentre estas ideias, destaca-se a tópica da “Zona Tórrida”.

O cosmógrafo Pedro Apiano explicou e representou a divisão da *orbis* terrestre (Imagens 9 e 10) e afirmou que a terra e a água estavam compreendidas na redondeza da terra

²² Heloisa Meireles Gesteira, “Descrições da América: História Natural, circulação de ideias e a formação territorial do Brasil; séculos XVI ao XVIII”. *Intellèctus* 13, 2 (2014): 1-30.

²³ Tradução livre. Ledezma; Figueiroa, “Introducción: Los jesuitas y el conocimiento de la naturaleza americana...”, 2005, 9.

²⁴ Tradução livre. Figueroa, *La intelligentsia jesuítica y la naturaleza del Nuevo Mundo...*, 2005, 54.

e sendo esta uma esfera, estava imóvel no meio do mundo e continha círculos, a saber: Equinocial, dos Trópicos, Ártico e Antártico. Estava, assim, a terra dividida em cinco partes. As duas porções mais extremas, próximas aos polos, eram habitadas, embora com grandes dificuldades, em razão do grande frio. A terceira, compreendida entre os trópicos, tinha o sol em contínuo, com os raios diretamente sobre elas e, por isto, se chamava “zona tórrida ou queimada” e também era de difícil habitação. O autor destacou, contudo, que a experiência dos que por ela haviam navegado diziam que era temperada, principalmente debaixo do Equinocial. As outras duas zonas eram as que compreendiam a Europa, sendo “temperadas e habitadas”²⁵.

Esta divisão da orbis terrestre foi identificada como parte dos escritos aristotélicos. No *Compendio da Philosophia Natural de Aristoteles* (1547), Frei Canales (tradutor para o castelhano) trouxe o seguinte verso sobre o capítulo 5, Livro 2, de Meteorologia:

A terra é dividida em cinco regiões/ Ou faixas, por outro vocábulo chamadas/ As últimas destas são muito infestadas/ De frios horríveis e impetuosos/ O meio, recebe paixões/ De perigosas cores, que tem em abundância/ As outras que restam, as tem temperadas/ De umas e outras, tomando porções²⁶.

A Zona Tórrida aparece nas narrativas inacianas arrazoada como:

[...] “opinião dos antigos” e tópica a ser refutada, após a expansão marítima ibérica. Em fins do século XVI, Pe. José de Acosta dissertou sobre o tema em sua obra sobre as coisas curiosas da história moral e natural das Índias Ocidentais²⁷.

Conforme a escolástica, o inaciano buscou retificar o erro sobre a crença de que o “novo Mundo” era inabitado. Segundo sua sentença, devido ao calor excessivo pela proximidade do Sol, ainda mencionando aqueles filósofos que afirmaram que a terra era redonda e sabendo que ambos os polos do mundo eram habitados, acreditavam que nenhum ser humano poderia suportar os calores do Sol que, incidindo tão diretamente sobre esta região, abrasava a tudo sem, ao menos, deixar água e pastos²⁸.

²⁵ Tradução livre. Apianus, *Libro dela [sic] Cosmographia [Texto impreso]*, 1548, f. 5.

²⁶ Tradução livre. No original castellano: “La tierra es divisa en cinco regiones:/ O cintas, por otro vocabulos llamadas/ Las ultimas destas, son muy infestadas/ De frios horribles, y sus impulsiones/ La media, lo mesmo recibe passiones/ De graves colores, que tiene sobrados/ Las otras que quedan, los tienen templados/ De unas y otras, tomando porciones”. Aristóteles, *Compendio de toda la philosophia natural de Aristoteles*, 1547, liv. 2, V.

²⁷ Sobre a obra do Pe. José de Acosta, ver: Carmen Salazar-Soler, “‘Obras más que de gigantes’: Los jesuitas y las ciencias de la tierra en el Virreinato del Perú siglos XVI y XVII”, em *El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo*, org. Luis Millones Figueroa e Domingo Ledezma (Frankfurt am Main: Vervuert, 2005), 147-72; Antonella Romano, “La experiencia de la misión y el mapa europeo de los saberes sobre el mundo en el Renacimiento: Antonio Possevino y José de Acosta”, em *Saberes de la conversión: Jesuitas, indígenas e imperios coloniales en las fronteras de la cristiandad*, paradigma indicial, organizado por Guillermo Wilde (Buenos Aires: Ed. SB, 2011), 133-54; Andrés I. Prieto, *Missionary scientists: Jesuit science in Spanish South America, 1570-1810* (Nashville, Tenn: Vanderbilt Univ. Press, 2011).

²⁸ Acosta, *Historia Natural y Moral de las Indias...*, 1590, 36, Domingo Ledezma, “Una legitimación imaginativa del Nuevo Mundo: La Historia naturae, maxime peregrinae del jesuita Juan Eusebio Nieremberg”, em *El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo*, org. Luis Millones Figueroa e Domingo Ledezma (Frankfurt am Main: Vervuert, 2005), 60.

Imagem 9 – Zonas da *orbis* terrestre por Pedro Apiano



Fonte: Apianus, *Libro dela [sic] Cosmographia [Texto impreso]*, 1548, f. 5.

Imagem 10 – Representação das hipóteses astronômicas por Ortelius com destaque para o mundo no centro e as cinco zonas



Fonte: Ortelius, *Theatrum orbis terrarum*, 1570.

Mencionando o trecho acima destacado de *Meteoros*, o padre afirmou que Aristóteles, “ainda que tão grande Filósofo, se enganou nesta parte”. Contudo, considerou que este

desconhecimento deveria ser perdoado, pois, no tempo do filósofo, não havia sido “descoberto mais do que a Etiópia primeira, que chamam exterior, e está junto a Arabia e África” pelos historiadores e cosmógrafos. A experiência ibérica e, destacadamente, as navegações portuguesas – “gente que tem mais curso de navegar, de quantas nações há no mundo”²⁹ – tornaram conhecida aos europeus a América e alargaram o contato com os continentes africano e asiático.

Neste mesmo período, Pe. Giovanni Pietro Maffei, dissertando sobre *A história da Índia Oriental*³⁰ debateu a noção dos “antigos”, que haviam dividido “toda a redondeza da terra em três partes”. E, em suas palavras, “ultimamente sendo descoberto este novo mundo das Índias, o acrescentaram a quarta parte do Orbe”. Esta “nova” parte era, em grandeza, igual a todas as outras juntas. Advertiu, ainda, que os “antigos” não somente ignoraram estas “coisas novas” como, também, não “tiveram inteira notícia dos limites antigos nem de seus grandes e alargados espaços”. Ptolomeu e outros famosos Cósmografos “erraram” também nisto³¹.

Ainda sobre os “erros dos antigos”, discorreu sobre o bom temperamento da Zona Tórrida, maravilha e mistério feitos pela providência e vontade do próprio Deus. Ao descrever a Guiné, destacou que, embora estivesse no meio da “Tórrida Zona e sujeita aos calidíssimos raios do Sol”, não estava, por isto, inabitada, “como falsamente creram os antigos”. Descreveu essa região como das mais “abundantes e férteis” e que, parecia que por milagre divino, era favorecida do Sol e pela “benignidade de todos os outros Planetas”. Nela havia todos os regalos, mantimentos, odores aromáticos, plantas, pedras preciosas e medicinas “que cada um pudesse desejar segundo seu desejo”³².

Com esse mesmo escopo e em letras apologéticas e ufanistas, Pe. Baltasar Teles enalteceu o crescimento da cristandade por meio da missionação e sob a proteção e ação do Império Português, criticou a ideia de que o sol “queimava as gentes, & torrava as terras que ficavam entre os dois trópicos debaixo desta zona”, exaltou o feito dos portugueses aos quais, segundo ele, “deve o mundo todo o conhecimento, que teve assim d’estes mares, como d’estas vastíssimas regiões” e continuou em sua narrativa, afirmando que “acrescentaram o mundo, & o fizeram maior do que os homens imaginavam em seus errados, & apertados conceitos”. Afinal, indagava o padre, de que serviria ser o mundo grande, se estava “escondido”, tal qual um diamante enterrado?³³.

²⁹ Acosta, *Historia Natural y Moral de las Indias...*, 1590, 26.

³⁰ No original Giovanni Pietro Maffei, *Le Istorie delle Indie Orientali*, 1ª. Edição de 1589.

³¹ Tradução livre. Giovanni Pietro Maffei, *Historia de las Indias orientales [Manuscrito]*. S.XVII, [s.d.], f. 1v.

³² Tradução livre. Maffei, *Historia de las Indias orientales [Manuscrito]*. S.XVII, [s.d.], f. 4v; 17v.

³³ Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal...*, 1645, vol. 1, 345.

As descrições sobre os sítios compreendidos na Zona Tórrida e equinocial se desenvolveram entre as ideias de *paraíso terreal* e *terra de corrupção*. Conforme compreendido nas ideias hipocráticas que reverberaram nos saberes médicos no período moderno, o lugar (clima, ares, água) tinha direta influência sobre o surgimento de pestes e doenças e a sanidade ou pestilência dos sítios. Na teoria humoral, o desequilíbrio provocado por mudanças ambientais, pelas condições do ar e da água ou, ainda, pela conjunção dos planetas, possuía grande influência na “hidráulica do corpo”³⁴.

Esta teoria se fez bastante evidente nas últimas páginas das *Notícias curiosas e necessárias do Brasil*, de autoria do Pe. Simão de Vasconcelos. O inaciano português apresentou veemente protesto retórico contra os antigos que haviam afirmado não ter esta parte da orbis algum céu e, ainda, ser a Zona Tórrida “terra inútil, seca, requeimada, deserta, inabitável para gente humana”. Em sua opinião, a *terra brasilis* poderia ser comparada a um pedaço do Jardim do Éden pela “qualidade da terra, temperamento do clima, a frescura dos arvoredos, a variedade de plantas, e abundância de frutos, as ervas medicinais”³⁵. A defesa desta ideia, alegadamente, custou ao inaciano a censura de alguns parágrafos de sua obra³⁶.

Nas últimas páginas de seu tratado descritivo sobre o Brasil no qual dissertou sobre o “descobrimento admirável do Novo Mundo”, a geografia, a natureza e as notícias curiosas sobre os índios, Pe. Simão de Vasconcelos concluiu reafirmando sua opinião edênica sobre o Brasil. A partir de argumentos ontológicos e teológicos, afirmou que toda “a felicidade natural” tinha como princípio o estado original encontrado no “Paraíso terreno”. Segundo o inaciano, todos os “deleites” paradisíacos se amparavam na temperança e equilíbrio “dos quatro humores procedidos das quatro qualidades do clima”. Com este axioma hipocrático, propôs que, nestas condições ideais, o homem viveria eternamente e com saúde, não fosse “a amargura do pecado” e que quanto mais os indivíduos se afastassem desta perfeição da “primeira felicidade”, mais descambaria o gênero humano. Deste modo, afirmou: “dizem alguns Médicos, que não há clima no estado presente da natureza descaída que não seja doentio, nem homem que não seja doente”. Isto, segundo o inaciano, se dava em razão da falta da “proporção necessária para saúde”³⁷.

Em um interessante silogismo, Pe. Simão de Vasconcelos considerou que, sendo a brevidade da vida e as doenças causadas pelo afastamento das condições de perfeição

³⁴ Mary Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna: Novas abordagens da história europeia*, trad. Carlos Vieira Reis (Lisboa: Replicação, 2002), 9.

³⁵ Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus*, 1977, vol. 1, 141, 165-6.

³⁶ Carlos Z. Camenietzki, “O paraíso proibido: A censura à Chronica de Simão de Vasconcelos em 1663”, em *El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo*, org. Luis Millones Figueroa e Domingo Ledezma (Frankfurt am Main: Vervuert, 2005), 109-34.

³⁷ Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus...*, 1977, vol. 1, 158.

paradisiacas, onde o clima estivesse menos “descaído”, menores seriam esses males, de modo que, em suas palavras: “o estado do Brasil, tenho para mim, [foi o] que descaiu menos”. Afirmou amparar esta sua opinião na bondade do clima, que era evidenciada por: (1) o favorecimento dos astros; (2) a bonança dos ares; e (3) por ser esta terra o “melhor pasto dos viventes”³⁸. Esta assertiva do inaciano possibilita discorrer sobre elementos comuns das descrições médicas, astrológicas, cosmológicas e de História Natural sobre as terras de missão, aponta caminhos sobre sanidade e pestilência na Zona Tórrida.

3.1 Os astros

Pe. Simão de Vasconcelos afirmou que os astros que predominavam no Brasil eram reconhecidamente “bons”. Amparando-se em sua experiência e nos testemunhos dos grandes Astrólogos, considerou que a “formosura, candura, pureza e resplendor do sol, lua e estrelas” excediam aos de todas as outras partes do mundo, parecendo estar no mesmo “ponto de sua primeira criação”³⁹. Comparou o brilho dos raios do sol e da lua com a Europa e considerou que “a grossura dos ares” impedia serem tão resplandescentes quanto no Brasil e Hemisfério Antártico. Em linhas quase poéticas, descreveu:

Pelo contrário nos nossos horizontes [do Brasil], vemos aquele astro de ouro sempre puro, e no mesmo ser, ou nasça, ou se ponha, que com a mesma luz, e resplendor alegra toda a terra. Com a mesma excelência de luz em seu gênero preside a lua no governo da noite, fazendo tão claros os objetos, que podem ler-se ao lume desta celeste tocha, os segredos das mais miúdas cartas⁴⁰.

A influência dos astros na vida dos indivíduos era uma premissa bastante comum e amplamente difundida na Europa desde, pelo menos, a Antiguidade. Burckhardt, em seu clássico estudo do Renascimento na Itália, observou a importância e permanência desta “superstição” entre as várias camadas sociais. Príncipes e papas possuíam seus renomados astrólogos pessoais, que eram consultados para tomada de opiniões em matéria de guerra e diplomacia, assim como havia professores especializados em astrologia nas Universidades⁴¹. Thomas destacou que os conhecimentos astrológicos se espalhavam por uma vasta gama de saberes, como a agricultura e a medicina⁴².

³⁸ Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus...*, 1977, vol. 1, 158.

³⁹ Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus...*, 1977, vol. 1, 158.

⁴⁰ Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus...*, 1977, vol. 1, 159.

⁴¹ Carl Jacob Burckhardt, e Sérgio Tellaroli. *A cultura do Renascimento na Itália: Um ensaio* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003) 365-6.

⁴² Keith Thomas, *Religião e o declínio da magia: Crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*, trad. Denise Bottman e Tomas Rosa Bueno (São Paulo: Companhia das Letras, 1991), 239.

O médico Francisco Vicente de Tornamira (1534-1597) dissertou a respeito da importância da astrologia e sobre os “efeitos e influências dos Planetas, Signos e Eclipses” sobre a conservação da saúde dos indivíduos. Inicialmente, mencionou os mitos de Apolo, seu filho Esculápio e invocou renomados médicos, astrólogos e filósofos para tratar da importância da Astrologia na prática médica. No campo da Medicina, citou Hipócrates que, segundo o autor, afirmava que a astrologia era parte da medicina, e Galeno, que acreditava na influência da Lua em doentes e sãos. Apontou a digressão do astrólogo muçulmano Albumazar (787-886) de que a origem da medicina é a ciência das estrelas e que todos que nascem e morrem neste mundo estão sujeitos ao movimento das estrelas e signos celestes. E, ainda, enumerou Tornamira, Aristóteles afirmava a influência do movimento e da luz em corpos inferiores, assim como o sol que podia causar corrupção⁴³.

Citando famosos médicos e antigos filósofos, o autor afirmou que esperava alertar os médicos do seu tempo para a ignorância de menosprezar a Astrologia. Argumentou, ainda, que se, para cortar ou podar uma árvore, semear, enxertar, era importante considerar os tempos da Lua, “não seria razão que se proceda ao acaso para sangrar ou purgar, equilibrar os quatro humores, pois vemos que os corpos humanos recebem as impressões celestes, as particulares alterações como os outros indivíduos”. Repreendeu, ainda, os médicos que não consultam a astrologia, considerando que, de suas mãos nada se confie “porque não é perfeito médico, mas sim como um cego que com o báculo [guia] o caminho” acrescentando, ainda, que não merecia ter o título de médico⁴⁴.

A conjunção do sol, da lua e “dos outros planetas” influenciavam as operações das sangrias, purgas e cirurgias, afirmou Juan Fragoso (1530-1597), em sua obra *Cirurgía Universal*. Um “perfeito médico” deveria saber aproveitar o conhecimento sobre as constelações para a cura do corpo humano, conforme havia ensinado Hipócrates. Deste modo, deveria procurar perceber a influência dos corpos celestes na doença engendrada assim como na constituição do indivíduo pelo seu nascimento, apontando, até mesmo, enfermidades vindouras⁴⁵.

As opiniões do Pe. Simão de Vasconcelos e do médico/astrólogo Francisco Vicente de Tornamira sobre a ligação das práticas médicas com a astrologia não foram extraordinárias. A historiografia da medicina no Ocidente revelou que a afirmação da importância do movimento

⁴³ Francisco Vicente de Tornamira, *Chronographia y Repertorio de los tiempos, a lo moderno...* (Impresso... en la muy noble y muy leal ciudad de Pamplona: por Thomas Porràlis de Sauoya, 1585), 1; 13-5.

⁴⁴ Tornamira, *Chronographia y Repertorio de los tiempos, a lo moderno...* 1585, 15.

⁴⁵ Juan Fragoso, *Cirurgía Universal... Y mas otros tres tratados... El primero es, Una summa de proposiciones contraciertos avisos de cirugía. El segundo, de las declaraciones acerca de diversas heridas y muertos. El tercero, de los Aphorismos de Hyppocrates tocantes a cirugía* (En Alcalá: En casa de Juan Gracian que sea en gloria, 1592), 4.

dos corpos celestes na saúde ou doença dos indivíduos esteve presente em tratados médicos até, pelo menos, meados do século XVII⁴⁶. A astrologia era a base para diagnósticos, sendo consultada para a escolha auspiciosa de terapêuticas como a sangria, a purga ou a indicação das medicinas⁴⁷.

Havia uma compreensão alargada na sociedade de que os corpos eram parte do cosmos e, portanto, sofriam a influência das condições que os rodeavam⁴⁸. Seriam, assim, como microcosmos que sofriam a interferência do macrocosmo, como o inaciano Athanasius Kircher (1602-1680) fez representar o corpo humano como parte de um cosmos de signos zodiacais (Imagem 11).

Interessante notar que havia a compreensão de que os órgãos eram regidos pelos planetas zodiacais. Deste modo, o diagnóstico e a terapêutica eram pensados a partir da influência dos planetas e estrelas sobre o corpo do enfermo. Tornamira, por exemplo, descreveu os 12 signos, segundo sua qualidade, planetas, enfermidades, cores e os lugares e, também, advertiu sobre a importância de se entender o movimento da lua para a escolha do momento da aplicação da sangria. Acreditava-se que a lua possuía propriedades diretas sobre a conservação da saúde e sanidade do clima⁴⁹.

Pe. Jerônimo Lobo, por exemplo, atribuiu uma propriedade pouco sadia à lua, no mês de setembro, na ilha de São Lourenço. Em suas palavras:

No tempo que na ilha nos detivemos sararam e guareceram os feridos, morrendo alguns enfermado outros por serem os ares pouco sadios, cujo luar em especial o de Setembro é tão nocivo que causa doenças mortais aos que andam a ele, sendo de tal qualidade o que até aos sinos e peças de bronze faz dano, rachando com a malignidade de suas qualidades. A esta conta os tem cobertos com palha e os homens de noite andam pelas ruas com sombreiros e mais resguardados por lhes não tocar o luar e sereno, do que de dia na maior força do sol, do qual também se reparam, mas porém o luar como é mais nocivo⁵⁰.

⁴⁶ Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna...*, 2002, 35-8.

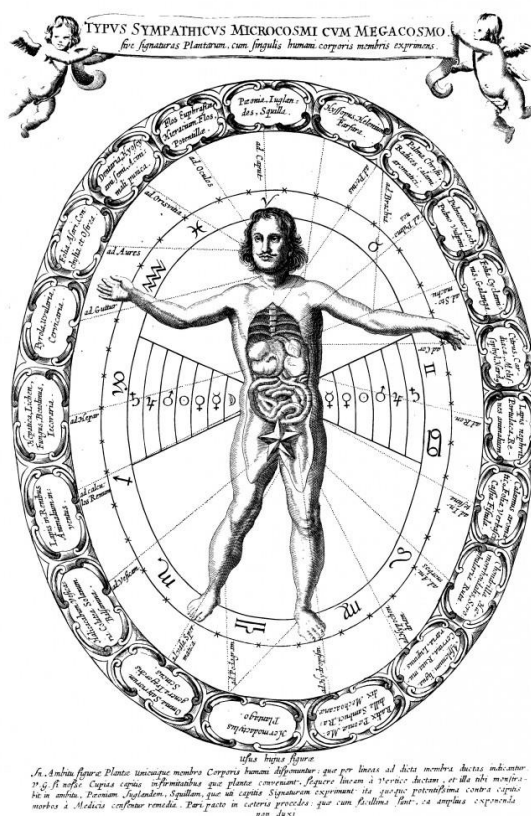
⁴⁷ Tayra M. C. Lanuza-Navarro, "The dramatic culture of astrological medicine in early modern Spain", em *Medical Cultures of the Early Modern Spanish Empire*, org. John Slater, María Luz López Terrada e José Pardo-Tomás (London; New York: Routledge, 2014), 190.

⁴⁸ Lígia Bellini, *Grande fulcro: Representação do corpo e cultura médica no Portugal Renascentista* (São Paulo: UNIFESP, 2016), 75-6; 99-167.

⁴⁹ Tornamira, *Chronographia y repertorio de los tiempos, a lo moderno...*, 1585, 49-50-473.

⁵⁰ Jerônimo Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos*, ed. crítica Manuel Gonçalves da Costa (Lisboa: Livraria Civilização, 1971), 205.

Imagem 11 – Microcosmo e Macrocosmo por Athanasius Kircher (1602-1680)



Fonte: Athanasius Kircher, *Microcosmo e macrocosmo* [s.d.],
http://web.stanford.edu/group/kircher/cgi-bin/site/?attachment_id=689

Apesar de sua descrição elogiosa sobre o temperamento no Estado do Brasil, Fernão Cardim tinha opinião adversa sobre a influência do corpo celeste. O céu era puro e limpo, contudo, a lua era “mui prejudicial à saúde, e corrompe muito as coisas”⁵¹. Não foi encontrada menção sobre a influência dos astros sobre o Estado da Índia. Contudo, vale destacar que a religiosidade e a cosmogonia hindus tinham amplo conhecimento sobre o movimento dos corpos celestes e apreço aos saberes astrológicos, conforme será apontado mais adiante.

Além da conjunção dos corpos celestes, seus movimentos eram considerados de grande influência sobre a sanidade e pestilência, em determinado ano e sítio. Pe. Pedro Parra registrou um cometa, pelos céus de Goa, em 1577. O inaciano narrou que, depois das guerras de 1570 e 1571, do cerco do sultão de Bijapur, a terra estava “inficionada sujeita a mil enfermidades”⁵². Sobre o corpo celeste, descreveu sua passagem em direção ao sul, caracterizou-o como muito grande e seu curso como muito longo, assemelhando-se a uma “espada de duas mãos”. “Pôs

⁵¹ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009.

⁵² Marcocci, *A consciência de um império...*, 2012, 400.

espanto na terra”, em suas palavras, “porque diziam que era *initium malorum*”. Segundo o padre, em poucos dias sobreveio uma grande enfermidade nas gargantas, “a maneira de esquinancia” e que causava asfixia (“dava garrote”)⁵³. Afirmou que entre três e seis dias morriam os enfermos e poucos escapavam⁵⁴.

Os cometas também serviriam como aviso de outras catástrofes, além das enfermidades. O médico Francisco Franco apontou como uma das maneiras de se preservar da peste, fugir, quando se observasse alguma conjunção dos astros considerada pestilencial⁵⁵. Segundo Pe. Antonio Vieira, o cometa de 1577, que cruzou o céu português, teria servido para alertar D. Sebastião sobre a derrota devastadora para a coroa portuguesa de Alcácer-Quibir, em 1578⁵⁶, ideia ainda defendida, no século XVIII, como se entrevê na obra sobre a natureza e causas dos cometas do Pe. José Cassani⁵⁷ (1673-1750), mestre de Matemática no Colégio Imperial de Madri. Afirmou o inaciano que, na “voz popular”, os cometas prognosticavam mal agouros e desastres. Ponderou, contudo, que, correlacionando eventos históricos com o aparecimento e curso de corpos celestes, não se poderia traçar previsões.

Em 1618, o movimento dos corpos celestes tornou a causar temor em missionários, no Estado da Índia, vindo a ser promovida uma procissão para buscar a mercê divina. Pe. Heitor Fernandes escreveu ao Ir. Antonio da Costa narrando o evento:

Aos onze de Novembro de [1]618 apareceu cá no Céu um cometa, claro a figura como de uma palma, semelhante a que põem aos santos nas mãos, outros lhe parecia como catana de Japão, apareceu de madrugada, nascendo em cima do sol vinha subindo e fazendo seu curso pera o sul, veio crescer de tal maneira que quase tomava meu Céu, caindo hoje véspera de S. Thomé o vi. Aos vinte e cinco deste mesmo mês quinze dias depois, apareceu uma estrela com um raio da mesma brancura do cometa, mais afogueada um pouco ao pé, apareceu no mesmo lugar do cometa, vai fazendo seu curso para a banda do norte, veio a crescer tanto q se fez tão grande, e largo o seu Raio, como o do cometa. Certo metia espanto quando nos levantávamos de madrugada ver no Céu dois sinais tão notáveis. Aqui nesta terra fizeram os Capuchos com o clero uma procissão, aonde houve muitos penitentes, preguaram três dias no seu convento pedindo a Deus misericórdia, e despondo a gentilidade para que se confessassem⁵⁸.

⁵³ No Dicionário de Bluteau, foi definida da seguinte forma: “Esquinancia [...] afeto plegmoso, que tapando com a inchação dos musculos do esofago o caminho por onde vai a comida, & bebida ao estomago, & impedindo a entrada, & saída do ar pela traca arteria, & mata. Há quatro diferenças desta doença. 1. Esquinancia oculta, quando a inflamação está por dentro. 2. Esquinancia manifesta, quando há tumor visível nos musculos do Larinx, & da Garganta. 3. Quando nasce nos musculos do esofago. 4. Quando se forma nos musculos da Traca Arteria, ou no Epiglottis”. *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 3, 295-6.

⁵⁴ Wicki, *Documenta Indica*, 1970, vol. 11, 325-6.

⁵⁵ Francisco Franco, *Libro de enfermedades contagiosas y de la preseruacion dellas* (Seuilla: por Alonso de la Barrera, 1569), XV.

⁵⁶ Carlos Ziller Camenietzki, “O cometa, o pregador e o cientista: Antonio Vieira e Vanetin Stansel observam o céu na Bahia no século XVII”. *Revista da SBHC* 14 (1995): 42.

⁵⁷ José Cassani, *Tratado de la naturaleza, origen, y causas de los cometas: con la historia de todos los que se tiene noticia haverse visto, y de los efectos, que se les han atribuido, donde se manifesta quan sin fundamento se dice que son infaustos: y con methodo de observar astronómicamente sus lugares aparentes, y hallar los verdaderos en el cielo, su curso, su magnitud, distancia de la tierra, y de formar las ephemerides, con lo demás que à la astronomia toca*. [Texto impreso]. (En Madrid: por Manuel Fernandez, 1737), 157-8.

⁵⁸ ANTT, Cartório dos Jesuítas, maço 68, nº 47: *Carta em 2ª via do Padre Heitor Frz ao Irmão Antonio da Costa da Companhia de Jesus...*, 1618.

3.2 Os ares

Pe. José de Acosta discorreu muito elogiosamente sobre os ares da Zona Tórrida e equinocial. Considerou que não poderia afirmar que era o próprio paraíso de deleites das Escrituras “pois seria temeridade”, sobretudo em tempos de Reforma e Inquisição. Mas que, se havia um paraíso na terra, seria onde se goza de um temperamento suave e aprazível. Para a vida humana, filosofou o inaciano, “não há coisa de igual pesadelo e pena, que ter um céu e ar contrário, e pesado, e enfermo”. E, do oposto, nada melhor “que gozar do céu e ar suave, sano e alegre”. Afirmou, ainda, que nenhum outro elemento tinha tanta influência que rodeia e entra nas entranhas “e cada momento visita o coração” e lhe imprime sua propriedade, de modo que, se o ar é saudável, repara as forças, sendo toda a vida dos homens⁵⁹.

Pe. Fernão Cardim, em sua descrição do clima e da terra do Brasil, considerou o clima, de modo geral, como “temperado de bons, delicados e salutíferos ares”, razão pela qual, segundo o inaciano, os “homens vivem muito até noventa, cento e mais anos, e a terra é cheia de velhos”. É bastante conhecida sua sentença de que o “Brasil é já outro Portugal”, referindo-se à presença de muitos animais, árvores e ervas europeus na *terra brasilis*, e aproveitou para fazer comparações e elogios a outras “comodidades” da terra, melhores ainda que no Reino. O inaciano descreveu o clima como “temperado e sadio, sem calmas grandes, nem frios, e donde os homens vivem muito com poucas doenças, como de cólica, fígado, cabeça. Peitos, sarna, nem outras enfermidades de Portugal”⁶⁰.

Há uma tópica comum, em muitos cronistas e nos relatos inacianos, sobre os ameríndios: a sua extraordinária longevidade. Ambrosio Fernandes Brandão (1555-1618), nos *Diálogos das grandezas do Brasil*, afirmou que poderiam ser encontrados muitos índios pela costa do Brasil que passavam dos cem anos de vida e que conhecia alguns aos quais não faltavam os dentes da boca e que gozavam das suas forças com suas três ou quatro esposas que “conhecem carnalmente” e, ainda, que era, geralmente, este gentio “bem disposto”, “do que tudo é causa bons céus e bom temperamento da terra”. Mencionou, ainda, que ocorria, muitas vezes, de os “gentios” perecerem quando eram levados para Portugal. O mesmo não acontecia com os estrangeiros, pois, em suas palavras:

⁵⁹ Tradução livre. Acosta, *Historia Natural y Moral de las Indias...*, 1590, 114.

⁶⁰ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 81, 168.

[...] no Brasil se acha isto ao revés, porque toda gente de qualquer nação que seja prevalece nele com saúde perfeita, e os que vem doentes cobram melhora em breve tempo. E a razão é o serem estas terras do Brasil mais sadias e de melhor temperamento que todas as demais⁶¹.

Em carta aos Irmãos enfermos do Colégio de Coimbra, Pe. José de Anchieta argumentou sobre as vantagens da sanidade do Brasil. Recomendou paciência nas enfermidades para que pudessem aperfeiçoar a virtude. Afirmou que, em sua “larga conversação” nas enfermarias, observou que as mezinhas materiais “pouco fazem e aproveitam”. Melhor medicina experimentara nos muitos trabalhos pelas missões no Brasil e mesmo que os irmãos estivessem “opilados e meio doentes”, a terra era muito boa e logo ficariam sãos⁶².

De modo semelhante, Pe. Giovanni Maffei destacou a temperança desta “parte do novo mundo” e descreveu a região como muito amena, com o céu regozijadíssimo e clima muito saudável. A razão desta bonança, segundo o inaciano, eram os ventos que vinham do mar, que desfazem os “vapores e nuvens danosas da manhã” e, deste modo, os raios de sol ficam puros e “muito resplandescentes”⁶³. Pe. Simão de Vasconcelos afirmou, poeticamente, que os ares do Brasil eram tão puros “que se pode dizer com razão que bebemos espíritos vitais”. Como uma “primavera perpétua”, o clima era “por excelência bom entre todas as terras do mundo”⁶⁴. Nota-se, nos trechos destacados, a caracterização do clima e das condições favoráveis à saúde retratados quase que idilicamente. A partir das narrativas de cronistas e inacianos, Sérgio Buarque de Holanda demonstrou a ligação das descrições dos “bons ares” com a retórica do paraíso terreal no Brasil⁶⁵.

Pe. Simão de Vasconcelos construiu interessante alegoria contrária à ideia de que o excessivo calor causava vapores danosos. Utilizando a imagem de um alambique, observou que, quando o fogo não provocava grande calor, as ervas ficavam quase secas. A explicação disto, segundo o padre, era que, sendo pouca a força do calor, esta não causava a liberação dos licores e quando este se desentranhava e se unia a outras gotas para subir ao alto, como chuva, era consumido pelo mesmo calor. Por outra parte, quando o fogo estava perto e com muito calor no alambique, liberava mais vapores que, convertidos em gotas d’água, caíam como chuva. Concluiu, então, que, quanto maior o calor, maior a umidade, como experimentava na cidade do Rio de Janeiro e, de modo geral, em toda a Zona Tórrida, “excetas algumas partes em que

⁶¹ Ambrósio Fernandes Brandão, Segundo Diálogo, 1956, em *Diálogos da Grandeza do Brasil* (1618) (Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2010).

⁶² José de Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933), 62-4.

⁶³ Tradução livre. Maffei, *Historia de las Indias orientales [Manuscrito]*. S.XVII, [s.d.], 34.

⁶⁴ Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus...*, 1977, vol. 1, 160.

⁶⁵ Holanda, *Visão do Paraíso...*, 1992, XXI.

há causas particulares”⁶⁶ e que, portanto, não procedia a ligação de pestilência com calor e umidade.

Do lado oposto, há descrições dos malefícios da zona para a saúde dos corpos, como, por exemplo, a descrição do Pe. Jerônimo Lobo, destacada, no Capítulo I, sobre sua pesadosa passagem pela Costa da Guiné onde, pelos “efeitos do seu clima e dos ardores do sol, que tanto a abrasa e a nós por extremo nos molestava”, observou o inaciano que começou a crescer o número de doentes, de modo que, dos 900 que embarcaram nas naus, poucos houve que “não experimentassem a forsa do mal”⁶⁷. Também em narrativa, o Pe. Alessandro Valignano, ao descrever a caridade do Pe. Francisco Xavier nos cuidados corporais e espirituais com os doentes na navegação para a Índia, enumerou o trabalho com as imundícias e os maus odores, esforços que requeriam ainda maior mortificação pela falta do necessário em seu amparo e “especialmente debaixo da linha equinocial e da zona tórrida”. Segundo o visitador, nesta região, eram maiores as enfermidades e mais frequentes as mortes, “pelos excessivos calores daquele lugar; e ainda não havendo o que fazer, apenas podem viver”⁶⁸.

Ambrosio Fernandes Brandão elogiou a sanidade, de Norte a Sul e de Leste a Oeste, “assim no sertão como nas fraldas do mar” de excelente céu e de bons ares, “sendo muito sadia e disposta para a conservação da natureza humana”. Causou estranheza ao autor que, sendo esta terra oposta à Guiné e estando “no mesmo paralelo e debaixo do mesmo zenith”, sendo conhecida por ser muito quente e de “ruins ares, que causam muitas doenças nelas”, gozasse de bons ares⁶⁹. O médico português Francisco Franco, embora não faça menção direta à Zona Tórrida, relacionou o calor e a corrupção dos ares como causa das pestilências. Indagando sobre a causa das enfermidades universais, partiu do problema proposto por Hipócrates sobre as causas de quando o sol levanta muitos vapores da terra, é o ano pestilencial e afirmou que a umidade de um ano chuvoso em terra pantanosa e/ou de muitos charcos e lagoas provocava enfermidades⁷⁰.

A junção de fatores, como excesso de umidade e calor demasiado, que provocavam ventos trazia ainda maiores perigos à saúde. No capítulo intitulado “De los vientos”, Pedro Apiano explica que vento é uma “exalação a maneira de bafo, quente e seco, que faz nas entranhas da terra”⁷¹. Diz, ainda, que os marinheiros relatavam a existência de doze tipos de

⁶⁶ Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus...*, 1977, vol. 1, 142, 143.

⁶⁷ Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos...*, 1971, 144-145.

⁶⁸ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 17.

⁶⁹ Brandão, *Diálogos da Grandeza do Brasil...*, 1956, Primeiro Diálogo.

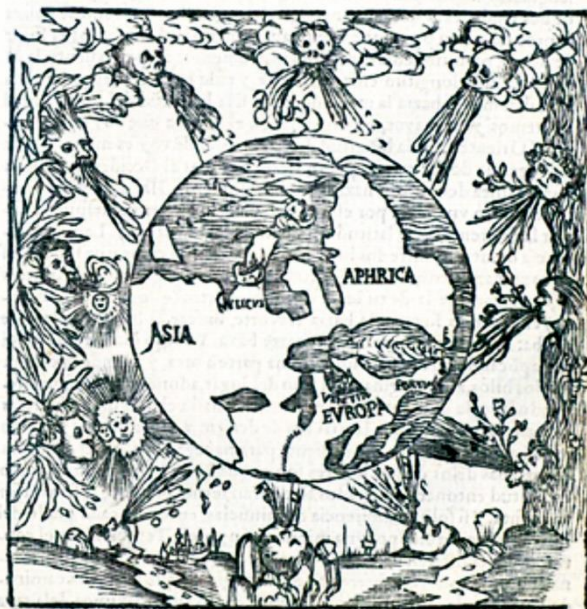
⁷⁰ Franco, *Libro de enfermedades contagiosas y de la preservacion dellas...*, 1569, 8v.

⁷¹ Tradução livre. Apianus, *Libro dela [sic] Cosmographia [Texto impreso]*, 1548, f. 26V-27. Interessante notar que a versão da obra de Apiano traduzida para o castellano conta com adendos do “médico e doutor em

ventos, mas que quatro eram os principais, chamados de “vientos cardinales”. Conforme a representação dos ventos, o que provinha do sul chamado “Austro” ou “abrigo” era soprado pela própria morte, incidindo diretamente sobre a África e, também, sobre a América (Imagem 12). Segundo o cosmógrafo, este vento era quente e úmido e provocava muitos relâmpagos, chuvas, peste e doenças. Apiano apontou como razão para ser pestilento e de “muitas enfermidades” que “por ser quente e úmido: engendra putrefação”.

Com as características de seu clima quente e úmido, Goa foi, muitas vezes, retratada como de pouca sanidade, sobretudo nos tempos das monções. Pe. Sebastião Gonçalves afirmou que a ilha era bastante sadia, menos entre outubro, novembro e maio, meses nos quais os mouros tinham por costume ir buscar outros ares. Considerou a cidade de Goa muita sadia, desde a tomada dos portugueses até 1570, “pelo real estandarte da cruz, nela arvorada, mudou os ares, mas daquele tempo por diante houve muitas doenças”⁷². Foram encontrados relatos sobre os maus ares em Goa provocados por eventos específicos, como a chegada das armadas ou a deterioração de um elefante na lagoa próxima ao Colégio de São Paulo, a ser abordado no Capítulo IV.

Imagem 12 – “De los vientos”



Fonte: Pedro Apiano, Libro dela [sic] Cosmographia [Texto impresso], 1548, f. 26

Mathematica” Gemma Frisio. No capítulo sobre os ventos, o “doctissimo varon” não fez particular menção à sanidade dos ventos, dedicando-se a dissertar sobre o modo de navegar pela agulha.

⁷² Gonçalves, Sebastião. *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça*, trad. Joseph Wicki (Coimbra: Atlântida, 1957), 98.

3.3 As terras

Pe. Simão de Vasconcelos citou o livro do Gênesis das Escrituras para argumentar sobre a sanidade da *terra brasilis*: “Produziu a terra erva verde, que dava semente, segundo seu gênero: e juntamente árvores frutíferas, que davam semente, segundo sua espécie”, citou o padre, “e viu Deus que era boa a terra”. Deste modo, considerou que a verdura e a abundância de víveres no Estado do Brasil (como em uma “eterna primavera”), indicavam ser esta uma boa terra e, mais que isto: suas qualidades apontavam que era semelhante a um paraíso na terra, tal qual um jardim do Éden⁷³. A tópica narrativa de que o Novo Mundo era tal qual um paraíso perdido foi comum a cronistas e missionários dos primeiros séculos de colonização⁷⁴.

A característica “verdejante” foi considerada, por François Pyrard como algo comum a países e terras que estavam entre os “dois trópicos”. Especificamente sobre a ilha de Goa, o francês elogiou a paisagem, mas afirmou não ser muito fértil, “não em razão da terra, mas das montanhas, pois nas terras baixas plantavam milho e arroz”⁷⁵. Pe. Sebastião Gonçalves teve uma opinião mais favorável, descrevendo a ilha como “graciosa, povoada de fresco arvoredo que todo anno com sua verdura recrea a vista (porque poucas são as árvores que na Índia perdem a folha)” e, além das árvores, muitos quintais⁷⁶. Observa-se que há uma extensa produção sobre a descrição das terras da zona tórrida e a preocupação em coligir, descrever e dissertar sobre as virtudes de plantas e animália⁷⁷. A esta tese, interessa detidamente os usos e aplicações de ervas e frutos e o consumo e fabricação de mezinhas de origem animal⁷⁸.

3.3.1 Ervas e plantas

No capítulo anterior, foram mencionados os estudos de Garcia de Orta, Cristovão da Costa e Nicolás Monardes⁷⁹. Para fins de uma melhor compreensão dos cenários do

⁷³ Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus...*, 1977, vol. 1, 145; 165-6.

⁷⁴ Holanda, *Visão do Paraíso...*, 1992, 212; Jean Marcel Carvalho França, *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: Antologia de textos, 1591-1808* (Rio de Janeiro: Jose Olympio; São Paulo: Ed. UNESP, 2012), 283-6.

⁷⁵ François Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval: Contendo a notícia de sua navegação às Índias Orientais*, org. A. de Magalhães Basto e Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (Porto: Livraria Civilização, 1944), vol. 2, 28.

⁷⁶ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*, 1957, 98.

⁷⁷ Anthony John Russell-Wood, *Um mundo em movimento: Os portugueses na África, Ásia e América 1415-1808*, trad. Vanda Anastácio (Lisboa: DIFEL, 1998), 229-30.

⁷⁸ Russell-Wood, *Um mundo em movimento...*, 1998, 271.

⁷⁹ Garcia de Orta, *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India, e assi dalgu[m]as frutas achadas nella onde se tratam algu[m]as cousas tocantes amediçina, pratica e outras cousas boas...* (Goa: Joannes de

conhecimento produzido pela História Natural e a Medicina, no período moderno, vale traçar algumas considerações sobre os registros das frutas e ervas e dos saberes médicos nas terras de missão feitos pelos inacianos.

Na América Portuguesa, devem ser destacados os conhecidos registros dos Padres José de Anchieta e Fernão Cardim. Redigidos como narrativa epistolar, ambos buscaram ilustrar o leitor (ou leitores) sobre a fauna e flora da *terra brasilis*. No ano de 1560, o “apóstolo do Brasil” remeteu carta, de São Vicente, cumprindo a ordem de enviar relatos com coisas dignas de admiração ou desconhecidas na Europa. Com especial ênfase na descrição da animalia, Anchieta descreveu árvores, plantas e ervas com propriedades medicinais. De modo distinto a Fernão Cardim, não nomeou as espécies vegetais, enfatizando a utilidade e os modos de uso, conforme será destacado mais adiante⁸⁰.

As informações sobre o Brasil foram produzidas pelo Pe. Fernão Cardim como parte de sua atividade como secretário do visitador da ordem, Pe. Cristóvão Gouvea, entre os anos de 1583 e 1590⁸¹. Combinando saberes e, muito provavelmente, sua observação direta, como se verifica em suas descrições pormenorizadas, preocupou-se em descrever as árvores e ervas. Características dos caules, das folhas, flores, frutos e da raiz foram descritas, com a clara intencionalidade de conduzir o leitor à identificação da espécie. As plantas foram classificadas entre árvores e ervas que serviam “para mezinhas”, além das que davam fruto e serviam “para madeira”. A sua aplicação foi apontada, sumariamente, pelo inaciano e se mostra particularmente interessante para discutir a circularidade de saberes e produtos.

Na América espanhola, José de Acosta S. J. dissertou sobre os mais variados temas na sua obra *História Natural e Moral das Índias* (1590). Observou que, embora os antigos, como Plínio, Dioscórides e Theophrasto, não tivessem noticiado sobre as árvores e frutas das Índias Ocidentais, no seu tempo, havia muitos homens curiosos que escreveram sobre plantas, ervas e raízes da Índia. Destacou, ainda, que discorriam sobre suas utilidades e “medicinas”, “as quais poderia acudir quem desejasse mais longo conhecimento destas matérias”⁸².

Endem, 1563); Nicolás Monardes, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia medicinal: de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que siruen en Medicina. Tratado de la Piedra Bezaar y de la yerua escuerçonera; Dialogo de las grandezas del hierro y de sus virtudes medicinales; Tratado de la nieue y del beuer frio / hechos por el doctor Monardes...*, org. Fernando Díaz (En Seuilla: en casa de Fernando Díaz, 1580); Costa, *Tractado de las drogas, y medicinas de las Indias Orientales con sus Plantas debuxadas al biuo por Christoual Acosta medico y cirujano que las vio ocularmente: en el qual se verifica mucho de lo que escriuió el Doctor Garcia de Orta...* (En Burgos: por Martin de Victoria impressor de su Magestad, 1578).

⁸⁰ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos historicos e sermões...*, 1933, 103; 125-127.

⁸¹ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009.

⁸² Costa, *Tractado de las drogas, y medicinas de las Indias Orientales...*, 1578, 259.

No Oriente, em princípios do século XVII, Manuel Godinho Erédia apontou que os “Philosophos” antigos buscaram analisar as propriedades das plantas do mundo, mas somente haviam conseguido perceber as da Europa e poucas da África e Ásia, já mencionadas por Dioscórides (século I)⁸³. Em seu tempo, no “agora” da expansão e mundialização ibérica e com a experiência de quem, enquanto mestiço, filho de português com uma malaia, egresso do Colégio de São Paulo em Goa, humanista, cosmógrafo respeitado, lançava luz sobre a classificação de outras plantas da Índia. Para o bem “universal”, por simples curiosidade e, ainda, para ajudar os enfermos com a indicação “das virtudes miraculosas e medicinais” das plantas escolhidas e apresentadas em sua *Suma de árvores e plantas* (1614). Dentre as 73 estampas apresentadas, há uma variedade de frutos comestíveis com propriedades medicinais não somente de origem asiática, mas, também, africana e americana.

Plantas, ervas, assim como os saberes e usos a elas associados circularam através das redes do Império Português⁸⁴. Houve transplante e adaptação dos mais variados gêneros, alguns de importância capital para a economia do Império Português, como açúcar, algodão e café⁸⁵. Algumas plantas seguiram interdições da Coroa visando proteger o monopólio do comércio na Carreira da Índia, ao longo do século XVI. Isto foi modificado a partir do acirramento da concorrência no comércio dos produtos asiáticos com as cidades holandesas e italianas e o estabelecimento de uma política oficial de algumas das especiarias nas terras brasileiras⁸⁶.

A circulação das plantas atendia, em grande medida, à necessidade de adaptação e acomodação aos cenários tropicais. Vale notar, por exemplo, que os portugueses transplantaram muitos gêneros alimentícios originários ou, por esta altura, comuns à península Ibérica como laranja, couve, limão, lentilhas, bananas⁸⁷. A adaptação de alguns gêneros motivou a célebre passagem do Pe. Fernão Cardim sobre ser o Estado do Brasil tal qual um outro Portugal⁸⁸. Pe. José de Anchieta apontou a sanidade da terra da capitania da Bahia pela adaptação que se fazia das plantas vindas da Europa:

⁸³ Godinho de Erédia, Manuel. *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges*, org. John Everaert, J. Eduardo Mendes Ferrão e Maria Cândida Liberato (Lisboa: CNCDP, 2001); Heloisa Meireles Gesteira, “A América portuguesa e a circulação de plantas, séculos XVI-XVIII” em *Usos e circulação de plantas no Brasil: Séculos XVI a XIX*, org. Lorelai Brilhante Kury (Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2013), 23-6.

⁸⁴ Russell-Wood, *Um mundo em movimento...*, 1998; Dora de Lima, “Saveurs et savoirs du monde: Circulations et appropriations de fruits tropicaux dans l’empire portugais atlantique v. 1550-v.1650” (Tese de Doutorado, Université Paris 1/Universidade Nova de Lisboa, 2014); Ines G. Županov, e Ângela Barreto Xavier, “Quest for permanence in the Tropics: Portuguese bioprospecting in Asia 16th-18th Centuries”, *Journal of the Economic and Social History of the Orient* 57, 4 (2014).

⁸⁵ Russell-Wood, *Um mundo em movimento...*, 1998, 265-6.

⁸⁶ Russell-Wood, *Um mundo em movimento...*, 1998, 232-33; Philomena Sequeira Antony, *Relações intracoloniais: Goa-Bahia 1675-1825* (Brasília: FUNAG, 2013), 111-6.

⁸⁷ Gesteira, “A América portuguesa e a circulação de plantas, séculos XVI-XVIII”..., 2013, 34.

⁸⁸ *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 168.

Nesta terra se dão bem árvores de espinho, que vieram de Portugal, como laranjeiras, cidreiras, limoeiros, limeiras e todo o ano têm frutos e bons sem ser regados, porque o céu tem este cuidado e é a terra tão fértil destas árvores que se dão pelos montes e campos sem benefício que se lhes faça⁸⁹.

A disseminação de alguns gêneros pode ser associada ao crescimento demográfico global a partir do século XVI, conforme os estudos de Alfred Crosby⁹⁰. A adaptação de elementos da flora e da fauna europeia foi importante fator para o êxito da exploração e da conquista, segundo Crosby, que destacou a necessidade da adaptação da dieta e as dificuldades dela decorrentes. Em suas palavras: “o homem europeu se dedicou a converter o Novo Mundo à semelhança do Velho tanto quanto foi possível”, e isto foi “tão exitoso que chegou a lado do que provavelmente foi a maior revolução biológica desde o fim da era pleistocena”⁹¹.

Pe. Fernão Cardim listou algumas árvores e ervas de origem europeia e asiática presentes no Brasil como, por exemplo, aipo, as ervas serralhas, bredos, almeirões e avencas da Península Ibérica. Possivelmente para melhor esclarecer o leitor, comparou as espécies brasílicas com outras possivelmente mais renomadas originárias de outras partes do mundo, interligadas através das redes do Império Português. Assim, ao descrever a *Caarobmoçorandigba*, afirmou Cardim que lhe parecia tratar-se do pau-da-China: “toma-se da mesma madeira que o de lá, e sara os corrimentos, boubas, e mais doenças de frialdade, é pardo e tem o âmago duro”⁹².

O pau-da-China, ou raiz da China, foi descrito por Garcia de Orta, no *Colóquio 47*, onde, tratando da grande fama que esta raiz alcançara na Índia e da quantidade utilizada para diferentes tratamentos, indicou-a para chagas, inchaços, para quem “padece da cabeça”, dos nervos, rins, bexigas, entre outras doenças, e afirmou ser esta ideal para “doenças velhas”, inchaços grandes” e “chagas ruins”⁹³. O médico português Cristovão de Costa, em sua obra *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales* (1578), fez estampar uma imagem do pau-da-china (Imagem 13) e, dentre as suas propriedades medicinais, apontou a eficácia para os mais variados males: dores nas juntas, opilações no baço, fraqueza do estômago, dores antigas de cabeça, abscessos, chagas antigas, tosse, ciática e gota e úlceras, dentre outros.

⁸⁹ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 437.

⁹⁰ Russell-Wood, *Um mundo em movimento...*, 1998, 265-266.

⁹¹ Crosby, *El intercambio transoceánico...*, 1991, 69, 71, 72.

⁹² Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 117.

⁹³ Orta, *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India...*, 1563, 177-184.

Imagem 13 – Estampa do Pau-da-China⁹⁴



Fonte: Costa, 1578, 79

A circulação não era apenas das espécies como, também, dos saberes sobre as suas virtudes medicinais. Pe. Fernão Cardim mencionou diretamente a obra de Nicolás Monardes ao tratar das “grandes virtudes e propriedades” da *Ambaigtinga*, apontada pelo inaciano como Figueira do Inferno. Indicada por ambos para problemas estomacais e cólicas, teve outras recomendações expressas por Manoel Godinho Erédia⁹⁵. Retratada pelo malaio, na estampa 49 (Imagem 14), foi descrita como “planta medicinal, e de natureza calorosa. E suas folhas passadas por fogo servem para expelir o frio, e tirar dores pondo na parte enferma”⁹⁶. A figueira do inferno (*Ricinus communis*) é originária da região da Abíssinia, no continente africano e observa-se nesta breve digressão ter sido descrita no Brasil, Europa e Índia, em fins do século XVI.

⁹⁴ Dentre as propriedades medicinais apontou a eficácia para os mais variados males: dores nas juntas, opilações no baço, fraqueza do estômago, dores antigas de cabeça, abscessos, chagas antigas, tosse, ciática e gota, úlceras, dentre outros. Padre Fernão Cardim não detalhou as características da espécie vegetal, não possibilitando a comparação com a imagem

⁹⁵ Monardes, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia Medicinal...*, 1580, 5-6.

⁹⁶ Godinho de Eredia, *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges...*, 2001.

Imagem 14 – Figueyra inferno



Fonte: Godinho de Erédia, *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges...*, 2001

As plantas cumpriam o duplo papel medicinal e de alimentação. Conforme visto anteriormente, o alimento e a farmacopeia estavam conectados, sendo necessário compreender os princípios dinâmicos dos humores e agir através da *Diaita*. O alimento agia com dupla função: para a nutrição primordial visando a sobrevivência e como agente com efeitos bons ou ruins sobre o processo fisiológico do corpo. A dietética seria a escolha de alimentos que, seguindo variáveis de calor-frio e umidade-secura, podiam controlar o desajuste destas qualidades no corpo – a doença⁹⁷.

Os frutos e, principalmente, as ervas, possuíam importante papel para a cura e esta compreensão foi legada aos missionários e registrada nas descrições da costa do Estado do Brasil. Multiplicam-se os exemplos sobre o uso destes saberes. Pe. Fernão Cardim, por exemplo, grafou a maior parte das plantas com palavras tupis e variantes e, mais do que a conservação da grafia, buscou identificar os usos, virtudes e malefícios apontados pelos indígenas. É interessante observar a centralidade dos ameríndios no processo de circulação de saberes sobre plantas, em seu uso alimentício e medicinal. Ao tratar de uma seiva encontrada

⁹⁷ Innocenzo Mazzini, “A alimentação e a medicina no mundo antigo”, em *História da alimentação*, org. Jean-Louis Flandrin, Massimo Montanari e Maria da Graça Lisboa Pinhão (Lisboa: Terramar, 1998); Jean-Louis Flandrin, “Condimentação, cozinha e dietética nos séculos XIV, XV, XVI”, em *História da alimentação*, org. Jean-Louis Flandrin, Massimo Montanari e Maria da Graça Pinhão (Lisboa: Terramar, 1998).

entre Porto-Seguro e Ilheús, por exemplo, afirmou se tratar da “que os índios chamam *Igatigcica* e os portugueses incenso branco, e tem os mesmo efeitos que o incenso”⁹⁸. Segundo apontou Juciene Ricarte Apolinário, em que pese as trocas com os europeus serem, muitas vezes, retratadas de forma infantilizada e ingênua, estas podem ser interpretadas a partir de estratégias de reação, resistência e “pacificação” dos ameríndios⁹⁹.

Os padres e viajantes europeus utilizaram os frutos da terra para alimentação assim como elementos da farmacopeia indígena, contudo, havia interditos aos saberes e práticas dos chamados feiticeiros e pajés. Em alguns trechos, Pe. Fernão Cardim citou, diretamente, o uso da árvore ou erva pelos “índios” como, por exemplo, ao descrever a *Igtaigcica* (arbusto da família das Anacardiáceas) afirmou ter propriedades de “dar vidro à louça” e ser, por isto, “muito estimada entre os índios, e serve também para doenças de frialdade” ou, ainda, a *Tareroquig* (*Cassia occidentalis*), erva com a qual “se perfumam os índios doentes para não morrerem” e é usada “para certas enfermidades, que é comum nesta terra, e que se chama doença do bicho”¹⁰⁰.

Pe. Fernão Cardim não mencionou os pajés, indivíduos que eram tradicionalmente detentores destes saberes, demonstrando, assim, pretender dissociar os saberes medicinais do paganismo e da resistência à conversão¹⁰¹. Flávio Coelho Edler destacou o uso comum de ervas medicinais na chamada “medicina popular”, exercida por mezinheiros (vendedores de medicinas) e curandeiros, dentre africanos e ameríndios, a associação entre as práticas tradicionais aplicadas à cura no emprego de “folhas, frutos, sementes, raízes, essências, bálsamos e resinas” e o “sentido mágico ou místico” no uso de medicamentos, amuletos, sopros, sucções, fumigação etc.¹⁰². Sobre as práticas xâmanicas e a idolatria dos indígenas, há consolidada produção historiográfica. Vale mencionar, no estudo de Ronaldo Vainfas, a compreensão da idolatria como “expressão da resistência social e cultural dos ameríndios em face do colonialismo”¹⁰³.

⁹⁸ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 116.

⁹⁹ Juciene Ricarte Apolinário, “Plantas nativas, indígenas coloniais: Usos e apropriações da flora da América Portuguesa”, em *Usos e circulação de plantas no Brasil: Séculos XVI a XIX*, org. Lorelai Brilhante Kury (Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2013), 198.

¹⁰⁰ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 115; 133.

¹⁰¹ Maria Leônia Chaves de Resende, “Entre a cura e a cruz: Jesuítas e pajés nas missões do Novo Mundo”, em *Artes e ofícios de curar no Brasil: Capítulos de História Social*, org. Sidney Chalhoub (Campinas: Ed. UNICAMP, 2003).

¹⁰² Flávio Coelho Edler, “Plantas nativas do Brasil nas farmacopeias portuguesas e europeias séculos XVII-XVIII”, em *Usos e circulação de plantas no Brasil: Séculos XVI a XIX*, org. Lorelai Brilhante Kury (Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2013), 100.

¹⁰³ Ronaldo Vainfas, *A heresia dos índios: Catolicismo e rebeldia no Brasil colonial* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995), 31.

Excluindo qualquer teor de paganismo, Pe. José de Acosta atribuiu à criação divina todas as plantas que, atendendo a um propósito racional, haviam sido feitas para comida, recreação e medicina. Destacando esta última utilidade, afirmou que todas poderiam servir para a saúde dos homens quando delas se tivesse conhecimento e fossem bem aplicadas¹⁰⁴. Para cada doença havia Deus criado uma planta e uma erva para seu tratamento e cura¹⁰⁵. De “erva santa” foi chamada uma planta com atribuídas propriedades medicinais, registrada por médicos, cronistas e inacianos. Conhecida, hodiernamente, como tabaco, a planta teve rápida difusão pela Europa e Ásia, desde as primeiras décadas do século XVI, alcançando grande importância nas redes comerciais portuguesas através do Atlântico. Russell-Wood apontou sua presença, na Espanha, desde 1520, sendo levada pelos espanhóis do México até as Filipinas. No cenário do Império Português, conquistou os mercados árabe e indiano, sendo registrado nas mais ricas cortes orientais¹⁰⁶.

No ano de 1550, Pe. Manuel da Nóbrega relatou, em carta, ao Superior Simão Rodrigues que, embora as comidas locais fossem difíceis para a digestão, Deus havia providenciado uma erva: o fumo. Declarou o inaciano ser de grande alívio digestivo, nas dores corporais e para purgar secreções do estômago¹⁰⁷. Além dos benefícios digestivos, Pe. Fernão Cardim detalhou outras propriedades medicinais da chamada erva santa, petume ou tabaco. Afirmou que servia para “várias enfermidades, como feridas, catarros”, e para “doentes da cabeça” e “asmáticos”. Declarou que era costume comum no Estado do Brasil, segundo sua expressão, “bebe[re]m o fumo” da erva seca com uma espécie de canudo de osso ou tubo que, posto fogo em uma parte, tragavam na outra extremidade. Segundo o inaciano, era esta “uma das delícias, e mimos desta terra” e todos – naturais e portugueses –, ficavam “perdidos por ela, e têm por grande vício estar todo o dia e noite deitados na rede” e se embebedavam do fumo, como se fosse vinho¹⁰⁸.

Contemporâneo ao Pe. Fernão Cardim, Gabriel Soares de Sousa (1540-1591) descreveu em seu *Memorial e declaração das grandezas da Bahia de Todos os Santos, da sua fertilidade e das notáveis partes que tem* a chamada erva santa ou petume que afirmou ser abundantemente encontrada em hortas e quintais, em Salvador e Recôncavo, em razão das suas virtudes e “curas estranhas”. Elencou, dentre as propriedades, o matar os vermes que apareciam nas feridas “de gente descuidada” e, também, de vacas e éguas, e a cura de uma praga que se propagou entre

¹⁰⁴ Acosta, *Historia Natural y Moral de las Indias...*, 1590, 263.

¹⁰⁵ Harold J. Cook, “Medicine”, em *The Cambridge history of Science*, vol. 3: Early Modern Science, ed. Katharine Park and Lorraine Daston (Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2003), 420.

¹⁰⁶ Russell-Wood, *Um mundo em movimento...*, 1998, 263-4.

¹⁰⁷ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1956, vol. 1, 169.

¹⁰⁸ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 134-5.

os “gentios” e dizimou a muitos, caracterizada pelo autor como bichos que apareciam nas nádegas. Afirmou, também, ser utilizada pelos indígenas para saciar a fome e a sede quando estavam pelo mato e contra asma¹⁰⁹.

As folhas foram indicadas nos mais diversos modos de uso, como mascar, fumar, aspirar ou ferver. Nicolás Monardes descreveu o tabaco (Imagem 15) como sendo um antigo costume indígena que, havia alguns anos, adornava jardins na Espanha sendo assim planta estimada por suas virtudes e beleza. Enumerou sua experiência na aplicação da erva como medicina: útil para tratar feridas por flecha envenenada, conforme relato recebido dos índios de San Juan de Porto Rico; eficaz na cura da garganta de um cachorro, aplicada pelo médico da câmara de Vossa Majestade; e sanava caspas na cabeça assim como, parece que por seu próprio uso, como emplastro, depois da sangria¹¹⁰.

Imagem 15 – Planta do Tabaco na obra de Nicolás Monardes (1580)



Fonte: Monardes, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia Medicinal...*, 1580

Sem especificar o povo indígena ao qual se referia, Monardes narrou, com grande admiração, o uso do tabaco pelos “Sacerdotes dos Índios”. Afirmou que, quando havia algo de

¹⁰⁹ Gabriel Soares de Sousa. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, org. Fernanda Trindade Luciani (São Paulo: Hedra, 2010), 199.

¹¹⁰ Monardes, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia Medicinal...*, 1580, 32-6.

muita importância a resolver com os caciques ou principais do povo, pegavam as folhas e queimando-as, tomavam o fumo pela boca e pelos narizes, caindo em um sono profundo como se estivessem mortos. Quando acordavam, obtinham a resposta ou a solução pretendida, fosse através da interpretação dos sonhos ou de fantasmas que, adormecidos, haviam visto ou, ainda, segundo o que o Demônio os aconselhava, ponderou o médico. Apontou, também, o uso do sumo da erva como passatempo pelos demais indígenas. Declarou, ainda, que estes usos eram engano do Diabo, que possuía conhecimento das propriedades das ervas e as utilizava com fantasias e imaginações¹¹¹.

Outra erva que foi associada a ritos e costumes gentílicos, foi o betele. “Nas partes orientais”, afirmou Pe. Sebastião Gonçalves, havia “grande uso” e mouros e hindus a consumiam cotidianamente. Apontou que apresentava propriedades cordiais e confortativas para o estômago e sendo, também, aromática, quando mascada com cardamomo fazia o “bafo cheiroso”. O próprio padre parece ter provado dela, afirmando ser “amarga a quem não é acostumado a comê-lo” e aconselhou a misturar com areca e cal de ostra em pouca quantidade que assim “diziam ser muito saboroso”. Outras combinações poderiam ser feitas, pelas “pessoas poderosas”, com cânfora, linaloés, almisce ou ambre¹¹².

O betele também foi elencado dentre as ervas da Índia, por Manoel Godinho de Erédia que afirmou ser esta de compleição quente e seca e recomendou, além das indicações do Pe. Sebastião Gonçalves, a sua mastigação para “deitar ventosidades e matar lombrigas”. A mistura de cal e areca servia para males estomacais e para a boa digestão¹¹³. Pe. Fernão Cardim mencionou o betele em terras brasileiras e dentre as “árvores que serviam para mezinhas”, descreveu a *Iabigrandi*. Afirmou que não havia muito tempo que havia sido “achada” e que, segundo alguns “indiáticos”, era erva asiática que poderia ser encontrada em abundância pelas margens dos rios e riachos, no Brasil. Não apontou as mesmas virtudes que os autores destacaram na Índia, narrando a experiência de que muitos sararam “de mui graves enfermidades do fígado comendo delas”¹¹⁴. Em que pese Ana Maria de Azevedo (tradutora e editora da obra impressa do Pe. Fernão Cardim) ter identificado tal planta como jaburundi (arbusto da família das Piperáceas e Rutáceas), a referência evidencia, mais uma vez, a circulação das plantas e dos saberes a elas associados através do Império Português.

¹¹¹ Monardes, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia Medicinal...*, 1580, 37.

¹¹² Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*1962, 18-9.

¹¹³ Godinho de Erédia, *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges...*, 2001, 30.

¹¹⁴ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, n. 112, 117.

Para não alongar as exemplificações, importa analisar os usos medicinais das plantas e ervas como mezinhas simples e compostas, na medicina galênica. O manuscrito *Medicina Oriental* é bastante elucidativo sobre o uso de ervas ao natural e sem qualquer outra “arte” para a sua aplicação. O autor afirmou que, em muitos livros de Medicina e, também, em receitas dos médicos, podiam ser encontrados “simplices”, e para que o leitor “praticante” não tivesse qualquer dúvida, distinguiu-as através das propriedades mais comuns. Deste modo, apontou que as ervas possuíam propriedades emolientes (com virtude de purgar), capilares (próprias para produção de xaropes), vulnérias (corroborante e boa para feridas), carminativas (com bom uso para eliminação de gases digestivos e intestinais), capitaes (ideais para achaques na cabeça), hepáticas e esplênicas (virtudes para o baço)¹¹⁵.

As ervas e plantas possuíam virtudes atribuídas conforme concepções da teoria humoral. Isto ficou evidenciado nas descrições de Manoel Godinho de Éredia¹¹⁶, ao classificar as espécies em quente, fria, úmida e seca. As descrições dos inacianos apontaram o uso *in natura*, principalmente pela mastigação e/ou pelo consumo alimentar das folhas e raízes. Foram indicadas para uma variedade de utilidades e para diversas enfermidades como dor de dente e como antivermífuga.

Havia, também, o amplo uso em compostos que originavam diversas medicinas como bálsamos, beberagens, emplastros e lavatórios. Dentre os usos apontados, observa-se as suas qualidades para a cura de enfermidades manifestadas na pele, como feridas, apóstemas, almorreimas e sarnas e, destacadamente, as chagas causadas pela varíola, denominadas de bexigas ou boubas. Pe. Fernão Cardim¹¹⁷ indicou, para este temido mal, as folhas da árvore de *Caaroba* e a conserva das flores da mesma planta. Manoel Godinho Erédia¹¹⁸, por sua vez, apontou o bepele, cujas folhas pisadas eram usadas para untar o corpo do doente e expulsar a enfermidade.

Observa-se que as plantas foram usadas nas boticas da Companhia e registradas em seus eleituários. Bruno Martins Boto Leite, em seu estudo sobre os produtos de origem vegetal na *Colecção de várias receitas*, assinalou a utilização de óleos e resinas na composição de algumas das mezinhas da botica do Colégio da Bahia¹¹⁹. Dentre estas, destaca-se a renomada triaga

¹¹⁵ ACL, Ms. Azul, 21: *Medicina Oriental. Socorro Indico dos Pobres Enfermos do Oriente...*,18-20.; Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 2, 124; 151; vol. 3, 55, 286; vol. 8, 605.

¹¹⁶ Godinho de Erédia, *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges...*, 2001.

¹¹⁷ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 116.

¹¹⁸ Godinho de Erédia, *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges...*, 2001, 76.

¹¹⁹ Bruno Martins Boto Leite, “Verdes que em vosso tempo se mostrou: Das boticas jesuíticas da Província do Brasil séculos XVII-XVIII”, em *Usos e circulação de plantas no Brasil: Séculos XVI a XIX*, org. Lorelai Brilhante Kury (Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2013), 74-6.

brasílica que apresentava, em sua fórmula, elementos da flora nativa brasileira com atribuídas propriedades de contraveneno como caapiá, mil-homens, capeba, jurubeba, angericó, jaborandi, dentre outras¹²⁰.

O óleo de copaíba teve suas virtudes medicinais atribuídas e reconhecidas, estando presente no rol das mezinhas das boticas da Companhia, nas diversas partes das missões inicianas. Bruno Boto Leite¹²¹ identificou a presença do extrato na composição de bezoartico apoletico e da tintura estomacal, em Macau. Também fazia parte da famosa triaga do Colégio Romano. O bálsamo foi arrolado dentre os frascos na botica do Colégio de Bragança, do Colégio de Alcalá de HERNANDES e no Noviciado do Colégio de Madri, demonstrando a permanência da sua reputação ainda no século XVIII¹²². Seu comércio era pautado pela Casa da Índia, em Lisboa, listada dentre as drogas de origem americana¹²³.

Nas descrições sobre o Estado da Índia e do Brasil, vale, também, destacar a importância das descrições das frutas. Galeno dissertou sobre as características de diversas frutas e suas propriedades no equilíbrio do corpo: melão, figo, uva passa, cereja, pêssago, maçã, nêspera, limão, entre outras¹²⁴. Flandrin¹²⁵ apontou sentença atribuída a Galeno de que nunca havia tido febres, pois não consumia frutas. A primeira das recomendações era de que não as comessem a toda hora. No princípio das refeições, deviam ser consumidos as de natureza fria e putrescíveis (cerejas, ameixas, alperces, pêssagos, figos, amoras, uvas, melão). Outras deviam ser consumidas ao fim da refeição para que, com suas virtudes, ajudassem os alimentos a não regressarem à boca (maçãs, peras, marmelos, castanhas, nêsperas).

Nas análises de livros de culinária franceses do período situado entre os séculos XIV e XVI, Flandrin¹²⁶ observou que os frutos eram indicados nas refeições seguindo os preceitos médicos, como é o caso do figo, recomendado como entrada, mas, também, servido na sobremesa acompanhado de nozes ou amêndoas, em razão da sua natureza quente e seca. Havia,

¹²⁰ Bruno Martins Boto Leite, “Mezinhas antigas e modernas: A invenção da Triaga Brasílica pelos jesuítas do Colégio da Bahia no período colonial”, em *Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia* (São Paulo: SBHC, 2012); Bruno Martins Boto Leite, *Verdes que em vosso tempo se mostrou...*, 2013, 76; Viviane M. Caminha São Bento, “Entre triagas e emplastos: Os medicamentos das boticas jesuítas na América portuguesa”, em *Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Saberes e Práticas Científicas*, 2014.

¹²¹ Leite, *Verdes que em vosso tempo se mostrou...*, 2013, 84-6.

¹²² AUC, Dep. IV. Seção 1º. E, Est. 22, Tb. 4, cx. 5, 118: *Autos de sequestros de bens do Colégio de Jesus de Bragança*, 1759; AHN, 16, 63, Lib. 128: *Libro de Botica del que fue Noviciado de la Compañia de Jesús de Madrid*, 1768 de 1701; AHN Legajo 214, nº 11-23, 28: *Certificaciones (1767-1830) sobre la botica del colégio de Alcalá en la depositaria general*, 1767.

¹²³ ACL, Ms Azul, 213: *Livro de Registo da Casa da Índia [recompilação]*, 1757 de 1418.

¹²⁴ Powell, *Galen on the properties of foodstuffs...*, 2003.

¹²⁵ Flandrin, *Condimentação, cozinha e dietética...*, 1998, 104-5.

¹²⁶ Flandrin, *Condimentação, cozinha e dietética...*, 1998, 104-5.

ainda, a combinação de frutas, especiarias e cozimento para acentuar as virtudes e equilibrar os malefícios.

O poeta e doutor Francisco Núñez Oria não era de opinião favorável ao consumo de frutas. Em seu *Aviso de Sanidad*, afirmou que o excessivo consumo de frutas era responsável por agudas e mortais enfermidades. Mencionando “doutos varões” como Galeno, Rasis e Hieronymo, argumentou que todas eram úmidas, de mau nutrimento e engendravam, no corpo, maus humores. Defendia que as frutas não fossem usadas como mantimentos e que, ainda que muitas fossem de grande “nutrimento”, deveriam ser evitadas por causa de sua malícia, afirmando que o seu consumo poderia trazer febres e outras enfermidades e, mencionando Rasis, que a “maior parte das frutas é, para uso de medicinas”, sendo as frutas indicadas apenas àqueles que fizessem muito grande trabalho, tivessem feito largo caminho ou quando fizesse muito calor “porque em tal tempo é necessário, que a secura se equilibre e o calor se refrigere”¹²⁷.

Seguindo as observações do Doutor Núñez de Oria, o umbu poderia ser considerado sadio e favorável para o consumo dos missionários. Pe. Fernão Cardim¹²⁸ descreveu a fruta “como ameixas”, amarela e redonda. Afirmou que era fria e sadia e, por isto, se dava aos doentes de febres e, mais, que, para aqueles que iam ao sertão, servia de água. De propriedade fria servia para equilibrar a febre e a sede: percebia-se neste significativo preceitos galênicos sobre o umbu. Sendo de tanta virtude e tanto malefício, afirmou ainda que fazia perder os dentes dizendo que “os índios que as comem os perdem facilmente”. Em relação aos novos frutos, era necessário acomodar os preceitos dietético ao desconhecido e comparar com os frutos europeus para melhor informar o leitor.

Não sendo possível pormenorizar todos os usos e virtudes dos frutos coligidos pelos inacianos, no Oriente e no Ocidente, e analisados foram elencados os frutos apontados por Acosta (1590), Cardim (~1583~1590) e Erédia (1612) como possuindo propriedades medicinais e/ ou conservas (Quadro 1).

¹²⁷ Tradução livre. Nuñez de Oria, Francisco. *Aviso de sanidad: que trata de todos los generos de alimentos y del regimiento de la sanidad: co[m]prouado por los mas insignes y graues doctores. Hecho por... Francisco Nuñez de Oria...* (En Madrid: por Pierres Cusin, 1572), 229-33.

¹²⁸ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 109.

Quadro 1 – Frutos e suas virtudes

| Nome | Autor | Local de origem | Natureza/Sabor | Uso terapêutico |
|--------------------------------|--------------------------|---|--|--|
| Aiabutipigta | Padre Fernão Cardim S.J. | América do Sul; Brasil | | Curar feridas |
| Ambareyra | Manoel Godinho de Erédia | Ásia | agro ou azedo | Curar chagas da boca e estancar câmaras de calor |
| Ananás | Manoel Godinho de Erédia | América do Sul; Brasil | calorosa e seca | Bom para o estômago |
| Ananás | Padre Fernão Cardim S.J. | América do Sul; Brasil | | "é boa para doentes de pedra, e para febres muito prejudicial" " e cruas desenjoam muito no mar, e pela manhã com vinhos são medicinais" |
| Ananás/ Piñas | José de Acosta S.J. | América; Índias Ocidentais | "el sabor tiene um agrillo dulce y xugoso" | Alguns diziam que "engendran cólera", e dizem que é não é comida muito sã, "mas não é visto experiência que as acredite mal" |
| Andá | Padre Fernão Cardim S.J. | América do Sul; Brasil | | Curar feridas |
| Ariqueira | Manoel Godinho de Erédia | Sueste asiático | sem descrição | Conservação do estomago |
| Brindeyra | Manoel Godinho de Erédia | Ásia; Índia | azedada | Purgativo; desfaz cólera; tira dores de cadeiras |
| Caju | Manoel Godinho de Erédia | América do Sul; Brasil | calorosa | Deitar ventosidades; cortar fleimas; fazer boa digestão |
| Caju | Padre Fernão Cardim S.J. | América do Sul; Brasil | | Para chagas velhas e curam depressa |
| Caraguatá | Padre Fernão Cardim S.J. | América do Sul; Brasil | | "cruas fazem empolar os beiços; cozidas ou assadas não fazem mal; porém toda mulher prenhe que as come de ordinário morre logo" |
| Caramboleyra | Manoel Godinho de Erédia | Ásia tropical | | Uso para conservas; serve contra câmaras |
| Ciruelas (ameixas) | José de Acosta S.J. | América Central e do Sul; Índias Ocidentais | | Os frutos das Nicarágua eram consideradas sadias, e dadas aos enfermos, especialmente para "provocar gana de comer" |
| Coco | Padre Fernão Cardim S.J. | Ásia; Índia | | |
| Coco/ lanha | Manoel Godinho de Erédia | América; Índias Orientais | | A água tomada por doentes de frialdades serve para fazer câmara; purgar; limpa o corpo; o miolo serve contra veneno de solymam; |
| Combalenga/ abóbara de água | Manoel Godinho de Erédia | Ásia e África tropical | | |

| | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--|--|---|
| Figos | Manoel Godinho de Erédia | Ásia; Índia | de várias naturezas: uns quente, outros frios e temperados | |
| Goyava | Manoel Godinho de Erédia | América Central e do Sul | estética | |
| Guayavos (goiaba) | José de Acosta S.J. | América; Índias Ocidentais; Ilha de São Domingos | | Em Terra Firme e ilhas tem má fama: "dizen que huelen a chiuches, y su sabor es muy grossero, y el efecto poco sano". "Es fruta para estomagos de buena digestion y sanos, porque es rezia de digerir y fria assaz" |
| Jacas | Manoel Godinho de Erédia | Ásia; Índia | Fria | Contra febres; grettas na lingua de calor |
| Jambo | Manoel Godinho de Erédia | Ásia; Arquipélago Malaio | branda aguada e muito fria | Ruim para a digestão; ventosa; mortifica calor e mata a sede; "desmelanconiza" |
| Jambo | Manoel Godinho de Erédia | Ásia; Arquipélago Malaio | aguada, branda, fria e muito fresca | |
| Jambolão | Manoel Godinho de Erédia | Ásia; Arquipélago Malaio | quente, melancólica e com umidade | Para tirar doença do baço |
| Jangomeira | Manoel Godinho de Erédia | Ásia; Índia | Fria | Estancar câmaras |
| Mameyes (mamões?) | José de Acosta S.J. | Índias Ocidentais | | Uso para conserva |
| Mangueira | Manoel Godinho de Erédia | Ásia | suave, com doçura | Contra mordexim e disenterias |
| Maracujá | Padre Fernão Cardim S.J. | América do Sul; Brasil | | "as folhas espremidas com verdetes é o único remédio para chagas velhas, e boubas" |
| Palmas de Índias e cocos | José de Acosta S.J. | Ásia; Índias Orientais | | Contra peçonha; mal de hyjada; para refrescar |
| Papaya | Manoel Godinho de Erédia | América do Sul (Andes) | fria e leitosa | |
| Romeyra | Manoel Godinho de Erédia | Europa | Obs.: Não fez menção por ser conhecida na Europa | |
| Tamarinheyra | Manoel Godinho de Erédia | África Tropical | | Para fazer câmaras; para tyricias |
| Umbu "ombu" | Padre Fernão Cardim S.J. | América do Sul; Brasil | frios e sadios | "faz perder os dentes e os índios que as comem os perdem facilmente"; são frios, sadios e dão-se aos doentes de febres; e aos que vão para o sertão serve de água quando não tem outra". |

Arrolados sumariamente os frutos, cumpre-nos traçar algumas considerações sobre os seus usos na terapêutica. Das descrições coligidas, foram apontados como principais males a serem sanados com os frutos, as câmaras (fluxo de ventre ou diarreia); problemas estomacais e de digestão e feridas e chagas de toda sorte. A descrição das espécies vegetais, caracterizando caule, folhagem, formas e cores dos frutos foi comum aos autores. Dentre os três, nota-se que Erédia aprofundou os preceitos dietéticos para a descrição dos frutos e, na maioria das descrições, atribuiu qualificação quanto a sua natureza: fria, quente, úmida, seca. O sabor (azedo, doce) apresentava papel essencial nestas descrições, referindo seu gosto e temperamento¹. Dora de Lima² apontou o sabor como o principal pressuposto para a circulação das frutas entre o Atlântico e a Europa, revelando a dinâmica da aceitação e recusa nas dietas.

A atribuição do local de origem foi mais comum em Acosta, referindo-se, especificamente, aos sítios nas Índias Ocidentais. É interessante notar que, embora Erédia tivesse dissertado sobre as plantas e árvores da Índia, estampou vegetais de outras partes, como ananás, caju, goiaba e papaia (ver Imagem 16). Demonstrava, assim, que, em princípios do Seiscentos, além da circulação de plantas entre os continentes, algumas já estavam inseridas na alimentação (caju) e haviam se tornado “domésticas” (ananás, papaia) na Índia portuguesa. Duas espécies foram notabilizadas pelas suas virtudes e adaptação a outros espaços: o coco e o ananás. (Imagem 17).

O coco, fruto de origem asiática, foi registrado com notas elogiosas pelos cronistas e pelos inicianos pelas suas muitas utilidades, incluindo virtudes medicinais. François Pyrard³ o descreveu como “uma das maiores maravilhas da Índia”, relatando ter, muitas vezes, retirado seu sustento dos coqueiros. Em sua permanência pelas Maldivas, observou a importância do fruto para a economia do reino insular com o comércio dos frutos através do Índico e os diversos usos locais. Apontando as utilidades e proveitos para a “vivenda das gentes”, Manoel Godinho Erédia⁴ fez duas estampas sobre o coco. Afirmou que, da planta, se fazia copos com a casca do fruto, das folhas, cordas e esteiras, e a madeira também era aproveitada. A circulação do fruto parece ter sido bastante comum, conforme foi apontado no capítulo anterior sobre o envio do Pe. Gonçalo Alvares ao Padre Geral Francisco Borgia, em Roma⁵.

¹ Flandrin, *Condimentação, cozinha e dietética...*, 1998, 101-2.

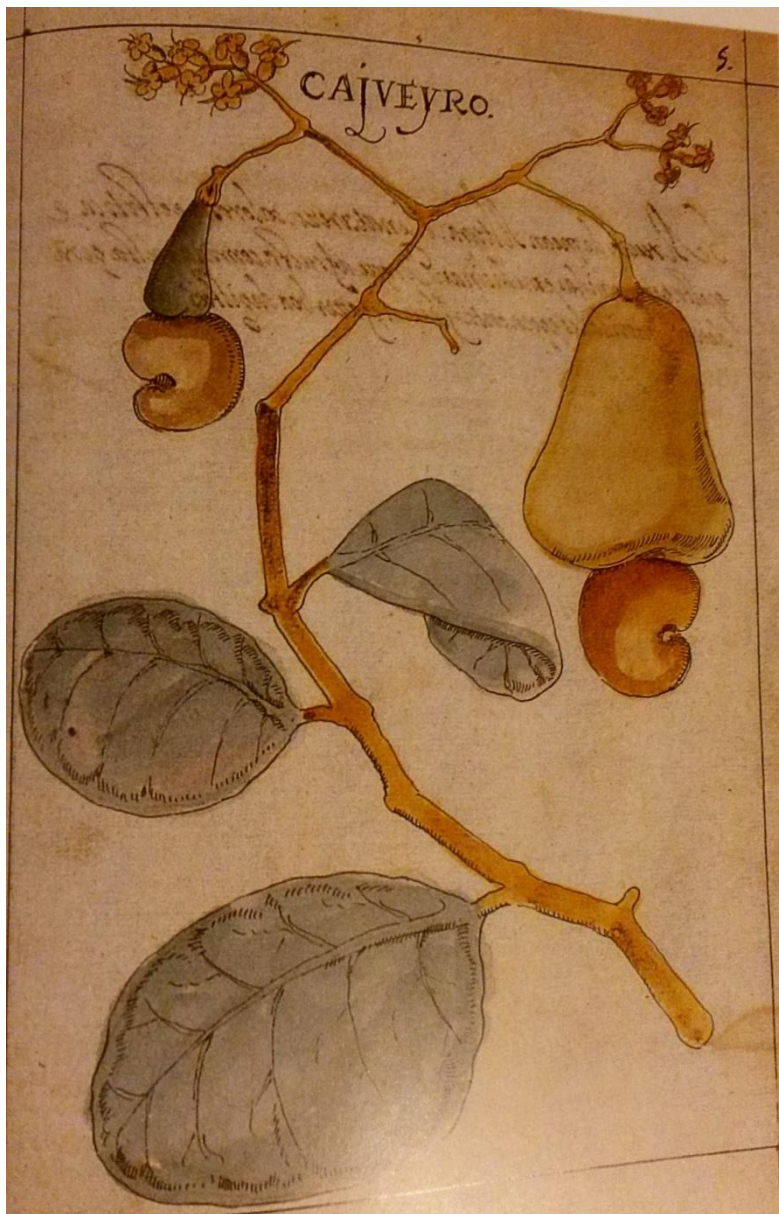
² Lima, *Saveurs et savoirs du monde...*, 2014, 18-9.

³ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 1, 176; vol. 2, 322.

⁴ Godinho Erédia, *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges...*, 2001, 18.

⁵ Wicki, *Documenta Indica*, 1962, vol. 7, 588.

Imagem 16 – Representação do caju por Manuel Godinho de Erédia



Godinho de Eredia, *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges*, 5.

Imagem 17 – Representação de árvores frutíferas e frutos por Jan Huygen van Linschoten (1563-1611)



Fonte: Linschoten et al., *Navigatio ac Itinerarium Iohannis Hugonis Linscotani...*, 1599.

A planta do coqueiro foi transplantada para o Brasil e, desde o primeiro século da conquista portuguesa, passou a fazer parte do cenário na Bahia. Pe. Fernão Cardim⁶, por exemplo, afirmou, em seus relatos, que, no Brasil, havia muitos coqueiros, excelentes como os da Índia. Nas suas palavras, estes não davam “pelos matos”, eram plantados nas hortas e quintais. O coco, no Brasil, foi mencionado, por contemporâneos como Gabriel Soares de Sousa⁷, dentre as árvores estrangeiras existentes na Bahia, com a ressalva de serem melhores que os da própria Índia.

Sobre as virtudes medicinais, Pe. Alessandro Valignano⁸ afirmou seu uso para a cura de várias enfermidades. Os relatos coligidos sobre o coco relataram as virtudes da água como frescor, como o do Pe. Baltasar Nunes⁹, escrevendo de Travancor, em 1548, que afirmou ser

⁶ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 111.

⁷ Sousa, *Tratado descritivo do Brasil em 1587...*, 2010, 161.

⁸ Valignano, *Historia del principio y progresso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 286.

⁹ Wicki, *Documenta Indica*, 1948, vol. 1, 320.

a água muito boa e sadia, e que bebia dois a três frutos de uma vez sem que lhe fizesse “nojo”. Erédia¹⁰ indicou que o leite servia para enfermos de “frialdades” e para purgar e limpar o corpo, advertindo que, para isto, deveria ser tomado pela manhã durante oito dias e que o miolo servia contra peçonha. Além dessas utilidades, Pe. José de Acosta¹¹ apontou que servia contra o “mal de hyjada” (pedra). Pyrard descreveu o uso de óleo de coco em remédios e unguentos, no Hospital Real de Goa¹².

O ananás, originário da região andina e domesticado pelos tupinambás, ao longo da costa Atlântica, também encontrou rápida difusão através das redes do Império Português, com boa adaptação nas ilhas atlânticas e em regiões asiáticas e africanas¹³. Pe. Sebastião Gonçalves¹⁴ relatou que, no ano de 1557, quando Dom Luís Fernandes de Vasconcelos, filho do arcebispo de Lisboa, estava a caminho da Índia, invernou no Brasil, e “passado o inverno se fez Dom Luís ao partir para a Índia dizem que levou do Brasil os primeiros ananazes”. Segundo Russell-Wood¹⁵, há divergência sobre os caminhos que o ananás seguiu desde a América até a Ásia, sendo observável sua rápida disseminação.

Ainda na primeira metade do século XVI, foram encontrados relatos de que já havia chegado ao Reino de Espanha, pois, segundo Pe. José de Acosta¹⁶, tinha sido apresentada uma piña para o imperador D. Carlos I (1500-1558), “que não devia custar pouco cuidado trazer-la das Índias em su plantas, que de outra sorte não podia vir”. O imperador elogiou o cheiro, mas não arriscou prová-la. A fruta foi descrita por Cristovão da Costa e também elogiada por Monardes como boa para o estômago e para confortar o coração e restituir o apetite¹⁷. A difusão e a adaptação de alguns frutos, como o ananás, fizeram com que, por vezes, fossem retatados dentre a flora nativa oriental¹⁸ (Imagens 18 e 19). O principal uso medicinal do ananás não se fazia *in natura*, mas através da sua feitura em conserva.

¹⁰ Godinho de Erédia, *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges...*, 2001, 19.

¹¹ Acosta, *Historia Natural y Moral de las Indias...*, 1590, 258-259.

¹² Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 319

¹³ Russell-Wood, *Um mundo em movimento...*, 1998, 250; Lima, *Saveurs et savoirs du monde...*, 2014, 25.

¹⁴ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*, 1957, 343.

¹⁵ Russell-Wood, *Um mundo em movimento...*, 1998, 257-258.

¹⁶ Acosta, *Historia Natural y Moral de las Indias...*, 1590, 244.

¹⁷ Costa, *Tractado de las drogas, y medicinas de las Indias Orientales...*, 1578, 350-351; Monardes, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia Medicinal...*, 1580, 82-83.

¹⁸ Leite, *Verdes que em vosso tempo se mostrou...*, 2013, 57.

Imagem 18 – Representação do ananás 1



Fonte: Costa, *Tractado de las drogas, y medicinas de las Indias Orientales...*, 1578, 349.

Imagem 19 – Representação do ananás 2



Fonte: Godinho de Erédia, *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges...*, 2001, 26.

Cristovão da Costa¹⁹ descreveu que originária, de Santa Cruz do Brasil, a planta chegou a valer 10 ducados cada uma, mas que, tendo-se adaptado bem ao clima das Índias Orientais, dava agora em abundância. Godinho de Erédia descreveu o ananás como “fruta doméstica”, elogiou o seu sabor e afirmou que, pela sua “natureza calorosa e seca”, era boa para “conservar, e digirir, e fazer bom estomago”. Alertou que em excesso era danosa, causando febres e problemas estomacais²⁰.

Com as escusas da extensa digressão sobre as descrições dos frutos e os saberes associados pelos inicianos em suas narrativas, observa-se que, além de simples impressões sobre a flora não europeia, havia preocupações dirigidas para a missionação. Das observações e comparações simples para sanar as curiosidades, há o uso dessas narrativas para a adaptação dos missionários, na alimentação e como medicinas. A domesticação dos frutos de origem oriental e americana se fez presente em suas hortas, roças e, também, nas prateleiras de suas boticas e em mesas de refeitórios.

3.3.2 Aves, insetos, animais terrestres e aquáticos

A bondade da terra poderia ser indicada, também, pela variedade e excelência da *animalia*. Pe. Simão de Vasconcelos²¹ afirmou que muito haveria por tratar das curiosidades e

¹⁹ Costa, *Tractado de las drogas, y medicinas de las Indias Orientales...*, 1578, 349.

²⁰ Godinho de Erédia, *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges...*, 2001, 26.

²¹ Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus...*, 1977, vol. 1, 163.

qualidades das espécies de animais e seu “serviço, uso e proveito” para os homens. Seguindo seus caminhos metodológicos, importa assinalar, brevemente, que o estudo sobre os animais ocupava muitas páginas nas descrições da História Natural desde a Antiguidade²². No período moderno, foram produzidos numerosos tratados, sobretudo sobre a fauna da América e seu exotismo. Asúa e French destacaram como exemplo deste gênero, as obras dos inacianos Pe. José de Acosta, Pe. Fernão Cardim, Pe. Juan Eusebio de Nieremberg e Pe. Athanasius Kircher, com suas descrições sobre a peculiaridade e curiosidade das formas e comportamentos de animais aquáticos e terrestres²³.

Os relatos, sobretudo os datados ainda do século XVI, pareciam cumprir um fim bastante imediato de informar sobre a alimentação em territórios não europeus. Há, também, que se destacar, nestas descrições, dois aspectos complementares segundo as concepções galênicas de cura e conservação da saúde: a sanidade da carne e o uso na aplicação de fármacos²⁴. Inicialmente, vale destacar uma maior dificuldade na adaptação alimentar dos missionários nas partes do Estado do Brasil haja vista que não havia as espécies mais comumente consumidas na Europa e consideradas sadias, como cabrito, porco, vaca e galinha²⁵.

Os missionários, notadamente os do primeiro século da presença portuguesa, buscaram adaptar o consumo dos animais locais na dieta o que se pode compreender, por exemplo, com o estranhamento sobre a descrição dos animais, que acompanhava, muitas vezes, a do sabor. Deste modo, Pe. José de Anchieta e Pe. Fernão Cardim recomendaram a carne de papagaio²⁶ afirmando este último que o clima do Estado do Brasil tanto influía “peçonha”, como “formosuras nos pássaros” e descreveu uma sorte de aves com boas carnes e também propriedades para a cura de enfermidades. O *tangará* foi reputado com virtudes contra gota coral, o *anhigma* foi indicado para problemas de fala, segundo os “naturais”, e o *capirá* foi apontado como bom para corrimentos²⁷.

Também os peixes – de água salgada e doce – foram descritos quanto à sua sanidade e na cura de certas enfermidades. Para não alongar em demasia esta explanação, cumpre apontar as descrições do Pe. Fernão Cardim sobre o bom gosto e indicação do *bigjuipirá*, olho de boi, *camurupig*, *pirambá*, entre outros. Segundo o inaciano, “todo este peixe é sadio cá nestas

²² Roger K. French, *Ancient Natural History: Histories of Nature* (London; New York: Routledge, 1994); López Piñero, *Medicina e historia natural en la sociedad española...*, 2007.

²³ Miguel de Asúa, e Roger French, *A New World of Animals: Early Modern Europeans on the Creatures of Iberian America* (Aldershot: Ashgate, 2005), XIII; 76-84; 141-77.

²⁴ Leonardo Gonçalves Gomes, “Animais que curam: Circulação de saberes e medicamentos de origem animal no Reino português”, em *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH* (São Paulo, jul. 2011).

²⁵ Núñez de Oria, *Aviso de sanidad...*, 1572, 93-114.

²⁶ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos historicos e sermões...*, 1933, 99.

²⁷ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 103; 106;159.

partes”, e não causava sarnas “como na Europa” e era bastante usado por estas partes com os “enfermos de cama, ainda que tenham, ou estejam muito no cabo”. As tainhas apresentavam propriedades contra peçonhas, tal qual o unicórnio²⁸.

O peixe boi foi um dos animais aquáticos com maior reputação para uso na alimentação. Suas feições e sua carne foram comparadas às da vaca e seu sabor se assemelhava ao carneiro e ao porco. Sua principal virtude, segundo Pe. Fernão Cardim, estava em duas pedras encontradas sobre os olhos do animal que, moídas e bebidas com vinho e água, era o único remédio contra “dor de pedra”. Relatou a experiência de uma pessoa que, havendo tentado outros remédios e estando já prestes a morrer, ficou de todo sã²⁹.

A utilização de fármacos de origem animal foi registrada por Dioscórides (50-70) em sua influente obra *De materia medica*³⁰. Embora haja uma clara prevalência na utilização de plantas e ervas, partes do corpo de animais foram apontadas como detentoras de propriedades medicinais para tratamento de uma variedade de enfermidades³¹, influência notável na composição de tratados de história natural e seus apontamentos sobre os usos para a medicina dos animais da América e Ásia, no século XVI³². Deste modo, essa investigação coligiu uma grande variedade de mezinhas que utilizavam, em seus compostos, partes de aves, animais marinhos e terrestres.

O jacaré, por exemplo, apresentou esta dupla função, nas descrições dos inacianos. Pe. José de Anchieta³³ traçou notas elogiosas, afirmando ser saboroso e com cheiro de almíscar³⁴, principalmente, o testículo. De modo bastante coincidente, François Pyrard mencionou esta mesma propriedade sobre os crocodilos da Ilha de São Lourenço³⁵. Pe. Fernão Cardim³⁶, em seu estilo narrativo de descrever a partir de uma alusão que soe familiar para o leitor do mundo ibérico, comparou o réptil a cães, pelo seu tamanho e focinho. Sobre as supostas virtudes medicinais, afirmou que o esterco era bom para ser aplicado nos olhos e sanar belidas³⁷.

²⁸ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 142-143.

²⁹ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 140-141.

³⁰ Dias, José Pedro S. *Homens e medicamentos: Uma introdução à História da Farmácia, da Farmacologia e da Terapêutica*. Parte I. O legado terapêutico da Antiguidade: do primeiro milênio a.C. ao século XV, 2014, 21.

³¹ Dias, *Homens e medicamentos...*, 2014, 21; López Piñero, *Medicina e historia natural en la sociedad española...*, 2007, 91.

³² López Piñero, *Medicina e historia natural en la sociedad española...*, 2007, 101-145.

³³ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 112.

³⁴ Almíscar, segundo explicação de Bluteau, era o aroma ou substância produzida a partir de uma parte da bexiga de uma espécie de cervo originário do Butão e outras partes da Ásia. Bluteau, *Vocabulário português e latino...*, 1712, vol. 1, p. 272.

³⁵ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 303.

³⁶ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 165.

³⁷ Belida, no dicionário de Bluteau foi definida como “película branca, que do alimento viscoso, & da depravação do nutrimento da parte transparente da segunda tunica, a que chamam córnea, se gera no olho, & cobre a pupila”. *Vocabulário português e latino...*, 1712, vol. 2, 90.

Vale destacar a peculiaridade das partes escolhidas dos animais e suas atribuídas propriedades medicinais. O esterco do jacaré não foi o único excremento apontado no rol de medicinas. No capítulo anterior, foram listadas a célebre pedra de bezoar e o âmbar, dentre os produtos que compunham a receita da pedra cordeal do Ir. Gaspar Antonio, da botica de Goa. Sobre a primeira, tratou-se em pormenores, cabendo apenas traçar algumas curiosidades sobre essa última. Segundo o doutor Francisco Franco³⁸, o âmbar odorífero era droga muito valiosa, calculada a peso de ouro e estimada para afastar pestilência.

Pe. Fernão Cardim³⁹ registrou que poderia ser encontrado algum âmbar nas praias da costa brasileira e que eram as baleias que as encontravam e as levavam do mar. François Pyrard⁴⁰ afirmou que os povos dos “países” por onde passou não sabiam explicar ao certo as origens desta droga, apenas indicando que era produzida no mar e que, no Índico e nos mares da zona Tórrida, era encontrada em abundância. Os índios do Brasil, segundo o verbete no dicionário de Bluteau⁴¹, afirmavam que o âmbar encontrado nas areias de seu litoral era vômito de baleias. A prova dada pelos indígenas foi cerca de 16 arrobas encontradas, certa feita, no ventre de um “peixe monstruoso” que apareceu próximo da Baía de Todos os Santos. Ao intelectual, pareceu ser esta uma explicação fantasiosa, embora, nos dias atuais, se tenha esta informação como de fato correta⁴².

O cronista Gabriel Soares de Sousa, em seus capítulos acusatórios contra os padres da Companhia de Jesus no Estado do Brasil, afirmou que os inacianos tiravam “proveito” dos gentios fazendo-os trabalhar pelos seus interesses. Dentre as atividades, descreveu a coleta de âmbar, pelas praias, no inverno. Na resposta de refutação dada pelos padres Marçal Belliarte, Ignacio Tholosa, Rodrigo de Freitas, Luis da Fonseca, Quiricio Caxa e Fernão Cardim, foi mencionado, a este respeito, que, se a informação fora verdadeira, não haveria “agravo”. Quando ocorria de os índios acharem alguma, usavam em suas “confrarias, ornamentos de suas igrejas e coisas para seus doentes” e, por vezes, vendendo aos padres por “preço justo”⁴³.

Nos inventários das boticas dos colégios da Companhia de Jesus de Alacalá de Henares e de Bragança e do Noviciado de Madrid, havia bolsinhas com simples produzido a partir de

³⁸ Franco, *Libro de enfermedades contagiosas y de la preseruacion dellas...*, 1569, f. LIX.

³⁹ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 144.

⁴⁰ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 309.

⁴¹ Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 1, p. 324.

⁴² Christopher Kemp, *Floating gold: A natural and unnatural history of ambergris* (Chicago; London: The University of Chicago Press, 2012).

⁴³ Marçal Belliarte, S. J. [et al.]. *Capítulos que Gabriel de Sousa deu em Madrid ao senhor Dom Christovão de Moura contra os padres da Companhia de Jesu que residem no Brasil...*, org. Serafim Leite, em *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. LXVII (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940), 379, 380.

outras partes de baleias⁴⁴. Feito em pó, o “esperma de baleia” ou espermacete foi avaliado como mais valioso que esmeraldas comuns⁴⁵. Bluteau⁴⁶ indicou que, apesar do sentido imediato, este termo corresponderia aos miolos do animal e não ao seu sêmem e teria uso nas boticas enquanto emoliente e resolutivo. A se notar pelos relatos inacianos e pelos inventários de suas boticas, este tipo inusitado de mezinha (aos olhos de hoje) era ordinário na medicina Ocidental do período moderno.

Os caranguejos eram amplamente utilizados na alimentação e também na botica. De modo especial, Pe. Fernão Cardim⁴⁷ descreveu um gênero específico chamado, em tupi, de *Uçá*, “maxime dos escravos de Guiné, e índios da terra”, como muito gostoso e, assim como os outros da costa da Bahia, bastante sadio. Comum, também, às Índias Orientais, não receberam as mesmas considerações sobre o consumo. Pe. Sebastião Gonçalves⁴⁸, por exemplo, advertiu que certos tipos, em Malaca, tiravam “o juízo” dos desavisados de tal perigo. Na botica de Alcalá de Henares, foram relacionadas duas libras de olhos de caranguejo⁴⁹. O uso específico desta parte do crustáceo parece ter sido comum através das boticas inacianas, com atribuída propriedade absorvente, ou seja, possuía “virtude esponjosa” e sorvia “umidades ácidas”⁵⁰.

Na *Collecção de Varias Receitas* foram apontados alguns compostos com uso de substâncias de origem animal. Como por exemplo, na composição do bezoartico do Colégio de Recife, em uma emulsão contra poluição involuntária, na pedra de bazar artificial produzida em Macau, em um pó contra asma (formulada em almofariz com espermacete e cinza de coruja), nos pós antipleuráticos do Colégio de Évora (que envolvia espermacete, chaminé em pó, sangue de bode e dente de javali), entre outras mezinhas⁵¹.

Vale mencionar, ainda, o uso de insetos, conforme relatado pelo Pe. José de Anchieta. Afirmou o inaciano que havia diversas espécies de abelhas e que o mel produzido apresentava propriedades para curar feridas “que saram facilmente pela proteção divina”. Um tipo

⁴⁴ AHN, Legajo 214, n° 11-23: *Certificaciones (1767-1830) sobre la botica del colégio de Alcalá en la depositaria general, 1767*; AUC, Dep. IV. Seção 1°. E, Est. 22, Tb. 4, cx. 5: *Autos de sequestros de bens do Colégio de Jesus de Bragança, 1759*; AHN, Lib. 128: *Libro de Botica del que fue Noviciado de la Compañia de Jesús de Madrid..*

⁴⁵ AUC, Dep. IV. Seção 1°. E, Est. 22, Tb. 4, cx. 5, 125: *Autos de sequestros de bens do Colégio de Jesus de Bragança, 1759*; AHN, Legajo 214, n° 11-23, 31, 35: *Certificaciones (1767-1830) sobre la botica del colégio de Alcalá en la depositaria general, 1767*.

⁴⁶ Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 3, 273.

⁴⁷ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 154.

⁴⁸ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*, 1957, 218.

⁴⁹ AHN, Legajo 214, n° 11-23, 13: *Certificaciones (1767-1830) sobre la botica del colégio de Alcalá en la depositaria general, 1767*.

⁵⁰ Patrícia Albano Maia, “Práticas terapêuticas jesuíticas no Império Colonial Português: Medicamentos e boticas no século XVIII” (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2012), 226; Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino...*, 1712, vol. 1, 50.

⁵¹ Maia, *Práticas terapêuticas Jesuíticas...*, 2012, 157; 173; 186; 196; 199; 226.

específico, que os índios chamavam de *ciraaquayêtâ*, era bastante danoso, tomando as “juntas do corpo”, contraindo os nervos, produzindo dor e tremor, com vômitos e destempero do ventre. Descreveu, ainda, a inusitada aplicação de centopeias cujo contato com a pele causava grande dor e “desejos libidinosos”, aplicação que os índios cuidavam em aproveitar nas partes genitais para incitar “o prazer sensual”⁵².

Havia uma série de recomendações sobre o modo de guardar as partes dos animais nas boticas para tornar suas virtudes mais potentes. No manuscrito *Medicina Oriental*, o leitor aprendiz foi informado sobre a secagem (à sombra, com sol, com forno) das “partes carnosas” (vísceras), membranosas (como os intestinos), assim como o preparo para o uso de sangue e dos pós de chifres (cornos) dos animais. Os excrementos deveriam ser conservados secos e as unhas (sem especificar o animal) inteiras, em potes. As boticas inicianas apresentavam, em seu repertório, alguns destes itens⁵³.

As advertências sobre os animais eram não somente sobre seus benefícios, mas, também, sobre seus perigos. Pe. José de Anchieta⁵⁴ advertiu sobre a variedade e abundância das cobras nas terras do Brasil, clamando pela proteção divina para andar em meio a tantas (Imagem 20). Também Pe. Fernão Cardim⁵⁵ elencou serpentes, como jararaca, surucucu, *igbigracuâ* e peixes venenosos, como o peixe sapo, amoreati e outros. Segundo apontou o cronista Gabriel Soares de Sousa⁵⁶, muito se falava das cobras em Portugal, “e com razão, por que tantas e tão estranhas, não se sabe onde as haja”.

⁵² Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*, 1933, 123; 116.

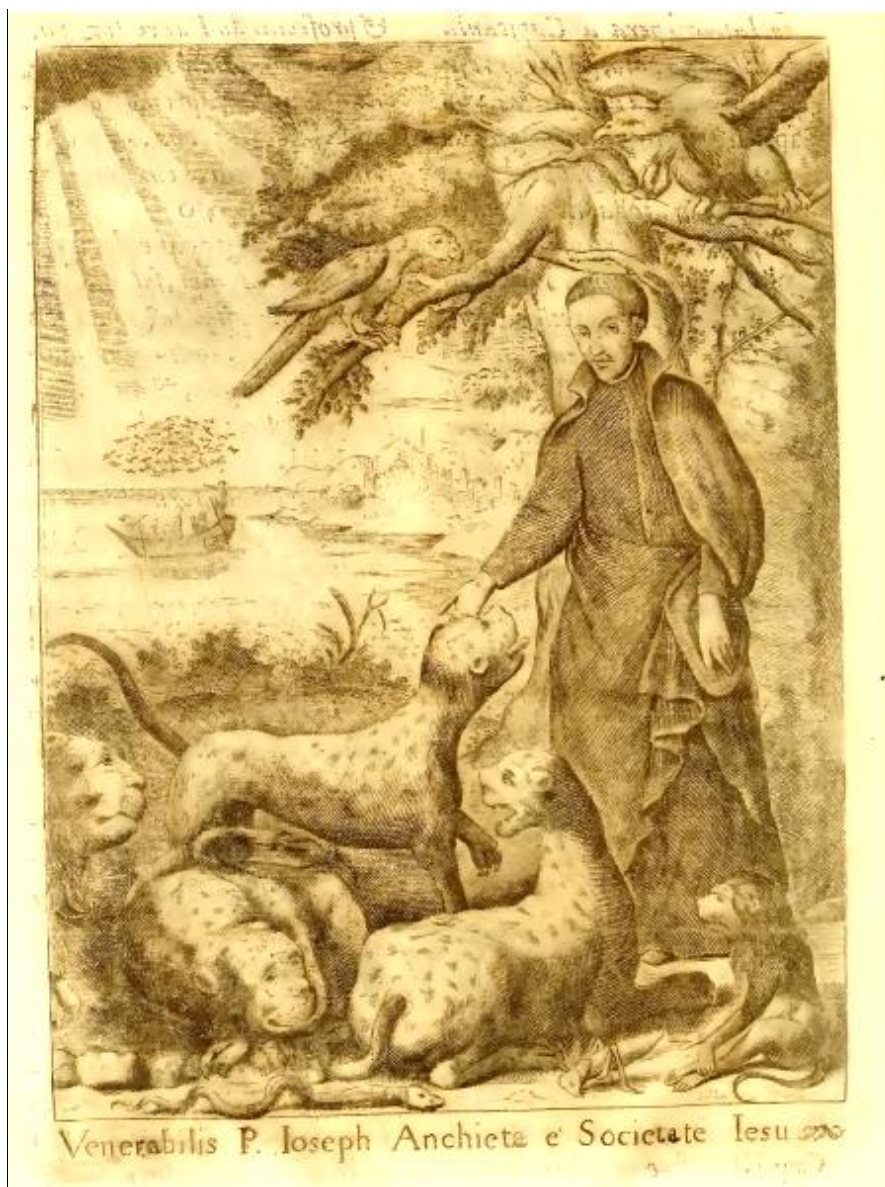
⁵³ *Medicina Oriental. Socorro Indico dos Pobres Enfermos do Oriente. Para total profligação de seus males. Adquirida de de varios Professores da Medicina. Oferecida a Santissima Trindade Unico Deos Verdeiro. Por hum natural de Goa* [Manuscrito] Séc. XVIII, 21.

⁵⁴ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 115.

⁵⁵ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 2009, 95-98; 147-150.

⁵⁶ Sousa, *Tratado descriptivo do Brasil em 1587...*, 2010, 250.

Imagem 20 – Ilustração sobre o Pe. José de Anchieta em obra sobre sua vida de autoria do Pe. Simão de Vasconcelos (1672)⁵⁷



Fonte: Vasconcelos, *Vida do veneravel Padre Joseph de Anchieta...*, 1672.

O exotismo nas descrições, por vezes, não alcançava apenas a novidade sobre a espécie, mas, também, sobre seus significados culturais. O caso mais notável a esse respeito é o do gado vacum, para os hindus, no Estado da Índia (Imagem 21). A vaca, conforme apontou o Pe. Fernão Guerreiro, segundo a cosmogonia hindu, estava presente desde a criação do mundo⁵⁸. Sendo um animal revestido de sacralidade, não era consumido e estava presente em rituais de cura,

⁵⁷ Destaque para a representação da fauna brasileira, com papagaios, uma ave de grande porte, possivelmente onças (a se notar pelas manchas), macacos e serpentes, como muitas vezes destacou o missionário em suas descrições sobre o Brasil.

⁵⁸ Guerreiro, Fernão. *Relaçam anual [sic] das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guine, nos annos de seiscentos & dous & seiscentos & tres...* (Em Lisboa: per Jorge Rodrigues impressor de livros, 1605), 340-1.

seja através do toque ou da purificação com suas fezes e urina, conforme descreveram os missionários em suas missivas⁵⁹.

Observa-se que, assim como as plantas e uma grande sorte de produtos, os animais também circulavam através das redes do Império Português. Em grande parte, produtos de origem animal tais quais peles e marfim, eram ordinários nessa comunicação. Vale destacar, ainda, que espécimes vivos também eram comercializados de uma parte a outra. Russell-Wood destacou papagaios, macacos assim como cavalos sendo transportados através do Atlântico e do Índico⁶⁰. Na compilação dos registros da Casa da Índia foram listadas drogas de origem animal transitando através dos portos portugueses, como almíscar, âmbar, olhos de caranguejo, unhas de gram bestia, barbas de baleia, dentre outros produtos⁶¹.

Imagem 21 – Representações de um pagode com cerimônias consideradas gentílicas
Destaque para a vaca representada no ritual



Fonte: Linschoten, *Navigatio ac Itinerarium Iohannis Hugonis Linscotani in Orientalem...*, 1599

⁵⁹ Wicki, *Documenta Indica*, 1956, vol. 4, 344, 830; 1962, vol. 7, 668; 1968, vol. 10, 984; 1972, vol. 12, 977-8; 1981, vol. 15, 100.

⁶⁰ Russell-Wood, *Um mundo em movimento...*, 1998, 196-205.

⁶¹ ACL, Ms Azul, 213, f. 74-77: *Livro de Registo da Casa da Índia [recompilação]*, 1757 de 1418.

Pe. Simão de Vasconcelos declarou que não iria entrar em pormenores sobre a fauna e flora, por ser “obra comprida, fora do meu intento”⁶². Também não faz parte do escopo deste capítulo detalhar as muitas descrições dos inacianos sobre a natureza entre o Oriente e a América. As inflexões cosmológicas e médicas apresentadas neste capítulo buscaram construir um panorama não somente dos cenários, mas dos saberes ibéricos sobre as terras de missão compreendidas na chamada Zona Tórrida. Não foram poucas as palavras elogiosas a respeito da sanidade dos territórios “apesar da opinião dos antigos”. O mesmo, contudo, não se pode notar nas descrições inacianas sobre as gentes da terra, conforme será analisado a seguir.

3.3 As gentes da terra

Em sua narrativa para esclarecer aos leitores sobre diversas matérias curiosas do “Novo Mundo”, Pe. José de Acosta debateu a antiga teoria das Antípodas. Classificou como coisa de “tontos”, pois afirmava que havia “homens que traziam seus pés contrários aos nossos”, “pessoas que andam com os pés acima e a cabeça abaixo?”, e também que as árvores cresciam de cabeça para baixo, que as chuvas, neve e granizo subiam da terra. Por certo que essa opinião dos “Antigos” havia sido empiricamente refutada após o processo de Expansão e Conquista⁶³.

Ao passo que cuidaram em descrever as terras das missões a partir de saberes da Cosmografia e da História Natural, os missionários também registraram suas impressões sobre as “gentes”. Decreveram a fisionomia geral, costumes e crenças, alimentação e práticas de cura de diversas culturas entre o Oriente e o Ocidente. Por vezes, as opiniões sobre os povos da Zona Tórrida não corresponderam às boas impressões registradas sobre os sítios. Para que se possa melhor construir o panorama dos saberes e práticas médicas, faz-se necessário perscrutar brevemente algumas impressões dos missionários sobre estas populações.

Foram escritas muitas páginas sobre o exotismo das populações na África, Ásia e América (Imagem 22). Aventureiros, homens das Coroas ibéricas e religiosos registraram suas impressões sobre os corpos e culturas desses povos de Oriente a Ocidente a partir de seu olhar europeu. No caso específico dos inacianos, foram produzidas e divulgadas muitas dessas descrições, desde os primeiros anos da Ordem. Faz-se, assim, necessário traçar algumas reflexões teóricas sobre essas narrativas que, comumente, aparecem na historiografia com destaque para o seu teor “etnográfico”⁶⁴.

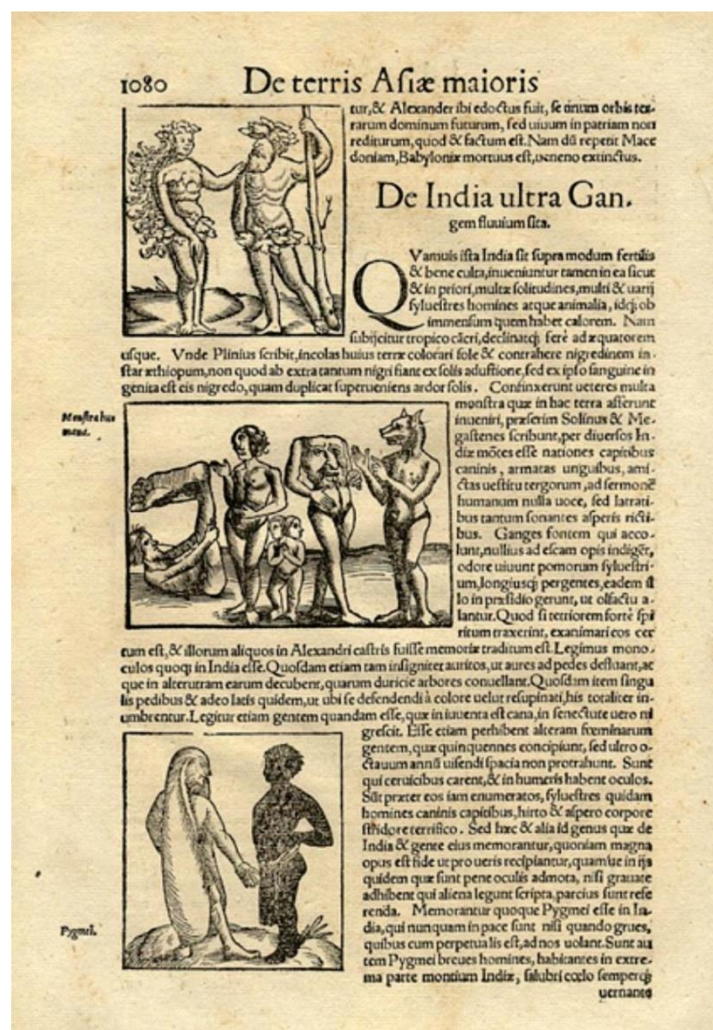
⁶² Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus...*, 1977, vol. 1, 163.

⁶³ Acosta, *Historia Natural y Moral de las Indias...*, 1590, 30-31.

⁶⁴ Joan-Pau Rubiés, *Travel and ethnology in the Renaissance: South India through European eyes, 1250-1625* (Cambridge: Cambridge University Press, 2002), 207.

Em um contraponto, que parece bastante interessante para esta tese, Castenau-L'Estoille⁶⁵ destacou, em suas análises sobre os saberes ameríndios e as narrativas dos missionários, que há um paradoxo historiográfico ao denominar as descrições dos inacianos sobre os costumes dos povos nativos como uma espécie de etnografia. A autora observou que os relatos atendiam a critérios institucionais: administrativos de reportar aos superiores, de edificação espiritual, e de curiosidade. A contrariedade da premissa etnográfica nestes escritos do século XVI e XVII se apresenta na compreensão de que os missionários participaram no processo de aculturação e negação da diferença, justamente o oposto pretendido etnologicamente.

Imagem 22 – Criaturas monstruosas na Índia segundo Sebastian Münster (1489-1552)



Fonte: <http://www.columbia.edu/itc/mealac/pritchett/00generallinks/munster/munster.html>.

⁶⁵ Charlotte Castelnau-L'Estoile, "De l'observation à la conversation: Le savoir sur les indiens du Brésil dans l'oeuvre de Yves d'Évreux", em *Missions d'évangélisation et circulation des savoirs: XVIe-XVIIIe siècle* (Madrid: Casa de Velázquez, 2011a), 269-74.

Em seu texto clássico, Michel de Certeau⁶⁶ apontou reflexões teóricas sobre Etnografia e História na modernidade. Inicialmente, vale destacar que Certeau contextualizou a organização da Etnografia como campo científico a partir do século XVII, conforme as quatro noções que a delimitam: oralidade, espacialidade, alteridade e inconsciência. A partir da análise da narrativa do missionário calvinista Jean de Léry (1534-1611), debateu a “hermenêutica do outro”, apontando que as descrições sobre a Natureza e a Sociedade estavam crivadas pelo “aparelho exegético cristão”. A este respeito, utilizou o conceito de que o texto constituía uma “atividade tradutora” entre “antigo e novo mundo”. A compreensão sobre este jogo de alteridade entre o vivido e o registrado pelo religioso revela as oposições entre civilizados e “selvagens”, marca discursiva presente também nos relatos inicianos, como se percebe nas descrições sobre os hindus e tupinambás.

Pe. Alessando Valignano⁶⁷ relatou, com palavras elogiosas, a empresa marítima portuguesa. Afirmou que os portugueses não somente chegavam às Índias Orientais (“que são mais de quatro mil léguas” de viagem), como, por seu “esforço e valor, penetraram por todas as remotíssimas províncias deste Oriente”. Atravessavam o Mar Pérsico, pelas costas da Arábia e Pérsia, passavam do Mar Vermelho para a Etópia e, por outros caminhos, através do Índico, chegavam a Malaca e Maluco, alcançando China e Japão. Nas palavras do italiano: “passando alguns muitos populosíssimos reinos, e descobrindo islãs e terras incógnitas, e fazendo em diversas províncias suas povoações, nas quais residem, tendo seus tratos e comércios com os naturais da terra”.

Para os europeus, afirmou Pe. Alessando Valignano⁶⁸, as Índias Orientais se estendiam a muitas outras partes, a Oriente, “por infinitas terras”, abrangendo desde a Pérsia, Bengala, Malaca, China e Japão. E, nesta infinidade, afirmou, havia “multidão de províncias e reinos e muito grandes e poderosos, uns de gente branca, outros baços, e outros morenos, que diferem grandemente entre si”, com grande distância de climas, qualidades e costumes, o que seria coisa infinita a tratar. Cuidou em esclarecer que o Estado da Índia se estendia por cerca de 250 léguas, entre Diu e o Cabo Comorim, sendo “senhorada” de Goa para o sul, pelos gentios, e as terras do norte, pelos mouros. Segundo o padre, toda esta gente do Indústão era “de cor baça” o que se devia à região estar situada a “vinte e um graus ao norte; e por isto ser todo o ano de verão e calores contínuos”. Sua opinião não se apresentou das mais respeitadas:

⁶⁶ Michel de Certeau, *A escrita da história*, trad. Maria de Lourdes Menezes (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002).

⁶⁷ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 9-10.

⁶⁸ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 22-24.

É universalmente esta gente (a qual é sobre o preto e andam meio desnudos) depreciada e reputada por vil dos portugueses e das demais gentes da Europa; e a verdade, comparada com eles, é de pouco e pouco primor, e gente que parece como disse Aristóteles, de natureza produzida para servir, porque comumente é pobre, miserável e escassa, que por qualquer ganância fazem muitas baixezas. Sobre tudo isso tem eles conceito contrário, porque se estimam por gente nobre e limpa; e quando querem louvar muito aos da Europa dizem que se parecem alguma coisa com eles⁶⁹.

Interessante notar alguns aspectos desta passagem de Valignano: inicialmente, destaca-se a clara oposição entre as concepções do inaciano sobre a gente da terra e a opinião dos locais sobre os europeus. A pobreza e miserabilidade de um povo por certo são estabelecidas por parâmetros culturais. Dentre as obras analisadas com descrições sobre os povos, o então padre visitante legou uma das descrições menos amistosas sobre os “indianos”. Sua tônica soou mais intolerante que o habitual nos textos dos missionários da Companhia.

Destaca-se, ainda, a menção a Aristóteles e o debate sobre a condição natural de servidão⁷⁰. Marcocci⁷¹, em suas análises sobre a construção da ideia e consolidação de poderes do Império Português, destacou esta discussão nos meios letrados em relação à guerra aos infiéis e à escravidão desde o século XIV. A ponderação de Valignano sobre a gente “preta”, “desnuda” e com “a natureza produzida para servir” estava coadunada à ideia de justificação da escravidão em razão da barbárie e inferioridade, com marcado crivo pela cor da pele de um povo.

Em um debate próximo a este, Angela Barreto Xavier⁷² debateu a “lenda negra”, ideia pela qual se difundiu a tese de que a mestiçagem dos portugueses e sua pouca propensão natural para o domínio explicariam o declínio do Império. A partir da análise sobre a obra do viajante neerlandês Jan Huygen van Linschoten, a historiadora observou a construção de uma tópica comum às descrições sobre os povos desde, pelo menos, o século XVI, entre a ligação da cor da pele com seu grau civilizacional (ver Imagem 23). Com uma baliza temporal alargada, apontou que as descrições sobre as populações locais e sobre as mestiçagens entre portugueses e mulheres locais (os chamados de casados) foram permeadas pela compreensão de que o tom da pele e as condições propiciadas pelo calor dos trópicos. Os exemplos a esse respeito se multiplicariam. François Pyrard⁷³, por exemplo, afirmou que o clima e os alimentos de Goa inspiravam as pessoas (notadamente, as mulheres) a serem impudicas.

⁶⁹ Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 25.

⁷⁰ Dauril Alden, *The Making of an Enterprise: The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond, 1540-1750* (Stanford, Calif: Stanford Univ. Press, 1996), 56.

⁷¹ Marcocci, *A consciência de um império...*, 2012, 53; 317; 415.

⁷² Ângela Barreto Xavier, “‘Parecem indianos na cor e na feição’: a ‘lenda negra’ e a indianização dos portugueses”, *Etno-gráfica – Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia* 18, 1 (2014): 111-33.

⁷³ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 88.

Imagem 23 – “O leilão de Goa” em gravura de Linschoten (1599), representando a variedade de povos e grupos sociais na cidade



Fonte: Linschoten, Jan Huygen van. *Navigatio ac Itinerarium Iohannis Hugonis Linscotani in Orientalem*

As ideias sobre sensualidade/pecados e os calores da região dos trópicos foram, muitas vezes, apontada por religiosos e cronistas e analisadas em seu viés tridentino e moralizador para os espaços coloniais por Ronaldo Vainfas, Laura de Mello e Souza e Inês Zúpanov¹. Segundo Ângela Barreto Xavier², estas imagens apontam para concepções da teoria humoral sobre o funcionamento dos corpos e a moralidade. Isso ficou evidenciado na metáfora sobre as virtudes do Pe. Francisco Xavier e a corrupção moral das Índias Orientais pelo Pe. Sebastião Gonçalves. Afirmou o padre que, assim como nas terras quentes, a carne facilmente apodrecia e as moscas colocavam suas varejeiras (larvas), como acontecia em Malaca. A “brandura e clemencia” dos ares acendiam “o fogo da sensualidade” e, deste modo, “a carne corrompia seu caminho” e as “moscas infernais” colocavam “varejas de mil tentações, havendo poucos que lhe resistissem”. Era necessário, segundo apontou o padre que, com o “rigor” do exemplo, salgassem e preservassem do “mal contagioso”, conservando a “virtude da castidade”³.

Anteriormente, já neste capítulo, foram destacadas as opiniões quase universais sobre a bem-aventurança das *terras brasilis*. Contudo, a mesma boa impressão não se espalhava quanto aos povos nativos. A natureza tão “dadivosa, & liberal” com a terra, o mar e o ar do Brasil, é “escassa & avarenta” com os homens desta terra, afirmou Pe. Baltasar Teles. Segundo o inaciano, sendo os ares “tão benignos e temperados”, o terreno “tão fértil, & abundante”, e existindo animalia “com instintos tão maravilhosos”, eram “os homens tão rudes, tão bárbaros. & ignorantes”. Ponderava o padre se poderiam tais seres serem chamados de racionais e concluiu, “parece que a natureza trocou as mãos, & para a terra se mostrou mãe, & para os homens madrasta”⁴.

Esta mesma opinião foi repetida nos escritos de diversos missionários e tratadistas. Na carta quadrimestral de 1554, Pe José de Anchieta escreveu algumas notícias gerais sobre a missão na “Índia brasilica”. Tratando dos gentios que habitavam desde Piratininga até 300 milhas adentro dos sertões, narrou as dificuldades para a conversão destes povos. Mencionou as práticas antropofágicas e poligâmicas abominadas pelos missionários e destacou que o “direito positivo” deveria ser afrouxado nestas paragens para que se pudesse promover

¹ Ronaldo Vainfas, *Trópicos dos pecados: Moral, sexualidade e Inquisição no Brasil* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997), 36-9; Laura de Mello e Souza, *O diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial* (São Paulo: Companhia das Letras, 1986), 19-85; Županov, *Missionary tropics...*, 2005, 182-4.

² Ângela Barreto Xavier, *A invenção de Goa: Poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII* (Lisboa: Impr. de Ciências Sociais, 2008), 400.

³ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus...*, 1957, 197.

⁴ Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal...*, 1645, vol. I, 445.

conversões. Eram os índios “bárbaros e indomitos” e sua natureza parecia “aproximar-se mais” de “feras do que a dos homens”⁵ (ver Imagem 24 e 25).

Corroborando a opinião sobre a boçalidade dos índios brasílicos, Pe. Fernão Gerreiro sublinhou a dificuldade na “conversão e cultivação desta gente”. Afirmou serem pouco doutos pela sua própria natureza, desconhecendo outra gente “mais boçal no mundo”. Contudo, afirmou que, embora fosse custoso para os padres conseguir “domesticá-los e faze-los capazes das coisas de Deus”, não havia fera tão brava que com boas obras não abrandasse⁶.

Imagem 24 – Brasílicos (1628), por Sebastian Münster (1)
Destaque para a representação do ananás

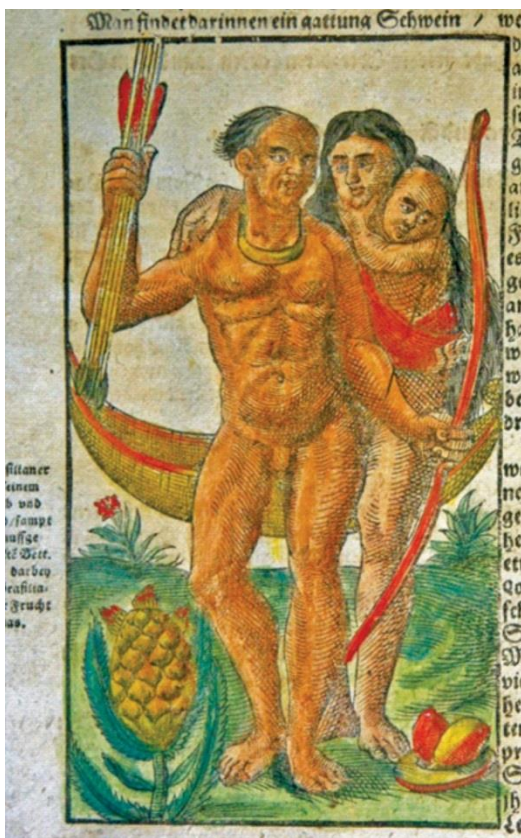


Imagem 25 – Brasílicos (1628) por Sebastian Münster (2). Destaque para a representação da ferocidade dos indígenas



Fonte: <http://www.columbia.edu/itc/mealac/pritchett/00generallinks/munster/views/xbrazilians1628.jpg>

Pe. Giovanni Pietro Maffei reproduziu essa mesma opinião de que em que pese ser a terra fértil e o céu benigno, os seus moradores eram toscos, “mais dignos de bestas que homens”. Outra tópica muitas vezes repetida sobre os indígenas era de que não tinham nem Lei,

⁵ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 35; 46.

⁶ Guerreiro e Rodrigues, *Relaçam anual [sic] das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus...*, 1605, 374-5.

nem Rei, nem Religião. O padre afirmou que “não tinham nenhum deus” e que apenas eram impressionados por supestições de “seus errantes adivinhos e enganadores mentirosos”⁷.

Dentre os fatores apontados para a animalidade indígena, estava a nudez dos corpos e a prática de consumo de carne humana em seus rituais. Pe. Baltasar Teles, em sua descrição sobre os tapuias e aimorés, afirmou que eram “alheios de toda a polícia, mais toscos, & mais brutos que as brutas montanhas em que se criavam”. Eram estas feras contrárias às ‘leis da propria natureza’ comendo carne humana “por honra, & valentia”, causando grande terror aos portugueses. Uma das narrativas mais constantes sobre os brasis foi a das cerimônias contra os vencidos de guerra. O padre condenou as “bárbaras cerimônias, com que solenizam o desumano banquete da carne humana” e afirmou que era bastante dificultosa a “empresa” de “reduzir esta gentilidade à urbanidade, & polícia cristã”⁸.

Ainda o Pe. Baltasar Teles afirmou a respeito da sentença “nem FLR” que embora não tivessem “Rei, nem Príncipe, nem justiça” [...] “em cada aldeia há um como maioral, a quem os outros guardam algum modo de respeito”. Suas funções na comunidade envolviam decidir sobre assuntos de paz e guerra, e “feitiçaria, o que faz com grande alvoroço, & fervor, dando de si, gritando, & arzeoando, com grande cópia de palavras, & com muita variedade de aspectos”⁹.

A categoria genérica “índios” é equivocada para tratar da diversidade de povos que habitavam o território que corresponde hoje ao Brasil. Na própria documentação inaciana, essa diferenciação foi exposta e descrita. Pe. José de Anchieta¹⁰ tratou dos carijós, de Pernambuco, e dos Tapuias (“diversas nações de outros barbaros de diversíssimas linguas a que estes Indios chamam Tapuias, que quer dizer escravos, porque todos os que não sao de sua nação tem por tais e com todos tem guerra”). Afirmou que estes habitavam a costa, mas, por aquele tempo, estavam entre os do sertão e os da costa. Possuíam “aldeias e roçarias”, sendo a caça a sua principal atividade.

Analisar as descrições dos inacianos sobre as “gentilidades” seria tarefa inesgotável. Nestas páginas buscou-se apontar as descrições sobre os hindus de Goa e os tupinambás da Bahia.. Esta eleição foi metodológica, ficando, contudo, o registro de que, nos cenários entre a Índia e o Brasil, havia diversos grupos étnico-culturais como, por exemplo, maometanos,

⁷ Tradução livre. Maffei, *Historia de las Indias orientales [Manuscrito]...*, f. 37, 36.

⁸ Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal...*, 1645, vol. I, 449-50.

⁹ Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal...*, 1645, vol. I, 448.

¹⁰ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos historicos e sermões...*, 1933, 302.

cristãos-novos, persas, arábes, canarins, etíopes, africanos escravizados da costa Ocidental, compondo um complexo sistema cultural.

Ao longo deste capítulo, foram construídas noções mais alargadas sobre as terras e gentes da Zona Tórrida, a partir do debate da História Natural, Cosmologia e Medicina. Mostrou-se bastante interessante debater a ligação entre as descrições dos lugares e as percepções sobre a sua sanidade. Esta compreensão, muitas vezes empírica, trouxe a indagação se teriam nortado algumas das estratégias de missão. Muitas páginas foram dedicadas a descrever estas “boas obras” na conversão dos povos, não somente na costa da América Portuguesa, mas, também, em outras partes consideradas longínquas e remotas do Império.

Interessante é observar, também, que as descrições das gentes, peneiras de concepções de alteridade, apresentavam relevos da moralidade cristã. Conforme será mais detidamente analisado no capítulo seguinte, havia distintas compreensões sobre o corpo, a cura e o sagrado. Chegando nas terras de missões, os jesuítas erigiram espaços para a construção e a transmissão de saberes, indícios dos trânsitos culturais e da circulação de práticas de cura nas enfermarias dos colégios, entre Goa e a Bahia.

4 Regimen de Saúde para os “soldados de Cristo”. Saberes e práticas de cura nos Colégios de Goa e da Bahia

Tereis muita diligência com o enfermo, exercitando em ele todas as obras de misericórdia de que ele tiver necessidade, admoestando-os muitas vezes à paciência, assim por palavras como por exemplo em vós, porque esta é a principal virtude de que vos haveis de aproveitar no vosso ofício, representando sempre a pessoa de Cristo nos seus servos. Cuidareis que os fedores da sua enfermidade, há vos darem desgosto e nojo, não são senão vossos pecados que causam em vós serdes tão sentido [...]. *Regras do Colégio de Goa, 1552*¹.

O segundo capítulo desta tese foi encerrado com a narrativa do Pe. Jerônimo Lobo sobre a sua recepção no Colégio de Cochim no ano de 1622. O inaciano narrou a acolhida pelos padres e irmãos na qual recebeu um lavatório (banho) em uma grande tina com água quente cheirosa. Em sua opinião, o asseio feito com o banho veio em boa hora, em razão da “imundícia, breu, pez e toda a má ventura que do mar e nau colhemos”. Ponderou que apenas a lavagem não era o suficiente para lançar fora toda a sujidade e maresia da longa navegação. Concluiu que havia saído da bacia “mudado de pés e cabeça”, e quase que com nova pele em razão da quentura da água com a qual lhe lavaram².

Pe. Manoel Alvares, em sua narrativa sobre os malogros da nau São Paulo, registrou suas impressões sobre a arribada feita no porto de Salvador no ano de 1560. Afirmou o padre que ele e seu companheiro Ir. João Rojo desembarcaram bastante debilitados e não tendo encontrado algum religioso para recepcioná-los, iniciaram a subida pela íngreme escarpa entre o porto da cidade de Salvador e o Colégio. Estava o padre tão fraco que contou com a ajuda de soldados que com eles viajavam, chegando, até mesmo, a ter que se deitar no chão. No meio do caminho, encontraram uma comitiva do reitor Pe. Francisco Pirez e mais um padre e um irmão que o levaram prontamente para a casa. Foi então “recebido e agasalhado com a caridade e amor que os da Companhia costumam a receber seus Irmãos”. Levou consigo uma doença da viagem, de “algumas febrizinhas”, em razão das quais foi sangrado por dez vezes³.

Essas narrativas, espaçadas no tempo e nas distâncias do Império Português, apresentam um elemento em comum: o agasalho e os cuidados com os missionários nos colégios dos jesuítas. Escritas e/ou vividas, observa-se que havia uma série de regras, guias, controles para o cuidado com a saúde e amparo nas doenças dos missionários nesses espaços, semelhantes às

¹ *Regras do Colégio de Goa, 1552*, em *Documenta Indica*, ed. Joseph Wicki S. J (Roma: Institutum Historicum Societati Jesu, Tipografia Pio X, 1950), vol. 2, 355.

² Jerônimo Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos*, ed. crítica Manuel Gonçalves da Costa (Lisboa: Livraria Civilização, 1971), 213.

³ Joseph Wicki, ed. *Documenta Indica* (Roma: Tipografia Pio X, 1956), vol. 4, 629; 630.

prescrições da medicina do período moderno⁴. Neste capítulo, serão perscrutados os papéis na assistência desses grandes espaços educativos para a missionação na Companhia de Jesus. Goa e Salvador – como cabeças do Estado da Índia e do Brasil – abrigaram as maiores e mais numerosas instituições inacianas, centros da rede missionária da Ordem através do Atlântico, do Índico, dos mares e sertões.

Para fins metodológicos, cumpre investigar os edifícios desses colégios, buscando perceber o que pode ser revelado sobre a preocupação com a conservação da saúde e a edificação de espaços de cura segundo concepções médicas europeias do período moderno, como as enfermarias, boticas, refeitórios e hortas. Para compreender as práticas, importa perscrutar os regimentos para os colégios assim como as determinações diretas para os enfermeiros, para que se possa ter indícios sobre as terapias e dietéticas. Essas pistas foram deixadas, também, pelas narrativas de padecimento dos missionários em suas cartas e nos registros dos colégios. Vale indagar ainda, os indícios da circulação de saberes, práticas e produtos com fins terapêuticos.

4.1 Os colégios e a sanidade

A Companhia de Jesus, edificada em meados do século XVI, configurou a educação dos jovens como um dos principais braços de sua ação missionária. Sabidamente, não foi o perfil original idealizado pelos primeiros jesuítas, como o Pe. Ignácio de Loyola⁵. Contudo, desde a década de 1550, dedicou-se a essa empresa, fundando colégios e seminários entre o Oriente, América, África e Europa, alcançando, em dois séculos, o número de mais de 800 instituições⁶. Através dos vínculos do Padroado Régio, a Companhia de Jesus estabeleceu uma extensa rede pelo Império Português⁷. Elegeu-se, para as análises, nesta tese, o Colégio de São Paulo e o Colégio da Bahia que integravam e encabeçavam, respectivamente, as Províncias de Goa e do Brasil.

⁴ Harold J. Cook, “Medicine”, em *The Cambridge history of Science*, vol. 3: Early Modern Science, ed. Katharine Park and Lorraine Daston (Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2003), 409.

⁵ José María Marín Sevilla, *Ignacio de Loyola y los enfermos* (Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia, 2007), 97-9; John W. O’Malley, *Os primeiros Jesuítas*, trad. Domingos Armando Donida (São Leopoldo: Unisinos; Bauru: EDUSC, 2004), 315.

⁶ O’Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 372.

⁷ Charles R. Boxer, *A igreja militante e a expansão ibérica 1440-1770*, trad. Vera Maria Pereira (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), 97-106; Paulo de Assunção, *Negócios jesuíticos: O cotidiano da administração dos bens divinos* (São Paulo: EDUSP, 2009), 93.

A cidade de Goa se configurou, desde a chegada do Pe. Francisco Xavier, como principal entreposto da ação missionária a leste do Cabo da Boa Esperança⁸. A fundação do Colégio de São Paulo remete ao colégio erigido pela confraria de Santa Fé⁹ (Imagem 1). No âmbito das obras caritativas, visava educar meninos das mais variadas nações em gramática, casos de consciência e nos bons costumes¹⁰. Os inacianos auxiliavam nesta instituição desde os primeiros anos da sua chegada a Goa¹¹. Pe. Me. Francisco escreveu, em 1544, algumas notícias da instituição, relatando como havia muitos estudantes de diversas “línguas e gerações de infieis” e afirmou que eram ministradas aulas de latim e, também, de primeiras letras, cabendo, em seu edifício, mais de 500 estudantes¹².

No ano de 1548, os inacianos assumiram o encargo e mantiveram esse perfil de educandário para as gentes da terra¹³. Segundo o Pe. Alessandro Valignano, havendo a dificuldade de reger o colégio e estando o Pe. Francisco Xavier, com grande exemplo, trabalhando no hospital, foi solicitado que eles passassem a administrar o colégio. Pe. Micer Paulo ficou, então, como responsável, em Goa, para tratar da boa instrução dos meninos e o “beato padre” partiu em missão para a conversão dos infieis em outras partes¹⁴.

No mesmo ano em que o “apóstolo do Oriente” alcançou o Japão, haviam desembarcado em terras brasílicas os primeiros missionários jesuítas juntamente com o governador Tomé de Souza. Em 1549, estabeleceram-se na cidade de Salvador e iniciaram as atividades missionárias. Fundaram uma ermida em invocação a Nossa Senhora de Ajuda, na parte alta da cidade, nas proximidades da residência do governador a qual, posteriormente, passou para o clero secular dedicando-se então os inacianos à missão com os nativos que se encontravam no Carmo, entorno da cidade que se construía. A essa altura, os inacianos exerciam também a atividade catequética com meninos indígenas e órfãos do Reino no Colégio do Menino Jesus, que veio a ser dissolvido em 1556¹⁵.

⁸ Alden Dauril, *The Making of an Enterprise: The Society of Jesus in Portugal, its Empire, and Beyond, 1540-1750* (Stanford, CA: Stanford Univ. Press, 1996), 44.

⁹ Alden, *The Making of an Enterprise...*, 1996, 44; Maria de Deus Beites Manso, *História da Companhia de Jesus em Portugal* (Lisboa: Parsifal, 2016), 127-9; 129.

¹⁰ Maria de Deus Beites Manso, *História da Companhia de Jesus em Portugal ...*, 2016, 129.

¹¹ Wicki, *Documenta Indica*, 1948, vol. 1, 12-3; O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 318.

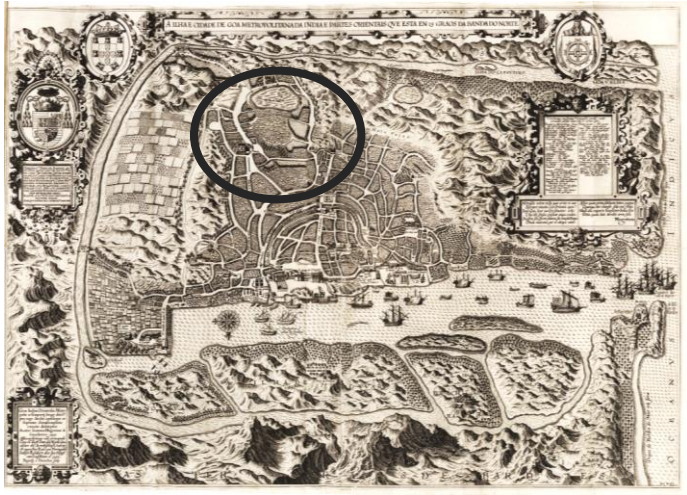
¹² ACL, Ms Azul, 11: *Cartas do Japão* ([s.d.]), f. 3.

¹³ Alden, *The Making of an Enterprise...*, 1996, 45; Wicki, *Documenta Indica...*, 1948, vol. 1, 411-2.

¹⁴ Alessandro Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús en las Indias Orientales: 1542-64* (Roma: Institutum Historicum, 1944), 53.

¹⁵ Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil* (São Paulo: Loyola, 2005), 12-5.

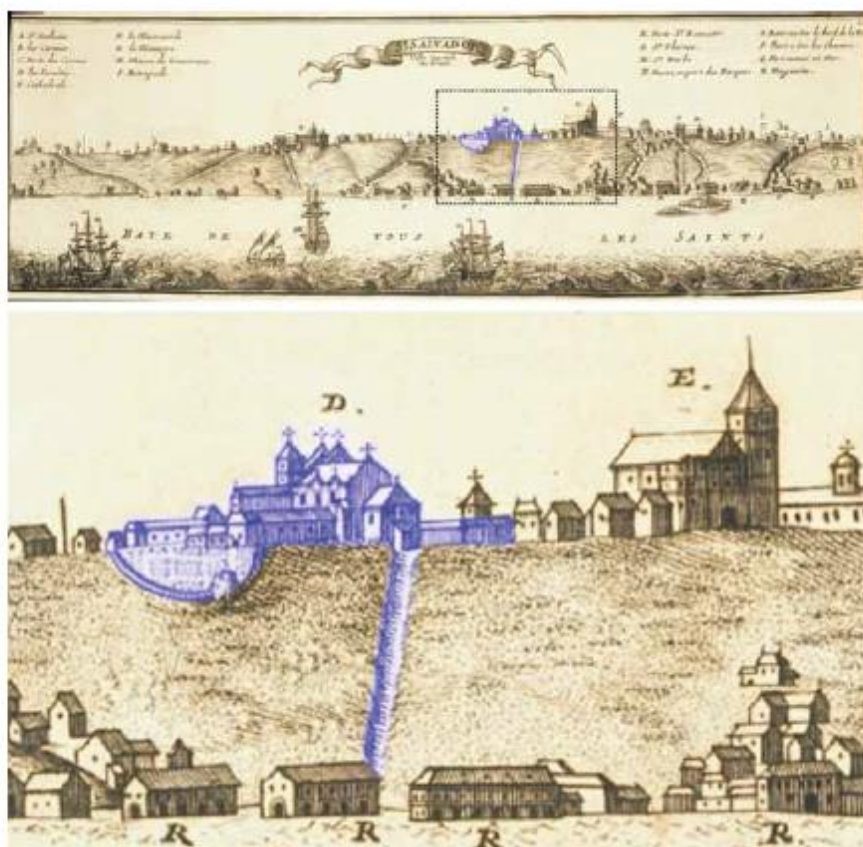
Imagem 1 – O Colégio de São Paulo e seu entorno



Fonte: Linschoten, *Navigatio ac Itinerarium Iohannis Hugonis Linscotani...* 1599

Pe. Manoel da Nóbrega informou, apenas cinco meses depois de sua chegada, que buscava um sítio apropriado dentro dos muros da cidade para edificar o colégio¹. Em razão das vicissitudes diante da resistência dos indígenas à conquista e à fé cristã, os missionários foram abrigados, pelo governador, em casebres de taipa nas proximidades da Sé e do muro da cidade. Neste sítio, no alto da escarpa de onde se avista a Baía de Todos os Santos veio a ser edificado o Colégio dos Jesuítas na Bahia (Ver Imagem 2, 3, 4). Em 1551, Pe. Manoel da Nóbrega indicou que as obras da “casa da Bahia” estavam em andamento, mesmo sem a ajuda da dotação real². Contava, então, apenas com as construções de taipa como acomodações para os padres e irmãos e uma igrejinha³.

Imagem 2 – Cidade de Salvador (?1627) com destaque para a localização do Colégio da Bahia



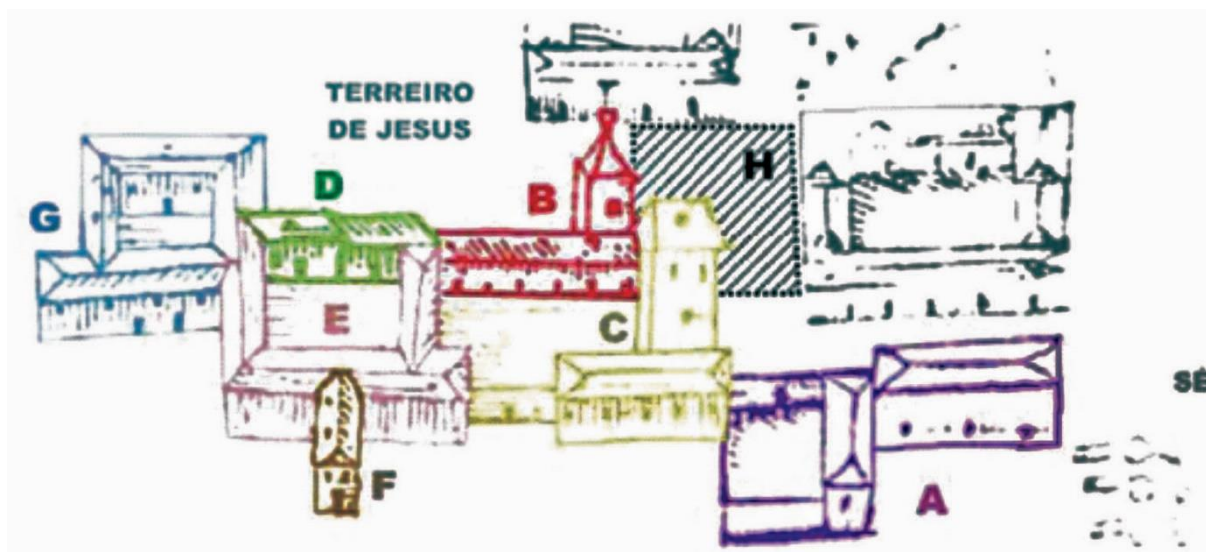
Fonte: Gerritsz, Hessel (1581?-1632). Editoração da Imagem produzida por Carlos Costa em “A influência do Colégio dos Jesuítas na configuração da malha urbana de Salvador-BA (1549-1760)”, 2005, 105

¹ Serafim Leite, *Monumenta Brasiliae* (Roma: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1956), vol. 1, 125.

² Leite, *Monumenta Brasiliae...*, 1956, vol. 1, 271.

³ Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, 2005, 13; 21.

Imagem 3 – Localização espacial do Colégio da Bahia (século XVI – XVII) feita a partir do desenho de Benedictus Mealius (1625)



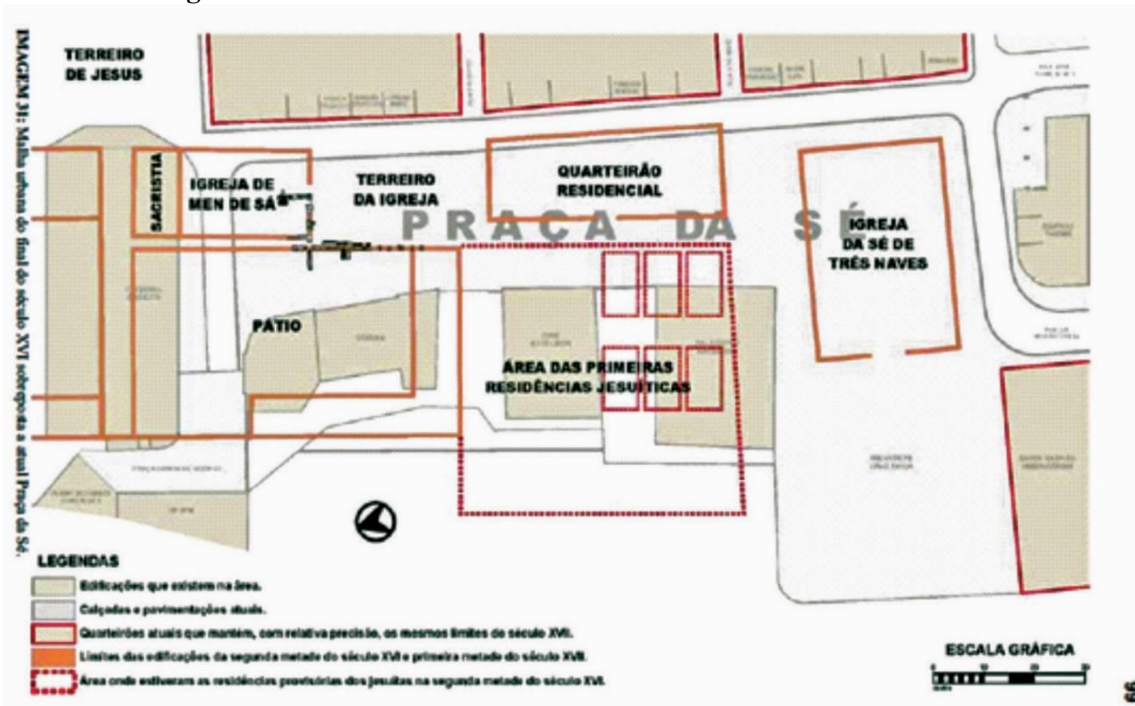
Destaque para a área C apontada como a parte sul com a enfermaria

Legenda:

- | | | |
|---|---|-------------------------------------|
| A – Residências provisórias | D – Corredor da portaria, procuratura, casa de hóspedes, livraria | G – Pátio dos irmãos |
| B – Igreja de Mem de Sá | E – Quartos, oficinas, refeitório, dispensa, rouparia e noviciado | H – Terreiro da Igreja de Mem de Sá |
| C – Parte Sul: capela, enfermaria e adega | F – Cloacas | |

Fonte: Costa, “A influência do Colégio dos Jesuítas na configuração da malha urbana de Salvador-BA (1549-1760)”, 2005, 190

Imagem 4 – “Malha urbana” da cidade de Salvador em fins do século XVI



Fonte: Desenho de Costa, *A influência do Colégio dos Jesuítas na configuração da malha urbana de Salvador-BA (1549-1760)*, 2005, 192.

O crescimento e o ordenamento do Colégio da Bahia contaram com o apoio e as dotações da Coroa. Em carta enviada em 5 de junho de 1555, El-Rey D. João III instruiu o governador D. Duarte da Costa (?-1560) que o notificasse sobre as necessidades de sustento dos 24 Mamelucos e filhos de gentios no Colégio da Bahia. Mostrou-se entusiasmado com os frutos até então alcançados nessa missão e ordenou que lhes fosse dado o necessário para seu sustento, conforme o que parecesse ao governador⁴.

Em outra missiva, de 1556, enviada para o Governador Duarte da Costa, El Rey recomendou que os padres da Companhia fossem providos durante a construção do Colégio, justificando este ato em razão dos frutos que “com sua doutrina, virtudes, e com exemplo fazem em toda coisa do serviço de Nosso Senhor e Salvação das almas”⁵. Posteriormente, por comissão de El-Rey Dom Sebastião (1554-1578), foi dada especial recomendação ao Governador Mem de Sá (1500-1572) para a partilha dos mantimentos (mandioca, arroz ou milho da terra), vestidos e esmolas para o sustento dos religiosos da Companhia. Fez menção às recomendações de seu avô D. João III e estendeu o sustento aos missionários que haviam partido na Armada daquele ano de 1559⁶.

Em 1564, foram remetidos, de Lisboa, o *Padrão da Fundação do Colégio da Baía por D. Sebastião, Rei de Portugal* e o *Alvará da Fundação Régia do Colégio da Baía*⁷. Por esse tempo, o Colégio da Bahia continuava em construção e tinha sua importância reconhecida pela Coroa, atestando estes documentos que se fazia grande obra na empresa de conversão das gentilidades e que servia como centro de onde eram enviados os missionários para os “diversos lugares e muitas partes” das missões no Estado do Brasil⁸.

Os colégios se configuraram como importantes centros de formação de missionários e, também, como pontos estratégicos para os missionários em trânsito⁹. Goa se centrava como principal via de comunicação comercial marítima para os portugueses no Oriente, rota também utilizada pelos inacianos em suas viagens missionárias¹⁰. De Goa, partia-se para as outras

⁴ *Translado do Capitulo de hua Carta que escreveo El Rey Nosso Sr ao Sr e Govor sobre os meninos do Colegio de Jesus*, 113.

⁵ *Translado de hua Carta, que El Rey Nosso Senhor escreveo ao Gov^{or} D. Duarte da Costa sobre os Padres de Jesus*, 143.

⁶ *Carta por onde os Padres de JESUS hão de haver os mantim^{to} cada mez*, 194. APB, 68.

⁷ Serafim Leite, *Monumenta Brasiliae...*, 1956, vol. 4, 94-106.

⁸ Serafim Leite, *Monumenta Brasiliae...*, 1956, vol. 4, 96-7.

⁹ Alden, *The Making of an Enterprise...*, 1996, 75.

¹⁰ Maria de Deus Beites Manso, *A Companhia de Jesus na Índia 1542–1622: Actividades religiosas, poderes e contactos culturais* (Macau; Editora da Universidade de Macau; Évora: Editora da Universidade de Évora, 2009), 70-3, <https://www.rdp.uevora.pt/handle/10174/2310>; M. N. Pearson, “Mercados e continuidades mercantis no Oceano Índico: Situar os portugueses”, em *A expansão marítima portuguesa, 1400-1800*, org. Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto (Lisboa: 70, 2010), 105-7.

províncias na imensidão do Oriente¹¹ e desde o ano de 1552, os missionários se encontravam “repartidos por diversas partes” e visitavam o Colégio de São Paulo para tratar de “negócios importantes ao serviço das almas”¹². No rol dos gastos do colégio procedido pelo vistador Pe. Alessandro Valignano, no ano de 1586, informou-se que “todas as pessoas da Companhia que vão e vem de diversas partes da Província” eram acolhidas. Na chegada com as naus do Reino, alguns missionários residiam por quatro até seis meses para que viessem as monções e pudessem partir para as suas missões de destino¹³.

O Colégio da Bahia servia como pouso para os religiosos com destino à Índia e também em viagens para outras capitanias do Estado do Brasil¹⁴, como, por exemplo, o Pe. Gaspar Afonso, em passagem pela Bahia, que elogiou o colégio no qual foram “recebidos, agasalhados, curados e regalados per todo o tempo que ali estivemos, que foram cinco meses menos quatro dias”¹⁵. Ele e os outros religiosos chegaram tão enfermos que tiveram que ser desembarcados “em braços” e levados “em redes pra casa, que são as cadeiras, andas, e coches que lá se usam”¹⁶. Também o visitador Pe. Christovão de Gouvêa foi recebido e cuidado no Colégio, em sua chegada a Salvador, e agasalhado após suas viagens para Pernambuco e para as capitanias do sul¹⁷.

Os exemplos a esse respeito são numerosos. Observa-se que, neste sentido, os Colégios da Companhia serviam como uma espécie de hospedaria – “casa onde se agasalham os hóspedes, estrangeiros e peregrinos”¹⁸. Notadamente, esta foi a configuração primordial dos colégios nos primeiros tempos de fundação da Companhia de Jesus¹⁹. Em um primeiro momento, entre 1540 e 1547, os colégios atendiam à necessidade de acomodar e servir como dormitórios para os candidatos da Ordem nas principais cidades universitárias europeias. A configuração educativa se mostrou *a posteriori*, atendendo à necessidade de formação dos

¹¹ Manso, *A Companhia de Jesus na Índia 1542–1622...*, 2009, 170.

¹² Sebastião Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça* (Coimbra: Atlântida, 1957), 380.

¹³ Wicki, *Documenta Indica...*, 1979, vol. 14, 470.

¹⁴ Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, 2005, 218-9; José Roberto Amaral Lapa, *A Bahia e a Carreira da Índia* (São Paulo: Hucitec, 2000), 202.

¹⁵ BPE, Cod. CXVI/ 1-16, f. 16: Gaspar Affonso, *Viagem da Nao S. Francisco, escrita pelo padre Gaspar Affonso, hum dos oito da Companhia, que nela hiamos* (Évora, 1599).

¹⁶ BPE, Cod. CXVI/ 1-16, f. 16: Affonso, *Viagem da Nao S. Francisco...*, 1599.

¹⁷ Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil* (São Paulo: Hedra, 2009), 253-98.

¹⁸ O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 544; Rafael C. R. Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* (Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712), vol. 4, 64.

¹⁹ O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 317.

ingressos nas Casas Professas e na aceitação da missão com crianças e jovens nos Colégios²⁰. Segundo O'Malley, “os colégios tornaram-se os centros principais para todos os ministérios jesuítas”²¹.

Enquanto centro de formação missionária, vale assinalar, ainda, que os colégios foram espaços de produção e difusão de saberes e conhecimentos em áreas diversas. Desde a primeira década do Colégio de São Paulo, estava em funcionamento uma tipografia. O Colégio da Bahia possuía, em sua biblioteca, um acervo de mais de 3.000 obras²². Dentre as obras impressas, há que se destacar a primeira edição da obra do doutor Garcia de Orta²³. Também serviram de palco para debates com os letrados locais.

Em 10 de agosto de 1559, dia de São Lourenço, o Colégio de São Paulo serviu de auditório para um grande debate sobre filosofia e medicina com representantes das elites governativas e intelectuais da Índia Portuguesa. Ir. Luis de Fróis afirmou que o físico-mor Dimas Bosque havia proposto o debate e que o vice-rei D. Constantino de Bragança considerou que os inicianos debatessem algumas questões sobre essas matérias²⁴.

Em outra ocasião, em outubro do mesmo ano, no dia consagrado às Onze Mil Virgens, ocorreu a abertura do ano de estudos no colégio. Com muita festa e a igreja toda ornamentada com nova tapeçaria, panos da China e castiçais de prata, se fizeram presentes o vice-rei, o Pe. Patriarca e Bispos assim como oficiais, fidalgos e “a mais gente popular” para assistir às cerimônias. Neste dia, o jovem Ir. Miguel Ferreira apresentou suas conclusões de lógica e foi redarguido por um dos “melhores letrados” que havia naquelas partes, sendo, por aquela altura, velho e “quase decrépito” o já citado doutor Garcia de Orta²⁵. O doutor Dimas Bosque esteve presente em debates sobre filosofia, em outra abertura do ano no Colégio, em 1576²⁶.

Em termos de presença nos espaços coloniais como também na dimensão e alcance dos seus colégios, pode ser evidenciada sua importância na missão desde o Atlântico até o Índico. O Colégio de São Paulo contabilizou um número extraordinário de estudantes para o padrão da época, atendendo a cerca de 2000 estudantes entre 1556 e 1607²⁷. Entre os anos de 1555 e 1556, segundo apontado no *Rol dos moços que há no collegio de Goa doutrinados por*

²⁰ Alden, *The Making of an Enterprise...*, 1996, 16-8.

²¹ O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 323.

²² Manso, *História da Companhia de Jesus em Portugal...*, 2016, 169.

²³ Garcia de Orta, *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India, e assi dalgu[m]as frutas achadas nella onde se tratam algu[m]as cousas tocantes amediçina, pratica e outras cousas boas...* (Goa: Joannes de Endem, 1563), <http://purl.pt/22937/3/#/0>; Manso, *A Companhia de Jesus na Índia 1542–1622...*, 2009, 163-4.

²⁴ Wicki, *Documenta Indica...* 1956, vol. 4, 294.

²⁵ Wicki, *Documenta Indica...* 1956, vol. 4, 294-6.

²⁶ Wicki, *Documenta Indica...* 1968, vol. 10, 461-2.

²⁷ Alden, *The Making of an Enterprise...*, 1996, 45.

os *padres*, conviviam, em suas classes, portugueses, castiços, mestiços, malabares, canarins, bengalas, pegus, cafres, guzarates, armenios e mouros²⁸. Pe. Sebastião Gonçalves enalteceu o papel do Colégio na conversão dos gentios e na conservação da cristandade, afirmando que, desde os tempos do Pe. Francisco Xavier até os seus dias,

[...] cantaram os nossos Padres e Irmãos com voz alta e sonora que a Índia toda ouviu, Europa e o Novo Mundo, mostrando claramente suas forças e valentias em desarreigar da gentildade a idolatria e da cristandade a vida larga que levavam os portugueses ao inferno²⁹.

Dos 24 mamelucos e pouco menos de 20 padres e irmãos que abrigava, em 1557, o Colégio da Bahia, em 1584, já contava com cerca de 60 religiosos³⁰. Em 1557, queixava-se o Pe. Manoel da Nóbrega que não havia ainda a estrutura necessária para bem acomodar padres, irmãos e estudantes em separado, como determinavam as Constituições da Ordem. Apenas havia duas salas de estudo (Gramática e Primeiras Letras), dois dormitórios contíguos para estudantes, outro para padres e irmãos e a sacristia. Das oficinas, apenas havia cozinha, refeitório e despensa³¹. Nas duas décadas seguintes, foram edificados 30 cubículos com o mais necessário para os religiosos e estudantes residentes, assim como a igreja³².

O avultado crescimento do número de padres, irmãos e estudantes repercutiu na necessidade de ampliação dos edifícios. O Colégio de São Paulo foi considerado pelo Pe. Alessandro Valignano como o principal que na Índia tem e “assim no número como nas oficinas e nas demais coisas não é inferior aos maiores e mais famosos colégios que tem a Companhia na Europa”³³. Em 1558, Pe. Antonio da Costa descreveu o edifício como uma “casa muito grande que tem treze cubiculos e grandes” que acomodavam cerca de 30 padres e irmãos. Possuía a capela em devoção a São Tomé, o refeitório com sua despensa, e a horta³⁴.

Pe. Gaspar Dias, em 1567, indicou acomodações mais ampliadas. O Colégio, nesta altura, era sobradado, com 19 cubículos no andar de baixo e mais 20 na parte de cima. Todo o prédio era internamente argamassado com uma coloração avermelhada (“de cor de sândalos”), e contava com as oficinas necessárias. A capela era formada de “grades, retábolo, tudo mui bem

²⁸ ACL, Ms Azul, 11: *Cartas do Japão* ([s.d.]), f. 337.

²⁹ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 26-7.

³⁰ José de Anchieta, “Informação da Província do Brasil 1584”, em *Anaes...* Archivo Público da Bahia, 101-2 (Salvador: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1934), 101.

³¹ Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, 2005, 22.

³² Alden, *The Making of an Enterprise...*, 1996, 73; 74.

³³ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 55.

³⁴ Wicki, *Documenta Indica...* 1956, vol. 4, 181-2.

acabado” e, próximo, em um corredor acima, estava uma escada que levava à horta e ao pomar³⁵. O Colégio recebeu ainda mais acréscimos ao longo dos anos³⁶.

Pe. Matteo Ricci escreveu que, no ano de 1580, o embaixador Abdullah Khân da corte do imperador mongol Akbar visitou Goa e foi recebido pelo vice-Rei D. Luís de Ataíde e a fidalguia da cidade. Nesta ocasião, esteve no Colégio de São Paulo sendo recepcionado pelo provincial Pe. Ruy Vicente com uma “grande festa” para mostrar a igreja e todo o edifício. Por esta altura, estavam concluídas todas as suas oficinas: “a livraria, a botica, enfermaria, noviciado, horta, atafona, ao refeitório onde lhe derão muito bem de merendar”. Toda a estrutura, segundo o inaciano, “pasmou [a] alma” do embaixador, que “disse que aquele colégio era uma cidade pequena, e agradeceu muito aos Padres o agasalhado”³⁷.

Na segunda década de funcionamento sob a administração dos inacianos, foram iniciadas as obras de um novo prédio. Pe. Antonio Quadros, então provincial,

[...] determinou de fazer um colégio novo com sua casa de provação, escolas e igreja, com todas as mais oficinas necessárias que fossem convenientes a uma cidade tão principal como era Goa, e a hum colégio da Companhia que havia de ser seminário e cabeça de tamanha província, como é a Índia³⁸.

Em sua obra sobre a história da Companhia, no Oriente, Pe. Alessandro Valignano também afirmou que a mudança se fazia necessária por ser o colégio de São Paulo a “cabeça principal de toda a província” e estar muito pequeno para “tanta máquina como depois de entregado à Companhia foi aí crescendo”³⁹.

Em carta datada de 1583, o visitador Pe. Alessandro Valignano debateu opiniões a favor e contrárias à intenção de construir o novo colégio e à separação da Casa Professa. De modo favorável, afirmou que se deveria considerar a mudança, pois era necessário “dar remédio às enfermidades e mortes que se padecessem neste colégio”⁴⁰. A “experiência de tantos anos” nessas condições demonstrava que se “destruía esta Província matando os melhores sujeitos que nela temos” e, assim, por tamanho mal causado pelo fato de o sítio do Colégio ser tão enfermo, recomendava que se fundasse o colégio “em outro sitio alegre e são”. Considerou não ser, a mudança do colégio, desperdício, uma vez que seria aproveitado para a Casa Professa e que, por vezes, se abandonava cidades para fugir e despovoar as grandes enfermidades, não se estranhando deixar apenas um prédio⁴¹.

³⁵ Wicki, *Documenta Indica...* 1962, vol. 7, 299.

³⁶ Wicki, *Documenta Indica...* 1975, vol. 13, 151-2.

³⁷ Wicki, *Documenta Indica...* 1970, vol. 11, 840.

³⁸ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús ...*, 1944, 420.

³⁹ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 419.

⁴⁰ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica...* 1975, vol. 13, 360-1.

⁴¹ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica...* 1975, vol. 13, 360-1.

O argumento contrário a essa mudança dizia que, além dos gastos e escândalo por construir-se outro colégio já havendo um edificado, as enfermidades ali não pareciam tão “desesperadas”. A justificativa para não mudarem era que, sendo antes sadia, desde o tempo da guerra (1570) toda a cidade de Goa havia se tornado enferma e que, por aqueles tempos, as enfermidades estavam diminuindo e era possível que a “corrupção” dos ares esmaecesse. Ademais, havia outras casas e um convento dominicano e ninguém havia abandonado as redondezas⁴².

Pe. Sebastião Gonçalves apresentou, em sua obra, a sua opinião sobre os motivos da mudança e a construção do Colégio de São Paulo Novo. Repetiu a informação de que a cidade de Goa era muito sadia, desde a tomada dos portugueses até 1570, “pelo real estandarte da cruz, nela arvorada, mudou os ares, mas daquele tempo por diante houve muitas doenças”⁴³. Observa-se, nessas descrições, a preocupação com a sanidade dos colégios e os elogios a este respeito. As causas das doenças gerais, segundo o inaciano, eram, além dos pecados dos moradores da cidade, um elefante, que lançaram na lagoa junto à igreja da Santíssima Trindade, que havia corrompido os ares de todo o bairro. Nem mesmos os oleiros que, com fogo contínuo, faziam espantar a peste, permaneceram nestas partes. A população, segundo o padre, havia fugido da pestilência assim como os religiosos, que se mudaram para outras partes da ilha a “meter gado nas crastas, pera com seu bafo melhorarem os maus ares de que o collegio andava como apestado”⁴⁴.

Suas descrições sobre a pestilência e a os modos de a sanar seguiam um repertório comum à medicina hipocrática. Os maus ares eram considerados a principal causa da peste, como se viu anteriormente no Capítulo I⁴⁵. O doutor Francisco Franco afirmou, referendado pelo filósofo naturalista Plínio (23-79), que o fogo possuía propriedades medicinais e, portanto, deveria ser utilizado para afugentar os maus ares. A indicação de que o gado tornava os ares mais sadios foi também mencionada pelo médico português que citou como exemplo o casamento de Dom Afonso, príncipe de Portugal, com Isabel de Castela, que por haver pestilência em Lisboa, seria celebrado em Évora. Chegando o mal nesta cidade, afirmou que todos os moradores foram retirados e foi posto gado para pastejar dentro de seus muros. Vale

⁴² Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica...* 1975, vol. 13, 363.

⁴³ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 98.

⁴⁴ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 98.

⁴⁵ Francisco Franco, *Libro de enfermedades contagiosas y de la preseruacion dellas* (Seuilla: por Alonso de la Barrera, 1569), 3-4.

destacar que a principal orientação em meio à peste era a fuga, como, com efeito, se fez na mudança para um novo colégio⁴⁶.

Há recorrentes notícias de que o Colégio de São Paulo era considerado pouco sadio. Pe. Nicolau Lancilloto informou ser este “tão doentio, tão abafado, que os Padres e Irmãos que nele vivem são quase sempre doentes”⁴⁷. Em 1561, Pe. Francisco Henriques afirmou que o colégio abrigava 60 religiosos e cerca de 100 meninos e era um pouco doentio. A razão, segundo o padre, era estar situado “ao pé de um monte, por cujo respeito não tem tanto ar como a terra demanda”⁴⁸.

Na carta geral de Goa do ano de 1571, foi noticiada uma “doença geral de febres” que acometera a quase todos do Colégio. A enfermidade foi descrita como de grandes dores em todo o corpo, ficando o enfermo “tolheito de pés e mãos”. Logo após essa enfermidade, a cidade de Goa foi tomada por uma enfermidade “mui furiosa e terrível de uns frios e febres malignas como peste” que desatinava o enfermo e, em breve tempo, matou muitos. A doença durou muitos meses e “os nossos já não cabiam na enfermaria”, segundo apontou na carta, sendo necessário que se curassem pelos cubículos⁴⁹.

As notícias a respeito das muitas enfermidades no Colégio de São Paulo se repetem nas missivas. No princípio do verão no ano de 1578, visitou o Senhor as terras de Goa “com extraordinárias enfermidades”, segundo as palavras do Pe. Gomes Vaz. Era tão maligna a enfermidade, com grandes febres, e matava em tão pouco tempo que achou por bem o reitor seguir as recomendações do médico e enviar os enfermos a outras partes. Em busca de ares melhores, os estudantes, padres e irmãos doentes foram enviados a Cochim e às partes do norte da Índia⁵⁰. Em 1580, os religiosos sofreram de enfermidades “contínuas e largas, de maneira que na verdade tem cargas quase insofríveis e incomparáveis”⁵¹. Tantas enfermidades se refletiam nos gastos do colégio. A botica, médicos e enfermarias com dez ou doze enfermos convalescentes que, em tempos de doença geral, passavam dos 25, faziam com que, por vezes, se dispendesse quase 10% de todo o gasto ordinário anual⁵².

No Colégio da Bahia, não foram apontadas doenças gerais que tivessem acometido os padres, irmãos e noviços, apesar de a capitania ter vivenciado graves epidemias⁵³. Para o Pe.

⁴⁶ Franco, *Libro de enfermedades contagiosas y de la preseruacion dellas*, 1569, 16; 57; 15.

⁴⁷ Wicki, *Documenta Indica...* 1954, vol. 3, 455.

⁴⁸ Wicki, *Documenta Indica...* 1958, vol. 5, 165.

⁴⁹ ANTT, Armário Jesuítico, Liv. 28. Mf. 136: *Livro em que se escrevem as coisas notáveis que nas cartas da Índia, Japão e China...*, [s.d.], f. 11.

⁵⁰ Wicki, *Documenta Indica...* 1970, vol. 11, 264-5.

⁵¹ Wicki, *Documenta Indica...* 1975, vol. 13, 157.

⁵² Wicki, *Documenta Indica...* 1979, vol. 14, 469; 472.

⁵³ Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, 2005, 398.

José de Anchieta era a terra do Brasil considerada tão sã que escreveu a esse respeito, em 1554, ao Pe. Ignácio de Loyola. Recomendou, então, que, quando fossem construídas as casas da Companhia pelas terras do Brasil, se trocasse “os indispostos” da Europa (“desde que tenham propensão à virtude”) pelos mestiços com “qualidades para ser Irmãos” a serem enviados para Portugal. Afirmou que com “os trabalhos e bondade da terra”, como experimentavam os missionários enfermos, logo se curariam⁵⁴. Capistrano de Abreu destacou que a “decantada[...] salubridade da terra” atraiu missionários com conhecidas enfermidades de Coimbra em busca de cura. Assim o fez o então noviço José de Anchieta que sofria dos rins, em função de um acidente sofrido, e, também, Pe. Gregório Serrão, Pe. Dício, Ir. Luiz de Carvalho, Pe. Rui Pereira e outros⁵⁵.

A localização do Colégio da Bahia – seja pelas descrições seja pelas concepções médicas – parecia atender ao ideal de sanidade. Sua estrutura de taipa levou quase duas décadas para passar a uma de pedra e cal de ostra e com todas as acomodações julgadas necessárias. Em 1585, Pe. Fernão Cardim escreveu, por comissão do Visitador Pe. Chistovão de Gouvêa, uma concisa descrição do Colégio afirmando que, por aquele tempo, estava o colégio quase terminado, sendo então “quadra formosa com boa capela, livraria, e alguns 30 cubículos, os mais deles têm as janelas para o mar”. Tendo vista para a Baía de Todos os Santos, podia-se enxergar os cardumes, as baleias e as naus atracadas próximo à praia. Elogiou a igreja e seus “ricos ornamentos” de tecidos, paramentos de ouro e prata e relíquias⁵⁶. Abrigava, neste tempo, 60 religiosos, envolvidos nas lições e classes, assim como a “escola de ler e escrever” e na conversão dos índios⁵⁷.

Em *Informações da Província do Brasil* (1584), Pe. José de Anchieta descreveu, de maneira semelhante, a estrutura do Colégio da Bahia. Apresentou, com mais minúcias, a disposição das oficinas do Colégio segundo os pontos cardeais. Do lado oposto à porta da Igreja, no poente, estavam 19 câmaras (nove, no piso acima, e dez “embaixo com as janelas sobre o mar”). Na parte noroeste, possuía sete câmaras, em cima, e seis, embaixo, “todas forradas de cedro e amplas mais que as de Coimbra”. Na parte sul, no piso superior, abrigava a capela e a enfermaria, “de boa grandeza”, e, no inferior, a despensa e a adega⁵⁸.

⁵⁴ José de Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933), 68.

⁵⁵ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 65.

⁵⁶ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 1939, v. 168, 255.

⁵⁷ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 1939, 257.

⁵⁸ Anchieta, “Informação da Província do Brasil 1584”, 1934, 101.

A inauguração do Colégio da Bahia apenas se deu entre 1590 e 1591⁵⁹. Em fins do século XVI, Pe. Gaspar Affonso elogiou a sua formosura e afirmou que era grande tanto no número de padres e irmãos quanto no edifício. Considerou a vista para a Baía de Todos os Santos bastante curiosa por possibilitar que se avistassem as baleias, em suas “festas, saltos e danças”⁶⁰. Descreveu, ainda, que o Colégio contava com uma quinta fora da cidade (a Quinta do Tanque), com árvores verdejantes todo o ano, fontes de água e pomar de frutas, como ananazes⁶¹.

As descrições confluem para o entendimento da medicina no período moderno. Doutor Francisco Franco recomendou que, para fugir da peste, se buscasse refúgio em locais altos, bem arborizados e com bom odor⁶². As descrições do Pe. Fernão Cardim e do Pe. José de Anchieta parecem coincidir nos elogios por estar o colégio sempre arejado e possuir dentro de suas cercas uma fonte de água e muitas árvores⁶³. Na compreensão hipocrático-galênica, importava assegurar o equilíbrio dos humores por meio de bons ares e, também, do estabelecimento de oficinas para tratamento e cuidado com enfermos e convalescentes.

Ao longo das descrições dos colégios, foram apontadas as classes, capelas, livrarias, cubículos, entre outros. A esta investigação, interessam as indicações sobre as enfermarias, afinal, os cuidados com os enfermos foram expressamente recomendados pelo padre fundador Ignácio de Loyola segundo quem era necessário que todas as casas inacianas tivessem a seu serviço um físico, para os cuidados com padres, irmãos, noviços e estudantes⁶⁴. Pe. Gaspar Dias, em 1567, descreveu que, no andar de cima, na parte norte do Colégio de São Paulo, estava “uma formosa enfermaria e muito grande e fresca”⁶⁵. A enfermaria do Colégio da Bahia foi elogiada, em 1598, pelo Pe. Pero Rodrigues que afirmou que nela havia “o melhor que se pode dar aos enfermos”⁶⁶. Por certo, as enfermarias eram respostas a essa recomendação e também ao cotidiano de doenças e pestilências nas mais variadas partes das missões.

No decorrer dessa investigação, foram coligidos relatos sobre enfermidades dos missionários, em Goa e na Bahia, e/ou que tenham sido cuidados nos colégios⁶⁷. Em que pese não servir esta informação para fins estatísticos, observa-se a comum prevalência das febres e, em menor número, as menções a câmaras e enfermidades ligadas às vias respiratórias como

⁵⁹ Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, 2005, 23.

⁶⁰ Affonso, *Viagem da Nao S. Francisco...*, 1599. BPE, Cod. CXVI/ 1-16, f. 18.

⁶¹ Affonso, *Viagem da Nao S. Francisco...*, 1599. BPE, Cod. CXVI/ 1-16, f. 18.

⁶² Francisco Franco, *Libro de enfermedades contagiosas y de la preseruacion dellas* (Seuilla: por Alonso de la Barrera, 1569), 15.

⁶³ Anchieta, “Informação da Província do Brasil 1584”, 1934, 101; Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 1939, vol. 168, 256.

⁶⁴ Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, 2005, 6; O’Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 526.

⁶⁵ Wicki, *Documenta Indica...* 1962, vol. 7, 299.

⁶⁶ Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, 2005, 401.

⁶⁷ Wicki, *Documenta Indica...* 1948, vol. 1; Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1956, vol. 5.

asma, tísica e “doença dos peitos”. Algumas dessas enfermidades foram apontadas como anteriores à partida para as missões. Como exemplos célebres e muitas vezes descritos em suas hagiografias/biografias, vale mencionar as febres quartãs do Pe. Francisco Xavier e as dores e debilidade corporal do Pe. José de Anchieta⁶⁸.

A saúde dos missionários a serem enviados para as partes do Oriente foi matéria tratada pelo Pe. Alessandro Valignano. Em seu *Summario de las cosas pertencem a la Provincia de Japon, y al gobierno della (...)*, recomendou ao Rev. Pe. Geral Claudio Acquaviva que atentasse sobre a escolha de um bispo do Japão para que fosse “bem disposto” e “de conveniente idade”. Preveniui que, além dos perigos das viagens desde a Europa, este haveria de “acomodar[-se] a novos ares, a novos costumes, novos comerres, e novo modo de viver, e em aprender nova língua, bem se entende q[ue] há de ter saúde, e não deve passar de mais de quarenta e poucos anos mais ou menos”⁶⁹.

Em resposta à solicitação do Pe. João de Polanco, de 1559, Pe. Antonio de Quadros remeteu uma “sindicação” de todos os padres e irmãos da Província da Índia. Além de mencionar as atividades que os religiosos cumpriam, informou sobre a compleição de cada um deles segundo suas forças morais e corporais. É interessante notar que esse indicativo, muitas vezes, refletiu a relação entre gozar saúde e estar apto para o serviço como “soldado de Cristo”. Dentre os padres e irmãos dos quais sabia informar a situação, metade estava “bem disposto” e “rijo”; a outra metade “fraca e enferma” e com enfermidades específicas como problemas nos pés, no estômago e, ainda, dores de pedra. Cinco padres foram apontados com melancolia e um irmão se encontrava doido do juízo⁷⁰. Não é difícil concluir que este quadro interferia na organização da atividade missionária no Estado da Índia.

Outros catálogos com o mesmo teor foram produzidos, em 1584 e 1594⁷¹. Nestas listagens, os religiosos do Colégio de São Paulo foram descritos, em sua maioria, como robustos e com boa disposição. Não foram apontados os males ou enfermidades que acometiam os fracos/mediócrs e enfermos, sendo a proporção destes de menos 1/3 em relação aos sadios.

Vale notar que a compleição dos padres e irmãos foi apontada em categorias com base nas qualidades dos humores quente, frio, seco e úmido. Respectivamente os missionários foram categorizados conforme o seu temperamento, que era causado pelos humores naturais:

⁶⁸ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 36-7; Simão de Vasconcelos, *Vida do veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Jesu, taumaturgo do Nouo Mundo, na Prouincia do Brasil* (Em Lisboa: na officina de Joam da Costa, 1672), 5.

⁶⁹ Tradução livre. BPE, CXVI/2-11a n° 44: *Fragmentos pertencentes à história e governo da Companhia de Jesus no Japão e Índia* ([s.d.]), f. 40.

⁷⁰ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 397-405.

⁷¹ Wicki, *Documenta Indica...* 1975, vol. 13, 599-658; 1984, vol. 16, 927-89.

sanguíneos, fleumáticos, melancólicos, coléricos/biliosos⁷². Esta identificação não era fortuita e constituía parte essencial da *anamnese* (coleta de informações) do enfermo, e possibilitava a determinação de um prognóstico ou diagnóstico⁷³.

Nos relatos coligidos acerca das enfermidades, observa-se que as causas apontadas estavam interligadas às concepções da teoria humoral: os sítios insalubres, os corpos celestes, os calores e uma *diata* inadequada. Desse modo, as enfermidades ocorriam pelas condições de sanidade do sítio em que estava e por alguma enfermidade. Por exemplo, a terra de Goa não foi considerada de sanidade para o tísico Pe. Juan Cabral, causa apontada para o seu óbito no ano de 1576⁷⁴. A razão ainda poderia ser a influência dos astros. A lua fazia a asma do Pe. Melchior Nunes Barreto ficar ainda pior, motivo pelo qual ele procurou um físico, em 1559, que lhe indicou uma “água de pau” para que ficasse são⁷⁵.

Havia enfermidades que eram diretamente atribuídas à acomodação aos diferentes comeres e climas. Pe. Melchior Nunes Barreto, em missão no Japão, sofreu para além dos problemas com a asma⁷⁶. Pe. Sebastião Gonçalves apontou que “os comeres e camas da terra” que consistiam em “comer arroz sem coisa que lhe dê sabor” e “dormir em uma esteira com um pau à cabeceira” lhe causaram uma longa enfermidade: por três meses, o padre foi acometido de “febres e frios cotidianos”, acabando por embarcar para Goa, “posto que [estava] convalescente e fraco”⁷⁷. Por vezes, eram apontados fatores múltiplos, como foi o caso do Pe. Micael Barrul que, em razão dos “maus comeres” e de muito trabalho na Costa da Pescaria, faleceu de umas febres que duraram sete dias⁷⁸. O mesmo ocorreu ao Ir. Bartolomeu Carrilho que adoeceu de febres e câmaras e veio a falecer em quatro dias, em Punicale, no ano de 1560⁷⁹.

Os exemplos de narrativa sobre as enfermidades entre Goa e Bahia (em maior proporção, no primeiro sítio) se multiplicam. No extenso *corpus* orientador da Companhia de Jesus, estava manifesta a preocupação com a conservação da saúde dos religiosos⁸⁰. Nas *Regras*

⁷² Wicki, *Documenta Indica...* 1975, vol. 13, 609-20; 1984, vol. 16, 935-59.

⁷³ Georges Vigarello, *História das práticas de saúde: A saúde e a doença desde a Idade Média* (Lisboa: Editorial Notícias, 2001), 18; Mary Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna: Novas abordagens da história europeia* (Lisboa: Replicação, 2002), 69; 88; Dulce O. A. Santos e Maria Dailza C. Fagundes, “Saúde e dietética na medicina preventiva medieval: O regimento de saúde de Pedro Hispano século XIII”, *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 17, 2 (jun. 2010): 337-38; Lisbeth de Oliveira Rodrigues, *Os hospitais portugueses no Renascimento 1480-1580: O caso de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha* (Tese de Doutorado, Universidade do Minho, 2013), 63.

⁷⁴ Wicki, *Documenta Indica...* 1968, vol. 10, 457.

⁷⁵ Wicki, *Documenta Indica...* 1956, vol. 4, 362.

⁷⁶ Wicki, *Documenta Indica...* 1956, vol. 4, 362.

⁷⁷ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 132.

⁷⁸ Wicki, *Documenta Indica...* 1956, vol. 4, 140.

⁷⁹ Wicki, *Documenta Indica...* 1958, vol. 5, 14.

⁸⁰ O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 526.

da Companhia, impressas em Évora no ano de 1582, “o fim desta Companhia” era a “salvação & perfeição das almas próprias com a graça divina” e também a missão evangélica. Esta vocação, ainda segundo o texto, fazia com que os soldados de Cristo estivessem no “serviço de Deus, & ajuda das almas” nas mais diversas partes do mundo⁸¹.

Simplicidade e humildade era a regra para um modo de vida considerado apropriado para o cotidiano dos colégios e as vivências dos missionários. Nas *Regras*, afirmou-se que “a pobreza” era “como muro forte da Religião, se deve amar & conservar em sua pureza, quanto for possível com a graça divina”⁸². O voto repercutia não somente em não acumularem bens pessoais como também em evitar uma vida fausta e dedicada à luxúria. “O comer, vestir, & dormir há de ser como coisa própria de pobres, & cada um se persuada que o pior de casa lhe há de dar, para maior sua abnegação, & proveito espiritual”, recomendavam as *Regras*⁸³.

As recomendações e as vivências dos colégios buscavam expurgar práticas que não fossem consideradas modestas. Os “olhos, ouvidos, & língua” deveriam ser conservados na “paz & verdadeira humildade de sua alma”⁸⁴. O princípio norteador do modo de vida – em termos morais e de saúde – era a conservação da pureza e a negação dos extremos⁸⁵. Sobre o primeiro ponto, vale assinalar que o voto do celibato era entendido, no modo de vida inaciano, como o esforço para uma vida pura. Nas *Regras*, foi assinalado que este ponto era evidente e que todos deveriam procurar “imitar a pureza dos anjos com a limpeza do corpo & alma”⁸⁶.

Conforme apontado no capítulo anterior, acreditava-se que os calores dos trópicos estimulavam a luxúria, que deveria ser evitada, a todo custo, pelos jovens religiosos⁸⁷. Pe. Henrique Henriques escreveu do Ceilão para o Padre Geral Pe. Jacobo Lainez, no ano de 1561, sobre esta matéria. Relatou que o clima da ilha inclinava ao “mal” e que os religiosos se sentiam “mais tentados da sensualidade nestas partes”⁸⁸. Afirmou que queria licença para experimentar uma mezinha que os *iogues* (monges ascetas) da Índia usavam para mortificar a carne e que não causava nenhum dolo, “de maneira que apetite nenhum lhe vem de sensualidade, posto que se ofereçam todos os objetos dela”⁸⁹. De Trento, Pe. Jacobo Lainez recomendou ao Pe. Henrique Henriques que fizesse essa solicitação ao Provincial e que procurasse os médicos e se “não é coisa que faça dano à saúde, sem mistura com superstições, nem escândalo aos próximos” não

⁸¹ António Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu* (Em Lisboa: per Antonio Ribeiro, 1582), 2.

⁸² Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 8.

⁸³ Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 8.

⁸⁴ Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 8.

⁸⁵ O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 527.

⁸⁶ Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 9.

⁸⁷ O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 533.

⁸⁸ Wicki, *Documenta Indica...* 1958, vol. 5, 382.

⁸⁹ Wicki, *Documenta Indica...* 1958, vol. 5, 382.

pensava ser inconveniente tomar tal mezinha⁹⁰. Contudo, o Padre Geral seguinte, Pe. Francisco Borgia, determinou que deixasse essa mezinha e usasse o que os “servos de Deus” comumente usavam⁹¹.

Em que pese os exemplos edificantes, não era incentivado que os inicianos levassem uma vida ascética⁹². John O’Malley assinalou as prescrições dos padres Oviedo e Polanco sobre a controvérsia do ascetismo e a orientação para que a obediência aos seus superiores fosse a abnegação vivenciada pelo modo jesuítico⁹³. Pe. Francisco Xavier recomendou que os cuidados com os enfermos nos hospitais e com os presos assim como as demais obras de misericórdia seriam a mortificação adequada para os inicianos⁹⁴.

Ainda nas *Regras*, foi determinado que os castigos corporais não fossem demasiados ou indiscretos que pudessem causar “dano, & impedir maiores bens”⁹⁵. Nas *Regras do Colégio de Goa* foi determinado não fazer “penitências particulares” sem a licença do reitor ou do confessor e que se alguém soubesse que outro o fazia em segredo, que informasse aos superiores⁹⁶, afinal, era necessário estar forte e são para adentrar os caminhos das missões.

Apresentar um “cuidado moderado” para “conservar a saúde & forças corporais” foi considerado digno do serviço e de louvor. As *Regras* recomendavam que sempre se avisasse aos superiores quando houvesse algo que fizesse mal ou quando pudessem ser providos de maneira mais satisfatória, “quanto ao comer, vestir, habitação, ofício, o exercício, & assim de outras coisas”⁹⁷, e que não realizassem demasiado trabalho corporal para que não “se afogue o espírito & receba dano o corpo”⁹⁸. Com preceitos bastante coincidentes com os princípios hipocrático-galênicos, recomendava-se que os religiosos atentassem para a *dieta*: alimentação, vestuário, atividades recreativas e descanso⁹⁹.

4.2 Enfermeiros e Médicos nas enfermarias dos colégios

⁹⁰ Wicki, *Documenta Indica...* 1958, vol. 5, 661.

⁹¹ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica...* 1960, vol. 6, 526.

⁹² Hsia R. Po-Chia, *The world of Catholic renewal, 1540-1770* (Cambridge, UK: New York: Cambridge University Press, 1998), 31; Jean Delumeau, *O pecado e o medo: A culpabilização no Ocidente; séculos 13-18* (Bauru: Edusc, 2003), vol. 1, 594-6; Rangel, “A arte da salvação: Ascetismo no Portugal da reforma católica (1564-1700)” (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2012), 22-3.

⁹³ O’Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 539-40.

⁹⁴ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 496.

⁹⁵ Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 16.

⁹⁶ Wicki, *Documenta Indica...* 1950, vol. 2, 341.

⁹⁷ Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 15.

⁹⁸ Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 15.

⁹⁹ O’Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 526.

O padre fundador Ignácio de Loyola, assim como os primeiros inicianos, produziu uma série de recomendações e normas, como as *Regras da Modéstia* ou *Regras de Comportamento* (1555) e as muitas determinações deixadas pelo Pe. João Nadal¹⁰⁰. Até mesmo sobre como se portar, mexer a cabeça, as rugas do rosto e o tom da voz foi prescrito nas *Regras*¹⁰¹. A organização destas normas foi publicada de modo mais conciso a partir das últimas décadas do século XVI, fruto, em grande parte, da experiência e do cotidiano dos religiosos¹⁰².

Desde o ano de 1552, portanto, anterior ao *Ratio Studiorum* e, até mesmo, à finalização das *Constituições*, Pe. Gaspar Barzeo havia redigido as *Regras do Colégio de Goa*. Foram dispostas as regras gerais para os padres, irmãos e estudantes e aquelas específicas para os encarregados das funções de ensino, como o mestre de meninos, havendo recomendações expressas para os padres e irmãos que cuidavam das oficinas do colégio. As *Regras para os Enfermeiros* foram escritas no bojo da tentativa de universalização dos métodos e fundamentos da missão jesuítica.

O Colégio de São Paulo possuía regras e orientações para o enfermeiro muito semelhantes às prescrições comuns nos hospitais. Nas ordens para os enfermeiros, foram determinadas algumas tarefas cotidianas: logo pela manhã, os irmãos visitariam os enfermos e se informariam para “dar conta ao físico” e tudo o que fosse ordenado por este oficial deveria ser cumprido com “diligência”. Estava ao encargo deles avisar ao cozinheiro o que o médico ordenasse para a dieta do enfermo e todas as orientações terapêuticas deveriam ser escritas e ordenadas “para que não erre nas coisas que são necessárias para sua saúde”. A limpeza deveria ser sempre mantida, de forma que “não cause fastio ao enfermo” e, ainda, zelariam pelas roupas dos enfermos, guardadas em uma arca e caso perdessem algo receberiam penitência do “mestre de casa”¹⁰³.

Os enfermeiros deveriam ser, em seu “ofício”, a representação da humildade do próprio Cristo. Segundo as Regras, “todas as obras de misericórdia” seriam exercitadas conforme a necessidade do enfermo e com toda a paciência. Qualquer “desgosto e nojo” com “os fedores das enfermidades” eram como lembranças dos pecados cometidos, advertindo, com o exemplo de Cristo, que o monte de estrume do Monte Calvário não o aborrecera enquanto lavava “os vossos pecados”. Toda modéstia era estimulada e somente dariam roupas se fossem necessárias

¹⁰⁰ O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 518-9; Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 24.

¹⁰¹ Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 25.

¹⁰² O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 518.

¹⁰³ Wicki, *Documenta Indica...*, 1950, vol. 2, 354-5.

e as conservas seriam usadas com moderação, “lembrando-vos quão pobres somos e que vivemo-las de Jesus Cristo”¹⁰⁴.

Todos os ofícios, até os considerados mais “baixos & humildes”, deveriam ser aceitos com prontidão, principalmente aqueles que poderiam gerar “maior repugnância”. Era necessário que sempre conservassem a obediência e a autoridade não somente em relação ao superior, mas a todos os “oficiais subordinados” que tivessem encargos, tais como os da cozinha ou de outras oficinas¹⁰⁵. Ao mestre da casa, recomendou-se que provesse aos enfermos de forma liberal e que, mesmo que houvesse extrema carestia, com os sãos passando fome, que cuidasse prioritariamente dos doentes. O irmão roupeiro deveria, além de deixar consertadas todas as vestimentas e sapatos, conservar “camisas e roupa mais fina” para os enfermos. O despenseiro controlaria azeite, vinagre, manteiga e arroz e tudo o mais que estivesse na despensa e cuidaria das galinhas (principal dieta para os enfermos)¹⁰⁶.

Não foram encontradas regras redigidas do/para o Colégio da Bahia. Contudo, por certo buscavam aplicar e seguir as normas publicadas e enviadas desde Roma e Portugal. Por exemplo, nas *Regras da Companhia de Jesus*, publicadas em Évora no ano de 1603, foram apontadas recomendações para funções diversas nos Colégios, a maioria delas destinada aos irmãos coadjutores. Deste impresso, interessam, particularmente, as determinações para os enfermeiros sobre o cuidado com os enfermos e o respeito ao funcionamento e hierarquia dos colégios, estando os enfermeiros submetidos ao cumprimento das ordens do Superior e do Prefeito de Saúde e, caso não houvesse este último, eles deveriam substituí-lo. O primeiro ponto foi a indicação de que, tão logo se soubesse de alguém enfermo, que se fizesse avisar ao Prefeito (de Saúde) e ao Superior, e que este último cuidasse de mandar chamar o médico. O enfermeiro era o único, além do cozinheiro, que poderia guizar e cozinhar de forma “particular”, sendo necessária, contudo, a autorização do Superior. Os enfermos deveriam ter lugar próprio no Refeitório, recebendo estritamente o que lhes fora determinado pelo enfermeiro, a partir das recomendações para sua convalescença¹⁰⁷.

As atribuições dos enfermeiros compreendiam o cuidado com o sustento e o asseio dos corpos e o zelo pela salvação das almas. Deste modo, era sua responsabilidade garantir que houvesse todas as coisas necessárias para o cuidado do doente, compradas “a tempo”, “boas” e “bem preparadas”. Deveriam, ainda, fazer manter “as casas dos enfermos” – como eram

¹⁰⁴ Wicki, *Documenta Indica...*, 1950, vol. 2, 355.

¹⁰⁵ Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 6; 12.

¹⁰⁶ Wicki, *Documenta Indica...*, 1950, vol. 2, 351; 357; 361.

¹⁰⁷ Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 13, 9, 28; 25.

denominadas as enfermarias no documento – “muito limpas” e que “as camas se façam bem consertadas”; cuidar das “mezinhas & todas as coisas necessárias para os enfermos” caso não houvesse boticário na casa; e atentar para o armazenamento das medicinas, para que não estragassem e que se fizessem a seu tempo, “conforme a ordem do Superior”. Nos hospitais, deveriam fazer cumprir todo o ordenado pelo médico, sem faltar ou mudar coisa alguma na alimentação, terapias e saída da cama. Eram, ainda, responsáveis por anotar todas as informações sobre a enfermidade: “o dia em que cada um começou adoecer, & a hora em que as febres começam, & acabam”. Caso fosse doença contagiosa, os enfermeiros deveriam atentar em separar dos outros enfermos as roupas e todo o resto usado¹⁰⁸.

Os enfermeiros deveriam sofrer “com paciência, & caridade” todas “as moléstias, & dificuldades” na cura dos enfermos, cuidando para que não faltasse nada aos doentes com o “devido serviço”, mas que tivessem “tento” para que os “imoderados trabalhos” e/ou as doenças contagiosas não acabassem por adoecê-lo. Também deveriam entreter o enfermo, alegrando e consolando: colocando raminhos nas camas, “com palavras espirituais, & alegres”, livros de recreação, informando ao Superior quem poderia visitar o enfermo. Contudo, advertiu-se que não se fizesse coisas que pudesse causar algum mal no intento de “contentar aos enfermos” e zelar pelos cuidados com as almas¹⁰⁹.

No caso de doença grave, que avisassem ao Superior para que todos os Sacramentos fossem recebidos e que os da casa fizessem orações particulares, e, estando o enfermo muito tempo na cama, que se comungasse a cada oito dias, “conforme ao costume da Companhia” para que “não careça desta consolação, & fruto espiritual”. Deveriam ajudar no “bem morrer”, animando e ajudando “com os socorros, que em tal tempo se requerem”. Estava também sob sua obrigação o cuidado com os mortos. Avisado o Sacristão, deveriam amortilhar “segundo o costume da terra” e enterrar em até um dia (“salvo por razão do mau cheiro parecesse ao Superior antecipar-se o tempo”)¹¹⁰. Em que pese não tenham sido encontrados relatos mais detalhados a esse respeito, o respeito ao “costume da terra” poderia ser apontado como indício da adaptação dos missionários às condições locais.

Dessas recomendações, depreende-se o corpo de encarregados nos cuidados com os enfermos nos Colégios, de maneira bastante próxima à organização das enfermarias dos hospitais do Reino. Havia físico, cirurgião, cirurgião barbeiro, enfermeiro, boticário e os servidores, conforme apontado no segundo capítulo desta tese. Nas cartas, catálogos e obras

¹⁰⁸ Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 9-11.

¹⁰⁹ Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 11-12; 10.

¹¹⁰ Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 12; 13.

gerais sobre a história da Companhia, há registros sobre padres e irmãos cumprindo essas atividades, fosse de maneira caridosa em razão de alguma grave enfermidade ou pestilência, fosse por ser esse o seu ofício ou formação anterior à entrada na Ordem.

Desafortunadamente, as informações disponíveis sobre os oficiais, nos colégios da Bahia e de Goa, não aparecem de forma seriada, o que dificulta o seu mapeamento e uma análise mais detalhada sobre o trânsito na Província da Índia e do Brasil. Para que se possa observar a presença desses oficiais, foi assinalado, no Quadro 1, o nome, o ano em que foi registrada a atividade e a província em que desempenhava o papel de boticário, cirurgião, enfermeiro e/ou médico. Observa-se que há menção mais constante à presença de enfermeiros e boticários nos colégios. Em termos proporcionais, estes eram, em sua maioria, irmãos coadjutores.

Em que pese a conhecida proibição de os religiosos se envolverem no cuidado direto das enfermidades, foram recolhidas notáveis menções a padres e irmãos que possuíam instrução ou formação como médicos e cirurgiões. Ir. Pedro Afonso (1528-1578), sobre o qual se tratará no capítulo seguinte com o Hospital dos Pobres da Terra, havia estudado três anos de cirurgia antes de ingressar na Ordem¹¹¹, assim como o cristão-novo Ir. Luis Almeida que, em sua vida, pregressa, aprendera “alguma coisa de cirurgia” e que foi servir com este ofício no Japão¹¹².

No tocante à assistência e práticas de cura na Enfermaria do Colégio de São Paulo, vale destacar as menções acerca do físico. No ano de 1586, Pe. Alessandro Valignano remeteu uma petição ao Geral da Ordem, Pe. Claudio Acquaviva, solicitando o envio de “algum padre que soubesse de medicina” para a Província da Índia, especialmente, para o Japão. A razão para tal solicitação era o constante número de enfermos e a ausência de médicos de forma que “muitos morrem por falta de quem os saiba curar”. Isto afetava até mesmo os vice-reis que, segundo o inaciano, apenas contavam com cirurgiões cristãos-novos pouco confiáveis, a seu serviço. Muitas vezes, a governança de Goa e seus cidadãos solicitaram à Coroa que enviasse médicos, afirmou o visitador¹¹³.

Quadro 1 – Registro de Padres e Irmãos com funções de Boticário, Cirurgião, Enfermeiro e Médico (1542-1622)

| Nome | Padre/ Irmão leigo | Missão | Boticário | Cirurgião | Enfermeiro | Médico | Outras funções |
|-----------------|-----------------------|--------|-----------|-----------|------------|--------|----------------|
| Aleixo Dinis | Irmão | Índia | | | X | | |
| Álvaro Coelho | Irmão | Índia | | | X | | |
| André Fernandes | Padre | Índia | | | X | | |

¹¹¹ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 100.

¹¹² Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 512.

¹¹³ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica...*, 1979, vol. 14, 294.

| | | | | | | | |
|-------------------------|--------|----------------|---|---|---|---|--|
| António Gomes | Irmão | Brasil | X | | | | |
| Antonio João | Irmão | Índia | | | | | sangrador |
| Antonio Paez | Irmão | Índia | | | X | | |
| Antonio Sodré | Irmão | Índia | X | | X | | |
| B. Loffreda | Padre | Índia | | | | X | |
| Baltasar Nunes | Padre | Índia | | | X | | |
| Bartolomeu dos Santos | Irmão | Índia | | | X | | |
| Benito Goes | Irmão | India | | | X | | |
| Bento Lopes | Irmão | Brasil | | | X | | |
| Christovão da Costa | Irmão | India | | | X | | |
| Diogo Martins | Irmão | Brasil | | | X | | prefeito de saúde |
| Fernão de Souro | Irmão | Índia | | | X | | sangrador |
| Fernão Nunez | Irmão | Índia | X | | | | |
| Francisco Vieira | Irmão | Índia | | | X | | |
| Gaspar Antonio | Padre | Índia | X | | | | |
| Gaspar Barzeo | Padre | Índia | X | | | | |
| Gaspar de Araujo | Irmão | Índia | | | X | | |
| Gaspar de Crasto | Irmão | Índia | | | X | | |
| Gaspar Francisco Barzeu | Padre | Índia | X | | X | | cozinheiro |
| Gaspar Osoro | Padre | Índia | | | | | “ocupasse do Hospital” |
| Giambattista Giaccopuzi | Irmão | Brasil | | | | | Tinha o curso de Artes e 2 anos de Medicina; |
| Gonçalo de Moura | Irmão | Índia | | | X | | |
| Gonçalo Fernandes | Irmão | Índia | | | X | | |
| Gonçalo Madera | Irmão | Índia | | | X | | |
| Gonçalo Vaz | Irmão | India | X | | | | aplicou cristéis |
| Joaham Bravo | Irmão | India | | | X | | |
| Joán Baptista | Padre | Índia | | | | X | |
| João Azpicuelta | Padre | Bahia | | | X | | |
| João Cabral | | India | | | | | coadjutor do enfermeiro |
| João de Faria | Noviço | Índia | | | | | coadjutor do enfermeiro |
| João Gonçalves | Padre | Brasil | | | X | | |
| João Martin | Irmão | Índia | | | X | | |
| João Nogueira | Irmão | Índia | X | | | | |
| João Nunes | Padre | Índia | | X | X | X | |
| João Rodriguez | Irmão | Índia | | | X | | |
| Jorge Caldeira | Padre? | Índia | | | X | | |
| José Anchieta | Padre | Brasil | | X | X | | alparcateiro, albeitar |
| Lazaro Ribeiro | Irmão | Índia - Margão | X | X | X | | |
| Leonardo Nunes | Padre | Brasil | | | X | | |
| Lourenço Alvares | Irmão | Brasil | X | | X | | |
| Luis Almeida | Irmão | Índia | | X | | | |
| Luis Mendes | Irmão | India | | | X | | |
| Manoel Barros | Irmão | India | | | X | | |
| Manoel Teixeira | Irmão | India | | | X | | |
| Manoel Gomez | Irmão | Índia | | X | X | | |
| Manuel Nunez | Irmão | Índia | | | | | coadjutor do enfermeiro |
| Manuel Pacheco | Irmão | Goa | | | X | | |
| Manuel Tristão | Irmão | Bahia | | | X | | |

| | | | | | | | |
|---------------------|-------|--------|---|---|---|---|--------------------|
| Melchior Dias | Irmão | Índia | | | X | | |
| Luis Mendes | Irmão | Índia | | | X | | |
| Micer Paulo | Padre | Índia | | | X | | |
| Nicolao Lancillotto | Padre | Índia | | | | | |
| Paulo Camerino | Padre | Índia | | | X | | |
| Pedro Afonso | Irmão | Índia | X | X | X | | Outras |
| Pedro da Cunha | Irmão | Brasil | X | | X | | procurador |
| Pero Correa | Padre | Índia | | | X | | |
| Pero d' Alcaceva | Irmão | Índia | | | | | |
| Pero Gomes | Irmão | Goa | | | X | | |
| Pero Montero | Irmão | Goa | X | | | | |
| Pero Vaz | Irmão | Índia | | | X | | |
| Sebastião da Cruz | Irmão | Brasil | | | X | | porteiro |
| Simão Barreto | Irmão | Índia | | | X | | |
| Simón Hernandez | Irmão | Índia | | | X | | |
| Thomas Stephanus | Irmão | Índia | | | | X | |
| Vicente Rodrigues | Irmão | Bahia | | | X | | curava os enfermos |

Fonte: *Documenta Indica* 1-18, *Monumenta Brasiliae* 1-5

Pe. Alessandro Valignano apontou os motivos para a dificuldade de envio de físicos do Reino, em primeiro lugar, porque considerou que, em Portugal, a medicina não apresentava tanto prestígio como na Itália, o que justificava o fato de muitos licenciados serem cristãos-novos¹¹⁴. A influência judaica e a presença de cristãos-novos na cultura médica portuguesa no período moderno foi discutida por Lígia Bellini. A autora identificou a “preeminência” desse grupo “tanto com a “medicina letrada quanto com a prática médica junto à população”. Contudo, desde fins do século XV, concomitantemente ao processo de perseguição aos judeus na Península Ibérica e à instalação do Tribunal da Inquisição, houve um processo cada vez mais abrangente de expurgação, na sociedade portuguesa como um todo e, particularmente, na área médica, a migração de respeitáveis intelectuais¹¹⁵.

A segunda explicação apontada pelo Pe. Alessandro Valignano foi a de que os que eram bons médicos não queriam partir para o Oriente e aqueles que para lá iam apenas almejavam juntar riquezas. Pelo exposto, desejava o padre que fossem enviados médicos de virtude, que pudessem servir em Goa e no Japão. Nessa última parte, justificou a necessidade, pois, mesmo que a missão nessas ilhas ainda fosse diminuta, não tardaria que as enfermidades crescessem conforme o número de missionários “e os médicos japoneses curavam ao seu modo, que [é] de todo muito contrário ao nosso”¹¹⁶.

¹¹⁴ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica...*, 1979, vol. 14, 294.

¹¹⁵ Bellini, *Grande fulcro: Representação do corpo e cultura médica no Portugal Renascentista* (São Paulo: UNIFESP, 2016), 90-5.

¹¹⁶ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica...*, 1979, vol. 14, 294; 295.

Interessante destacar essa crítica do Pe. Alessandro Valignano à medicina dos japoneses¹¹⁷. Também em Goa e, mais especificamente, no Colégio de São Paulo, havia outros “modos” para as práticas de cura. Em carta atribuída ao Pe. Henrique Henriques datada de 1548, foi noticiada a peleja dos religiosos da Companhia com um médico bramane que os assistia. Era este físico “grande homem em a sua lei” e entrava em diversas disputas por questões de fé. Era de tal modo “terrível”, na opinião do narrador, que, quando os inacianos estavam a vencer em argumentos, “logo se [ia] malicioso e malíssimo”. Por fim, afirmou que “não [havia] nele senão toda a má peçonha”¹¹⁸.

Apesar dessa opinião nada elogiosa, os físicos da terra convertidos eram por vezes bem requisitados para curar enfermidades que os médicos portugueses desconheciam. Em 1565, Pe. Francisco Lopez informou sobre “a passagem” do Pe. Josepho Ribeiro “deste vale de lágrimas para a pátria celestial”. A causa havia sido uma grave doença na mão esquerda semelhante a impigem – “achaque cutâneo”, segundo Bluteau¹¹⁹ – que havia crescido de tal maneira que o padre já não sentia as partes da carne do braço. Buscando curar-se, partiu de Cochim para o Colégio de Goa e procurou, com “toda diligência que pôde por os meios da obediência”, a cura. Consultou os médicos portugueses, que “não entenderam a doença”. Chamou-se, então, um “físico cristão da terra, homem experimentado em muitas curas” que lhe aplicou algumas ervas que, “de tanta força”, acabaram por provocar chagas ainda piores. Em apenas nove dias o padre veio a falecer¹²⁰.

Em 1579, Pe. Ruy Vicente escreveu sobre a desconfiança com os médicos da terra. Afirmou que não havia alguém a quem pudessem entregar “a saúde e a vida dos irmãos com a devida confiança”. Elogiou a caridade do Ir. João Batista de Loffreda que, com seu ministério, realizava muitas curas no colégio e também no hospital anexo. Sobre o médico que curava no

¹¹⁷ Ismael C. Vieira, “Japoneses e europeus e suas maneiras de curar o corpo visto por um jesuíta do Século XVI”, *CEM Cultura, Espaço e Memória: Revista do CITCEM* 6 (2015): 73-93; Teresa Lacerda, “As visões do outro chinês, japonês e filipino e os métodos de missão: Notas para uma história comparada dos jesuítas do padroado e do patronato”, in *O estado da Índia e os desafios europeus: Actas do XII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, org. João Paulo e Costa, Vitor Luís Gaspar Rodrigues; e *International Seminar on Indo-Portuguese History* (Lisboa: Centro de História de Além-Mar, 2010), 329-46; Jorge Henrique Cardoso Leão, “Os jesuítas e a participação dos auxiliares Japoneses na missão nipônica (1549-1614)”. *Angelus Novus*, nº 6 (2014): 57-74.

¹¹⁸ Wicki, *Documenta Indica...*, 1948, vol. 1, 254.

¹¹⁹ Rafael C. R. Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* (Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712), vol. 3, 63.

¹²⁰ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica...*, vol. 6, 415.

hospital, afirmou que era “homem sem letras”, razão pela qual “padeciam muitos[...] e graves incômodos”¹²¹.

Essas afirmações de que era um médico da terra que assistia na enfermaria do Colégio de São Paulo e em algum dos hospitais de Goa não eram de se estranhar e levantam algumas questões sobre a assistência e os oficiais de saúde, destacadamente, os médicos no Império Português¹²². No Capítulo I, foi identificada a carência de físicos nas naus da Armada, espelhando um panorama geral do Reino. A falta de licenciados se fez traduzir no próprio *Regimento do Físico* (1515) publicado no reinado de D. Manuel I (1495-1521). Neste documento, determinou-se que todo português e estrangeiro que fosse licenciado deveria prestar exame ao físico-mor. Ordenou-se, ainda, que, nas partes em que não houvesse físico, que homem ou mulher que tivesse experiência em cura de algumas enfermidades fossem também examinados¹²³.

Quando as concepções e práticas médicas hipocrático-galênicas chegaram a bordo das naus europeias no processo de expansão e conquista comercial, na Índia, confrontaram-se e, por vezes, dialogaram com diferentes teorias e concepções de cura e doença. Como por exemplo, o sistema ayurveda, em sua acepção definido como o conjunto de conhecimentos e práticas para alcançar a longevidade. Enquanto um sistema de práticas médicas foi baseado em aspectos de prevenção e prescrição, abrangendo todos os fatores da vida, “incluindo limpeza dos dentes, dieta, exercício, regimes, moralidade”¹²⁴. A principal chave interpretativa, análoga à teoria grega hipocrático-galênica, é a teoria dos humores (tridosa-vidya) – o vento (vata), o calor (pitta) e a fleugma (kapha) –, que interagem com os sete constituintes do corpo: “língua, sangue, carne, gordura, ossos, medula e semem”. Assim como na medicina Ocidental moderna, para conservar a saúde, é necessário ter moderação. Na alimentação, no sono, nos exercícios, no sexo e nos remédios, faz-se imperioso o “limite, racional, controlado e equilibrado”¹²⁵. As doenças, por sua vez, advêm de causas internas (humores e má digestão), externas (influência do ambiente) e mentais (“por não se ter o que se quer”)¹²⁶.

¹²¹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1970, vol. 11, 707.

¹²² Fatima da Silva Gracias, *Health and Hygiene in Colonial Goa, 1510-1961* (Nova Delhi: Concept Publishing Company, 1994), 117.

¹²³ Priscila Aquino Silva, “O Hospital Real de Todos-os-Santos e seus agentes da cura”, *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 22, 4 (dez. 2015): 1345; Laurinda Abreu, “A organização e regulação das profissões médicas no Portugal Moderno: Entre as orientações da Coroa e os interesses privados”, em *Arte médica e imagem do corpo: De Hipócrates ao final do Século XVIII*, ed. Adelino Cardoso, António B. Oliveira e Manuel S. Marques, 97-122 (Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2010), 98-9.

¹²⁴ Wujastyk, *The roots of Ayurveda...*, 1998, 3.

¹²⁵ Wujastyk, *The roots of Ayurveda...*, 1998, 4.

¹²⁶ Wujastyk, *The roots of Ayurveda...*, 1998, 70.

Desde ao menos o século V a.C., a tradição ayurvédica foi consolidada em um texto escrito em sânscrito intitulado *Compendium de Caraka*, dividido em 120 capítulos, que apresenta as principais recomendações quanto a farmacologia, dietética, causas das enfermidades e terapias¹²⁷. Sobre as práticas médicas, afirma que existem três tipos: a sacra (ligada à ritualística e às cerimônias hindus, com recitação de mantras e oferendas aos deuses); a racional (utilizando princípios terapêuticos na “dieta, medicinas e drogas”); e uma terceira que combinava bons pensamentos e se afastar de tudo que pudesse ser prejudicial ao indivíduo. Sobre os médicos, afirma que o bom e virtuoso deveria saber conciliar conhecimentos teóricos e as práticas¹²⁸.

Garcia de Orta fez notas elogiosas aos “médicos da terra” a respeito da cura de algumas enfermidades, como câmaras e febres¹²⁹. Em princípios do século XVII, Pe. Sebastião Gonçalves apontou a presença dos “panditos” ou médicos “dos quais a Índia está bem povoada”. Relatou que estes eram formados em medicina nas universidades e que curavam com “símplices, muito doutra maneira que os nossos físicos”¹³⁰. No sistema de castas da cosmogonia hindu, os panditos eram brâmanes e estavam no topo da hierarquia cultural e social (Imagem 5).

Imagem 5 – Brâmane representado por Linschoten



¹²⁷ Helaine Selin, *Encyclopaedia of the History of Science, Technology, and Medicine in Non-Western Cultures* (Springer Science & Business Media, 1997), 23-4; Wujastyk, *The roots of Ayurveda...*, 1998, 41.

¹²⁸ Wujastyk, *The roots of Ayurveda...*, 1998, 72-3.

¹²⁹ Garcia de Orta, *Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais da India, e assi dalgu[m]as frutas...* (Goa: Joannes de Endem, 1563), 274-5, <http://purl.pt/22937/3/#/0>

¹³⁰ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 67.

De Goa, Pe. Sebastião Gonçalves descreveu os brâmanes como de “vivo engenho” e “chatinarias”, razão pelo que são comumente “mercadores e botiqueiros, e posto que igualmente nobres, huns são mais ricos que outros, e conforme a riqueza assy são estimados, como acontece em todo mundo”¹³¹. Observou que, mesmo após a conversão ao Cristianismo, permaneciam muito afeitos à honra e embora trocassem os seus nomes gentílicos, não tiravam os apelidos e deixavam em vida muitas obras públicas¹³².

Dentre os aspectos da sociedade goesa destacados pelos cronistas e missionários, vale ressaltar a descrição sobre a sua organização social permeada pela cosmogonia hindu e sua compreensão estratificada através do sistema de castas. Pe. Sebastião Gonçalves descreveu em pormenores os mitos de origem do mundo e das muitas divindades assim como os lugares sociais e as respectivas castas¹³³. Em sua experiência como pregador, afirmou o inaciano que era povo de difícil conversão e pouco afeito à razão¹³⁴.

Segundo François Pyrard, os brâmanes eram “mestres e superiores entre os idólatras”¹³⁵, “gente industriosa” em Astrologia e outras ciências, “mui espertos em tudo, e mui destros”. Elogiosamente, declarou ser “gente meiga, pacífica, e que guarda inviolavelmente sua fé e palavra” e afirmou que esta boa reputação era semelhante à de eclesiásticos, filósofos e doutores europeus. Relatou, ainda, que, em Goa, exerciam “a medicina e a farmácia ao modo dos portugueses e da Europa”¹³⁶.

Vale ressaltar, contudo, que, assim como prescrito no *Compedium de Caraka*, havia mais de uma forma de prática médica ligada à ayurvédica e ao hinduísmo. Para além dos que praticavam a medicina em um regime bastante semelhante às concepções hipocrático-galênicas e à teoria dos humores, havia os que eram acusados de feitiçaria. Pyrard, em sua descrição sobre Calecute, em fins do século XVI, apontou, sumariamente, a prática de medicina pelos “feiticeiros”, afirmando que não havia naquelas partes outras “mezinhas nem outros remédios” além da feitiçaria. Narrou que tanto gentios quanto mouros tinham por costume consultar feiticeiros e adivinhadores para saber a sorte. Segundo o francês, esses feiticeiros “se ataviavam

¹³¹ Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos...*, 1971, 24.

¹³² Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 24.

¹³³ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 62-5.

¹³⁴ Sebastião Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça*, ed. Joseph Wicki (Coimbra: Atlântida, 1962), 197.

¹³⁵ François Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval: Contendo a notícia de sua navegação às Índias Orientais* (Porto: Livraria Civilização, 1944), vol. 2, 32-3.

¹³⁶ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 1, 277.

como verdadeiros diabos e só de noite vão visitar os enfermos, levando fogo na boca, nas orelhas, nos pés e nas mãos; cobertos todos de pelo postiço e uma infinidade de campainhas, que fazem uma estranha e horrível bulha”. Além disso, faziam parte do ritual, “diversos gestos, mormices e superstições, ofertas e promessas ai diabo em presença dos enfermos, que com isso se hão por muito aliviados”¹³⁷.

Pe. Alessandro Valignano, por sua vez, qualificou os hindus como de “pouco entendimento” e sem qualquer tipo de ciência, especialmente nas coisas de após a morte. Afirmou que todo o seu entendimento estava posto em coisas de comer e da terra e destacou que alguns tinham conhecimentos em Medicina e Astrologia: “sabem tanto sobre eclipses como nós”. De modo geral, sabiam “escrever e compor seus livros de histórias e canções em prosa e verso”. Por fim, concluiu que, comparados aos europeus, eram “vis e baixos, ainda que homens racionais, que se sabem governar e reger bem a seu modo”¹³⁸.

Em manuscrito datado do século XVIII, o clérigo João Jacques da Cunha escreveu duras críticas sobre a relação entre a Medicina e a Magia segundo os preceitos brâmanes. Referendado nas epístolas de S. Francisco Xavier, acusou-os de serem “os piores, e mais perversos de todos os índios, fraudulentos, falsários, e mentirosos, ainda se jactam de mais ilustres e nobres da Índia”. Comparou-os a feiticeiros que viviam de enganar os homens, pois diziam aos gentios que os deuses ficavam irados quando não lhes faziam ofertas as quais, na verdade, os brâmanes tomavam para si. Ameaçavam o povo de que se não fizessem o que diziam, iriam “pagar com mortandade, doenças e incursões de Demonios” que metiam “nos corpos, e casas dos gentios e Idolatras. os efeitos o juram ser isto muito verdade”¹³⁹.

Em um trecho do sermão de S. Lucas atribuído ao Pe. Antônio Vieira no qual este afirmava que “Brâmanes na Ásia uniram a sua Ciência Mágica com a médica, para que o que não podia alcançar a medicina conjeiturando, suprisse a Magia adivinhando”, com o que concluiu o autor que a medicina dos brâmanes nada mais era que magia, que “aprend[iam] e exercita[vam] tendo por mestre dela ao maldito Demônio”¹⁴⁰.

No terceiro livro sobre a vida do Pe. Francisco Xavier, Pe. Sebastião Gonçalves apresentou argumentos atribuídos ao “beato padre” sobre a enganação dos brâmanes e suas curas na Costa da Pescaria. Comparou o comportamento dos brâmanes que, visitando o enfermo não procuravam consolá-lo, antes “consolar a si”, pedindo ofertas de “fanões ao pagode, tanto

¹³⁷ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 1, 293.

¹³⁸ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progresso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 30.

¹³⁹ João da Cunha Jaques, *Espada de David contra o Golias do Bramanismo péssimo inimigo do Nosso senhor Jesu Cristo verdadeiro Deos e verdadeiro homem* (Salsete [s.d.], 2-3), p. 13v. BA: 49-II-9.

¹⁴⁰ Jaques, *Espada de David contra o Golias do Bramanismo...*, 19, 19v.

sândalo, tantos carneiros e que logo receberá saúde”. Por sua vez, afirmou que os padres cuidavam que os cristãos examinassem a consciência, confessassem os pecados. E, “por que Deus muitas vezes castiga nossas culpas com doenças”, acontece de, por vezes, o doente arrependido recobrar a saúde sem “remédios humanos” através da vontade divina¹⁴¹.

Cumpra notar que as descrições feitas sobre a religiosidade e os costumes de povos não europeus estavam imbuídas da compreensão ibérica e católica moderna. Em um manuscrito de autoria não atribuída intitulado *Lei dos gentios e substancias que elles creem e em que tem que esta em toda a sua salvação* (?1599) há uma interessante descrição da cosmogonia hindu. De forma muito semelhante à narrativa bíblica monoteísta, afirma a origem do universo a partir de Parabrama: “dizem que invisível e eterno todo poderoso todo bom e fermoso e doce e suave finalmente dizem que neste Parabrama estão toda as perfeições e dizem que ele criou o céu & terra e todos os elementos de que foram compostos todas as coisas que há neste mundo”. Do seu desejo de ter filhos nasceram os outros deuses, cada qual de uma parte de seu próprio corpo: da boca, Maesu, dos seios, Visnu, e do umbigo, Brama, cada um destes deuses principais tendo sua função, respectivamente, na criação, regeneração e adoração¹⁴².

Em 1557, Dom Gonçalo da Silveira (1556-1559) avaliou a utilidade da liberação do estudo sobre “os livros dos ritos e errores dos infieis que há, *scilicet*, mouros, gentios, judeus, na nossa ou na propria língua”, justificando para tal, o fato de assim se poder conhecer as “mentiras e desatinos e abominações” que seus livros propagavam, esperando que “o próprio caminho para os converter por razões é sabendo-lhe a língua e lendo-lhe os livros, e deles os arguindo”¹⁴³. A autorização para a consulta nos livros gentílicos foi enviada, por Roma, em 1558. A justificativa foi baseada na ideia de que os que se dedicavam à conversão dos infieis necessitavam confrontar os “erros de suas seitas”¹⁴⁴.

Em meados do século XVI, há a notícia de que a livraria do Colégio de Goa abrigava as obras comuns para as classes e, também livros hindus. A esse respeito, vale mencionar o caso narrado pelo Ir. Luis Fróis sobre uma obra clássica da literatura védica *O Mahabhata* atribuída a Veda Vyasa¹⁴⁵. A copilação desta narrativa de cunho moral e filosófico havia sido feita por um certo doutor brâmane que nela trabalhou por cerca de oito anos e segundo o inaciano, foram levadas (roubadas) por Manoel d’Oliveira, jovem brâmane convertido. No colégio, estas obras

¹⁴¹ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 273.

¹⁴² BPE, CXV/2-7: *Lei dos gentios e substancias que elles creem e em que tem que esta em toda a sua salvação*, [s.d.], CXV/ 2-7, fl. 42-3.

¹⁴³ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 4.

¹⁴⁴ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 65.

¹⁴⁵ Vyasa e Carlos Afonso Malferrari, *O Mahabharata*, org. Buck, William (São Paulo: Cultrix, 2014).

foram transladadas e serviam, segundo o irmão, para desbaratar e confundir os brâmanes que, com seus “enganos”, eram, em suas palavras “imitadores” do demônio¹⁴⁶.

A partir de meados do século XVI, houve um recrudescimento na perseguição das gentilidades em Goa¹⁴⁷. Pe. Pedro de Almeida, em carta enviada no ano de 1558, de Goa, noticiou aos padres e irmãos de Portugal a proibição e o impedimento às práticas gentílicas naquelas partes. De início, indicou o crescimento da cristandade no período do governo de Pe. Dom Gonçalo com o auxílio do Pe. Francisco Rodriguez para a execução das provisões e privilégios de forma que “nenhum gentio servisse ofício nenhum da república e que todos os servissem os cristãos” e, ainda, que as rendas reais, antes de gentios, passassem somente aos cristãos. Além disso, começaram a fazer cumprir “as penas e castigos” no impedimento das cerimônias públicas e “ocultas”. Relatou o padre que não mais eram permitidos seus casamentos (com suas “invocações diabólicas e lavatórios”), suas festas (como as oferecidas em devoção a “Ganesa, Vinachoti e Vinaico” e nos pagodes), apreendeu-se livros “de suas falsidades e fábulas de seus deuses” e prendeu-se o dono deles e o enviaram para a casa dos cativos por quatro meses. Pena mais severa recebera um gentio que tinha fama de “grande feiticeiro”. Afirmou o padre que havia sido notícia o fato de que ele possuía mais de “500 elefantes fantásticos”. Ao chegarem a sua casa foram encontrados 12 de metais e de pedra. O suposto feiticeiro foi preso e enviado ao vigário geral. Como pena, foi sentenciado a perder toda a sua fazenda (renda) e ainda foi degredado para as galés e açoitado com a carocha “para exemplo dos que fizerem o semelhante”¹⁴⁸.

Pe. Me. Belchior Nunes Barreto escreveu da Índia em 1559 sobre algumas notícias da “limpeza da fé” e o combate às gentilidades, “cerimônias judaicas”, blasfêmias e heresias que, com o empenho da Inquisição, se fazia em Goa. Advertiu o padre que a largueza da terra e a mistura de cristãos, mouros, judeus e gentios alargava as “contigências das gentes”. Elogiou, ainda, o rigor do Pe. Dom Gonçalo e rechaçou a acusação de que o estabelecimento da Inquisição afugentaria a muitos para as partes dos mouros “e se forem alguns hereges melhor é que andara entre nós e contaminara até dos bons cristãos”¹⁴⁹.

Pe. João Batista de Ribera, em missiva do ano de 1565, informou sobre a permanência de ritos e costumes gentílicos em Goa. Em suas descrições, declarou que a cidade era “mui

¹⁴⁶ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 335.

¹⁴⁷ Ângela Barreto Xavier, *A invenção de Goa: Poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII* (Lisboa: Impr. de Ciências Sociais, 2008), 131; Célia Cristina da Silva Tavares, *A cristandade insular: Jesuítas e inquisidores em Goa 1540-1682* (Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2002), 148-214.

¹⁴⁸ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, p. 204-5.

¹⁴⁹ ACL, Ms. Azul, 12: *Cartas dos Padres da Companhia de Jesus* ([s.d.]), 113.

alegre e aprazível”, com ruas e edifícios “no modo moderno”. Viviam os cristãos (portugueses e “naturais”) juntamente com muitos gentios, mouros e brâmanes “que estavam em seus ritos e cegueiras, ainda que não fosse permitido nem em público ou em segredo, quanto ao uso de suas superstições e idolatrias”. Afirmou, ainda, que, caso fossem descobertos, ou “levavam suas vidas” ou faziam-se cristãos¹⁵⁰.

Pe. Alessandro Valignano, no *Regimento pera os padres que estão nas Costas de Travancor e Pescaria* (1575), instruiu sobre os perigos da conservação de ritos e cerimônias gentílicas, recomendando que fossem feitas investigações para que não se permitisse construir pagodes, que não se façam “nem feitiços, nem agouros”, não houvessem adivinhadores, encantadores de peixe, feiticeiros, que se buscasse mudar os costumes, como as bebedeiras, os divórcios, os amancebamentos e que sempre se inquirese “se os mestres dos lugares curam com feitiços e augouros” e se havia “casa de alcove ou alcoviteiras”¹⁵¹.

Na documentação consultada, não foram encontradas outras informações sobre a presença de físicos da terra na enfermaria do Colégio de São Paulo. Cabe, contudo, a indagação sobre se as práticas de cura arroladas nas enfermarias dos colégios de fato tinham lugar. Conforme apontado no capítulo anterior, a construção de saberes sobre cura, no Oriente e na América, pelos inacianos esteve, muitas vezes, em diálogo com as culturas dos povos nativos. Sobre práticas que pudessem ser “hibridizadas” nos colégios (tomando de empréstimo a expressão de Timothy Walker) há relatos menos pormenorizados¹⁵². Há que se destacar essas nuances da presença de concepções de cura não europeias nas enfermarias dos colégios.

4.3 Entre Lavatórios, Sangrias, Mezinhas e a Dieta

Tornando ao relato do Pe. Jerônimo Lobo, quando da sua chegada ao colégio de Cochim, observa-se que os banhos/lavatórios eram a primeira medida para intentar restabelecer a saúde ou livrar o missionário recém-chegado dos “maus ares” das naus. A higiene e a limpeza de si e da casa era considerada necessária para a “saúde & edificação”¹⁵³, contudo, a explicação dada pelo inaciano para o banho não foi em resposta às orientações da Ordem sobre o cuidado do

¹⁵⁰ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica...*, 1960, vol. 6, 543.

¹⁵¹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1970, vol. 11, 16-7.

¹⁵² Timothy Dale Walker, “Supplying Simples for the Royal Hospital: An Indo-Portuguese medicinal garden in Goa 1520-1830”, em *Making of the Luso-Asian World: Intricacies of engagement*, org. Laura Jarnagin e Institute of Southeast Asian Studies, Portuguese and Luso-Asian Legacies in Southeast Asia, 1511-2011 (Singapore, 2011), 23.

¹⁵³ Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 19.

corpo. Escrevendo este relato cerca de uma década após este episódio, afirmou que tal prática era própria da “gente da Índia” que “se preza[va] de muito limpa”¹⁵⁴.

O banho tinha valor terapêutico atribuído no *corpus* hipocrático-galênico e, também, no milenar sistema ayurvédico. Vale notar que, embora com algumas variações, ambos os sistemas de compreensão e explicação do funcionamento do corpo estão relacionados à teoria humoral. Dentre outras coisas, o equilíbrio dos humores poderia ser alcançado através da moderação e da sanidade da alimentação, dos ares, do descanso, das atividades físicas e, no que destacadamente interessa, do banho. Neste sentido, compreende-se a indicação clara e expressa sobre o asseio dos enfermos e os banhos nos Hospitais e tratados médicos na Península Ibérica¹⁵⁵, assim como as ideias registradas séculos antes no *Compêndio de Caraka*, no qual o banho foi listado dentre as terapias externas indicadas para reequilibrar os humores e afastar as doenças¹⁵⁶.

É importante assinalar, ainda, que a menção às “águas cheirosas” não era fortuita. Os bons cheiros e aromas seriam um dos meios para se afastar o fétido e o putrefato, sinais iminentes da peste¹⁵⁷. Nos relatos coligidos, não foram encontrados registros sobre a composição para a aromatização do lavatório apenas mencionando-se o uso de ervas¹⁵⁸. Sabidamente, a medicina ocidental moderna foi influenciada por um amplo repertório de produtos não europeus (e seus usos) com reconhecidas propriedades medicinais¹⁵⁹. As ervas aromáticas faziam parte do repertório das especiarias comercializadas através do Oriente e com grande prestígio e uso no Ocidente¹⁶⁰.

Também não era irrelevante a menção à temperatura da água para a medicina hipocrático-galênica. Doutor Francisco Morato Roma (1588-1668), em seu guia para enfermeiros, listou os “banhos universais” dentre os medicamentos exteriores e o “banho

¹⁵⁴ Lobo, *Itinerário e outros escritos inéditos...*, 1971, 213.

¹⁵⁵ Lawrence Conrad, *The Western Medical Tradition: 800 BC to AD 1800* (Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1998), vol. 1, 11-70; Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna...*, 2002, 9-13; Rodrigues, *Os hospitais portugueses no Renascimento 1480-1580...*, 2013, 59-72.

¹⁵⁶ Wujastyk, *The roots of Ayurveda...*, 1998, 73.

¹⁵⁷ Vigarello, *História das práticas de saúde...*, 2001, 26; 45; Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa moderna...*, 2002, 179.

¹⁵⁸ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 263.

¹⁵⁹ Anthony John Russell-Wood, *Um mundo em movimento: Os portugueses na África, Ásia e América 1415-1808* (Lisboa: DIFEL, 1998), 265-7; Gruzinski, *As quatro partes do mundo...*, 2009, 247-70; Ines G. Županov; Ângela Barreto Xavier, “Quest for permanence in the Tropics: portuguese bioprospecting in Asia 16th-18th Centuries”, *Journal of the Economic and Social History of the Orient* 57, 4 (2014): 511-48.

¹⁶⁰ Jacques Brosse, *A rota das especiarias* (Lisboa: Inapa, 1989); José E. M. Ferrão e A. Eduardo B. Leitão, *A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses: Exposição* (Lisboa: Inst. de Investigação Científica Tropical/CNCDP/Fundação Berardo, 1992); Rui Loureiro, “Drogas asiáticas e práticas médicas nas relações de Pedro Teixeira”, Antuérpia, 1610, em *Workshop Plantas Medicinais e Fitoterapêuticas nos Trópicos*, 2008; Manuel Lobato, “As especiarias indonésias na economia mundo e a gênese do primeiro conflito entre potências europeias à escala mundial, as ilhas e a Europa, a Europa das ilhas” (Funchal: CEHA, 2011).

morno” como anódino, para equilibrar os humores¹⁶¹. Vale observar que, desde a Antiguidade, havia banhos termais e o reconhecimento de suas virtudes terapêuticas na literatura médica da Europa Ocidental¹⁶². No período moderno, a importância do banho e das propriedades do calor para expurgar os maus humores foi expressa nos tratados de *Regimina Sanitatis* e amplamente referendada em um dos principais hospitais do reino, o Hospital de Nossa Senhora do Pópulo¹⁶³.

O lavatório com águas cheirosas apresenta significados mais profundos no entrecruzamento das concepções de pureza e limpeza cristãs e hindus. Para o Cristianismo, o sacramento do batismo era signo da regeneração do pecado original e de suma relevância teológica e pragmática pós-Trento¹⁶⁴. Pe. Gonçalo Fernandes Trancoso (1515? 1541? – 1596?), em seu trabalho de tradução de textos canônicos em sânscrito, indicou o banho como parte dos rituais de purificação e cura no Hinduísmo¹⁶⁵ (Imagem 6). As ideias sobre pureza e limpeza eram particularmente importantes na estrutura de castas da sociedade indiana¹⁶⁶. Embora Cochim, Goa e outras cidades do Estado da Índia estivessem sob o governo do Império Português e sob o domínio religioso da Igreja de Roma, não se pode olvidar a sobrevivência de práticas e ideias consideradas gentílicas¹⁶⁷.

É interessante destacar o relato do Pe. Pedro Almeida sobre a cerimônia realizada no dia da Transfiguração do Senhor, em 6 de agosto de 1558, e as práticas gentílicas. Segundo o inaciano, havia um “grande lavatório e festa na água do rio Sapatunato (em terra firme, em frente à ilha de Divar) ajuntando grande multidão de gentios, “diversos sacerdotes dos ídolos, muitos jogues e ermitões seus de diversas seitas e costumes, todo o gênero de pregadores gentílicos que lavam os homens, com as invocações e cerimônias”, somando, por vezes, mais de 30 mil gentios. Tal procura se dava pela crença de que aquelas águas eram consideradas santas “por sinais que antigamente o demonio nelas mostrou” e por se acreditar que sendo ali lavados estariam absolvidos de todos os pecados. Naquele ano, narrou o Padre, ele e outros religiosos, com a ajuda do Governador, conseguiram fazer com que não passassem muitas embarcações para a dita margem do rio e tentando eles, cristãos, chegar ao local da cerimônia,

¹⁶¹ Francisco Morato Roma, *Luz da Medicina, pratica racional, e methodica, guia de enfermeiros, directorio de principiantes* (Lisboa: officina de Henrique Valente de Oliveira Impressor del Rey Nosso Senhor, 1664), 4, 46.

¹⁶² Rodrigues, *Os hospitais portugueses no Renascimento 1480-1580...*, 2013, 61-2.

¹⁶³ Rodrigues, *Os hospitais portugueses no Renascimento 1480-1580...*, 2013, 63-8; 176-8.

¹⁶⁴ Delumeau, *O pecado e o medo...*, 2003, vol. 1, 467-9.

¹⁶⁵ Gonçalo Fernandes Trancoso, e Joseph Wicki, *Tratado do Pe. Gonçalo Fernandes Trancoso sobre o Hinduísmo Maduré 1616*, edição crítica e anotada (Lisboa: CEHU, 1973), 228; 240; 263-4; 271.

¹⁶⁶ Virginia Sarah Smith, *Clean: A history of personal hygiene and purity* (Oxford: Oxford University Press, 2007), 22-3.

¹⁶⁷ Xavier, *A invenção de Goa...*, 2008, 114-323; Manso, *A Companhia de Jesus na Índia 1542-1622...*, 2009, 176-96; Patricia Souza de Faria, *A conquista das almas do Oriente: Franciscanos, catolicismo e poder colonial português em Goa 1540-1740* (Rio de Janeiro: Faperj; 7Letras, 2013), 57-72.

foram impedidos pelas pedradas lançadas pelos gentios de terra firme. “Prazerá a N. Senhor”, concluiu o inaciano sobre esse relato, “que o impedimento que este ano se lhe pôs será princípio para mais não passarem, ou ao menos para daqui adiante se lhe impedir”¹⁶⁸.

Imagem 6 – Casas de indianos próximas a Goa, com destaque para as representações de banho



Fonte: Linschoten, *Navigatio ac Itinerarium Iohannis Hugonis Linscotani*, 1599

Foram adaptados e acomodados certos ritos e costumes como o uso da linha brãmene, a atrição corporal com sândalo e os banhos rituais que, notavelmente, foram defendidos pelo Pe. Roberto de Nobili (1577-1656), em princípios do século XVII¹⁶⁹. No período moderno, as práticas de cura se confundiam e se mesclavam, em grande medida, com magia e concepções religiosas, havendo, contudo, a preocupação em identificar, expurgar e combater o que poderia ser considerado gentilidade¹⁷⁰. Deste modo, foram proibidos banhos coletivos nas festividades hindus em que cristãos velhos, por vezes, participavam, assim como cerimônias e superstições para recobrar a saúde¹⁷¹.

A partir dos relatos sobre as enfermidades dos missionários que foram coligidos e que mencionaram os cuidados recebidos, observa-se que a ideia de cura estava ligada à teoria

¹⁶⁸ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 206.

¹⁶⁹ Tavares, *A cristandade insular...*, 2002, 138.

¹⁷⁰ Keith Thomas, *Religião e o declínio da magia: Crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII* (São Paulo: Companhia das Letras, 1991), 155-234; José Pedro Paiva, *Bruxaria e superstição num país sem “caça às bruxas” 1600-1774* (Lisboa: Editorial Notícias, 1997), 208; Timothy Dale Walker, *Médicos, medicina popular e Inquisição: A repressão das curas mágicas em Portugal durante o Iluminismo* (Rio de Janeiro: Lisboa: Fiocruz; Imprensa de Ciências Sociais, 2013); Allison Coudert, *Religion, Magic, and Science in Early Modern Europe and America* (Santa Barbara, Ca: Praeger, 2011), 25-43.

¹⁷¹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1972, vol. 12, 225; Manso, *A Companhia de Jesus na Índia 1542-1622...*, 2009, 181.

humoral e à necessidade de expurgar os humores fétidos. As purgas e, em maior número, as sangrias atendiam a uma grande variedade de enfermidades. Assim como nas embarcações, a terapia apontada para a cura de febres eram as sangrias e, também, para mordidas de carrapatos, como ocorreu ao Pe. Christovão de Gouvêa que convalesceu no Colégio da Bahia, por três semanas, depois de ter sido sangrado no Colégio de Pernambuco, mas, ainda assim, ficou cheio de apóstemas pelo corpo. Também o Ir. Barnabé Tello adoeceu gravemente e recebeu, para sua cura, sete sangrias, foi purgado e lhe dado vinho para que passasse o “fastio”. “Pela bondade de Deus e a diligência grande que com eles se teve”, afirmou Pe. Fernão Cardim, “todos recuperaram a saúde desejada”¹⁷².

As mezinhas compunham o repertório de terapias oferecidas aos religiosos nos colégios. Patrícia A. Maia destacou, em suas análises, a importância das boticas do Colégio de São Paulo e do Colégio da Bahia e sua comunicação com a rede de instituições da Companhia de Jesus¹⁷³. Por sua vez, a *Collecção de varias receitas* não apresentou muitas composições originárias de Goa. Além das Pedras de Gaspar Antonio, aponta as “Pedras de Porco Espinho artificiais”, que eram compostas pelo aparelho gastrointestinal do porco espinho, raiz de sapuz e de calumba, moídos e fervidos e servia para indigestão, dor de cabeça, bexigas e febres¹⁷⁴.

O Colégio da Bahia também possuía reputação pela produção e comércio de produtos de sua botica. Quanto aos opositores da Ordem, uma opinião bem pouco favorável foi emitida em carta enviada de Salvador para o Reino, no ano de 1758, pelo Cardeal Saldanha, na qual infligiu graves culpas aos inacianos. Comparando-os aos mercadores expulsos do templo por Jesus, denunciou que os padres aceitavam e expediam “letras de dinheiro a câmbio, como se pratica nos bancos e casas de comércio”, e também vendiam “mercadorias, transportadas da Ásia, da América e África, para negociarem nelas, como se os ditos Colégios, Casas, Noviciados, Residências e mais lugares fossem armazéns de negócios e as habitações deles lojas de mercadorias” e acusou, ainda, que acumulavam muitos cabedais com o comércio estabelecido nas zonas portuárias das principais cidades do Reino e seus domínios, como qualquer comerciante. Pareceu ao visitador ainda mais “deplorável” a “corrupção” de mandar buscar “drogas aos sertões, para depois as fazerem vender”¹⁷⁵.

¹⁷² Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 1939, vol. 168, 298; 253.

¹⁷³ Patrícia Albano Maia, *Práticas terapêuticas jesuíticas no Império Colonial Português: Medicamentos e boticas no século XVIII* (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2012), 96-108.

¹⁷⁴ Maia, *Práticas terapêuticas jesuíticas no Império Colonial Português...*, 2012, 187.

¹⁷⁵ AHU, Projeto Resgate, Castro e Almeida, doc. 3631: *Carta do Cardeal Saldanha. D. Francisco Visitador e Reformador Geral Apostolico da Religião da Companhia de Jesus nos Reinos de Portugal e Algarve e seus Dominios, acerca do. escandaloso commercio que exerciam os Jesuitas. Residencia da Junqueira* (Lisboa, maio de 1758).

Esse comércio de mercadorias da Ásia, América e África e a “corrupção” de buscar as chamadas drogas do sertão, compunham as atividades das renomadas boticas dos jesuítas¹⁷⁶. Sobre a botica da Bahia, não foram encontrados documentos descritivos do seu período de funcionamento, tampouco os inventários de suas mezinhas, mobiliários e louças. Há apenas indícios do seu prestígio entre a população da cidade de Salvador, como se faz notar no ofício do Dez. Francisco Antonio Beruó da Silveira Pereira remetido a Thome J. Corte Real, no ano de 1760, segundo o qual a botica possuía algumas receitas, dentre estas a da renomada “Triaga Brasilica”. Ele temia que a receita fosse transladada ou desencaminhada (uma vez que os padres não haviam ocultado sua fórmula), afirmando saber de pessoas que dariam três ou quatro mil cruzados pela mesma. Relatou, ainda, que era esta a principal produção da dita botica pela sua atribuída eficácia¹⁷⁷.

O repertório de produtos atribuído à botica da Bahia na *Coleção de varias receitas* foi numeroso, comparativamente. Patrícia A. Maia apontou que, das 62 receitas indicadas das boticas da Província jesuítica do Brasil, 38 pertenciam à botica da Bahia¹⁷⁸. Listar todas as composições seria demasiado descritivo. A mais famosa, a “Triaga Brasilica” e sua extensa panacéia de 77 itens, como especiarias e drogas dos sertões brasílicos e do Maranhão, possuía virtudes contra venenos, era purgativa/vomitiva, expulsava vermes, flatos e servia para melancolia, pestes, bexigas e doenças da madre, entre outras coisas¹⁷⁹.

Vale destacar, ainda, algumas que demonstram a circulação de produtos nas redes indianas e do Império Português, como o “Balsamo Apopletico”, relacionado, de modo comum, à Bahia e à botica de Macau. Seus ingredientes eram de origem animal (como o almíscar, ambar griz, entre outros) e vegetal (óleos de cravo, canela, alfazema, noz moscada, etc.), originários da Europa e do Oriente e era indicado para, além das apoplexias, confortar o cérebro e preservar da peste. Ou, ainda, o “Emplastro para dores de cabeça”, que combinava bálsamo do Brasil com benjoim e canela da Índia, e a “Pílula de Rezina de Batata” que, além do tubérculo que a nomeava, era formada de creme tártaro em pó¹⁸⁰.

Cabe aqui a indagação sobre o que era oferecido nos refeitórios do Colégio de Goa e da Bahia, notadamente, aos enfermos. A adaptação aos tempos e costumes das missões – da qual

¹⁷⁶ Assunção, *Negócios jesuíticos...*, 2009, 345-6.

¹⁷⁷ “Ofício do Dez. Francisco Antonio Beruó da Silveira Pereira no qual refere a Thome J. Corte Real as receitas de certos medicamentos usados pelos jesuítas”, em *Anais do Apeb*, vol. 17 (Bahia: Imprensa Oficial, 1929).

¹⁷⁸ Maia, *Práticas terapêuticas jesuíticas no Império Colonial Português...*, 2012, 61.

¹⁷⁹ Maia, *Práticas terapêuticas jesuíticas no Império Colonial Português...*, 2012, 206; Bruno Martins Boto Leite, *Mezinhas antigas e modernas: A invenção da Triaga Brasilica pelos jesuítas do Colégio da Bahia no período colonial em Anais da Sociedade Brasileira de História da Ciência* (2014).

¹⁸⁰ Maia, *Práticas terapêuticas jesuíticas no Império Colonial Português...*, 2012, 154; 166; 194.

Matteo Ricci e Roberto de Nobili foram as principais referências— era uma questão premente no mais cotidiano dos elementos, a alimentação¹⁸¹. Seguir o modelo do Colégio de Roma e seu refeitório se mostrava uma tarefa nada fácil. Nas refeições, que eram repartidas em uma principal, ao meio-dia, e o jantar, no princípio da noite, eram servidos três pratos, individualmente: antipasto, com massa ou sopa, o segundo prato, com carnes ou ovos, e, por fim, uma fruta ou doce¹⁸².

Em que pese ter sido determinado, nas *Regras da Companhia*, que os religiosos não bebessem ou comessem fora do horário recomendado ou “fora de casa sem licença do superior”, isto não se mostrava exequível para os religiosos em missão¹⁸³. A norma geral orientava que os jesuítas seguissem os costumes locais e se instruissem com autoridades locais sobre a alimentação e as bebidas¹⁸⁴. O costumeiro registro sobre os mantimentos (frutas, ervas, raízes e animais) pelos missionários, nos primeiros tempos da chegada aos territórios (conforme assinalado no Cap. III), não era fortuito.

Nas *Constituições do Colégio de Goa* (1546), foi recomendado, para bom efeito e sucesso na formação dos jovens missionários, que fosse incentivada a conservação de elementos das suas culturas nativas. Por exemplo, ficou determinado que, duas vezes ao dia, os estudantes ficassem apartados segundo suas nações para que andassem “correntes em suas linguagens”. Isto, explicado na própria Constituição, servia para que os jovens, intencionalmente abrigados acima dos 13 anos, não esquecessem a língua materna para, posteriormente, “ensinarem em suas terras e pregarem nossa santa fé”¹⁸⁵.

Outra recomendação a esse respeito foi a instrução sobre a alimentação. Determinou-se que os religiosos, tanto padres da terra como estudantes, tivessem a refeição cedo e nas horas certas. Recomendou-se, expressamente, que não se mudasse seus costumes no comer. Deveriam continuar com a dieta de arroz e peixe com caris (molho de especiarias) para que, quando fossem em missão para suas terras, pudessem se sustentar com menos e, também, por ser esta a alimentação local de forma que o colégio tivesse menos despesa e pudesse utilizar a renda com “outras obras necessárias”¹⁸⁶.

Vale ressaltar que as cozinhas e refeitórios dos colégios, por vezes, assistiam aos pobres em tempos de necessidade. Pe. Jorge Caldeira relatou que, no inverno de 1564, houve “grande

¹⁸¹ O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 523-4.

¹⁸² O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 548.

¹⁸³ Ribeiro, *Regras da Companhia de Iesu...*, 1582, 19.

¹⁸⁴ O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 524.

¹⁸⁵ Wicki, *Documenta Indica...*, 1948, vol. 1, 121.

¹⁸⁶ Wicki, *Documenta Indica...*, 1948, vol. 1, 124-5.

carestia de mantimentos” na cidade de Goa¹⁸⁷. Os religiosos da Companhia buscaram esmolas e repartiram para os pobres cristãos da cidade e, também, nas aldeias onde possuíam missões. No Colégio de São Paulo ofertaram jantar e ceia a 60 pobres por cerca de dois meses¹⁸⁸, assim como na Bahia do século XVII, era comum a oferta de um jantar, anualmente, para os presos¹⁸⁹.

Os hábitos alimentares, suas regras e seu cotidiano nos colégios da Companhia no Reino, Índia e Brasil, foram analisados por Cristina Osswald, que destacou a necessidade de adaptação aos meios e a conservação dos princípios de modéstia e pobreza, tão caros aos ideais levantados pela Ordem. Eram oferecidas, diariamente, duas refeições, o jantar e a ceia, conforme o costume português. No Colégio da Bahia, o jantar era servido às 10h e a ceia às 18h, no Verão, e, no Inverno, uma hora mais tarde. Em Goa, o que diferia no horário dizia respeito aos “dias de carne” (normais), em que o jantar ocorria às 10h e a ceia às 17h, ou “dia de peixe” (de abstinência) em que a primeira refeição era servida às 11h¹⁹⁰.

No que interessa detidamente a esta tese, vale destacar as descrições sobre a alimentação oferecida. Nos textos normativos da Companhia para os Colégios, foi recomendado que não houvesse coisa contrária à conservação da saúde, oferecendo bons e digestivos mantimentos e em quantidade suficiente e bastante. Osswald apontou o consumo de carne de vaca e porco como o mais comum, seguido das galinhas e carneiros, que eram destinados principalmente aos enfermos. No Brasil, havia o costume do consumo de peixes não somente nos dias de abstinência. O vinho, bebida salutar no Reino, era escasso e dispendioso, sendo, muitas vezes, tomado aguado ou substituído por outras bebidas. Eram conhecidos os vinhos de caju e de ananás, na Bahia, ou ainda feitos a partir do cozimento do milho fermentado. Na Índia, havia destilados como a sura e a uraca¹⁹¹.

A se notar pelas *Regras do Colégio de São Paulo*, havia o consumo ordinário de produtos locais, como o arroz¹⁹². No inventário de produtos do Colégio de São Paulo (1707), observa-se que a despensa guardava uma quantidade considerável de arroz (cerca de 11 toneladas). Destaca-se, dessa listagem, a presença de produtos locais como óleo de coco, uraca e um pote com tamarindo. Havia, ainda, alimentos e ervas de outras partes, como os queijos

¹⁸⁷ Antonio da Silva Rêgo, *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente* (Lisboa: Agência Geral do Ultramar/Divisão de Publicações e Biblioteca, 1952), vol. IX, 360.

¹⁸⁸ Wicki, *Documenta Indica...*, 1948, vol. 1, 361.

¹⁸⁹ Cristina Osswald, “Hábitos alimentares dos jesuítas em Portugal, na Índia e no Brasil (séc. XVI-XVIII)”, in *Portas adentro: comer, vestir e habitar na Península Ibérica (ss. XVI-XIX)*, org. Isabel dos Sá e Máximo García (Valladolid: Universidad de Valladolid, 2010), 70.

¹⁹⁰ Osswald, “Hábitos alimentares dos jesuítas em Portugal, na Índia e no Brasil...”, 2010, 73; 74.

¹⁹¹ Osswald, “Hábitos alimentares dos jesuítas em Portugal, na Índia e no Brasil...”, 2010, 77; 80; 81-2.

¹⁹² Wicki, *Documenta Indica...*, 1950, vol. 2, 361.

flamengo e do Alentejo, assim como 23 kg da renomada erva digestiva brasileira, o tabaco¹⁹³. Sobre os mantimentos do Colégio da Bahia, vale destacar o relato do Pe. Fernão Cardim, que informou que o mesmo era bem sustentado em “carne e pescados da terra” e que nunca faltava “um copinho de vinho de Portugal”¹⁹⁴. O alimento mais comum da terra brasílica era a farinha de mandioca, segundo o Pe. José de Anchieta¹⁹⁵.

Observa-se que, nas práticas de cura apontadas, nada fugia do repertório da medicina hipocrático-galênica acrescida de um grande repertório de mezinhas dos mundos não-europeus. Também o prescrito para os enfermos procurava ser conforme o que era servido nos hospitais do Reino. A esse respeito, uma carta do Ir. Jerônimo Xavier, datada de 1589, revela alguns alimentos comuns em que o inaciano apontou uma série de erros, na Província de Goa, e, dentre eles, o costume de padres e irmãos de permanecerem, como em “convalescença”, na enfermaria que mais parecia uma “mãe” e lugar para se reclamar de doenças. Afirmou que muitos iam com qualquer indisposição – como algum acidente, tosse, dor de cabeça e fraqueza de estômago –, apenas por desejarem comer mais do que carne de vaca e carneiro, como galinhas e mais vinho, ou se ausentarem das lições, do silêncio, dos exames, das penitências determinadas pelos superiores, e permaneciam na enfermaria. Recomendava assim, que “o doente seja doente, e o achacoso não passe ali, e convalescência, tampouco desedificará comendo no refeitório”¹⁹⁶.

Sobre o consumo de frutas, observa-se que era indicado apenas como merenda e o figo como antipasto, na Índia, em meados do século XVII¹⁹⁷. Pode ser identificado, também o consumo das frutas em conserva, a partir da listagem de produtos no Colégio de São Paulo, em 1707. Dentre os gêneros alimentícios, mas listados separadamente das coisas de consumo ordinário, encontrou-se 4 kg de conserva de pêra, 1 kg de conserva de cereja e 150 caixas de marmelada. Além disto, encontra-se discriminado, dentre as coisas da China, treze potes para conserva. Chama atenção nesta listagem os 163 kg de açúcar dentre os mantimentos¹⁹⁸.

Em missiva datada de 12 de junho de 1561, Pe. Manoel da Nóbrega escreveu, de São Vicente (Brasil), ao Pe. Francisco Henriquez sobre o envio de algumas conservas. As duas caixas com “produtos da terra” eram destinadas aos irmãos enfermos no Reino. Na listagem dos artigos enviados, enumerou uma conserva de ananases “para dor de pedra” e marmeladas

¹⁹³ Alden, *The Making of an Enterprise...*, 1996, 679.

¹⁹⁴ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 1939, vol. 168, 256-7.

¹⁹⁵ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 43.

¹⁹⁶ Wicki, *Documenta Indica...*, 1981, vol. 15, 211.

¹⁹⁷ Maria Cristina Osswald, “Hábitos alimentares dos jesuítas em Portugal, na Índia e no Brasil séc. XVI-XVIII”, em *Portas adentro: Comer, vestir e habitar na Península Ibérica, ss. XVI-XIX*, org. Isabel G. Sá e Máximo García Fernández (Valladolid: Universidad de Valladolid, 2010), 74; 80.

¹⁹⁸ Alden, *The Making of an Enterprise...*, 1996, 677-9.

de igbás, camucis e ararazes (com atribuídas propriedades “para câmaras”) e uma de abóbora. Ponderou o padre que alguns poderiam acusar este envio como escandaloso, mas justificou que eram muitas casas e muitos enfermos que poderiam ser assim assistidos. Além disso, apontou o interesse de que as conservas poderiam ser trocadas por outros artigos com serventia para os adoentados do outro lado do Atlântico. Afirmou ainda ser essa produção facilitada, pois muitas esmolas recebidas de El-Rey eram em forma de açúcar¹⁹⁹.

O processo de produção de conserva é bastante antigo e conhecido na história da humanidade. Os gregos produziam marmeladas (cozinhando marmelos com mel) e guardavam para tempos de carestia. Desde a Antiguidade, também se escreveu sobre os seus fins terapêuticos, pois, seguindo a tradição médico-alimentar galênica, as frutas não eram salutares e precisavam ser equilibradas em suas virtudes. Segundo esses preceitos, os frutos não possuíam uso medicinal de per si quando em natura, podendo até mesmo ser danosos para a saúde²⁰⁰.

Em fins do século XVI, o doutor Francisco Nuñez de Oria dedicou todo o seu terceiro livro à pouca sanidade e aos males do consumo das frutas. Mencionando “doutos varões” como Galeno, Rasis, Avicena e Hieronymo, argumentou que todas as frutas eram consideradas úmidas, de mal nutrimento e engendravam no corpo maus humores. Defendia o doutor que as frutas não fossem usadas como mantimentos “porque são ternas e brandas prestas para se dissolver dos membros. O outro, porque é mau e a causa de sua malícia é porque são facéis de se corromper e apodrecer” devendo ser evitadas “porque trazem aos homens em febres e em outras doenças, e enfermidades diversas” e, mencionando Rasis, afirmou que a “maior parte das frutas é para uso de medicinas”²⁰¹.

O uso medicinal era obtido através do equilíbrio das virtudes dos frutos pelo cozimento, acrescentando-se açúcar ou mel. O doutor Monardes, tratando sobre o ananás, afirmou ter provado a fruta seca e em conserva, parecendo-lhe que, em forma de conserva, se aproveitava melhor, por ter bom gosto²⁰². Até, ao menos, o século XVIII, há indícios sobre a preservação do modo de produção de conservas que seguia orientações simples de cozimento da polpa de frutas em açúcar. No manuscrito *Medicina Oriental*, foram apontados os usos que se fazia de

¹⁹⁹ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1958, vol. 3, 350-351.

²⁰⁰ Innocenzo Mazzini, “A alimentação e a medicina no mundo antigo”, em *História da alimentação*, org. Jean-Louis Flandrin, Massimo Montanari e Maria da Graça Lisboa Pinhão (Lisboa: Terramar, 1998), 223-5.

²⁰¹ Tradução livre. Francisco Nuñez de Oria, *Aviso de sanidad: que trata de todos los generos de alimentos y del regimiento de la sanidad: co[m]prouado por los mas insignes y graues doctores. Hecho por... Francisco Nuñez de Oria...* (En Madrid: por Pierres Cusin, 1572), 229-32.

²⁰² Nicolás Monardes, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia medicinal: de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que siruen en Medicina. Tratado de la Piedra Bezaar y de la yerua escuerçonera; Dialogo de las grandezas del hierro y de sus virtudes medicinales; Tratado de la nieue y del beuer frio / hechos por el doctor Monardes...* Org. Fernando Díaz (En Seuilla: en casa de Fernando Diaz, 1580), 83.

frutas orientais e americanas tais como jambos azedos, bananas verdes, carambolas, manga, tamarindos, papaias, uvas, ananazes, entre outras²⁰³.

As conservas eram de muito bom uso, também, pela sua durabilidade, o que se pode notar por seu registro constante dentre os mantimentos para as viagens das Armadas da Índia, como detalhou, por exemplo, o Padre Manoel Godinho Cardoso, em seu relato sobre o naufrágio da nau Santiago, em 1585. O inaciano elogiou a abundância de mantimentos, água, vinho, queijo de Flamengo, que foi usado como breu, na tentativa de consertar a embarcação, biscoito, “marmeladas, & alguas conservas” que foram levados no batel. Dentre os sobreviventes que tentaram a sorte na jangada construída, carregaram consigo “seis barris de conserva, oito caixas de marmelada”²⁰⁴.

As conservas de frutas de origem americana e asiática, desde os primeiros tempos da mundialização ibérica, tiveram suas propriedades reconhecidas e elogiadas. Garcia de Orta, por exemplo, cuidou em apontar uma mezinha muito boa para câmaras – “uma das principais curas q havemos de exercitar nesta terra” – afirmando que os físicos guzarates usavam esta conserva de frutos chamados de marmelos novos e velhos em conserva de achar (vinagre) e de açúcar como “nós usamos”. Relatou que havia tratado com esta conserva 300 homens da armada de D. Constantino que sofriam com câmaras²⁰⁵.

Pe. Sebastião Gonçalves²⁰⁶ registrou o uso de conservas no cuidado a doentes, em Amboino, pelo padre Francisco Xavier. Afirmou que o santificado missionário havia exercido sua “costumada caridade” no hospital de doentes, fazendo missa, amortalhando defuntos e ajudando a “bem morrer”. Cuidava, também, em acudir aos enfermos com mezinhas, “conservas e outras coisas de doentes” que havia levado da Índia um certo João de Araujo.

Ao longo da investigação, foram coligidos relatos dos inacianos sobre conservas de papaia, cana, uva e ananás. A estrutura em rede da Companhia de Jesus favorecia a circulação de produtos e saberes, de forma que podemos entender o agradecimento do padre Sebastião de Vasconcelos, da cidade de Salvador, ao padre Diogo Cardim, pelos queijos e a notícia de que havia remetido, em recompensa, duas arroubas de conserva de mangaba em dois barris²⁰⁷.

²⁰³ ACL, Ms. Azul, 105: *Medicina Oriental. Socorro Indico dos Pobres Enfermos do Oriente. Para total profligação de seus males. Adquiridade de varios Professores da Medicina. Oferecida a Santissima Trindade Unico Deos Verdeiro. Por hum natural de Goa* (Manuscrito, século XVIII), 21.

²⁰⁴ Manuel Godinho Cardoso, *Relaçam/ do naufragio/ da nao Santiago,/ & itinerario da gente que/ delle se salvou./ Escrita/ por Manoel Godinho Cardozo* (Lisboa: impresso por Pedro Crasbeeck, 1602), f. 42.

²⁰⁵ Orta, *Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais da India, e assi dalgu[m]jas frutas...* (Goa: Joannes de Endem, 1563), 202-4.

²⁰⁶ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 212-14.

²⁰⁷ ANTT, Cartório dos Jesuítas, maço 71, n. 20: *Carta de Sebastião de Vaaz da Bahia ao Padre Diogo Cardim* (1636).

Particularmente, a conserva de ananás parece ter alcançado grande fama. Interessante notar que as notícias destas conservas chegaram aos setores mais altos da Ordem e despertaram o seu interesse.

Em carta enviada de Trento, a 25 de março de 1563, o P. Juan de Polanco comentou alguns pontos das cartas remetidas pelo Pe. Manuel da Nóbrega, enumerando as cartas e as consultas. Afirmou ao Pe. Gonçalo Vaz de Melo que, tendo notícias das tais conservas de ananases remetidas por Nóbrega (mencionadas anteriormente) para dores nas pedrase câmaras, que, quando se tivesse oportunidade de enviar “algo disto” para aquelas partes, “para ver se aproveita faríamos a prova de boa vontade”²⁰⁸.

A circulação de saberes e produtos se revelava nas prateleiras das Boticas da Companhia de Jesus, o que foi evidenciado com a análise da *Colleção de Varias Receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa companhia de Portugal, da Índia, de Macau, e do Brazil*, cujo título completo atestava terem sido “compostas, e experimentadas pelos melhores médicos, e boticarios mais celebres que tem havido nessas partes”²⁰⁹.

Em seu estudo sobre a Companhia de Jesus no Império Português, Patrícia Maia mencionou esta conserva dentre os medicamentos químicos que, em sua definição, eram aqueles que não utilizavam matéria prima de origem vegetal ou animal *in natura*, mas possuíam suas propriedades isoladas através da destilação ou calcinação. Do Colégio da Bahia, foi relacionada a “Conserva de Carobas”, espécie de jacarandá, com virtude medicinal para a sífilis e a “Conserva Angélica”, sem identificação, que tinha virtudes purgativas. Ainda nas *Colleções*, foram apontadas algumas regras gerais para a produção de conservas, na proporção de uma libra da polpa de fruta, flores ou folhas, acrescentando duas libras de “bom açúcar”²¹⁰.

Interessante observar que, muitas vezes, os frutos utilizados nestas conservas eram produzidos em hortas e quintas que pertenciam aos colégios da Companhia. Dora de Lima demonstrou que era uma prática econômica comum às diversas províncias inacianas, como demonstra a plantação de coco no Colégio de Luanda ou, ainda, o pomar pertencente ao colégio de Ilhéus na Bahia²¹¹. Esses espaços tiveram importante papel na aclimação de plantas para

²⁰⁸ Tradução livre. Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1956, vol. 3, 543.

²⁰⁹ Maia, *Práticas terapêuticas jesuíticas no Império Colonial Português...*, 2012.

²¹⁰ Maia, *Práticas terapêuticas jesuíticas no Império Colonial Português...*, 2012, 560.

²¹¹ Dora de Lima, *Saveurs et savoirs du monde: Circulations et appropriations de fruits tropicaux dans l'empire portugais atlantique v. 1550-v.1650* (Tese de Doutorado, Université Paris 1/Universidade Nova de Lisboa, 2014), 129; 142.

utilização não somente nos refeitórios, para a alimentação de padres, irmãos, estudantes e escravaria como, também, para usos medicinais²¹².

Pe. Fernão Cardim relatou que, na chegada em 1583, o Pe. Christovão de Gouvêa decaiu de umas febres que havia padecido na viagem do Reino. Recepcionado pelo reitor Pe. Gregório Serrão e outros religiosos, o visitador foi acomodado em cubículo enfeitado com ramos, bem limpo e organizado e foi então “curado com grande caridade, não faltando médico, e muitos e diligentes enfermeiros”. Contou com todas as “coisas necessárias para sua saúde”, os “mais mimos de todas as conservas” e muitas camisas limpas para trocar pelos suores²¹³.

Em Goa, por exemplo, temos indicação de roça e horta através do Pe. Nicolao Lancillotto que noticiou, em 1545, ao Pe. Martino de Santa Cruz, coisas do colégio, afirmando que este possuía uma “horta muito formosa e grande”. Na representação sobre a cidade de Goa, Jan Huygen Linschoten assinalou o Colégio de São Paulo e, na área anexa, representou muitas árvores dentro da sua cerca. Nos inventários do Colégio de São Paulo Velho (1784) foram listados, dentre os bens de raiz, quatro hortas de ananazes, em São Thomé, e uma horta na cidade de Goa na Rua dos Guzerates²¹⁴. Sabidamente, e como facilmente se percebe a partir da análise dos inventários após a expulsão da Ordem dos domínios portugueses, os Colégios e Casas da Companhia possuíam roças e hortas para mantimento.

Na Província do Brasil, também havia não somente roças e hortas como quintas e grandes plantações de cana²¹⁵. Na sua *Informação da Província do Brasil* (1584), o Pe. José de Anchieta descreveu que o Colégio da Bahia contava com muitos escravizados e escravizadas para servirem nos ofícios e afazeres domésticos. Informou, ainda, que havia uma roça (sob os cuidados das mulheres) com “muitas laranjas, limões, bananeiras e outras árvores de fructo, laranjal e hortaliça”²¹⁶. No *Título de todos os bens de raiz e propriedade que possui o Colégio da Bahia*, datado de 1693, foram listadas as terras “que chamam do Tanque que lhe serve de

²¹² Bruno Martins Boto Leite, “Verdes que em vosso tempo se mostrou: das boticas jesuíticas da Província do Brasil séculos XVII-XVIII”, em *Usos e circulação de plantas no Brasil: séculos XVI a XIX*, org. Lorelai Brilhante Kury, 52-93 (Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2013), 82; Dora de Lima, *Saveurs et savoirs du monde: Circulations et appropriations de fruits tropicaux dans l’empire portugais atlantique v. 1550-v.1650* (Tese de Doutorado, Université Paris 1/Universidade Nova de Lisboa, 2014), 127.

²¹³ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 1939, vol. 168, 253.

²¹⁴ ATC, maço 64: *Balanço Geral da Receita e Despesa do Confisco da Cidade de Goa*. Estado da Índia, 1784..

²¹⁵ Sobre engenhos e fazendas da Companhia de Jesus no Brasil, ver: Alden, *The Making of an Enterprise...*, 1996, 411; Stuart B. Schwartz, *Segredos internos: Engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995); Assunção, *Negócios jesuíticos...*, 2009.

²¹⁶ *Anaes do APB* –Arquivo Público da Bahia (Salvador: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1934), 102.

quinta onde os Religiosos vão fazer exercício que constam de árvores de espinho, hortaliça, roças de mantimentos e currais”²¹⁷.

Era incentivado que os religiosos tivessem tempo para recreação. Vale destacar que era recomendado aos colégios que tivessem locais – tais como uma quinta – para que os religiosos pudessem refrescar o espírito²¹⁸. O Colégio de São Paulo contava com uma casa de recreação com uma horta na ilha de Goa²¹⁹. No Colégio da Bahia, a quinta possuía os bosques e arvoredos frescos em que os religiosos recreavam²²⁰. Os colégios serviam assim em conjunto para conservar e cuidar da saúde e da doença dos seus padres, irmãos e estudantes.

Ao longo deste capítulo, buscou-se investigar alguns dos mais destacados colégios da Companhia de Jesus. Contudo, o olhar não foi lançado para as salas de aula. Observou-se que, enquanto centro da estrutura e rede missionária das províncias de Goa e do Brasil, o Colégio de São Paulo e da Bahia revelavam concepções e práticas de cura. Desde a escolha do seu sítio, sua edificação e composição houve a preocupação com a sanidade e o estar a salvo de doenças gerais e pestilências. O extenso corpus regulamentador iniciano revelou que o “modo jesuítico” estava coadunado ao regime de saúde hipocrático-galênico. Mas não somente.

Os colégios, para além da formação educativa para meninos e jovens missionários, eram grandes centros de produção e de confluência de saberes sobre as populações nativas, a se notar pela própria proposta do Colégio de Goa e pela variedade de povos que por lá se abrigavam. Além disso, enquanto centros de apoio e hospedarias, os colégios de Goa e da Bahia acabavam por estar no trânsito de missionários para as diversas partes das missões e do Império Português que traziam não somente notícias sobre a conversão das almas como, também, produtos e saberes.

As descrições sobre as livrarias, enfermarias, boticas, refeitórios e hortas revelaram a hibridização de saberes e práticas, assim como das redes no Império Português. Circulação que se fez presentificar na adaptação da dieta aos produtos locais, por vezes como estratégia de formação dos missionários, por vezes pela necessidade e disponibilidade de mantimentos. Também refletida nos frascos das prateleiras das boticas e nos debates que entrecruzavam

²¹⁷ ATC, Junta da Inconfidência, maço 65, n° 235: *Títulos de todos os bens de raiz e propriedades que possui o Colégio da Bahia* (Bahia, 1693).

²¹⁸ O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 526.

²¹⁹ Wicki, *Documenta Indica...*, vol. 10, p. 52-3, 456.

²²⁰ Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil...*, 1939, vol. 168, 256.

concepções médicas e religiosas, exemplificadas pelos panditos. Dos colégios, transitava-se por um vasto mundo entre o Atlântico, Índico, e, mais alargadamente, o Pacífico, ou, metaforicamente, através de uma grande Babilônia de gentilidades.

5 *Curavimus Babiloniam*. Assistência e práticas de cura nas missões e hospitais em Goa e na Bahia

[...] proporemos a el-rei de fazer um hospital e serviremos nele com a maior caridade que se puder aos doentes, *ut si nollent verbis credere, saltem operibus credant*, e outras coisas que Espirito Santo ensinar, para que depois ao menos se possa disser: *Curavimus Babiloniam, etc non est sanata: dereliquimus eam*. Pe. Rodolpho Acquaviva, 1580¹.

No ano de 1580, Pe. Rodolpho Acquaviva (1550 –1583) estava na cidade de Fatehpur Sikri (norte da Índia), em missão na corte do imperador mongol Jalal al-Din Muhammad Akbar (1542-1605), também conhecido apenas como Akbar, o Grande². O rei demonstrou interesse sobre o divino e o sobrenatural, mantendo interlúdios não somente com os inacianos, mas, também, com sábios hindus e muçulmanos. Para desagrado dos missionários, o soberano parecia não estar disposto a acreditar nos fundamentos do cristianismo, tampouco manifestava real intenção de converter-se ao Catolicismo³.

O inaciano declarou pretender experimentar “todas as coisas possíveis para o ajudar” na decisão da conversão. Afirmou que iriam transladar um livreto com as matérias da fé para o persa e que caso a palavra não lograsse efeito que as obras de caridade o fizessem. Para tal, intencionou pedir ao rei mongol a edificação de um hospital, como destacado na epígrafe deste capítulo, e se nem assim se convertessem, o rei e seu vasto reino, que, então, se abandonasse a empresa⁴.

Locus e topos bíblico da iniquidade, a Babilônia apareceu nas narrativas religiosas do período moderno como símbolo do orgulho e de não submissão a Deus, assim como do caos moral e da desordem dos povos⁵. Era, também, a cidade evocada para representar as dificuldades da missionação nas terras entre o Estado do Brasil e da Índia. Pe. Nicolau Lancilloto escreveu, em 1545, sobre a necessidade de mais missionários para Goa, pois era tal

¹ Joseph Wicki, ed., *Documenta Indica* (Roma: Tipografia Pio X, 1972), vol. 12, 56.

² Wicki, *Documenta Indica...*, 1972, vol. 12, 11-24; 34-81; Dauril Alden, *The Making of an Enterprise: The Society of Jesus in Portugal, its Empire, and Beyond, 1540-1750* (Stanford, CA: Stanford Univ. Press, 1996), 51-2; Pierre du Jarric S.J., “Akbar e os jesuítas: Um relato das missões jesuíticas à Corte de Akbar”, tradução, introdução e notas C. H. Payne (Nova York Harper & Brothers, 1926); *Comentário do Padre Monserrate, da Companhia de Jesus, sobre sua Viagem à Corte de Akbar, 1922*, ; Maria de Deus Beites Manso, *História da Companhia de Jesus em Portugal* (Lisboa: Parsifal, 2016), 56-60; Sanjay Subrahmanayam, *Impérios em concorrência: Histórias conectadas nos séculos XVI e XVII*, trad. Marta Amaral (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012), 201; 213-5.

³ Wicki, *Documenta Indica...*, 1972, vol. 12, 56-8; 54-5.

⁴ Wicki, *Documenta Indica...*, 1972, vol. 12, 55; 56.

⁵ Jean Delumeau, *O pecado e o medo: A culpabilização no Ocidente: Séculos 13-18* (Bauru: Edusc, 2003), vol. I, 249; 261.

qual Babilônia, com “infindos mouros e gentios e maus cristãos”⁶. Pe. José de Anchieta recomendava que os missionários partissem de Portugal com “grande fortaleza interior e grandes desejos de padecer” para não perecerem nas tentações e trabalhos da babilônica terra brasilica⁷. Havia uma clara tônica moralizadora ao comparar as terras de missão com a contumaz gentílica cidade do mundo antigo.

Pe. Rodolpho Acquaviva, contudo, utilizou o texto bíblico do livro de Jeremias (Cap. 51, vers. 9) com outra metaforização. O inaciano relacionou a Babilônia ao Império Mongol e a cura à missão evangélica através da assistência aos enfermos em um hospital⁸. Esta simples analogia traz elementos importantes para os debates a que esta tese se propôs. Curar para converter os povos da simbólica Babilônia das terras de conquista e influência do Império Português.

O serviço caritativo nas enfermarias dos hospitais – consolando espiritualmente e executando alguns serviços para lembrar a humildade cristã – era usual, desde os primeiros anos da fundação da Companhia de Jesus⁹. Contudo, na documentação produzida pelos inacianos, nas Províncias de Goa e do Brasil, entrevê-se atividades de assistência que não foram apenas religiosas, nem esporádicas, tampouco ocorriam apenas em tempos emergenciais, em meio às pestilências. Cabe a indagação sobre o serviço nos hospitais para além da costumeira caridade e de quais as formas que serviram como estratégia de missionação dos inacianos.

Essas estratégias eram destacadas e incentivadas, como se faz notar pela postura favorável da Igreja pós-Tridentina¹⁰. O pergaminho assinado pelo Papa Gregório XIII (1502-1585), com data de 11 de fevereiro de 1576, atestou a importância da continuidade da assistência aos doentes pelos missionários da Companhia de Jesus. Na provisão, o Papa declarou ter ciência de serem alguns religiosos especialistas em Medicina e, ainda, de outros serem solicitados como médicos, em razão da sua escassez nas partes mais remotas das missões; retirou qualquer censura ou punição aos que tivessem cuidado dos enfermos conforme suas

⁶ Antonio da Silva Rêgo, *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente*, (Lisboa: Agência Geral do Ultramar/Divisão de Publicações e Biblioteca, 1952), vol. 3, 163.

⁷ Pe. José de Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933), 64.

⁸ Este mesmo versículo bíblico foi utilizado por Ines Županov como abertura de seu capítulo sobre a missão médica dos inacianos no Estado da Índia. *Missionary tropics: The Catholic frontier in India, 16th-17th centuries; history, languages, and cultures of the Spanish and Portuguese worlds* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 2005), 195.

⁹ John W. O'Malley, *Os primeiros Jesuítas*, trad. Domingos Armando Donida (São Leopoldo: Unisinos; Bauru: EDUSC, 2004), 268.

¹⁰ O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 269.

capacidades; por fim, anulou qualquer disposição, constituição ou portaria contrária¹¹. A assistência aos enfermos não foi unívoca ao longo da história da Ordem, recebendo reprimendas e protestos por fugir da regra geral¹².

Esse capítulo busca se debruçar sobre a assistência e as práticas de cura como estratégias institucionalizadas da Companhia de Jesus para a conversão e a conservação da cristandade, na Índia e no Brasil. No âmbito desta tese, importa indagar sobre a rede de assistência erigida como parte necessária da ação missionária. Além do amparo religioso e emergencial aos enfermos, os missionários estiveram à frente da administração de alguns hospitais no Estado da Índia e, de forma não menos imperiosa, serviram, segundo os seus próprios relatos, como “médicos e enfermeiros” nas aldeias ameríndias. Neste capítulo, serão percorridos os caminhos da assistência e da caridade realizados pelos inicianos, destacando as a assistência, práticas e cura através da missão sobre os corpos.

5.1 Breves notas sobre a rede de assistência e hospitais no Império Português

No levantamento sobre a História da Medicina no Oriente e o Império Português, destacadamente no período que abarca esta tese (séculos XVI-XVII), saltam aos olhos algumas referências com certo teor nacionalista e, em alguns casos, ufanista, próprios do Estado Novo Português (1933-1974) e com certa influência até os dias atuais. Como se faz notar no artigo de Luís de Pina, apresentado no *I Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo*, no qual debateu os contributos dos portugueses para a medicina e afirmou que, no século XVI, a medicina no Japão e na China era “atrasada” e a praticada na Índia por hindus era inferior à conhecida por Garcia de Orta¹³. Pina concluiu afirmando que “a História Geral das Ciências e, com ela, a História da Humanidade” não poderia ser escrita “sem consultar os livros e documentos de vária ordem onde os Portugueses escreveram com tinta perenemente luminosa, a História da sua Expansão pelas cinco partes do Mundo”¹⁴.

Em artigo intitulado *História da assistência ao indígena no Ultramar Português* (1954), José de Jesus Coelho do Vale dividiu os contributos portugueses para a medicina em fases. Sobre o primeiro período, chamado pelo autor de período das Descobertas, apontou a política

¹¹ ANTT, CJ, maço 41, n° 8: *Breve do papa Gregório XIII para os religiosos da Companhia de Jesus puderem curar sendo peritos em medicina*, [s.d.].

¹² O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 270; Županov, *Missionary tropics...*, 2005, 218-21.

¹³ Luís de Pina, “Contribuição dos portugueses quinhentistas para a história da Medicina do Oriente: Nota preliminar” (Lisboa: República Portuguesa; Ministério das Colónias, 1938), 271; 279.

¹⁴ Pina, “Contribuição dos portugueses quinhentistas para a história da Medicina do Oriente...”, 1938, 293.

ultramarina portuguesa como caracterizada pela “valorização do indígena como agente de progresso político, e a sua nacionalização”, e declarou que “a assistência sob todas as formas lhes tem sido prestada, constituiu sempre uma das mais altas preocupações da política ultramarina portuguesa”. O autor enalteceu a ação dos missionários como “um instrumento perfeito da política de cooperação racial”¹⁵.

O autor denominou o segundo período de “Império Oriental” e o caracterizou pelas relações “pacíficas” com os “indígenas”, afirmando que os indianos se aliaram aos portugueses e eram tratados “humanamente” e que muitos foram “cristianizados e cruzaram-se livremente com os portugueses”. Enalteceu, novamente, a ação dos missionários “que chegaram mesmo às regiões aonde não chegou a nossa ocupação política e militar, e assim contribuíram para a civilização, cristianização e assistência dos povos da Índia, Indochina, Insulíndia, China, Coreia, Japão e Abissínia” e Timor.

O terceiro período foi o da “Formação do Brasil” no qual, segundo o autor, os portugueses levaram suas instituições assistenciais “que tratavam indistintamente brancos, negros e indígenas”. Mencionou a fundação do hospital da Misericórdia de Santos como o primeiro das Américas e que daí se seguiram muitas Misericórdias repetindo que tratavam “indistintamente brancos, negros e indígenas”. O artigo chega até mesmo a justificar a conquista dos índios e a escravidão africana¹⁶.

Nesta mesma linha, Fernando Alves Rodrigues Nogueira escreveu sobre a medicina, na Índia, no contexto da descolonização tardia, na década de 60. Logo no primeiro capítulo, afirmou que “os povos de cor levantaram-se contra o Ocidente e colocam os brancos na cadeira dos réus, sob a acusação de colonialismo, de exploração, de tirania”, esquecendo-se que a “maré da civilização europeia alastrou pela África, pela Ásia, pela Oceania, reconstruiu ou fez do nada a América”. No campo da medicina, acusou os três continentes de copiarem e adotarem a “civilização europeia”, pois, tratando-se “com os remédios que ela descobriu, aprendem a ciência nascida e desenvolvida na Europa”¹⁷.

Nogueira afirmou que o proselitismo religioso e a medicina foram os grandes contributos dos europeus no mundo. Especificamente sobre a Índia, declarou que os

¹⁵ José de Jesus Coelho do Vale, *História da assistência ao indígena no Ultramar Português* (S.l: s.n, 1954), 2252.

¹⁶ Sobre os indígenas brasileiros afirmou que, em que pese fossem “de mentalidade bastante primitiva não possuíam hábitos nem resistência para o trabalho, o que motivou numerosas medidas protectoras dos nossos reis a partir de D. Sebastião, e forçou a importação de mão-de-obra africana, sendo os nossos escravos negros mais humanamente tratados que os das outras nações europeias, onde estão a escravatura e o trabalho forçado, mesmo de brancos, era regra geral”. Vale, *História da assistência ao indígena no Ultramar Português...*, 1954, 2253; 2553.

¹⁷ Fernando Alves Rodrigues Nogueira, *A medicina portuguesa na Índia* (Porto: s.n., 1962), 3.

portugueses lançaram “as primeiras sementes da ciência europeia” e da Medicina e colocaram “um velho mundo, sob esse aspecto mais atrasado e muito menos evolutivo[...] em contato com os fundamentos e com os progressos dessa grandiosa edificação que é a Medicina científica europeia”. Mencionou S. Francisco Xavier, atribuindo-lhe a afirmação de que era a Índia “um charco de peste” e enumerou os grandes feitos portugueses como a fundação de hospitais em 17 cidades da Índia, enfermarias, postos de socorro. Destacou especialmente o Hospital del-Rei, em Goa, que, segundo o autor, abrigava de 1500 a 3000 doentes locais e europeus¹⁸.

A premissa básica desta tese busca ultrapassar o crivo de nação e nacionalismo como fundamento para a constituição da narrativa histórica, destacando-se, com este intuito, os debates propostos por Sanjay Subrahmanyam para as constantes delimitações anacrônicas e restritivas de nação para o estudo do período moderno¹⁹. Há que se destacar uma avultada produção historiográfica sobre o Império Português e a expansão e conquista nos campos temáticos da assistência e da medicina²⁰. Vale ressaltar que, de modo algum, tem-se aqui a pretensão de questionar a respeitabilidade dos estudos apontados, apenas busca-se compreender a temática para além das delimitações de território e de centralidade do Império Português.

A esse respeito, vale apontar que há que se refutar o viés eurocêntrico na História da Medicina e das Ciências. Quanto à longa tradição ayurvédica e chinesa e ainda aos saberes tupinambás sobre doenças e curas, evidencia-se a história aquém e além dos marcos europeus. As afirmações de que apenas começou a prática médica com a chegada dos portugueses se mostram equivocadas no contexto indiano, quando, por exemplo, há registros de casas de caridade e cuidados médicos no império Asoka, datados do século XV a.C.²¹ ou, ainda, quando se tem um *corpus* escrito desde o século V, como no capítulo anterior se entreviu²² e, mais ainda, quando se parte de uma perspectiva de circulação em que os elementos terapêuticos

¹⁸ Nogueira, *A medicina portuguesa na Índia...*, 1962, 5.

¹⁹ Sanjay Subrahmanyam, *Impérios em concorrência: Histórias conectadas nos séculos XVI e XVII* (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012), 33-64.

²⁰ A. Ramos Chaves, *A influência dos descobrimentos dos portugueses no progresso da natureza e na medicina*, ([S.l.: s.n., 1968); Alfredo Rasteiro, *Medicina e descobrimentos* (Coimbra: Livraria Almedina, 1992); Palmira Fontes da Costa e Henrique Leitão, “Portuguese Imperial Science, 1450-1800: A historiographical review”, em *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, org. Daniela Bleichmar, Paula de Vos, e Kristin Huffine (Stanford, Calif: Stanford Univ Press, 2009); Timothy Dale Walker, “Acquisition and circulation of medical knowledge within the Early Modern Portuguese Colonial Empire”, em *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, org. Daniela Bleichmar, Paula de Vos e Kristin Huffine (Stanford, Cf: Stanford Univ Press, 2009); Germano de Sousa, *História da medicina portuguesa durante a expansão* (Lisboa: Temas e Debates, 2013).

²¹ Dominik Wujastyk, *The roots of Ayurveda: Selections from Sanskrit medical writings* (New Delhi: New York: Penguin Books, 1998), 1-2; M. S. Valiathan, “Diseases in Ancient India” em *Ayurveda at the Crossroads of Care and Cure: Proceedings of the Indo-European Seminar on Ayurveda Held at Arrábida, Portugal, in November 2001*, org. A Salema, 18-24 (Lisbon: Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa, 2002).

²² Wujastyk, *The roots of Ayurveda...*, 1998, 41.

foram, muitas vezes, assimilados e adaptados aos usos das sociedades coloniais e europeias. Um bom exemplo disto foi a quina (ou quinina) que, tratando-se da cinchona, planta originária da região andina, conhecida e utilizada pelos quechuas, foi atribuída, na história da farmacologia, aos jesuítas, para tratamento da malária²³.

Incorrem, também, atribuições anacrônicas sobre o atraso e superstição de algumas práticas e ritos das culturas orientais e ameríndias ligados à cura, em comparação às concepções europeias. Vale sublinhar que a medicina ocidental, no período moderno, não poderia ser entusiasticamente considerada avançada aos olhos contemporâneos. Nas páginas passadas, puderam ser entrevistas sangrias, purgas e trepanações, terapias conforme a astrologia, crenças nas curas sobrenaturais ou com intervenção divina e interditos que envolviam a anatomia humana.

Feitas as ressalvas, interessa a esta tese perscrutar o estabelecimento de uma rede de assistência através do Império Português, em que os hospitais foram a forma mais evidenciada²⁴. Existentes desde o período medieval, os hospitais, em Portugal, foram modificados em sua funcionalidade e estrutura, a partir do século XV, voltando-se aos cuidados prioritários de doentes e convalescentes²⁵. Desde o século XVI, foram fundadas e dotadas instituições leigas e religiosas para amparo de enfermos e, também, de pobres, nas principais cidades de comércio, domínio e influência portuguesas no Estado da Índia e do Brasil.

No âmbito da administração leiga, importa destacar os hospitais “de El-Rei”, ou Hospitais Reais erigidos nas principais cidades portuárias, no curso da Carreira da Índia e/ou das Rotas Atlânticas. Data, ainda, das primeiras décadas da chegada dos portugueses pela rota do Cabo e das conquistas no Estado da Índia, o início da fundação de algumas dessas instituições, como se faz notar pelo estabelecimento dos hospitais da ilha de Moçambique (1507), Cochim (1506), Cananor (1507), Goa (1510), Malaca (1511) e Ormuz (1521), entre outros²⁶. Também na costa Atlântica, o processo de conquista e colonização se fez acompanhar

²³ Londa L. Schiebinger, *Plants and empire: Colonial bioprospecting in the Atlantic world* (Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2004), 215; Walker, “Acquisition and circulation of medical knowledge...”, 2009, 267; John Robert McNeill, *Mosquito Empires: Ecology and war in the greater caribbean, 1620-1914* (New York: Cambridge University Press, 2010), 74.

²⁴ Isabel Braga, *Assistência, saúde pública e prática médica em Portugal: Séculos XV-XIX* (Lisboa: Universitária, 2001), 11.

²⁵ Braga, *Assistência, saúde pública e prática médica em Portugal...*, 2001, 11-2; Isabel dos Guimarães Sá, *Quando o rico se faz pobre: Misericórdias, caridade e poder no império português, 1500-1800* (Lisboa: CNCDP, 1997), 28-30; 46-7;

²⁶ Luís de Pina, “Expansão Hospitalar Portuguesa Ultramarina: Séculos XVI e XVII” sep *Brotéria* 37, 5, Lisboa, (1943); 388-440.

pela fundação de hospitais, como na cidade de Salvador (1549), Rio de Janeiro (1565), Santos (1543) e Olinda (1539-1545)²⁷ (Imagem 1).

Imagem 1 – Hospitais reais e as cidades portuárias (1507-1565)



Fonte: Produzido através do Google Maps²⁸

Entre os séculos XVI e XVII, a confraria de Nossa Senhora da Mãe de Deus, Virgem Maria da Misericórdia reuniu a administração da grande maioria dos hospitais do Império Português²⁹. Em fins do século XVI, as Misericórdias, como ficaram conhecidas, se afirmam

²⁷ Anthony John Russell-Wood, *Fidalgos and Philanthropists: The Santa Casa da Misericórdia of Bahia, 1550-1755* (London ; Toronto ; Melbourne: Macmillan, 1968), 260-94; Sá, *Quando o rico se faz pobre...*, 1997, 232-4; Renato Júnio Franco, “O modelo luso de assistência e a dinâmica das Santas Casas de Misericórdia na América portuguesa”, *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)* 27, 53, 5-25 (jun. 2014), 10; Sousa, *História da medicina portuguesa durante a expansão...*, 2013, 194-7.

²⁸ Russell-Wood, *Fidalgos and Philanthropists...*, 1968, 260-94; Sá, *Quando o rico se faz pobre...*, 1997, 232-4; Franco, “O modelo luso de assistência e a dinâmica das Santas Casas de Misericórdia...”, 2014, 10; Sousa, *História da medicina portuguesa durante a expansão...*, 2013, 194-7.

²⁹ Braga, *Assistência, saúde pública e prática médica em Portugal...*, 2001, 14; Sá, *Quando o rico se faz pobre...*, 1997, 59-60.

como uma das instituições basilares da presença portuguesa nos territórios coloniais³⁰. Eram espaços de confluência e convivência das elites locais, a se notar pelo caráter restrito de sua composição de irmãos leigos e do prestígio social e simbólico dos indivíduos em sua agremiação³¹. Consolidaram-se, ao longo dos séculos, através de dotação real, legados e doações de seus membros³². O processo de implantação nas mais variadas partes acompanhou o princípio do estabelecimento de núcleos e cidades portuguesas desde o Brasil até Macau³³.

As Misericórdias tinham em seu campo de ação as práticas caritativas das 14 obras de misericórdia³⁴ e possuíam alguns privilégios, como o enterro dos mortos, notadamente na Bahia e em Goa em que eram quase exclusivos na venda e aluguel de tumbas e esquifes³⁵. No âmbito do cuidado aos enfermos, geriam estabelecimentos como leprosários, hospitais gerais e para os expostos³⁶. Os hospitais de todo o mundo português seguiam o modelo do Hospital de Todos os Santos (Lisboa), como assinalado no seu regimento e já referenciado no segundo capítulo desta tese³⁷. Contudo, vale destacar que havia espaço para as especificidades de práticas e regras conforme os contextos locais.

Em Goa, a Misericórdia esteve na administração do Hospital Real e do Hospital de Todos-os-Santos, também conhecido como dos Pobres, destinados aos desvalidos e aos acometidos de doenças consideradas incuráveis³⁸ (Ver Imagens 2 e 3). Na cidade de Salvador, geriam o Hospital de São Cristovão, apontado como o principal da capitania e destinado a um

³⁰ Charles R. Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825* (São Paulo: Companhia das Letras, 2002), 286-308; Russell-Wood, *Fidalgos and Philanthropists...*, 1968, 1-42.

³¹ Laurinda Abreu, “O papel das Misericórdias dos lugares de Além-mar na formação do Império Português”, *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 8, 3 (set.-dez. 2001): 591-611; Isabel dos Guimarães Sá, “Portuguese Colonial Charity: The Misericórdias of Goa, Bahia and Macao” em *Reinterpreting Indian Ocean Worlds: Essays in Honour of Kirti N. Chaudhuri*, ed. Stefan C. A. Halikowski Smith (Cambridge Scholars Publishing; Unabridged edition, 2011).

³² Laurinda Abreu, “Misericórdias, Estado Moderno e Império”, em *Portugalia Monumenta Misericordiarum*, coord. José Pedro Paiva e Isabel dos Guimarães Sá (Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2004).

³³ Sá, “Portuguese Colonial Charity: The Misericórdias of Goa, Bahia and Macao”..., 2011; Abreu, “O papel das Misericórdias dos lugares de Além-mar na formação do Império Português”..., 2001: 591-611.

³⁴ As obras de misericórdia eram as seguintes: “ensinar os ignorantes, dar bom conselho aos que o pedem, castigar com caridade os que erram, consolar os tristes, perdoar a quem errou, sofrer pacientemente as injúrias feitas por outrém, rogar a Deus pelos vivos e pelos mortos [...] visitar e curar os doentes, vestir os nus, alimentar os que têm fome, dar de beber a quem tem sede, albergar peregrinos e pobres, remir presos e cativos e enterrar os mortos”. Braga, *Assistência, saúde pública e prática médica em Portugal...*, 2001, 81.

³⁵ Isabel dos Guimarães Sá, “As misericórdias”, em *História da expansão portuguesa*, dir. Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, (Lisboa: Temas e Debates e Autores, 1998), vol. 1, 362.

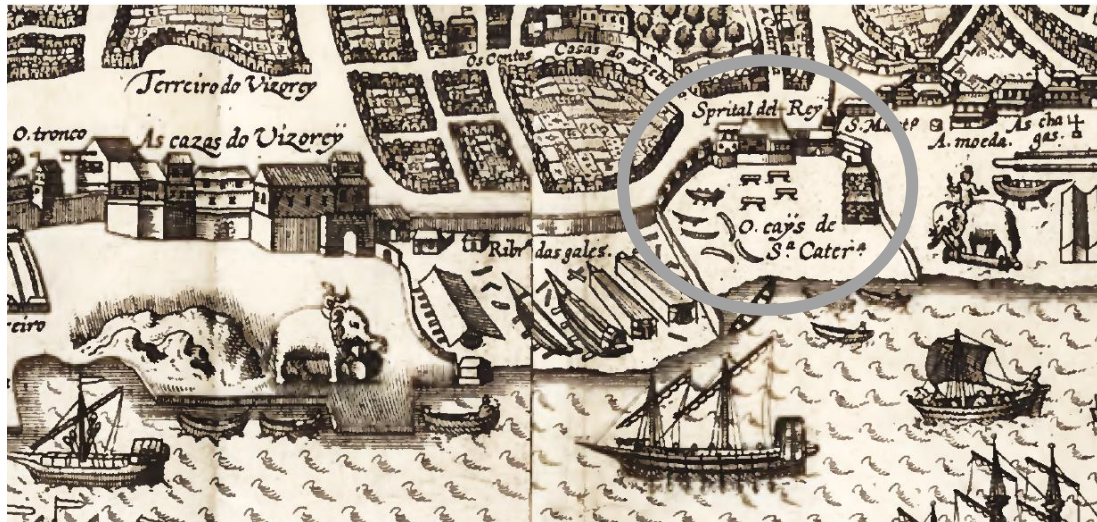
³⁶ Sá, *Quando o rico se faz pobre...*, 1997, 108.

³⁷ José Pedro Paiva, coord., *Portugaliae Monumenta, Misericordiarum 1: Fazer a história das misericórdias*. (Lisboa: UMP, 2002); Sá, *Quando o rico se faz pobre...*, 1997, 46-8.

³⁸ Fatima da Silva Gracias, *Health and Hygiene in Colonial Goa, 1510-1961* (Nova Delhi: Concept Publishing Company, 1994), 118-26; 133-36; Sá, *Quando o rico se faz pobre...*, 1997, 187.

público mais amplo. Em fins do século XVII, possuía enfermarias destinadas aos cuidados de enfermos de febres, chagas, sífilis, doenças incuráveis (os considerados loucos) e mulheres³⁹.

Imagem 2 – Hospital Real e a proximidade com o Cais de Santa Catarina



Fonte: Linschoten, *Navigatio ac Itinerarium Iohannis Hugonis Linscotani*, 1599

Imagem 3 – Hospital dos Pobres, administrado pela Misericórdia, localizado próximo ao Colégio de São Paulo⁴⁰



Fonte: Linschoten, *Navigatio ac Itinerarium Iohannis Hugonis Linscotani*, 1599

³⁹ Russell-Wood, *Fidalgos and Philanthropists...*, 1968, 260-94.

⁴⁰ Não se trata do Hospital dos Pobres Nativos que se analisará adiante nesse capítulo.

Algumas ordens religiosas também tiveram os cuidados de gerir hospitais no mundo português, entre os séculos XVI e XVIII. Os cônegos de S. João Evangelista foram responsáveis por administrar por décadas alguns grandes hospitais do Reino, como o de Todos-os-Santos em Coimbra⁴¹. A Congregação dos Loios esteve na administração do hospital em Caldas da Rainha e do Hospital Real de Todos os Santos em Lisboa⁴². A Ordem dos Hospitalários de S. João de Deus, surgida na cidade de Granada, teve grande atuação na fundação e administração de hospitais no Reino e também no Estado da Índia (Moçambique, Baçaim, Diu, Damão)⁴³. A Seráfica Ordem dos Franciscanos administrava hospitais na Índia, além dos leprosários⁴⁴.

A esse respeito, conforme destacou Laurinda Abreu, faz-se necessário analisar a assistência para além da atuação da Misericórdia e abrangendo políticas não formais e/ou institucionalizadas⁴⁵. Deste modo, compreende-se ‘a56que a Companhia de Jesus também esteve dedicada à assistência aos pobres e enfermos no mundo português em âmbitos diversos: (1) nos cuidados e consolos espirituais; (2) na caridade com enfermos e desvalidos nas enfermarias dos hospitais; (3) na fundação e gestão de hospitais; (4) nas boticas contíguas aos seus colégios; (5) nas enfermarias dos colégios; (6) nos cuidados corporais com os nativos. Interessa destacar a atuação jesuítica nos hospitais no Oriente.

Nos primeiros tempos da chegada dos jesuítas em Portugal, foi inaugurada a prática de que os padres e irmãos se agasalhassem nos hospitais⁴⁶. Pe. Sebastião Gonçalves relatou que, nesses primeiros tempos, agasalharam-se no Hospital de Todos os Santos, em Lisboa, e afeitos aos “antigos exercícios de caridade e humildade” com “pobres e enfermos”, estimulavam as confissões e zelavam pela salvação das almas⁴⁷. A caridade nos hospitais foi preconizada desde a autorização para o envio de missionários às terras de missão nas Índias Orientais.

O envio de Francisco Xavier e Simão Rodrigues, segundo o Pe. Sebastião Gonçalves, foi autorizado pelo Papa Paulo III, no ano de 1540, que lhes concedeu “licença e faculdades

⁴¹ Sá, *Quando o rico se faz pobre...*, 1997, 80.

⁴² Lisbeth de Oliveira Rodrigues, “Os hospitais portugueses no Renascimento 1480-1580: O caso de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha” (Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, 2013),

⁴³ Sá, *Quando o rico se faz pobre...*, 1997, 81.

⁴⁴ Sousa, *História da medicina portuguesa durante a expansão...*, 2013, 193; Ângela Barreto Xavier, “Itinerários franciscanos na Índia Seiscentista, e algumas questões de história e de método”. *Lusitania Sacra*, 2a., 18 (2006): 90.

⁴⁵ Laurinda Abreu, “Igreja, caridade e assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVIII): Estratégias de intervenção social num mundo em transformação”, em *Igreja, caridade e assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*. (Évora: Publicações do Cidehus, 2004), 12.

⁴⁶ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, t. I (Porto: Liv. Apostolado da Imprensa, 1931), vol. 1, 677-707; O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 268-73.

⁴⁷ Sebastião Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça*, trad. Joseph Wicki (Coimbra: Atlântida, 1957), 54.

para reformar os mosteiros, igrejas, hospitais dos pobres e outros lugares pios”⁴⁸, prática desempenhada desde as naus, conforme analisado nos capítulos I e II, e continuada nos hospitais, a exemplo do que era recomendado no tempo do noviciado ainda na Europa⁴⁹. Há variados relatos sobre os missionários inicianos praticando caridade nos hospitais nas cidades portuárias por onde passavam. Para efeito comparativo, é interessante notar que não era comum apenas dentre os missionários enviados pela Coroa Portuguesa e há, também, o registro nas missivas remetidas desde Lima e Nova Espanha sobre o serviço nos hospitais quando em viagem⁵⁰.

A passagem por Moçambique e pelo Hospital Real foi, muitas vezes, registrada, pelos cuidados necessários aos enfermos embarcados e devido à longa permanência na ilha quando perdiam a monção para seguir o curso até Goa⁵¹. Pe. Alessandro Valignano destacou que, por ser muito enferma a ilha de Moçambique e por lá adoecerem muitos portugueses, os padres comumente se agasalhavam e se dedicavam a cuidar e prover os enfermos no hospital⁵². As principais atividades compreendiam o serviço como enfermeiros, limpando as camas e os enfermos, alimentando e provendo-os de todo o necessário para a convalescência dos viajantes que chegavam nas naus da Carreira da Índia⁵³.

Os cuidados e a caridade do Pe. Francisco Xavier com os enfermos no hospital de Moçambique foram registrados em sua hagiografia⁵⁴. Encontrava-se o hospital da cidade repleto de enfermos e sendo estreito para tantos, muitos estavam desacomodados pelo chão de terra e outros ainda nos navios “morrendo ao desamparo”⁵⁵. Segundo Pe. Sebastião Gonçalves, Pe. Francisco Xavier repartiu os enfermos nas galés que estavam em terra e nas casas dos moradores, organizando a visita diária aos enfermos, acompanhando o físico com “mezinhas e esmolras” e ministrando os sacramentos⁵⁶.

⁴⁸ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 63.

⁴⁹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1958, vol. 5, 157; O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 268-73.

⁵⁰ Antonio de Egaña, *Monumenta Peruana*, I (Roma: Tipographia Unione Arti Grafiche, 1954), 253; Félix Zubillaga, *Monumenta Mexicana* (Romae, 1956), 148.

⁵¹ O'Malley, *Os primeiros Jesuítas...*, 2004, 269; Eugénia Rodrigues, “Moçambique e o Índico: A circulação de saberes e práticas de cura”, *Métis: História & Cultura*, Dossier História da África, 2011, 15-42, 613.

⁵² Alessandro Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús en las Indias Orientales: 1542-64*, ed. Joseph Wicki, (Roma: Institutum Historicum, Bibliotheca Instituti Historici, 1944), S.I 2, 20.

⁵³ Wicki, *Documenta Indica...*, 1948, vol. 1, 11; 380; 1958, vol. 5, 220; 1960, vol. 6, 61; 1964, vol. 8, 295; *Cartas do Japão* [s.d.], 54.

⁵⁴ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 70-1.

⁵⁵ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 401.

⁵⁶ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 401.

Por vezes, as embarcações precisavam atracar em Cochim, antes de alcançar Goa. No ano de 1581, por exemplo, a nau S. Gregório fez a rota por fora da ilha de Madagascar chegando ao sul da Índia com muitos enfermos a bordo, como muitas vezes ocorria nessa rota. Pe. Eduardo Leitão relatou que os religiosos da Companhia, assim como os de outras Ordens, buscaram os doentes na praia e os levaram nos braços e em cadeiras para o hospital, sem pouparem nenhum trabalho, com grande exemplo para os estudantes do Colégio que continuaram servindo no hospital juntamente com dois padres que, neste período, permaneceram zelando pelos convalescentes⁵⁷.

A chegada da Armada em Goa era grande ocasião para o exercício da caridade para padres, irmãos e estudantes do Colégio. O exemplo já fora dado desde a chegada do Pe. Francisco Xavier, em 1542, que, juntamente com os outros padres e irmãos enviados, abrigou-se no Hospital d'El-Rei e juntos cuidavam de, além de administrar os sacramentos, servir aos presos e fazer missa para os leprosos⁵⁸. Permaneceram residindo no hospital até receberem a administração do Colégio de Santa Fé⁵⁹.

No ano de 1559, Ir. Luis Fróis narrou a feliz chegada das quatro naus da Armada a Goa e a caridade com que padres e irmãos receberam os enfermos. Logo no dia seguinte, alguns religiosos foram ao Hospital Real para solicitar embarcações para buscar os enfermos⁶⁰. Dois padres e cinco irmãos levaram refrescos e acolheram cerca de duzentos enfermos levados ao cais. Os doentes mais fracos ou que não podiam andar foram carregados em catres, nas costas, para o hospital onde foram recebidos com “água quente cheirosa com muitas ervas para os lavarem”⁶¹.

As narrativas inicianas sobre enfermidades permitem entrever a concepção de que estas eram consequência dos pecados dos indivíduos. Assim, por exemplo, tratou Pe. Francisco Xavier ao advertir ao Pe. M. Gaspar e aos demais companheiros da Índia, recomendando que tivessem especial atenção em visitar os pobres do hospital, pregando e exortando para que se confessassem e comungassem, “pois as doenças ordinariamente nascem dos pecados”⁶². Além

⁵⁷ Wicki, *Documenta Indica...*, 1972, vol. 12, 222.

⁵⁸ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 106-8.

⁵⁹ Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, S.I 2, 21.

⁶⁰ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 289.

⁶¹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 290.

⁶² Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 490.

dos assuntos da salvação, os missionários deveriam atentar para o cuidado temporal, “servindo-os pessoalmente” junto com os enfermeiros e o provedor da casa⁶³.

Os padres se dedicavam aos cuidados da alma, confessando e ministrando os sacramentos, e os irmãos auxiliavam nos cuidados com os corpos. Serviram como enfermeiros menores e servidores, fazendo camas, limpando as enfermarias e os vasos de dejetos, ajudando-os a comer e auxiliando na cozinha, vigiando “os purgados e os perigosos”. Tamanho empenho dos padres e irmãos na “caridade e paciência” causou a admiração dos irmãos e do provedor da Misericórdia, “particularmente de verem que nenhuma coisa queriam aceitar deles mais que os trabalhos e mortificação”, afirmou o Ir. Luis Fróis⁶⁴.

Pe. Sebastião Gonçalves destacou a assistência aos enfermos das naus da Carreira da Índia dentre as ações missionárias do Colégio de São Paulo, afirmando ser “grande matéria para exercitar a caridade”. Relatou que, ao chegarem as naus, iam buscar os enfermos e os conduziam ao Hospital “com grande exemplo, o qual, como vissem os seculares, poseram as capas e ajudarão os nossos em obra de tanta caridade”⁶⁵. Esta prática permaneceu ao longo dos anos, como se faz notar na narrativa do Pe. Fernão Guerreiro, em princípios do século XVII. O inaciano descreveu os frutos “pelo muito serviço de Deus e ainda de Sua Majestade” que se faziam no hospital de Goa, anexo ao Colégio de São Paulo, nos cuidados aos soldados e viajantes que lá aportavam⁶⁶. Afirmou que os padres buscavam os enfermos nas naus com refrescos e músicas de charamelas e os desembarcavam em seus braços e levavam ao hospital e lá cuidavam de lavar, limpar, vestir, curar e recrear os enfermos “com todo amor e caridade possível”⁶⁷.

Os serviços de humildade eram estimulados nos hospitais. Por volta de 1570, os religiosos se dedicaram a limpar e lavar os enfermos, mesmos os com chagas qualificadas como “nojentas”, fazendo-lhes as camas e dando-lhes de comer. Segundo a narrativa, limpavam as enfermarias do Hospital Real que estavam sujas e empesteadas de percevejos. Também estiveram a buscar panos usados para os cuidados com os enfermos⁶⁸. Os exemplos a este respeito se repetiriam, e os cuidados com os enfermos serão retomados mais adiante.

⁶³ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1957, 490.

⁶⁴ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 290.

⁶⁵ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1962, 230.

⁶⁶ Fernão Guerreiro, *Relaçam annal [sic] das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guine, nos annos de seiscentos & dous & seiscentos & tres...* (Em Lisboa: per Jorge Rodrigues impressor de livros, 1605), 348.

⁶⁷ Guerreiro, *Relaçam annal [sic] das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus ...*, 1605, 348.

⁶⁸ Wicki, *Documenta Indica...*, 1964, vol. 8, 314-5.

Interessa destacar que, para além da caridade e dos cuidados espirituais, a Companhia de Jesus esteve à frente da administração de alguns hospitais no Estado da Índia por períodos delimitados (Ver Imagem 4). Vale destacar que segundo as descrições encontradas, as instituições denominadas por hospitais, tanto correspondiam a hospedarias, e tanto como centros para cuidado de enfermos e convalescentes. Em princípios do século XVII, a Coroa ibérica indicou que aprovava a rede de assistência dos inacianos nas partes do Oriente e procurou passar a administração geral desta matéria para a Ordem no Estado da Índia. Em carta para o inquisidor-geral – e futuro vice-rei de Portugal – o Bispo D. Pedro de Castillo (?-1615), S. Majestade Felipe II de Portugal (1598-1621) fez consulta sobre a fundação de um hospital em Malaca por oito religiosos da Companhia que estavam partindo nos galeões. Mostrava-se a Coroa favorável à empresa, caso já não houve uma instituição para o cuidado dos enfermos, na cidade, e recomendou que se levasse na armada a botica e demais coisas necessárias para os enfermos sob o expreso encargo dos inacianos⁶⁹.

Em outra carta, datada de 22 de fevereiro de 1605, S. Majestade relatou que havia escrito ao Superior Geral da Companhia de Jesus, Pe. Claudio Acquaviva, para que ordenasse ao Provincial da Índia que tomasse o “governo e administração dos hospitais daquelas partes nos lugares em que a dita companhia tem casas e residencias”. Advertia ser esta determinação importante para o Serviço de Deus e da Coroa⁷⁰. O Bispo Pedro de Castillo se mostrou a favor do despacho real sobre este assunto, em resposta a consulta do Conselho da Índia no ano de 1607⁷¹.

Há notícias de que os inacianos administraram sete hospitais na Costa da Pescaria (Província jesuítica do Malabar), no ano de 1571⁷². Havia igreja e hospital em Manappâd, Virapandianpatanam, Punnaikayal (Punicale), Tuticurim, Vaippar, Mannar (dois hospitais). Apenas o de Manappâd cuidava de portugueses; os outros eram voltados para a assistência aos gentios e isto trazia muita edificação “pela terra adentro”, pois tomavam “desta obra algum cheiro da nossa lei”⁷³.

⁶⁹ BA: 51-VIII-6, fl. 2v: *Carta de S Magestade para o Bispo D. Pedro de Castillo sobre a ida de 8 padres da Companhia nos galeões de Malaca cim dinheiro para, chegando a Malaca alugarem umas casas em que fundem um hospital para a cura dos enfermos, em caso que o não haja naquela cidade* (Valladolid, 27 de dezembro de 1604).

⁷⁰ BA: 51-VIII-6, fl. 59, nº 140: *Carta de S. M. para o Bispo D. Pedro de Castillo sobre o Provincial da Companhia na Índia tomar sobre si e seus suditos o governo e administração dos Hospitais daquelas partes, nos lugares em que a dita Companhia tem casas e residências, 22 de fevereiro de 1605.*

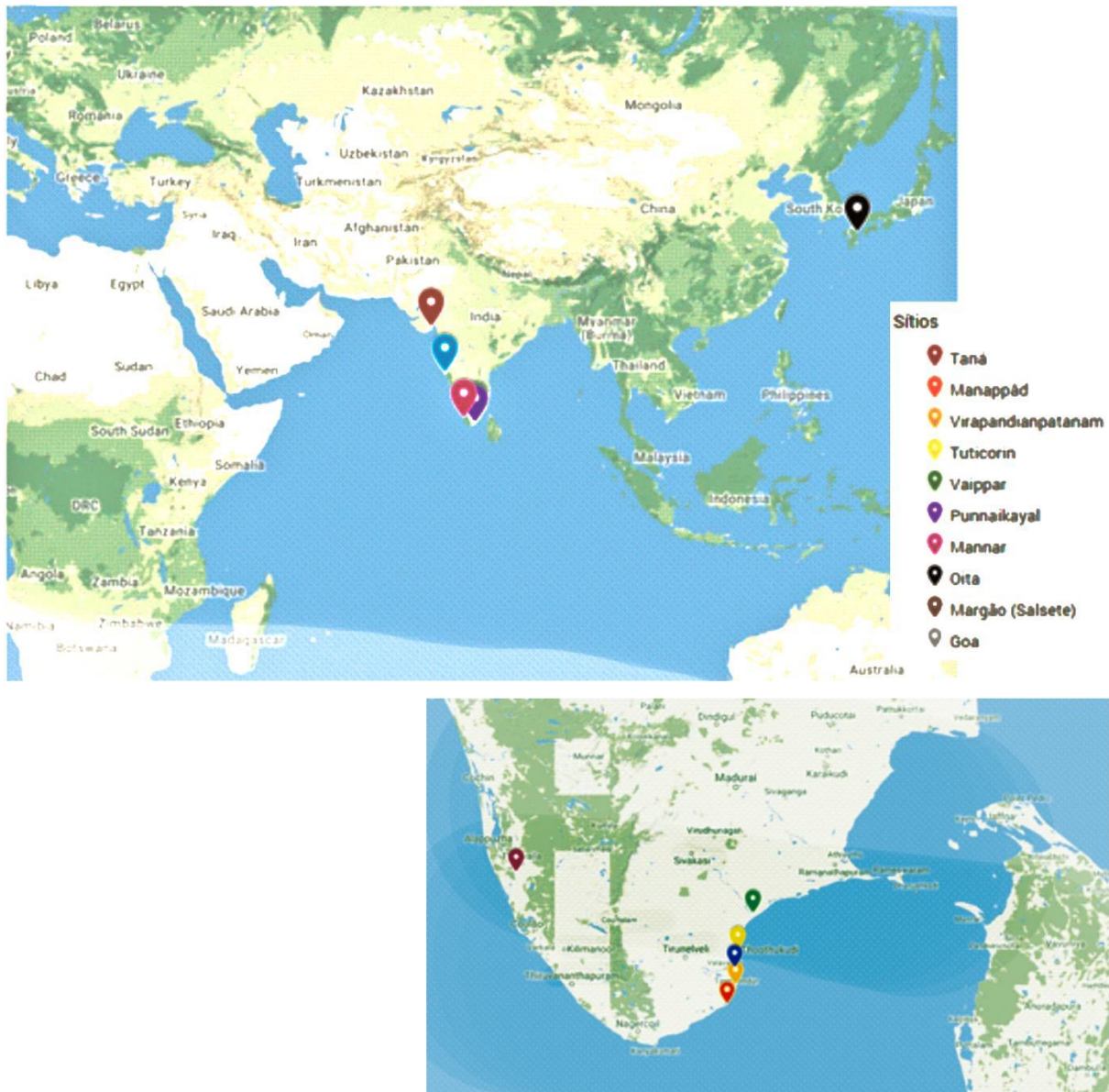
⁷¹ BA: 51-VIII-19, fl. 25, nº 44: *Sobre se não haver de entregar a administração dos hospitais das partes da Índia aos religiosos da Companhia*, 13 de outubro de 1607.

⁷² Wicki, *Documenta Indica...*, 1964, vol. 8, 478-80.

⁷³ Wicki, *Documenta Indica...*, 1964, vol. 8, 480; 1972, vol. 12, 538.

Imagem 4 – Hospitais administrados pela Companhia de Jesus (século XVI).
Detalhe para a Costa da Pescaria

Hospitais administrados pela Companhia de Jesus



Fonte: Google Maps

A construção do Hospital de Punicale, datada de 1551, foi atribuída ao esforço do Pe. Henrique Henriques⁷⁴, que partiu para a Índia em 1546 e atuou em diversos serviços da missão e “por todas aquelas partes, o muito fruto, que se esperava: nelas edificou muitas Igrejas, & dois hospitais, um para remédio dos enfermos pobres, outro para sustentação dos pobres sãos”,

⁷⁴ Alden, *The Making of an Enterprise...*, 1996, 50.

ou seja, uma espécie de hospedaria⁷⁵. O inaciano afirmou que esta obra recebeu especial destaque pelo “muito serviço de Deus e de muita edificação”, pois curava cristãos e também infiéis⁷⁶. “Quer peça o batismo quer não, o recebemos e o curamos”, concluiu o padre⁷⁷.

Em Taná, havia, além do colégio dos meninos da terra, uma “casa mui formosa que serve[ia] de hospital” e uma botica que atendia aos religiosos, estudantes e moradores da cidade⁷⁸. No ano de 1558, o Ir. Manoel Gomez era o responsável pela cura dos “enfermos de chagas e câmaras, porque de febres temos um mestre gentio que cura os meninos e cristãos por não outro”. Pe. Gonçalo Rodrigues registrou, ainda, que o irmão possuía “todos os instrumentos de cirurgião e mezinhas, e faz curas muito grandes e chagas mui nojentas e peçonhentas, e isto com muita caridade”⁷⁹.

Os inacianos também possuíram instituições para assistência no Extremo Oriente⁸⁰. Pe. Sebastião Gonçalves relatou a obra do hospital em Bungo, comparando-o a um “sino que soava por todo Japão”⁸¹. Descreveu que, à medida que crescia sua fama, foram sendo acrescentados outros repartimentos “conforme as qualidades das pessoas”⁸². Bonzos, fidalgos e “toda a sorte de gente” percorriam de 40 a 60 léguas em busca de assistência, com exemplos de pessoas com doenças antigas (“de quinze a vinte anos”) que se curavam convalescendo por cerca de 30 ou 40 dias⁸³.

A construção do hospital no Japão seguia o intento de missionação⁸⁴. Segundo o padre visitador Alessandro Valignano, “determinaram os Padres de fazer um hospital e curar aí os chagados e doentes pera que, vendo nele a humildade e caridade dos Padres se movessem os japões e conhecessem a diferença entre nossa lei e a lei dos bonzos”. O hospital foi fundado em Funai, sendo destinado para “os gafos” (espécie de leproso de sarnas), os leprosos, os chagados e os mais doentes. Pe. Valignano afirmou que, no Japão, havia muitos leprosos. Estava à frente desta missão o então irmão Luis d’Almeida, que, posteriormente, sagrou-se padre, contando

⁷⁵ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal; e do que fizeram, nas conquistas d’este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso Fundador* (Em Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1645), 252.

⁷⁶ Wicki, *Documenta Indica...*, 1966, vol. 9, 604.

⁷⁷ Wicki, *Documenta Indica...*, 1964, vol. 8, 604.

⁷⁸ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 103.

⁷⁹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1968, vol. 4, 104.

⁸⁰ Pina, “Expansão Hospitalar Portuguesa Ultramarina...”, 1943: 422-6; Alden, *The Making of an Enterprise...*, 1996, 61;

⁸¹ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1962, 374.

⁸² Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1962, 374.

⁸³ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1962, 374.

⁸⁴ Manso, *História da Companhia de Jesus em Portugal...*, 2016, 101-8.

com o auxílio, nos outros ministérios, de padres e irmãos⁸⁵. Luís de Pina destacou que os portugueses e, especificamente os inacianos, haviam levado a medicina europeia para o Japão, ressaltando Luiz d’Almeida que havia sido o “introdutor da Medicina europeia no poderoso Império do Sol”⁸⁶.

Por vezes, contudo, os intentos missionários não logravam o resultado esperado nas conversões. Pe. Alessando Valignano afirmou que a missão no hospital causou perda nas missões com os “japões”. Os nobres japoneses desprezavam os padres por fazerem os serviços mais baixos e sujos e, em suas palavras, “acabaram de concluir entre si que a lei e a religião cristã era para gente mui baixa, e desprezada, e digna de ser tida em pouca conta”⁸⁷. Além disto, muitos dos que eram tratados nos hospitais se convertiam e, segundo o inaciano:

ficava a maior parte dos nossos cristãos sendo gente mui pobre e abatida: e uns lhe faltavam os narizes, e outros eram coxos, e outros mancos e aleijados, e outros gafos e leprosos, que são sobre todas as imundícias aborrecidos dos japões⁸⁸.

Pe. Alessando Valignano afirmou que, em 25 anos, não converteram ninguém da elite⁸⁹. Advertiu que deveriam ter atentado para o “costume antigo e envelhecido entre as gentes ainda que seja mau”⁹⁰, visto que a experiência mostrava que uma obra, ainda que boa, se tornava um contratempo sendo julgada por má e concluiu que o que, em algumas nações, muito edificava “com outra de contrários costumes causa contrário efeito”⁹¹.

A missão no Japão aponta que, em que pese a assistência constituir uma forma de missão, ela não se adequava, universalmente, para efeito de conversões e crescimento da Ordem. Em Goa e em Salvador, a assistência seguiu distintas searas gerando resultados diferentes para o processo de conversão das almas e o crescimento da Ordem. As narrativas inacianas registraram que o cuidado com os pobres da terra (cristãos e gentios) foi uma grande pescaria de almas. Nos períodos em que os inacianos estiveram à frente da administração do prestigioso Hospital Real, angariaram as benesses da Coroa, mas não sem disputa com os interesses das elites goesas e o desagrado de superiores da Ordem, em Roma.

No que toca ao espaço Atlântico, nos estudos historiográficos e nas fontes impressas até agora coligidas, não foi identificada a administração direta e contínua de hospitais na Bahia por parte dos jesuítas. Em período posterior aos limites estabelecidos nesta tese, quando dos cercos

⁸⁵ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, S.I 2, 358.

⁸⁶ Pina, “Contribuição dos portugueses quinhentistas para a história da Medicina do Oriente...”, 1938, 271.

⁸⁷ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, S.I 2, 359.

⁸⁸ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, S.I 2, 359.

⁸⁹ Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, S.I 2, 359.

⁹⁰ Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, S.I 2, 359.

⁹¹ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, S.I 2, 359-60.

neerlandeses, a Companhia de Jesus assumiu um papel importante no combate aos chamados hereges invasores. O Colégio da Bahia participou, diretamente, na defesa da cidade de Salvador contra as tropas comandadas pelo conde Maurício de Nassau, em 1638: forneceu artilharia, esteve à frente de batalhas, organizou tropa formada por estudantes e teve o próprio colégio transformado em Hospital de Sangue⁹². Segundo apontou o Pe. Serafim Leite, este serviu para tratar soldados e moradores feridos⁹³.

Na Bahia, a assistência enfrentou o desafio de curar e batizar, nas aldeias e sertões, em meio a grandes pestilências e mortandade, conforme se verá adiante. Não houve, para tal fim, fundação de hospital e não foram encontradas menções de que se fizesse caridade no Hospital de São Cristovão, na cidade de Salvador, ou com grande destaque em qualquer outra capitania. As missões inacianas não eram uniformes, como se pretendia nas Regras, e engendravam especificidades conforme a imbricada relação com a cultura médica nativa e a assistência nos distintos espaços do Império Português.

5.2 Hospital dos Pobres Nativos

Para a conversão da “gente da terra”, era necessário usar todas as obras de misericórdia. Com esta afirmativa, sobre as determinações e assentos para o Colégio de Goa (datado de 27 de junho de 1546), foi justificado o estabelecimento de um hospital contíguo chamado Hospital dos Pobres Nativos, em frente ao Colégio de Santa Fé. Redigida pelas mãos do Pe. Nicolau Lancilloto, as constituições apontaram a necessidade do hospital para a continuidade da conversão dos canarins para que “não tenham coisa de dizer, que depois que se convertem a nossa santa fé não temos cuidados deles”. Para que não acusassem os missionários de que quando estivessem enfermos, não os amparavam, e se morressem, não cuidavam em os enterrar⁹⁴. Foi assim institucionalizada a missão médica inaciana na Índia⁹⁵.

A declaração do Pe. Nicolau Lancilloto sobre a necessidade do hospital parece estar coadunada às recomendações da Coroa Portuguesa sobre proteção e caridade com os recém-

Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval: Contendo a notícia de sua navegação às Índias Orientais*, organizado por A. de Magalhães Basto e Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Ed. rev. e atualizada. vol. 2 (Porto: Livraria Civilização, 1944), 15.

⁹² Marcos Galindo et al. *Episódios Baianos: Documentos para história do período holandês na Bahia* (Recife: Néctar, 2010), 106-15.

⁹³ Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil* (São Paulo: Loyola, 2005), t. V, livro I, 206-7.

⁹⁴ Wicki, *Documenta Indica...*, 1948, vol. 1, 125-6.

⁹⁵ Gracias, *Health and Hygiene in Colonial Goa, 1510-1961...*, 1994, 132.

Županov, *Missionary tropics...*, 2005, 195-231; Ines G. Županov, “Curar o corpo, sarar a alma: A missão médica jesuíta na Índia do Século XVI”. *Oriente* 11, 3–19 (2005).

convertidos, como assinalou Maria de Deus Beites Manso⁹⁶. No documento intitulado *Ordens de D. João III a respeito da cristandade da Índia* (Almeirim, 08 de março de 1546), foi traçada uma série de determinações sobre os gentios e convertidos. Sobre os primeiros, afirmou-se a necessidade da força para expurgar as gentilidades, como as festas e veneração aos “ídolos”. Advertiu-se também contra a escravização desses povos sem autorização, envolvendo até mesmo os convertidos. El-Rei afirmou ter notícias deste comércio dos portugueses com os infiéis “mouros e outros mercadores bárbaros”, com grande agrave para a salvação dessas almas. Sobre os cristãos da terra, recomendou atenção para que além das graças da salvação, pudessem receber também “favores temporais”⁹⁷. A fundação do hospital antecedeu a chegada da ordem real em Goa, mas demonstra a concordância com a política imperial para conquista dos povos.

Há uma complexa construção social na sociedade goesa quinhentista entre portugueses reinóis, mestiços e indianos/hindus. Charles R. Boxer em sua clássica obra debateu a conversão dos povos nativos no Império Português, e a perpetuação de concepções de “pureza de sangue” e exclusão das “raças infectas” dos quadros eclesiásticos superiores, assim como dos cargos mais altos administrativos e políticos⁹⁸. Ângela Barreto Xavier assinalou, em sua obra, “conversões culturais” em Goa, as modificações o longo do tempo na política imperial para formação de uma sociedade colonial e a importância da cristianização das populações⁹⁹.

A necessidade de curar os corpos dos indianos convertidos estava ligada às configurações socioculturais indianas no contexto da conquista portuguesa. D. João III afirmou que tinha notícias de que as famílias que permaneciam hindus desterravam os convertidos, deixando-os em condições de miséria e sem qualquer amparo¹⁰⁰. Para além dessas transformações nas redes familiares após a conversão, o sistema de castas desprezava os de um extrato considerado inferior. Observa-se que, após as conversões voluntárias e forçadas das populações hindus de Goa, houve a permanência de elementos socioculturais, como o sistema de castas¹⁰¹.

⁹⁶ Maria de Deus Beites Manso, *A Companhia de Jesus na Índia 1542–1622: Actividades religiosas, poderes e contactos culturais* (Macau; Editora da Universidade de Macau; Évora: Editora da Universidade de Évora, 2009), 180, <https://www.rdp.uevora.pt/handle/10174/2310>

⁹⁷ Rêgo, *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente*, 1947, vol. 3, 316-7.

⁹⁸ Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825...*, 2002, 262-85.

⁹⁹ Xavier, *A invenção de Goa...*, 2008.

¹⁰⁰ Rêgo, *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente*, 1947, vol. 3, 319.

¹⁰¹ Boxer, *O império marítimo português, 1415-1825...*, 2002, 60-2; Boxer, *A Índia Portuguesa em meados do século XVII* (Lisboa: Edições 70, 1980), 34-5; Xavier, *A invenção de Goa...*, 251-323; Santos, *Goa é a chave de toda a Índia...*, 93-123; Maria de Deus Beites Manso, *A Companhia de Jesus na Índia 1542–1622: Actividades religiosas, poderes e contactos culturais...*, 176-96.

Pe. Alessandro Valignano dissertou sobre o sistema de castas, que segundo lhe pareceu, era “da maneira mais estranha do mundo”, “com seus graus e hierarquias, que uma casta é maior e de maior dignidade que outra”¹⁰². A estratificação se fazia perceber nas muitas proibições entre os indivíduos de diferentes castas: casar, ter parentesco, tocar, comer, estar juntos ou entrar nas casas, e até mesmo passar na rua em que alguém “inferior” estivesse presente, havendo para isso diversas cerimônias e superstições¹⁰³. Sobre a associação com as profissões, destacou ainda que não havia mobilidade ou alteração no ofício conforme vontades individuais¹⁰⁴.

Os inicianos identificaram nos “pobres nativos”, pertencentes ao numeroso extrato mais baixo da sociedade goesa e por vezes alijados de suas redes familiares após a conversão, importante “seara” na conversão das gentilidade¹⁰⁵. Inés Županov, em seu estudo sobre a missão médica na Índia, destacou que este hospital foi uma tentativa de “combinar o trabalho caritativo com o ministério da Palavra”¹⁰⁶. O Hospital deveria ser cuidadosamente provido para que “todos os pobres” que a ele fossem pudessem ser curados. A este respeito, as Constituições determinaram uma série de orientações a serem seguidas na assistência e nas práticas de cura com os enfermos. Inicialmente, foi determinado que houvesse, sempre, um “físico da terra dos melhores que houver”, e que este seria assalariado. O médico deveria ter à sua disposição para o tratamento, mezinhas, como o pau da China ou “de Portugal” que se compraria fora “para os das boubas e corrimentos”¹⁰⁷. Tornando às recomendações, ao barbeiro “também se dará salário” e este deveria estar sempre no hospital realizando as sangrias, deitando ventosas, raspando e tosquiando os enfermos. Em que pese o físico ser da terra, as práticas de cura recomendadas eram comuns aos hospitais europeus.

Como era de se esperar em uma instituição cristã, os cuidados com as pessoas enquanto estivessem vivas não finalizavam com a sua morte. Foi assinalado que se daria auxílio aos que falecessem de doenças no hospital e aos de fora, quando pedissem auxílio. Os sepultamentos deveriam ser feitos na presença de dois ou três padres da Companhia paramentados com “cruz e caldeira de água benta” e que os escravos da casa, que carregariam o ataúde, “levá-lo-ão com a cruz a enterrar no dito enterramento”¹⁰⁸. Foi ordenado que este não se fizesse na igreja, com

¹⁰² Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 29.

¹⁰³ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 29.

¹⁰⁴ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 29.

¹⁰⁵ Santos, *Goa é a chave de toda a Índia*, 98; Manso, *A Companhia de Jesus na Índia (1542–1622)*. *Actividades Religiosas, Poderes e Contactos Culturais*, 190.

¹⁰⁶ Županov, *Missionary tropics...*, 2005, 204.

¹⁰⁷ Wicki, *Documenta Indica...*, 1948, vol. 1, 126.

¹⁰⁸ Wicki, *Documenta Indica...*, 1948, vol. 1, 126-7.

exceção de quem deixasse isto em testamento, ou “se forem principais a quem se não deva denegar, e dando esmola conveniente”¹⁰⁹.

Na carta geral enviada de Goa, no ano de 1552, foram traçadas notas elogiosas sobre o Pe. Micer Paulo (ou Paulo Camerino) afirmando ser este “uma das colunas que nossa Companhia tem nestas partes da Índia” relatando-se que o padre, ordinariamente, tinha cuidado nas confissões dos meninos do Colégio e do “hospital da terra”, localizado próximo ao colégio, e que abrigava entre 30 e 40 enfermos tanto portugueses como os da terra. O padre, por esse tempo, havia construído, com esmolas, uma igreja na qual se dizia missa para os enfermos e se fazia pregações aos sábados e nas festas religiosas. Por fim, afirmou que a “gente da terra” tinha tanto amor pelo Pe. Micer Paulo que “todos lhe chama[va]m de pai”¹¹⁰. Em 1556, foi informado que o hospital chegava a abrigar mais de 40 enfermos e os socorria com “todo o necessário”¹¹¹.

No ano de 1560, em razão do falecimento do Pe. Paulo Camerino, o Ir. Pedro Afonso tomou o encargo do “hospital da gente da terra”¹¹². O irmão havia sido cirurgião antes do seu ingresso na Companhia, exercendo o ofício na Índia com grande renome¹¹³. Em carta remetida em 1º de dezembro de 1560, Ir. Pedro Afonso identificou-se como cirurgião, relatou as principais atividades que desempenhava neste âmbito e enquanto responsável pelo Hospital dos Pobres Nativos. Inicialmente, conforme a retórica da modéstia cristã e, possivelmente, também por não ser um ofício recomendado para religiosos (conforme já apontado anteriormente), afirmou que narraria a obra que Deus operava através dele, “instrumento tão baixo”, que era suprido pela “piedade e misericórdia” divinas¹¹⁴.

O irmão narrou o seu cotidiano no Colégio de São Paulo e, externamente, na assistência aos enfermos: logo pela manhã, afirmou, se encomendava a Deus, ouvia a missa e procurava cuidar dos padres e irmãos da casa, se houvesse algum enfermo. Depois, passava em revista a casa dos meninos e dos catecúmenos, onde “sempre ha[via] o que fazer”. Em seguida, caminhava para o hospital onde sempre havia muito a fazer nos cuidados com a “gente da terra, assim os gentios como os cristãos” e também com pessoas oriundas de fora de Goa. Afirmou o padre que tantos acorriam ao hospital, esperando na porta, “que muitas vezes[...] falta[va] papel para as receitas”¹¹⁵.

¹⁰⁹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1948, vol. 1, 127.

¹¹⁰ ACL, Ms. Azul, 11: *Cartas do Japão* [s.d.], f. 191.

¹¹¹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1954, vol. 3, 564.

¹¹² Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 747.

¹¹³ Wicki, *Documenta Indica...*, 1970, vol. 11, 266; Županov, *Missionary tropics...*, 2005, 207-12.

¹¹⁴ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 746.

¹¹⁵ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 747.

Ir. Pedro Afonso afirmou que os cuidados na gestão do hospital eram “o maior trabalho de todos”, exigindo que solicitasse, para o sustento do hospital e da casa das catecúmenas mulheres, para o procurador e o comprador do Colégio de São Paulo, prover as “coisas necessárias”, cuidar da “limpeza dos doentes” e das “vontades de cada um” com “muitas humildade, caridade e discricção”¹¹⁶. Enumerou enfermidades no rol de tratamento de cirurgiões: boubas, corrimentos, chagas, feridas, lesões por dardos, flechas e lanças, cabeças putrefatas, pernas e braços quebrados e, ainda, os machucados por chifradas de bufálos¹¹⁷. Era tamanha a diversidade de enfermidades que, ao irmão, parecia ser impossível saber como curá-los, encomendando-se a Deus e aos Santos médicos Cosme e Damião¹¹⁸. Em que pese não serem descritas em pormenores as práticas cirúrgicas pelo irmão, a literatura médica do período permite entrever alguns procedimentos e instrumentos utilizados (Imagens 5-8).

A missiva do irmão cirurgião é particularmente interessante pela identificação do hospital como uma estratégia de missionação. Conforme a expressão utilizada pelo inaciano, este servia como uma “pesca d’almas”¹¹⁹. Relatou que os gentios da terra buscavam o hospital por estarem “desconfiados de seus pagodes e feiticeiros” com muitas “doenças e necessidades”, e que lá recebiam os rudimentos da fé¹²⁰. Alguns enfermos chegavam com doenças antigas, outros já em estado terminal e, em todos os casos declarou o irmão buscar orientar para que os gentios recebessem os sacramentos do batismo ou da extrema-unção por um padre¹²¹. Afirmou o irmão que, antes de realizar qualquer procedimento cirúrgico com o gentio, um padre o batizava ainda no leito¹²².

¹¹⁶ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 747.

¹¹⁷ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 747-8; Juan Frago, *Cirurgia Universal... Y mas otros tres tratados... El primero es, Una summa de proposiciones contraciertos avisos de cirugia. El segundo, de las declaraciones acerca de diversas heridas y muertos. El tercero, de los Aphorismos de Hyppocrates tocantes a cirugia* (En Alcalá: En casa de Iuan Gracian que sea en gloria, M.D. XC. II., 1592), 3; Rafael C. R. Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos...* (Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712), 2:328. <http://purl.pt/13969/4/>, www.ieb.usp.br/online/dicionarios/Bluteau.

¹¹⁸ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 748.

¹¹⁹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 749.

¹²⁰ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 747.

¹²¹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 748.

¹²² Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 749.

Imagem 5 – Representações de mutilações, cortes e feridas e os procedimentos cirúrgicos



Imagem 6 – Instrumentos e modo de fazer cauterizações. Cura de ferida de flecha

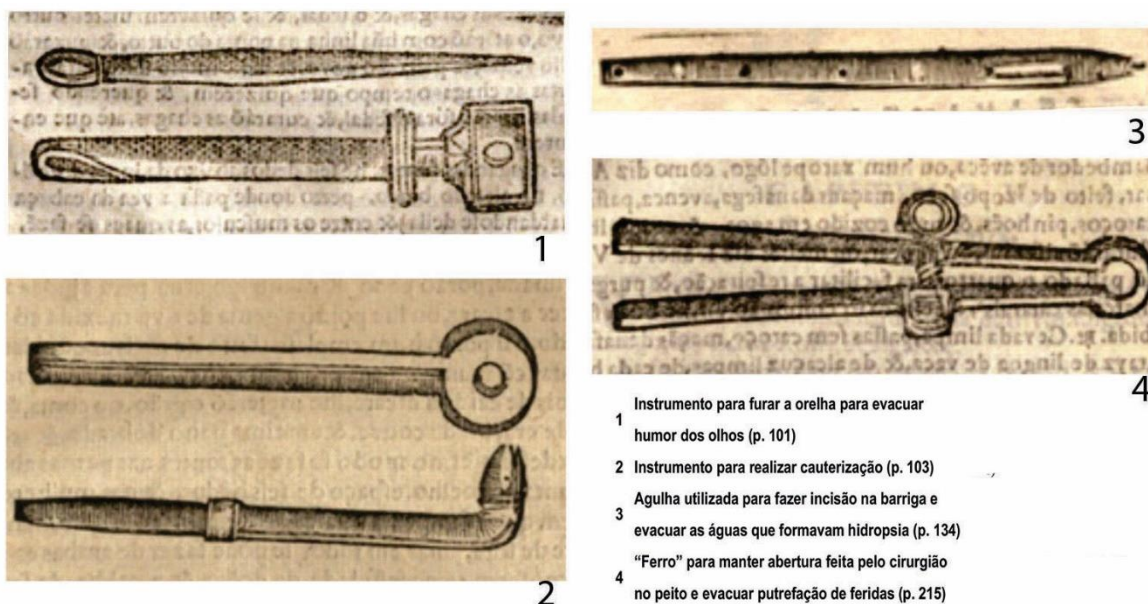


Fonte: *Os quatro livros sobre a medicina de Octavius Horatianus e os três livros de Abū Al-Qāsim, distinto entre todos os cirurgiões*, 115-6, 255

Os cuidados com os corpos e com as almas se espraiavam na conversão de suas famílias, não somente com o enfermo, como descreveu o inaciano. Assim que o gentio chegava buscando auxílio, alguns levavam consigo suas mulheres, filhos e parentes e logo pediam o batismo. Quando recebiam essas visitas, os religiosos, oportunamente, buscavam catequizar as mulheres e, quando estas aceitavam o batismo, eram conduzidas à casa de catecúmenas. Com o restabelecimento do enfermo, despediam-se, nas palavras do religioso, “com tamanha alegria e contentamento de suas saúdes, dizendo-me que vão buscar outros doentes”. Deste modo, concluiu que havia “muito para louvar ao Senhor ver quantos meios e modos tem para trazer as almas a si, e assim que lhes digo que este nosso hospital é uma pesca d’almas”¹²³.

¹²³ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 749.

Imagem 7 – Instrumentos utilizados para práticas cirúrgicas entre os séculos XVI – XVII segundo António da Cruz (15?? – 16??), cirurgião do Rei e do Hospital Real de Todos os Santos



- 1 Instrumento para furar a orelha para evacuar humor dos olhos (p. 101)
- 2 Instrumento para realizar cauterização (p. 103)
- 3 Agulha utilizada para fazer incisão na barriga e evacuar as águas que formavam hidropsia (p. 134)
- 4 "Ferro" para manter abertura feita pelo cirurgião no peito e evacuar putrefação de feridas (p. 215)

Fonte: António da Cruz et al., *Recopilaçam de Cirurgia [sic]* (Lisboa: na Officina de Henrique Valente de Oliveira impressor delRey a custa de Mattheus Rodrigues mercador de livros, 1661)

Além dos gentios, o irmão cuidava no hospital de cristãos pobres, mulheres cativas, gentias e de leprosos ou os enviava aos cuidados da Misericórdia. Relatou o irmão que muitos cristãos eram encontrados abandonados e maltratados e outros deixados na porta da igreja ou na portaria do Colégio. Assim que chegavam, eram orientados a se confessar e, depois da autorização do Superior, eram abrigados no hospital onde recebiam uma cama e os devidos cuidados¹²⁴. Sobre as cativas, afirmou que muitas procuravam a igreja dos jesuítas por estarem doentes e maltratadas e, então, o irmão procurava seu senhor ou senhora e o chamava à consciência, para que, caso não abrigasse a enferma, a tornasse forra de forma que pudesse ser cuidada pela Misericórdia, como era feito com as gentias, uma vez que o hospital não aceitava mulheres¹²⁵. Também os lazarentos e acometidos de doenças contagiosas que, por considerar muito mal estarem eles pela cidade ou às portas dos jesuítas, o irmão entregava à Misericórdia para que fossem levados ao Hospital de São Lázaro “onde lhe dão o necessário”. Por fim, afirmou que recebia licença do Padre para fazer visitas a pobres e “cristãos honrados novamente convertidos”¹²⁶.

¹²⁴ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 749.

¹²⁵ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 749-50.

¹²⁶ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 750.

Ir. Luis Fróis detalhou o trabalho de “caridade e amor para com os pobres e mortificação para consigo” do cirurgião Ir. Pedro Afonso. Além dos serviços menores de limpeza e ordem das enfermarias, ele cuidava pessoalmente dos enfermos realizando cauterizações, sangrias, purgas e os limpava e consolava. Relatou que as enfermidades tratadas envolviam “chagas mui horrendas e nojosas”, “pernas ou braços feitos em pedaços” e que, por vezes, enfermidades que pareceriam incuráveis, por intervenção divina se curavam com facilidade “que mais parece nelas haver obrado a virtude divina que os meios naturais e humanos”¹²⁷.

Em 1568, Pe. Henrique Henriques informou que o Hospital dos Pobres Nativos havia sido trasladado de Goa para Salsete¹²⁸. Sobre isto, informou o Ir. Sebastião Fernandes que a mudança havia sido ordenada pelo Pe. Provincial Antonio de Quadros que fazia muitos frutos na conversão de “toda aquela terra”. Relatou que os vínculos familiares eram desfeitos, quando o gentio se convertia, e muitos ficavam em desamparo quando estavam acometidos de enfermidades, daí a importância do acolhimento feito no hospital. Além disso, na enfermidade, muitos conheciam Deus, pois, “não achando mezinhas e remédios em suas doenças, se vêm aqui a fazer cristãos para que os curem”¹²⁹. Pe. Gomes Vaz descreveu a obra do hospital com a mesma expressão do Ir. Pedro Afonso, afirmando que a casa servia para “amparo dos pobres enfermos” e também como “uma isca para fazer a muitos cristãos, porque os gentios acodem a ele quando estão enfermos e se fazem desta maneira cristãos”¹³⁰.

Ir. Pedro Afonso faleceu em 1578, com elogios pelas suas obras de caridade e misericórdia com os pobres, curando feridos e doentes de várias enfermidades¹³¹. Tinha grande prestígio entre os gentios de Margão, assim como o hospital, poupado quando os mouros tomaram Salsete, no tempo do governo do vice-rei Dom Luis de Ataíde¹³². Segundo Pe. Gomes Vaz, não lhe puseram fogo por reconhecer “que aquela casa era de Deus e de caridade”¹³³. Pe. Sebastião Gonçalves afirmou que o hospital havia dado muitos exemplos de edificação e “muitos gentios alcançaram nesta casa a saúde de suas almas com a dos corpos”¹³⁴.

¹²⁷ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 792.

¹²⁸ Wicki, *Documenta Indica...*, 1962, vol. 7, 573.

¹²⁹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1964, vol. 8, 72.

¹³⁰ Wicki, *Documenta Indica...*, 1968, vol. 10, 737.

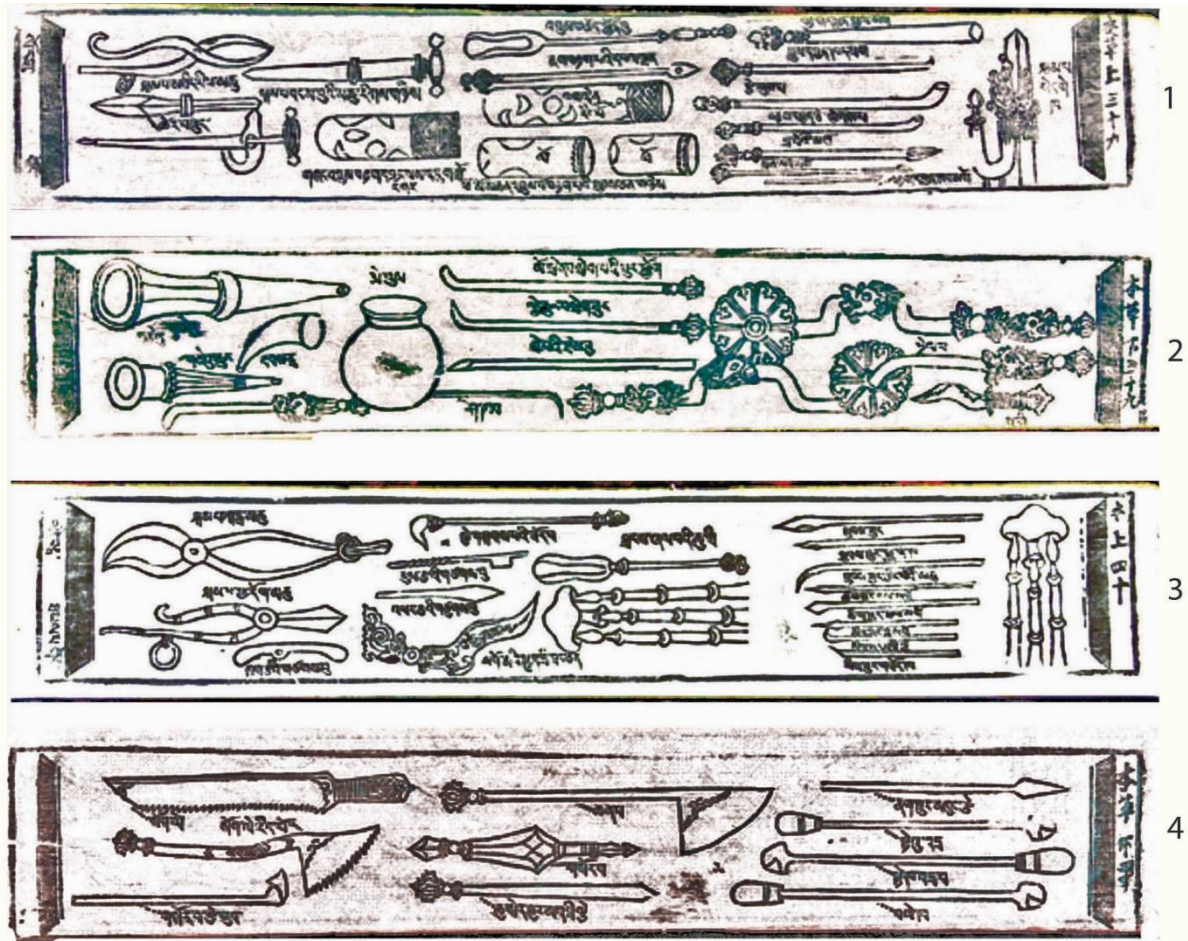
¹³¹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1970, vol. 11, 266-7.

¹³² Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1962, 99-100; Alden, *The Making of an Enterprise...*, 1996, 46.

¹³³ Wicki, *Documenta Indica...*, 1970, vol. 11, 266-7.

¹³⁴ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1962, 100.

Imagem 8 – Instrumentos cirúrgicos representados em *Uma matéria médica ilustrada em tibetano-mongol do sistema ayurveda por 'Jam-dpal-rdo-rje da Mongólia* (século XVI)¹³⁵.
Observou-se uma certa semelhança nos utensílios apontados



- | | |
|---|--|
| 1 | Instrumento para furar a orelha para evacuar humor dos olhos (p. 101) |
| 2 | Instrumento para realizar cauterização (p. 103) |
| 3 | Agulha utilizada para fazer incisão na barriga e evacuar as águas que formavam hidropisia (p. 134) |
| 4 | “Ferro” para manter abertura feita pelo cirurgião no peito e evacuar putrefação de feridas (p.215) |

Fonte: *Uma matéria médica ilustrada em tibetano-mongol do sistema ayurveda por 'Jam-dpal-rdo-rje da Mongólia*, 1911. <https://www.wdl.org/pt/item/13514/>.

Em 1575, o então visitador Pe. Alessandro Valignano havia escrito uma série de recomendações e respostas sobre questões da Província da Índia. Consultado se os religiosos deveriam abandonar a administração do hospital em Salsete, o italiano declarou concordar que se deixasse a administração temporal, contudo, advertiu que só poderiam fazê-lo com a

¹³⁵ *Uma matéria médica ilustrada em tibetano-mongol do sistema ayurveda por 'Jam-dpal-rdo-rje da Mongólia*, 1911, <https://www.wdl.org/pt/item/13514/>.

autorização da Coroa, uma vez que, juntamente com as esmolas do Colégio de Goa, se recebia dotação real para a obra iniciada com o Pe. Paulo Camerino¹³⁶. Até fins do século XVII, foram encontrados registros da continuação do hospital para acudir os enfermos pobres com o fruto de muitas conversões por ano em razão dessa obra de misericórdia¹³⁷, como se fosse uma farta pesca de almas.

5.3 Hospital Real

Em Goa, os inacianos cuidaram da administração temporal do Hospital Real por períodos intervalados, de fins do século XVI a princípios do século XVII: 1578-1584; 1591-1595; 1602-?¹³⁸. Pe. Sebastião Gonçalves relatou que o Hospital d’El-Rey de Goa esteve sob os cuidados e a administração da Misericórdia, instituição exclusiva para tratamento de cristãos-velhos, militares e homens, sendo, portanto, um centro de tratamento para as elites¹³⁹. Além de assistirem com os cuidados espirituais da confissão e extrema-unção, os inacianos receberam a incumbência da administração do dito hospital por “petição dos reis de Portugal assim no cuidado do temporal como do espiritual” que elogiaram a “caridade e diligência” que os irmãos da Misericórdia tinham, garantindo com “liberalidade e amor” o necessário para os enfermos. Contudo, deixando os irmãos esta obra, os padres da Companhia os sucederam na administração temporal e espiritual¹⁴⁰ (Imagem 9).

O sustento do hospital vinha de dotação real e esmolas ordinárias, como a que fez o Vice-Rei Aires de Saldanha doando 1500 pardaus, com o que vestiram 400 homens, e, ainda, de ajuda ofertada por religiosos de outras ordens, segundo noticiou Pe. Fernão Guerreiro¹⁴¹. Analisando as despesas do Estado da Índia, no ano de 1607, foi apontado um gasto com o hospital de 1/3 da ordinária designada à Companhia de Jesus, uma soma que poderia parecer

¹³⁶ Wicki, *Documenta Indica...*, 1968, vol. 10, 279.

¹³⁷ Wicki, *Documenta Indica...*, 1975, vol. 13, 160; 1981, vol. 15, 47.

¹³⁸ Gracias, *Health and Hygiene in Colonial Goa, 1510-1961...*, 1994, 124-6;

Sousa, *História da medicina portuguesa durante a expansão...*, 2013, 165-78.

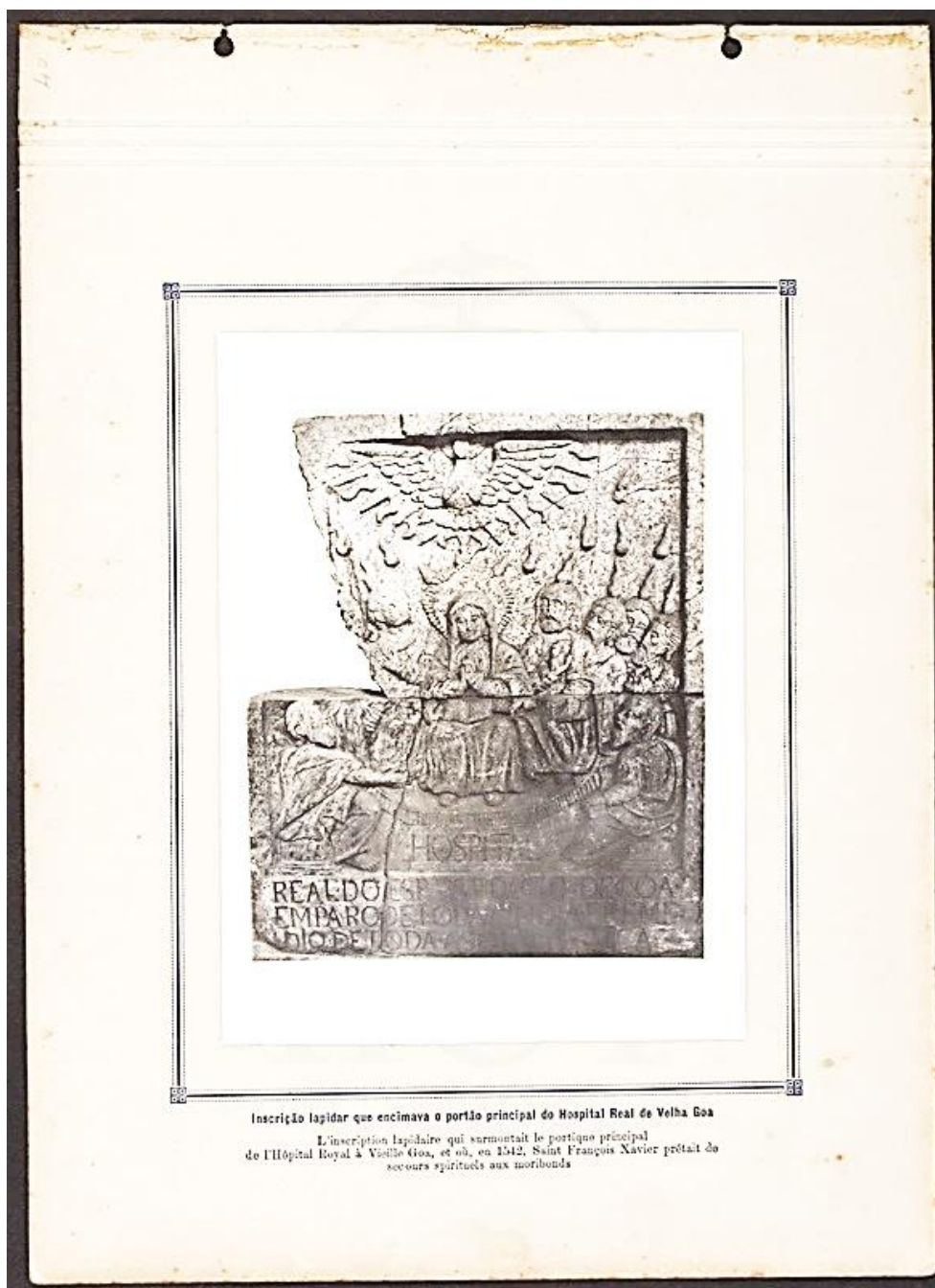
¹³⁹ Cristiana Bastos, “Hospitais e sociedade colonial: Esplendor, ruína, memória e mudança em Goa”, *Ler História* 58 (2010), 65-7.

¹⁴⁰ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1962, 462.

¹⁴¹ Fernão Guerreiro, *Relaçam annal [sic] das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da Índia Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guine, nos annos de seiscentos & dous & seiscentos & tres, & do processo da conversam, & christandade daquellas partes, tirada das cartas dos mesmos padres que de lá vieram. Pelo Padre Fernam Guerreiro... Vay dividido em quatro livros. O primeiro de Japã. O II. da China & Maluco. O III. da India. O IIII. do Brasil, Angola, & Guiné*, Colofão: Impresso em Lisboa cõ licença do santo Officio per Jorge Rodriguez (Em Lisboa: per Jorge Rodrigues impressor de livros, 1605), 348.

diminuta para o Hospital de Goa; contudo, vale destacar que os inacianos possuíam, já neste período, uma vasta rede de colégios e casas com missões desde Ormuz até o Japão¹⁴².

Imagem 9 – Inscrição lapidar que encimava o portão principal do Hospital Real de Velha Goa, 1930



Fonte: Fotografia, 1930, Álbum “Exposição de Paris, Estado da Índia Portuguesa”, nº2, IICT/Centro de Documentação e Informação, <http://actd.iict.pt/view/actd:AHUD28935>

¹⁴² BA, 51-VI-54, fl. 271-293v: *Rendimento e despesa do Estado da Yndia de hum anno*. Goa, 24 de novembro de 1607.

Em 1578, Pe. Gomes Vaz afirmou que o Governador D. Diogo de Meneses havia ordenado que diversas ordens assumissem, a cada mês, os cuidados do Hospital Real. Segundo ponderou o inaciano, os religiosos da Companhia foram diligentes e caridosos, causando grande melhoria dos enfermos. Relatou que houvera uma grave enfermidade de câmaras, da qual muitos morriam e que um Padre, não identificado na narrativa, prescreveu certa medicina que conhecia “pela experiência” e então declarou: “foi de modo que, onde antes quase todos morriam por não saber aplicar aquela medicina, agora por maravilha morria [apenas] algum”¹⁴³. Esta medicina era produzida pelos próprios inacianos em sua “casa”. Além da menção à ordinária caridade com os recém-chegados da Armada, relatou o trabalho dos inacianos no hospital e que este ministério causara grande admiração aos seculares, por não demonstrarem nojo e tomarem o encargo dos ofícios “muito baixos e humildes, e com os mais necessitados e asquerosos”¹⁴⁴. Os meses de administração parecem ter impressionado a Coroa, pois, no ano seguinte, receberam a incumbência do governo temporal do hospital.

Na carta ânua de 1579, Pe. Antonio Monserrate relatou que o Vice-Rei D. Luís de Ataíde havia passado para a Companhia o governo do hospital¹⁴⁵. O Provincial Pe. Ruy Vicente tentou recusar o cargo, mas recebeu ordem da Coroa, em razão da “grande necessidade que em realidade havia”¹⁴⁶, tendo sido apontado que, em pouco tempo, cerca de 300 enfermos portugueses morreram pelo “mau tratamento, por descuido e pouca diligência dos oficiais”. Os religiosos tomaram a administração temporal com grande exemplo público na cidade e edificação diante dos oficiais e mordomo da Misericórdia, segundo a narrativa inaciana¹⁴⁷.

Nas notícias da Índia do ano de 1579, informou-se que o Hospital de Goa havia passado para a administração dos inacianos por determinação do Vice-rei. A justificativa apontada foi a acusação de que os oficiais não estavam prestando um bom cuidado e amparo aos enfermos das naus, razão pela qual, nos últimos meses, haviam morrido mais de 300 portugueses. Com as ressalvas do Provincial de não ser esta empresa do costume da Ordem, ele acabou por aceitar o encargo. “Parece que foi providência de Nossa Senhora”, relatou a carta geral, pois, naquele ano, a Armada havia atrasado e levava muitos enfermos e com a diligência dos religiosos não faleceram mais de dois ou três, causando grande edificação aos oficiais da casa, em especial ao mordomo, que “louvava os padres” pelo cuidado tanto da “cura corporal e tanto a espiritual”¹⁴⁸.

¹⁴³ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica...*, 1970, vol. 11, 272.

¹⁴⁴ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica...*, 1970, vol. 11, 273.

¹⁴⁵ Wicki, *Documenta Indica...*, 1970, vol. 11, 664.

¹⁴⁶ Tradução livre. Wicki, *Documenta Indica...*, 1970, vol. 11, 664.

¹⁴⁷ Wicki, *Documenta Indica...*, 1970, vol. 11, 664-5.

¹⁴⁸ ANTT, Armário Jesuítico, Liv. 28. Mf. 136: *Livro em que se escrevem as coisas notáveis que nas cartas da Índia, Japão e China...*, [s.d.], f. 93.

Desde 1581, pelo menos, havia indicação de que os inacianos desejavam deixar a administração do hospital porque, em que pese fosse aquele um “grande serviço a nosso Senhor, e o povo mui edificado”, não estava conforme o Instituto da Companhia. Pe. Rui Vicente, então Provincial, afirmou que pediria ao “novo Governador”, Fernando Teles de Meneses, que lhes tirasse esta carga¹⁴⁹, porém, o Pe. Cristovão de Castro enviou ao Superior Geral, Pe. Claudio Acquaviva, em Roma, recomendações para que os religiosos permanecessem na administração do Hospital Real, por ser:

[...] tão grande obra esta e de tão grande serviço N. Senhor, que dela depende o bem espiritual e o temporal de toda a Índia, pois depende a vida dos homens, scilicet, de quase toda a soldadesca que vai ali deferir em suas enfermidades¹⁵⁰.

O hospital poderia ser comparado ao próprio inferno, no período em que não estava aos cuidados dos jesuítas, segundo o Pe. Cristovão de Castro. Apesar das rendas, a instituição se apresentava como “um grave espetáculo de misérias”, em razão das “desordens e roubos dos oficiais”. Listou, então, os problemas: era fétido, não havia camas nem roupas para cobri-las, por vezes, os enfermos ficavam jogados no chão “envoltos em sujidade e imundícias”. Não havia pão, e o que havia era disputado entre os enfermos, tampouco o necessário para as curas. As purgas eram feitas com ervas de breo e peixe “e assim pereciam os enfermos”. Estimou a mortandade anual entre 400 e 600 soldados que, por irem para a sepultura, deixavam de servir na Índia¹⁵¹.

Sob a administração dos jesuítas, segundo suas próprias narrativas, o cenário era o inverso. Sem qualquer aumento nas rendas, o hospital passou a estar “limpo como as nossas enfermarias”, cerca de 200 enfermos estavam acomodados em “colchões, lenços e colchas, e travesseiros e almofadas” e tinham à disposição todo o necessário para a sua dieta: “galinhas, doces e com todos os regalos que pede qualquer grave enfermidade” e nestas condições, a mortandade havia caído e apenas poucos pereciam. Concluiu, por fim, que não lhe parecia ser contra as Constituições da Ordem uma “obra tão santa e tão conforme ao serviço de Nosso Senhor” em que os missionários davam a “vida de alma e do corpo a tantos”, de modo que os Governadores e Vice-Reis não consentiam que os inacianos deixassem esta obra¹⁵².

Pe. Nuno Rodrigues escreveu ao Pe. Claudio Acquaviva, em 1582, sobre as tentativas de recusa da obrigação dos cuidados temporais do hospital, relatando que já havia sido acordado com o Conde Vice-Rei que tornaria a administração para a Misericórdia, mas que, em setembro

¹⁴⁹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1972, vol. 12, 278-9.

¹⁵⁰ Wicki, *Documenta Indica...*, 1972, vol. 12, 551.

¹⁵¹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1972, vol. 12, 552.

¹⁵² Wicki, *Documenta Indica...*, 1972, vol. 12, 552.

de 1581, havia chegado a Goa as ordens da Coroa sobre esta matéria, mantendo a incumbência com os inacianos¹⁵³. Na carta ânua de 1583, Pe. Eduardo de Sande relatou que os inacianos haviam deixado o hospital por entenderem não ser “coisa tão propriamente nossa”, a despeito da “grande instancia” do vice-rei D. Luís de Ataíde, do governador Fernão Teles de Meneses e do vice-rei daqueles anos, D. Francisco Mascarenhas, e, também, apesar do “grande sentimento de todos” da cidade pelo “grande serviço de Deus e bem ao Estado” que fizeram com essa obra¹⁵⁴.

Vale destacar as declarações sobre as tentativas de recusa desta empresa pela Companhia. Sebastião Gonçalves afirmou que, em virtude de uma ordem régia emanada de D. Filipe I de Portugal, os jesuítas acabaram por aceitar a administração do hospital. Apontou que por “pedir instantaneamente a N. R. P. Geral Claudio Acquaviva”, o mesmo havia procurado “por todas as vias de escusar os Padres desta ocupação”. As razões para se evitar esta ação foram apontadas: (1) “por não ser tão conforme a nosso modo de viver”, (2) “e também para atalhar a muitos inconvenientes e desgostos que o cuidado desta obra traz consigo”¹⁵⁵.

Em 1585, Pe. Alessandro Valignano afirmou que aguardavam as ordens da Coroa sobre a administração do hospital, uma vez que haviam remetido uma carta com as justificativas do impedimento¹⁵⁶. Considerou que, caso Sua Majestade ordenasse, não poderiam declinar, mas que esperava que não recebessem essa carga, “porque na verdade não nos convêm nem se pode com tanto”¹⁵⁷. A ordem da coroa foi remetida em 1588, pelo Rei D. Felipe I de Portugal ao vice-rei D. Duarte de Meneses, liberando os inacianos da tarefa¹⁵⁸. Vale observar que, no período em que o Pe. Claudio Acquaviva foi Geral (entre 1581-1615), a estrutura da Companhia de Jesus passou por uma crescente burocratização e organização/ unificação das suas atividades missionárias¹⁵⁹. Ines Županov denominou de “dilema” a missão médica na Índia, pelos embates entre o Padre Geral, em Roma, a Coroa Ibérica e os religiosos, na Província da Índia¹⁶⁰.

O Procurador das Índias, Pe. Francisco de Monclaro, redigiu um memorial, em 1590, debatendo as principais questões e orientações do Pe. Claudio Acquaviva. Sobre o hospital em Goa, apontou que deveriam deixar de servir como curas e capelães, afirmando não ser isto

¹⁵³ Wicki, *Documenta Indica...*, 1972, vol. 12, 643.

¹⁵⁴ Wicki, *Documenta Indica...*, 1972, vol. 12, 900.

¹⁵⁵ Gonçalves, *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça...*, 1962, 462.

¹⁵⁶ Wicki, *Documenta Indica...*, 1979, vol. 14, 115.

¹⁵⁷ Wicki, *Documenta Indica...*, 1979, vol. 14, 115-6.

¹⁵⁸ Wicki, *Documenta Indica...*, 1979, vol. 14, 812.

¹⁵⁹ Francesca Cantú, “Il generalato di Claudio Acquaviva e l’identità missionaria della Compagnia di Gesù: Note e prospettive sulle missioni americane”, in *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII*, Actas do Colóquio Internacional, Maio 2014 (Porto, 2004), vol. 1; Županov, *Missionary tropics...*, 2005, 197.

¹⁶⁰ Županov, *Missionary tropics...*, 2005, 218-21.

próprio da Companhia e que, se pudessem fazê-lo sem ofender ao Rei, que se retirassem “e não fossem hospitaleiros”. Recomendou, ainda, que, em tempos de necessidade e, especificamente, quando chegavam as naus da Carreira da Índia, que não deixassem de prestar os devidos serviços espirituais e de caridade¹⁶¹.

Em 1591, o vice-rei Matias de Albuquerque mandou publicar um alvará com a entrega do Hospital Real novamente para os religiosos da Companhia de Jesus. Foram apontadas três razões para esta mudança na administração: (1) o grande número de enfermos que ordinariamente havia na cidade de Goa; (2) a importância de que todos fossem bem curados “como o dito Senhor encomenda”; (3) e, por fim, o impedimento dos Irmãos da Misericórdia, muito ocupados em outras obras pias. O vice-rei registrou a relutância dos religiosos em aceitar, novamente, este encargo, apenas o fazendo para “cumprir ao serviço de Deus e de Sua Majestade”. Uma boa administração foi apontada por Mathias de Albuquerque como imperativa para que os enfermos fossem bem curados: “limpeza e abastança de todo o necessário”¹⁶².

No ano de 1595, reuniram-se o Visitador Pe. Alessandro Valignano, o Provincial Pe. Fernando Cabral, o Preposto da Casa Professa, Pe. Jeronimo Xavier, o Reitor do Colégio de São Paulo, Valério de Parada, e os Padres Francisco de Monclaro, Nuno Rodrigues e Pero Rodrigues para debater a nova renúncia do encargo do Hospital Real, apontando como razão ser isto de “mui grandes inconvenientes e danosos ao bem e honra da Companhia”. Contudo, fizeram algumas considerações a este respeito, como o temor pela reação do Vice-Rei Matias de Albuquerque que, por ser de “natureza tão colérica e arrebatada”, passasse a perseguir os religiosos¹⁶³. Também temiam a relação com a Coroa, pois, quando, em 1582, deixaram o governo temporal, o Rei encomendou aos superiores da Ordem que tornassem a aceitar¹⁶⁴.

Desejavam deixar o hospital também pelas relações com a nobreza local e a reputação da Ordem, em Goa, declarando que se faziam odiosos com os irmãos da Misericórdia (“que são toda a nobreza desta cidade”) e que os boatos de que se aproveitavam da renda do hospital para o sustento da Casa Professa causava “infamia” à Companhia¹⁶⁵. A se notar pela missiva do Pe. Alessandro Valignano ao Pe. João Álvares em Portugal, o vice-rei Mathias de Albuquerque tomou como afronta a entrega do hospital, limitando os recursos para os religiosos¹⁶⁶.

¹⁶¹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1981, vol. 15, 55.

¹⁶² Wicki, *Documenta Indica...*, 1981, vol. 15, 606.

¹⁶³ Wicki, *Documenta Indica...*, 1988, vol. 17, 46.

¹⁶⁴ Wicki, *Documenta Indica...*, 1988, vol. 17, 47.

¹⁶⁵ Wicki, *Documenta Indica...*, 1988, vol. 17, 49.

¹⁶⁶ Wicki, *Documenta Indica...*, 1988, vol. 18, 630.

Pe. Fernão Guerreiro, narrando as coisas das partes das Índias Orientais entre 1602 e 1603, relatou que estava o hospital “à conta da Companhia” e que nele residiam um padre e um irmão e, também, “alguns noviços que de ordinário vão servir, e os que nele se curam sejam soldados que sempre tem mais que fazer em suas consciências que a outra gente, é muito grande o fruto que nele se faz”. Afirmou, ainda, que os religiosos exercitavam esta caridade todos os anos, buscando os doentes quando chegavam das naus do reino, com “refresco e charamelas”. Descreveu que os carregavam “em seus próprios braços e trazendo-os ao hospital onde os lavam, alimpam, curam e recreiam com todo amor e caridade possível” e estimou em mais de 600 os que, por vezes, se recolhiam e eram servidos, curados, vestidos e recebiam todo o mais necessário¹⁶⁷.

Para se compreender a passagem da administração do maior e mais prestigioso hospital do Oriente, antes administrado pela confraria da Misericórdia, para os inicianos, há que se destacar as disputas e embates em torno da assistência e da Coroa Portuguesa¹⁶⁸. Vale assinalar que esses conflitos não estavam presentes desde os primeiros anos da chegada dos inicianos no Oriente, que já ocorrera a convivência no cuidado com as almas (dispensada pela Companhia) e no cuidado dos corpos (prerrogativa da Misericórdia) nos hospitais, inclusive incentivada pelo apóstolo do Oriente, Pe. Francisco Xavier¹⁶⁹.

Isabel Sá destacou a disputa entre a Misericórdia e a Companhia de Jesus pela primazia em Goa, apontando que, nas últimas décadas do século XVI, se deu o ápice da confrontação, com carta enviada pela Misericórdia cobrando atenção ao crescimento da Companhia refletido em seus edifícios e na angariação de fundos através de esmolas e heranças¹⁷⁰. A reclamação incidia, diretamente, na influência da Ordem no cuidado com os mortos e os bens legados, privilégio da confraria. A manutenção deste monopólio foi, por diversas vezes, ameaçada pelos inicianos, em suas tentativas de fundação de confrarias de soldados e outras semelhantes¹⁷¹. Em que pesem as ressalvas e resistências da Ordem e a oposição e disputa com a Misericórdia, a Companhia de Jesus esteve na administração do Hospital Real, em períodos intervalados, por quase três décadas.

¹⁶⁷ Fernão Guerreiro, *Relaçam annal [sic] das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guine, nos annos de seiscentos & dous & seiscentos & tres...* (Em Lisboa: per Jorge Rodrigues impressor de livros, 1605), 348.

¹⁶⁸ Maria de Deus Beites Manso, *A Companhia de Jesus na Índia 1542–1622: Actividades religiosas, poderes e contactos culturais* (Macau; Editora da Universidade de Macau; Évora: Editora da Universidade de Évora, 2009), 145-6.

¹⁶⁹ Sá, *Quando o rico se faz pobre...*, 1997, 163-4.

¹⁷⁰ Sá, *Quando o rico se faz pobre...*, 1997, 162.

¹⁷¹ Sá, *Quando o rico se faz pobre...*, 1997, 163.

Sob a administração dos inacianos, fez-se publicar o *Regimento do Hospital Real da Cidade de Goa* (1584) que, em seu primeiro capítulo, determinou as regras e práticas cotidianas, “porque a vida e saúde dos enfermos pende muito da sua boa cura e ordem dela”¹⁷². Vale assinalar a clara relação entre o que foi prescrito neste regimento e o *Regimento do Hospital de Todos os Santos* (1504). Conforme já registrado, esta última instituição serviu como modelo para os hospitais modernos em Portugal e, de modo mais geral, nos territórios do Império Português. As prescrições sobre os cuidados com os enfermos, a ordem para os oficiais, o funcionamento e a administração em muito se assemelham ao que foi assentado para Goa com apenas algumas ressalvas em função da adaptação local¹⁷³.

No Hospital Real, em Goa, o serviço deveria começar logo cedo: às 5 horas da manhã o capelão ou padre deveria realizar a missa, com a presença de todos os oficiais (“mordomo, enfermeiro, escrivão, médico, cirurgião, boticário, vedor, porteiro e servidores”) para que recebessem ajuda divina nos serviços do dia; logo após, tinham início as visitas às enfermarias, separadas as enfermidades entre feridas e chagas – matéria para os cirurgiões – e as demais, como as ordinárias febres – de “obrigação” do médico¹⁷⁴.

Assim como no Hospital de Todos os Santos, o médico deveria realizar as visitas acompanhado por alguns oficiais¹⁷⁵ e, juntamente com o enfermeiro, deveria tomar as informações sobre os doentes (como o pulso) e as recomendações sobre as mezinhas e alimentação de cada um, devendo tudo isto ser anotado pelo escrivão, em tábuas, e acompanhado pelo mordomo, para que se cumprisse todo o necessário. O boticário também acompanhava e escrevia em um caderno o que havia sido receitado pelo médico. Caso houvesse alguma enfermidade sobre a qual o médico não tivesse conhecimento nem sobre o modo de curá-la, o mordomo solicitaria aos irmãos da Misericórdia que chamassem um médico de fora para julgar a “natureza e qualidade de sua enfermidade, para que por falta do conhecimento dela se não erre em sua cura”¹⁷⁶.

As recomendações para o cirurgião eram homólogas às do médico quanto à visita aos feridos e à prescrição individual sobre os cuidados a serem feitos, tendo apenas a ressalva de que o cirurgião deveria curar a cada um com suas mãos “e não confiando a cura de outrem, pois para isso lhe dão seu salário”. Da mesma forma, caso houvesse alguma enfermidade

¹⁷² Wicki, *Documenta Indica...*, 1975, vol. 13, 867.

¹⁷³ José Pedro Paiva, e Isabel dos Guimarães Sá, coord., *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, 3: “A fundação das Misericórdias: O Reinado de D. Manuel I” (Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2004), 75-106.

¹⁷⁴ Wicki, *Documenta Indica...*, 1975, vol. 13, 867.

¹⁷⁵ José Pedro Paiva e Isabel dos Guimarães Sá, *Portugaliae monumenta misericordiarum* vol. 3 (Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 90-1.

¹⁷⁶ Wicki, *Documenta Indica...*, 1975, vol. 13, 867-8.

desconhecida ou ignorada pelo cirurgião, poderiam ser chamados oficiais de fora com a autorização da Misericórdia¹⁷⁷.

Terminadas as visitas, o mordomo, juntamente com o médico, o cirurgião e os demais oficiais, se apresentava à mesa do despacho do Hospital para selecionar os enfermos a serem admitidos. Inicialmente, verificava-se se a enfermidade estava no rol do que era tratado por médico ou cirurgião e, caso o fosse, informava-se sobre a “qualidade de sua pessoa, estado e fazenda”. Após serem admitidos, os enfermos tinham seus pés lavados e eram acomodados em camas na varanda “conforme a sua qualidade e enfermidade”, mas eles não seriam admitidos antes que confessassem, a não ser que estivessem em grande risco, muito debilitados ou fossem “pessoas de tal respeito que ao mordomo pareça que devem ser logo recolhidos dentro”¹⁷⁸.

Ainda na mesa, o boticário fazia o registro das mezinhas e, indo para a botica, ordenaria a feitura “com muita presteza, limpeza e fidelidade”. As medicinas a serem logo tomadas deveriam ser imediatamente enviadas aos enfermos, preparando-se, então, os xaropes tomados diariamente pela manhã. No Hospital de Todos os Santos, o boticário deveria garantir que tudo estivesse em boa ordem, quanto à limpeza e organização da botica assim como com todo o necessário para a feitura dos lavatórios, emplastos e demais mezinhas¹⁷⁹.

Os enfermeiros tinham a incumbência de fazer cumprir todo o determinado para a terapia dos enfermos¹⁸⁰. Às 9 horas da manhã, já deveriam estar com toda a alimentação preparada e pronta para ser dada aos enfermos, segundo as prescrições do médico e do cirurgião; tocariam, então, a campainha e começariam a servir os enfermos, primeiro lavando as mãos com água e dando a cada enfermo o seu guardanapo. O pão seria repartido conforme a necessidade e os servidores trariam a refeição ainda quente com uma porção de galinha e o mais “conforme a sua necessidade e disposição, e ao que o médico tem mandado”, devendo ter sempre à disposição “águas estiladas, conservas, caldos esforçados ou amendoados” para os enfermos mais fracos. Acabada a refeição, se mandaria lavar e varrer as enfermarias e os locais em que comeram “para que tudo fique limpo”¹⁸¹.

Às 11 horas, todos os vasos de serviço seriam lavados e os enfermos deveriam estar em repouso, sem qualquer visita, por duas horas, sendo logo após realizada a segunda visita diária às enfermarias, na qual eram feitos os mesmos procedimentos por médicos, cirurgiões e oficiais

¹⁷⁷ Wicki, *Documenta Indica...*, 1975, vol. 13, 868.

¹⁷⁸ Wicki, *Documenta Indica...*, 1975, vol. 13, 868.

¹⁷⁹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1975, vol. 13, 869; José Pedro Paiva e Isabel dos Guimarães Sá, *Portugaliae monumenta misericordiarum* vol. 3 (Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 97.

¹⁸⁰ Wicki, *Documenta Indica...*, 1975, vol. 13, 869; José Pedro Paiva e Isabel dos Guimarães Sá, *Portugaliae monumenta misericordiarum*, vol. 3 (Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 96-101.

¹⁸¹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1975, vol. 13, 869-70.

conferindo a recuperação dos enfermos e se todo o cuidado havia sido realizado segundo as recomendações e o comparecimento à mesa de despacho. Seria ordenado o preparo da alimentação e das terapias e medicinas recomendadas, e às 17 horas seriam oferecidas as refeições, como procedido no “jantar” pela manhã¹⁸².

Após a limpeza da enfermaria, deveriam ser arrumadas as camas e fechadas as janelas “assim para saúde dos enfermos, como para o recolhimento da casa”. Hora por hora, havia recomendações a serem feitas pelo enfermeiro e servidores. Às 20 horas, o enfermeiro faria outra visita, verificando se tudo estava feito conforme as recomendações e às 21 horas, voltaria para dar as pílulas aos que precisassem, mandaria colocar os urinóis para os enfermos que deveriam mostrar as águas aos médicos, “finalmente provendo e ordenando tudo o que for necessário aos enfermos”. O enfermeiro poderia tirar algum tempo de repouso e às 3 horas da manhã deveria aplicar as purgas prescritas, com um “moço” designado para não dormirem, beberem, lançarem o expurgado fora do vaso ou expelirem mais que o necessário. Deveriam, ainda, ser cobertos e limpos, preservando a “limpeza e o bom cheiro da casa”¹⁸³.

O traslado do *Regimento em Documenta Indica* está incompleto, tendo sido informado que, além deste capítulo, havia prescrições sobre os cuidados a serem feitos a cada semana, assim como orientações para os servidores e oficiais do hospital: mordomo, enfermeiro, capelão ou padre, escrivão, vedor, porteiro, médico, cirurgião, boticário, barbeiro, comprador, dispenseiro, padeiro, maynato¹⁸⁴ e demais servidores¹⁸⁵.

O *Regimento* pode ser melhor analisado à luz de relatos contemporâneos sobre o cotidiano e estrutura do hospital. Dois estrangeiros, François Pyrard de Laval e Jan Huygen van Linschoten deixaram suas impressões sobre o Hospital Real. Cabe assinalar que o francês relatou sua permanência lá no período em que os inicianos o administravam (provavelmente, a primeira década do século XVI) opinando que “os Padres Jesuítas tem tomado este hospital a seu cargo, o que eles desempenham mui dignamente” e que “se estivera a cargo de outros, mal poderia imita-los, ainda que tivesse dobrado rendimento do que agora tem”¹⁸⁶. Isabel Sá se debruçou sobre essas descrições para compreender a Misericórdia e as relações sociais e políticas que permeavam sua atuação em Goa, destacadamente, no Hospital Real¹⁸⁷. Cristiana

¹⁸² Wicki, *Documenta Indica...*, 1975, vol. 13, 870; 1.

¹⁸³ Wicki, *Documenta Indica...*, 1975, vol. 13, 871-3.

¹⁸⁴ “Homem que na Índia tem o ofício de lavar roupa”, segundo o dicionário de Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino...*, v. 9, 8.

¹⁸⁵ Wicki, *Documenta Indica...*, 1975, vol. 13, 874.

¹⁸⁶ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 10; 12; Jan Huygen van Linschoten, *Navigatio ac Itinerarium Iohannis Hugonis Linscotani...* (Hagae-Comitis: Ex officinâ Alberti Henrici Impensis Authoris & Cornelii Nicolai prostanque apud Aegidium Elsevirum, 1599).

¹⁸⁷ Sá, *Quando o rico se faz pobre...*, 1997, 149-58.

Bastos, sobre as descrições do Hospital Real feitas por Pyrard de Laval, considerou tratar-se de uma narrativa com uma “fantasia orientalista apontando descrições não tão idílicas do hospital no mesmo período”¹⁸⁸.

Por certo, a análise sobre a narrativa do francês revela algum exagero nos elogios feitos à estrutura e aos cuidados dispensados no Hospital Real. O aventureiro fora levado ao hospital para curar-se de feridas e “outros incômodos” em decorrência da sua viagem, quando foi tomado como prisioneiro dos portugueses¹⁸⁹. Descreveu o edifício como sendo “grande e amplo, com muitas galerias, pórticos e jardins de boas ruas, aonde os convalescentes vão tomar ar” e que, pela noite, se iluminava com velas e lanternas de cascas de ostras. Para ele, o hospital fazia jus ao adjetivo “real”, pois era “excelente e magnífico, onde os doentes, assim pobres como ricos, são servidos com tanto cuidado, asseio e carinho, que mais não pode ser”¹⁹⁰. Em suas palavras:

É pois este hospital o melhor que na minha opinião há no mundo, ou seja pela beleza do edifício e suas pertencas, porque tudo está mui bem disposto e acomodado; ou seja pela boa ordem e polícia que nele se guarda, limpeza que ai há, grande cuidado que se tem dos doentes, assistência e consolação de tudo quanto se pode desejar, assim no que toca aos médicos, drogas e remédios para restaurar a saúde, e alimentos que se oferecem; como no que diz respeito à consolação espiritual, que a toda hora pode haver¹⁹¹.

As condições para ser aceito no hospital eram bem menos amplas que “assim pobres como ricos”, como apontou Pyrard de Laval. De princípio, vale assinalar que o Hospital Real era voltado para a assistência a portugueses, cristãos-velhos, destacadamente, os soldados da Armada, e era exclusivo para homens¹⁹². “Verdade é que os judeus passam por portugueses” e eram aceitos no hospital, ressaltou Pyrard de Laval¹⁹³.

Conforme o *Regimento*, havia uma espécie de inspeção para o ingresso no hospital, impedindo que toda a diversidade de grupos sociais na Goa colonial pudesse ali ter assistência. “Gentios, muçulmanos, judeus, cristãos-novos, cristãos indianos, e mesmo cristãos-velhos europeus de menos prestígio ou posses”, todos estes deveriam buscar assistência em outras instituições¹⁹⁴. Segundo o francês, “entram nele muitas vezes pessoas nobres, porque isto não é havido por desonra” e alguns enfermos recebiam visitas de “Arcebispo, Vice-Rei e fidalgos, que dão grande soma de dinheiro”¹⁹⁵.

¹⁸⁸ Cristiana Bastos, “Hospitais e sociedade colonial: Esplendor, ruína, memória e mudança em Goa”, *Ler História* 58 (2010):70.

¹⁸⁹ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 1, 336.

¹⁹⁰ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 1, 386.

¹⁹¹ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 11.

¹⁹² Bastos, “Hospitais e sociedade colonial, 2010, 63-4.

¹⁹³ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 15.

¹⁹⁴ Bastos, “Hospitais e sociedade colonial...”, 2010, 64.

¹⁹⁵ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 15.

Tornando ao relato, Pyrard de Laval afirmou que, logo que chegou às galés na barra de Goa, foi levado por catre e o deixaram à sombra na porta do hospital onde ele e um companheiro de viagem ficaram aguardando, pois era o horário do jantar dos oficiais. Fazendo um paralelo com o Regimento destacado anteriormente, observa-se que fora prescrita a praxe de se recolherem os enfermos duas vezes ao dia, fazendo a seleção pela qualidade do indivíduo e a enfermidade. De modo coincidente, o francês relatou que havia sido recebido na portaria, juntamente com outros doentes e que foram todos visitados por médico, cirurgião ou boticário¹⁹⁶.

Nota-se com mais evidência o tom demasiado elogioso de Pyrard de Laval em suas descrições sobre o aparato e estrutura do hospital quando afirmou que não se podia facilmente distinguir pela fachada do edifício se estavam em um hospital, pois “pela aparência mais inculcava um grande palácio”. Ainda no princípio da sua descrição, narrando a sua admissão e como fora acomodado em cama limpa e recém-feita, caracterizou os leitos como sendo “torneados, lacreados de lacre ou verniz vermelho, alguns pintados a cores e outros doirados”, com o assento e travesseiros feitos de algodão, e os “colchões e cobertas de pano de seda [...] pintado de toda a sorte de figuras e cores”. Relatou, ainda, que todos sentiam “grande contentamento em ver um lugar tão belo; onde todas as câmaras são limpas e brancas como papel; e as galerias bem pintadas com passos da história da sagrada escritura”. E ainda, representativo do luxo do hospital, toda a louça de serviço era da China, segundo seu relato¹⁹⁷.

Considerou o número de pacientes, doentes e mortos com uma soma bastante avultada: “Todos os anos saem deste hospital mais de mil e quinhentos corpos mortos e entra infinito número de doentes”. Na chegada das naus da Armada, por vezes, acolhiam “mais de três mil; e o menor número que há é o de trezentos ou quatrocentos”. Esta estimativa é deveras exagerada. Há que se considerar, conforme apontou Cristina Bastos, que embora “tenha colorido favoravelmente alguns dos aspectos do hospital”, há indícios de que em alguns “pontos o autor parece ter captado a lógica da instituição quiçá a sua materialidade”¹⁹⁸.

A esta tese interessam especialmente as descrições sobre os cuidados com os enfermos e práticas de cura. O hospital, para o francês, parecia um “grande mosteiro”, com toda a sua hierarquia e organização. Os cargos considerados mais altos eram ocupados pelos portugueses¹⁹⁹. O médico gozava de grande prestígio, e segundo o francês, era comum que

¹⁹⁶ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 9-10.

¹⁹⁷ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 10-15.

¹⁹⁸ Bastos, “Hospitais e sociedade colonial...”, 2010, 62.

¹⁹⁹ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 11.

fossem os mesmos que serviam aos vice-reis vindos de Portugal²⁰⁰. Dentre os físicos que serviram no hospital, vale citar o renomado Garcia de Orta e Dimas Bosque²⁰¹. Contudo, não se faz crer que fosse restrito aos europeus, haja vista que o exercício das práticas médicas não era vedado aos indianos²⁰² e que houve uma crescente incorporação de oficiais nativos no hospital após a segunda metade do século XVII²⁰³.

A falta de médicos em Goa parece ter perdurado até, ao menos, meados do século XVII, como referenda a carta enviada pelos oficiais da Camara de Goa à Coroa solicitando o envio de físicos cristãos para que se estabelecessem na cidade. Na mesma missiva, foi expressa a reclamação de que, muitas vezes, os que iam àquelas partes retornavam ao Reino “cheios de dinheiro” deixando as gentes desamparadas de assistência²⁰⁴. Conforme apontado no capítulo anterior, havia, de modo bastante comum, médicos brâmanes que atendiam a população goesa. Contudo, não foram encontrados relatos a este respeito na documentação consultada.

Os servidores que, segundo Pyrard de Laval, eram canarins ou brâmanes cristianizados recebiam salário e estavam submetidos, hierarquicamente, ao físico, ao cirurgião e ao boticário e apenas os oficiais eram responsáveis por advertir e ralhar com os enfermos, “mas os servidores não ousariam dizer-lhes coisa alguma”²⁰⁵. Eram, em sua opinião, “mui limpos e asseados, mui compassivos e carinhosos; porque se algum fosse áspero para com os doentes, seria logo expulso da casa”²⁰⁶. Havia, ainda, os escrivães serventes que registravam as visitas e todas as prescrições a serem enviadas à botica e à cozinha²⁰⁷.

Assim como no Hospital de Todos os Santos, aos escravos cabia “todo o serviço baixo e pesado”, como limpar os dejetos e os vasos, fazer a limpeza das enfermarias, limpar as roupas e “outros semelhantes serviços no interior do hospital”²⁰⁸. No Estado da Índia, esses escravos possuíam variadas origens e deveriam ser tomados dentro da contraditória ideia de “escravidão justa”²⁰⁹. Em 1571, a Coroa enviou uma reprimenda aos homens da Índia que buscavam

²⁰⁰ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 19.

²⁰¹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1956, vol. 4, 294-6; 1960, vol. 6, 547.

²⁰² Walker, “Acquisition and circulation of medical...”, 2009, 256.

²⁰³ Timothy Dale Walker, “Supplying Simples for the Royal Hospital: An Indo-Portuguese medicinal garden in Goa 1520-1830”, em *Making of the Luso-Asian World: intricacies of engagement*, org. Laura Jarnagin e Institute of Southeast Asian Studies, Portuguese an Luso-Asian Legacies in Southeast Asia, 1511-2011 (Singapore, 2011), 33-4.

²⁰⁴ AHU, Conselho Ultramarino, Índia, Cx. 19, doc. 217: *Petição para que se enviem médicos para as Índias*. Goa, 1635..

²⁰⁵ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 11.

²⁰⁶ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 19.

²⁰⁷ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 13.

²⁰⁸ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 11; José Pedro Paiva, e Isabel dos Guimarães Sá, coord. *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, 3: “A fundação das Misericórdias: O Reinado de D. Manuel I”. Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2004, 98.

²⁰⁹ Manso, 2009, 196-8.

escravos e escravas em “Bengala, China, Maluco, e outras partes muitas” sem se preocupar se eram indivíduos “furtados” ou sem razão para terem sido feitos cativos²¹⁰.

Pyrard de Laval apontou a presença de muitos escravos na sociedade goesa – “um número infinito e de todas as nações da Índia, e fazem deles grande trafico”. Sua afirmação sobre as formas de cativo coincide com a reprimenda da Coroa, em 1571, pois, segundo o francês, os traficantes da Índia roubavam crianças grandes e pequenas “ainda que sejam de nações amigas e com que estejam de paz, sem embargo de ser defenso fazer tais cativos; mas não deixam por isso de os apanhar às escondidas e vende-los”²¹¹. Esse comércio era bastante ativo em Goa onde se vendia como se cavalos fossem e se louvavam “suas prendas, ofícios, força e saúde”²¹².

Sabidamente, do lado Atlântico do Império Português, a escravidão africana foi um dos principais e mais lucrativos “negócios” dos quais a Companhia de Jesus participava²¹³, fosse como mão de obra para suas fazendas, engenhos e roças, fosse para uso doméstico. Este tema necessitaria de maiores desdobramentos, em futuras investigações sobre o trânsito de indivíduos dos pontos escravistas africanos destinados a ofícios especializados, como o “moleque” enviado pelo Ir. Antonio Francisco, no ano de 1633, do Colégio de Luanda para servir na botica do Colégio de Santo Antão como pagamento de encomendas passadas²¹⁴.

Pyrard de Laval afirmou que, quatro vezes ao dia, tocava-se a sineta nas enfermarias: duas vezes para notificar o horário das refeições e as outras antecediam as visitas de médicos, boticário, cirurgião e sangradores. Os serventes entravam com incensos em braseiros, na enfermaria, durante as visitas. Havia água fresca levada de fora de Goa e disponibilizada em vasos, nas mesas ao lado dos enfermos. Ajudadores auxiliavam os mestres cirurgiões e sangradores na aplicação das terapias e medicamentos. Todo o cuidado dispensado era feito conforme a enfermidade, com utensílios e roupas de cama separados por moléstias²¹⁵.

As doenças apontadas como as mais ordinárias eram as “febres ardentes e disenterias” e também “moléstias venéreas”, mas estas “somente onde há portugueses e não em outra parte

²¹⁰ Wicki, *Documenta Indica...*, 1964, vol. 8, 409.

²¹¹ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 34.

²¹² Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 50-1; Patricia Souza de Faria, “De Goa a Lisboa: Memórias de populações escravizadas do império asiático português (Séculos XVI E XVII)”, *Revista Ultramares*, Dossiê, 5, 9 (jan-jun. 2016); Patricia Souza de Faria. “Cruzando fronteiras: Conversão e mobilidades culturais de escravos no império asiático português (Séculos XVI e XVII), em *Anais de História de Além-Mar*, XVII, 2016.

²¹³ Paulo de Assunção, *Negócios jesuíticos: O cotidiano da administração dos bens divinos* (São Paulo: EDUSP, 2009), 323.

²¹⁴ ANTT, CJ, maço 69, n. 378: *Carta Ao Padre Procurador do Collegio de JESUS residente no Collgio da Bahia de VR firma o Irmão Antonio Francisco*, 20 de junho de 1633.

²¹⁵ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 1-3.

da Índia”. Mencionou, ainda, que a gente da Índia era “mui sujeita aos envenenamentos e feitiços, de que vêm a morrer extenuados” e, também que, quando da chegada das naus havia um grande número de enfermos “de escorbuto e úlceras nos pés e nas pernas”²¹⁶.

“O sistema de medicina que ali se usa é o mesmo que em Espanha”, apontou Pyrard de Laval²¹⁷. Para as febres, citou a flebotomia, prática bastante usual na medicina europeia, conforme apontado anteriormente, contudo, não comum para a medicina ayurvédica, afirmando que “os índios gentios não usam da sangria”²¹⁸. Isto já fora assinalado pelo antigo físico do Hospital Real, Garcia de Orta, que relatou que essa prática apenas passou a existir, na Índia, depois da conquista portuguesa²¹⁹. Fatima Gracias assinalou que o sistema circulatório não era conhecido no sistema ayurvédico e que, por tal razão, não usavam em suas terapias as sangrias²²⁰. Contudo, vale apontar que o sistema ayurvédico prescrevia a flebotomia, mas com bastante parcimônia. No compêndio de *Súsruta* (século IV a.C.) foram apontadas as condições para o uso dessa terapia em razão da corrupção do sangue e as indicações para não serem realizadas, como no caso de enfermos fragilizados²²¹. Apenas como curiosidade, nesse compêndio, havia orientações cirúrgicas para a realização de rinoplastia apontando a sofisticação de seus procedimentos médicos²²².

Segundo Garcia de Orta, os médicos da terra apenas ordenavam “deitar ventosas” e, imitando os portugueses, como “bugios”, começaram a olhar as águas (urina)²²³ (Imagem 10). Esta opinião sobre o desconhecimento de práticas para diagnóstico consideradas elementares na medicina ocidental deve ser confrontada a partir da alteridade das concepções médicas. Observa-se que, na medicina ayurvédica, a avaliação sobre o enfermo se assemelhava à medicina hipocrático-galênica. Na obra *Vagbhata* (século VI), considerada o “coração da medicina ayurvédica”, foram apontadas como parte fundamental na cura dos enfermos a observação, o toque, a conversa/questionamento e a atenção a sinais premonitórios²²⁴.

²¹⁶ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 18.

²¹⁷ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 19.

²¹⁸ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 17.

²¹⁹ Garcia de Orta, *Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinaes da India, e assi dalgu[m]as frutas achadas nella onde se tratam algu[m]as cousas tocantes amediçina, pratica e outras cousas boas, pera saber / cõpostos pello Doutor garçia dorta : fisico del Rey nosso senhor, vistos pello muyto Reuerendo senhor, ho liçençado Alexos diaz : falcam desenbargador da casa da supricaça inquisidor nestas partes* (Goa: Joannes de Endem, 1563), 147.

²²⁰ Gracias, *Health and Hygiene in Colonial Goa, 1510-1961...*, 1994, 154.

²²¹ Wujastyk, *The roots of Ayurveda...*, 1998, 113-4; 157-60.

²²² Wujastyk, *The roots of Ayurveda...*, 1998, 133-4.

²²³ Garcia de Orta, *Coloquios dos simple...* 1563, 147.

²²⁴ Selin, *Encyclopaedia of the History of Science, Technology, and Medicine in Non-Western Cultures*, 2179; Wujastyk, *The roots of Ayurveda...*, 1998, 252.

Conforme os preceitos hipocrático-galênicos para curas, outra prática mencionada por Pyrard de Laval foi a purga, realizada através de laxativos e com os servidores auxiliando os enfermos a tomar o laxativo caso estivessem muito fracos²²⁵. Observa-se que, em linhas gerais, a terapêutica do Hospital Real seguia o *modus* do Hospital de Todos os Santos, contudo, não há por que não se considerar que o cuidado aos enfermos dividia espaço com compreensões não ocidentais de cura. Vale assinalar, por exemplo, o lavatório, costumeiro no ingresso ao hospital.

A narrativa de Pyrard de Laval é bastante descritiva sobre as etapas e cuidados com os enfermos desde a entrada no hospital. Logo na chegada, relatou que um barbeiro raspou todo o seu cabelo e, depois, um “servidor” lavou seu corpo com água quente e lhe deu novas roupas: “calções, camisa lavada, barrete e chinelas”. Junto aos dois franceses, foram colocados “uma bilha de barro com água para beber e um vaso de cama, uma toalha e um lenço de assoa, que se mudam de três em três dias”²²⁶. “Os doentes são assistidos e tratados com todo o esmero e delicadeza que dizer se pode”: a cada três dias, mudavam toda a roupa branca que era feita com algodão bem fino²²⁷.

As informações sobre as práticas de banho e a estrutura do hospital levantam a indagação sobre a mestiçagem das práticas de cura no hospital. No *Compedium de Caraka*, destacado no capítulo anterior, os banhos e imersões foram apontados como prevenção e cura. Para o equilíbrio dos humores, preconizava o tratado, além da limpeza interna com as mezinhas, purgas e dietas e as práticas com a “faca” (cirurgias de toda sorte), havia ainda a necessidade de limpar externamente para o que foram sumariamente apontados os banhos de imersão e de chuveiro, massagem e aplicação de bálsamos e óleos²²⁸. Sobre o edifício do hospital, Pyrard de Laval afirmou que, no centro do hospital, havia um “belo e grande” pátio calçado com “um grande poço onde às vezes os doentes vão tomar banho”²²⁹. Observa-se, assim, a confluência das práticas hospitalares do Reino e das recomendações da medicina ayurvédica²³⁰.

²²⁵ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 18.

²²⁶ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 10.

²²⁷ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 13.

²²⁸ Wujastyk, *The roots of Ayurveda...*, 1998, 73.

²²⁹ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 19.

²³⁰ Gracias, *Health and Hygiene in Colonial Goa, 1510-1961...*, 1994, 172.

Imagem 10 – Físicos observando a urina de um paciente. O diagnóstico era feito com base na cor, na substância e conteúdo



Fonte: s/a. *Libro de medicina llamado Compendio [sic] dela [sic] salud humana [Texto impreso]*, f. 2, 6

Lisbeth Rodrigues²³¹ assinalou a presença, no edifício do Hospital de Nossa do Pópulo, de tanques para banhos dos enfermos, prática que era usual e regular. De modo semelhante, na medicina ayurvédica, desde o século V havia sido indicado que, ao construir um hospital, que atentasse para que fosse sólido, arejado, não estivesse em um vale ou depressão, estivesse distante de fumaça, poeira, excessiva luminosidade, barulho etc. Deveria estar bem provido de água, com um tanque construído que servisse para lavatório e área de banho²³². Assim, em sendo um hospital português e de “medicina ibérica”, o Hospital Real de Goa apresentava, também, traços das concepções de cura e sanidade ayurvédicas.

Pyrard de Laval elogiou a qualidade e abundância do alimento que era oferecido nas enfermarias e, inclusive, revelou que, para os visitantes, era adicionada uma porção extra àquela que se dava ordinariamente aos doentes. A dieta consistia, pela manhã, em pequenos pães de trigo e arroz com passas (“três ou quatro, não podendo ele de ordinário comer mais de um”) feitos na cidade de Goa; às 10 horas, no jantar, meia galinha assada ou cozida (por vezes, até

²³¹ Rodrigues, “Os hospitais portugueses no Renascimento (1480-1580): O caso de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha”, 176-82.

²³² Wujastyk, *The roots of Ayurveda...*, 1998, 76.

mesmo “uma galinha inteira” por enfermo) e doce como sobremesa; pela tarde, na refeição das 5 horas, levavam caldos de carnes de carneiro, galinha ou frangão com bendés e mais arroz. Todos os dias comiam carnes, com exceção dos dias de jejum em que se servia ovos e peixe. Contrariamente à alimentação comum nos hospitais europeus, não era servido vinho²³³.

A dieta do hospital pode ser compreendida como outro indício das conexões e entrecruzamentos das concepções médicas hipocrático-galênicas e ayurvédicas. Vale observar que o arroz estava entre os alimentos considerados sadios e apropriados para os enfermos, conforme o *Compendium de Caraka*²³⁴. Pe. Alessandro Valignano indicou que era o “mantimento comum de todos” no Oriente, e servia, como o trigo e como o pão, para acompanhar “as carnes, ervas e pescados”²³⁵. O bendés foi descrito por Pyrard como um fruto refrigerante (de natureza fria), semelhante ao pepino, bastante utilizado pelos indianos em caldos de carnes cozidas²³⁶.

A botica do Hospital Real se configurava como um espaço destacado de entrecruzamento e circulação de saberes e medicinas. O repertório de medicinas foi elencado na *Pauta das Mezinhas do Hospital de Goa*, no ano de 1573, produzida pelo físico-mor, o cirurgião e dois boticários, com o preço a ser cobrado²³⁷. A listagem de xaropes, águas, eleituários, pírolas, emprastros, óleos e simples traz elementos comuns às boticas ibéricas e às embarcadas nas naus da Carreira da Índia (conforme discutido no Capítulo I). Contudo, para além dos itens ordinários, a pauta revela elementos usuais para cura da medicina hipocrático-galênica, tais como cozimentos para purgas, banhos e clisteres²³⁸. Considerando que a botica atendia não somente aos enfermos internados, aventa-se que essas terapias foram adaptadas às populações portuguesa e mestiça. A pauta apontou, ainda, produtos de origem não europeia (água rosada de Ormuz, ópio, myrra, especiarias, entre outros), como se poderia esperar diante do papel de Goa na rota da Carreira da Índia²³⁹. Destaca-se, ainda, a presença de artigos insólitos tais como a gordura dos rins (“unguento”) de homem, cobra, cavalo, porco e tigre²⁴⁰.

Na documentação consultada, não foram encontradas referências sobre a atuação dos inacianos na botica. Apenas, na carta ânua de 1576, anterior ao primeiro período do governo dos inacianos no hospital, foi destacado o grande serviço de caridade que os padres e irmãos

²³³ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 13.

²³⁴ Wujastyk, *The roots of Ayurveda...*, 1998, 76.

²³⁵ Tradução livre. Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús...*, 1944, 27-8.

²³⁶ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 13.

²³⁷ Rêgo, *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente*, 1952, vol. 12, 260-7.

²³⁸ Rêgo, *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente*, 1952, vol. 12, 262.

²³⁹ Rêgo, *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente*, 1952, vol. 12, 262-5.

²⁴⁰ Rêgo, *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente*, 1952, vol. 12, 266.

fizeram com os enfermos da Armada: recolheram esmolas nas ruas de Goa, “assim de dinheiro como de camisas, ciroulas e outros vestidos para os pobres reinois que estavam no hospital” como também de conservas e alimentos, de modo que organizaram “uma botica de conserva e de outras coisas no mesmo hospital”. Segundo a narrativa edificadora, não fosse essa caridade, morreriam muitos dos que viveram “à pura necessidade; os quais com a diligencia e cuidado que se teve deles tornaram a cobrar saúde”²⁴¹. Do ano de 1625, há o registro da confirmação da carta de boticário real dada a Manuel Jorge, proprietário de uma botica em Goa e com “bons serviços e conhecimentos” para os jesuítas no Hospital Real de Goa²⁴². Não foram encontrados outros registros específicos a este respeito.

A circulação de ervas e de saberes nas redes do Império Português e, particularmente, no trânsito e comunicação dos inacianos, foi presentificada no cultivo de ervas e plantas no jardim adjacente ao Hospital Real²⁴³. Conforme assinalado por Timothy Walker, a partir do Regimento, foi prescrito que a botica do hospital tivesse sempre a seu dispor as medicinas em bom estado, limpas e frescas²⁴⁴. A pauta das mezinhas do Hospital de Goa não detalhou os simples, elencando apenas, de forma genérica, ervas, raízes e flores²⁴⁵. Walker destacou o papel dos inacianos no cultivo de ervas e plantas locais que abasteciam não somente a instituição goesa, como também seguiam para Moçambique e outros territórios²⁴⁶.

A botica do hospital servia, assim, como uma importante produtora de medicinas no âmbito da Carreira da Índia, como indica a referência feita, em meados do século XVIII, ao boticário Ir. Antonio Fernandes, que servia no Hospital Real produzindo mezinhas para homens da marinha, infantaria e também oficiais a serviço da Coroa²⁴⁷. Os artigos da botica circulavam através das redes do Império Português, como informou a petição do irmão boticário para que pudesse continuar enviando e vendendo para Lisboa com a mercê real²⁴⁸.

²⁴¹ Wicki, *Documenta Indica...*, 1975, vol. 10, 726.

²⁴² AHG, Livro das Monções, 22, fls. 66v-67: *D. Francisco da Gama comunicou ao monarca que mandara passar carta de boticário real, da qual se mandou pedir confirmação ao Reino, a Manuel Jorge, natural de Goa, e proprietário de uma botica naquela cidade, por seus bons serviços e conhecimentos, de que muito se serviam os Jesuítas no Hospital Real de Goa. Informou, igualmente, que na armada de Nuno Álvares Botelho seguira um boticário seu discípulo.* Goa, 23 de fevereiro de 1625.

²⁴³ Timothy Dale Walker, “Supplying Simples for the Royal Hospital: An Indo-Portuguese medicinal garden in Goa 1520-1830”, em *Making of the Luso-Asian World: Intricacies of engagement*, org. Laura Jarnagin e Institute of Southeast Asian Studies, *Portuguese an Luso-Asian Legacies in Southeast Asia, 1511-2011* (Singapore, 2011), 33.

²⁴⁴ Walker, “Supplying Simples for the Royal Hospital...”, 2011, 28.

²⁴⁵ Rêgo, *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente*, 1952, vol. 12, 264-5.

²⁴⁶ Walker, “Supplying Simples for the Royal Hospital”, 2011, 25.

²⁴⁷ ANTT, CJ, maço 82, n. 77: *Petição para constar as mezinhas usadas da botica do irmão boticário Antonio Fernandes que serve no Hospital Real, assim da marinha como infantaria e oficiais*, 1 de janeiro de 1743.

²⁴⁸ ANTT, CJ, maço 90, n. 61: *Pedido de licença para vender os produtos da botica do Hospital Real de Goa pelo Ir. Antonio Fernandes*, [s.d.].

Em um rascunho atribuído ao Procurador das Missões das Índias e datado do século XVII, foram solicitadas esmolas para a botica do Colégio de São Paulo de Goa. As razões da solicitação se mostram interessantes para a compreensão das dinâmicas das redes de assistência da Companhia de Jesus no Oriente: inicialmente, pediu-se que fossem dadas esmolas tais quais as já feitas para a botica da Casa de São Roque e do Colégio de Santo Antão, em Lisboa²⁴⁹; argumentou-se sobre a necessidade de mezinhas, em razão da abrangência e dos cuidados que se tinha não somente com os religiosos do Colégio de Goa, com portugueses e cristãos da terra, mas, também, por terem em sua conta a cristandade de Salsete, a Província de Cochim e ainda o Japão e a China; e, ainda, que havia a dificuldade de muitas dessas medicinas virem de Portugal²⁵⁰. Observa-se que os locais assinalados, com exceção da China, possuíam obras de assistência aos enfermos geridos pela Companhia.

A permanência da rede de assistência pode ser identificada até meados do século XVII. No documento intitulado *Lista das rendas e despesas da provincia de Goa da Companhia de JESU pera o senhor Conde Viso-Rei Joam Nunes da Cunha*, de autoria atribuída a Manoel Barreto(?), datado de 1666, podem ser encontradas referências à permanência das obras inicianas no âmbito hospitalar no Oriente²⁵¹. Por este tempo, segundo o documento, conservavam a administração do Hospital Real de Goa, vinculado aos jesuítas da Casa Professa, “que administra[va] com excessivo trabalho”. Em Salsete, além do colégio e de uma casa de catecúmenos, cuidavam de um “hospital de pobres”. Em Baçaim, possuíam uma “hospedaria” para os missionários em viagem, para convalescerem na “bondade dos ares, onde se sustenta os tísicos e velhos cansados”. Em Moçambique, também cuidavam do Hospital Real:

com grande trabalho, no que faz notável serviço a Deus e a El-Rei em terra tão doentia e deseparada, onde tambem acode as naus que vão e vem do Reino, a cuja gente serve este pobre Colégio de remédio e alívio comum²⁵².

²⁴⁹ ANTT, CJ, Mç. 82, n. 01, f. 146; 147, 162: *Alvarás sobre a Botica do Colégio de Santo Antão*, [s.d.]; ANTT, CJ, maço 39, n. 28: *Alvará de confirmação do Colégio de Santo Antão de Lisboa de 3000 réis cada ano para a Botica*, 10 de novembro de 1634; ANTT, CJ, Mç. 71, n. 198: *Certificado de alvará da Botica do Colégio de Santo Antão*, [s.d.]; ANTT, CJ, Maço 4, n. 1: *Traslado da provisão do rei D. Sebastião para os padres do Colégio de Santo Antão da Companhia, haverem na Casa da Índia, cinquenta réis de cada quintal de pimenta e cem réis de cada quintal das outras drogas, para sempre*, 1574.

²⁵⁰ ANTT, AJ, liv. 17, f. 17: *Rascunho de requerimento do Procurador das Missões de esmola para a botica do Colégio de São Paulo de Goa*, [s.d.].

²⁵¹ Manoel Barreto, “Lista das rendas e despesas da provincia de Goa da Companhia de JESU pera o senhor Conde Viso-Rei Joam Nunes da Cunha”, Goa, 13 dez. 1666, em *A Companhia de Jesus na Índia em meados do século XVII*, org. Adelino de Almeida Calado (Lisboa: CEHU, 1979).

²⁵² Barreto, “Lista das rendas e despesas da provincia de Goa da Companhia de JESU pera o senhor Conde Viso-Rei Joam Nunes da Cunha”..., 1979.

O hospital acolhia, ainda, pessoas que não estivessem enfermas, mas que tinham o costume de purgar-se ou sangrar-se anualmente²⁵³. Pyrard de Laval relatou, também, o atendimento pelos cirurgiões a portugueses e mestiços que, com alguma doença, “ainda que seja secreta, se desejam curar-se e tratar-se no decurso do dia naquele hospital, quando os cirurgiões ali estão, são livres de o fazer, sem paga ou despesa alguma”²⁵⁴. Cristiana Bastos assinalou, ainda, que, a se notar pelo “clientelismo” da sociedade goesa colonial dos tempos de ouro e pelo registro de muitos indivíduos que buscavam abrigo e não tratamento para qualquer enfermidade, não se poderia olvidar que o Hospital Real era um “Grande Hotel”²⁵⁵. Pyrard afirmou que seriam muitas as “particularidades do interior, e boa ordem e policia que se guarda neste admirável hospital”²⁵⁶.

Sobre a administração do hospital, Pyrard revelou informações que parecem estranhas a um interno como, por exemplo, afirmou que todo o controle das finanças era feito por um padre jesuíta que não prestava contas disto a ninguém e que o padre responsável pelo hospital permanecia no cargo “enquanto apraz à Companhia e o julgam capaz” por um período médio de dois a três anos. Destacou, ainda, que, mais que os cuidados espirituais, os inacianos governavam: “o Padre Superior do Hospital vem ao mesmo tempo a administração temporal e espiritual e governa sobre todos”²⁵⁷.

O espólio dos mortos cabia à administração da Misericórdia, que cuidava de fazer enterro honesto “ainda que o defunto não haja, ou não tenha deixado meios para o fazer”²⁵⁸. Se o doente ficasse são, caso de Pyrard e conforme relatou:

o Padre Jesuíta dá uma andaina completa de vestuário a cada um dos que saem do hospital, se disso tem necessidade e um pardau, que vale trinta e dois soldos e meio. E ainda mesmo gente mui rica prefere entrar no hospital, por aí ser melhor tratada, que em sua casa, como de feito é²⁵⁹.

Os inacianos auxiliavam ainda nos cuidados religiosos. Diariamente, dois jesuítas estavam no hospital confessando, consolando, administrando os sacramentos e dando terços para as rezas e todos os dias se fazia missa. Pyrard descreveu que, no hospital, havia duas igrejas “o mais bem paramentadas e enriquecidas que se pode ver”²⁶⁰.

²⁵³ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 19-20.

²⁵⁴ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 16.

²⁵⁵ Bastos, “Hospitais e sociedade colonial... 2010, 62.

²⁵⁶ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 19.

²⁵⁷ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 19.

²⁵⁸ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 15.

²⁵⁹ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 15.

²⁶⁰ Pyrard de Laval, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, 1944, vol. 2, 14-5.

Interessante assinalar, conforme Timothy Walker, que os saberes e práticas médicas foram ferramentas no estabelecimento do Império Português²⁶¹. Os hospitais foram os principais pontos para a assistência no Estado da Índia e, para tal efeito, as ordens missionárias tiveram importante papel na fundação de enfermarias e boticas nos territórios coloniais assim como na construção de saberes a partir do conhecimento médico indígena no Império Português.

5.4 Aldeias da Bahia

No ano de 1621, foi publicada a primeira edição da obra do Pe. Luiz Figueira (1575-1643) intitulada *Arte da grammatica da lingua do Brasil*²⁶². Seguindo os intentos catequéticos e reunindo saberes consolidados pelos inacianos, nas últimas décadas de missão no Estado do Brasil e pelos seus sertões, a obra apresentou os “fundamentos e regras” da língua geral²⁶³. Buscando explicar a gramática segundo os preceitos latinos de declinações e conjugações, observou-se que o primeiro verbo indicado como exemplo foi “matar”: os missionários aprendiam “A-juca”; “Ya-juca” ou, em uma sentença no pretérito perfeito, “A-juca-meimã”, que significa “Oxala tivera eu morto”²⁶⁴. Em uma leitura despreziosa da obra, apontou-se a tradução de sentenças e termos cotidianos, como “cebae” (“seu mantimento”); “túnga” (“bicho do pé”); “a-poro-tim” (“enterrar gente”) e, ainda, “a-ro-mano xe-angutura-ma” (“a morte persevera comigo”)²⁶⁵.

Décadas antes dessa obra, Pe. José de Anchieta fez publicar *Arte da grammatica da lingoa mais usada no Brasil*, em que, além da conjugação do verbo matar, o inaciano apresentou algumas outras expressões acerca de enfermidades e mortandade. “Xemaraâr” poderia ser traduzido como “estou doente”; “maraabóra” significava “o doente”; e, de maneira mais específica, “miraíba” era a temida “doença de bexigas” e o que era dela acometido “miraibóra”²⁶⁶. A morte e as enfermidades estiveram presentes não somente nas gramáticas inacianas como também em seus relatos sobre as missões e aldeamentos no primeiro século da conquista portuguesa.

²⁶¹ Walker, “Acquisition and circulation of medical...”, 2009, 249.

²⁶² Luís Figueira e Manuel da Silva. *Arte da lingua brasílica* (Em Lisboa: por Manoel da Silva, 1621).

²⁶³ John M. Monteiro, “Tupis, tapuias e historiadores”, *Estudos de História Indígena e do Indigenismo* (Tese Livre Docência, Unicamp, Departamento de Etnologia, Campinas, 2001), 36-52.

²⁶⁴ Luís Figueira e José Mariano da Conceição Veloso, *Arte da grammatica da lingua do Brasil*. Quarta impressão (Lisboa: na Officina Patriarcal, 1795), 10.

²⁶⁵ Figueira e Veloso, *Arte da grammatica da lingua do Brasil...*, 1795, 45; 48; 56; 58.

²⁶⁶ José de Anchieta, *Arte de Grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil* (Coimbra: Antonio de Mariz, 1595), 31.

A História dos Índios no Brasil é um campo profícuo na historiografia brasileira. De forma bastante conhecida, esteve presente desde as primeiras narrativas da história nacional, no século XIX, inaugurada com Francisco Adolfo de Varnhagen. John Monteiro destacou que, desde esse período, foram gestadas duas noções sobre a história indígena com repercussões sobre a compreensão da questão até os dias atuais. De uma parte, a categorização dos povos como ágrafos, portanto, primitivos, o que redundava em abordagens que não sublinham o protagonismo indígena e sua ação como agentes históricos; e, ainda, seu estudo delegado, exclusivamente, à Antropologia, em razão de dificuldades operacionais/ metodológicas para historiadores. A outra concepção, segundo o historiador, “ainda mais problemática”, era a ideia de que esses são, desde os tempos coloniais, povos em vias de extinção²⁶⁷. Em que pese a premência desta discussão política, há que se destacar que o primeiro século da conquista da América foi marcado pela devastadora mortandade ameríndia.

O “choque da conquista” foi também um “choque epidemiológico”²⁶⁸. Há avultada produção historiográfica sobre os fatores biológicos no processo de conquista nos territórios que vieram a compreender a América Espanhola. Não se pode olvidar as consequências para as populações ameríndias na América Portuguesa em contexto semelhante. Russell-Wood enumerou “a peste, o tifo, a tuberculose, a malária, a febre amarela, a gripe, o sarampo, a varíola e a papeira” como algumas das doenças introduzidas a partir da conquista portuguesa. O que se seguiu aos surtos epidêmicos foi a alta taxa de mortalidade da população indígena e o vazio demográfico no primeiro século²⁶⁹.

Crosby apontou que o isolamento continental dos agrupamentos humanos na América favoreceu que as enfermidades viessem a se tornar endêmicas e não epidêmicas. Em termos imunológicos, isto representava a ausência de agentes externos e circulação de enfermidades para selecionar e aumentar a resistência dos indivíduos de modo que os micróbios levados junto com os europeus, em seu trânsito através do Atlântico, causaram uma grande catástrofe em termos de mortalidade, de norte a sul do continente americano²⁷⁰. Massimo Livi Bacci assinalou a “catástrofe” demográfica no continente americano e suas interpretações teóricas. As

²⁶⁷ John M. Monteiro, “Tupis, tapuias e historiadores”, 2001, 3-4.

²⁶⁸ Alencastro, *O trato dos viventes...*, 2000, 127; Serge Gruzinski, *O pensamento mestiço* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), 63.

²⁶⁹ Massimo Livi Bacci, “500 anni di demografia brasiliana: Una rassegna”, *Popolazione e storia* 2, 1 (2001):13-34.

²⁷⁰ Alfred W. Crosby, *El intercambio transoceánico: Consecuencias biológicas y culturales a partir de 1492*, prólogo por Otto von Mehring, tradução por Cristina Carbó. México: Univ. Nac. Autónoma de México, 1991, 39-42.

estimativas para o período de 1500 a 1650 apontam que as populações estiveram reduzidas a entre um décimo e metade do original²⁷¹.

Sobre o território correspondente ao Brasil, no que diz respeito às dificuldades de fontes documentais, as estimativas para o início do processo de conquista são bastante variáveis²⁷². Traçando uma média entre as hipóteses e prospecções, estimou-se a população na região que corresponde, atualmente, ao território brasileiro, em cerca de 2 milhões de indivíduos, no período do registro oficial da chegada dos portugueses. Em 1570, foi apontada a estimativa de apenas 1/3 da população em relação à estimativa de 1500²⁷³.

As epidemias podem ser apontadas, em algumas regiões americanas, como as responsáveis pela rápida conquista dos territórios e a submissão dos povos nativos. Vale mencionar o caso notável da relação entre a epidemia de varíola e a devastadora queda do poderoso Império Asteca frente à expedição de Hernán Cortés (1485-1547)²⁷⁴. No Estado do Brasil, a mesma enfermidade levou a uma grande epidemia que dizimou dezenas de milhares de indígenas²⁷⁵.

Parece interessante relacionar as epidemias e a devastadora mortandade de populações ameríndias com outras questões sócio-econômicas na constituição das sociedades coloniais e na organização dos Impérios Ibéricos. Luiz Felipe de Alencastro indica que, além da constituição do circuito comercial atlântico no tráfico escravista africano, “a epidemiologia tropical” também havia contribuído para a “atrofia do mercado escravista indígena”²⁷⁶. Segundo o historiador, houve o aumento do fluxo do tráfico negreiro a partir das epidemias de varíola seguida à de rubéola entre os anos de 1559 e 1563²⁷⁷.

O decréscimo populacional indígena foi registrado, nas narrativas inicianas, desde os primeiros anos de missão no Estado do Brasil. Em 1552, Ir. Vicente Rodrigues escreveu, de Salvador, algumas notícias sobre as aldeias e as missões, relatando que alguns recém-convertidos haviam retornado aos “seus costumes”. Afirmou que pela vontade divina, como “prova” de sua “glória” e para castigá-los pela desobediência, enviou uma pestilência. Não

²⁷¹ Massimo Livi Bacci, *Conquista: A destruição dos índios americanos* (Lisboa: 70, 2007), 17-8.

²⁷² Bacci, “500 anni di demografia brasiliana: Una rassegna”..., 2001, 15.

²⁷³ João Pacheco de Oliveira, “Os indígenas na fundação da colônia: Uma abordagem crítica” em *O Brasil colonial*, org. João Luís Ribeiro Fragoso e Maria de Fátima Gouvêa, 167-228 (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014), 176-7.

²⁷⁴ Crosby, *El intercambio transoceánico...*, 1991, 54-6.

²⁷⁵ Crosby, *El intercambio transoceánico...*, 1991, 45.

²⁷⁶ Alencastro, *O trato dos viventes...*, 2000, 126-7.

²⁷⁷ Alencastro, *O trato dos viventes...*, 2000, 132.

foram poupados desta enfermidade nem os filhos e filhas pequenos, de modo que estavam os índios atemorizados e tementes aos ensinamentos cristãos²⁷⁸.

A mais devastadora epidemia registrada no período que compreende esta investigação foi a de varíola²⁷⁹. Em 1563, Pe. Leonardo do Vale descreveu que, em razão da heresia dos índios com o culto da Santidade que crescia no Recôncavo, Deus havia enviado o castigo da peste e, logo em seguida, de fome que a terra nunca havia visto igual. Em três das aldeias – a de Nossa Senhora da Assunção, de São Miguel e da Santa Cruz de Itaparica –, a mortandade foi desoladora afirmando o padre que acontecia de haver 120 doentes na aldeia, acometendo a grandes e pequenos. O pior, segundo o inaciano, era que, ao morrerem as mulheres, ficavam de tudo desamparados uma vez que a elas cabia todo o trabalho de subsistência, e “faltando elas não havia quem olhasse pelos doentes nem quem lhes fosse por um cabaço de água à fonte”²⁸⁰.

Além do grande fedor que emanava dos achacados, a doença se mostrava terrível para as gestantes que, em muitas das vezes, perdiam os bebês e vinham a falecer. A mortandade foi tamanha que não havia quem fizesse as covas

e alguns se enterravam pelos montouros e arredor das casas, e tão mal enterrados que acontecia dos porcos tirar os cadáveres da terra. Cuidaram os padres em enterrar apropriadamente, para que não viesse a aumentar a peste. O padre estimou que morreram cerca de 1/3 de toda a gente nas aldeias, e apenas na de N. Senhora da Assunção padeceram mil e oitocentas almas²⁸¹.

Notadamente, Pe. José de Anchieta, fonte para muitas dentre as pesquisas históricas que se debruçaram sobre essa questão, apresentou o cenário de mortandade após surtos epidêmicos de varíola, na Bahia. Em 1562, “por justos juizos de Deus”, afirmou o missionário, “sobreveio uma grande doença aos Índios e escravos de Portugueses, e com isto grande fome, em que morreu muita gente”. Os que sobreviveram se vendiam por escravos em troca de um prato de farinha na casa dos portugueses. Segundo o padre, calculava-se a mortandade dos índios (entre escravos e forros) em 30 mil, no espaço de 2 ou 3 meses²⁸².

Neste período, a capitania da Bahia possuía cinco igrejas de missões, “São Paulo, Espirito Santo, S Antonio, S Tiago, S João”, e também outras três na “banda dalém”. Estas últimas, segundo o Pe. José de Anchieta, logo ficaram despovoadas devido aos assaltos dos portugueses como vingança pela morte do bispo e pela fome. O missionário afirmou que haviam sido perdidas nas três igrejas cerca de 8 mil almas, e muitos destes viraram escravos. No ano

²⁷⁸ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1956, vol. 1, 303.

²⁷⁹ Anzolin, “Entre mortes e lembranças”; Cristina Brandt Friedrich Martin Gurgel e Camila Andrade Pereira da Rosa, “História da Medicina: A varíola no Brasil Colonial (Séculos XVI e XVII)”, *Revista de Patologia Tropical* 41, nº 4 (18 de dezembro de 2012).

²⁸⁰ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1956, vol. 4, 9-11.

²⁸¹ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1956, vol. 4, 11-2.

²⁸² Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos historicos e sermões...*, 1933, 356.

seguinte, em 1563, houve a “grande morte das bexigas” que matou muitos gentios por todo o Estado do Brasil. Morreram muitos dos que estavam nas aldeias dos inacianos, como na de S Paulo, que por já estar quase despovoada, foi repartida nas outras quatro aldeias²⁸³.

Na *Informação sobre os aldeamentos da Baía* (1584), Pe. José de Anchieta descreveu que, por volta de 1562, houve uma grave pestilência de bexigas, informando que “os Padres andavam com alguns moços pelas casas dos Índios” e os lavavam e limpavam e, por vezes, estava a doença tão grave no enfermo que ficavam os índios com sua pele e carne nas mãos, suportando o sofrimento do mau cheiro que exalavam. Também lhes davam de comer e, por vezes, cuidavam de enterrar os mortos que, diariamente, contabilizavam uma dezena ou mais²⁸⁴. Afirmou que “nunca ninguém cuidou, que tanta gente se gastasse nunca, quanto mais em tão pouco tempo”. Informou que, nas 14 igrejas da Companhia, podiam ser contabilizadas 40.000 almas, anteriormente, e que, por aqueles tempos, apenas havia três igrejas com não mais que 3500 almas²⁸⁵.

Observa-se que as aldeias foram fatores facilitadores para a propagação das epidemias em razão do ajuntamento de indivíduos e da exposição a agentes microbianos exógenos²⁸⁶. Aldeamentos ou aldeias compreendiam tanto as comunidades indígenas, como os agrupamentos arregimentados pelos inacianos. Nesse segundo sentido, observa-se que estes núcleos eram formados, muitas vezes, de modo compulsório, por grupos indígenas distintos e tinham como objetivo fundamental a cristianização desses povos²⁸⁷. Pe. Serafim Leite registrou que a fundação das aldeias antecedeu o início da missão inaciana em terras brasileiras. No regimento expedido por Dom João III para o governador Tomé de Souza, foi indicado que se construísse as aldeias com base cristã para que, afastando os “gentios” do paganismo, se pudesse, assim, consolidar a conquista²⁸⁸. O padre historiador enalteceu as ações missionárias da catequese como fator civilizacional e de “grande honra” para Portugal²⁸⁹ (Imagem 11- 12).

²⁸³ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 357-358, 359

²⁸⁴ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 381.

²⁸⁵ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 378.

²⁸⁶ Castelnau-L’Estoile, *Operários de uma vinha estéril...*, 2006, 19; Maria Hilda Baqueiro Paraíso, “De como se obter mão-de-obra indígena na Bahia entre os séculos XVI e XVIII”. *Revista de História*, nº 129-131 (1994): 19; Luiz Felipe de Alencastro, *O trato dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000), 128; Alida C. Metcalf, “The Society of Jesus and the First Aldeias of Brazil” em *Native Brazil: Beyond the Convert and the Cannibal, 1500-1900*, org. Hal Langfur (Albuquerque: University of New Mexico Press, 2014), 49.

²⁸⁷ Paraíso, “De como se obter mão-de-obra indígena na Bahia...”, 1994: 182-3; Castelnau-L’Estoile, *Operários de uma vinha estéril...*, 2006, 19.

²⁸⁸ Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, 2005, vol. II, 237-8.

²⁸⁹ Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, 2005, vol. II, 227.

Ao longo dos primeiros séculos da conquista, tornou-se prática comum que os missionários adentrassem os sertões para “buscar” nativos para as aldeias. Pe. Fernão Guerreiro registrou, a partir da correspondência de princípios do século XVII, as missões sertão adentro para trazer os nativos para junto do mar, pois, por esta altura, estava a costa despovoada. Relatou que, nos primeiros 20 anos, era o Brasil bastante povoado, tanto que o governador Tomé de Souza havia afirmado que “ainda que os cortassem em açougue, nunca faltariam”. Contudo, afirmou o padre:

como os brancos portugueses iam povoando a terra e fazendo engenho de açúcar e fazendas para isto tinham necessidade de muitos trabalhadores, começaram de lançar mão dos naturais da terra, e o que pior e, a cativá-los e faze-los escravos, ferrando-os e vendendo-os para diversas partes da mesma província. Pelo que os pobres brasis, como de sua natureza são tristes e coitados, entraram em tamanha melancolia, que os mais deles morreram e se consumiram, outros fugiram pela terra dentro e não pararam dali senão a cento e duzentas léguas²⁹⁰.

Relatou, ainda, que os missionários adentravam os sertões “caminhando a pé, rompendo matos, padecendo grandes fomes, sedes, calmas, perigos e trabalhos”. Havia também a dificuldade das conversões, em razão da escravização de indígenas. O padre acusou os brancos portugueses de enganarem os índios passando-se por padres, chegando até mesmo a fazer a “coroa” na cabeça para levá-los aos engenhos. Por último, afirmou que muito custava aos missionários “domesticá-los”, em razão da “boçalidade e pouca capacidade de que sua natureza tem, que não sabemos outra mais boçal no mundo”²⁹¹.

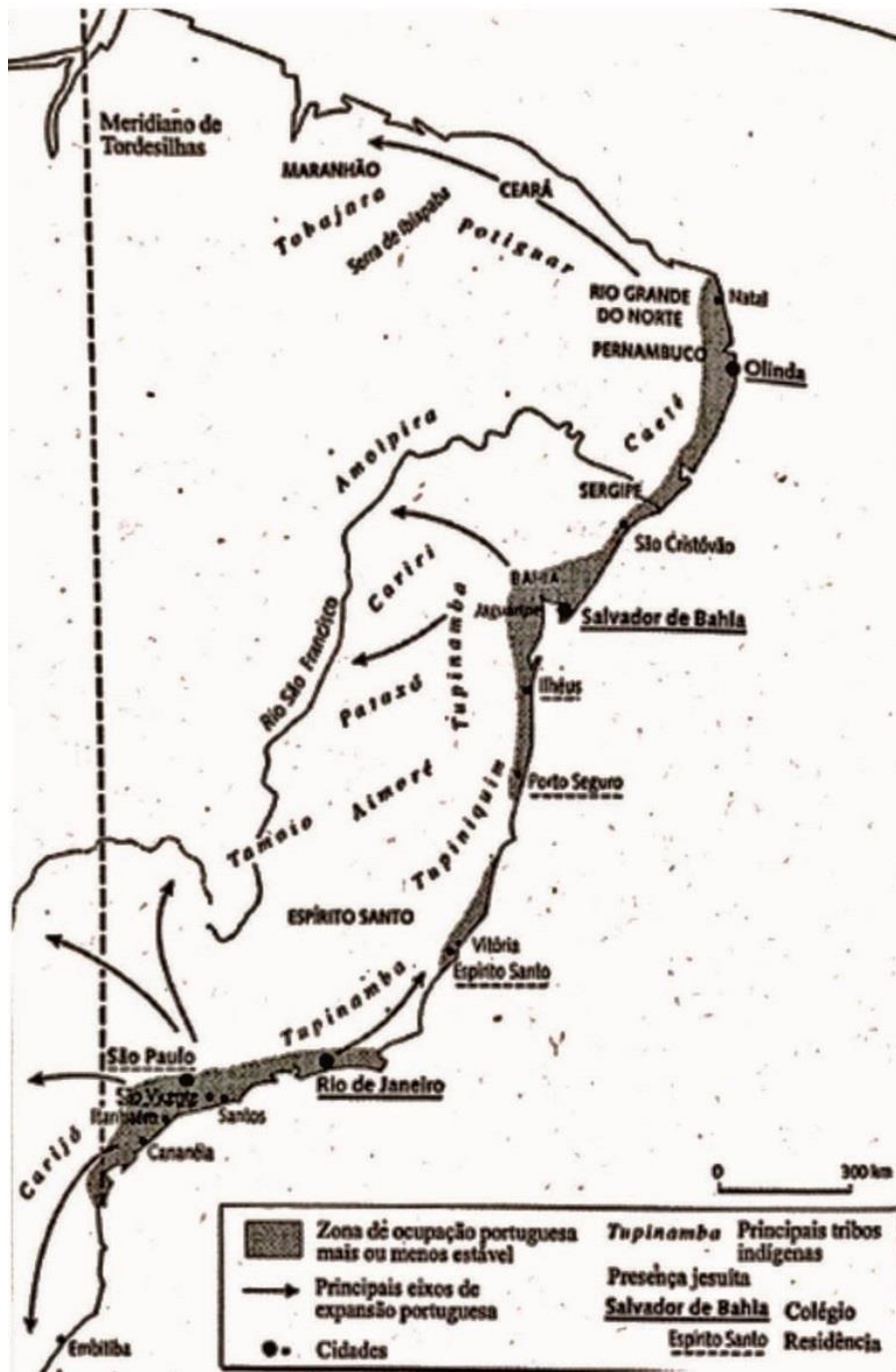
Em fins do século XVI, o Visitador Pe. Christovão Gouvea havia notificado os superiores da Ordem, em Roma, sobre algumas determinações para a Província do Brasil. Dentre elas, como destacou Charlotte de Castelnau-L’Estoile, estava uma espécie de “regimento” para as aldeias. Dentre as regras e recomendações, estavam as determinações para o proceder dos missionários para a salvação das almas. Dentre elas, assinalou a autora, estava o zelo pelos doentes e moribundos para que recebessem os sacramentos e morressem “de maneira cristã”. Tal empenho, garantia na “economia da salvação” não somente a felicidade eterna do índio, como também do missionário²⁹².

²⁹⁰ Fernão Guerreiro, *Relaçam annal [sic] das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guine, nos annos de seiscentos & dous & seiscentos & tres, & do processo da conversam, & christandade daquellas partes, tirada das cartas dos mesmos padres que de lá vieram. Pelo Padre Fernam Guerreiro... Vay dividido em quatro livros. O primeiro de Japã. O II. da China & Maluco. O III. da India. O IIII. do Brasil, Angola, & Guiné*, Colofão: Impresso em Lisboa cõ licença do santo Officio per Jorge Rodriguez (Em Lisboa: per Jorge Rodrigues impressor de livros, 1605), 374.

²⁹¹ Fernão Guerreiro, *Relaçam annal [sic] das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus...*, 1605, 374-5.

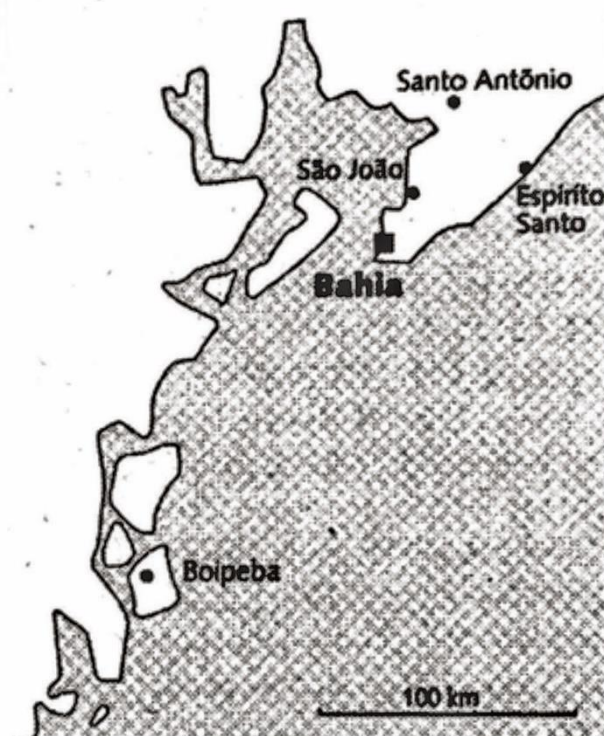
²⁹² Charlotte de Castelnau-L’Estoile, *Operários de uma vinha estéril: Os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil, 1580-1620* (Bauru, SP: Edusc, 2006), 129-47.

Imagem 11 – Povos indígenas e a presença jesuítica em fins do século XVI



Fonte: Castelnau-L'Estoile, *Operários de uma vinha estéril...*, 2006, 46

Imagem 12 – Aldeias do Colégio da Bahia em fins do século XVI



Fonte: Castelnau-L'Estoile, *Operários de uma vinha estéril...*, 2006, 241

Nos tempos do governo de Diogo Botelho (1603-1607), a “cura das almas dos gentios” fora designada aos religiosos da Companhia. Em carta da coroa ibérica, foi confirmada a decisão do governador e ordenado que se desse, a cada ano, 200 mil reis e, a cada aldeia, 5 mil reis²⁹³. Sobre a importância dos aldeamentos no Brasil, “para bem de suas almas e serviço de Deus e de sua Majestade, como o bem temporal desse estado e dos moradores dele”, foi elencada uma série de documentos sobre o cativo dos índios e os privilégios da Ordem na missão com os índios, em princípios do século XVII. Nas primeiras páginas, fez-se menção à conhecida sentença de Tomé de Souza sobre os índios serem tão numerosos que se poderia “cortar em açougue” e de como este quadro foi sendo alterado, afirmando que, da “infinidade de gentios” que havia na costa do Brasil estavam “quase todos” extintos, atribuindo isto às “doenças gravíssimas”, às guerras, e “principalmente pelos grandes agravos, injustiças e

²⁹³ BA, 51-V-48, f. 9-10v: *Carta de El Rei ao Governador do Brasil Diogo Botelho, aprovando a resolução de a cura das almas do gentio ser entregue aos Religiosos da Companhia, repartindo por eles dois mil reis* (Lisboa, 19 maio 1605).

crudelidades” dos castigos e do cativo, de que, muitas vezes, de melancolia se consumiam e morriam²⁹⁴.

Dentre as razões apontadas para que os inacianos governassem os índios e não outros religiosos ou leigos, estavam a caridade e o zelo espiritual com que os missionários os curavam em suas doenças²⁹⁵. Uma carta atribuída a um vigário chamado Diogo de Couto, com data de 1610, referendou esta posição. Defendeu o pároco que estivessem os jesuítas na administração dos índios, pois além de servir-lhes como “enfermeiros espirituais”, o eram também “corporais com suas doenças”²⁹⁶.

Em princípios do século XVII, o Colégio da Bahia administrava cinco aldeias, com três ou quatro religiosos para “vigilância e bom cuidado”. A carta ânua de 1607 destacou que não apenas se ocupavam em “ensinar, catequisar, batizar e administrar os sacramentos, mas também lhes servem de enfermeiros e médicos em suas doenças e trabalhos corporais”²⁹⁷. Esta narrativa sobre a assistência dos inacianos nas missões com os índios no Brasil foi, repetidas vezes, destacada nas obras sobre a Companhia de Jesus na Província do Brasil.

Em 1559, Pe. Manuel da Nóbrega noticiou ao Pe. Miguel de Torres e aos religiosos de Portugal sobre as aldeias de São Paulo, São João e Espírito Santo, na Bahia. Sobre a primeira, descreveu os frutos que se alcançava na conversão dos índios com o auxílio e punição do meirinho e apoio do Governador Mem de Sá. Afirmou que, quando algum adoecia, mandavam chamar os religiosos e eram por eles curados “e remedeados no corpo como n’alma o melhor que podemos”, de modo que poucos morriam sem receber o batismo²⁹⁸.

Em *Informação sobre os aldeamentos da Baía* (1584), Pe. José de Anchieta descreveu os cuidados dos religiosos, “assim no temporal como no espiritual”. Sobre o primeiro aspecto, afirmou que os curavam em suas doenças, os sangravam e os amparavam em sua pobreza. Como enfermeiros, faziam diariamente visitas aos enfermos e auxiliados por alguns índios escolhidos, acodiam com cuidados particulares e os “sacramentos necessários”. Afirmou que a assistência fazia crescer o prestígio dos missionários entre os índios. Em suas palavras, os índios lhe “tinham muito crédito”, principalmente por lhes socorrer nas enfermidades. Destacou que

²⁹⁴ ANTT, CJ, Maço 88, n° 227: *De quam importante seja a continuação da residencia dos Padres da Companhia de JESU da Provincia do Brasil das aldeas dos Indios naturaes da terra dessa para bem de suas almas e serviço de Deos e de sua Magestade, como o bem temporal desse estado e dos moradores delle*, [s.d.].

²⁹⁵ ANTT, CJ, Maço 88, n° 227: *De quam importante seja a continuação da residencia dos Padres da Companhia de JESU...*, [s.d.].

²⁹⁶ ANTT, CJ, Maço 88, n° 227: *De quam importante seja a continuação da residencia dos Padres da Companhia de JESU...*, [s.d.].

²⁹⁷ ANTT, CJ, maço 68, n° 429: *Carta anua da Provincia do Brasil de 1607* (8 de março de 1608).

²⁹⁸ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1958, vol. 3, 52.

os curava levantando a espinhela, realizando sangrias e outras curas, “segundo requeria sua doença, e com o favor de Cristo Nosso Senhor achavam-se bem”²⁹⁹.

Pe. Fernão Guerreiro afirmou que os padres “não somente os curam nas almas como pastores” como também lhes dão “remédio de vida” quando estão doentes, acrescentando que “os padres são os seus médicos e enfermeiros e ensinam[...] como pais com filhos e tutores com pupilos”³⁰⁰. Pe. Baltasar Teles reproduziu a mesma sentença de que eram os padres da Companhia,

mestres, ou pais, por médicos, enfermeiros, defensores, & tutores seus; não se apartando em coisa alguma de sua doutrina, & parecer, pelo grande respeito, amor, & reverência, que lhes tem, como é notório por toda a costa, & sertão do Brasil, que os portugueses tem descoberto³⁰¹.

Em 1574, foi expressa a determinação da Companhia de Jesus de que houvesse enfermaria em cada aldeia, registrando, assim, a missão com os corpos como parte das atividades dos inicianos³⁰². Em que pese esta recomendação administrativa da Ordem, não foram encontradas informações sobre a estrutura, os instrumentos e as práticas de cura nos aldeamentos, contudo, há relatos esparsos que dão indícios da missão sobre os corpos e as almas. Destacam-se, nas narrativas, o diálogo e o confronto entre a ideia de doença e as concepções de cura inaciana/europeia e as dos “gentios”.

No relato sobre as enfermidades que acometeram as aldeias da Bahia em princípios do século XVII, Pe. Manoel Cardoso afirmou que os muitos “trabalhos corporais” com os índios, eram “tanto mais quanto menos a natureza os ajuda com a indústria a resistir as doenças”³⁰³. Há notícias esparsas sobre quais seriam esses “trabalhos” dos missionários. Na carta quadrimestral de 1557, Ir. António Blázquez descreveu, dentre os muitos trabalhos, os cuidados nas enfermidades pelo Pe. João Gonçalves. Havia uma índia, narrou o Irmão, que estava já desenganada de câmaras “e não tendo remédio os parentes com que as estancar”, preparou o padre um emplastro de azeite e “almécega”, porque naquelas partes não havia “outros materiais”, e logo a índia ficou sã. Esta cura, segundo o irmão, havia deixado o missionário “em grande reputação” entre os índios³⁰⁴. Alguns anos depois desta narrativa, Pe. Fernão Cardim registrou a *Igcicca*, ou almecegueira, em suas descrições das “árvores que servem para

²⁹⁹ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1958, vol. 3, 381; 228.

³⁰⁰ Fernão Guerreiro, *Relaçam annal [sic] das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guine, nos annos de seiscentos & dous & seiscentos & tres...*, 1605, 375.

³⁰¹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal; e do que fizeram, nas conquistas d'este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso Fundador* (Em Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1645), 456.

³⁰² Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, 2005, vol. II, 399.

³⁰³ ANTT, CJ, maço 68, n° 429, f. 1: *Carta anua da Provincia do Brasil de 1607* (8 de março de 1608).

³⁰⁴ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1957, vol. 2, 355.

mezinhas”. Afirmou que se tratava de uma árvore odorífera, de cujo tronco se extraía um “óleo branco” que servia para “emplastos em doenças de frialdade” e para defumações e incensos³⁰⁵.

Pe. José de Anchieta apontou uma interessante informação sobre como eram produzidas e consumidas as mezinhas nas aldeias, ainda nos primeiros anos de missão. Relatou que, por não haver vinho, preparavam um cozimento de água com milho ao qual acrescentavam mel e, deste modo, “sempre bebemos as tisanas ou remédios”. Em outro trecho, afirmou não ter “purgas nem regalos de enfermaria”, sendo necessário, então, comer “folhas de mostarda cozidas com outros legumes da terra e manjares que lá podeis imaginar”. Declarou que, pela “suma bondade de Deus”, não causavam moléstias o calor e a falta de “refrescos e as coisas necessárias ao sustento, antes, que todos estavam conservados em perfeita saúde do corpo”. A esse respeito, mencionou o caso de um irmão recém-chegado de Portugal com problemas de saúde, que vivia em outra aldeia registrando que este, todos os dias, era provido de galinha, “com bastante trabalho, e todavia por baixo preço se ia procurar a diversos lugares” e, mesmo assim, padecia de vômitos. Contudo, indo morar em Piratininga e tendo a seu dispor apenas as “paupérrimas comidas”, restabeleceu-se e “se fez mais robusto”³⁰⁶.

Pe. José de Anchieta relatou que os missionários não se eximiam em cumprir “quase nenhuma arte das necessárias para o comum uso da vida”: cosiam vestidos, alpercatas (“mui necessárias pela aspereza das selvas e grandes enchentes d’água”), também serviam como barbeiros-cirurgiões e sangradores. Em suas palavras, cuidavam em “barbear, curar feridas, sangrar”³⁰⁷. Comparou-se a um veterinário no cuidado com os índios, em “deitar imprastos, alevantar espinhelas, e outros ofícios de albeitar, que eram necessários para aqueles cavalos, isto é aos índios”. Pe. Manuel da Nóbrega, em seu *Diálogo sobre a conversão dos índios*, comparou-os a “cães em seu comerem e matarem, e são porcos nos vícios e na maneira de se tratarem”. Segundo Laura de Mello e Souza, esta passagem evidencia a vertente interpretativa sobre a bestialidade indígena, tão presente na retórica dos cronistas³⁰⁸.

As sangrias foram apontadas como uma terapia aplicada para uma grande variedade de enfermidades. Em 1555, Pe. Juan Azpicuelta Navarro enviou a Coimbra notícias sobre os trabalhos das missões pelos sertões do Estado do Brasil. Estava, naquele tempo, em Porto Seguro, mas narrou que havia entrado pela “terra adentro” 350 léguas (cerca de 2 mil km) “por

³⁰⁵ Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil* (São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939), 115.

³⁰⁶ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 44; 63.

³⁰⁷ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 151.

³⁰⁸ Laura de Mello e Souza, *O diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial* (São Paulo: Companhia das Letras, 1986), 64.

caminhos poucos descobertos, por serras mui fragosas[...] e tanto número de rios”. Afirmou que, nos três meses que passaram em terras tão úmidas e frias, estiveram muitos “quase a morrer de enfermidades” nas aldeias e sítios despovoados. A única medicina que tinham eram as sangrias que faziam, por vezes, de pé e como mantimentos apenas farinha (de mandioca) e água³⁰⁹.

Pe. José de Anchieta deixou muitas descrições a respeito das sangrias em diversos sítios das missões na Província do Brasil. No ano de 1561, São Vicente foi acometida por uma grave enfermidade de câmaras, causando a morte de muitos – principalmente, de escravos – afirmando o padre que era castigo da “Divina Justiça”, que parecia se tratar de pestilência, que os enfermos duravam de 2 a 4 dias e que era contagiosa, de modo a acometer muitas pessoas na mesma casa. Os Irmãos, afirmou o padre, eram “médicos espirituais e corporais” e, incessantemente, acudiam com confissões e “os remédios que podíamos”, em suas palavras. Destacou que as muitas sangrias e cuidados espirituais fizeram com que por aquelas partes não morressem tantos como em outras vilas³¹⁰.

Em carta enviada de Piratininga, em 1562, Pe. José de Anchieta afirmou que a assistência era estendida “a todo gênero de pessoa, Português e Brasil, servo e livre, assim em as coisas espirituais como em as corporais”, que os curava e sangrava, justificando que não havia outros que o fizessem. Apontou a necessidade das sangrias, por aquela ser terra “sujeita[...] a priorises, maxime em os naturais dela”, especialmente no verão, e sem tal prática muitos pereceriam. Por fim, destacou que, por meio da prática de cura, tinham “melhor entrada com eles para lhes dar a entender o que toca à saúde de suas almas”³¹¹.

Em 1563, Pe. Leonardo do Vale narrou que, chegando a varíola à cidade de Salvador causou grande mortandade entre a “escravaria” e que não somente os “salteados e mal resgatados”, ou seja, aqueles que não haviam sido tomados em guerra justa, mas, também, os lados ladinos (que já estavam adaptados aos costumes e à língua dos conquistadores), como os da Guiné, morriam em cerca de dois ou três dias “sem aproveitarem sangrias nem medicinas”³¹². Sobre a cura para a varíola, Pe. José de Anchieta, que tinha reputação de ser “bom cirurgião”, declarou que não havia outra medicina melhor que a sangria e que, por dia, sangrava dez ou doze enfermos. Havia ainda outra prática arrolada pelo padre, que consistia em esfolar a pele das pernas e pés e cortar fora “a pele corrupta com tesoura”, lavando depois com água quente,

³⁰⁹ Tradução livre. Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1957, vol. 2, 245-6.

³¹⁰ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1957, vol. 2, 173.

³¹¹ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1957, vol. 2, 179.

³¹² Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1960, vol. 4, 12.

relatando que, “pela bondade do Senhor”, muitos sararam, como um que, em grandes dores, teve os pés esfolados e recobrou a saúde³¹³. Contudo, os índios tinham outra prática de cura para a varíola e fugiam das sangrias dizendo que elas “os matavam”. O missionário decreveu a prática da seguinte maneira:

mandando fazer umas covas longas à maneira de sepulturas, e depois de bem quentes com muito fogo, deixando-as cheias de brasas e atravessando paus por cima e muitas ervas, se estendiam ali tão cobertos de ar e tão vestidos como eles andam, e se assavam, os quais comumente depois morriam, e suas carnes, assim com aquele fogo exterior como com o interior da febre, pareciam assadas. Três destes que achei revolvendo as casas, como sempre fazia, que se começavam a assar, e levantando-os por força do fogo, os sangrei e sararam pola bondade de Deus³¹⁴.

As disputas pela cura eram feitas não apenas pelas concepções médicas e envolviam, sobretudo, a preocupação com a salvação das almas, conflito presentificado no papel dos pajés (ou feiticeiros, como os jesuítas comumente os denominavam) e na compreensão das doenças como um fenômeno sobrenatural, sendo sua cura intermediada através dos rituais³¹⁵. O registro da relação entre feitiçaria e cura esteve presente não somente nas partes longínquas do Império como também no próprio reino. Em documento do século XVII, foram advertidas as *Razões de direito e facto com as quais se prova pertencer ao Tribunal do Santo Ofício o conhecimento do procedimento das pessoas que curam como vulgarmente se chama por ‘Ensalmo’, prometem coisas maravilhosas*³¹⁶, prática que era considerada supersticiosa e consistia na recitação de trechos do livro dos Salmos para a cura de enfermidades³¹⁷.

Keith Thomas destacou a crença no sobrenatural para a cura, na Europa, no período medieval e moderno através de curandeiros, benzedeiros e feiticeiros³¹⁸. De forma inequívoca, o autor apontou que a ação do sobrenatural era reconhecida pela Igreja e seus agentes, cabendo apenas atribuir a origem desse poder às “duas fontes possíveis: Deus ou o Diabo”³¹⁹. Cabe observar, em que pese, em algumas partes do mundo Ocidental, haver a oferta da medicina “letrada”, versada nos preceitos hipocrático-galênicos, a permanência da aceitação do que

³¹³ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 238; 239.

³¹⁴ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 239

³¹⁵ As referências aos termos e feitiçarias são abundantes na documentação inaciana ao descrever ritos de cura e cerimônias religiosas tupinambás. Cf. Leite, 1956, T. I, p. 132, 145, 302, 315, 409; *idem*, 1957, T. II, p. 244, 266; *idem*, 1958, T. III, p. 49.

³¹⁶ ANTT, AJ, liv. 20, maço 2, n. 2: *Razões de direito e facto com as quais se prova pertencer ao Tribunal do Santo Ofício o conhecimento do procedimento das pessoas que curam como vulgarmente se chama por ‘Ensalmo’, prometem coisas maravilhosas*. 16–.

³¹⁷ Rafael C. R. Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico, critico, químico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* (Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712), vol. 3, 133.

³¹⁸ Keith Thomas, *Religião e o declínio da magia: Crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII* (São Paulo: Companhia das Letras, 1991), 132; 156.

³¹⁹ Thomas, *Religião e o declínio da magia...*, 1991, 215.

poderia ser considerado como “medicina popular”. O autor traçou um paralelo muito interessante para a abordagem desta tese, ao afirmar que o prestígio da magia, feitiçaria e superstição, dentre a população europeia seiscentista, assemelhava-se “à má vontade de alguns povos primitivos atuais em dependerem exclusivamente da medicina ocidental recém-introduzida”³²⁰.

Segundo Thomas, importa assinalar que os tratamentos europeus não asseguravam a cura, de modo que se mantinha a crença em “remédios tradicionais, alguns dos quais dão um certo alívio e reconforto psicológico que não se encontra no medicamento ocidental”. Acrescenta-se a isto que “o lado teatral da cura pela magia, a encenação ritual da doença e o tratamento simbólico da enfermidade em seu contexto social” apresentavam atrativos, frente à medicina moderna entre a flebotomia e a busca do equilíbrio dos humores. Para o autor, pouco se distanciava aos olhos contemporâneos, a estranheza na crença sobre a magia que a as práticas da medicina galênica³²¹.

Entre danças, cantares, bebedeiras e defumações, foram os feitiçeiros os piores inimigos que os missionários encontraram nos primeiros momentos da evangelização no chamado “Novo Mundo”³²². Em agosto de 1549, Pe. Manoel da Nóbrega narrou que “nas enfermidades dos gentios usa[vam] estes feitiçeiros de muitos enganos e feitiçarias”, que diziam aos índios que eram os religiosos que lhes metiam as enfermidades no corpo através de facas e tesouras e “outras coisas semelhantes” e assim os matavam³²³. Em 1552, Ir. Vicente Rodrigues registrou a história de um casal de convertidos que os feitiçeiros convenceram com “muitas imaginações do demonio” que os religiosos levavam a morte, de modo que ficaram com esses pensamentos e caíram em tão “grande tristeza” que disto vieram a morrer³²⁴. Em outra missiva deste mesmo ano, o irmão relatou que, chegando em uma aldeia, sob acusação dos “feitiçeiros” lhe foi atribuída a culpa da doença reumática de um dos Principais e dos inchaços de seu filho, de modo que os índios “medrosos” nem mesmo recebiam os religiosos em casa³²⁵.

Há uma variedade de cartas dos inicianos a esse respeito. Na quarta quadrimestral de maio de 1556, o Ir. António Blázquez relatou que, na aldeia do Rio Vermelho (cidade de Salvador), permanecia o costume dos indígenas de oferecer raízes para “um seu feitiçeiro” para que viessem a ter boas colheitas e que este, constantemente, blasfemava e desprezava a

³²⁰ Thomas, *Religião e o declínio da magia...*, 1991, 178.

³²¹ Thomas, *Religião e o declínio da magia...*, 1991, 178.

³²² Andrés I. Prieto, *Missionary scientists: Jesuit science in Spanish South America, 1570-1810* (Nashville, Tenn: Vanderbilt Univ. Press, 2011), 48-52.

³²³ Tradução livre. Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1956, vol. 1, 152

³²⁴ Tradução livre. Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1956, vol. 1, 304.

³²⁵ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1956, vol. 1, 415.

doutrina. Por ordem do governador Duarte da Costa, o tal feiticeiro foi preso e aumentaram as conversões e a aceitação da religião, vindo então a serem batizados muitos meninos entregues pelos pais antes de morrerem e adultos doentes pelas admoestações do pajé de que logo morreriam se o fizessem. Este relato revelou a prisão e a punição a estes feiticeiros pelas autoridades civis como sintomática dos conflitos entre os feiticeiros, detentores dos saberes e práticas de cura tradicionais nas aldeias, e os missionários³²⁶.

Pe. José de Anchieta afirmou que cada um dos “feiticeiros” possuía suas “invenções”. Relatou ter ouvido de alguns terem eles o poder de colher sem plantar, de outro que a caça do mato iria sozinha para a casa ou, ainda, que as velhas poderiam se fazer moças com “lavatórios de algumas ervas” e que tinham o poder de matar e comunicar espíritos através das suas defumações. O ritual de cura dos chamados “feiticeiros”, segundo o inaciano, consistia em “esfregar, chupar e defumar os doentes nas partes que têm lesa”, afirmando que, pelo desejo da cura, muitos se deixavam levar por essas práticas. Ao padre, tudo isto parecia “obra do demônio”, com suas mentiras e enganos³²⁷.

Pe. José de Anchieta narrou que os pajés, em Piratininga, gozavam de “grande estimação” entre os índios por terem poderes curativos. Descreveu a prática de “chupar” os outros quando tinham alguma dor livrando-os das doenças, afirmando assim que tinham a “vida e a morte em seu poder” e declarou que os ditos feiticeiros não se apresentavam aos religiosos “porque descobrimos os seus embustes e mentiras”. Relatou o caso de um catecúmeno que, indo ser curado por um pajé, foi advertido pelo filho “que frequenta a nossa escola” de “que seria assado pelo demônio, e não entraria mais na igreja, que, dando crédito ao feiticeiro, recusaria crer em nós”³²⁸.

Pe. Juan de Azpicuelta Navarro narrou, em suas andanças pelo sertão, a passagem por uma aldeia de índios e descreveu uma cerimônia que ali assistiu. Afirmou que muitos “gentios” haviam procurado aquele sítio para “as festas dos feiticeiros” e que estavam todos adornados para a cerimônia. No centro, estava uma casa grande e dentro dela outra menor na qual tinham uma cabaça “figurada como cabeça humana, mui enfeitada ao seu modo”. Diziam que era aquele seu santo Amabozaray, o ser sobrenatural responsável pelas danças e festas que “tinha a virtude de fazer que os velhos se tornassem moços”. Os índios estavam pintados e emplumados em diversas cores e “dançavam, bailavam e faziam muitos gestos, torcendo a boca e dando gritos como cachorros”. Traziam, em suas mãos, outras cabaças pintadas que diziam ser seus

³²⁶Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1957, vol. 2, 270.

³²⁷ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 331; 332.

³²⁸ Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões...*, 1933, 41-42.

santos e acreditavam que não precisavam trabalhar, pois tudo brotaria por si e que também não precisavam caçar, pois as flechas o fariam sozinhas³²⁹.

Na missiva de 5 de julho de 1559, Pe. Manoel da Nóbrega narrou alguns episódios de disputa entre os religiosos e os pajés na Bahia. Relatou que os “feiticeiros” eram perseguidos pelos missionários em razão dos muitos abusos cometidos dos quais um, em especial, revela a disputa e a violência da sociedade colonial. Registrou o assassinato de uma “velha” pelo “irmão do meirinho e Principal da Vila” sob a acusação de que ela e “seu espírito” o haviam atormentado com enfermidades. O assassino acabou por receber punição exemplar pelo crime, foi açoitado e teve alguns dedos cortados³³⁰. Descreveu ainda o culto da Santidade que sacudiu o Recôncavo da Bahia com a crença/busca de uma terra sem males³³¹.

O padre narrou a história de um certo feiticeiro que, “gloriando-se de haver tirado a palha” (provavelmente a leishmaniose, que tem como vetor o mosquito-palha)³³², foi denunciado por um menino da escola dos jesuítas. Chamando o moço o Ir. Antonio Rodrigues (1516-1568), este convocou o feiticeiro e os principais e, após a repreensão, mandou que levassem o feiticeiro para ser preso pelo governador. O feiticeiro, ainda segundo o inaciano, após ter fugido e andado maltrapilho pelos matos, tomou bom conselho e, posteriormente, foi se humilhar e pedir penitência aos padres³³³.

Dentre as enfermidades que acometiam os brasis, destacam-se os relatos sobre a melancolia. Pe. Baltasar Teles afirmou que eram “grandemente sujeitos a seus feiticeiros, & perdidos por agouros” e tinham por crença que, depois da morte, as almas se tornavam como demônios das quais tinham grande medo e para as quais deixavam algumas ofertas pelo caminho. Quando, porventura, não o faziam, temiam e tinham muito medo de morrer. O inaciano afirmou que esta “imaginação” era “tão forte & poderosa” que isto bastava para morrerem e que os missionários tinham “grande experiência” nesta “morte da imaginativa”, pois, quando a melancolia deles se apossava não havia remédio e, infalivelmente, morriam. Por fim, concluiu: “por tantas estradas caminhamos para a sepultura, que talvez sem a violência do ferro, & sem a fúria do fogo, com menor trabalho, basta imaginar na morte, para perdemos a vida”³³⁴.

³²⁹ Tradução livre. Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1957, vol. 2, 246.

³³⁰ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1958, vol. 3, 53.

³³¹ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1958, vol. 3, 53; Ronaldo Vainfas, *A heresia dos índios: Catolicismo e rebeldia no Brasil colonial* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995).

³³² Alfredo J. Altamirano-Enciso et al., “Sobre a origem e dispersão das leishmanioses cutânea e mucosa com base em fontes históricas pré e pós-colombianas”, *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 10, 3, 853-82 (dez. 2003).

³³³ Leite, *Monumenta Brasiliae*, 1958, vol. 3, 65.

³³⁴ Teles, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal...*, 1645, 446.

É possível aventar que o repertório de cura oferecido pelos missionários não estava circunscrito às bases hipocrático-galênicas da medicina, no período moderno, contando com o grande rol de medicinas da fauna e flora brasílicas e dos conhecimentos aprendidos dos nativos. Não foram encontradas, ao longo desta investigação, muitas narrativas descritivas sobre as práticas de cura dos religiosos nas aldeias da Bahia. Vale observar que havia uma mescla entre as terapias e o modo de preparo das medicinas segundo o modo europeu com os saberes de cura dos indígenas, conforme apontado no Capítulo III sobre as Ervas e os Animais.

Ao longo deste capítulo foram descritas e debatidas as formas de assistência aos enfermos pelos inacianos, para além do ato caritativo. De modo bastante destacado, no Estado da Índia, com uma complexa rede de hospitais e casas para os enfermos a seu encargo. Para além de um auxílio esporádico, o cuidado com os pobres, doentes e desamparados mostrou-se parte da estratégia de missionação entre Goa e a Bahia. O Hospital dos Pobres Nativos pode ser destacado nesse intento de conversão dos indianos, assim como a administração do Hospital Real e o prestígio e dilema que levava para a consolidação de uma fórmula inaciana. Por fim, o registro da mortandade nas aldeias, as disputas pelo sagrado e pelos corpos apontam para um capítulo inicial marcante para a constituição do Brasil enquanto nação. As missões pretendiam curar Babilônia. Não apenas curaram corpos, como adaptaram, mesclaram, hibridizaram e fizeram circular os saberes e as práticas médicas no período moderno.

Considerações Finais

Esta tese percorreu um longo curso de investigação no campo da História da Assistência no período moderno. Buscou cumprir um arco narrativo, desde a partida dos missionários, a viagem a bordo das naus da Carreira da Índia, os saberes e práticas de cura embarcados e os circulantes, até, por fim, aportar nas terras das missões entre Goa e a Bahia, adentrando colégios, hospitais e aldeias. Nestas derradeiras páginas, cabe apontar considerações deixadas ao largo, pouco refletidas e ainda as que despontam para novos estudos.

Os primeiros capítulos versaram sobre a etapa inicial da missão nas naus da Carreira da Índia. Para este tema, bastante conhecido e debatido na historiografia portuguesa, buscou-se contribuir com a investigação sobre as condições de sobrevivência e a assistência dos muitos enfermos. As narrativas inicianas, suas cartas e relatos de viagem e naufrágios serviram como guia para a composição do estudo. As bagagens dos inicianos e as redes do Império Português revelaram a circulação de mezinhas, instrumentos e concepções de cura ocidentais e produtos das mais diversas partes. As boticas dos colégios da Companhia foram importantes centros produtores e circulantes das medicinas presentificadas nas referências às medicinas utilizadas para os cuidados com os tantos enfermos nas embarcações. A este respeito, caberia aprofundar, em investigações futuras, buscando analisar outros espaços do mundo colonial ibérico como a América sob o domínio da coroa espanhola, a costa da África Ocidental e Moçambique e o Extremo Oriente.

Tal qual uma pequena vila, como referendou o Pe. Sebastião Gonçalves, ou um microcosmos da sociedade portuguesa, as embarcações da Carreira da Índia apresentaram um complexo sistema de assistência aos enfermos. A Coroa era responsável por abastecer a Armada com todo o necessário para a navegação. Assim, além de garantir a tripulação e fornecer soldo e subsistência alimentar, fazia-se necessário favorecer a sobrevivência em meio aos evidentes perigos da longa navegação. Em função disto, foi evidenciado e comparado o rol de oficiais nas naus com o dos hospitais do Reino, o que revelou a presença (nem sempre constante) de físicos, cirurgiões, barbeiros e boticários.

Distintamente do corpo médico dos hospitais no período moderno, não foram encontradas designações para a função de enfermeiros. Em Portugal, este não era um ofício com exigência de formação ou de exames para comprovação de experiência, como era comum aos físicos, cirurgiões e boticários. Os critérios para o exercício eram designados em torno da piedade cristã, conforme analisado nos regimentos do Hospital de Todos os Santos e de Nossa

Senhora do Pópulo, devendo estes profissionais servir como auxiliares diretos no cuidado com os enfermos, cumprindo de modo apropriado todo o recomendado para a cura.

Com demasiada gente, muitos pobres e enfermos, tanta fome e agruras, os missionários encontraram o espaço para o exercício da caridade. Como “algo próprio da Companhia”, destacou-se que muitos atuaram como enfermeiros e, também, em funções mais humildes, limpando os doentes, alimentando-os e aplicando terapias como os clisteres. Como na metáfora bastante sutil do Pe. Andrea de Cabrera, as naus eram como uma “Casa de Provação” e, nas embarcações, os jovens religiosos fortificavam o seu ímpeto missionário e davam exemplos de edificação. Este viés missionário não estava previsto no plano inicial do doutoramento, contudo, a abundância de referências a essas atividades fez surgir a necessidade de debater as travessias entre o Atlântico e o Índico como o momento inicial das missões.

Sabidamente, os inicianos produziram um volumoso e extenso corpus documental. Além das correspondências, destacam-se as obras sobre a descrição das terras e das gentes desde a América ao Oriente. Essas narrativas revelam a compreensão humanista/aristotélica dos inicianos, a grande valorização da Antiguidade Clássica e a transformação no campo dos saberes impelidas pelo Renascimento, pela expansão marítima comercial europeia e a Reforma Católica. Desta forma, a muitas vezes citada ideia da Zona Tórrida era confrontada na construção de representações permeadas entre visões cristãs e humanistas entre o Jardim do Éden e o purgatório. Próprio a esses tempos, os saberes não estavam compartimentados em campos definidos e apareciam nas narrativas entre a Cosmologia, História Natural, Teologia e Medicina.

Importa destacar que a Companhia de Jesus incentivava a produção de informações sobre as terras de missão, não somente as descrições dos territórios como também dos povos nativos, seus costumes e línguas e fazia circular todo este repertório de informações através das publicações e, de modo mais cotidiano, das leituras feitas nos refeitórios dos colégios. Nesse quadro, pode-se perceber o claro intento nas descrições informativas apontadas no terceiro capítulo desta tese, versando sobre a sanidade das terras conforme os astros, ares, águas e terras. As cartas e obras estavam também repletas de descrições de plantas e animais e seus atribuídos usos alimentares e medicinais.

Na compreensão hipocrático-galênica, esses dois usos não eram dissociados, pelo contrário, a alimentação estava diretamente ligada à conservação da saúde. Desse modo, observa-se que as numerosas descrições dos frutos revelavam o seu sabor, comparando-os a frutos conhecidos na Península Ibérica, e atribuíam características ligadas à teoria humoral (frio, quente, úmido, seco). As conservas de frutos, ervas, raízes e substâncias de origem animal

receberam destaque na produção de medicinas, compondo o extenso repertório de receitas das boticas dos colégios.

As fontes encontradas para debater as boticas são todas datadas de período posterior à delimitação temporal desta tese e fora dos espaços das cidades de Goa e de Salvador. Os inventários, assim como a muitas vezes citada *Colleção de Varias Receitas*, foram produzidos no contexto da expulsão da Ordem dos domínios portugueses e espanhóis (1759-1763). Contudo, as balizas tiveram de ser flexibilizadas, pois não seria possível compreender os diversos âmbitos da assistência aos enfermos sem o destaque da produção, difusão e circulação de medicamentos feitas por obra dos inacianos sem contar com essa documentação. Uma das grandes lamentações da investigação foi não terem sido encontrados os inventários das boticas do Colégio de São Paulo e da Bahia tampouco referências em estudos que versassem a respeito.

Interessa observar, ainda, que as descrições das plantas, ervas e animália revelaram mais que contributos dos inacianos para o alargamento da História Natural e a Medicina Ocidental. Há muitos indícios acerca da apropriação e acomodação de saberes e práticas de cura de hindus e tupinambás. Os missionários buscaram distinguir e confrontar qualquer traço de superstição ou gentildade nos rituais de cura, mas aproveitaram e difundiram, em grande medida, os produtos locais. Exemplificam, a esse respeito, a pedra cordial do Ir. Gaspar Antonio, a mirigânga, o tabaco, o ananás (e sua conserva) e uma grande sorte de produtos. Por escolha metodológica, esta tese não procurou mapear a circulação de produtos de modo exaustivo e enciclopédico, cabendo apenas destacar o que poderia contribuir para a compreensão sobre cura.

Ainda nos debates sobre a relação dos jesuítas com os saberes e práticas de cura hindus e tupinambás, importa destacar que nem tudo foi permeado por tolerância. Há, de modo comum, a concepção de cura como prática racional/natural e sobrenatural. Foi evidenciada uma clara identificação entre os preceitos ayurvédicos e hipocrático-galênicos e a teoria dos humores e, até mesmo, práticas coincidentes na aplicação de terapias, cirurgias e para o equilíbrio interno e externo por influência do ambiente, purgações, mezinhas e alimentação. Contudo, para os missionários, o sobrenatural apenas poderia ser invocado ou reconhecido dentro do seu sistema de crenças, no conhecido jogo de alteridade entre o eu/divino versus o outro/demoníaco.

Destaca-se, a esse respeito, a presença dos médicos nativos, os chamados panditos, assim como o corpo de assistência médica (enfermeiros, auxiliares, servidores e escravizados) no Colégio de São Paulo e, possivelmente, nos hospitais administrados pelos jesuítas. A presença destes, contudo, não era sinal de ampla acomodação, como ficou patente nas cartas

acusatórias dos padres e nas recomendações à perseguição aos chamados “feiticeiros” tal como às perseguições inquisitoriais em Goa.

Na capitania da Bahia, de modo comum à missionação na Província jesuítica no Brasil, foram evidenciados os confrontos com os pajés, detentores do contato com o sobrenatural e conhecedores de rituais de cura na cosmogonia tupinambá. Por vezes, a utilização das plantas presentes nos ritos indígenas, como o tabaco, foi reconhecida pelo seu atribuído valor medicinal. O “feiticeiro”, no entanto, deveria ser banido, afastado e punido como revelam os relatos das aldeias da Bahia na primeira década de estabelecimento da Ordem. Os saberes e as práticas de cura eram lugares de disputa para a conversão dos gentios.

A conversão das almas não se estabelecia em tábuas rasas. Lançar o olhar sobre os tupis e sobre os hindus trouxe maior complexidade para a discussão sobre a História da Medicina no Império Português. O principal norte desta tese foi buscar ausentar-se do eurocentrismo historiográfico. Os sistemas culturais nativos, complexos, distintos e tão exóticos aos olhos dos missionários foram, muitas vezes, negados e banidos do espaço colonial. Muitas vezes, também, e justamente por isto, foram descritos e representados, possibilitando o seu debate enquanto fontes para o estudo da história. Uma grande lacuna nesta tese foi a ausência nítida de outros grupos étnicos/sociais em suas análises. Marcadamente, faltaram as práticas e saberes de cura dos muçulmanos, judeus, persas, malaios, cristãos-novos, cafres assim como dos “negros da Guiné” e oriundos do trágico comércio de escravos da África Ocidental e Oriental e de tantos outros povos presentes nos espaços entre Goa e a Bahia.

As principais cidades do Império Português contaram com instituições jesuíticas. Goa e Salvador, enquanto “cabeças” do Estado da Índia e do Brasil, possuíam grandes colégios que se configuraram como importantes centros missionários. Como hospedarias, acolhiam os recém-chegados e os missionários em trânsito em suas atividades missionárias. Cuidavam dos padres, irmãos, estudantes e noviços, enfermos e convalescentes e, para tal, possuíam em suas estruturas espaços de cura. As enfermarias e as boticas são os locais mais evidentes desta preocupação. Destacou-se, ainda, segundo os preceitos galênicos, os refeitórios e as hortas. Os colégios eram centros de cura: atendiam os doentes, debatiam saberes (como ficou notabilizado na presença de Garcia de Orta em Goa), produziam e comercializavam medicinas. A conservação da saúde e o restabelecimento dos fracos era imperioso para o avanço da missão dos “soldados de Cristo”.

A assistência aos enfermos foi também instrumento para a conversão dos povos *ad Majorem dei Gloriam*. Para converter Babilônia, os inacianos organizaram e estiveram presentes em uma rede de instituições hospitalares no Oriente. Impressionou, no levantamento

das informações a esse respeito, a abrangência de sítios em que fundaram e/ou administraram hospitais e a forma como desempenharam os papéis de médico e cirurgião, na Índia e Japão. Não foi uma experiência individual ligada à formação anterior de um religioso no campo da medicina. Observou-se que foi empresa de tamanho vulto a ganhar as boas impressões da Coroa e a configurar a principal face da atividade missionária em alguns sítios. Destacou-se, ainda, a experiência no Hospital dos Pobres Nativos e no Hospital Real, revelando que ambos constituíram estratégias de missionação e inserção na sociedade goesa/indiana.

No Estado do Brasil, não foram encontrados relatos a esse respeito, com exceção do Hospital de Sangue, nas guerras contra os holandeses na Bahia. Os missionários jesuítas foram testemunhas da mortandade dos povos ameríndios no decorrer do processo de conquista e colonização portuguesa. Os relatos – demasiadamente descritivos, pesarosos e nojosos –, apontam o capítulo inicial da formação desse território enquanto Brasil. Na compreensão de doenças como varíola, tuberculose, sarampo, gripe, entre outras, observa-se nas descrições que as terapias aplicadas pelos missionários eram ineficientes frente aos vírus e bactérias. Essas doenças “estrangeiras” não pertenciam ao repertório de saberes sobre cura dos tupinambás. Constituiu-se, assim, o grande e rápido desastre demográfico das populações indígenas, de modo comum a outras partes do continente americano.

A missão com as almas esteve imbricada à missão com os corpos. A caridade, a catequese e o ensino estiveram coadunados à assistência aos enfermos nos mais variados sítios. Observou-se que o cuidado com os pobres, desvalidos e enfermos esteve presente desde os primeiros anos de fundação da Ordem e se configurou em distintas formas e atividades nas terras de missão dos “soldados de Cristo” entre meados do século XVI e princípios do século XVII. Encerra-se assim a narrativa sobre essas jornadas, que não foi apenas dos inicianos, mas também dos povos pretensamente catequisados com suas resistências e permanências. Entre corpos, almas e coisas.

FONTES MANUSCRITAS

Academia das Ciências de Lisboa (ACL)

SÉRIE AZUL

Manuscritos 11, 12, 13, 21, 213.

SÉRIE VERMELHA

Manuscrito 586.

Archivo Histórico de Goa

Livro das Monções, 22, fls. 66v-67.

Archivo Histórico Nacional – Madrid, España (AHN)

Legajo 214, nº 11-23;

Lib. 128.

Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC)

AUC, Dep. IV, Seção 1º E, Est. 22, Tb. 4, cx. 5.

Arquivo do Tribunal de Contas (ATC)

JUNTA DA INCONFIDÊNCIA

Maços 64, 65.

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU)

PROJETO RESGATE

Castro e Almeida, doc. 3631.

CONSELHO ULTRAMARINO

Índia, Caixas 1,5, 7, 10, 11, 14, 19

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)

CARTÓRIO DOS JESUÍTAS

Maços 4, 39, 41, 68, 69, 70, 71, 82, 86, 88, 90

ARMÁRIO JESUÍTICO

Liv. 14, f. 333.

Liv. 17, f. 17.

Liv. 20, maço 2, nº 2.

Liv. 28, Mf. 136.

Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB)

Microfilme. Catálogo 68, rolo 1.

Biblioteca da Ajuda (BA)

44-XIV-6, f. 185-197v.

49-II-9.

51-V-48, f. 9-10v.

51-VI-54, fl. 2.

51-VI-54, fl. 1.

51-VI-54, fl. 271-293v.

51-VI-54.

51-VIII-7, nº 447.

51-VIII-19, fl. 25, nº 44.

51-VIII-6, fl. 59, nº 140.

51-VIII-6, fl 2v.

54-XIII-15, nº 120.

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)

Reservados

ALC. 173. CFC 1

COD 1527//159.

Biblioteca Nacional de España (BNES)

Maffei, Giovanni Pietro. *Historia de las Indias orientales* [Manuscrito]. S.XVII, [s.d.].

Biblioteca Pública de Évora (BPE)

CXV/ 2-7, fl. 42.

CXVI/ 1-16.

CXVI/2-11a, n° 44.

Ley sobre os fisicos. Lisboa, 7 de dezembro de 1561. Século XVI, 3752.

Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP)

Manuscrito n° 737.

Biblioteca James Ford Bell. Universidade de Minnesota

Ricci, Matteo, *Grande mapa geográfico universal*, 1602. Biblioteca James Ford Bell, Universidade de Minnesota, <https://www.wdl.org/pt/item/4136/>

Fundação Oswaldo Cruz

Formulário médico: Manuscrito encontrado em uma arca da Igreja de São Francisco de Curitiba e atribuído aos jesuítas 1703 [s.d.]. Fiocruz Fundação Oswaldo Cruz. Coleção Obras Raras, http://www.labdigital.icict.fiocruz.br/obras_pdf/Manuscrito_O.pdf

FONTES IMPRESSAS

Abreu, José Rodrigues de. *Historiologia medica, fundada e estabelecida nos principios de George Ernesto Stahl...: tomo segundo dividido em duas partes...: parte primeira...* Lisboa Ocidental: Na Officina de Antonio de Sousa da Sylva, 1739.

Abreu, Lisuarte de. *Livro de Lisuarte de Abreu*, coordenado por J. Soeiro de Brito. Lisboa: CNCDP, 1992.

Acosta, José de. *Historia natural y moral de las Indias, en que se tratan las cosas notables del cielo, y elementos metales, plantas, y animales dellas y los ritos y cerimonias, leyes y gouierno, y guerras de los Indios*. Impresso en Seuilla: en casa de Iuan de Leon, 1590.

Albuquerque, Luís de. *Memória das armadas que de Portugal passaram à Índia e esta primeira é a com que Vasco da Gama partiu ao descobrimento dela por mandado de El-Rei Dom Manuel no segundo ano de seu reinado e no do nascimento de Cristo de 1497*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1979.

Amato Lusitano. *Dialogo en el qual se trata de las heridas de cabeça con el casco descubierto donde se disputa si es mejor curar semejantes heridas cõ medicamentos blandos o con secos. Traducido del latín en romance castellano por Jerónimo de Virués, doctor en medicina valenciano*. [Texto impreso]. En Valencia: impreso en la Empronta dela Compañia de los Libreros, 1588.

Anchieta, José de. *Arte de Grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*. Coimbra: Antonio de Mariz, 1595.

Anchieta, Pe. José de. *Cartas, informações, fragmentos historicos e sermões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933. Cartas Jesuíticas 3.

Anchieta, José de. “Informação da Província do Brasil 1584”, em *Anaes...* Archivo Público da Bahia, 101-102. Salvador: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1934.

Apianus, Petrus. *Libro dela [sic] Cosmographia* [Texto impreso]. Vendese en Enveres [sic]: en casa de Gregorio Bontio..., 1548.

Aranguren, Manuel Bernardino de; Maximiliano José. *Ensayo analítico de las aguas termales de Cestona Brisseau, e Ignacio Antonio de Ixta: disertación de las aguas termales de Cestona, usadas en baño, riego ó estufa y efectos que produce en las enfermedades, por Manuel Bernardino de Aranguren e Ignacio Antonio de Ixta*. Tolosa, 27 de abril de 1789 (h. 1-16r). Ensayo analítico de las aguas termales de Cestona, por Maximiliano Joseph Brisseau (h. 17r-20v). Carta de Maximiliano Joseph Brisseau al comisario Don Juan Antonio Henriques (h. 21). *Receta de las virtudes de la habilla que llaman de Guatemala, Provincia del Reyno de Nueva-España [Impreso]* (h. 24r). *Virtudes y efectos maravillosos de la piedra cordial y composición que inventó el hermano Gaspar Antón, insigne boticario... de la Compañía de Jesús de Goa, aprobada... en el año de 1655*. [s.d.]. [Impreso] (h. 25r). Notas (h. 26r y 27r) [Manuscrito]. S. XVIII.

Aristóteles. *Compendio de toda la philosophia natural de Aristoteles [Texto impreso]: traduzido en metro castellano... por vn Collegial en el Colegio de nuestra Señora la Real de Hirach*. Fue impresso en... Stella: por Adrian de Anueréz, 1547.

Belliarte, Marçal S. J. [et al.]. “Capítulos que Gabriel de Sousa deu em Madrid ao senhor Dom Christovão de Moura contra os padres da Companhia de Jesu que residem no Brasil, com huas breves respostas dos mesmos padres que deles forão avisados por hum seu parente a quem os ele mostrou”, organizado por Serafim Leite, em *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. LXVII. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.

Bluteau, Rafael C. R. *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

Botero, Giovanni [et al.]. *Descripcion de todas las provincias y reynos del Mundo: sacada de las Relaciones toscanas de Iuan Botero Benes: en que se trata de las costumbres industria, trato y riquezas de cada vna de las naciones de Europa, Asia, Africa, America ô Nuevo Mundo... por F. Iayme Rebullosa de la Orden de Predicadores...* En Barcelona: por Gabriel Graells y Giraldo Dotil, 1603.

Brandão, Ambrósio Fernandes. Segundo Diálogo, 1956, em *Diálogos da Grandeza do Brasil* (1618). Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2010. Edições do Senado Federal v. 134.

Brito, Bernardo Gomes de. *Historia Tragico-Maritima: em que se escrevem chronologicamente os Naufragios que tiveraõ as Naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a Navegação da India*. Lisboa Occidental: na Officina da Congregação do Oratorio. Tomo primeiro [-segundo], 1735, vol. 1, 2.

Cabreira, Gonçalo Rodrigues de. *Compendio/ de muitos,/ e varios remedios de/ Cirurgia, & outras cousas curiosas./ Recopiladas do Thesouro de/ Pobres, & outros authores./ Por Gonçalo Rodrigues/ de Cabreira, cirurgiaã aprovado natural da/ Villa de Alegrete./ E nesta quinta impressam/ emmendado, & acrecentado hum Tratado/ de preservar do mal de peste.* Em Lisboa: na officina de Francisco Villela, 1671.

Camões, Luís de. *Os Lusíadas*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1972.

Cardim, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Organizado por Ana Maria Azevedo. São Paulo: Hedra, 2009.

Cardim, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. 2. ed. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939.

Cardoso, Manuel Godinho. *Relaçam/ do naufragio/ da nao Santiago,/ & itinerario da gente que/ delle se salvou./ Escrita/ por Manoel Godinho Cardozo.* Em Lisboa: impresso por Pedro Crasbeeck, 1602.

Cassani, José. *Tratado de la naturaleza, origen, y causas de los cometas: con la historia de todos los que se tiene noticia haverse visto, y de los efectos, que se les han atribuido, donde se manifiesta quan sin fundamento se dice que son infaustos: y con methodo de observar astronómicamente sus lugares aparentes, y hallar los verdaderos en el cielo, su curso, su magnitud, distancia de la tierra, y de formar las ephemerides, con lo demàs que à la astronomía toca.* [Texto impreso]. En Madrid: por Manuel Fernandez, 1737.

Collecção de Varias Receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa companhia de Portugal, da Índia, de Macau, e do Brazil. In.: Maia, Patrícia Albano. “Práticas Terapêuticas Jesuíticas no Império Colonial Português: medicamentos e Boticas no século XVIII”. Tese, Universidade de São Paulo. FFLCH. Departamento de História. PPGHS., 2012.

Comentário do Padre Monserrate, da Companhia de Jesus, sobre sua Viagem à Corte de Akbar, 1922.

Costa, Cristovão da. *Tractado de las drogas, y medicinas de las Indias Orientales con sus Plantas debuxadas al biuo por Christoual Acosta medico y cirujano que las vio ocularmente: en el qual se verifica mucho de lo que escriuió el Doctor Garcia de Orta...* En Burgos: por Martin de Victoria impressor de su Magestad, 1578.

Costa, Manuel da, Martinho Schagen e António Vieira. *Arte de furta, espelho de enganos, teatro de verdades, mostrador de horas minggadas, gazua geral dos Reynos de Portugal. Offerecida a elRey Nosso Senhor D. João IV para que a emende, Correcta e emendada de muitos erros; e assim tambem a verà o curioso leytor com as palavras, e regras, que por inadvertencia faltaraõ na passada impressaõ.* Amsterdam[?]: na officina de Martinho Schagen[?], 1744. 1ª. edição de 1652.

Cruz, António da. *Recopilaçam de Cirurgia [sic]*. Lisboa: na Officina de Henrique Valente de Oliveira impressor delRey a custa de Matheus Rodrigues mercador de livros, 1661.

Falcão, Luís de Figueiredo. *Livro em que se contém toda a fazenda e real patrimonio dos reynos de Portugal, India, e ilhas adjacentes de sua coroa e outras muitas particularidades: derigido ao muito alto catholico e poderoso rey Dom Philippe nosso señor terceiro do nome na coroa de Castella 2'na de Portugal.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.

Figueira, Luís e Manuel da Silva. *Arte da lingua brasilica*. Lisboa: Manoel da Silva, 1621.

Figueira, Luís e José Mariano da Conceição Veloso. *Arte da grammatica da lingua do Brasil*. Quarta impressão. Lisboa: Officina Patriarcal, 1795.

Fragoso, Juan. *Cirurgia Universal... Y mas otros tres tratados... El primero es, Una summa de proposiciones contraciertos avisos de cirugia. El segundo, de las declaraciones acerca de diversas heridas y muertos. El tercero, de los Aphorismos de Hyppocrates tocantes a cirugia*. En Alcalá: Casa de Juan Gracian que sea en gloria, 1592.

Franco, António. *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal: na qual se contem as vidas, & sanctas mortes de muitos homens de grande virtude, que naquela Sancta caza se criaram. Offerecida a Senhora da Victoria, Padroeira do mesmo Noviciado*. Évora: na Officina da Universidade, 1719. 8v.

Franco, Francisco. *Libro de enfermedades contagiosas y de la preseruacion dellas*. Seuilla: por Alonso de la Barrera, 1569.

Gendron, Pedro. *Mapa mundi o descripcion del globo terrestre*. Paris [ca 1754]

Godinho de Erédia, Manuel. *Suma de árvores e plantas da Índia intra Ganges*. Organizado por John Everaert, J. Eduardo Mendes Ferrão e Maria Cândida Liberato. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.

Gonçalves, Sebastião. *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça*. Tradução por Joseph Wicki. Coimbra: Atlântida, 1957, 1960, 1962.

Guerreiro, Fernão. *Relaçam annual das cousas que fizeram os padres da Companhia de Iesus na India, & Iapão nos annos de 600. & 601. & do processo da conversão, & christandade daquellas partes: tirada das cartas gêraes que de lá vierão pello Padre Fernão Guerreiro da Companhia de Iesus. Vai diuidida em dous liuros, hum das cousas da India & outro do Iapam*. Em Euora: por Manoel de Lyra, 1603.

Guerreiro, Fernão. *Relaçam annal [sic] das cousas que fezeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guine, nos annos de seiscentos & dous & seiscentos & tres, & do processo da conversam, & christandade daquellas partes, tirada das cartas dos mesmos padres que de lá vieram. Pello Padre Fernam Guerreiro... Vai dividido em quatro livros. O primeiro de Japã. O II. da China & Maluco. O III. da India. O IIII. do Brasil, Angola, & Guiné*. Colofão: Impresso em Lisboa cõ licença do santo Officio per Jorge Rodriguez. Em Lisboa: per Jorge Rodrigues impressor de livros, 1605.

Guerreiro, Fernão. *Relaçam annal [sic] das cousas que fezeram os padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, & em algumas outras da conquista deste Reyno no anno de 606. & 607. & do processo da conversão, & Christandade daquellas partes: tirada das cartas dos mesmos padres que de lá vierão: pelo Padre Fernão Guerreiro da Companhia de Iesu... Vai dividida em quatro livros: O primeiro da Prouincia do Iapão, & China. O segundo da Prouincia do Sul. O terceiro da Prouincia do Norte. O quarto de Guiné, & Brasil*. Em Lisboa: por Pedro Crasbeeck, 1609.

Kircher, Athanasius. *Microcosmo e macrocosmo* [s.d.]. Disponível em: http://web.stanford.edu/group/kircher/cgi-bin/site/?attachment_id=689.

Leite, Serafim. *Monumenta Brasiliae*. Roma: *Monumenta Historica Societatis Iesu*, III (1558-1563) 1956-1960. 4v.

Linschoten, Jan Huygen van. *Navigatio ac Itinerarium Iohannis Hugonis Linscotani in Orientalem sive Lusitanorum Indiam. Descriptiones eiusdem terrae ac tractuum Littoralium. Praecipuorum Portuum, Fluminum, Caputum, Locorumque, Lusitanorum hactenus navigationibus detectorum, signa & notae... Collecta omnia ac descripta per eundem Belgicè; Nunc vero Latinè reddita*. Hagae-Comitis: Ex officinâ Alberti Henrici Impensis Authoris & Cornelii Nicolai prostanque apud Aegidium Elsevirum, 1599.

Lobo, Jerónimo. *Itinerário e outros escritos inéditos*. Edição crítica Manuel Gonçalves da Costa. Lisboa: Livraria Civilização, 1971. Biblioteca Histórica.

Martinez, Pietro. (Pedro Martins) “Raguaglio d’um notabilissimo nafragio cavato da uma lettera del P. Pietro Matinez scritta da Goa al molto rever. P. Generale della Compagnia di Giesu”, em *História trágica do mar: Navegações portuguesas nos séculos XVI, XVII e XVIII*, organizado por Kioko Koiso. Tese de Doutoramento, Lisboa, 2009, vol. 3.

Martinez, Pietro. Raguaglio d’um notabilissimo nafragio cavato da uma lettera del P. Pietro Matinez scritta da Goa al molto rever. P. Generale deella Compagnia di Giesu. Veneza: Gioliti, 1588.

Monardes, Nicolás. *Primera y segunda y tercera partes de la Historia medicinal: de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que siruen en Medicina. Tratado de la Piedra Bezaar y de la yerua escuerçonera; Dialogo de las grandezas del hierro y de sus virtudes medicinales; Tratado de la nieue y del beuer frio / hechos por el doctor Monardes...* Organizado por Fernando Díaz. Sevilla: Casa de Fernando Diaz, 1580.

Münster, Sebastian. “Cosmographers”, 1552.
http://www.columbia.edu/itc/mealac/pritchett/00generallinks/munster/science/aa_science.html

Münster, Sebastian. *Map of the world including the New World*, 1553.
<http://www.columbia.edu/itc/mealac/pritchett/00generallinks/munster/maps/mapworld1553new.jpg>

Münster, Sebastian. Münster’s sights and views: Some examples from different editions many with modern hand-coloring. [s.d]. http://www.columbia.edu/itc/mealac/pritchett/00generallinks/munster/views/aa_views.html.

Navarro, João Azpicuelta. “Carta do Padre João Azpicuelta Navarro”, em *Anaes do Archivo Publico do Museu do Estado da Bahia*, organizado por F. Borges de Barros, vol. IV–V. Salvador: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1919.

Nieremberg, Juan Eusebio. *Historia naturae, maxime peregrinae, libris 16. Distincta. In quibus rarissima naturae arcana, etiam astronomica, & ignota Indiarum animalia,... describuntur; nouae & curiosissimae quaestiones disputantur, ac plura sacrae scripturae loca eruditè enodantur*. Accedunt. ex Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1635,
http://archive.org/details/bub_gb_KAomlnjnVTwC

Nuñez de Oria, Francisco. *Aviso de sanidad: que trata de todos los generos de alimentos y del regimiento de la sanidad: co[m]prouado por los mas insignes y graues doctores*. Madrid: Pierres Cusin, 1572.

Oficio do Dez. Francisco Antonio Berquó da Silveira Pereira no qual refere a Thome J. Corte Real as receitas de certos medicamentos usados pelos jesuítas em Anais do Apeb, 17. Bahia: Imprensa Oficial, 1929.

Oliveira, Cristóvão Rodrigues de. *Sumario e[m] que breuemente se contem algumas cousas assi ecclesiasticas como seculares que ha na cidade de Lisboa / [por Cristouão Rodriguez Doliueira]*. Lisboa: Casa de Germão Galharde, 1554.

Orta, Garcia de. *Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais da India, e assi dalgu[m]as frutas achadas nella onde se tratam algu[m]as cousas tocantes amediçina, pratica e outras cousas boas, pera saber / cõpostos pello Doutor garçia dorta : fisico del Rey nosso senhor, vistos pello muyto Reuerendo senhor, ho liçençado Alexos diaz : falcam desenbargador da casa da supricaça inquisidor nestas partes*. Goa: Joannes de Endem, 1563.

Ortiz, Lorenzo. *El príncipe del mar San Francisco Xavier, de la Compañía de Jesús, apóstol del Oriente, y patrón de sus navegaciones: y ahora nuevamente de las del Sur, y su comercio: singulares demostraciones de su amor para con los navegantes, y seguras prendas de su patrocinio en todos os peligros del mar*. Sevilla: D. Joseph Marquez, 1712.

Ortellius, Abraham. *Theatrum orbis terrarum*, Antuérpia, s/e, 1570.

Pires, Tomé. *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*. Organizado por Armando Cortesão. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1978.

Pyrard de Laval, François. *Viagem de Francisco Pyrard de Laval: Contendo a notícia de sua navegação às Índias Orientais*, organizado por A. de Magalhães Basto e Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Ed. rev. e actualizada. 1, 2. Porto: Livraria Civilização, 1944, 2-3.

Rangel, Manuel. *Relaçam/ do lastimozo naufragio/ da nao Conceiçam/ chamada Algaravia a Nova/ de que era Capitaõ Francisco Nobre/ a qual se perdeu nos bayxos de/ Pero dos Banhos em 22 de Agosto de 1555*. Lisboa: Officina de Antonio Alvares, [17-].

Rêgo, Antonio da Silva. *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar/Divisão de Publicações e Biblioteca, 1947; 1952.

Ribeiro, António. *Regras da Companhia de Iesu*. Lisboa: Antonio Ribeiro, 1582.

Roma, Francisco Morato. *Luz da Medicina, pratica racional, e methodica, guia de enfermeiros, directorio de principiantes*. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira Impressor del Rey Nosso Senhor, 1664.

Salvador. *Atas da Câmara 1625-1641*. Salvador: Prefeitura de Salvador/ Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1944. Documentos Históricos do Arquivo Municipal. Vol. 1.

Sousa, Gabriel Soares de. *Tratado descriptivo do Brasil em 1587*. Organizado por Fernanda Trindade Luciani. São Paulo: Hedra, 2010.

s/a. *Os quatro livros sobre a medicina de Octavius Horatianus e os três livros de Abū Al-Qāsim, distinto entre todos os cirurgiões*. Estrasburgo: Argentorati, em fevereiro de 1532.

s/a. *Uma matéria médica ilustrada em tibetano-mongol do sistema ayurveda por 'Jam-dpal-rdo-rje da Mongólia*, 1911. <https://www.wdl.org/pt/item/13514/>.

Taranta, Vasco de Tratado de la peste. *Libro de medicina llamado Conpendio [sic] dela [sic]salud humana*. Seuilla: Jacobo Cröberger ..., 16.

Teles, Baltasar. *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal; e do que fizeram, nas conquistas d'este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso Fundador*. Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1645.

Tornamira, Francisco Vicente de. *Chronographia y Repertorio de los tiempos, a lo moderno : el qual trata varias y diuersas cosas de Cosmographia, Sphera, Theorica de Planetas, Philosophia, Computo y Astronomia, donde se conforma la Astrologia con la Medicina y se hallaran los motiuos y causas que ha auido para reformar el año y se corrigen muchos passos de Astrologia que por la dicha reformation quedauan atrasados / compuesto por Francisco Vicente de Tornamira... de Tudela...; con el Lunario q[ue] dura veynte y ocho años, dende el principio del año de MDLxxiiij hasta el fin del año de MDCX; y con los Eclipses que aura en el dicho tiempo con el ponostico dellos y con los Cathalogs de los reyes que ha auido en todos los reynos y prouincias del mundo...* Pamplona: Thomas Porràlis de Sauoya, 1585.

Torre y Sevil, Francisco de la. *El peregrino Atlante S. Francisco Xavier, apostol del Oriente [Texto impreso]: epítome historico y panegyrico de su vida y prodigios*. Madrid: Viuda de Blàs de Villa-nueva, 1728.

Trancoso, Gonçalo Fernandes. *Tratado do Pe. Gonçalo Fernandes Trancoso sobre o Hinduésimo Maduré 1616*. Edição crítica e anotada Joseph Wicki. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973.

Valignano, Alessandro. *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús en las Indias Orientales: 1542-64*. Editor Joseph Wicki. Roma: Institutum Historicum; Bibliotheca Institutii Historici, 1944. S.I 2.

Vasconcelos, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977. 2 vols.

Vasconcelos, Simão de, José de Anchieta, e Simão de Vasconcellos. *Chronica da Companhia de Jesu do estado do Brasil: e do que obrarão seus filhos nesta parte do Nouo Mundo: Tomo primeiro da entrada da Companhia de Jesu nas partes do Brasil. E dos fundamentos que nellas lançarão, & continuarão seus religiosos em quanto alli trabalhou o padre Manoel da Nobrega... e algas noticias antecedentes curiosas, & necessarias das cousas daquelle estado*. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliueira impressor del rey N.S., 1663.

Vasconcelos, Simão de [et al.]. *Vida do veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Jesu, taumaturgo do Nouo Mundo, na Prouincia do Brasil*. Lisboa: Officina de Joam da Costa, 1672.

Wicki, Joseph, ed. *Documenta Indica*. Roma: Tipografia Pio X, 1948-1988, 18 vols. Monumenta Historica Soc. IESU.

Zubillaga, Félix. *Monumenta Mexicana*. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1956.

FOTOGRAFIAS

Inscrição lapidar que encimava o portão principal do Hospital Real de Velha Goa, 1930. Álbum *Exposição de Paris, Estado da Índia Portuguesa*, no2, IICT/Centro de Documentação e Informação, <http://actd.iict.pt/view/actd:AHUD28935>

Museu da Farmácia (Lisboa). *Pedra de Bezoar. Alemanha (?) Século XVIII. Pedra calcária que se forma no estômago e nas vias urinárias dos animais ruminantes, tal com antílopes, camelos, veados e bodes*. <http://www.museudafarmacia.pt/tesou-ros.aspx?bid=75>. (Consultado em 05 de setembro 2016).

Museu da Farmácia (Lisboa). *Taça, contendo Pedra de Goa. Índia, Goa Século XVII. Prata em filigrana indo-portuguesa*. <http://www.museudafarmacia.pt>. (Consultado em 05 de setembro 2016).

REFERÊNCIAS

Abreu, Laurinda. “A Organização e Regulação das Profissões Médicas no Portugal Moderno: Entre as Orientações da Coroa e os Interesses Privados.” In *Arte Médica e Imagem do Corpo: De Hipócrates ao Final do Século XVIII*, ed. Adelino Cardoso, António B. Oliveira, e Manuel S. Marques, 97-122. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2010.

Abreu, Laurinda. “Igreja, Caridade e Assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVIII): Estratégias de Intervenção Social num Mundo em Transformação.” In *Igreja, Caridade e Assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*. Évora: Publicações do Cidehus, 2004.

Abreu, Laurinda. “Misericórdias, Estado Moderno e Império.” In *Portugalia Monumenta Misericordiarum 10: Novos Estudos*, coord. José Pedro Paiva. Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2002.

Abreu, Laurinda. “O Papel das Misericórdias dos Lugares de Além-Mar na Formação do Império Português.” *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 8, 3 (set.-dez. 2001): 591-611.

Abreu, Laurinda. *O Poder e os Pobres: As Dinâmicas Políticas e Sociais da Pobreza e da Assistência em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Gradiva, 2014.

Alden, Dauril. *The Making of an Enterprise: The Society of Jesus in Portugal, its Empire, and Beyond, 1540-1750*. Stanford, CA: Stanford Univ. Press, 1996.

Alencastro, Luiz Felipe de. “A Rede Económica do Mundo Atlântico Português.” In *A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800*, org. Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto, 115-144. Lisboa: Edições 70, 2010.

Alencastro, Luiz Felipe de. *O Trato dos Videntes: Formação do Brasil no Atlântico Sul, Séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Altamirano-Enciso, Alfredo J. [et al.]. “Sobre a Origem e Dispersão das leishmanioses Cutânea e Mucosa com Base em Fontes Históricas Pré e Pós-Colombianas.” *História, Ciências, Saúde-*

Manguinhos 10, 3 (dez. 2003): 853-82, <https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000300004>

Alves, Jorge Manuel dos Santos. “A Pedra-Bezoar: Realidade e Mito em Torno de um Antídoto (Séculos XVI e XVII).” In Jorge Manuel dos Santos Alves, Claude Guillot e Roderich Ptak, org. *Mirabilia Asiatica: Produtos Raros no Comércio Marítimo*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag & Fundação Oriente, 2003.

Anagnostou, Sabine. “Mission, Pharmacy and International Drug Transfer in Colonial Times.” In *38th International Congress for the History of Pharmacy*, Sevilla, 2007, <https://idus.us.es/xmlui/bitstream/handle/11441/39551/86A.pdf?sequence=1>

Antony, Philomena Sequeira. *Relações Intracoloniais: Goa-Bahia 1675-1825*. Brasília: FUNAG, 2013.

Anzolin, André Soares, “Entre Mortes e Lembranças: Notas sobre as Reações dos Tupi à Pandemia de Variola de 1562-64.” *Revista Latino-Americana de História* 3, 12 (2015).

Apolinário, Juciene Ricarte. “Plantas Nativas, Indígenas Coloniais: Usos e Apropriações da Flora da América Portuguesa.” In *Usos e Circulação de Plantas no Brasil: Séculos XVI a XIX*, org. Lorelai Brilhante Kury, 180-227. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2013.

Assunção, Paulo de. *Negócios jesuíticos: O Cotidiano da Administração dos Bens Divinos*. São Paulo: EDUSP, 2009.

Asúa, Miguel de e Roger French. *A New World of Animals: Early Modern Europeans on the Creatures of Iberian America*. Aldershot: Ashgate, 2005.

Bacci, Massimo Livi. “500 Anni di Demografia Brasiliana: Una Rassegna.” *Popolazione e Storia* 2, 1 (2001):13-34, <http://popolazioneestoria.it/article/view/195>

Bacci, Massimo Livi. *Conquista: A Destruição dos Índios Americanos*. Lisboa: 70, 2007.

Barrera-Osorio, Antonio. “Knowledge and Empiricism in the Sixteenth-Century Spanish Atlantic World.” In *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500 - 1800*, org. Daniela Bleichmar, Paula de Vos, e Kristin Huffine, 219-32. Stanford, Calif: Stanford Univ. Press, 2009.

Barrera-Osorio, Antonio. *Experiencing Nature: The Spanish American Empire and the Early Scientific Revolution*. Austin, TX: University of Texas Press, 2006.

Barreto, Luís Filipe. *Caminhos do Saber no Renascimento Português: Temas Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1986.

Barreto, Luís Filipe. *Descobrimientos e Renascimento: Formas de Ser e Pensar nos Séculos XV e XVI*. Lisboa: Impr. Nac. Casa da Moeda, 1983.

Barreto, Manoel. “Lista das Rendas e Despesas da Provincia de Goa da Companhia de JESU pera o Senhor Conde Viso-Rei Joam Nunes da Cunha. Goa, 13 dez. 1666”, In *A Companhia de Jesus na Índia em Meados do Século XVII*, org. Adelino de Almeida Calado. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1979.

Bastos, Cristiana. “Corpos, Climas, Ares e Lugares: Autores e Anónimos nas Ciências da Colonização.” In *A Circulação do Conhecimento: Medicina, Redes e Impérios*, org. Renilda Barreto e Cristiana Bastos. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2013.

Bastos, Cristiana. “Hospitais e Sociedade Colonial: Esplendor, Ruína, Memória e Mudança em Goa.” *Ler História* 58 (2010): 61-79.

Bauer, Ralph. “The Blood of the Dragon: Alchemy and Natural History in Nicolás Monardes’s *Historia Medicinal*.” In *Medical Cultures of the Early Modern Spanish Empire*, org. John Slater, Maríaluz López-Terrada e José Pardo-Tomás, 67-88. London; New York: Routledge, 2014.

Bellini, Lígia. *Grande Fulcro: Representação do Corpo e Cultura Médica no Portugal Renascentista*. São Paulo: UNIFESP, 2016.

Bethencourt, Francisco e Diogo Ramada Curto (dir.). *A Expansão Marítima Portuguesa (1400-1800)*. Lisboa: Edições 70, 2010.

Bethencourt, Francisco e Chaudhuri, Kirti (dir.). *História da Expansão Portuguesa*, vol. I, A Formação do Império (1415-1570). Lisboa: Temas e Debates, 1998.

Boxer, Charles R. *A Índia Portuguesa em Meados do Século XVII*. Tradução por Luís Manuel Nunes Barão. Lisboa: 70, 1980.

Boxer, Charles R. *O Império Marítimo Português, 1415-1825*. Tradução por Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Boxer, Charles R. *A Igreja Militante e a Expansão Ibérica 1440-1770*. Tradução por Vera Maria Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Braga, Isabel M. R. Mendes Drumond. *Assistência, Saúde Pública e Prática Médica em Portugal: Séculos XV-XIX*. Lisboa: Universitária, 2001.

Brosse, Jacques. *A Rota das Especiarias*. Lisboa: Inapa, 1989.

Burckhardt, Carl Jacob e Sérgio Tellaroli. *A Cultura do Renascimento na Itália: Um Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Calainho, Daniela Buono. “Jesuítas e Medicina no Brasil Colonial.” *Tempo* 10, 19 (2005): 61-75.

Camenietzki, Carlos Ziller. “O Cometa, o Pregador e o Cientista: Antonio Vieira e Vanetin Stansel Observam o Céu na Bahia no Século XVII.” *Revista da SBHC* 14 (1995): 37-52.

Camenietzki, Carlos Z. “O Paraíso Proibido: A Censura à *Chronica* de Simão de Vasconcelos em 1663.” In *El Saber de los Jesuitas, Historias Naturales y el Nuevo Mundo*. org. Luis Millones Figueroa e Domingo Ledezma, 109-134. Frankfurt am Main: Vervuert, 2005.

Cañizares-Esguerra, Jorge. “Introducción.” In *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, org. Daniela Bleichmar, Paula de Vos, e Kristin Huffine. Stanford, Calif: Stanford Univ Press, 2009.

Cantú, Francesca. “Il Generalato di Claudio Acquaviva e l’Identità Missionaria della Compagnia di Gesù: Note e Prospettive sulle Missioni Americane.” In *Actas do Colóquio Internacional, A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII*, 1, 151-170. Maio 2014.

Castelnau-L’Estoile, Charlotte. “De l’Observation à la Conversation: Le Savoir sur les Indiens du Brésil dans l’Oeuvre d’Yves d’Évreux.” In *Missions d’Évangélisation et Circulation des Savoirs: XVIe-XVIIIe siècle*, 269-293. Madrid: Casa de Velázquez, 2011a.

Castelnau-L’Estoile, Charlotte [et al.]. “Introduction.” In *Missions d’Évangélisation et Circulation des Savoirs: XVIe-XVIIIe Siècle*, 1-22. Madrid: Casa de Velázquez, 2011b.

Castelnau-L’Estoile, Charlotte de. *Operários de uma Vinha Estéril: Os Jesuítas e a Conversão dos Índios no Brasil, 1580-1620*. Bauru, SP: Edusc, 2006.

Certeau, Michel de. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

Chartier, Roger. *À Beira da Falésia: A História entre Certezas e Inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002).

Chaudhuri, Kirti. “O Estabelecimento no Oriente.” In *História da Expansão Portuguesa*, dir. Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, 163-191. Lisboa: Círculo de Leitores, I, 1998.

Chaves, A. Ramos. *A Influência dos Descobrimentos dos Portugueses no Progresso da Natureza e na Medicina*. [S.l: s.n.], 1968.

Conrad, Lawrence I. ed. *The Western Medical Tradition: 800 BC to AD 1800*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1998. vol. 1.

Cook, Harold J. “Medicine.” In *The Cambridge History of Science*, 3, ed. Katharine Park and Lorraine Daston. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2003.

Cook, Harold J., e Timothy Dale Walker. “Circulation of Medicine in the Early Modern Atlantic World.” *Social History of Medicine*, 26, 3 (1 ago. 2013), 337-351.

Cortesão, Jaime. “Os Descobrimentos Portugueses.” In *Obras Completas de Jaime Cortesão*. 4. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

Costa, Carlos Alberto Santos. “A Influência do Colégio dos Jesuítas na Configuração da Malha Urbana de Salvador-BA (1549-1760).” Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

Costa, Palmira Fontes da e Henrique Leitão. “Portuguese Imperial Science, 1450-1800: A Historiographical Review.” In *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, org. Daniela Bleichmar, Paula de Vos, e Kristin Huffine, 35-53. Stanford, Calif: Stanford Univ Press, 2009.

Coudert, Allison. *Religion, Magic, and Science in Early Modern Europe and America*. Santa

Barbara, Ca: Praeger, 2011. Praeger Series on the Early Modern World.

Crato, Nuno. “Episódio 39: O Fogo-de-Santelmo na Literatura de Viagens”, em *Ciência em Portugal – Episódios*. Lisboa: Instituto Camões, 2003, <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e39.html>.

Crato, Nuno. “Episódio 40: O Lume Vivo que a Marítima gente tem por Santo”, em *Ciência em Portugal – Episódios*. Lisboa: Instituto Camões, 2003, <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e40.html>.

Crosby, Alfred W. *El Intercambio Transoceánico: Consecuencias Biológicas y Culturales a partir de 1492*. Prólogo por Otto von Mehring, tradução por Cristina Carbó. México: Univ. Nac. Autónoma de México, 1991. Serie Historia General/Instituto de Investigaciones Históricas 16.

Cruz, Martín de la. *Libellus de Medicinalibus Indorum Herbis: Manuscrito Azteca de 1552*. México: Instituto Mexicano del Seguro Social, 1964.

Curto, Diogo Ramada. *Cultura Política no Tempo dos Filipes 1580-1640*. Lisboa: 70, 2011.

Dalgado, Sebastião Rodolfo. *Glossário Luso-Asiático*, v. 1. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919.

Delumeau, Jean. *O Pecado e o Medo: A Culpabilização no Ocidente; Séculos 13-18*. Bauru: Edusc, 2003. vol. I, II.

Deveza, Antonio Cesar Ribeiro Silva. “Ayurveda: A Medicina Clássica Indiana.” *Revista de Medicina* 92, 3 (2013): 156-65.

Dias, José Pedro Sousa. “O Legado Terapêutico da Antiguidade: Do Primeiro Milénio a.C. ao Século XV.” In *Homens e Medicamentos: Uma Introdução à História da Farmácia, da Farmacologia e da Terapêutica*, Parte I, <http://www.ff.ul.pt/~jpsdias/docs/Homens-e-medicamentos-parteI.pdf>

Disney, Anthony R. “A Expansão Portuguesa, 1400-1800: Contactos, Negociações, Interações.” In *A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800*, org. Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto. Lisboa: 70, 2010.

Disney, Anthony R. *A Decadência do Império da Pimenta: Comércio Português na Índia no Início do Século XVII*. Lisboa: 70, 1981.

Domingues, Francisco Contente e Inácio Guerreiro. *A Vida a Bordo na Carreira da Índia: Século XVI*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1988.

Douglas, Mary. *Purity and Danger: An Analysis of the Concepts of Pollution and Taboo*. London, New York: Routledge, 2001.

Du Jarric, Pierre. “Akbar e os Jesuítas: Um Relato das Missões Jesuíticas à Corte de Akbar”, tradução, introdução e notas por C. H. Payne. Nova York: Harper & Brothers, 1926. <https://www.wdl.org/pt/item/17771/>.

Du Jarric, Pierre e C. H Payne. *Akbar and the Jesuits: An Account of the Jesuit Missions to the Court of Akbar*. London: RoutledgeCurzon, 2005.

Edler, Flávio Coelho. “Plantas Nativas do Brasil nas Farmacopeias Portuguesas e Europeias Séculos XVII-XVIII.” In *Usos e Circulação de Plantas no Brasil: Séculos XVI a XIX*, org. Lorelai Brilhante Kury, 94-137. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2013.

Egaña, Antonio de. *Monumenta Peruana*, vol. I. Roma: Tipographia Unione Arti Grafiche, 1954), <http://hdl.handle.net/2027/mdp.39015012899749>.

Etchevarne, Carlos e Rita Pimentel. *Patrimônio Arqueológico da Bahia*. Salvador: SEI, 2011.

Fabre, Pierre-Antoine. “Pour une Histoire Spirituelle des Savoirs dans l’Espace du Monde Moderne: Esquisse d’un Point de Vue.” In *Missions d’Évangélisation et Circulation des Savoirs: XVI-XVIIIe Siècle*, org. Charlotte de Castelneau-L’Estoile. Madrid: Casa de Velázquez, 2011.

Faria, Patricia Souza de. *A Conquista das Almas do Oriente: Franciscanos, Catolicismo e Poder Colonial Português em Goa 1540-1740*. Rio de Janeiro: Faperj; 7Letras, 2013.

Faria, Patricia Souza de. “Cruzando Fronteiras: Conversão e Mobilidades Culturais de Escravos no Império Asiático Português (Séculos XVI e XVII).” In *Anais de História de Além-Mar*, XVII, 2016.

Faria, Patricia Souza de. “De Goa a Lisboa: Memórias de Populações Escravizadas do Império Asiático Português (Séculos XVI e XVII).” *Revista Ultramares*, Dossiê, 5, 9 (jan-jun. 2016).

Fernández-Armesto, Felipe. “A Expansão Portuguesa num Contexto Global.” In *A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800*, org. Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto, 491-524. Lisboa: 70, 2010.

Ferrão, José E. Mendes. *Especiarias: Cultura, Tecnologia, Comércio*. Lisboa: Inst. de Investigação Científica Tropical, 1993.

Ferrão, José E. M. e A. Eduardo B. Leitão. *A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses: Exposição*. Lisboa: Inst. de Investigação Científica Tropical/Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/ Fundação Berardo, 1992.

Ferro, João Pedro. “A Epistolografia no Quotidiano dos Missionários Jesuítas nos Séculos XVI e XVII”, *Lusitania Sacra*, 2. série, 5, 1993.

Figuerola, Luis Millones. “La Intelligentsia Jesuítá y la Naturaleza del Nuevo Mundo en el Siglo XVII.” In *El Saber de los Jesuitas, Historias Naturales y el Nuevo Mundo*, org. Luis Millones Figuerola e Domingo Ledezma, 27-51. Frankfurt am Main: Vervuert, 2005.

Fleck, Eliane Cristina Deckmann. “Sobre Feitiços e Ritos: Enfermidade e Cura nas Reduções Jesuítico-Guaranis, Século XVII.” *Topoi* 6, 10 (2005): 71-98.

Flandrin, Jean-Louis. “Condimentação, Cozinha e Dietética nos Séculos XIV, XV, XVI.” In *História da Alimentação*, org. Jean-Louis Flandrin, Massimo Montanari e Maria da Graça Pinhão, 95-110. Lisboa: Terramar, 1998.

Florentino, Manolo. “Aspectos do Tráfico Negreiro na África Ocidental (c 1500 - c 1800).” In *O Brasil Colonial*, org. João Luís Ribeiro Fragoso e Maria de Fátima Gouvêa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

Foucault, Michel. *Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina*, trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro, org. Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

Frada, João José Cúcio. *A Vida a Bordo das Naus na Época Moderna*. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

Fragoso, João Luís Ribeiro e Maria de Fátima Gouvêa. *Na Trama das Redes: Política e Negócios no Império Português, Séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

França, Jean Marcel Carvalho. *A Construção do Brasil na Literatura de Viagem dos Séculos XVI, XVII e XVIII: Antologia de Textos, 1591-1808*. Rio de Janeiro: Jose Olympio; São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

Franco, Renato Júnio. “O Modelo Luso de Assistência e a Dinâmica das Santas Casas de Misericórdia na América Portuguesa.” *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro) 27, 53 (jun. 2014): 5-25.

French, Roger K. *Ancient Natural History: Histories of Nature*. London; New York: Routledge, 1994, <http://site.ebrary.com/id/10166211>.

Galindo, Marcos [et al.] *Episódios Baianos: Documentos para História do Período Holandês na Bahia*. Recife: Néctar, 2010.

Garibay K., Ángel. “Introducción.” In *Libellus de Medicinalibus Indorum Herbis: Manuscrito Azteca de 1552*, org. Martín de la Cruz, 3-8. México: Instituto Mexicano del Seguro Social, 1964.

Gerson, Scott e Teresa Bernardes. *Ayurveda: A Antiga Medicina Indiana*. Lisboa: Estampa, 1995. Medicinas Alternativas, 18.

Gesteira, Heloisa Meireles. “A América Portuguesa e a Circulação de Plantas, Séculos XVI-XVIII.” In *Usos e Circulação de Plantas no Brasil: Séculos XVI a XIX*, org. Lorelai Brilhante Kury, 12-51. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2013.

Gesteira, Heloisa Meireles. “Descrições da América: História Natural, Circulação de Ideias e a Formação Territorial do Brasil; Séculos XVI ao XVIII.” *Intellèctus* 13, 2 (2014): 1-30.

Gesteira, Heloisa Meireles. “A Cura do Corpo e a Conversão da Alma: Conhecimento da Natureza e Conquista da América, Séculos XVI e XVII.” *Topoi* 5, 8 (jun. 2004): 71-95.

Godinho, Vitorino Magalhães. *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar: Séculos XIII-XVIII*. Lisboa: Difusão Editorial, 1990.

Gomes, Leonardo Gonçalves. “Animais que curam: Circulação de saberes e medicamentos de

origem animal no Reino português”, em *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011, http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300899660_ARQUIVO_AnpuhNacional.pdf.

Gracias, Fatima da Silva, *Health and Hygiene in Colonial Goa, 1510-1961*. Nova Delhi: Concept Publishing Company, 1994.

Gruzinski, Serge. *As Quatro Partes do Mundo: História de uma Mundialização*. Tradução por Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. São Paulo: EDUSP/EUFMG, 2014.

Gruzinski, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Gruzinski, Serge. “Os Mundos Misturados da Monarquia Católica e Outras Connected Histories.” *Topoi* 2, 2 (2001): 175-96.

Guinote, Paulo, Eduardo Jorge Miranda Frutuoso e António Lopes. *As Armadas da Índia: 1497-1835*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2002.

Guinote, Paulo, António Lopes e Eduardo Jorge Miranda Frutuoso. *Naufrágios e Outras Perdas da “Carreira da Índia”: Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

Gurgel, Cristina Brandt Friedrich Martin e Camila Andrade Pereira da Rosa. “História da Medicina: A Varíola no Brasil Colonial (Séculos XVI e XVII).” *Revista de Patologia Tropical* 41, 4 (18 dez. 2012), <https://doi.org/10.5216/rpt.v41i4.21701>.

Holanda, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

Jacquart, Danielle e Françoise Micheau. *La Médecine Arabe et l’Occident Médiéval*. Paris: Maisonneuve et Larose, 1990. Collection Islam-Occident 7.

Kemp, Christopher. *Floating Gold: A Natural and Unnatural History of Ambergris*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2012.

Koiso, Kioko. “História Trágica do Mar: Navegações Portuguesas nos Séculos XVI, XVII e XVIII.” Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, 2010.

Koiso, Kioko. *Mar, Medo e Morte: Aspectos Psicológicos dos Naufrágios na História Trágico-Marítima, nos Testemunhos Inéditos e Noutras Fontes*. Cascais: Patrimonia, 2004.

Lacerda, Teresa, “As Visões do Outro Chinês, Japonês e Filipino e os Métodos de Missionaço: Notas para uma História Comparada dos Jesuítas do Padroado e do Patronato.” In *Actas do XII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa: O Estado da Índia e os Desafios Europeus*, org. João Paulo e Costa, Vítor Luís Gaspar Rodrigues; e *International Seminar on Indo-Portuguese History*, 329-46. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, 2010.

Lanuzza-Navarro, Tayra M. C. “The Dramatic Culture of Astrological Medicine in Early Modern

Spain.” In *Medical Cultures of the Early Modern Spanish Empire*, org. John Slater, María Luz López Terrada e José Pardo-Tomás, 189-212. London; New York: Routledge, 2014.

Lapa, José Roberto Amaral. *A Bahia e a Carreira da Índia*. São Paulo: Hucitec, 2000. Ed. fac-similada. Estudos Históricos, 42.

Le Goff, Jacques, org., *As Doenças têm História*, trad. Laurinda Bom, 2. ed. rev. Lisboa: Terramar, 1997. Pequena história 2.

Leão, Jorge Henrique Cardoso. “Os Jesuítas e a Participação dos Auxiliares Japoneses na Missão Nipônica (1549-1614).” *Angelus Novus*, 6 (2014): 57–74.

Ledezma, Domingo. “Una Legitimación Imaginativa del Nuevo Mundo: La Historia Naturae, Maxime Peregrinae del Jesuita Juan Eusebio Nieremberg.” In *El Saber de los Jesuitas, Historias Naturales y el Nuevo Mundo*, org. Luis Millones Figueroa e Domingo Ledezma. Frankfurt am Main: Vervuert, 2005.

Ledezma, Domingo, e Luis Millones Figueroa, org. “Introducción: Los jesuítas y el Conocimiento de la Naturaleza Americana.” In *El Saber de los Jesuitas, Historias Naturales y el Nuevo Mundo*, 9-26. Frankfurt am Main: Vervuert, 2005.

Leite, Bruno Martins Boto. “Medicina de Padre: Estudo Sobre os Fundamentos Culturais da Medicina Jesuítica no Brasil Colonial.” Relatório final de pesquisa. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2011.

Leite, Bruno Martins Boto. “Mezinhas Antigas e Modernas: A Invenção da Triaga Brasílica pelos Jesuítas do Colégio da Bahia no Período Colonial.” In *Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. São Paulo: Sociedade Brasileira de História da Ciência, 2012.

Leite, Bruno Martins Boto. “Verdes que em Vosso Tempo se Mostrou: das Boticas Jesuíticas da Província do Brasil Séculos XVII-XVIII.” In *Usos e Circulação de Plantas no Brasil: Séculos XVI a XIX*, org. Lorelai Brilhante Kury, 52-93. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2013.

Leite, Serafim. *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil 1549-1760*. Lisboa; Rio de Janeiro: Brotéria; Livros de Portugal, 1953.

Leite, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005. 4vol.

Leite, Serafim. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil de 1549-1760*. Porto: Tip. Porto Médico, 1952.

Lima, Dora de. “Saveurs et Savoirs du Monde: Circulations et Appropriations de Fruits Tropicaux dans l’Empire, v. 1550-v.1650.” Tese de Doutorado, Université Paris 1/Universidade Nova de Lisboa, 2014.

Lindemann, Mary. *Medicina e Sociedade no Início da Europa Moderna: Novas Abordagens da História Europeia*. Tradução por Carlos Vieira Reis. Lisboa: Replicação, 2002. Factos e Ideias.

Lobato, Manuel. “Entre Cafres e Muzungos: Missionaçã, Islamizaçã e Mudança de

Paradigma Religioso no Norte de Moçambique nos Séculos XV a XIX.” In *Atas do Congresso Internacional Saber Tropical em Moçambique: História, Memória e Ciência*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical – IICT, 2013.

Lobato, Manuel. “As Especiarias Indonésias na Economia do Mundo e a Génese do Primeiro Conflito entre Potências Europeias à Escala Mundial, as Ilhas e a Europa, a Europa das Ilhas”, 124-133. Funchal: CEHA, 2011.

Lopes, Luís Seabra. “A Cultura da Medição em Portugal ao Longo da História.” *Educação e Matemática*, 84 (2005), 42-48.

López Piñero, José María. *Medicina e Historia Natural en la Sociedad Española de los Siglos XVI y XVII*. Valencia: Universitat de València, 2007.

Loureiro, Rui. “Drogas asiáticas e práticas médicas nas relações de Pedro Teixeira” (Antuérpia, 1610), em *Workshop Plantas Medicinais e Fitoterapêuticas nos Trópicos*. Lisboa: IICT/CCCM, 2008, http://www2.iict.pt/archive/doc/R_Loureiro_wrkshp_plts_medic.pdf

Lucena, João de, e Álvaro J. da Costa Pimpão. *História da Vida do Padre Francisco de Xavier*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952.

Maia, Patrícia Albano. “Práticas no Império Colonial Português: Medicamentos e Boticas no Século XVIII.” Tese de Doutoramento, Universidade de São Paulo, 2012.

Maldavsky, Aliocha. “Entre Mito, Equívoco y Saber: Los Jesuítas Italianos y las Misiones Extraeuropeas en el Siglo XVII.” In *Missions D’Évangélisation et Circulation des Savoirs: XVI^e-XVIII^e Siècle*, org. Charlotte de Castelnau-L’Estoile, p. 41-57. Madrid: Casa de Velázquez, 2011.

Manso, Maria de Deus Beites. *A Companhia de Jesus na Índia 1542-1622: Atividades Religiosas, Poderes e Contactos Culturais*. Macau: Editora da Universidade de Macau; Évora: Editora da Universidade de Évora, 2009, <https://www.rdp.uevora.pt/handle/10174/2310>

Manso, Maria de Deus Beites. “Convergências e Divergências: O ensino nos Colégios Jesuítas em Goa e Cochim Durante os Séculos XVII-XVIII.” In *Jesuítas, Ensino e Ciência*, org. Luís Miguel Carolino, 163-180. Lisboa: Caleidoscópio, 2003.

Manso, Maria de Deus Beites. *História da Companhia de Jesus em Portugal*. Lisboa: Parsifal, 2016.

Maria de Deus Manso. “Os Descobrimientos Portugueses: História e Historiografia”, lecture, 2012, <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/7227>.

Manso, Maria de Deus. “‘Pedro de Arboleda’, Christian-Muslim Relations: A Bibliographical History.” *Central and Eastern Europe, Asia, Africa and South America* 7 (2015) 866-9.

Marcocci, Giuseppe. *A Consciência de um Império: Portugal e o seu Mundo, Séc. XV-XVII- Investigação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

Marín Sevilla, José María. *Ignacio de Loyola y los Enfermos*. Salamanca: Publicaciones

Universidade Pontifícia, 2007.

Marques, Guida. “Por ser Cabeça do Estado do Brasil’: As Representações da Cidade da Bahia no Século XVII.” In *Salvador da Bahia: Retratos de uma Cidade Atlântica*, org. Evergton Sales Souza, 17-46. Salvador: EDUFBA; Lisboa: CHAM, 2016.

Massimi, Marina e André Barreto Prudente. *Um Incêndio Desejo das Índias*. São Paulo: Loyola, 2002. Coleção CES 13.

Matos, Artur Teodoro de. *Na Rota da Índia: Estudos de História da Expansão Portuguesa*. Macau: Instituto Cultural, 1994.

Mauss, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Introdução por Claude Lévi-Strauss. Tradução por Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

Mazzini, Innocenzo. “A Alimentação e a Medicina no Mundo Antigo.” In *História da Alimentação*, org. Jean-Louis Flandrin, Massimo Montanari e Maria da Graça Lisboa Pinhão, 1223-33. Lisboa: Terramar, 1998.

McNeill, John Robert. *Mosquito Empires: Ecology and War in the Greater Caribbean, 1620-1914*. New York: Cambridge University Press, 2010, <http://hdl.handle.net/2027/heh.30497>.

Meneses, José de Vasconcelos e. *Boticas e Boticários de Além Mar: Armadas Portuguesas de Meados do Século XV ao 3º Quartel do Século XVI*. Lisboa: Resistência, 1981.

Metcalf, Alida C. “The Society of Jesus and the First Aldeias of Brazil.” In *Native Brazil: Beyond the Convert and the Cannibal, 1500-1900*, org. Hal Langfur, 29-61. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2014.

Monteiro, John M. “Tupis, tapuias e historiadores”. *Estudos de História Indígena e do Indigenismo*. Tese Livre Docência, Unicamp, Departamento de Etnologia. Campinas, 2001.

Morales, Martín. “La Respiración de Ausentes: Itinerario por la Escritura Jesuítica.” In *Saberes de la Conversión: Jesuitas, indígenas e imperios coloniales en las fronteras de la cristiandad ; [una parte de los trabajos incluidos en este libro fueron conferencias leídas en las XII Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas: “Interacciones y Sentidos de la Conversión”, celebradas en Buenos Aires, entre el 24 y el 26 de septiembre de 2008]*, org. Guillermo Wilde e Bartomeu Melià. Buenos Aires: SB, 2011.

Nogueira, Fernando Alves Rodrigues. *A Medicina Portuguesa na Índia*. Porto: s.n., 1962.

O’Malley, John W. *Os Primeiros Jesuítas*, tradução por Domingos Armando Donida. São Leopoldo: Unisinos; Bauru: EDUSC, 2004.

Oliveira, João Pacheco de. “Os Indígenas na Fundação da Colônia: Uma Abordagem Crítica.” In *O Brasil Colonial*, org. João Luís Ribeiro Fragoso e Maria de Fátima Gouvêa, 167-228. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

Osswald, Maria Cristina. “Hábitos Alimentares dos Jesuítas em Portugal, na Índia e no Brasil Séc. XVI-XVIII.” In *Portas Adentro: Comer, Vestir e Habitar na Península Ibérica, ss.*

XVI–XIX, org. Isabel G. Sá e Máximo García Fernández. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2010.

Osswald, Maria Cristina. *S. Francisco Xavier no Oriente: Aspectos de devoção e iconografia*, em AA. VV., *São Francisco Xavier. Nos 500 anos do nascimento de São Francisco Xavier: da Europa para o mundo 1506-2006*. Porto, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 2007. AA. VV., São Francisco Xavier, n° 500.

Paiva, José Pedro, coord. “Fazer a história das misericórdias.” In *Portugaliae Monumenta, Misericordiarum*, 1: Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2002. http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8630/1/PMM_Vol1.pdf

Paiva, José Pedro e, Isabel dos Guimarães Sá coord. “A fundação das Misericórdias: O Reinado de D. Manuel I.” In *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, 3: Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2004.

Paiva, José Pedro. *Bruxaria e Superstição num País sem “Caça às Bruxas” 1600-1774*. Lisboa: Editorial Notícias, 1997.

Palomo, Federico. “Misioneros, Libros y Cultura Escrita: En Portugal y España Durante el Siglo XVII.” In *Missions d’Évangélisation et Circulation des Savoirs: XVIe-XVIIIe Siècle*, org. Charlotte de Castelnau-L’Estoile. Madrid: Casa de Velázquez, 2011.

Paraíso, Maria Hilda Baqueiro. “De Como se Obter Mão-de-obra Indígena na Bahia entre os Séculos XVI e XVIII.” *Revista de História*, 129/131 (1994): 179-208.

Payyappallimana, Unnikrishnan. Challenges in Developing Medicinal Plant Databases on Ayurveda.” In *Ayurveda at the Crossroads of Care and Cure: Proceedings of the Indo-European Seminar on Ayurveda Held at Arrábida, Portugal, in November 2001*, org. A. Salema, 155-166. Lisbon: Centro de História de Além-Mar Universidade Nova de Lisboa, 2002.

Pearson, Michael N. “Mercados e Continuidades Mercantis no Oceano Índico: Situar os Portugueses.” In *A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800*, org. Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto. Lisboa: 70, 2010.

Pennec, Hervé. “Savoirs Missionnaires en Contextes Savoirs en Dialogue (Ethiopie, XVIIIe siècle).” In *Missions d’Évangélisation et Circulation des Savoirs: XVIe-XVIIIe Siècle*, org. Charlotte de Castelnau-L’Estoile. Madrid: Casa de Velázquez, 2011.

Pina, Luís de. “Expansão Hospitalar Portuguesa Ultramarina: Séculos XVI e XVII.” *Brotéria* 37, Lisboa, (1943): 5 sep.

Pina, Luís de. *Na Rota do Império: A Medicina Embarcada nos Séculos XVI e XVII*. [S.l.: s.n.], 1940.

Pina, Luís de. *O Boticário Quinhentista Henrique Dias na “História Trágico-Marítima”*. Porto: Tip. Sequeira, 1952.

Pina, Luís de. “Contribuição dos Portugueses Quinhentistas para a História da Medicina do Oriente: Nota Preliminar”, 265-99. Lisboa: República Portuguesa; Ministério das Colónias,

1938.

Po-Chia, Hsia, R. *The World of Catholic renewal, 1540-1770*. Cambridge, UK: New York: Cambridge University Press, 1998. *New Approaches to European History*, 12.

Pompa, Cristina. *Religião como Tradução: Missionários, Tupi, e Tapuia no Brasil Colonial*. Bauru, SP: EDUSC/ANPOCS, 2003.

Portuondo, María M. “Cosmography at the Casa, Consejo, and Corte During the Century of Discovery”, In *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, org. Daniela Bleichmar [et al.], parte II, 57-77. Stanford, CA: Stanford Univ. Press, 2009.

Powell, Owen. *Galen: On the Properties of Foodstuffs De Alimentorum Facultatibus*. Cambridge, UK: New York: Cambridge University Press, 2003, <http://public.ebib.com/choice/publicfullrecord.aspx?p=217896>

Prieto, Andrés I. *Missionary Scientists: Jesuit Science in Spanish South America, 1570-1810*. Nashville, Tenn: Vanderbilt Univ. Press, 2011.

Pullan, Brian. “Plague and Perceptions of the Poor in Early Modern Italy.” In *Epidemics and Ideas: Essays on the Historical Perception of Pestilence*, org. T. O. Ranger, Paul Slack, 101-123. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1992.

Raghunathan, K. “Garcia da Orta and his Work in the Field of Drugs and Medicinal Plants.” In *Ayurveda at the Crossroads of Care and Cure: Proceedings of the Indo-European Seminar on Ayurveda Held at Arrábida, Portugal, in November 2001*, org. A. Salema, 31-44. Lisboa: Centro de História de Além-Mar Universidade Nova de Lisboa, 2002.

Rangel, Leonardo Coutinho de Carvalho. “A arte da salvação: Ascetismo no Portugal da reforma católica (1564-1700)”. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2012, <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11620>.

Rankin, Alisha. *Secrets and Knowledge in Medicine and Science, 1500–1800*. London; New York: Routledge, 2016.

Rasteiro, Alfredo. *Medicina e Descobrimentos*. Coimbra: Livraria Almedina, 1992.

Rebollo, Regina Andrés. “O Legado Hipocrático e sua Fortuna no Período Greco-Romano: De Cós a Galeno.” *Scientiae Studia* 4, 1 (2006): 45-81.

Resende, Maria Leônia Chaves de. “Entre a Cura e a Cruz: Jesuítas e Pajés nas Missões do Novo Mundo.” In *Artes e Ofícios de Curar no Brasil: Capítulos de História Social*, org. Sidney Chalhoub, 231-72. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

Rodrigues, Eugénia. “Moçambique e o Índico: A Circulação de Saberes e Práticas de Cura.” *Métis: História & Cultura*, 10, 19 (2011): 15-42. Dossier História da África.

Rodrigues, Francisco. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Tomo I. Porto: Liv. Apostolado da Imprensa, 1931.

Rodrigues, Lisbeth de Oliveira. “Os Hospitais Portugueses no Renascimento 1480-1580: O Caso de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha”. Tese de Doutorado, Universidade do Minho, 2013.

Romano, Antonella. “La Experiencia de la Misión y el Mapa Europeo de los Saberes sobre el Mundo en el Renacimiento: Antonio Possevino y José de Acosta.” In *Saberes de la Conversión: Jesuitas, Indígenas e Imperios Coloniales en las Fronteras de la Cristiandad, Paradigma Indicial*, org. Guillermo Wilde. Buenos Aires: Ed. SB, 2011.

Rubiés, Joan-Pau. *Travel and Ethnology in the Renaissance: South India through European Eyes, 1250-1625*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

Russell-Wood, Anthony John. *Fidalgos and Philanthropists: The Santa Casa da Misericórdia of Bahia, 1550-1755*. London; Toronto; Melbourne: Macmillan, 1968.

Russell-Wood, Anthony John. *Um Mundo em Movimento: Os Portugueses na África, Ásia e América 1415-1808*. Trad. Vanda Anastácio. Lisboa: DIFEL, 1998. Memória e Sociedade.

Sá, Isabel dos Guimarães. “As Misericórdias.” In *História da Expansão Portuguesa*, dir. Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, vol. 1, 360-8. Lisboa: Temas Debates e Autores, 1998, <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12118/1/hist%20exp%20port%20igsa.pdf>

Sá, Isabel dos Guimarães. “Portuguese Colonial Charity: The Misericórdias of Goa, Bahia and Macao.” In *Reinterpreting Indian Ocean Worlds: Essays in Honour of Kirti N. Chaudhuri*, ed. Stefan C. A. Halikowski Smith. Cambridge Scholars Publishing; Unabridged edition, 2011.

Sá, Isabel dos Guimarães. *Quando o Rico se faz Pobre: Misericórdias, Caridade e Poder no Império Português, 1500-1800*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

Salazar-Soler, Carmen. “‘Obras Más que de Gigantes’: Los Jesuitas y las Ciencias de la Tierra en el Virreinato del Perú Siglos XVI y XVII.” In *El saber de los Jesuitas, Historias Naturales y el Nuevo Mundo*, org. Luis Millones Figueroa e Domingo Ledezma, 147-172. Frankfurt am Main: Vervuert, 2005.

Santos, Catarina Madeira. *Goa é a Chave de Toda a Índia: Perfil Político da Capital do Estado da Índia, 1505-1570*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

Santos, Dulce O. A. e Maria Daílza C. Fagundes. “Saúde e Dietética na Medicina Preventiva Medieval: O Regimento de Saúde de Pedro Hispano Século XIII.” *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 17, 2 (jun. 2010): 337-338, <https://doi.org/10.1590/S0104-59702010000200004>

Santos, Fabricio Lyrio. “Da Catequese à Civilização: Colonização e Povos Indígenas na Bahia (1750-1800)”. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, 2012, <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11613>.

Santos, Fabrício Lyrio. “Te Deum Laudamus: A Expulsão dos Jesuítas da Bahia 1758-1763”. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2002.

Santos, Georgina Silva dos. “A Arte de Sangrar na Lisboa do Antigo Regime.” *Tempo* 10, 19 (dez. 2005): 43-60.

São Bento, Viviane M. Caminha. “Entre Triagas e Emplastros: Os Medicamentos das Boticas Jesuítas na América Portuguesa.” In *Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Saberes e Práticas Científicas*, 2014.

São Bento, Viviane M. Caminha e Nadja Paraense dos Santos. *Boticas Jesuítas e Redes de Poder: Uma Análise sobre a Exploração do Mundo Natural e a Produção de Medicamentos na Época Moderna*, <http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh9/SH/trabalhos%20orais%20completos/BOTICAS-JESUITAS.pdf>. ? (Consultado em 16 de abril de 2016).

Schiebinger, Londa L. *Plants and Empire: Colonial Bioprospecting in the Atlantic World*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2004.

Schwartz, Stuart B. *Burocracia e Sociedade no Brasil Colonial: A Suprema Corte da Bahia e seus Juizes: 1609-1751*. Tradução por Berilo Vargas. São Paulo: Perspectiva, 1979.

Schwartz, Stuart B. *Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial, 1550-1835*. Tradução por Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 1. reimpr.

Selin, Helaine. *Encyclopaedia of the History of Science, Technology, and Medicine in Non-Western Cultures*. Springer Science & Business Media, 1997.

Silva, Ana Paula da, e José Ribamar Bessa Freire, “As palavras e a Letra: Etnosaberes Tupinambá nas Fontes Coloniais.” In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho 2011, http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308326908_ARQUIVO_Artigo_Anpuh_Nacional_2011_Ana_Paula_em06abr11_alterado_Haverroth_em07abr11.pdf (Consultado em 2 de outubro de 2017).

Silva, Paulo José Carvalho da. “Medicina do Corpo e da Alma: Os Males Corporais e o Exercício da Palavra em Escritos da Antiga Companhia de Jesus.” *Memorandum* 5 (out. 2003).

Silva, Priscila Aquino. “O Hospital Real de Todos-os-Santos e seus Agentes da Cura.” *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 22, 4 (dez. 2015).

Silveira, Francisco Rodrigues da. *Memórias de um Soldado da Índia*. Lisboa: Imp. Nac.; Casa da Moeda, 1987. Biblioteca de Autores Portugueses.

Smith, Virginia Sarah. *Clean: A History of Personal Hygiene and Purity*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

Sousa, Germano de. *História da Medicina Portuguesa Durante a Expansão*. Lisboa: Temas e Debates, 2013.

Souza, Evergton Sales, e Bruno Feitler. “Uma Metrópole no Ultramar Português: A Igreja de São Salvador da Bahia de Todos os Santos.” In *Salvador da Bahia: Retratos de uma Cidade Atlântica*, org. Evergton Sales Souza, Guida Marques e Hugo R. Silva, 129-62. Salvador: EDUFBA; Lisboa: CHAM, 2016.

Souza, Lais Viena de. *Educados nas Letras e Guardados nos Bons Costumes: Padre Alexandre de Gusmão S.J.: Infância e Educação na Bahia Colonial (séculos XVII e XVIII)*. Salvador: Edufba, 2015.

Souza, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Subrahmanyam, Sanjay. "Connected Histories: Notes Towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia." *Modern Asian Studies* 31, 3 (1997): 735-62.

Subrahmanyam, Sanjay. *O Império Asiático Português 1500-1700: Uma História Política e Económica*. Tradução por Paulo Jorge Sousa Pinto. Linda-a-Velha, Lisboa: DIFEL, 1995. Coleção Memória e Sociedade.

Subrahmanyam, Sanjay. *Impérios em Concorrência: Histórias Conectadas nos Séculos XVI e XVII*. Tradução por Marta Amaral. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

Tavares, Célia Cristina da Silva. "A Cristandade Insular: Jesuítas e Inquisidores em Goa 1540-1682". Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2002.

Thomas, Keith. *Religião e o Declínio da Magia: Crenças Populares na Inglaterra, Séculos XVI e XVII*. Tradução por Denise Bottman e Tomas Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Thomaz, Luís Filipe. *De Ceuta a Timor: Memória e Sociedade*. Lisboa: Difel, 1994.

Torres Londoño, Fernando. "Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI." *Revista Brasileira de História* 22, 43 (2002): 11-32.

Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. *Listagem: Armadas da Índia do Reinado de D. Filipe II (1598-1621)*, <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=705>

Vainfas, Ronaldo. *A Heresia dos Índios: Catolicismo e Rebelião no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Vainfas, Ronaldo. *Trópicos dos Pecados: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. Coleção Histórias do Brasil.

Vale, José de Jesus Coelho do. *História da Assistência ao Indígena no Ultramar Português*. [S.l: s.n], 1954.

Valiathan, M. S. "Diseases in Ancient India." In *Ayurveda at the Crossroads of Care and Cure: Proceedings of the Indo-European Seminar on Ayurveda Held at Arrábida, Portugal, in November 2001*, org. A Salema, 18-24. Lisbon: Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa, 2002.

Vázquez de Benito, María de la Concepción. "Influencia de la Medicina Árabe en la Medieval Castellana." *Azafea: Revista de Filosofía* 1 (2010), 369-75,

http://campus.usal.es/~revistas_trabajo/index.php/0213-3563/article/viewFile/3604/3622

Verger, Pierre. *Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: Dos Séculos XVII ao XIX*. São Paulo: Corrupio, 1987.

Vieira, Ismael C., “Japoneses e Europeus e suas Maneiras de Curar o Corpo Visto por um Jesuíta do Século XVI.” *CEM Cultura, Espaço e Memória: Revista do CITCEM* 6 (2015): 73-93.

Vigarello, Georges. *História das Práticas de Saúde: A saúde e a Doença desde a Idade Média*. Lisboa: Editorial Notícias, 2001. Poliedro da História.

Vyasa e Malferrari, Carlos Afonso. *O Mahabharata*, org. William Buck. São Paulo: Cultrix, 2014.

Walker, Timothy Dale. “Acquisition and Circulation of Medical Knowledge within the Early Modern Portuguese Colonial Empire.” In *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*, org. Daniela Bleichmar, Paula de Vos e Kristin Huffine, 247-270. Stanford, Cf: Stanford Univ Press, 2009.

Walker, Timothy Dale. “The Medicines Trade in the Portuguese Atlantic World: Acquisition and Dissemination of Healing Knowledge from Brazil C. 1580-1800.” *Social History of Medicine* 26, 3 (1 de agosto de 2013): 403-31, <https://doi.org/10.1093/shm/hkt010>

Walker, Timothy Dale. “Supplying Simples for the Royal Hospital: An Indo-Portuguese Medicinal Garden in Goa 1520-1830.” In *Making of the Luso-Asian World: Intricacies of Engagement*, org. Laura Jarnagin e Institute of Southeast Asian Studies, Portuguese an Luso-Asian Legacies in Southeast Asia, 1511-2011. Singapore, 2011.

Walker, Timothy Dale. *Médicos, Medicina Popular e Inquisição: A Repressão das Curas Mágicas em Portugal durante o Iluminismo*. Trad.Mariana Pardal Monteiro. Rio de Janeiro: Lisboa: Fiocruz; Imprensa de Ciências Sociais, 2013.

Wissenbach, Maria Cristina Cortez. “Ares e Azares da Aventura Ultramarina: Matéria Médica, Saberes Endógenos e Transmissão nos Circuitos do Atlântico Luso-Afro-Americano.” In *O Império por Escrito: Formas de Transmissão da Cultura Letrada no Mundo Ibérico (Séc. XVI-XIX)*, org. Leila Mezan Algranti et al. São Paulo: Alameda, 2009.

Witter, Nikelen Acosta, “Curar Como Arte e Ofício: Contribuições para um Debate Historiográfico sobre saúde, doença e cura.” *São Paulo em Perspectiva* 10, 19 (dez. 2005), <https://doi.org/10.1590/S1413-77042005000200002>

Wujastyk, Dominik. *The Roots of Ayurveda: Selections from Sanskrit Medical Writings*. New Delhi: New York: Penguin Books, 1998.

Xavier, Ângela Barreto. *A Invenção de Goa: Poder Imperial e Conversões Culturais nos Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Impr. de Ciências Sociais, 2008.

Xavier, Ângela Barreto. “‘Parecem Indianos na Cor e na Feição’: A ‘Lenda Negra’ e a Indianização dos Portugueses.” *Etno-gráfica – Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia* 18, 1 (2014): 111-33.

Xavier, Ângela Barreto. "Itinerários Franciscanos na Índia Seiscentista, e Algumas Questões de História e de Método." *Lusitania Sacra*, 2a, 18 (2006): 87-116.

Županov, Ines G. "Curar o Corpo, Sarar a Alma: A Missão Médica Jesuíta na Índia do Século XVI." *Oriente* 11, (2005) 3-19.

Županov, Ines G. "Drugs, Health, Bodies and Souls in the Tropics: Medical Experiments in Sixteenth-Century Portuguese India." *The Indian Economic & Social History Review* 39, 1 (2002), 1-43.

Županov, Ines G. "La Science et la Démonologie: Les Missions des Jésuites Français en Inde (XVIIIe Siècle)." In *Missions d'Évangélisation et Circulation des Savoirs: XVIe-XVIIIe Siècle*, org. Charlotte de Castelneau-L'Estoile. Madrid: Casa de Velázquez, 2011.

Županov, Ines G. e Ângela Barreto Xavier. "Quest for Permanence in the Tropics: Portuguese Bioprospecting in Asia 16th-18th Centuries." *Journal of the Economic and Social History of the Orient* 57, 4 (2014): 511-48.

Županov, Ines G. *Missionary tropics: The Catholic frontier in India, 16th-17th Centuries; History, Languages, and Cultures of the Spanish and Portuguese Worlds*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2005.